



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

Renato Bastos João

***Corporeidade/subjetividade* humana e psicoterapia corporal em Biossintese:  
articulações entre o pensamento complexo e a psicologia clínica**

**Brasília – DF**

**2020**

Renato Bastos João

***Corporeidade/subjetividade* humana e psicoterapia corporal em Biossintese: articulações  
entre o pensamento complexo e a psicologia clínica**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de Brasília como requisito  
parcial para a obtenção de título de Doutor em  
Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro

**Brasília – DF**

**2020**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Renato Bastos João

***Corporeidade/subjetividade humana e psicoterapia corporal em Biossíntese: articulações entre o pensamento complexo e a psicologia clínica***

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro – Presidente  
Universidade de Brasília – PPG/PsiCC PCL/IP – UnB

---

Prof. Dr. Maurício S. Neubern – Membro Interno  
Universidade de Brasília – PPG/PsiCC PCL/IP – UnB

---

Prof.(a) Dra. Laís Maria Borges de Mourão Sá – Membro Externo  
Universidade de Brasília – UnB

---

Prof. Dr. Rubens Kignel – Membro Externo  
Universidade de São Paulo –IP – USP

---

Prof. Dr. Alfredo Neto Feres – Suplente  
Universidade de Brasília – FEF – UnB

Brasília, outubro de 2020.

Ao meu pai, Dionísio, e à minha mãe, Nádia.

À minha esposa, Henryette, à minha filha, Hanna Clara, e ao meu filho Rafael.

À Ariston Teles, nosso Ton (*in memoriam*).

Ao prof. da Umbria italiana, Pietro Ubaldi (*in memoriam*).

O Homem é feito verdadeiramente à imagem e semelhança de Deus, no sentido em que compreende em si e constitui, numa unidade, os três momentos  $\alpha$  [espírito],  $\beta$  [energia],  $\gamma$  [matéria]. O homem é um corpo, estrutura física, que se apoia numa armação esquelética que pertence ao reino mineral  $\gamma$ , sobre a qual se eleva o metabolismo rápido da vida, a troca (vida vegetativa, ainda não consciência), dinamismo que é  $\beta$ . O produto último da vida é a consciência  $\alpha$ , nascida daquele dinamismo e em contínuo desenvolvimento, por meio de um trabalho contínuo e intenso de provas e experiências produzidas por choques, não mais cósmicos ou moleculares, mas psíquicos.

Pietro Ubaldi

Deus é simples. Tudo o mais é complexo.

Paramahansa Yogananda

## AGRADECIMENTOS

A realização desta tese só foi possível graças a Deus, a Vida, por ter me concedido a existência e o eterno vir a Ser.

Agradeço, imensamente, ao professor Jorge Ponciano Ribeiro pela generosa disponibilidade em me orientar, pela confiança no projeto de pesquisa e pela companhia amiga nessa caminhada.

Sou grato à minha esposa Henryette, à minha filha Hanna e ao meu filho Rafael pelo amor de todos os dias, em especial pela paciência e compreensão ao longo desses anos de doutoramento, para os quais ofereço este trabalho como expressão do meu amor.

Este trabalho só pôde ser realizado graças ao que recebi dos meus pais, Nádía e Dionísio, e dos meus irmãos Tiago e Pedro: ter tido uma família que me ofereceu o amor e as condições necessárias para chegar até aqui. Agradecimento que estendo à grande família materna, Moreira Bastos, e paterna, Sousa João.

Ao sistema de ensino público do Distrito Federal, sou grato por toda formação na educação básica, bem como ao Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil, (INDI – Bibia), onde cursei a terceira e a quinta série do Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental.

Agradeço aos professores da Faculdade de Educação Física (FEF) desta universidade pela minha primeira graduação entre 1995 e 1999 e ao Conselho desta mesma faculdade por ter me concedido o afastamento para a realização desta tese, sem o qual não teria sido possível. O que também estendo ao Ministério da Educação no governo da ex-presidente Dilma Rousseff, por oferecer as condições de contratação de um professor substituto no período do meu afastamento.

Devo agradecer também ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e aos professores do curso de psicologia, pela oportunidade de ter cursado a formação em psicologia clínica. E também aos meus colegas e amigos de curso, com os quais pude viver momentos tão significativos de trocas de conhecimentos e, sobretudo, de experiências. Em especial, agradeço aos meus amigos(as) Ernani V. de B. Galvão, Rodrigo Duarte, Paulo Lira, Diana Cirqueira Custódio, Celeste Brito Coelho e Pedro Duarte Barbosa, a este último também pela leitura e considerações acerca de alguns dos capítulos desta tese.

Aos professores doutores Ricardo Amaral Rego e Mauricio da S. Neubern sou grato pelas contribuições fundamentais no exame de qualificação do projeto de tese. A este último agradeço também por aceitar o convite de participação no exame de defesa desta tese, assim como aos professores(as) doutores(as) Maria da Conceição de Almeida (Ceixa), Rubens Kignel e Alfredo Neto Feres. À Ceixa, agradeço também, pela interlocução em alguns momentos da construção da tese. À professora doutora Laís Maria Borges Mourão de Sá, orientadora do mestrado, com quem

inicie os estudos na obra de Edgar Morin e mantive frutíferos diálogos ao longo da elaboração desta tese, serei sempre grato.

Agradeço ao amigo de infância e professor doutor Carlos Emanuel Sautchuk, pelo importante diálogo na construção do objeto de estudo desta tese e apoio desde os primeiros momentos da minha trajetória acadêmica. Ao amigo e professor da FEF Jonatas Maia da Costa, pela leitura do anteprojeto de pesquisa apresentado no processo de seleção para o curso de doutorado e pelas conversas de corredor sobre esta tese.

Não poderia deixar de agradecer ao amigo e professor doutor Marcelo de Brito (Dhyan Kapish) pelas inspirações (e expirações) que me levaram ao tema e a prática da corporeidade humana desde os tempos da graduação na FEF. Da mesma forma, agradeço ao amigo Thiago Alencar Lacerda pela companhia nessas aventuras iniciais “movimentantes” com o referido querido professor e outras mais, e pelos diálogos sobre o tema desta tese.

Sou grato ao Instituto Brasileiro de Biossíntese por todo conhecimento, vivências e apoio na formação básica e continuada, sobretudo, nas pessoas de Liane Zink, diretora, professora e supervisora generosa, e Luiza Cristina Coltro, professora e coordenadora pedagógica. E também, em especial, à Tarcila de Castro (Sushma), pela longa parceria, e a Eduardo Schwarz (Chakora), por terem coordenado a turma de formação em Biossíntese em Brasília de 2001 a 2005.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura e ao Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) desta universidade, na pessoa dos diferentes servidores (professores, técnicos-administrativos, estagiários e funcionários da limpeza e manutenção), pela oportunidade de realizar o curso de doutorado e por tudo o que foi oferecido ao longo desses 4 anos. Assim como, à todas as pessoas que se inscreveram no CAEP para a participação nesta pesquisa, em especial, às duas participantes selecionadas que contribuíram diretamente com as informações/dados que compõem esta tese.

A Edgar Morin, David Boadella e Pietro Ubaldi expressei meus sentimentos de gratidão pela profundidade que suas ideias tocaram o meu Espírito.

Por fim, sou grato à irmandade do Centro Estrela Guia, aonde tive a inspiração anímica para dar os primeiros passos em direção ao curso de doutorado e onde encontrei meu amigo Sergio Ribeiro que me ofereceu sua casa para poder escrever parte desta tese. E, principalmente, ao Instituto Chico Xavier de Brasília, o Monte Alverne, onde encontrei amigos espirituais (encarnados e desencarnados) que me ofereceram o apoio espiritual para a realização deste trabalho e, principalmente, para a caminhada ao longo da vida.

## RESUMO

Esta tese teve como objetivo principal elaborar uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana a partir da noção de sujeito/subjetividade cunhada por Edgar Morin, em sua obra “O método”, para um diálogo com a abordagem de psicoterapia corporal em Biossíntese. Para o pensamento complexo o tema da subjetividade inclui necessariamente o tema da corporeidade. Do ponto de vista ontológico e epistemológico, corporeidade e subjetividade humana devem ser consideradas de modo relacional e num *continuum* emergencial, formando uma unidade complexa organizada. Considerada no nível do indivíduo humano, a corporeidade/subjetividade é dotada de três sistemas complexos: orgânico-sensório-motor, psíquico-afetivo-relacional e o mental/espiritual, que, inter-relacionados, produzem ininterruptamente configurações somáticas/subjetivas. Das interações entre os indivíduos emerge a subjetividade social, um sistema complexo engendrado pela cultura, considerada um tipo de *genos* propriamente social. A cultura é o que permite reconhecer a sociedade humana como um sistema social e a partir dela emerge a subjetividade social dotada de configurações subjetivas sociais. A Biossíntese é uma abordagem de psicoterapia somática e psicodinâmica fundamentada em três tradições psicanalíticas e na embriologia. O diálogo realizado entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese permitiu evidenciar para esta última, as contribuições do pensamento complexo para uma fundamentação teórico-conceitual e um delineamento epistemológico mais precisos e rigorosos, destacando-se a noção de configuração caracterológica. Na intenção de estabelecer um diálogo direto com a prática clínica, a pesquisa evidenciou a articulação entre as duas perspectivas por meio de uma investigação qualitativa de um estudo de caso clínico. Para tanto, foi proposta a articulação de três aportes metodológicos: epistemologia qualitativa, método psicanalítico e o método clínico da própria Biossíntese. Como instrumentos de pesquisa utilizou-se os registros de atendimento clínico e a gravação em áudio-vídeo das sessões de psicoterapia. A discussão dos resultados aponta para a relevância da noção de configuração caracterológica como uma categoria complexa que permite tratar das regularidades (*patterns*) e das singularidade do sujeito em terapia. E também para a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese, de maneira a evidenciar a sua capacidade de abarcar a multidimensionalidade do sujeito e indicar um modo complexo de realizar a prática clínica. Por fim, conclui-se que a concepção em questão é relevante para a fundamentação teórico-clínica da Biossíntese e para a psicologia clínica reconhecer as intervenções *psicorporais* como indispensável a uma ética do habitar sereno e confiável (*ethos*) e para uma prática complexa.

**Palavras-chave:** Corporeidade. Subjetividade. Psicoterapia corporal. Epistemologia complexo. Psicologia clínica.



## ABSTRACT

This thesis had as main objective to elaborate a concept of human *corporeality/subjectivity* from the notion of subject/subjectivity coined by Edgar Morin, in his work "The method", for a dialogue with the approach of body psychotherapy in Biosynthesis. For complex thinking, the subjectivity theme necessarily includes the theme of corporeality. From an ontological and epistemological point of view, corporeality and human subjectivity must be considered in a relational way and in an emergency continuum, forming a complex organized unit. Considered at the level of the human individual, corporeality/subjectivity is endowed with three complex systems: organic-sensory-motor, psychic-affective-relational and mental, which, interrelated, continuously produce somatic/subjective configurations. From the interactions between individuals, social subjectivity emerges, a complex system engendered by culture, considered to be a type of properly social *genos*. Culture is what allows to recognize human society as a social system and from it emerges social subjectivity endowed with social subjective configurations. Biosynthesis is an approach to somatic and psychodynamic psychotherapy based on three psychoanalytic traditions and embryology. The dialogue carried out between the concept of human *corporeality/subjectivity* and the proposal of Biosynthesis made it possible to highlight for the latter, the contributions of complex thinking to a more precise and rigorous theoretical-conceptual foundation and epistemological design, highlighting the notion of characterological configuration. With the intention of establishing a direct dialogue with clinical practice, the research showed the articulation between the two perspectives through a qualitative investigation of a clinical case study. For that, it was proposed the articulation of three methodological contributions: qualitative epistemology, psychoanalytic method and the clinical method of Biosynthesis itself. As research instruments, records of clinical care and audio-video recording of psychotherapy sessions were used. The discussion of the results points to the relevance of the notion of characterological configuration as a complex category that allows dealing with regularities (*patterns*) and the singularity of the subject in therapy. And also for the theoretical-conceptual systematization of the levels of intervention of the clinical methods of Biosynthesis, in order to show their ability to encompass the multidimensionality of the subject and indicate a complex way of carrying out clinical practice. Finally, it is concluded that the conception in question is relevant for the theoretical-clinical foundation of Biosynthesis and for clinical psychology to recognize the psychodily interventions as indispensable to an ethics of serene and reliable dwelling (*ethos*) and for a complex practice.

**Keywords:** Corporeality. Subjectivity. Body psychotherapy. Complex epistemology. Clinical psychology.

## RÉSUMÉ

Cette thèse avait pour objectif principal d'élaborer une conception de la corporéité/subjectivité humaine à partir de la notion de sujet proposée par Edgar Morin, dans son ouvrage « La méthode », pour un dialogue avec l'approche de la psychothérapie corporelle en Biosynthèse. Pour la pensée complexe, le thème de la subjectivité inclut nécessairement le thème de la corporéité. D'un point de vue ontologique et épistémologique, la corporéité et la subjectivité humaines doivent être envisagées de manière relationnelle et dans un continuum d'émergence, formant une unité organisée complexe. Considérée au niveau de l'individu humain, la corporéité/subjectivité est dotée de trois systèmes complexes : organique-sensori-moteur, psychique-affectif-relationnel et mental, qui, interdépendants, produisent continuellement des configurations somatiques/subjectives. Des interactions entre individus émergent la subjectivité sociale, un système complexe engendré par la culture, considérée comme un type de *génos* proprement social. La culture est ce qui permet de reconnaître la société humaine en tant que système social et d'en émerge une subjectivité sociale dotée de configurations subjectives sociales. La Biosynthèse est une approche de la psychothérapie somatique et psychodynamique basée sur trois traditions psychanalytiques et l'embryologie. Le dialogue mené entre le concept de *corporéité/subjectivité* humaine et la proposition de la Biosynthèse a permis de mettre en évidence pour cette dernière les apports d'une pensée complexe à un fondement théorico-conceptuel plus précis et rigoureux et à une conception épistémologique, mettant en évidence la notion de configuration caractérologique. Dans l'intention d'établir un dialogue direct avec la pratique clinique, la recherche a montré l'articulation entre les deux perspectives à travers une enquête qualitative sur une étude de cas clinique. Pour cela, il a été proposé d'articuler trois apports méthodologiques: l'épistémologie qualitative, la méthode psychanalytique et la méthode clinique de la biosynthèse elle-même. Comme instruments de recherche, les enregistrements des soins cliniques et l'enregistrement audio-visuel des séances de psychothérapie ont été utilisés. La discussion des résultats souligne la pertinence de la notion de configuration caractérologique en tant que catégorie complexe qui permet de traiter les régularités (*patterns*) et la singularité du sujet en thérapie. Et aussi pour la systématisation théorique-conceptuelle des niveaux d'intervention des méthodes cliniques de Biosynthèse, afin de mettre en évidence leur capacité à englober la multidimensionnalité du sujet et indiquer une manière complexe de mener à bien la pratique clinique. Enfin, il est conclu que la conception en question est pertinente pour le fondement théorico-clinique de la Biosynthèse et pour la psychologie clinique pour reconnaître les interventions *psycorporelles* comme indispensables à une éthique de l'habiter sereine et fiable (*ethos*) et pour une pratique complexe.

**Mots-clés:** Corporéité. Subjectivité. Psychothérapie corporelle. Épistémologie complexe. Psychologie clinique.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Os 3 níveis de emergência da subjetividade humana. ....	58
<b>Figura 2</b> - Os 3 sistemas e as configurações somáticas/subjetivas da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.....	61
<b>Figura 3</b> – A inter-relação constituidora entre a corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e a subjetividade social. ....	63
<b>Figura 4</b> - Anel Tetralógico.....	68
<b>Figura 5</b> – A forma genésica e generativa do anel apresentada por Morin. ....	78
<b>Figura 6</b> – Imagem representativa da identidade do anel genésico, generativo e genérico do ser-máquina, explorada por Morin. ....	79
<b>Figura 7</b> – Constelação das ideias de autonomia, de ser, de existência e de individualidade na produção do si: infranatureza dos seres produtores e da produção dos seres.....	90
<b>Figura 8</b> - A organização neguentrópica a partir do anel pentalógico, retroativo e recursivo e como matriz das configurações organizacionais.....	94
<b>Figura 9</b> - O anel locomotor elaborado por Morin. ....	126
<b>Figura 10</b> – Anel animal auto-ecogerador elaborado por Morin para caracterizar o indivíduo de segundo tipo. ....	126
<b>Figura 11</b> – Representação do sistema orgânico-sensório-motor na forma de anéis anelando-se num macro-anel.....	131
<b>Figura 12</b> - Emergência do sistema psíquico-afetivo-relacional a partir do aparelho psíquico e tendo como fundamento a configuração organizacional.....	139
<b>Figura 13</b> – A relação entre aparelho neurocerebral e aparelho psíquico e seus correspondentes.....	152
<b>Figura 14</b> – Relação circular entre as diferentes instâncias e momento da mesma realidade organizadora recursiva da <i>corporeidade/subjetividade</i> humana .....	153
<b>Figura 15</b> - A inter-relação entre os diferentes níveis de emergência dos aparelhos celulares, neurocerebral e psíquico.....	154
<b>Figura 16</b> – As correntes de afetos e sentidos simbólicos/míticos/mágicos do sistema psíquico-afetivo-relacional. ....	160
<b>Figura 17</b> - As configurações subjetivas geradas a partir da inter-relação entre os sistemas psíquico e mental e do funcionamento do aparelho psíquico. ....	161
<b>Figura 18</b> - As configurações subjetivas geradas na inter-relação entre as correntes de pensamento/linguagem dos sistemas psíquico e mental.....	181
<b>Figura 19</b> - As configurações subjetivas/somáticas produzidas a partir da inter-relação dos sistemas orgânico, psíquico e mental.....	182

<b>Figura 20</b> - O aparelho psíquico emerge da inter-relação entre <i>subjetividade/corporeidade</i> do indivíduo e a subjetividade social. ....	213
<b>Figura 21</b> – Um conjunto de configurações subjetivas sociais constituindo a subjetividade social. .	213
<b>Figura 22</b> - Diagrama dos seis estados polares de caráter representados pelas seis faces de um cubo. ....	254
<b>Figura 23</b> - Os sete campos da vida que são considerados como sete áreas básicas de trabalho terapêutico. ....	273

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>PRIMEIRA PARTE</b> .....	31
<b>CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO À PSICOLOGIA E À CONCEPÇÃO DE <i>CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE HUMANA</i></b> .....	32
1.1 A constituição da psicologia enquanto ciência moderna: um campo de conhecimento disperso em diferentes matrizes ou paradigmas de pensamento .....	33
1.2 A concepção de paradigma do pensamento complexo e sua distinção da concepção kuhniana adotada por Luiz Claudio Figueiredo.....	37
1.3 Matrizes do pensamento psicológico por Luiz Claudio Figueiredo e a hipótese para a dispersão da psicologia à luz do pensamento complexo .....	41
1.4 As determinações do paradigma dominante na psicologia clínica .....	44
1.5 Uma introdução epistemológica e ontológica ao pensamento complexo para a fundamentação de uma concepção de subjetividade humana .....	48
<b>CAPÍTULO 2 - OS CONCEITOS DE <i>CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO E DE SUBJETIVIDADE SOCIAL À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO</i></b> .....	53
2.1 As primeiras definições de corporeidade e corporeidade/subjetividade humana: aproximações dos conceitos de <i>unitas multiplex</i> , <i>sistema/organização</i> e <i>autos</i> .....	53
2.2 O <i>continuum</i> corporeidade/subjetividade e os três níveis de emergência da subjetividade humana .....	56
2.3 As definições dos conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e de subjetividade social .....	59
<b>CAPÍTULO 3 - A <i>PHYSIS</i> COMO O LUGAR DA CRIAÇÃO E DA ORGANIZAÇÃO DA <i>CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE HUMANA</i></b> .....	64
3.1 A <i>corporeidade/subjetividade</i> humana como sistema ou unidade complexa organizada .....	65
3.2 O ser-máquina da <i>corporeidade/subjetividade</i> : em busca das raízes físicas do si (mesmo) na noção de organização ativa .....	72
3.3 Estabelecendo o si (mesmo) físico da <i>corporeidade/subjetividade</i> humana: o ser e a existência autônomos .....	77

3.4 A noção de abertura organizacional (ontológica e existencial) para conceber o ser e a existência autônomos: a natureza aberta do ser e a auto-ECO-organização .....	84
<b>CAPÍTULO 4 - DA <i>PHYSIS</i> AO <i>BIOS</i>: A AUTONOMIA VIVA DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO</b> .....	92
4.1 O <i>autos</i> e a <i>corporeidade/subjetividade</i> humana: fundamentos da autonomia viva .....	93
4.2 A corporeidade/subjetividade organísmica: para uma noção da individualidade e do indivíduo humano .....	97
4.3 Em busca das raízes profundas da subjetividade humana: do indivíduo celular e organísmico à subjetividade celular e organísmica .....	101
4.4 A natureza subjetiva da computação do ser vivo: eu <i>computo</i> logo sou logo .....	108
<b>CAPÍTULO 5 - O SISTEMA ORGÂNICO-SENSÓRIO-MOTOR DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO</b> .....	113
5.1 <i>Computo</i> , <i>Animus</i> , protopsiquismo e o sistema orgânico-sensório-motor: fundamentos do primeiro nível de emergência da subjetividade humana .....	114
5.2 O sistema orgânico-sensório-motor como a dimensão originária do sujeito/subjetividade humana inconsciente.....	116
5.2.1 Breve consideração sobre a relação sistêmica entre os diferentes níveis do inconsciente humano.....	119
5.3 As raízes filogenéticas da afetividade animal ou da <i>anima</i> : a dimensão sensível do <i>computo</i> .	120
5.4 A relação entre <i>animus</i> , <i>anima</i> e aparelho neurocerebral no anel animal autoecogerador da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano .....	123
5.5 A definição de sistema orgânica-sensório-motora .....	127
<b>CAPÍTULO 6 - A ALMA DA SUBJETIVIDADE/CORPOREIDADE HUMANA: APARELHO PSÍQUICO E SISTEMA PSÍQUICO-AFETIVO-RELACIONAL</b> .....	133
6.1 A configuração organizacional do aparelho psíquico e do sistema psíquico-mental-relacional: o anel (pentalógico-retroativo-recursivo) genésico e generativo .....	134
6.2 A natureza intrassubjetiva e interssubjetiva da subjetividade/corporeidade: dos aparelhos celular, reprodutor-sexual e neurocerebral ao aparelho psíquico e o sistema psíquico-afetivo-relacional ..	139
6.3 Das inter-relações entre os aparelhos celulares, neurocerebral e psíquico à concepção de mente-cérebro proposta pelo pensamento complexo .....	148

6.4 O aparelho psíquico como infraestrutura organizacional do sistema psíquico-afetivo-relacional e do sistema mental: a produção das configurações subjetivas.....	154
6.5 A produção das configurações subjetivas a partir do sistema psíquico-afetivo-relacional .....	158
6.6 As configurações subjetivas como fundamento da identidade poliforma do ser humano.....	163
<b>CAPÍTULO 7 - O SISTEMA MENTAL/ESPIRITUAL DA SUBJETIVIDADE/CORPOREIDADE HUMANA .....</b>	<b>172</b>
7.1 Primeira delimitação da dimensão ou sistema mental/espiritual: organização do pensamento e da ação .....	173
7.2 Da computação à cogitação racional/empírica: características específicas dos processos mentais/espirituais.....	175
7.3 A relação dialógica entre o pensamento racional/empírico e o pensamento simbólico/mítico na produção das configurações subjetivas .....	178
7.4 A arte da concepção no engendramento mental/espiritual da unidade complexa organizada entre o Eu e os egos das múltiplas personalidades.....	183
7.5 O sistema mental/espiritual e o terceiro nível de emergência da subjetividade: a consciência humana .....	186
7.5.1 Sabemos que sabemos e precisamos saber (mais) sobre quem somos: consciência cognitiva e consciência de si.....	191
7.5.2 Duas capacidades extraordinárias da consciência de si: o autocontrole de processos biológicos e a meditação .....	194
7.6 O sistema mental/espiritual e a inteligência humana: a arte estratégica para articular pensamento e consciência no autoconhecimento .....	195
<b>CAPÍTULO 8 - A SUBJETIVIDADE SOCIAL.....</b>	<b>200</b>
8.1 Primeiras considerações acerca de uma noção de subjetividade social .....	200
8.2 Da sociedade animal à sociedade humana: fundamentos sociobiológicos da subjetividade social .....	203
8.3 O surgimento da sociedade humana: a cultura como <i>genos</i> social e a emergência da subjetividade social .....	207
8.4 A condição ontológica relacional das configurações subjetivas: entre <i>subjetividade/corporeidade</i> individual e subjetividade social .....	212
8.5 As sociedades arcaicas e seus elementos geradores e constituidores da subjetividade social...	215

8.6 Subjetividade social e a emergência da “alma” e do “espírito” do ser social: das primeiras sociedades históricas ao Estado-nação moderno e contemporâneo .....	218
8.7 Os processos sócio-eco-organizadores da subjetividade social: entre as eco-organizações espontâneas e as determinações do Estado.....	224
<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>228</b>
<b>CAPÍTULO 9 - BLOSSÍNTESE: UMA PROPOSTA DE PSICOTERAPIA SOMÁTICA, PSICODINÂMICA E BIOESPIRITUAL .....</b>	<b>229</b>
9.1 Referência epistemológica e orientação teórica da Blossíntese .....	231
9.2 Breve histórico da Blossíntese: o solo fértil das suas raízes teórico-clínicas.....	232
9.3 Fundamentos teóricos da Blossíntese: a embriologia como caminho para uma síntese da condição do indivíduo-sujeito humano .....	235
9.3.1 A noção de unidade funcional soma-psique em Reich.....	238
9.4 Em busca de uma linguagem embriológica funcional: a morfologia dinâmica proposta por David Boadella.....	243
9.5 Formação do caráter e morfologia dinâmica embriológica: funcionalidades neurofisiológicas, psicológicas e comportamentais.....	249
9.6 A proposta da Blossíntese para uma concepção de corpo-psiquismo: suas bases conceituais e seus desafios teóricos .....	256
9.6.1 Considerações acerca dos desafios e limites teórico-conceituais para a articulação das vertentes psicanalíticas na concepção de corpo-psiquismo da Blossíntese.....	260
9.7 A prática clínica da Blossíntese: um caminho para o desenvolvimento da multidimensionalidade e das potencialidades humanas.....	264
9.7.1 Caminhos terapêuticos: <i>centring</i> , <i>grounding</i> e <i>facing</i> .....	266
9.7.2 Ressonância e campos motores: bússolas na relação terapêutica.....	270
9.7.3 A “mandala” da Blossíntese: os campos da vida e a integração dos métodos terapêuticos	272
<b>CAPÍTULO 10 - DIÁLOGOS ENTRE A CONCEPÇÃO DE CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE HUMANA E A BLOSSÍNTESE .....</b>	<b>275</b>
10.1 A teoria da organização como eixo para a articulação entre a concepção de corporeidade/subjetividade e a proposta da Blossíntese .....	275
10.2 Da dimensão biológica da morfologia dinâmica embriológica funcional à dimensão orgânica-sensório-motora da corporeidade/subjetividade.....	278



10.2.1 A complexa inter-relação entre as camadas embrionárias e seu uso metafórico pela Biossíntese.....	284
10.3 A concepção de corporeidade/subjetividade humana e a concepção da formação do caráter na Biossíntese.....	287
10.4 Contribuições das dimensões psíquica e mental e da noção de configuração subjetiva/somática para a proposta da Biossíntese .....	294
10.5 A identidade humana polimorfa e a formação do caráter: algumas reflexões a partir das noções de configuração somática/subjetiva e configuração caracterológica.....	304
10.6 Contribuições específicas do sistema mental/espiritual da subjetividade/corporeidade humana para a proposta da Biossíntese .....	308
10.7 Diálogos entre a noção de subjetividade social e a proposta da Biossíntese: resgatando as raízes sociais e culturais do pensamento reichiano.....	315
<b>TERCEIRA PARTE .....</b>	<b>324</b>
<b>CAPÍTULO 11 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS - A PESQUISA EMPÍRICA .....</b>	<b>325</b>
11.1 Aporte metodológico para o delineamento empírico da pesquisa: tecendo fios epistemológicos e teóricos .....	326
11.2 Divergências e convergências entre epistemologia qualitativa e epistemologia complexa: pela distinção das concepções de subjetividade e das noções de qualitativo.....	330
11.2.1 Contribuições metodológicas da epistemologia qualitativa .....	335
11.3 Contribuições do método psicanalítico .....	337
11.4 Contribuições dos métodos terapêuticos da Biossíntese para o delineamento metodológico da pesquisa.....	343
11.5 O desenvolvimento da pesquisa empírica: exemplo clínico, local, participantes, instrumentos e cuidados éticos .....	346
11.5.1 O Local da pesquisa .....	347
11.5.2 Participantes da pesquisa.....	348
11.5.3 Levantamento dos dados/informações .....	349
11.5.4 Cuidados éticos .....	351
<b>CAPÍTULO 12 - ESTUDO DE CASO - LUIZA E O SEU LUGAR NO MUNDO .....</b>	<b>352</b>
12.1 Luiza: a procura de um lugar no mundo.....	352
12.2 Configurações caracterológicas: entre regularidades e singularidades .....	355

12.3 Uma leitura da psicoterapia em Biossíntese a partir da concepção de <i>corporeidade/subjetividade</i> humana .....	365
12.4 O processo relacional entre o pesquisador/terapeuta e a participante da pesquisa.....	375
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>381</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>392</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>408</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>411</b>

## INTRODUÇÃO

Este projeto de tese tem como finalidade desenvolver uma concepção de corporeidade → subjetividade humana<sup>1</sup> a partir do conceito de sujeito/subjetividade elaborada por Edgar Morin em sua obra “O método” (1992, 1996a, 1997, 1999, 2003, 2005). Pretende também introduzir o conceito de *corporeidade/subjetividade* no campo de discussão da psicologia clínica a partir da Biossíntese (BOADELLA, 1986; 1992; 1997a; 1997b; 1997c; 2006a), uma abordagem de psicoterapia somática fundamentada nas ideias de Wilhelm Reich. Ideias estas que tiveram origem na psicanálise inaugurada por Freud, sendo um dos ramos deste tronco comum que deu origem a diferentes perspectivas teóricas (ALBERTINE, 2015; BIRMAN, 2013; MEZAN, 1996).

Para este trabalho, a expressão *corporeidade/subjetividade* humana designa a corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e a subjetividade social. Para o pensamento complexo, fundamentado na referida obra “O método”, o tema da subjetividade inclui necessariamente o tema da corporeidade. Do ponto de vista ontológico e epistemológico, a corporeidade e a subjetividade do indivíduo humano devem ser consideradas de modo relacional e em um *continuum* emergencial, formando uma unidade complexa organizada a partir de três dimensões ou sistemas, quais sejam: o orgânico-sensório-motor, o psíquico-afetivo-relacional e o mental/espiritual. A subjetividade social emerge a partir das interações dos indivíduos membros de uma dada sociedade e de sua cultura, retroagindo sobre eles e determinando a constituição das suas corporeidades/subjetividades em suas três dimensões.

Conforme será apresentado ao longo da fundamentação teórica, o modo relacional de pensar se refere a uma visão que não reduz a unidade complexa organizada nem ao seu todo e nem as suas partes, mas propõe uma relação reciprocamente irreduzível entre o todo e as partes para chegar a uma descrição e explicação. Essa visão deve ser assumida para a relação entre o todo do indivíduo e as suas três dimensões ou três sistemas (suas partes), como também para o todo da subjetividade social e as corporeidades/subjetividades individuais (suas partes). A ideia de um *continuum* está relacionada à gradual transformação e emergência das dimensões da subjetividade/corporeidade do indivíduo, um processo em estágios muito sutis, sem nenhum ponto de divisão claro. As diferenças resultantes das transformações e

---

<sup>1</sup> Esta expressão/figura traduz e caracteriza a relação indissociável, contínua, emergentista e rotativa entre as dimensões constituidoras da subjetividade humana. Para facilitar a sua utilização ao longo do texto, de maneira a não precisar redigir sempre a figura em anel, adotaremos a expressão mais simples *corporeidade/subjetividade* como representante desta primeira expressão. No que concerne ao indivíduo humano, a circularidade entre os termos corporeidade e subjetividade poderá nos levar a posicionar um ou o outro como primeiro termo para destacá-lo em função da discussão em foco.

emergências vão se dando numa determinada sequência, em que cada uma difere minimamente do elemento subsequente, daí resultando diferença acentuada entre os elementos iniciais e finais da sequência. A ideia de emergência proposta pelo pensamento complexo significa que os produtos globais das atividades que formam tanto o sistema corporeidade/subjetividade do indivíduo quanto o sistema subjetividade social, dispõem de qualidades próprias irredutíveis as suas partes isoladas, e as quais retroagem sobre as próprias atividades do sistema do qual emergem e de que se tornam inseparáveis.

A investigação desta relação entre corporeidade e subjetividade a partir do pensamento complexo foi iniciada em trabalhos anteriores (JOÃO, 2003; JOÃO; BRITO, 2004; JOÃO, 2018). Com a presente pesquisa, demos desenvolvimento e aprofundamento às reflexões iniciais intencionando alcançar, de fato, uma proposta teórico-conceitual fundamentada de maneira mais rigorosa e consistente na epistemologia complexa. Para aproximá-la da psicologia clínica, faz-se necessário situá-la, introdutoriamente, no cenário da psicologia moderna, bem como localizar a proposta da Biossíntese neste mesmo cenário.

No que concerne às discussões acerca do sujeito e da subjetividade no pensamento ocidental, Morin (1996b) afirma que esta questão é extremamente controversa e paradoxal, pois é ao mesmo tempo evidente e não evidente. Sua evidência pode ser atestada na presença, em quase todas as línguas, da primeira pessoa do singular (eu). Na reflexividade operada pelo pensamento de Descartes, ao concluir que não podendo duvidar de que duvidava, haveria um “eu” que pensa, fazendo aparecer uma noção de sujeito que se torna o primeiro princípio da realidade. E nas teologias, filosofias e metafísicas que divinizaram e tornaram absolutos o sujeito e a subjetividade.

Não obstante, segundo Morin (1996b), do ponto de vista da ciência moderna, o sujeito é dissolvido em meio aos determinismos físicos, biológicos, sociológicos ou culturais. Sua subjetividade não passa de contingência, fonte de erros, que justificou a exclusão do observador da observação, do pensador que constrói conceitos, da sua concepção. Nas ciências humanas e sociais a concepção de sujeito foi muitas vezes obliterada. No caso da Psicologia, chegou a ser substituída por estímulos, respostas e comportamentos. Na História, foi desconsiderada pelos determinismos sociais. Na Antropologia, a ideia de sujeito foi enterrada pelo estruturalismo.

Envolvida por esse processo de dominação da racionalidade científica moderna, a psicologia, no final do século XIX, tornou-se uma ciência a partir dos trabalhos de Wundt e dos seus seguidores, sobretudo os norte-americanos, tais como Titchener e J. Cattell (FIGUEIREDO; SANTI, 2006; GONZÁLES REY, 2003). Neste mesmo momento histórico,

entretanto, também surgiram outras correntes teóricas que contribuíram com ideias e reflexões que criticavam essa dominação e apontavam outras direções para os estudos dos fenômenos psicológicos, no sentido de reconhecer nestes a subjetividade. Por exemplo, a psicologia do ato de Bretnano e a psicologia da gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka, esta última a partir de uma compreensão holística do fenômeno psicológico (SÁ, 2013; MORAES, 2013).

Neste sentido, pode-se destacar a importância decisiva e fundamental da psicanálise para este reconhecimento (FIGUEIREDO; SANTI, 2006) que se deu a partir da escuta sensível de Freud, elemento chave para a compreensão dos sintomas advindos dos sofrimentos dos sujeitos presentes ao longo de sua história (SUNDFELD, 2000). Ainda sobre a importância da psicanálise para a discussão sobre a subjetividade, conforme esclarecem Prado Filho e Martins (2007), é por meio do seu campo de conhecimento que esse tema/problema passará aos domínios das psicologias na primeira metade século XX. Outro autor que destaca as contribuições da psicanálise para inauguração de um novo campo de construção do pensamento psicológico é González Rey (2003), ao afirmar que o seu valor heurístico está na criação de um novo espaço de significação, uma nova zona de sentido sobre o que vinha sendo estudado na psicologia.

Essa contribuição da psicanálise deve ser destacada a partir da referência freudiana, em específico, como colocamos acima, e também das diversas perspectivas psicanalíticas que se desenvolveram e continuam o desafiador trabalho de compreender a complexidade da subjetividade humana (BIRMAN, 2013; CELES, 2010, 2012; FIGUEIREDO, 2009; MEZAN, 1996; MUNHOZ, 2009). E ainda as diferentes escolas que surgiram influenciadas pela psicanálise, mas tendo como contribuição principal a finalidade de apresentar uma resposta à psicanálise a respeito daquilo que ela não assumiu como importante para a compreensão do psiquismo humano. Destacam-se aqui as contribuições das ideias de Wilhelm Reich (1984, 1995) e seus continuadores e também as escolas humanistas, dentre as quais a Gestalt-terapia de Frederick S. Perls (2002, 1997).

No entanto, não obstante as contribuições da psicanálise para o reconhecimento da subjetividade como objeto de estudo da psicologia, ao longo do século XX, diferentes autores como Foucault, Castoriadis, Guattari e Deleuze, cada qual com contribuições particulares, apontaram as limitações impostas pela psicanálise para uma compreensão mais complexa da subjetividade (BASTOS, 2001; GONZÁLEZ REY, 2003; JAPIASSU, 1995; PRADO FILHO; MARTINS, 2007). Dentre as críticas, cabe ressaltar aquelas que mais ganharam repercussão: o estabelecimento de categorias universais para a compreensão do psiquismo humano (subjetividade humana) e o seu fundamento de natureza biológica.

Esses mesmos autores, além de exporem suas críticas em relação à psicanálise, também apresentaram ideias importantes para a ampliação e complexificação da compreensão sobre a subjetividade humana. Na sequência deles, e nas últimas décadas do século XX, surgem autores que se propõem a elaborar propostas para a psicologia, que trazem novas contribuições para o debate acerca da subjetividade, dentre os quais Gergen (1996, 2009) e Lax (1998), que contribuíram para a elaboração do construcionismo social e de um pensamento pós-moderno na prática clínica (NEUBERN, 2003), e González Rey (1997, 2003, 2005a, 2011, 2017c), com a proposta de uma subjetividade cultural-histórica fundamentada, principalmente, na obra de Vygotsky.

Neste cenário das discussões acerca da subjetividade na psicologia, com as diferentes contribuições aqui indicadas, pode-se compreender que se trata de um objeto de estudo marcado por noções epistemológicas distintas e que ganha diferentes definições teórico-conceituais, cada qual delimitando uma noção que destaca um aspecto ou uma dimensão da subjetividade em especial, tendendo a circunscrevê-la apenas a esta dimensão ou aspecto destacado. Tal tendência resultou dos impactos da racionalidade moderna, os quais, de acordo com alguns autores (FIGUEIREDO 1991, 2013; FERREIRA, 2013; GONZALEZ REY, 2003; NEUBERN, 2004), não incidiram apenas sobre a noção de subjetividade, mas na fragmentação do conhecimento psicológico, instituindo diferentes psicologias. Conforme elucida Figueiredo (1991, 2013), cada qual fundamentada por matrizes de pensamento tanto divergentes quanto convergentes, propondo diversos objetos de estudo.

Não obstante as diferentes matrizes identificadas nas correntes de pensamento da psicologia, conforme a análise de alguns autores (FUKS, 1995; GONZÁLEZ REY, 2003; MORIN, 1992; NEUBERN, 2004), este processo, que envolveu a psicologia moderna, pode ser caracterizado pela influência de um paradigma dominante, marcado pela tendência à simplificação e à redução. A presença deste paradigma se fez, principalmente, pelo princípio lógico da disjunção que determinou a separação dos conceitos fundamentais ou as categorias mestras de inteligibilidade das diferentes matrizes do pensamento psicológico.

Como alternativa a essa tendência, uma possibilidade de recrudescimento do debate epistemológico e teórico para a compreensão da subjetividade na psicologia está nas contribuições do pensamento complexo de Morin (1984, 1990, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2003). Tais contribuições permitem estabelecer as articulações entre as diferentes dimensões da condição humana (indivíduo-sociedade-espécie) na constituição do psiquismo e da mente humana, consideradas tradicionalmente opostas e dissociadas pela racionalidade moderna, dentre elas, ordem-regularidades (*patterns*) e desordem-desorganização (transformações),

objetividade e subjetividade, corpo e psiquismo, consciente e inconsciente, indivíduo e sociedade, interno e externo, afetividade e cognição, histórico e atual (FUKS, 1995; NEUBERN, 2003). Estas articulações estão propostas, justamente, na construção teórico-conceitual da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana desenvolvida nesta pesquisa.

Pautando-se pelos princípios da epistemologia complexa para caminhar em direção a uma noção de *corporeidade/subjetividade* humana e aproximá-la da psicologia clínica por meio da psicoterapia corporal em Biossíntese, faz-se necessário esclarecer as razões que justificam a escolha por esta proposta de psicoterapia para dialogar com a referida noção. A primeira razão está no percurso existencial ou na história de vida do autor desta pesquisa. No caminho trilhado até chegar a realização do curso de doutorado em psicologia clínica, a formação em Biossíntese foi a ponte entre as experiências práticas e teóricas no campo da Educação Física, primeira formação acadêmica do pesquisador, e as primeiras experiências no campo das psicoterapias, da psicanálise e da psicologia, esta última, a segunda formação acadêmica no nível da graduação, realizada após a formação da Biossíntese. Desta forma, foi a partir desta escola de psicoterapia que este pesquisador teve o primeiro contato mais profundo com esses campos de conhecimento e com o campo da clínica no seu sentido mais amplo, para além das práticas formais e regulamentadas da psicologia clínica. E o que o levou a escolher esta formação foi justamente sua visão sistêmica e complexa da condição humana.

A segunda razão está no fato de que enquanto uma abordagem de psicoterapia somática e psicodinâmica, as ideias e práticas da Biossíntese têm suas origens na proposta teórico-clínica de Wilhelm Reich e na psicanálise de Freud e de pós-freudianos, conforme mencionado acima. Ou seja, sua origem está no campo de conhecimento da psicanálise. A importância desta vinculação está na participação decisiva da psicanálise, entendida como um sistema de ideias<sup>2</sup> e uma prática social (FIGUEIREDO, 2003, 2007), na constituição do campo da psicologia e na instituição da clínica psicológica no seio da sociedade.

Como já colocado anteriormente, é a partir da psicanálise que a noção de subjetividade é introduzida e ancorada na psicologia. Por meio da cura pela fala, Freud inaugura um modo de abordar e tratar o sofrimento humano, o qual passa a ser explorado de múltiplas e diversas maneiras pelas diferentes propostas teórico-clínicas da psicologia clínica.

E do ponto de vista das mudanças em curso na produção do conhecimento nas ciências, o corpo de conhecimento da psicanálise traz a característica marcante da

---

<sup>2</sup> A noção de sistemas de ideias foi formulada por Morin (1992) para explicitar a inteligibilidade das formas de organização de um conhecimento. Faz referência à constelação de conceitos reunidos num sistema por coerência lógica ou aparentemente lógica, a partir de axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes.

interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Ela é constituída tanto pelos saberes das ciências naturais quanto das ciências humanas e sociais, e também pela contribuição de diferentes filosofias. Seu objeto de estudo, o psiquismo inconsciente, está entre as fronteiras disciplinares (interdisciplinaridade) e além dos saberes disciplinares (transdisciplinaridade). Esta condição epistemológica da psicanálise é bem caracterizada pela ideia de enclave. Proposta por Figueiredo (2003), esta ideia explicita bem o lugar da psicanálise na modernidade. Enquanto um território estrangeiro dentro do território da modernidade, a psicanálise traz, ao mesmo tempo, as marcas do pensamento moderno e as críticas profundas acerca dos seus fundamentos, a começar pela concepção disjuntiva entre sujeito e objeto, propondo a indissociabilidade entre tais aspectos.

Por esta razão, consideramos que o arcabouço psicanalítico anuncia e indica a transição do paradigma dominante na modernidade para um paradigma da complexidade. Como evidenciam alguns psicanalistas (GREEN, 1995, 2008; 2011; HORNSTEIN, 1996; PLASTINO, 2001a, 2001b), a psicanálise traz o germe deste paradigma que está sendo formulado na contemporaneidade. A relevância da sua contribuição é reconhecida por Morin (1996a, 2014) ao afirmar que Freud era um pensador da complexidade e a psicanálise uma ciência do complexo. No seu tempo, entretanto, não era possível para Freud considerar o problema de um paradigma capaz de fundamentar epistemológica e teoricamente a complexidade das suas ideias, conforme entende Morin.

A terceira razão que justifica a escolha da Biossíntese está exatamente na importância indispensável das ideias e práticas inauguradas por Wilhelm Reich, as quais deram origem a esta abordagem de psicoterapia. Tendo sido um desdobramento das ideias psicanalíticas, a proposta de Reich traz uma contribuição não menos importante, pois formula uma visão da subjetividade humana a partir da relação entre o corpo biológico (*soma*) e o psiquismo, fundamentada no princípio de uma unidade antítese funcional soma-psique. Esta noção está fundamentada no método funcional elaborado pelo próprio Reich (1978, 1984, 1995, 1996, 2003), que o levou ao conceito de caráter e ao desenvolvimento de técnicas que envolvem a unidade psicossomática.

Enquanto herdeira dos legados freudianos e reichianos, as contribuições da Biossíntese (BOADELLA, 1986, 1992, 1997a), mais especificamente, estão relacionadas aos aspectos teórico e técnico da prática clínica. O primeiro diz respeito ao esforço teórico de indicar a necessidade de uma síntese de três tradições desenvolvidas a partir da psicanálise freudiana: a iniciada por Reich, que partiu da teoria da libido de Freud; a inaugurada por Otto Rank, que aponta para a influência da vida pré-natal na constituição psíquica; e a perspectiva das



relações objetais de Melaine Klein. Com relação ao segundo aspecto, a Biossíntese propõe uma abordagem técnica que resulta das três tradições freudianas reunidas numa síntese fundamentada a partir da embriologia funcional.

Por causa destas características, identificamos na Biossíntese uma proposta de psicoterapia que converge com a proposta do pensamento complexo de Edgar Morin e com o espírito da complexidade que vem se delineando e se apresentando nas discussões filosóficas e científicas desde o último século. Sua intenção de assumir a necessidade e o desafio de estabelecer articulações entre perspectivas diferentes da tradição freudiana e também de outras perspectivas da psicologia, tentando elaborar uma síntese que sustenta as contradições, é uma evidência da sua convergência com o espírito da complexidade. Nesse sentido, consideramos que um diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana elaborada a partir do pensamento complexo e a proposta da Biossíntese pode trazer bons frutos para ambas.

Para a Biossíntese, o desafio de tecer as articulações teórico-conceituais entre diferentes perspectivas deve ser encarado a partir de uma epistemologia que considere as complementariedades, concorrências e antagonismos entre elas. Como bem coloca Sundfeld (2000, p.253), o pensamento complexo “é o exercício de uma razão que dialoga com a multidimensionalidade do humano, enquanto ser bio-antropo-psico-social e com as relações que compõem o real”. Seu propósito é favorecer o trânsito entre diversos discursos e racionalidades, possibilitando transitar por fronteiras ontológicas, epistemológicas e teóricas (MORIN, 1990, 1992, 2000), como as que encontramos no campo da psicologia em geral e da psicologia clínica. Fundamentada no pensamento complexo, a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana pode contribuir para uma fundamentação epistemológica e teórica da Biossíntese.

O principal benefício a ser obtido pela concepção de *corporeidade/subjetividade* humana no seu diálogo com a proposta da Biossíntese é ter a possibilidade de estabelecer uma primeira aproximação com o campo de conhecimento e a prática da psicologia clínica. A partir dessa aproximação, será possível avaliar o seu valor heurístico, sua relevância, enquanto instrumento de investigação, e sua capacidade de contribuir para uma prática clínica complexa, isto é, capaz de abarcar a multidimensionalidade do ser humano em sua unidade.

Considerando as contribuições da epistemologia complexa e sua teoria da organização para a elaboração de uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, no sentido de assumir as diferentes dimensões da subjetividade humana, e para a proposta da Biossíntese, no sentido de fundamentar uma psicoterapia que abarque a multidimensionalidade do ser

humano, formulamos o seguinte problema de pesquisa: a concepção de *corporeidade/subjetividade* elaborada a partir do pensamento complexo pode oferecer subsídios epistemológico e teórico para a fundamentação da proposta de psicoterapia corporal da Biossíntese?

Como hipótese central ou linha central de investigação, considera-se que a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana pode contribuir com uma fundamentação teórico-conceitual e um delineamento epistemológico mais precisos e rigorosos para a proposta teórico-clínica da Biossíntese.

### **Sobre o método para a formulação da concepção teórico-conceitual de *corporeidade/subjetividade* humana**

Conforme anunciado no início desta introdução, a noção de *corporeidade/subjetividade* humana proposta por esta tese está fundamentada na obra “O método” de Edgar Morin. O título desta obra é uma alusão à obra “Discurso do método” de Descartes e uma questão cara à epistemologia da ciência. Ao buscar situar a empresa e o desafio a que se lançou quando da decisão de elaborar essa obra, Morin (1997) deixa claro que seu empreendimento não é alcançar nenhum conhecimento geral e nem a teoria unitária. Sua finalidade é propor um método no sentido cartesiano: “um método que me permita ‘conduzir bem a nossa razão e procurar a verdade nas ciências’” (p.19). Se Descartes, no entanto, se lançou para propor um método a partir da dúvida metódica, que, segura de si mesma, trouxe-lhe certezas prévias, Morin parte para um caminho no qual a dúvida duvida de si mesma e está cercada pela incerteza do inacabamento de todo o conhecimento humano.

De fato, trata-se de um caminho, como bem significa a palavra “método”, um caminho que Morin (1997) caminha sem caminho, mas fazendo o caminho ao caminhar, pois a proposta de um “método só pode formar-se durante a investigação; só pode desprender-se e formular-se depois, no momento em que o termo se torna um novo ponto de partida, desta vez dotado de método” (p.25). Um caminho em espiral, movimentos circulares que se abrem buscando articular conceitos-chaves das três grandes esferas do conhecimento (física, biologia e antropossociologia) e tentando operar uma “reorganização conceitual e teórica em cadeia que, atingindo finalmente o nível epistemológico e paradigmático, desemboca na ideia dum método, que deve permitir um encaminhamento do pensamento e da ação capaz de lembrar o que estava mutilado, de articular o que estava disjunto e de pensar o que estava oculto” (p. 25-26).

No longo caminho trilhado nos seis volumes da obra em questão, e antes mesmo do seu último tomo, no momento em que buscava uma metarreflexão acerca do conhecimento, ou seja, o conhecimento do conhecimento, Morin (1996a) alcança e propõe os três princípios para um pensamento complexo: o recursivo, que permite reconhecer os processos onde os produtos e os efeitos são necessários à sua produção e à sua causação; o dialógico<sup>3</sup>, que permite reconhecer os fenômenos onde é preciso ligar termos antagônicos, ou mesmo contraditórios, para aprender a sua realidade; e o hologramático que permite reconhecer em tudo o que é complexo, que assim como a parte está no todo, o todo está na parte.

Nesse mesmo caminho, é elaborada uma teoria da organização sistêmica que evidencia a possibilidade de articular as três principais esferas do conhecimento. Dirigida pelos três princípios epistemológicos acima apresentados, a teoria da organização/sistema justifica a pertinência desses mesmos princípios e permite indicar o método, enquanto um caminho para o pensamento e a ação.

Seguindo esse caminho já percorrido por Morin, mas, ao mesmo tempo, trilhando um caminho próprio e, por isso, desconhecido, elaboramos uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana a partir da obra “O método”. Nele exercitamos o método numa forma específica de organizar os conceitos-chaves da teoria da organização/sistema, no que diz respeito a evidenciar a multidimensionalidade que constitui a condição humana. Além disso, também introduzimos o referido conceito na psicologia clínica, mediante a proposta da Biossíntese enquanto uma abordagem de psicoterapia (somática e psicodinâmica) que propõe, como entendemos, um modo complexo de realizar a prática clínica.

## **Objetivos**

### **Geral:**

Elaborar uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana fundamentada na obra “O método”, de Edgar Morin, para um diálogo com a proposta de psicoterapia corporal da Biossíntese.

### **Específicos:**

- a) Elaborar os conceitos de *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano e de *subjetividade social*;

---

<sup>3</sup> A noção dialógica é definida por Morin (2003, p. 291) como a “unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam uma da outra, se completam, mas também se opõem e combatem. Distingue-se da dialética hegeliana. Em Hegel, as contradições encontram uma solução, superam-se e suprimem-se numa unidade superior. Na dialógica, os antagonismos persistem e são constitutivos das entidades ou dos fenômenos complexos”.

- b) Apresentar a proposta teórica-clínica da Biossíntese enquanto uma abordagem de psicoterapia somática, psicodinâmica e bioespiritual;
- c) Desenvolver um diálogo entre a noção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta de psicoterapia somática e psicodinâmica da Biossíntese.

Esta tese está organizada em doze capítulos (seções) divididos em três partes distintas, somando-se ainda esta introdução e as considerações finais. Na primeira parte é apresentada a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana para o campo de conhecimento da psicologia clínica, sendo desenvolvidas oito seções.

No capítulo 1, intitulado “Contribuições do pensamento complexo à psicologia e à concepção de *corporeidade/subjetividade* humana”, é exposta a noção de paradigma da epistemologia complexa e a sua relevância para compreender a dispersão do campo de conhecimento da psicologia e as formulações fragmentadas acerca da subjetividade humana. Além disso, evidencia-se a pertinência dessa mesma epistemologia para a elaboração da concepção proposta por esta tese.

No capítulo 2, denominado de “Os conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e de subjetividade social à luz do pensamento complexo”, é feita uma primeira apresentação dos referidos conceitos para situar o leitor numa visão geral da proposta. Na sequência deste, são desenvolvidos os capítulos que fundamentam ambos os conceitos.

No capítulo 3, com o título “A *physis* como o lugar da criação e da organização da *corporeidade/subjetividade* humana”, situamos a concepção em questão na perspectiva organizacional e sistêmica do pensamento complexo. Explicitamos o que significa defini-la como uma unidade complexa organizada, ou simplesmente como sistema, e como organização ativa, ou ser-máquina, expondo os fundamentos ontológicos da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana.

No capítulo 4, intitulado “Da *physis* ao *bios*: a autonomia viva da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano”, expomos como o pensamento complexo concebe a passagem dos processos constituidores do ser-máquina físico (átomos e macromoléculas) para o ser vivo (unicelulares e pluricelulares), dotados de uma autonomia fundamental denominada de *autos*. A partir desta noção capital, são fundamentadas as noções de indivíduo vivo e de subjetividade celular e orgânica, primeiro nível de emergência da subjetividade humana.

No capítulo 5, são apresentados os fundamentos do “Sistema orgânico-sensório-motor da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano”. Explorando as noções de *animus* e de *anima* propostas por Morin, evidenciamos o caráter contínuo e indissociável entre esse sistema, constituído por uma subjetividade organísmica, e os sistemas psíquico e mental, portadores do segundo e terceiro níveis de emergência da subjetividade humana. Na inter-relação recursiva entre esses três sistemas e retroativa com a cultura, são geradas configurações somáticas/subjetivas no indivíduo-sujeito humano.

No capítulo 6, expomos as propostas de duas noções: aparelho psíquico e sistema psíquico-afetivo-relacional, justamente as expressões que dão título a esta seção. A partir da complexificação do *animus* e da *anima*, os quais conduzem, por sua vez, a complexificação dos aparelhos celular e neurocerebral, emergem, deste último, em inter-relação com a cultura, o aparelho psíquico, o sistema psíquico e sistema mental. Dando destaque aos dois primeiros, são apresentadas as características específicas do sistema psíquico e como são geradas as configurações subjetivas/somáticas, noção esta utilizada para fundamentar a ideia de múltiplas personalidades, esboçada por Morin. Como fundamento geral, também é exposta a concepção do pensamento complexo para o problema mente-cérebro.

No capítulo 7, denominado de “O sistema mental/espiritual da subjetividade/corporeidade do indivíduo humano”, apresentamos as características específicas deste outro modo de elaboração psíquica. Emergindo, concomitantemente, com o sistema psíquico, sua particularidade está na produção de atividades cognitivas de organização do pensamento e da ação, a partir do pensamento racional/empírico/técnico, diferentemente do sistema psíquico que gera pensamentos simbólicos/míticos/mágicos. A dialógica entre estes dois modos de representação e cogitação gera as configurações subjetivas/somáticas. Além disso, é destacada a relação entre o sistema mental e o fenômeno da consciência.

No capítulo 8, é proposto o conceito de “Subjetividade Social”, expressão que intitula esta seção. Desenvolvido a partir das ideias apresentadas na obra “O método” e também de obras anteriores de Edgar Morin, este conceito tem como aspecto principal a compreensão de que a cultura é um tipo de *genos* propriamente social. A cultura permite reconhecer a sociedade humana como um sistema social e a partir dela emerge uma subjetividade social: princípio subjetivo de identidade social fornecido pela cultura. Sendo a subjetividade social uma emergência decorrente das interações entre os indivíduos, será apresentada a noção de configurações subjetivas sociais, aquilo que emerge das interações das configurações subjetivas/somáticas dos indivíduos nos diferentes cenários sociais e retroage sobre eles,

enquanto um sistema de maior complexidade. Como veremos, é o conjunto de configurações subjetivas sociais que constitui a subjetividade social.

Na segunda parte deste trabalho, passamos ao diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese em duas outras seções. No capítulo 9, é apresentada essa proposta de psicoterapia somática, psicodinâmica e bioespíritual. São expostos aspectos da sua história, sua fundamentação embriológica - como busca de uma síntese do indivíduo humano -, sua vinculação com as ideias de três tradições psicanalíticas, principalmente, a advinda de Wilhelm Reich, e as suas propostas de uma morfologia dinâmica embriológica funcional e de uma concepção acerca da formação do caráter. Além disso, é apresentado o método clínico da Biossíntese, por meio do qual buscamos aproximar a referida concepção da psicologia clínica em sua prática.

No capítulo 10, “Diálogos entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a Biossíntese”, buscamos evidenciar, por meio da concepção em questão, as contribuições do pensamento complexo para uma fundamentação teórico-conceitual e o delineamento epistemológico mais precisos e rigorosos da Biossíntese. Nesse sentido, destacamos a necessidade de diferenciar e distinguir a morfologia dinâmica embriológica funcional em dois planos organizacionais: do organismo e do subjetivo/psíquico. Propomos também a noção de configuração caracterológica a partir da ideia de configurações somáticas/subjetivas. E, por fim, expomos o que consideramos como contribuições das noções de sistema psíquico e sistema mental para as ideias da Biossíntese acerca dos processos emocionais e cognitivos, e do conceito de subjetividade social para dialogar com as raízes sociais e culturais do pensamento reichiano nessa abordagem psicoterápica.

Na terceira e última parte desta tese, aproximamos a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana da prática clínica psicológica, isto é, buscamos um diálogo com a dimensão empírica da psicologia clínica, por meio do método clínico da Biossíntese. Para tanto, apresentamos, no capítulo 11, a categoria complexas configurações caracterológicas, a partir do diálogo empreendido no capítulo anterior. Em seguida, fundamentamos a perspectiva metodológica para essa aproximação, de tal forma que propusemos uma articulação entre três aportes: a epistemologia qualitativa de González Rey, o método psicanalítico e a contribuição dos métodos clínicos da própria Biossíntese. Além disso, delimitamos o desenvolvimento da pesquisa empírica, destacando o estudo de caso clínico, o local, os participantes, os instrumentos e cuidados éticos.

Concluindo a terceira parte, apresentamos no capítulo 12 o estudo de um caso clínico selecionado para a pesquisa. Nele, exploramos a categoria complexa configuração

caracterológica como mediadora da construção-interpretação do caso clínico e as contribuições da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana para a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese. Além de discutir aspectos da relação terapêutica entre pesquisador/terapeuta e a participante da pesquisa.

Para o fechamento geral da tese, nas considerações finais, é proposto um manifesto à *corporeidade/subjetividade* humana no sentido de enfatizar a relevância de se assumir o problema e a discussão acerca da relação corpo-mente na psicologia clínica. Tal discussão deve caminhar na direção de pensar e refletir sobre a prática clínica no que concerne às possibilidades de intervenções *psicorporais*, de modo a abarcar, de fato, a multidimensionalidade do indivíduo-sujeito ou da pessoa em terapia, considerando, para isso, a dimensão ética desta questão. Além disso, também é elucidada a condição de operadores cognitivos dos conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo e de subjetividade social para pensar a complexidade da subjetividade humana.

**PRIMEIRA PARTE**

**A CONCEPÇÃO DE *CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE* HUMANA**



## CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO À PSICOLOGIA E À CONCEPÇÃO DE *CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE* HUMANA

Quis situar-me num lugar em movimento (não no lugar-trono onde sempre se pretendem sentar os doutrinários arrogantes), num pensamento complexo que liga a teoria à metodologia, à epistemologia e até à ontologia.  
Edgar Morin (Introdução ao pensamento complexo, p. 72)

O paradigma é invisível para quem sofre os seus efeitos, mas é o que há de mais poderoso sobre suas ideias.  
Edgar Morin (O problema epistemológico da complexidade, p. 31)

O termo “psicologia” designa um espaço de dispersão do saber, cuja coerência interna é um ideal provavelmente inatingível.  
Luiz Alfredo Garcia-Roza (Psicologia: um espaço de dispersão de saber, p. 3)

O possível é um pássaro misterioso, sempre planando por sobre o homem.  
Vítor Hugo (1802-1885)

Conforme o exposto na introdução deste trabalho, as discussões acerca da subjetividade no campo de conhecimento da psicologia foram orientadas por uma racionalidade forjada pelos cânones ou princípios do pensamento moderno. Os impactos deste modo de pensar, não só determinaram uma visão fragmentada da subjetividade humana, como estabeleceu, mais profundamente, diferentes matrizes do pensamento psicológico, conforme poderemos elucidar neste capítulo. Este processo pode ser explicado pela influência de um paradigma dominante, justamente a partir do qual se formulou, pela lógica da disjunção, um modo de pensar caracterizado pela simplificação e pela redução da subjetividade humana às unidades elementares ou a uma única dimensão, por exemplo, à consciência ou ao inconsciente, ao corpo ou ao psiquismo. Foram as determinações deste paradigma que levaram à constituição fragmentada do campo de conhecimento da psicologia.

A escolha do pensamento complexo ou da epistemologia complexa para a elaboração de uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana que pudesse propor a articulação das diferentes dimensões da subjetividade ou do psicológico, não se deu ao acaso. Elaborada, precisamente, para contrabalançar a forma disjuntiva (exclusivamente analítica, simplificadora e reducionista) da racionalidade moderna, a epistemologia complexa oferece um método e uma teoria (da organização) para enfrentar o desafio de tecer juntos as várias partes que compõem o todo da subjetividade humana. Além disso, no árduo caminho de fundamentação desta perspectiva epistemológica, Morin (1992) propõe e apresenta os primeiros contornos de uma ciência da organização das ideias, a noologia. Nela é destacada a necessidade de uma paradigmologia ou da investigação do paradigma: do pensamento

dissimulado que controla o modo de organização das ideias, incluindo nessa organização a participação fundante e estruturante da lógica.

Reconhecendo e assumindo estes diferentes níveis da organização do conhecimento, podemos afirmar que o pensamento complexo oferece uma base epistemológica e teórica para as reflexões e a investigação das questões em discussão neste trabalho. Neste sentido, o presente capítulo tem duas finalidades: evidenciar as contribuições do pensamento complexo, primeiro, para uma reflexão acerca da multiplicidade e da fragmentação das perspectivas epistemológicas na psicologia e, segundo, para a elaboração de uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana.

Na intenção de enriquecer as discussões acerca da primeira finalidade destacada, apresentaremos a concepção de paradigma da epistemologia complexa. Para esta perspectiva, o paradigma diz respeito a um nível mais profundo ou anterior da organização do conhecimento (no sentido de influenciar primeiro), ao compará-lo com os níveis teórico, epistemológico e lógico. Ao alcançar o nível do paradigma, identifica-se aquilo que determina, no mais profundo, o modo de pensar. Olhando para a história do pensamento moderno, é possível afirmar que se instituiu um grande paradigma ou um paradigma dominante regido pela lógica da disjunção das categorias mestras e dos conceitos soberanos, determinando a fragmentação do conhecimento científico.

A introdução desta concepção de paradigma nas discussões sobre a multiplicidade e a fragmentação das perspectivas epistemológicas na psicologia será realizada, principalmente, por meio da análise empreendida por Luiz Claudio Figueiredo. Com a proposta de existirem matrizes do pensamento psicológico, este autor apresenta uma análise fundamentada, especialmente, na perspectiva da noção de paradigma de Thomas Kuhn.

Para evidenciar as contribuições e a necessidade da epistemologia complexa para elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, apresentaremos os aspectos gerais da cosmovisão do pensamento complexo. Com isso, poderemos destacar como se faz indispensável o desenvolvimento de um pensar aberto e, conseqüentemente, de uma teoria aberta para se alcançar uma visão complexa da subjetividade humana.

### **1.1 A constituição da psicologia enquanto ciência moderna: um campo de conhecimento disperso em diferentes matrizes ou paradigmas de pensamento**

Abordar o tema da origem da psicologia, enquanto uma ciência moderna traz, primeiramente, o desafio de situá-lo numa discussão histórica. Ainda que não seja o objetivo

deste capítulo adentrar em tal debate, faz-se necessário indicar sua contribuição para a compreensão da dispersão do campo de conhecimento da psicologia.

Dentre as diferentes formas de pensamento histórico, consideramos fundamental assumir aquela que aborda a história da psicologia ou de outras ciências a partir de duas abordagens: internalista e externalista. A primeira, refere-se às transformações intelectuais relacionadas as construções e articulações teórico-conceituais, metodológicas etc, na psicologia e as consequentes possibilidades de demarcações do seu campo de conhecimento. A segunda volta-se para as transformações sociais e históricas, envolvendo ainda as econômicas e políticas, bem como suas influências no estabelecimento das condições de constituição da psicologia (FERREIRA, 2013).

Compreendemos que ambas as abordagens são indispensáveis para uma discussão histórica da psicologia e a articulação delas permite evidenciar as determinações que incidiram na dispersão do seu campo de conhecimento. Quando se toma a abordagem externalista como mote principal, a discussão foca os complexos processos e práticas sociais e culturais que se sucederam desde o século VI e conduziram a multiplicidades de orientações no atual campo da psicologia (FERREIRA, 2013; FIGUEIREDO, 2007, 2013). Será adotada, no entanto, a abordagem internalista em virtude do recorte proposto para este estudo, qual seja: expor uma reflexão acerca desse campo de conhecimento, a partir da concepção de paradigma, proposta pelo pensamento complexo de Edgar Morin. Neste enfoque, a análise está voltada, exatamente, para a organização do conhecimento nos seus níveis epistemológico, teórico, lógico e, principalmente para este estudo, no nível do paradigma.

Levando em consideração que a origem do conhecimento científico se deu no século XVII com a física, a psicologia só veio a ser considerada uma ciência, entendida no sentido da modernidade, a partir da segunda metade do século XIX. Momento no qual pôde ser reconhecida como uma ciência detentora de um objeto de estudo específico, de um território próprio de conhecimento e a partir do método experimental de investigação, dentre outras ciências com seus próprios objetos de estudo. Não bastasse ser complexo esse processo de constituição de qualquer campo de conhecimento que pretende ser científico, para a psicologia a tarefa se tornou complicada (FERREIRA, 2013; FIGUEIREDO, 1991, 2013; FIGUEIREDO; SANTI, 2006; JAPIASSU, 1995).

Até ser reconhecida como uma ciência, a psicologia fazia parte de um conjunto de conhecimentos que sofreram uma série de transformações relacionadas à constituição histórica da modernidade. Essas transformações do conhecimento levaram a composição de um grupo de disciplinas denominadas de ciências do homem no século XIX e no qual a

psicologia pôde ser situada. Nesse percurso, conforme coloca Ferreira (2013), explorando as ideias de Bruno Latour, se estabeleceu a cisão entre o domínio humano e natural a partir de um conjunto de princípios implícitos. Com eles, foi criado um modo purificado de tratar os diferentes seres, colocando de um lado os entes humanos e do outro os entes naturais. Tal clivagem e purificação impedia a psicologia de ser reconhecida ao longo do século XVIII, e primeira metade do século XIX, como uma ciência; isto porque trazia aspectos dos dois domínios e por ser muito plural em suas vertentes e escolas.

Outro fator determinante na constituição dispersiva da psicologia foi a cisão entre saberes filosóficos e científicos. Ferreira (2013), baseado nos trabalhos de Michel Foucault, aponta para as mudanças das estruturas do conhecimento (*episteme*), no século XIX. Nessas mudanças se estabelece uma marca clara no conhecimento moderno, o domínio das ciências empíricas e o domínio filosófico, como também entende Morin (1992).

Para ser incluída no quadro das ciências empíricas, a psicologia precisaria seguir os novos decálogos do saber instituídos pelos fundamentos kantianos do conhecimento, quais sejam: objetividade, matematização e determinação de um elemento básico de investigação (FERREIRA, 2013; MORIN, 1992, 2000).

Já tendo sido tematizados diferentes objetos de estudos, tais como o comportamento, o “espírito” e a alma, pelos principais sistemas filosóficos da antiguidade, a psicologia se viu diante do desavio de assumir esses mesmos objetos, mas de maneira a enquadrá-los nos referidos pressupostos estabelecidos pela ciência moderna. Não obstante esta situação problemática, ao longo da modernidade, o comportamento humano vinha sendo estudado por físicos, biólogos (anatomistas e fisiólogos) e médicos, que utilizavam os métodos das recém-nascidas ciências empíricas ou naturais para estes estudos. E no mesmo século em que a psicologia buscava se estabelecer como uma ciência, outras ciências humanas e sociais iniciaram a sua constituição, tais como: a economia, a história, a antropologia, a sociologia e a linguística, as quais também estudavam questões relacionadas às ações e condutas humanas presentes numa sociedade e numa cultura, historicamente determinadas (FIGUEIREDO; SANTI, 2006).

Neste cenário histórico de constituição das ciências modernas, verifica-se que os temas da psicologia estavam dispersos nas discussões filosóficas, nas ciências naturais e também nas ciências humanas e sociais. Não por acaso, como elucida Figueiredo e Santi (2006), Augusto Comte, filósofo francês que anunciou o positivismo como filosofia da ciência moderna, afirmou que a psicologia não caberia como ciência independente das ciências biológicas e

sociais, em virtude de seu objeto (a “psique” ou a “mente”) não corresponder às exigências do positivismo. A possibilidade de sua existência dependeria sempre dessas outras ciências.

A dispersão dos temas da psicologia está presente até hoje no seu campo de conhecimento. Podemos encontrar estudos da psicologia em estreita relação com as ciências físicas, a exemplo da óptica, com as ciências biológicas, tais como a etologia e as neurociências, com as ciências da informação e cognição, bem como com as ciências sociais, entre elas a sociologia, a antropologia e a linguística. E também com a filosofia quando se está investigando noções como mente, cognição e conhecimento ou temas relacionados, especificamente, a questões humanas, como são encontrados nas filosofias antropológicas (dialéticas, fenomenológicas e existencialistas).

A fragmentação do conhecimento psicológico é condição estrutural deste campo, o que justifica a expressão “um espaço de dispersão”, cunhada por Garcia-Roza (1977). Figueiredo (2013) afirma que tal designação, muito propício para caracterizar o campo da psicologia desde sua origem, continuará valendo para os anos ulteriores, já que a “ocupação do espaço psicológico” pelas teorias e sistemas formou um “arquipélago conceitual e tecnológico. Ou seja, não se trata de um território uno e integrado, embora também não sejam ilhas totalmente avulsas e desconectadas” (p. 17).

Esta analogia geográfica e geológica utilizada por Figueiredo (2013) está diretamente relacionada ao profundo estudo sistemático que ele realizou de mapeamento das matrizes de pensamento que constituem o espaço psicológico. A escolha pelo termo matrizes não foi aleatória. Como explica o autor, sua intenção era “identificar os pressupostos e implicações que subjazem em cada teoria ou sistema psicológico, aquilo que está relacionado a um nível que opera no registro do latente, do que age dissimuladamente” (p. 23). Este termo é equivalente ao termo paradigma, e ambos foram propostos por Thomas Kuhn (1989, 2007).

Para Figueiredo, todos esses termos fazem referência ao nível que ele buscava investigar nas teorias e sistemas da psicologia. A sua opção por matrizes se deu por compreender que ele era mais apto para especificar a organização subterrânea dos sistemas, das escolas ou correntes da psicologia, de modo a poder confrontá-los, aproximá-los ou contrapô-los. “As matrizes são geradoras: elas são fontes, elas instauram os campos de teorização e de ação possíveis, elas inauguram as histórias das psicologias” (FIGUEIREDO, 2013, p. 24). A busca pelas “Matrizes do pensamento psicológico” tinha como foco da investigação a identificação dos conjuntos que reuniam valores, normas, crenças metafísicas, concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas que subjazem às teorias e às práticas psicológicas, como também às implicações éticas.

Antes de continuarmos a explorar o importante trabalho de mapeamento das matrizes do pensamento psicológico, faz-se necessário estabelecer uma discussão entre a noção de matriz utilizada por Figueiredo (1991, 2013), que está fundamentada nas ideias de Kuhn (1989, 2007), e a noção de paradigma proposta por Morin (1984, 1990, 1992, 1996c, 2000).

## **1.2 A concepção de paradigma do pensamento complexo e sua distinção da concepção kuhniana adotada por Luiz Claudio Figueiredo**

Para iniciar essa discussão, destacamos que Figueiredo parte da “observação” da multiplicidade de teorias e sistemas da psicologia, denominada por ele de “o nível do manifesto”, para então alcançar um nível mais profundo, subterrâneo, onde estão os pressupostos e as implicações que determinam a diversidade de psicologias. Isso significa dizer que podemos identificar dois níveis de análise do conhecimento. No que concerne à análise empreendida por Morin (1992) acerca da produção do conhecimento no sentido amplo e geral das ciências e das filosofias, podemos identificar três níveis: do sistema de ideias, que corresponde, de certa forma, ao nível da teoria indicado por Figueiredo, o da lógica<sup>4</sup> e o do paradigma.

Para se chegar ao nível do paradigma, como assim considera Morin (1992), é necessário apresentar antes a concepção de sistemas de ideias deste mesmo autor. O nível teórico considerado por Figueiredo (2013) corresponde ao que Morin (1992) denomina de sistema de ideias, ou seja, toda teoria é um sistema de ideias, uma construção do espírito (da mente), e não um reflexo do real. É necessário especificar a concepção proposta por Morin para, então, alcançarmos o nível em que atua o paradigma e, assim, poder diferenciá-la da perspectiva kuhniana, adotada por Figueiredo, ainda que este entendimento acerca da natureza das teorias ou sistema de ideias seja compartilhado por ambos os autores.

De acordo com Morin, um sistema de ideias

é constituído por uma constelação de conceitos associados de maneira solidária, cuja arrumação é estabelecida por laços lógicos (ou aparentemente lógicos), em virtude de axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes; um tal sistema produz, no seu campo de competência, enunciados que têm valor de verdade e, eventualmente, previsões quanto a todos os factos e acontecimentos que aí deverão manifestar-se. Mediadores entre os espíritos humanos e o mundo, os sistemas de ideias ganham consistência e realidade objetiva a partir da sua organização. (MORIN, 1992, p. 115)

---

<sup>4</sup> A discussão empreendida por Morin (1992, p. 153-185) acerca dessa questão está relacionada aos problemas lógicos que incidem nos sistemas racionais, a saber, aqueles que tratam da indução, dedução e da contradição relacionados ao princípio aristotélico de identidade.

Para conceber a organização dos sistemas de ideias, Morin (1992) explora as noções de sistema atômico e sistema celular por analogia. Com isso, ele faz a seguinte proposição: que as ideias se organizam em sistemas a partir de unidades informacionais/simbólicas, juntando-se umas às outras em função de afinidades próprias ou princípios organizacionais (lógicos e paradigmáticos), formando um núcleo (duro) ou um complexo polinuclear - quando reúne vários sistemas anteriormente independentes e que, sob o seu domínio, tornam-se subsistemas. Podem também trazer subsistemas dependentes/interdependentes, sendo que os mais periféricos tem potencial para servir como uma cintura de segurança. Os sistemas de ideias possuem dispositivo imunológico de proteção. É no núcleo duro que estão concentrados os princípios de organização dos sistemas: categorias mestras, lógica e paradigmas. Dentre estes, o mais oculto é o paradigma que, então, controla a lógica<sup>5</sup> e as ideias-mestras, determinando a organização das ideias.

Como explica Morin (1992), o sentido forte e radical atribuído à noção de paradigma já está presente na elaboração de Kuhn. Nela é indicada a sua determinação na orientação metodológica, no estabelecimento de esquemas fundamentais de pensamento, de pressupostos ou de crenças, desempenhando um papel central e detendo um poder dominador sobre as teorias. Justamente o que justificou a escolha de Figueiredo (1991) pelo termo matriz, o qual é sinônimo do termo paradigma na concepção de Kuhn. Segundo Morin (1992), no entanto, Kuhn, por outro lado, deu um sentido difuso ao termo paradigma quando sua definição “oscila entre sentidos diversos, cobrindo *in extremis*, de modo vago, a adesão coletiva dos cientistas a uma visão de mundo (...) [tentando] localizá-lo e baseá-lo socioculturalmente (...)” (p. 187).

Antes de apresentar a formulação proposta por Morin, é importante colocar que este autor também faz referência às noções de *episteme* de Foucault e de “paisagem mental” (*mindscape*), de Maruyama, para situar a sua definição de paradigma. A influência da noção de *episteme* está na indicação da amplitude que a noção de paradigma deve abarcar: todo o conhecimento, todo o pensamento, todo o sistema noológico. Com relação à ideia de *mindscape*, o seu interesse reside na sua radicalidade e universalidade, pois se aplica também à estética, à ética e à religião.

Considerado estes aspectos, para Morin (1992) um “grande paradigma controla não só as teorias e os raciocínios, mas também o campo cognitivo, intelectual e cultural onde nascem as teorias e raciocínios. Ele controla, além disso, a epistemologia que controla a teoria, e controla a prática decorrente da teoria” (p. 187). A sua definição está colocada da seguinte

---

<sup>5</sup> Sobre a determinação que o paradigma impõe às operações lógicas, ver em Morin (1992, p. 188-190).

forma: “um paradigma contém, para todos os discursos que se efetuam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias mestras de inteligibilidade, ao mesmo tempo em que contém o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos e categorias” (p. 188).

O autor destaca que esta definição se caracteriza por ser ao mesmo tempo semântica (o paradigma determina a inteligibilidade e dá sentido), lógica (determina as operações lógicas centrais) e ideo-lógicas (é o princípio primeiro de associação, eliminação, seleção, que determina as condições de organização das ideias). É por meio do caráter organizacional e generativo desses três aspectos que o paradigma controla, de modo inconsciente, a organização dos raciocínios e das ações dos indivíduos, das comunicações e dos sistemas de ideias (MORIN, 1992).

Como veremos, é pela lógica da disjunção e da redução imposta pelo grande paradigma que podemos considerar a existência de diferentes paradigmas, ou matrizes, atuando numa área do conhecimento como a psicologia, sendo que suas diferenciações são estabelecidas conforme a esfera de compreensão ou de extensão e os campos onde atuam. É nesse sentido que Figueiredo (1991), pautando-se na concepção kuhniana de paradigma, demarcou as matrizes do pensamento psicológico. Paradigmas diferentes constituem o campo de dispersão da psicologia. Na discussão paradigmática proposta por Morin (1992), também se reconhece o estabelecimento de paradigmas numa área de conhecimento. Entretanto, a profundidade, a amplitude e a precisão da noção de paradigma de Morin ultrapassam as limitações presentes na noção de Kuhn (2007). Em termos de amplitude, abarca a cultura ocidental como um todo; em termos de precisão, explicita a relação entre o nível da teoria, da epistemologia e da lógica; e em termos de profundidade indica um grande paradigma que controla o estabelecimento de diferentes paradigmas, seja numa cultura ou numa área do conhecimento.

Para Morin, a questão central é a existência de um grande paradigma do Ocidente caracterizado pela separação entre o sujeito e o objeto e as demais que se seguem (alma e corpo; espírito e matéria; qualidade e quantidade; finalidade e causalidade; liberdade e determinismo; existência e essência; sentimento e razão). Tal paradigma foi formulado por Descartes e imposto pelos acontecimentos e processos históricos ocorridos no continente europeu, desde o século XVII. A dicotomia entre sujeito e objeto restringe cada um à sua esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, para o primeiro, e a ciência e a pesquisa objetiva, para o segundo (MORIN, 1992).



O centro operacional deste paradigma está na prescrição da relação lógica que estabelece a disjunção, a partir da qual se determina os conceitos soberanos ou as categorias mestras de inteligibilidade. Descartes foi o conceptor, em toda sua radicalidade, desta mentalidade fragmentária que marcou a história do Ocidente moderno, “colocando alternadamente o universo objetivo aberto à ciência e o *cogito* subjetivo irresistível, irreduzível, primeiro princípio da realidade” de um sujeito transcendental fechado às reflexões filosóficas (MORIN, 1990, p. 60).

Com essa dicotomia, se estabelece, segundo Morin (1992), uma dupla visão de mundo ou um mundo dividido em dois mundos. Por um lado, um mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações. Por outro lado, um mundo de sujeitos que podem colocar seus problemas existenciais, de comunicação, de consciência, de destino como objeto de investigação. É o grande paradigma do Ocidente que estabelece a incomunicabilidade entre os supostos dois mundos. Os antagonismos entre subjetividade, individualidade, alma, sensibilidade, espiritualidade e objetividade, ciência, técnica, são determinados por um mesmo paradigma. Um paradigma que não é capaz de conceber a unidualidade da realidade humana (natural e cultural; cerebral e psíquica; individual e social), da realidade biológica (organização físico-química e auto-eco-organização; genótipo e fenótipo; inato e adquirido; indivíduo e espécie) e da realidade física (desordem e ordem; desorganização e organização) e do próprio mundo (material e espiritual).

Há, portanto, um grande paradigma que determina a existência da multiplicidade de paradigmas e a fragmentação do campo de conhecimento e que não foi descortinado na análise das matrizes do pensamento psicológico realizada por Figueiredo (1991), ainda que a separação entre sujeito e objeto tenha sido profundamente e extensamente tratada, denunciada e indicada como determinante na constituição dispersiva das matrizes. O autor chega a formular a tese “de que toda civilização ocidental e, em particular, a civilização moderna a partir do século XVII, a partir de Descartes então, está marcada por essa dissociação mente e corpo, sujeito e objeto, entre a atividade – prerrogativa do sujeito – e a passividade dos objetos” (FIGUEIREDO, 2003, p.107). No entanto, não considera esta divisão como o resultado das determinações de um paradigma que comanda os diversos paradigmas nas ciências.

Antes ainda de explicitarmos a relação entre a compreensão de um grande paradigma do Ocidente e o seu impacto na construção das matrizes de pensamento na psicologia, precisamos nos ater ao nó górdio deste paradigma. Conforme elucida Morin (1992), trata-se da profunda articulação entre o paradigma da ciência clássica e o grande paradigma do

Ocidente. É por meio do paradigma científico que o grande paradigma será profundamente implantado na “generatividade social (a cultura) e nos aparelhos genofenomenais, com, na primeira fila, o Estado”. Neste sentido, o autor afirma que “a generatividade da ciência e da sociedade coincidem num certo nível de profundidade, simultaneamente produtoras e produtos da enorme transformação fenomenal das sociedades modernas” (p. 197).

Não obstante a esta função operacionalizadora da ciência clássica, é o grande paradigma que irá impor os ditames para a sua constituição de maneira a estabelecer um paradigma de simplificação dentro dela. Este pode ser caracterizado por dois princípios: o de redução, que impõe uma visão atomística (que só busca por unidades elementares) e mecanicista (que só vê uma ordem determinista simples de grandes leis impecáveis); e o princípio de disjunção, que operando todo tipo de separação e exclusão - a começar pela principal: sujeito e objeto - mantém tudo aquilo que pode ser apenas objeto de verificação experimental e de inteligibilidade lógico-matemática e exclui tudo aquilo que é indicativo de uma complexidade presente nos fenômenos (o sujeito, a existência, a desordem, o acaso, as qualidades, as solidariedades, as autonomias etc.). Tal disjunção estabeleceu um paradigma interno “que isolou as ciências umas das outras, e, no seio destas ciências (física, biologia, ciências humanas), isolou também as disciplinas umas das outras, recortando, de maneira abstrata e arbitrária, o objeto de cada uma na malha solidária do real” (MORIN, 1992, p. 199).

Exposto em linhas gerais as ideias que fundamentam a discussão paradigmática proposta pelo pensamento complexo de Morin e sua distinção da concepção kuhniana adotada por Figueiredo, cabe agora voltar à discussão desenvolvida por este autor acerca das matrizes do pensamento psicológico. A intenção é formular e apresentar uma hipótese para a constituição dispersiva das matrizes, no que concerne à impossibilidade da articulação dos seus pressupostos e interesses, a partir dessa discussão realizada entre as duas concepções de paradigmas expostas até aqui.

### **1.3 Matrizes do pensamento psicológico por Luiz Claudio Figueiredo e a hipótese para a dispersão da psicologia à luz do pensamento complexo**

Para apresentar um quadro geral de matrizes de pensamento que estruturam o espaço psicológico, Figueiredo (1991) partiu da análise da constituição das noções de sujeito/subjetividade e indivíduo e dos seus desdobramentos na Idade Moderna. Mediante esta análise, o autor coloca que o projeto de tornar a psicologia uma ciência independente estabeleceu uma situação antagônica. Por um lado, defender seu objeto próprio (a vida

subjetiva e a singularidade do indivíduo) que poderia dar-lhe a independência, o impedia de ser uma ciência legítima, pois para isso exigia-se que seu objeto se submetesse aos requisitos do método experimental. Por outro lado, a exigência de tal método o impedia de estabelecer a especificidade do seu objeto, já que a subjetividade não era passível à experimentação. Esta situação instituiu um campo de divergência, reflexo das contradições desse projeto “que, por sua vez, enraízam-se na ambiguidade da posição do sujeito e do indivíduo na cultura ocidental contemporânea” (p. 22)

Observando o contexto de nascimento da psicologia moderna, conforme elucidado por Figueiredo (1991, 2003, 2013), estabeleceram-se dois grandes grupos de matrizes do pensamento psicológico, com suas subdivisões internas marcadas por oposições. De um lado, temos as matrizes científicas, nas quais estão as propostas de psicologias concebidas e praticadas como ciência natural na perspectiva da ciência clássica do século XIX. Nelas está a crença numa ordem natural do mundo e dos fenômenos, regida por leis gerais que podem ser conhecidas e assim explicar os fenômenos. Estas propostas são pensadas a partir do modelo de outras ciências naturais, como, por exemplo, a biologia, buscando um conhecimento capaz de controlar e prever os fenômenos psíquicos e comportamentais, entendidos como eventos naturais e, por isso, passíveis da objetividade e positividade. As matrizes assim classificadas são a nomotética e quantificadora, atomística e mecanicista e a funcionalista e organicista.

Do outro lado, encontramos as matrizes constituídas a partir do pensamento romântico, para as quais o objeto da psicologia são formas expressivas, isto é, as ações, produtos e obras de uma subjetividade singular - dotada de significado e valor - que se expressa por meio deles e podendo, assim, ser conhecidas. A meta deste conhecimento é a compreensão das formas expressivas como modos de comunicação, que se dá na possibilidade de ser apreendida pelo sujeito cognoscente, via interpretação. Podendo, desta forma, ampliar a capacidade de comunicação entre os sujeitos e de cada um consigo mesmo (FIGUEIREDO, 1991, 2003, 2013).

Dessas matrizes românticas, destacam-se as pós-românticas, as quais mantêm a perspectiva do estudo das formas expressivas e a meta da compreensão, só que entendidas a partir da ideia de que os sentidos dos atos, dos produtos e das obras não são apenas aqueles acessíveis diretamente pela consciência do sujeito que os vive, assim como no seu discurso apresentado ao outro. Para essas matrizes, há sentidos por trás de sentidos e ainda os mecanismos geradores de sentido, isto é, essa produção simbólica tem a sua lógica própria. Para tanto, seria necessário estabelecer métodos, técnicas e critérios interpretativos que

possibilitassem uma compreensão não imediatista dos outros e do sujeito consigo mesmo (FIGUEIREDO, 1991, 2003, 2013).

São três as grandes linhas compreensivas que estão entre as matrizes românticas e pós-românticas. Destas três, apenas o historicismo ideográfico é claramente uma matriz romântica, fundamentada na hermenêutica. Os estruturalismos e a fenomenologia são matrizes pós-românticas, se opondo, cada qual com suas especificidades, à única matriz especificamente romântica. Para os primeiros, trata-se de uma lógica que subjaz nas próprias mensagens, nas próprias formas. Para os segundos, considera-se uma lógica que está presente na constituição da subjetividade, das condições filosóficas e transcendentais de produção da vida simbólica. Além destas três, são ainda destacados os existencialismos como matrizes que estão, relativamente, ao lado da fenomenologia.

Ao examinar os pressupostos ontológicos e epistemológicos, assim como os métodos empregados pelas diferentes matrizes para compreender a realidade e produzir um conhecimento válido acerca da realidade, verificam-se diferenças muito significativas que explicam a dispersão do campo da psicologia. Então, se é possível considerar as diferentes matrizes como paradigmas distintos no campo da psicologia, podemos considerar a hipótese de que a primeira grande divisão indicada por Figueiredo (1991, 2013) entre matrizes científicas e matrizes românticas e pós-românticas é estabelecida pelo o que Morin (1992) designa como o grande paradigma do Ocidente. Controlando a epistemologia e a lógica pelo princípio da disjunção, este grande paradigma impõe a partir do núcleo de cada matriz o fechamento das suas concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas em si mesmas, excluindo umas às outras. Determinando uma dupla visão do mundo, temos um mesmo mundo dividido em dois: por um lado, pelos objetos manipuláveis experimentalmente; e por outro lado, um mundo de sujeitos que colocam a si próprios as questões da existência relativas à comunicação e à compreensão; o primeiro pertencente à esfera da ciência clássica com a investigação objetiva, e o segundo à filosofia com a investigação reflexiva, ainda que se encontrem investigações objetivas entre os estruturalistas.

Além disso, ao estabelecer o paradigma simplificador no seio do paradigma da ciência clássica, o grande paradigma estabelece seu controle e com isso, a dispersão de matrizes científicas: principalmente entre atomismo-mecanicista e funcionalismo-organicista; esta última com seus desdobramentos no inatismo e ambientalismo (FIGUEIREDO, 1991). No contexto das matrizes românticas e pós-românticas, que tem em comum a problemática da expressão, o paradigma simplificador irá separar os estruturalismos científicos do historicismo ideográfico fundamentado na hermenêutica. E na sua atuação mais ampla, que

separa o conjunto das ciências e da filosofia, o grande paradigma do Ocidente irá determinar o propósito da fenomenologia de estabelecer uma prática científica rigorosa para as ciências humanas, como “ciências eidéticas” (DARTIGUES, 2005) ou como ciência do sujeito transcendental (FIGUEIREDO, 1991), que não assume a complexidade do realismo empírico e desconsidera os pressupostos da ciência clássica.

Temos assim a hipótese de que o grande paradigma do Ocidente, e seu desdobramento como paradigma simplificador das ciências clássicas, ocultamente atuando nos núcleos das matrizes e também nos sistemas de ideias da psicologia, formulados a partir das matrizes, estabelece este “campo de dispersão” mapeado na análise de Figueiredo (1991). Esta hipótese pode ser reforçada pelas discussões empreendidas por Neubern (2001, 2002, 2003, 2004, 2005) acerca da existência de um paradigma dominante na psicologia clínica.

#### **1.4 As determinações do paradigma dominante na psicologia clínica**

Seguindo principalmente as ideias de Edgar Morin e de Boaventura de Souza Santos acerca da influência da racionalidade moderna na formação da psicologia clínica, enquanto disciplina científica, Neubern (2001, 2002, 2003, 2004, 2005) utilizará a expressão “paradigma dominante” para se referir ao “grande paradigma do Ocidente”, como assim denominou Morin (1992).

Em suas formulações, Neubern parte do pressuposto de que, embora seja possível reconhecer a variedade de matrizes presentes no pensamento psicológico, se referindo a Figueiredo, “é possível conceber também um paradigma dominante na psicologia clínica, que não se expressa totalmente em algumas de suas escolas, mas que impõe diferentes noções de sua racionalidade sobre a mesma” (2004, p. 19). Não obstante a sua referência ao trabalho de Figueiredo (1991), cabe aqui fazer um esclarecimento sobre as diferenças das análises empreendidas por esses dois autores.

Neubern (2001, 2002, 2003, 2004) realiza uma análise epistemológica indicando a influência dos pressupostos do paradigma dominante (ordem, determinismo linear, isomorfismo, regularidade, universalidade, previsibilidade, controle) nas teorias da psicologia clínica, entendidas na ótica moriniana, enquanto sistemas de ideias, e na construção dos seus objetos de estudo, tomados num quadro geral. Por sua vez, Figueiredo (1991, 2013), como já indicamos, organiza as diferentes matrizes a partir dos pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos que determinam as especificidades das diferentes teorias do campo da psicologia como um todo, isto é, do que está por trás das teorias, as matrizes ou

paradigmas. Ou seja, enquanto Figueiredo indica os diferentes paradigmas ou matrizes que subjazem às teorias, Neubern está apontando para um paradigma (dominante) que influenciou todo o campo da psicologia clínica, a ponto de impedir que a subjetividade fosse assumida como objeto de estudo a partir de noções ligadas a qualidade, heterogeneidade, irregularidade, singularidade e contradição, que caracterizam a sua complexidade.

A atuação do paradigma dominante para Neubern (2004) é generalizada para as escolas que compõem a psicologia clínica, quais sejam: “psicanálise, o humanismo, a fenomenologia, o behaviorismo, a sistêmica e suas respectivas derivações” (p.19). Em sua compreensão, o impacto se deu na tendência destas escolas construírem teorias que buscavam visibilidade a partir de um *status* de verdade, de operações cognitivas que estabeleciam a generalização de categorias consideradas universais e definitivas e da simplificação, que possibilitava revelar a natureza do psiquismo humano. Em outras palavras, essas teorias seguiam o modelo clássico de teoria estabelecido pela racionalidade científica, sem realizar uma reflexão epistemológica dos seus pressupostos.

Apesar de fazer referência ao behaviorismo, que assume explicitamente seu compromisso com a racionalidade científica, a análise do autor incide principalmente nas escolas que assumiram como seu objeto de estudo aspectos que estão relacionados à subjetividade humana. Isto é, sua análise está preocupada com o impacto do paradigma dominante nas escolas e teorias da psicologia clínica que, mesmo não tendo se balizado pelos pressupostos da racionalidade científica, ainda assim acabaram refém deles. Nesse sentido, essa análise vem contribuir com a compreensão de como o grande paradigma do Ocidente, considerado como aquele que estabeleceu a divisão das matrizes românticas e pós-românticas, atuou no nível dos sistemas de ideias ou teorias da psicologia clínica que elegeram a subjetividade como objeto de estudo.

Juntando as análises dos dois autores, temos a visão da atuação do grande paradigma e do seu desdobramento como paradigma científico simplificador. Primeiro, no nível das matrizes, com a divisão das duas principais (matrizes científicas e matrizes românticas) e depois nas suas subdivisões. Segundo, no nível das teorias, mesmo elas elegendo a subjetividade como seu objeto, no entanto determinando a proliferação das teorias na psicologia clínica (psicanálise, o humanismo, a fenomenologia, o behaviorismo, a sistêmica, o cognitivismo), cada uma sendo influenciada por uma ou mais matrizes.

Para melhor explicitar esta situação da psicologia clínica, podemos ainda aproveitar a análise de Neubern (2003, 2004) no que concerne à questão da formulação dos objetos de estudos das psicologias clínicas.

Conforme expõe o autor, em virtude dos sistemas de ideias da psicologia clínica precisarem se legitimar cientificamente, a noção de subjetividade acabou sendo convertida em noções disjuntas e reducionistas de psiquismo, de modo a estabelecer polarizações dicotômicas entre, por exemplo, corpo e psiquismo, biologia e cultura, aspectos inconsciente e consciente, internos e externos, históricos e atuais. Esta tendência foi marcada pela busca das unidades elementares, ou como coloca o autor, pelos “átomos do psiquismo humano” (NEUBERN, 2003, p. 43). Interessante notar que esta afirmação permite relacionarmos a presença da matriz atomista e mecanicista nas teorias que assumiam a subjetividade.

Como reconhece Neubern (2003, 2004), no entanto, a psicologia clínica se distanciou de uma proposta explícita de atomização, buscando conferir certa totalidade às representações de psiquismo. De qualquer forma, as teorias delimitavam pontos específicos do psiquismo, desconsiderando a complexidade dos seus processos, isto é, das relações entre diferentes aspectos que constituem a subjetividade humana, promovendo, de fato, um reducionismo considerável e uma explicação totalitária a partir de um único aspecto.

Diante dos esforços de análise do campo de conhecimento da psicologia como um todo e da psicologia clínica em específico, realizadas por Figueiredo e Neubern, torna-se possível reconhecer a existência de um grande paradigma que prescreve a disjunção como a lógica relacional entre os conceitos soberanos, a começar pela relação entre sujeito e objeto. Este paradigma controlou e controla a construção das teorias e dos raciocínios que as formularam e ainda formulam. Controla também a epistemologia, a qual determina a teoria e a prática decorrentes dela, e controla ainda a lógica que sustenta toda a sua estrutura. As consequências da sua atuação são a fragmentação do campo de conhecimento da psicologia e a impossibilidade ou, no mínimo, a criação de resistências severas a diálogos articuladores das diferentes posições epistemológicas, teóricas e metodológicas, considerando, sobretudo, aquelas que se apresentam como antagônicas.

Não por acaso, como evidencia Figueiredo (1991), as tentativas de unificação do campo da psicologia nas diferentes propostas de Lagache e Brunswik, bem como no esforço conjunto de Harré e Secord, não alcançaram uma formulação epistemológica e teórica que permitissem assumi-las como importantes referências para uma unificação. E, por isso mesmo, não apresentaram maiores produtividades do que as linhas independentes de pesquisa e teorização, sejam elas das matrizes científicas ou das matrizes românticas e pós-românticas.

As dificuldades de continuação e estabelecimento de propostas de unificação da psicologia (FERREIRA, 2007; SILVA, 2016) devem ser compreendidas como mais uma

evidência da atuação do grande paradigma. Acreditamos que enquanto não for alcançada uma outra forma de conceber a realidade e produzir o conhecimento, não será possível, de fato, chegar ao delineamento de um projeto de integração da psicologia, alcançando a unidade na diversidade, e nem a uma complexa concepção da subjetividade humana, questão específica para qual se volta esta pesquisa.

Todavia, ao observar os grandes temas que surgiram na ciência e na filosofia ao longo do século XX, chamam a atenção as ideias de sistema e de complexidade. Talvez seja possível dizer que estes temas revelem o *zeitgeist*, o espírito da época ou o espírito desses últimos tempos.

Estando essa percepção correta, talvez devamos apostar na proposta de caminhar para um pensamento que permita conceber uma outra maneira de compreender o mundo, precisamente, a que as visões sistêmica e complexa anunciam. Um pensamento que integre a análise, mas não se submete a ela como a norma imperativa, como assim ficou delineado nas regras epistemológicas apresentadas para o progresso do conhecimento científico no “Discurso do método” de Rene Descartes (1985). E que, principalmente, possa ultrapassar o modo fragmentado do grande paradigma do Ocidente conceber o mundo.

Os movimentos deste outro modo de pensar devem oscilar entre a análise e a síntese (lógico e analógico; explicação e compreensão), como no movimento do pêndulo, e deve girar/circular entre as esferas física, biológica e antropossociológica do conhecimento estabelecendo pontos de articulação, como no movimento da espiral. Nestes movimentos do pensamento, torna-se viável realizar giros cada vez mais articulados e amplos entre as esferas do conhecimento. E também tecer um fio, que como o da aranha, liga diferentes pontos para construir sua teia (uma casa circular), neste caso a teia do conhecimento.

Estas características estão presentes, justamente, no pensamento complexo proposto por Edgar Morin (1984, 1990, 1992, 1996c, 1997, 1999, 2000). Com este pensamento abre-se um caminho, um caminhar (conforme o significado da ideia de método) para elaborar uma complexa concepção sobre a subjetividade humana. Com a finalidade de justificar a necessidade da epistemologia complexa para essa elaboração, que para a presente pesquisa é a noção de *corporeidade/subjetividade* humana, apresentaremos, em linhas gerais, sua cosmovisão e, conseqüentemente, sua proposta de uma teoria aberta.



## 1.5 Uma introdução epistemológica e ontológica ao pensamento complexo para a fundamentação de uma concepção de subjetividade humana

A noção de *corporeidade/subjetividade* humana, que aqui será proposta, está situada numa cosmovisão delineada pelo pensamento complexo de Edgar Morin. Esta cosmovisão é o resultado dos desenvolvimentos teóricos realizados por este autor a partir, principalmente, das teorias da informação, da cibernética, dos sistemas e da auto-organização e das discussões no campo da termodinâmica, situadas no arcabouço do pensamento filosófico ocidental e do conhecimento científico moderno. Nela são articuladas, de modo complementar e antagônico, as noções de ordem, desordem, organização e desorganização, estando no seio da organização o uno e o diverso. A inter-relação e a constelação destas noções numa visão sistêmica e elaboradas, mais especificamente, a partir do arcabouço teórico-conceitual chave da física, da biologia e das ciências humanas e sociais (antropossociologia) e levadas ao tratamento propriamente epistemológico, conduziram Morin (1984, 1990, 1996a, 1996c, 1997) a formular a proposta de uma epistemologia complexa.

Esta epistemologia, enquanto modo de produzir o conhecimento, de gerar uma forma de pensar, tem como característica principal, ao lado da ideia de complexidade (tecer junto as partes que compõem o todo), o pensar aberto. Isto é, um pensamento que considera o *devenir* (o vir a ser) dos fenômenos e que por esta razão destaca o retorno do acontecimento (MORIN, 2000). A noção de acontecimento, utilizada para designar outras noções (improvável, acidental, aleatório, singular, concreto, histórico etc.) e articulada às noções destacadas acima, possibilita o autor indicar a hipótese de uma *physis* e um *cosmos* singular e evolutivo (MORIN, 1997). Hipótese fundamentada nas ideias de catástrofe de René Thom e de anel tetralógico<sup>6</sup> do próprio Morin (1997) e com as quais ele concebe um universo nascido do caos, um universo que a um só tempo se desintegra e se organiza, e para o qual podemos assumir a ideia de que a desordem se põe ao serviço da ordem e da organização, sendo estes fenômenos centrais na cosmogênese.

---

<sup>6</sup> Esta noção é elaborada por Morin (1997) a partir dos desenvolvimentos teóricos da Física nos séculos XIX e XX, no que concerne, principalmente, às discussões relacionadas a Termodinâmica. Estas discussões impactaram a concepção de mundo que estava estabelecida pela física newtoniana. Abalando a ordem soberana presente desde o átomo à Via Láctea, a partir da qual se estabelece as noções de determinismo, lei e necessidade, vai se estabelecer a desordem como aspecto constituidor de uma nova concepção de mundo. Com o segundo princípio da Termodinâmica, que introduz a ideia de degradação da energia (entropia), a desordem e a desorganização passam a ser consideradas como elementos que participam da origem da realidade física, juntamente com a qual se dão a ordem e a organização. Como será apresentado o capítulo 3, a noção de anel tetralógico reuni desordem, interações, ordem e organização num princípio imanente de transformação e organização da *physis*.

Nessa perspectiva, a organização dispõe do princípio físico de seleção natural, a partir do qual pode-se considerar uma história da matéria física influenciada por um princípio de evolução em direção a uma maior complexidade organizacional. Princípios estes presentes nos processos morfogênicos de transformações físico-químicas que possibilitaram, entre outros fenômenos desta ordem, a constituição das partículas, dos átomos, das moléculas, macromoléculas e o surgimento da vida; esta última enquanto uma nova ordem de acontecimento (MORIN, 1997).

Nesse sentido, a evolução deve ser considerada, sobretudo, como um fenômeno da natureza cósmica, física, biológica e antropológica, que ainda precisa ser compreendido mais profundamente a partir do que Morin (2000) indica como uma ciência do devir. Esta ciência deve assumir a relação complexa (complementar, concorrente e antagônica) entre desordem, interações, ordem, organização e desorganização, desde a gênese dos fenômenos físicos, para alcançar as noções de acontecimento (improvável, acidental, aleatório etc.) e sistema-estrutura (regularidades, *patterns*) e situá-las nas discussões acerca da origem da vida, que se estendem em níveis superiores de complexidade na evolução das espécies, até os indivíduos e sociedades humanas.

Nessa cosmovisão, proposta pela epistemologia complexa, destaca-se o caráter incerto de todo conhecimento. Assumindo esta condição fundante do conhecimento, a epistemologia complexa aponta para a necessidade de elaboração de uma teoria aberta e de uma abertura teórica para a produção do conhecimento. Tal abertura está estabelecida na teoria da organização/sistema aberto, proposta por Morin, e desenvolvida ao longo da sua obra “O método”, e que utilizaremos aqui para desenvolver a noção de *corporeidade/subjetividade*. Nesta teoria são fundamentadas as noções de sujeito e objeto abertos, as quais ultrapassam a concepção moderna disjuntiva de sujeito metafísico e de objeto positivista, considerando a relação indissociável entre eles, ambos situados no meio ecossistêmico que os liga (MORIN, 1990, 1997).

O sujeito é o próprio ser humano auto-eco-organizado, que sendo ecologicamente aberto ao meio traz o mundo no seu interior orgânico e psíquico-mental, ao mesmo tempo em que está no interior do mundo, envolvido pelo meio ambiente organizador, ou seja, um ambiente participante da organização do sujeito. No entanto, esta relação não se constitui numa unidade harmoniosa, mas sim numa relação de perturbações mútuas, determinadas pelas limitações do sujeito cognoscente e pelas resistências dos objetos ao conhecimento (MORIN, 1990, 1997).

Estas noções de sujeito e objeto evidenciam suas brechas e apontam para um princípio de incerteza generalizada, o qual estabelece uma incerteza ontológica sobre essa relação. E é justamente esta condição ontológica de incerteza que anuncia a complexidade da relação sujeito-objeto e a necessária abertura para as duas noções: um sujeito aberto irresolúvel e um objeto aberto para o próprio sujeito e para o meio, e que está aberto para além do nosso entendimento (MORIN, 1990, 1997).

O esforço desta construção teórica para a complexa relação entre sujeito e objeto está exatamente no âmbito das reflexões epistemológicas. Nesta instância de discussão, se evidencia a necessária abertura epistemológica. Conforme propõe Morin (1984, 1990, 1996a), a abertura epistemológica é justificada pela necessidade da elaboração de um metaponto de vista a partir da consideração do nosso próprio conhecimento como objeto de conhecimento (conhecimento do conhecimento), permitindo a autoconsideração crítica do conhecimento e estabelecendo a reflexividade do sujeito cognoscente. Para uma epistemologia que possa criticar, ultrapassar e refletir a teoria, é necessário considerar o conhecimento do sujeito cognoscente de um ponto de vista ecossistêmico com suas determinações/condicionamentos. Isto é, examinar os caracteres bioantropológicos do conhecimento (formas cerebrais *a priori*; os modos de aprendizagem que se dão na relação com o meio: estratégias inventivas; e as formas subjetivas) e socioculturais do conhecimento (a influência do ecossistema social *hic et nunc*, o qual produz as determinações-condicionamentos ideológicos).

E é justamente o aprofundamento da compreensão destes determinantes/condicionamentos do conhecimento que revela o caráter incerto de todo o conhecimento. De acordo com Morin (1990), a incerteza de todo conhecimento está nas limitações do sistema cerebral humano (não há nenhum dispositivo que permite distinguir a percepção da alucinação e o real do imaginário), nas condições caracterizadoras do conhecimento do mundo exterior (haja vista que este está inscrito, principalmente, nos *patterns* inatos da organização) e na sociologia do conhecimento, que indica a condição relativa dos conceitos em virtude do jogo das forças sociais. E mesmo quando se busca o exame da teoria a partir do recurso lógico estabelecido pelo campo clássico da epistemologia, encontra-se a limitação e a brecha lógica estabelecida a todo sistema formal, pois, segundo o teorema de Gödel<sup>7</sup>, comporta pelo menos uma proposta que é irresolúvel.

---

<sup>7</sup> Para uma explicação acerca da importância dos teoremas da incompletude de Kurt Gödel para o pensamento complexo, ver em Morin “Racionalidade e lógica” (1992, p. 153-185) e “as limitações internas dos formalismos” (2014, p. 146-149).

Desta forma, podemos considerar a existência de uma brecha intransponível no acabamento do conhecimento, sempre marcada pela presença de algo que escapa ao sujeito-observador, isto é, pela presença de algo desconhecido em relação ao objeto investigado. Contudo, esta condição deve ser encarada como um incentivo à ultrapassagem do conhecimento e à constituição de um metassistema. Este, por sua vez, deve acompanhar a elaboração de uma teoria, que trazendo como noção fundamental a ideia de sistema aberto, deve estar sempre aberta. Isto, por efeito, estabelece a necessidade de um metassistema aberto que precisa de outro metassistema (MORIN, 1990).

Nesse sentido, podemos reconhecer a necessidade de uma epistemologia aberta, que não seja, como coloca Morin (1990), uma epistemologia que se julgue detentora de uma posição estratégica de controle soberano de qualquer conhecimento, mas sim uma outra, reconhecendo o lugar da incerteza e da dialógica. Uma epistemologia na qual as incertezas se confrontem e se corrijam umas às outras, interdialogando-se “sem que, todavia, se possa esperar tapar com adesivo ideológico a brecha última” (p. 69).

Tal epistemologia será fundamental para tratarmos da questão da subjetividade humana. Isto porque, como tentaremos situá-la, só podemos buscar alcançar a sua complexidade se considerarmos seu enraizamento ontológico numa *physis* de um Cosmos que parece ser, ao mesmo tempo, universo e acontecimento (MORIN, 1997, 2000). Enquanto universo, um Cosmos em sua unidade e constituído de traços constantes, regulares e repetitivos. Como acontecimento, um Cosmos originário de uma dispersão explosiva a partir da qual se dá uma expansão contínua e deflagradora de acontecimentos em cascatas, devendo ser considerado em sua singularidade fenomenal e em sua história evolutiva. Assim sendo, só uma epistemologia aberta pode estabelecer as condições necessárias para pensarmos uma subjetividade humana aberta. Isto é, como um fenômeno que se situa na história evolutiva do Cosmos, estando entre o seu nascimento, entendido como acontecimento original, e o *continuum* transformismo fenomênico que o caracteriza.

Assumindo a hipótese de um Cosmos e uma *physis* ao mesmo tempo regular, singular e evolutivo, talvez possamos criar uma base epistemológica para dar alguns passos em direção à compreensão da emergência deste fenômeno denominado de subjetividade humana. Fenômeno resultante de cascatas de acontecimentos desde a gênese da matéria organizada (universo físico), a partir da qual emerge a vida (matéria auto-eco-organizada) e com ela um novo universo de acontecimentos já dotados da qualidade subjetiva. Entre acontecimentos e regularidades (sistema-estrutura) emergiram os seres vivos, subjetividades vivas que vão do mais simples unicelular até o ser humano, num processo constante de complexificação das

subjetividades. Neste percurso evolutivo da vida, a espécie humana é herdeira de uma complexa subjetividade dotada de uma dimensão orgânica, psíquica e mental, e emergindo delas, a consciência, última maravilha da subjetividade humana. Impulsionada pela evolução e determinada pelo *continuum* espaço-tempo, que impõe transformismos fenomênicos constantes, a subjetividade humana segue o seu *devoir*. Tudo isso indica a necessidade de concebermos uma noção complexa e aberta de subjetividade.

## **CAPÍTULO 2 - OS CONCEITOS DE CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO E DE SUBJETIVIDADE SOCIAL À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO**

Cada homem carrega em si a forma inteira da condição humana.  
Montaigne (1533-1562)

A obsessão principal da minha obra diz respeito à condição humana.  
Edgar Morin (O método, v. V, p. 14)

Iniciamos com este capítulo o desenvolvimento das ideias principais desta tese: os conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e de subjetividade social. Ao longo deste e dos próximos capítulos, buscaremos expor os aspectos teóricos-conceituais chaves para a elaboração desta proposta, todos eles fundamentados na obra “O método” de Edgar Morin (1992, 1996a, 1997, 1999, 2003, 2005), reunida nos seus seis volumes.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a definição geral e resumida do que entendemos sobre a corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e a subjetividade social. Para tanto, apresentamos, inicialmente, as definições de corporeidade anteriormente desenvolvidas, as quais foram um primeiro esboço e uma primeira tentativa preparatória para lançarmo-nos a este desafio aqui proposto. Além disso, buscaremos introduzir algumas das noções chaves da obra “O método”, pois elas são indispensáveis para dar sentido, desde já, à definição dos referidos conceitos. Na sequência dos capítulos, essas noções voltarão a ser objeto das discussões e serão mais desenvolvidas.

### **2.1 As primeiras definições de corporeidade e corporeidade/subjetividade humana: aproximações dos conceitos de *unitas multiplex*, *sistema/organização* e *autos***

Assumindo a obra “O método”, de Edgar Morin, como a sua base epistemológica e teórica, o conceito de *corporeidade/subjetividade* deve ser compreendido como uma elaboração teórico-conceitual, com a intenção de indicar as especificidades da subjetividade propriamente humana (antropossocial), estando, ao mesmo tempo, fundamentada e indissociavelmente relacionada a noções do mundo físico (*physis*) e do mundo biológico (*bios*). Esta condição física e biológica da subjetividade humana estabelece a sua relação indissociável com a corporeidade humana, como já indicado em trabalhos anteriores (JOÃO; BRITO, 2004; JOÃO, 2018, 2019a). Por esta razão, um conceito complexo de subjetividade só pode ser pensado e definido a partir da sua indissociabilidade com a corporeidade da qual

emerge em simultânea constituição e num *continuum*, conforme o significado atribuído a este termo na introdução.

Para iniciar a elaboração do conceito em questão, partindo da ideia de corporeidade e em seguida evidenciando sua relação indissociável e de continuidade com a subjetividade, se faz necessário explicitar a importante noção de sistema enquanto unidade complexa organizada<sup>8</sup>. Segundo Morin (1997, p. 102), um sistema é um conjunto de partes diferentes, unidas e organizadas e apresenta-se como “*unitas multiplex*”, isto é, paradoxo que permite compreender que “sob o ângulo do todo, é uno e homogêneo, considerado sob o ângulo dos constituintes, é diverso e heterogêneo”. Tal concepção implica a necessidade de considerar o sistema enquanto unidade complexa organizada, isto é, nem o todo (unidade) pode ser reduzido às partes (organização), assim como as partes não podem ser reduzidas ao todo, nem o uno ao múltiplo, nem o múltiplo ao uno. As noções de todo e partes e de uno e múltiplo devem ser concebidas em conjunto, de modo simultaneamente complementar e antagônico.

A noção de sistema<sup>9</sup> permite entendermos a corporeidade humana em sua multidimensionalidade, constituída a partir do que podemos denominar, seguindo o pensamento de Morin (1997), de processos emergenciais<sup>10</sup> ocorridos ao longo de toda a evolução que conduziu, como afirmam João e Brito (2004, p. 266), “a *physis*, o *bios* e a esfera antropossocial a sucessivos aumentos no grau de complexidade dos sistemas/organizações, a começar com a formação dos átomos, chegando, em nosso planeta, onde se dá a evolução das espécies, à emergência da espécie humana”. Neste sentido, a corporeidade guarda a herança de todo este processo evolutivo, configurada enquanto unidade complexa multidimensional, na qual podemos identificar diferentes dimensões ou níveis de organização constituindo

---

<sup>8</sup> A noção de sistema, enquanto unidade complexa organizada, aponta para a necessidade de se considerar um macroconceito trinitário indissociável: sistema/organização/inter-relação. Neste macroconceito, a noção de organização é a principal contribuição de Edgar Morin para complexificar a noção de sistema no sentido de superar reduções e apontar o caminho que reconheça a necessidade de um pensamento complexo. “É o nó que liga a ideia de inter-relação à ideia de sistema” (1997, p. 125). Deve ser concebida numa primeira definição como “a disposição de relação entre componentes ou indivíduos, que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível dos componentes ou indivíduos. A organização liga, de modo inter-relacional, elementos ou acontecimentos ou indivíduos diversos que, a partir daí, se tornam os componentes dum todo. Garante solidariedade e solidez relativa a estas ligações, e, portanto, garante ao sistema uma certa possibilidade de duração apesar das perturbações aleatórias. Portanto a organização: transforma, produz, liga, mantém” (p.101).

<sup>9</sup> Morin (1997) situa o conceito de sistema numa perspectiva que articula realismo e formalismo de um modo simultaneamente complementar, concorrente e antagônico. Isto é, por um lado, a noção de sistema reflete os caracteres reais dos objetos empíricos, por outro lado, “o sistema é um modelo ideal heurístico que se aplica aos fenômenos sem julgar previamente da sua realidade” (p. 132). Neste sentido, esta concepção só pode ser considerada na e pela transação sujeito/objeto, sem eliminar um pelo outro. Para a verificação do desenvolvimento destas ideias, ver em Morin (1997, p. 132-138).

<sup>10</sup> A noção de emergência significa que os produtos globais das atividades que formam os sistemas (unidade complexa organizada), desde o átomo ao *homo sapiens*, dispõem de qualidades próprias irredutíveis as suas partes isoladas, e as quais retroagem sobre as próprias atividades do sistema de que se tornam inseparáveis.

sistemas complexos, enquanto partes de um sistema complexo maior, que formam o todo do indivíduo-sujeito humano. Este, por sua vez, faz parte de sistemas complexos ainda maiores, as sociedades-culturas humanas, que, por sua vez, faz parte do sistema complexo da espécie humana, o qual compõe, ao lado dos sistemas das demais espécies e os constituintes geofísicos do ecossistema maior, a biosfera, o mais amplo sistema complexo que abarcar o todo dos muitos sistemas complexos que compõem o planeta Terra.

No primeiro momento em que buscamos desenvolver uma noção complexa da corporeidade humana, afirmamos que o ser humano deve ser compreendido como “ser complexo, estando todas as qualidades e dimensões pertencentes ao humano enraizadas em seu corpo. É por meio do corpo que podemos identificar a individualidade, a existência, o ser, os quais remetem à organização”. (JOÃO; BRITO, 2004, p.266). Nesta primeira definição, também apresentada desta forma em outras duas publicações (JOÃO, 2018, 2019a), não foi dado o devido destaque à relação indissociável da corporeidade com a subjetividade, ainda que, na sua fundamentação teórica, a subjetividade apareça como uma emergência daquela.

Com a intenção de dar continuidade ao desenvolvimento desta primeira concepção de corporeidade a partir desta condição fundante, qual seja, a da indissociabilidade entre corporeidade e subjetividade, dando o devido destaque a esta última, propomos uma primeira definição de *corporeidade/subjetividade* (JOÃO, 2019b) estritamente delineada e fazendo referência a fundamental ideia de auto-organização, a qual permitiu Morin (1999) desenvolver a noção paradigmática de *autos*. Desta forma, a *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano foi definida como “unidade complexa corpórea/subjetiva organizada, a partir da qual emergem as qualidades e dimensões pertencentes ao humano. Fundamentada no *autos*, macroconceito organizacional (multidimensional) - auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização informacional/computacional/comunicacional<sup>11</sup> - podemos identificar nesta uni/pluralidade corpórea/subjetiva o ser, a existência, a individualidade e a subjetividade: a condição de

---

<sup>11</sup> A explicação deste macroconceito não pode ser sintetizada num único parágrafo, pois cada um dos prefixos incluídos por Morin para compor a ideia de auto-organização são conceitos que exigem um desenvolvimento mínimo de um conjunto de ideias para sua definição, o que será realizado ao longo dos próximos capítulos. Entretanto, para aproximar o leitor deste macroconceito, podemos estabelecer as seguintes relações: o prefixo *geno* está relacionado aos processos genéticos e genéricos da infraestrutura biológica; o prefixo *feno* faz menção a dimensão fenotípica e fenomênica de todo ser vivo, isto é, o ser vivo em sua totalidade corpórea e subjetiva, em sua individualidade, subjetividade e singularidade e enquanto um fenômeno existente no mundo; o prefixo *ego* diz respeito a ocupação de um sítio egocêntrico por todo o ser vivo no mundo e também a sua autorreferência, qual seja, toda a ação de um ser vivo no mundo é referente a si mesmo, as suas necessidades, interesses e finalidades, uma ocupação que começa por ser corporal, delimitando seu espaço e seu lugar no mundo, fundando a condição de sujeito e sua subjetividade; o prefixo *eco* concerne ao ambiente como organizador de todo ser vivo, isto é, o ambiente constitui cada ser vivo, podemos dizer que o ambiente está em cada ser vivo; e, por fim, o prefixo *re*, o qual está relacionado aos diferentes processos biológicos de repetição, recomeço e recursão relacionados a todos os fenômenos e níveis da organização viva (em síntese: indivíduo, espécie e sociedade) e a vida no seu conjunto (biosfera).



indivíduo-sujeito humano vivo” (p. 5). Apresentaremos as primeiras explicações desta definição já nos próximos parágrafos, no entanto, sua elucidação mais detalhada será realizada ao longo dos capítulos que compõem a primeira parte desta tese.

Sendo um fundamento paradigmático formulado por Morin (1999) para pensar a condição humana, a noção de *autos* deve ser também relacionada ao nível sistêmico da sociedade e da cultura. Ela possibilita abarcar tanto a condição específica do indivíduo-sujeito humano quanto da sociedade e da cultura, indo de uma à outra sem realizar reducionismos. Neste sentido, Morin (1992, 1999) propõe a noção geral de auto-sócio-eco-organização, com a qual buscaremos delinear uma noção de subjetividade social em articulação com a subjetividade individual. A sua fundamentação também será apresentada ao longo desta primeira parte da tese.

## **2.2 O *continuum* corporeidade/subjetividade e os três níveis de emergência da subjetividade humana**

Retomando a indissociabilidade entre corporeidade e subjetividade, partindo do ponto de vista do indivíduo-sujeito humano, devemos identificar uma unidade complexa organizada ou um sistema. A unidade complexa organizada entre corporeidade e subjetividade expõe a relação indissociável entre estas duas dimensões do ser humano em sua individualidade, constituindo uma organização/sistema que poderíamos denominar de “corposubjetividade”. Contudo, ao buscarmos dar o devido destaque para a relação entre estas duas dimensões, faz-se necessário identificar a multiplicidade de dimensões da subjetividade, conforme a noção de *unitas multiplex* permite fundamentar.

A primeira dimensão da subjetividade humana está no próprio organismo biológico. A corporeidade, enquanto organismo, já é dotada de uma forma de subjetividade celular e intercelular. Conforme indicado pela noção de *autos* destacada acima, o organismo deve ser entendido a partir da auto-organização do ser celular e das suas inter-relações que se dão mediante a computação. Conforme será elucidado ao longo da fundamentação deste conceito, a noção-chave de computação proposta por Morin (1999), relacionada ao tratamento da informação (ocupar-se de signos, índices e dados) pelo ser celular, permite-lhe desenvolver um princípio de identidade complexo para fundamentar a noção de sujeito/subjetividade a partir da atribuição da condição egocêntrica e autorreferente para todo ser vivo, a começar pelos unicelulares e alcançar cada ser celular e todo o organismo dos seres pluricelulares, entre os quais encontram-se os humanos.

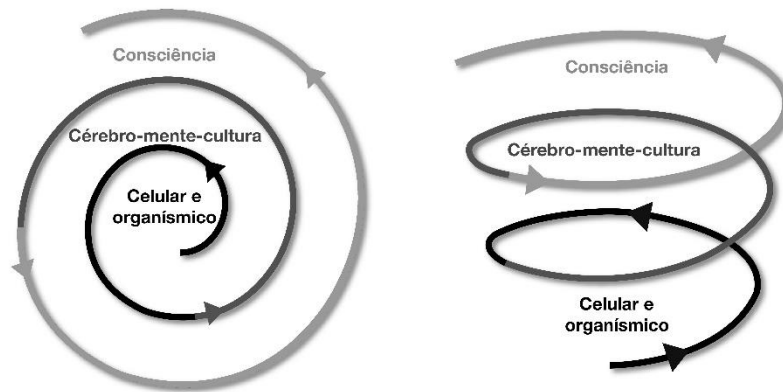
Justificando a ideia de *computo* celular, este princípio de identidade permite chegar a compreensão de que desde o unicelular pode-se abstrair uma espécie de princípio informativo “eu sou eu mesmo” em sua auto-organização. Neste sentido, pode-se afirmar que a subjetividade tem seu primeiro nível de emergência no ser unicelular, bem como no ser celular e em suas inter-relações celulares, sendo dotado, então, da qualidade de sujeito e estando na condição de indivíduo, isto é, cada unicelular ou cada célula já é um indivíduo-sujeito. Por esta razão, é possível reconhecer que desde o nível orgânico há uma subjetividade que emerge concomitantemente ao crescimento e desenvolvimento do organismo humano.

Não se restringindo a este primeiro nível e correspondendo aos níveis de complexificação da condição de sujeito, seja filogenética (dos unicelulares à espécie humana) ou ontogeneticamente (do ser celular ao organismo de um ser humano em seus diferentes momentos de desenvolvimento), a subjetividade do indivíduo-sujeito humano também emerge em dois outros níveis diferentes de sua individualidade: na atividade cérebro—mente<sup>12</sup>, imersa numa cultura, e na consciência. Assim, a relação entre corporeidade e subjetividade deve ser pensada a partir de três níveis de emergência e de organização da subjetividade no indivíduo-sujeito humano, mantendo sua unidade a partir da relação retroativa e recursiva<sup>13</sup> entre os três níveis. Cada um desses níveis guarda sua relativa autonomia, estabelecendo fronteiras entre eles e indicando que, mesmo articulados e dependentes entre si, não desenvolvem uma relação de linearidade entre si, mas sim uma relação de circularidades abertas como numa espiral e, ao mesmo tempo, dotadas de um fecho que permite delimitar um funcionamento próprio e com certa independência.

---

<sup>12</sup> A expressão cérebro-mente utilizada por Morin pode ser considerada como uma expressão genérica muito utilizada nas discussões do campo da filosofia da mente, consolidado no século XX, mas tendo sido o resultado de uma história milenar que nos remete a Platão, precursor do dualismo ontológico e do debate acerca da relação entre o que denominamos hoje de mente e cérebro (corpo). Este campo do conhecimento filosófico contemporâneo tem sido desenvolvido a partir de investigações interdisciplinares, articulando ciências e reflexão filosófica. Ao longo deste trabalho, o leitor encontrará a citação desta expressão genérica como também de outras expressões relacionadas a conceitos como aparelho psíquico, sistema psíquico e sistema mental, que foram elaborados nesta tese. Podemos considerar estes diferentes conceitos como aspectos específicos do que se denomina genericamente como cérebro-mente ou mente-cérebro.

<sup>13</sup> As noções de retroação e recursão são fundamentais para concebermos a unidade múltipla da corporeidade/subjetividade do indivíduo e da sua relação com a subjetividade social. A definição de recursão foi apresentada na introdução, quando tratávamos da questão do método proposto por Edgar Morin. Enquanto um dos três princípios da epistemologia complexa, permite reconhecer os processos onde os produtos e os efeitos são necessários à sua produção e à sua causação (MORIN, 1996a). A noção de retroatividade ou retroação traz a ideia de que o todo retroage, enquanto todo sobre os momentos e elementos particulares dos quais surgiu (MORIN, 1997).



**Figura 1** - Os 3 níveis de emergência da subjetividade humana.

Considerando a emergência da subjetividade no indivíduo-sujeito humano, o primeiro nível se dá nas miríades de interações entre as células que constituem o organismo, guardando uma relativa autonomia do aparelho neurocerebral e do fenômeno da consciência, enquanto atividade reflexiva mediada pela linguagem, ainda que mantenham relações de retroações e recursividades. Este primeiro nível justifica a afirmação de que organismo e subjetividade se constituem simultaneamente. As inter-relações computacionais entre os indivíduos-sujeitos celulares constituem uma individualidade e uma subjetividade organísmica de primeiro nível que está presente em todos os seres vivos pluricelulares (plantas e animais), o que inclui os animais humanos.

É no segundo nível de emergência da subjetividade que podemos identificar características propriamente humanas, pois ela emerge a partir da relação entre o aparelho neurocerebral e a cultura. Desta relação, emerge o psiquismo, nível cerebral-cultural de subjetividade parcial e superficialmente consciente, proveniente de atividades inconscientes. Devemos também considerar, desde o primeiro nível de emergência da subjetividade, a existência de um protopsiquismo orgânico, mas não cerebral, presente em cada ser celular e nas inter-relações celulares, uma herança filogenética presente desde os unicelulares. Este protopsiquismo estabelece uma relação de retroação e recursividade com o psiquismo cerebral-cultural.

A mente/espírito<sup>14</sup> emerge simultaneamente com o psiquismo, e com o qual mantém uma relação indissociável. A mente/espírito é a “esfera das atividades cerebrais em que os

<sup>14</sup> Na obra “O método”, em francês (La méthode), Morin (2003, p. 34) utiliza a palavra “esprit” em virtude de uma carência da língua francesa que “compactou neste termo duas entidades diferentes e ligadas: a *mens* latina (*mind*, mente) e o espiritual (*spirit*, *spirito*, *espíritu*)”. Como esclarecimento a esta questão o autor afirma que “quando digo “espírito”, quero dizer mind, como todas as qualidades diversas que dela surgem, entre elas o *ingegno* de Vico (aptidão combinatória, inventiva)”. E como buscaremos evidenciar de forma específica, ao

processos computantes assumem forma cogitante, isto é, pensamento, linguagem, sentido, valor, e onde são atualizados ou virtualizados fenômenos de consciência” (Morin, 1996a, p. 80). O psiquismo é o aspecto individual-subjetivo das atividades da mente/espírito, a partir do qual se constituem os atributos afetivos, oníricos, fantasmáticos da atividade mental/espiritual. E da mesma forma que a atividade mental/espiritual retroage sobre o aparelho neurocerebral ramificado, em todo o organismo, pelo sistema nervoso periférico, o psiquismo cerebral-cultural também retroage sobre todo o organismo, estabelecendo a relação já indicada com o protopsiquismo. Neste sentido, como será evidenciado posteriormente, a *corporeidade/subjetividade* humana é dotada de um duplo aparelho (Morin, 1996a): neurocerebral e psíquico, este último reunindo a indissociabilidade e continuidade entre os fenômenos psíquicos e mentais/espirituais.

O terceiro nível de subjetividade é aquele que Morin (1999) afirma ser o nível radicalmente novo: o da consciência. Para este primeiro momento, podemos definir a consciência enquanto aquilo que emerge do pleno desenvolvimento da mente: a sua própria reflexividade, implicando dois ramos que estabelecem uma relação na qual uma parece estar incluída na outra: o das atividades cognitivas ou práticas e da consciência de si (MORIN, 1996a).

Esta concepção de subjetividade humana, de fundamentação bio-lógica, isto é, seguindo a lógica própria do ser vivo, possibilita ressaltar a sua globalidade, a sua espessura e a sua multidimensionalidade. Estes três níveis mantêm uma relação indissociável e em forma de anel, constituindo um anel recursivo no qual a subjetividade, como um todo, é produto e efeito de cada um dos três níveis, ao passo que se torna causa e produtora de cada um dos três níveis, o que permite manter a unidade indivisível do indivíduo-sujeito humano.

### **2.3 As definições dos conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e de subjetividade social**

Na intenção de evidenciar a multidimensionalidade do indivíduo-sujeito humano, apresentamos uma noção de corporeidade/subjetividade organizada em três dimensões, cada qual sendo um (sub)sistema específico de um sistema global ou de uma unidade complexa

---

longo deste trabalho, a mente ou espírito deve ser considerado como um complexo. No nível da sua relação com a corporeidade, enquanto organismo, emerge da relação recursiva entre as atividades cerebrais e a cultura. Estaremos utilizando a expressão composta *mente/espírito* para manter esta referência ao original em francês.

organizada e articulando os três níveis de emergência da subjetividade. Passamos, então, à definição de cada uma das dimensões ou sistemas.

A primeira dimensão é a orgânica-sensório-motora, que guarda o primeiro nível de emergência da subjetividade, o protopsiquismo das miríades de interações entre as células que constituem o organismo, bem como é determinada recursivamente pela atividade do psiquismo neurocerebral-cultural e sua participação em toda ação motora. A partir da inter-relação destes dois níveis de subjetividade e ainda da participação intermitente e lampejante do terceiro nível, a consciência, constituem-se as configurações denominadas somáticas → subjetivas<sup>15</sup>, articulando os três (sub) sistemas, este, o orgânico, e os outros dois, o psíquico e o mental/espiritual, conforme propomos a seguir.

A segunda dimensão é a psíquica-afetiva-relacional, um primeiro sistema de elaboração psíquica, com uma função já expressiva e comunicativa, não verbal (corporal) e verbal, relacionado ao segundo nível de emergência da subjetividade e que gera, conjuntamente com o sistema mental/espiritual, configurações subjetivas/somáticas. Estas são constituídas por processos afetivos e por produções de sentidos formados pelos aspectos fantasmáticos, imaginários e oníricos do pensamento simbólico/mítico/mágico e por uma linguagem gerada por esta forma de pensamento, compondo o todo das atividades mentais.

A terceira dimensão é a mental/espiritual<sup>16</sup>, um segundo sistema de elaboração psíquica, também relacionado ao segundo nível de emergência da subjetividade, constituído pelas atividades cognitivas que envolvem a inteligência propriamente humana, o pensamento racional/empírico e uma linguagem desta mesma natureza, que vão participar da produção de sentidos que compõem as configurações subjetivas/somáticas e que possibilitam o terceiro nível de emergência da subjetividade: a consciência. Sendo, ao mesmo tempo, uma emergência relacionada a indissociabilidade e continuidade entre as três dimensões, a consciência é um fenômeno radicalmente novo, possibilitado por esses atributos da terceira dimensão da *corporeidade/subjetividade* do ser humano.

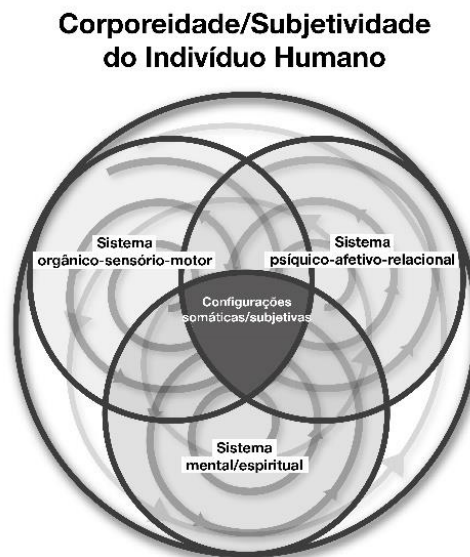
Da mesma forma que os três níveis de emergência da subjetividade segue o princípio da relação circular/espiral aberta e dotada de fecho para o funcionamento interconectado,

---

<sup>15</sup> Esta noção deve ser compreendida a partir da inteligibilidade do pensamento complexo, isto é, considerando a relação entre o somático e o subjetivo como sendo indissociável, contínua, emergentista e rotativa, conforme representada na figura proposta. Ao longo do texto, será utilizada a expressão configuração somática/subjetiva como representativa da figura proposta, com a rotatividade ou circularidade entre os termos somático e subjetivo, de acordo com a preponderância de um ou outro nível na discussão empreendida em cada momento do desenvolvimento das ideias desta pesquisa.

<sup>16</sup> Estamos utilizando a expressão mente/espírito para manter a referência ao termo original utilizado por Morin, na obra em francês e, aqui, ela está denominando um dos sistemas da *corporeidade/subjetividade* humana e não o conjunto da atividade cérebro-mente/espírito.

interinfluyente e relativamente independente de cada um dos níveis, cada uma destas dimensões funcionam como sistemas, ao mesmo tempo, dependentes e relativamente autônomos. A particularidade desta proposta conceitual está na ideia de que o sistema mental/espiritual guarda o segundo e o terceiro nível de emergência da subjetividade, conforme destacado acima. Esta diferença se dá pela necessidade de levar em consideração os dois níveis de elaboração psíquica, derivados das duas formas de pensamento (simbólico/mítico/mágico e racional/empírico) como dois sistemas distintos, constituindo o conjunto da atividade cérebro-mente. Conforme apresentado anteriormente, Morin (1999) mantém juntos estes dois níveis de elaboração psíquica, destacando-os como a atividade cérebro-mente-cultura, correspondendo ao segundo nível de emergência do sujeito/subjetividade, e a consciência como o terceiro nível.



**Figura 2** - Os 3 sistemas e as configurações somáticas/subjetivas da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

Analisada na perspectiva do indivíduo-sujeito humano, são estas três dimensões ou sistemas complexos que configuram a subjetividade humana. No entanto, como foi indicado acima, essa complexa subjetividade de um indivíduo-sujeito humano só pode emergir em virtude da relação entre uma corporeidade/subjetividade portadora de um aparelho neurocerebral e a sociedade-cultura na qual está imersa. Desta forma, faz-se necessário destacar um outro nível da subjetividade humana, constituída na esfera da sociedade e da cultura.

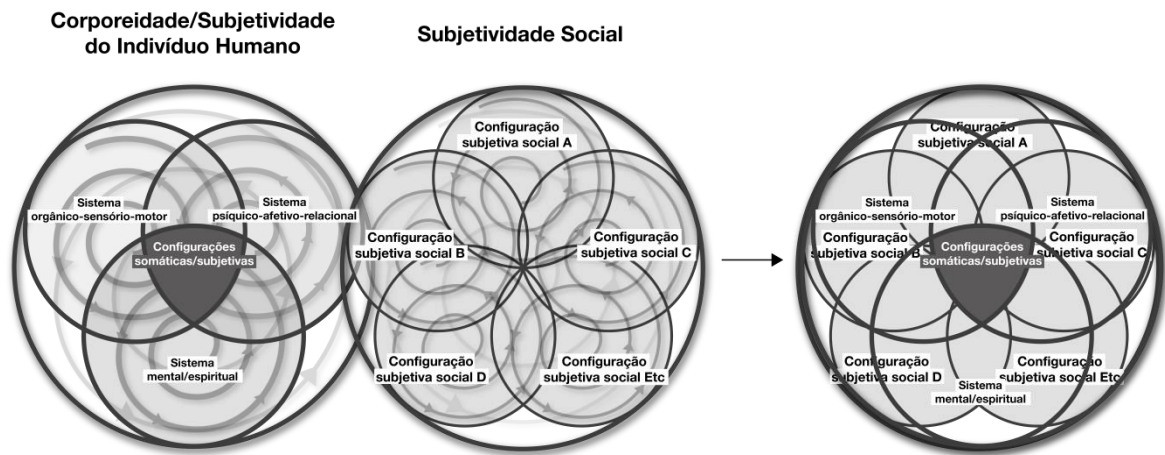
Para Morin (1997, 1999, 2003), pensadas a partir de um princípio organizacional complexo (e não organicista) desenvolvido em sua obra “O método”, as sociedades são formadas a partir das associações integrativas de indivíduos-sujeitos pluricelulares

(congêneres e entidades de segundo grau), sobretudo os de segundo tipo<sup>17</sup> como mamíferos, primatas e humanos. Dotados de um grau elevado de individualidade formada pelo desenvolvimento do aparelho neurocerebral, na sua complexa inter-relação com o aparelho reprodutor e a emergência do aparelho psíquico (no caso do ser humano), as interações entre indivíduos de segundo tipo constituem entidades de terceiro tipo (superorganismos ou sociedades). Na proposta deste autor, o fenômeno social emerge quando constitui um novo sistema que não pode ser reduzido ao sistema antecedente, neste caso, os indivíduos humanos, e retroage sobre eles determinando sua própria constituição. “Existe, portanto, sociedade quando as interações comunicadoras/associativas constituem um todo organizado/organizador, que é precisamente a sociedade, a qual, como toda entidade de natureza sistêmica, é dotada de qualidades emergentes, e, com as suas qualidades, retroage enquanto todo sobre os indivíduos, transformando-os em membros desta sociedade”. (1999, p. 221).

No que diz respeito, especificamente, à subjetividade humana, a inter-relação destes indivíduos-sujeitos, no seio de uma cultura, faz emergir uma subjetividade social. Esta retroage, recursivamente, sobre os mesmos indivíduos-sujeitos pela generatividade do sistema cultural, participando do engendramento das configurações somáticas/subjetivas. Neste sentido, a cultura oferece um princípio subjetivo de identidade social com suas múltiplas e diversas configurações subjetivas sociais, nos diferentes cenários sociais (família, comunidade e as demais instituições sociais), fazendo parte dos processos constituidores das dimensões ou sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

---

<sup>17</sup> Para Morin (1999), os indivíduos de segundo tipo são todos aqueles do reino animal e do grupo dos vertebrados, caracterizados principalmente pela sensibilidade nervosa, pela locomoção e pela biofagia (heterotrofia: dependência nutricional do meio ambiente), destacando-se, principalmente, para as discussões deste autor: mamíferos, primatas e, dentre os últimos, nós humanos.



**Figura 3** – A inter-relação constituidora entre a corporeidade/subjetividade do indivíduo humano e a subjetividade social.

Expostas as definições do conceito de corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano e de subjetividade social, antes de finalizarmos este capítulo, cabe ainda tentar evidenciar o fundamento organizacional desses conceitos a partir do macroconceito de *autos*, como indicamos anteriormente. A *corporeidade/subjetividade* pode ser compreendida como uma unidade complexa corpórea/subjetiva organizada ou uma auto-(geno-feno-ego)-eco-reorganização (informacional/computacional/comunicacional), da qual emergem as dimensões ou sistemas dotados de relativa autonomia entre si e que formam o todo, conforme definidos anteriormente. No que concerne o indivíduo-sujeito, são três sistemas que o compõem: orgânico-sensório-motor, psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual. Na inter-relação entre estes sistemas são geradas as configurações somáticas/subjetivas. As interações dos indivíduos auto-eco-organizados, no seio de uma cultura, faz emergir uma unidade complexa sócio-subjetiva organizada ou uma sócio-auto-eco-organização que estamos denominando de subjetividade social. Por meio das suas configurações subjetivas sociais, estas retroagem sobre esses mesmos indivíduos-sujeitos, influenciando a generatividade das configurações somáticas/subjetivas, em virtude das suas determinações na emergência daquelas dimensões e sistemas que constituem os sujeitos em sua individualidade.

Apresentada a definição geral dos dois conceitos principais deste trabalho, passamos aos desenvolvimentos das suas fundamentações nos próximos capítulos.



### **CAPÍTULO 3 - A *PHYSIS* COMO O LUGAR DA CRIAÇÃO E DA ORGANIZAÇÃO DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE HUMANA**

Toda realidade é unidade complexa.  
Alfred North Whitehead (1861-1947)

Meu propósito não é dissolver o ser, a existência e a vida no sistema, mas compreender o ser, a existência e a vida, com a ajuda também do sistema.  
Edgar Morin (O método, v. I, p. 145)

Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem conhecer as partes em particular.  
Blaise Pascal (1623-1662)

Existem seres existenciais por serem máquinas e máquinas por serem seres existenciais.  
Edgar Morin (O método, v. I, p. 218)

A partir deste capítulo serão apresentados os fundamentos teórico-conceituais da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Neste capítulo em específico, buscaremos situar o referido conceito na perspectiva organizacional e sistêmica do pensamento complexo, de tal modo a explicitar o que significa defini-lo como uma unidade complexa organizada ou, em uma expressão, como sistema.

Para isso, partiremos da ideia capital de organização, com a qual será possível compreender que desde os átomos, elemento físico-químico fundamental da corporeidade/subjetividade, podemos identificar o ser e a existência física do ser humano. Seu ser guarda um fundamento físico, um si (mesmo) presente em cada átomo e em toda sua organização físico-química, justificado pelo princípio imanente de transformações e de organização da *physis*: o anel tetralógico ou pentalógico. Como veremos, este anel é um princípio abstraído por Morin (1997) para conceber o ser físico dos átomos e das estrelas, ou seja, conceber o modo de funcionamento do mundo físico, destacando as características principais, desordem, interações, ordem, organização e desorganização num movimento circular em espiral.

Buscaremos evidenciar como o ser físico da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano, sua infraestrutura físico-química desde os átomos, se produz a partir deste anel tetralógico ou pentalógico, podendo, então, ser qualificado como ser-máquina dotado de *práxis* e *poiesis*, conforme as ideias de produção-de-si e organização-de-si justificam. A partir destas ideias serão evidenciadas duas outras qualidades capitais do anel genésico e generativo do ser físico da corporeidade/subjetividade humana: a retroação e a recursão. Com elas, estabelece-se o fecho e a abertura do ser físico e destaca-se a complexidade da relação entre

autonomia e dependência. Tudo isso, ainda, considerado a partir da relação entre as dimensões física e biológica, apontando para a passagem entre estas dimensões nos processos de evolução da Natureza.

Em suma, trata-se da apresentação dos fundamentos ontológicos da noção em questão e objeto de estudo da presente tese, a partir da epistemologia complexa proposta por Edgar Morin.

### **3.1 A corporeidade/subjetividade humana como sistema ou unidade complexa organizada**

No capítulo anterior, propomos a ideia de conceber a corporeidade e a subjetividade humana, enquanto uma unidade complexa organizada, ou uma *organização* sistêmica ou simplesmente um sistema complexo. Todavia, devemos destacar que a noção de organização tem um lugar chave no pensamento complexo, sem, no entanto, fazer dela uma palavra-mestra e, muito menos, reificá-la. Sua riqueza conceptual possibilitou a Morin (1997) resgatar a ideia de *physis* dos filósofos pré-socráticos, oportunizando a compreensão de que o universo físico é o próprio lugar da criação e da *organização*. Deste modo, a *organização*, sendo um conceito de natureza física, tem um caráter original, permitindo introduzir uma dimensão física radical na organização viva (seres vivos) e na organização antropossocial (seres humanos e sociedades-culturas), as quais devem ser consideradas como desenvolvimentos transformadores da organização física.

Sendo assim, a *corporeidade/subjetividade* humana ao mesmo tempo em que é detentora das qualidades do *bios* (universo dos seres vivos) e ser uma qualidade nova e exclusiva da condição humana (o universo antropossocial), tem na *physis* esse lugar comum e originário. Como buscaremos explicitar ao longo desta fundamentação teórica, para aludirmos à complexidade da *corporeidade/subjetividade* humana em sua multidimensionalidade, devemos considerar a ideia de flecha do tempo de Prigogine (1996), pois ela indica os processos de transformação que conduziram a *physis*, o *bios* e o antropossocial aos sucessivos aumentos no grau de complexidade das formas de organização em nosso planeta, a começar pelos átomos, chegando à espécie humana e prologando-se num *devir*...

A ideia de flecha do tempo<sup>18</sup> se coaduna com a noção de emergência proposta por Morin (1997) e com a qual se pode entender o caráter relacional entre o que é físico, biológico

---

<sup>18</sup> Prigogine (1996) apresentada a ideia de flecha do tempo em seu livro “O fim das Certezas”, relacionada a uma antiga e recente discussão na ciência. Para a física clássica newtoniana há uma equivalência entre passado e futuro, ou seja, as leis que determinam os fenômenos da natureza no presente são as mesmas leis que determinaram os fenômenos no passado, e, por isso, é possível obter um conhecimento ideal, objetivo e

e humano, entrelaçados num anel de coprodução mútua, inseridos em um circuito retroativo e recursivo na *corporeidade/subjetividade*. A noção de emergência fundamenta a proposição de que o todo é superior à soma das partes. Isto quer dizer que “o sistema possui algo mais do que os seus componentes considerados de modo isolado ou justaposto, [quais sejam:] sua organização; a própria unidade global (o “todo”); [e] as qualidades e propriedades novas emergentes da organização e da unidade global” (MORIN, 1997, p. 103). Deste modo, há uma relação entre a ideia de emergência e a ideia de totalidade, pois o todo deve ser considerado como uma emergência e esta é um traço próprio do todo.

Neste sentido, a noção de emergência<sup>19</sup> é definida como “as qualidades ou propriedades dum sistema que apresentam um caráter de novidade em relação às qualidades ou propriedades dos componentes considerados isoladamente ou dispostos de maneira diferente num outro tipo de sistema” (MORIN, 1997, p. 104). Por esta razão, toda globalidade apresenta qualidades emergentes. Contudo, embora no âmbito da sua globalidade, as emergências são inseparáveis do sistema enquanto um todo, também podem aparecer ao nível dos componentes, das partes, mas só podendo ser desenvolvidas e adquiridas pelo e no todo.

Tomada a ideia de emergência como “um fio condutor através das arborescências da matéria organizada” (MORIN, 1997, p.108), podemos compreender a *corporeidade/subjetividade* humana como uma emergência de emergências. Da formação dos átomos às estrelas, dos seres vivos unicelulares e pluricelulares até o ser humano e as sociedades humanas em nosso planeta, se organizaram sistemas de sistemas. Compreendendo esses processos de transformação da natureza como emergências, devemos considerar que essa ideia revela o aspecto mais espantoso da *physis*: o salto da novidade, da síntese, da

---

completo, configurando um princípio determinista para os fenômenos e, conseqüentemente, para o conhecimento. Todavia, a flecha do tempo, traz a ideia de que não existe uma simetria temporal entre passado e futuro. Este conceito traz a perspectiva de uma evolução dos fenômenos físicos, como bem anunciou, segundo Prigogine, Boltzmann, na metade do século XIX. “O desenvolvimento espetacular da física de não-equilíbrio e da dinâmica dos sistemas dinâmicos instáveis associados à ideia de caos força-nos a revisar a noção de tempo tal como é formulada desde Galileu (...). A física de não-equilíbrio estuda os processos dissipativos, caracterizados por um tempo unidirecional, e, com isso, confere uma nova significação à irreversibilidade” (PRIGOGINE, 1996, p. 11). A irreversibilidade evidencia o papel primordial das flutuações e da instabilidade, caracterizando uma formulação que quebra a simetria entre passado e futuro, afirmada pela física tradicional, pela mecânica quântica e pela relatividade. A irreversibilidade presente nos processos de não-equilíbrio traz a coerência para o aparecimento da vida na Terra, e neste sentido, como afirma Prigogine, somos filhos da flecha do tempo, a qual conduziu a *physis*, o *bios* e a esfera antropossocial a um processo de evolução. Conforme será apresentado em seguida, a ideia de anel tetralógico proposta por Morin se baseia nas discussões da Física em Termodinâmica, nas quais se inclui a ideia de flecha do tempo. Como coloca Morin (1997), a possibilidade de uma complementariedade entre desordem, interações, ordem e organização, os elementos que compõem a noção de anel tetralógico, evidencia-se a partir dos novos desenvolvimentos da Termodinâmica, iniciados por Prigogine.

<sup>19</sup> Tem virtude de acontecimento, porque surge de modo descontínuo, uma vez constituído o sistema; tem caráter de irredutibilidade; é uma qualidade que não deixa decompor e que não podemos deduzir dos elementos anteriores. Para maior compreensão do conceito de emergência ver em MORIN (1997, p.103 a 108).

criação. A inteligibilidade desta noção abre caminhos para as investigações desses processos de transformação e criação na natureza (MORIN, 1997). No entanto, não se pode deixar de reconhecer a permanência do desconhecido e do mistério nesses processos da natureza, como no caso do surgimento ou emergência da vida e da subjetividade humana, no que diz respeito a esta última, sobretudo, às suas dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual, e emergindo delas a última das emergências: a consciência.

Reconhecendo na *corporeidade/subjetividade* humana uma dimensão física, devemos identificá-la como uma forma de organização (mais especificamente de auto-eco-organização) originada e enraizada na *physis*. Sendo a organização o núcleo central da *physis* (MORIN, 1997), devemos buscar já na dimensão física ou biofísica da corporeidade/subjetividade, inicialmente, a sua qualidade de ser e existência física. Neste sentido, podemos dizer que a *corporeidade/subjetividade* humana começa por ser átomo (JOÃO, 2018), primeira forma de organização da *physis*. Mais especificamente, a natureza do átomo e sua gênese são indicadores dos processos genésicos (aquilo que dá origem às coisas) e generativos (aquilo que gera e produz as coisas), biofísico da corporeidade/subjetividade humana.

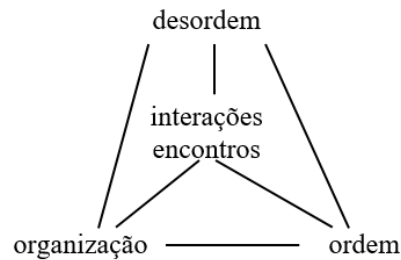
Para tanto, precisamos seguir o pensamento de Morin na sua tentativa de situar a ideia de organização no seio da *physis*, e isto é alusivo à constituição dos dois pilares da ordem e da organização no universo: os átomos e as estrelas. O primeiro reina no microcosmo e o segundo reina no macrocosmo. Para subtrairmos as características genésicas e generativas do que é físico na corporeidade/subjetividade, precisamos compreender o cenário da cosmogênese, de onde Morin (1997) extraiu a noção de anel tetralógico.

De acordo com Morin (1997), este cenário originado do caos genésico, que se dá dentro das nuvens de fótons em temperaturas altíssimas, é caracterizado pelos encontros de partículas (elétrons, neutrinos, nêutrons e prótons) ao acaso, que se materializam à medida que há o arrefecimento da nuvem, e a partir das quais se estabelecem as primeiras nucleossínteses, átomos de hélio e de hidrogênio, por exemplo. É a partir do caos, isto é, na e pela *desordem*<sup>20</sup>, característica das nuvens de fótons, que vai operar, por meio das *interações*, a formação de uma *ordem* e de uma *organização* presentes no átomo, como já colocado em trabalho anterior (JOÃO, 2003, 2018). Aqui, então, podemos destacar os elementos que

---

<sup>20</sup> As ideias de desordem e desorganização são concebidas a partir das discussões acerca do segundo princípio da termodinâmica e, ao ser remetida ao problema da cosmogênese, permite a René Thom (*apud* Morin, 1997) formular a noção de catástrofe. Ideia que Morin explora para fundamentar a o conceito de desordem no princípio do anel tetralógico. Neste sentido, a ideia de desordem, especificamente, faz referência à catástrofe original e “as rupturas que se seguiram, no e pelo desenvolvimento desordenado de calor, nas e pelas turbulências, nas e pelas desigualdades de processos [térmicos] que comandam toda a materialização [das primeiras partículas], toda a diversificação e toda a organização” (p.75).

caracterizam a importante noção de anel tetralógico<sup>21</sup>, evidenciando a relação tetralógica entre desordem, interações, ordem e organização, situada no coração da *physis*. Diferentemente da noção antiga de matéria (inerte), podemos abstrair, conforme elucida Morin (1997, p. 58), que a *physis* dispõe de um princípio imanente de transformação e organização.



**Figura 4** - Anel Tetralógico

Esta relação, ou jogo pentalógico, é fundamental para podermos entender os processos infra e superestruturais da *corporeidade/subjetividade* humana, no que concerne aos aspectos dinâmicos e econômicos das suas três dimensões (orgânica-sensório-motora, psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual) e no que há de específico nas duas dimensões (psíquica e mental) que guardam o segundo e o terceiro níveis de emergência da subjetividade humana. Tais aspectos serão tratados em capítulos posteriores.

Retomando o cenário da cosmogênese, podemos ver nele as características que constituem a primeira formação de organização na *physis* (o átomo), sob uma ordem estabelecida pelo jogo das interações possibilitadas pela desordem térmica. Esta microgênese prosseguirá no seio das futuras estrelas, as quais serão incendiadas pelo aumento de densidade destas nuvens. E é no seio das estrelas que se fabrica matéria física - os átomos pesados – “alguns dos quais irão constituir os planetas, dentre muitos, um planeta periférico de um

<sup>21</sup> O anel tetralógico evidencia a condição indissociável entre desordem, interações, ordem e organização em suas origens: o caos. As interações se dão a partir da desordem (desigualdades caloríficas no arrefecimento das nebulosas, turbulências, agitações, etc.) que os encontros provocam. Por sua vez, são as interações que estabelecem a ordem e a organização de qualquer corpo/objeto físico, a começar pelas partículas. Os processos de ordem e da organização constituem-se no e pelo caos, isto é, o rodopio do anel tetralógico. E os seus desenvolvimentos se dão mediante a participação da desordem, de maneira a tolerar, utilizar e necessitar dela. Por esta razão, devemos conceber cada um destes termos em conjunto numa relação simultaneamente complementar, concorrente e antagônica (MORIN, 1997). Esta concepção apresentada no tomo I da obra “O método”, estabelecendo a relação entre os quatro termos aqui indicados, é modificada no tomo V da mesma obra, de modo a dar destaque ao termo “desorganização”, que já estava presente na elaboração teórica da noção de anel tetralógico. Com esta mudança, Morin (2003) utiliza a expressão pentagrama para fazer menção à figura que representa as relações entre ordem, organização, interações, desordem, desorganização. Por esta razão, faremos uso da expressão anel pentalógico ao longo deste trabalho.

determinado sol, que um dia verá nascer seres vivos cujo carbono, oxigênio e azoto se forjam na fogueira da estrela” (MORIN, 1997, p. 49-50).

Como já havia sido mencionado, a ideia de ser e existência para os átomos é concebida dentro deste cenário da cosmogênese. Sendo os átomos detentores de organização, possibilitada no seio das estrelas, podemos afirmar que tudo o mais que ganha forma física é organização. Neste sentido, a organização, como coloca Morin, “constitui o núcleo central da *physis*, aquilo que é dotado de ser e existência” (1997, p.92). Devemos ainda considerar que “a aptidão para organizar-se é a propriedade fundamental, surpreendente e evidente da *physis*” (1997, p.100). Aptidão esta que se estenderá ao *bios*, impulsionada pelos processos de transformismo fenomênico elucidado na ideia de anel pentalógico, de modo a possibilitar a emergência dos seres vivos dotados de auto-eco-organização e a partir destes o *Homo sapiens*, detentor de uma auto-eco-organização simultaneamente corpórea e subjetiva.

Esta *corporeidade/subjetividade* é portadora da citada aptidão para organizar-se no nível corpóreo e no nível subjetivo e a qual revela a existência de uma infraestrutura organizacional, desde sua dimensão física fundamentada na concepção de sistema proposta por Morin (1997), como explicitaremos em seguida. E não por acaso, é essa ideia de infraestrutura organizacional/sistêmica, articulada com a ideia de configuração organizacional, que permitirá buscarmos compreender como se dá a complexa formação das configurações somáticas/subjetivas geradas a partir da inter-relação das três dimensões da *corporeidade/subjetividade* do indivíduo, bem como das configurações subjetivas sociais da subjetividade social, conforme tentaremos evidenciar ao longo deste trabalho.

Explicitada a importância central da ideia de organização, faz-se necessário destacar sua definição a partir da relação que estabelece com dois outros conceitos: sistema e inter-relação. Segundo Morin, a ideia de organização se refere, “numa primeira definição, à disposição de relações entre componentes ou indivíduos, que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível dos componentes ou indivíduos”<sup>22</sup> (1997, p.101). Sendo a organização uma unidade complexa ou sistema, é por meio das inter-relações entre seus componentes ou indivíduos que ela se constitui. Estas inter-relações adquirem um caráter global e fenomênico constituindo um sistema, e cuja disposição, destes componentes, constitui a organização do sistema.

---

<sup>22</sup> Podemos identificar e devemos explicitar na definição de organização a sua relação direta com a noção de emergência. Ao estabelecer que a disposição de relações entre componentes ou indivíduos é o que caracteriza a organização e produz uma unidade complexa ou sistema dotado de qualidades novas, são estas qualidades novas que emergem de uma base organizacional, evidenciando-se, ao mesmo tempo, como todo ou globalidade superior à soma das partes ou componentes.

Aqui se estabelece uma associação entre os conceitos de organização, sistema e inter-relação. No entanto, há distinção entre estes conceitos:

A inter-relação remete para os tipos e as formas de ligação entre elementos ou indivíduos, entre estes elementos/indivíduos e o todo. O sistema remete para a unidade complexa do todo inter-relacionado, para os seus caracteres e as suas propriedades fenomênicas. A organização remete para a disposição das partes em e por um todo. (MORIN, 1997, p. 101-102)

A relação indissociável destes três conceitos determina um conceito trinitário, “sendo cada um deles um rosto definível da mesma realidade comum” (MORIN, 1997, p.102). O autor considera ser de interesse primordial, pois possibilita estabelecer a *physis* organizada como o lugar comum ao átomo e às estrelas, às bactérias e às sociedades humanas.

Contudo, na direção de alcançar uma síntese conceitual, Morin propõe uma nova definição de sistema (unidade complexa organizada): aquilo que é constituído por inter-relações organizacionais entre elementos, ações ou outras unidades complexas. Sendo a organização aquilo que liga, mantém, forma e transforma o sistema, comporta os seus princípios, regras, imposições e efeitos próprios. Seu efeito mais observável é a constituição de uma forma global retroagindo sobre as partes e a produção de qualidades emergentes, tanto ao nível global quanto ao nível das partes. Em uma frase, “o sistema é pois concebido aqui como o conceito complexo de base concernindo à organização” (1997, p.142).

Retomando a discussão da relação entre a *corporeidade/subjetividade* e a *physis*, a partir de uma visão sistêmica organizacional aqui apresentada, podemos agora compreender a afirmação já colocada acima de que a *corporeidade/subjetividade* humana começa por ser átomo. No sentido evidenciado por Morin:

O átomo é o tijolo com o qual se arquiteta o universo organizado, as suas ligações constituem os líquidos, os sólidos e os cristais; edifícios de átomos diversos são as moléculas, a partir das quais se constroem macromoléculas, e em seguida, na nossa Terra, as células vivas, os organismos, as sociedades, os seres humanos (1997, p.61).

A corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano, assim considerado, é um sistema de sistemas. Cada um destes sistemas, desde o átomo, é dotado de complexidade. Como afirma Morin, “a complexidade está em toda a parte” (1997, p.143). Não é possível considerar qualquer destes elementos, seja o átomo ou qualquer outro elemento constituído a partir dele, como uma unidade simples, um elemento simples. É necessário considerar o aspecto relacional entre as unidades complexas. Nas inter-relações entre os elementos, componentes e ações de uma unidade complexa, emergem as qualidades novas, as emergências, que, enquanto qualidades globais, são novas unidades complexas, novos sistemas. “As qualidades emergentes sobem umas por cima das outras, e as cabeças de umas

tornam-se os pés das outras, e os sistemas de sistemas de sistemas são emergências de emergências de emergências” (MORIN, 1997, p.108).

Neste sentido, as moléculas constituídas pelos átomos, as macromoléculas pelas moléculas, as *células/subjetividades*<sup>23</sup> pelas macromoléculas, os *tecidos/subjetividades* pelas *células/subjetividades*, os *órgãos/subjetividades* pelos *tecidos/subjetividades*, os *organismos/subjetividades* pelos *órgãos/subjetividades*, as *corporeidades/subjetividades* pelos *organismos/subjetividades* e as *sociedades/culturas/subjetividades* pelas *corporeidades/subjetividades* individuais, e assim sucessivamente, são sistemas de sistemas. Sendo assim, e considerando o átomo como a primeira gênese dessas emergências de emergências, devemos reconhecer a natureza física do ser do *Homo sapiens*, do nosso ser: “o ser humano não é físico pelo seu corpo. É físico pelo seu ser. O seu ser biológico é um sistema físico. Somos supersistemas, isto é, produzimos incessantemente emergências” (MORIN, 1997, p.339), irreduzíveis ao próprio sistema.

O ser biológico do ser humano ao mesmo tempo em que é um sistema físico, isto é, guarda as características dos seres físicos (átomos e sóis), traz qualidades novas próprias do *autos*, aquelas que são constituidoras dos seres vivos: auto-organização, autorreorganização, autoprodução, autorreprodução, autorreferência. No entanto, é a partir da condição de ser um sistema físico, a começar por ser átomo, que podemos identificar, desde este nível e desta dimensão, o ser e a existência da *corporeidade/subjetividade* humana.

A partir dessa perspectiva, devemos assumir a *physis* como o lugar da criação e da organização da *corporeidade/subjetividade* humana. A ideia de organização e sistema possibilita a compreensão de ser e de existência para o átomo, pois só existe ser onde existe organização. Não se tratando de uma organização inerte e estática, Morin (1997) irá evidenciar o seu caráter ativo, ou seja, trata-se de uma organização ativa. É exatamente com esta noção, conforme estamos apenas começando a apresentá-la, que o pensamento complexo fundamenta a ideia de ser. Neste sentido, o ser só adquire a sua densidade fenomênica onde existe *práxis* e autonomia. A atividade de seus constituintes é a sua *práxis* produtora e sua autonomia organizadora. E a sua “produção não produz só os produtos, mas, também, o ser produtor” (MORIN, 1997, p. 198). Estas duas características da organização ativa, *práxis* produtora e autonomia organizadora, determinam sua existência, que, por sua vez, determina e é determinada pela produção-de-si. Sendo uma organização ativa geradora da sua produção-

---

<sup>23</sup> As expressões compostas *células/subjetividades*, *tecidos/subjetividades*, *órgãos/subjetividades* e *organismos/subjetividades* estão fundamentadas na ideia, já indicada anteriormente, de que desde o nível celular podemos identificar uma subjetividade ou a qualidade de sujeito, conforme será elucidado mais à frente, no capítulo 4.



de-si permanente, podemos, então, considerar o átomo como “produtor da primeira consistência de ser, que toma forma microfisicamente. O ser da *physis* começa por ser o átomo” (MORIN, 1997, p. 215).

Estamos na esfera dos seres-máquinas, toda organização ativa constitui um ser-máquina. Apresentaremos essa noção moriniana para extrair as noções chaves necessárias para a problemática da infraestrutura organizacional dos processos físicos que constituem o ser e a existência física da corporeidade/subjetividade do indivíduo, bem como os processos biofísicos, somáticos e subjetivos. A busca por este fundamento ontológico de natureza física permitirá compreendermos a passagem da organização física para a organização viva, do si da *physis* para o *autos* do *bios*. E na organização viva, como a sua complexificação desencadeou as emergências propriamente humanas que estão presentes nas dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual da subjetividade, com suas produções de configurações subjetivas. E ainda a inter-relação entre a *subjetividade/corporeidade* do indivíduo humano e a subjetividade social, emergência das sociedades e culturas humanas que retroagem, recursivamente, sobre a subjetividade individual, participando decisivamente da constituição das três dimensões e da produção subjetiva.

### **3.2 O ser-máquina da *corporeidade/subjetividade*: em busca das raízes físicas do si (mesmo) na noção de organização ativa**

Sem elegê-la como suporte último, devemos considerar a *physis* como a base comum ao universo físico, à vida e à condição humana (indivíduo-sociedade-espécie). Enquanto organização física *ativa*, está sempre em ação, como nos movimentos e interações constituidoras dos processos que se dão nas nuvens de fótons, indicados anteriormente. E esta *ação* constante da *physis* não deve ser entendida exclusivamente como movimento no seu aspecto mecânico (como aplicação e efeito), mas principalmente no seu sentido dinâmico (FORTIN, 2005). Isto é, um dinamismo que gera interações: “ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos, corpos, objetos ou fenômenos que estão presentes ou se influenciam” (MORIN, 1997, p.53).

As interações comportam formas diversas: “reações (mecânicas, químicas), transações (ações de trocas), retroações (ações que atuam retroativamente sobre o processo que as produz, e eventualmente sobre a sua origem e/ou causa)” (Morin, 1997, p.149). E é a partir destas diversas interações que as organizações fundamentais (átomos, estrelas, seres vivos e

humanos) foram geradas, de modo que a ação é uma característica essencial, isto é, as organizações estão em *atividade* permanente, gerando ações ou sendo geradas por elas.

Ao termo ação, que aqui é considerado organizacionalmente, Morin (1997) irá associar as noções de *práxis*, trabalho, transformação e produção, para afirmar que todo o ser físico ou toda organização física, detentora em sua atividade destas qualidades, deve ser considerada como uma organização máquina ou um ser-máquina. Inspirado pela Cibernética, Morin (1997) busca evidenciar o sentido complexo da máquina. Um conceito que permita elucidar um *princípio físico de organização ativa*, possibilitando reabilitar o conceito degradado de físico, de modo a evidenciar a condição e a qualidade física do que é biológico, humano e social, sem com isso reduzi-los ao físico.

Nesse sentido, de acordo com Morin, “uma máquina é um ser físico *práxico*, isto é, que efetua as suas transformações, produções ou atuações, em virtude duma competência organizacional” (1997, p.151). A sua produção conduz, num primeiro sentido, para o átomo, estrelas e seres vivos, ao ser e à existência de uma organização constituída pelas interações (dinamismo) dos elementos ou indivíduos que a constitui. Por isso, são seres *poiéticos*, criam/produzem ser e existência a partir de materiais brutos.

No caso dos átomos, são as interações e retroações do todo, enquanto todo, sobre as partes (interações das partículas), que realizam a produção do ser. No caso dos seres vivos, dotados de *autos*, sem perdermos de vista a sua condição de ser físico, de ser um grande conjunto de átomos, já são entes *autopoiéticos*, como evidenciaram Maturana e Varela, uma organização simultaneamente produtora, reprodutora e autorreprodutora, que gera um ser por outro ser (MORIN, 1997). Neste sentido, a ideia de produção deve enraizar-se nas ideias de gênese e generatividade que revelam a dimensão *poiética* da produção. E neste sentido, a produção é aquilo que gera a organização-de-si, ou o si da organização.

No que concerne às transformações de um ser-máquina, é no seu significado de mudança de forma no seu sentido de *Gestalt*, globalidade de um sistema (na sua configuração organizacional) e de um ser, que reside a importância capital. Numa organização *práxica*, as formas se fazem, se desfazem e se refazem, possibilitando novas formas de organização, o que atribui à transformação a qualidade de fabricação e criação. Qualidades presentes em todas as dimensões da *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano e também na subjetividade social. Cabendo, é claro, destacar as diferenças organizacionais sistêmicas nas formas de transformações entre os níveis físico (átomo), biofísico (células etc.), somático e subjetivo, que perpassam os indivíduos e alcançam o social.

A partir das noções de produção e de transformação, Morin (1997) defini a ideia de trabalho: uma atividade *práxica* que transforma e produz. Neste sentido, o autor estabelece a relação interdependente das noções de *práxis*, trabalho, transformação e produção num circuito organizacional *práxico*, no qual umas se transformam nas outras e se produzem mutuamente. Considerando que a *práxis* produz transformações, as quais produzem atuações, seres físicos, movimento, o autor afirma: o caráter primeiro da ação é o movimento (dinamismo). Assim, “uma organização ativa comporta, na sua própria lógica, a transformação e a produção” (p.153), que são aspectos da sua ação ou do seu movimento.

Este conceito de máquina (ser físico *práxico*/transformador/produtor), Morin (1997) aplica-o a todas as organizações ativas conhecidas no universo: os átomos, as estrelas, os seres vivos e as sociedades humanas. Também o relaciona, em nosso mundo, aos ciclones, tornados e tufões (turbilhões aéreos) e aos ciclos da água e remoinhos (turbilhões aquáticos), os considerando como protomáquinas ou motores selvagens. E não poderia deixar de articular este conceito genérico e universal com as máquinas artificiais, de onde partiu para elaborar sua definição, porém, distinguindo-a das naturais por não possuir a generatividade, isto é, a capacidade de gerar a partir de si mesma.

No esforço de apontar a articulação entre o que é físico, biológico e antropossociológico, a partir da noção de ser-máquina, o autor atribui o lugar de arquivimáquina (ser máquina originário) para o Sol (estrela), ponto de partida de uma genealogia, no sentido de uma lógica evolutiva no universo das máquinas. Na sequência desta, os motores selvagens, depois a máquina viva, as megamáquinas sociais e, por fim, o artefato ou a máquina artificial. Eis a Família *Mecano* (dos seres máquinas) que permite o entendimento das relações indissociáveis entre os seres físicos, biológicos, humanos e artificiais.

Eis pois a maternidade/paternidade de Zeus/Metis. O nosso genitor hermafrodita [o Sol] gerou e gera incessantemente as condições físicas, químicas, termodinâmicas, organizacionais, todos os materiais, todas as energias, todos os processos necessários à formação, à perpetuação, ao renovamento, ao desenvolvimento da vida zoológica, antropológica e sociológica. Foi a partir dele, sob a sua soberania e sob o seu maná, que nasceram e giram todas as organizações ativas do planeta Terra, incluindo os seres humanos. Pertencemos todos à família *Mecano* (...)

Assim, a ideia de família impõe-se não só pelo seu caráter genealógico, mas também pelas imbricações e intricações entre os membros da família, sob a dependência do Sol. E esta dependência está em cascata, em cadeia: as máquinas artificiais dependem ontológica e funcionalmente da megamáquina antropossocial, a qual, permanentemente tecida pelas interações entre máquinas humanas, depende destas, que dependem dos animais e vegetais de que se alimentam, do oxigênio produzido pelas plantas; plantas e animais dependem das ecomáquinas de que são as partes constitutivas, as quais, por sua vez, dependem dos ciclones geoatmosféricos, da radiação fotônica, isto é, ainda e sempre, do Sol. Poderíamos quase considerar que todas estas máquinas ligadas constituem uma fabulosa polimáquina, cujo centro é o Sol,

cujos pseudópodes se estendem sobre a terra, e, através dos processos maquinais da atmosfera e da organização produtiva da biosfera, se prolongam na sociedade e no próprio artefato, que é também, à sua maneira, bastardo de Metis. (MORIN, 1997, p.167-168)

Para explicitar o caráter maquinal da *corporeidade/subjetividade* humana (organização simultaneamente produtora, reprodutora e autorreprodutora) no que ele tem de importância para estabelecermos a relação e a passagem entre o corpóreo (biofísico-somático) e o subjetivo (psíquico-mental), devemos considerar a vida como complexo polimaquinal cíclico. A esta concepção, liga-se uma visão organísmica, que destaca a dimensão global e unitária do organismo, e uma visão genética, que indica o ciclo genético das reproduções das células, tecidos e órgãos. Considerando que cada célula é um ser-máquina, no qual se dão os processos genéticos, também devemos ver um organismo individual como um ser-máquina global, resultado de uma combinação complexa de um processo maquinal cíclico de milhões de seres-máquinas celulares. O ser-máquina organísmico individual também é necessário à continuação do ciclo maquinal, pois oferece ao seres-máquinas celulares as condições de manutenção do ciclo das reproduções. Sem essa dimensão organísmica individual maquinal não haveria indivíduos-sujeitos pluricelulares. Neste sentido, “a vida é pois um processo polimaquinal que produz seres-máquinas [celulares e organísmicos], os quais mantêm este processo por auto-reprodução” (MORIN, 1997, p. 158-159). Considerado assim, o ser vivo realiza e desenvolve plenamente a ideia de máquina, ao mesmo tempo em que a ultrapassa, existencialmente e biologicamente, de tal forma que o ser vivo não pode ser reduzido a ideia de máquina, como veremos.

Como já mencionamos, cada célula ser-máquina é dotada de uma subjetividade de primeiro nível, assim como o próprio organismo em sua globalidade, constituído pelas interações celulares. Sendo assim, tanto no nível celular quanto do organismo, temos um ser-máquina que produz, como veremos mais à frente, uma subjetividade de primeiro nível, presente no sistema orgânico-sensório-motor. A partir da inter-relação entre um ser-máquina organismo individual, dotado de aparelho neurocerebral, e a cultura, emerge uma subjetividade de segundo nível, que possibilita a organização dos sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, estando também presente, recursivamente, no sistema orgânico-sensório-motor. E assim como no nível orgânico, também no nível subjetivo, devemos considerar que é necessário identificar os processos maquinais no que concerne à *práxis*, a produção, a reprodução, a autorreprodução e a transformação de configurações subjetivas, que emergem da inter-relação dos três sistemas aqui considerados.

Conjuntamente com esses processos, devemos considerar, ainda, a característica principal da ação: o movimento/dinamismo. A partir deste movimento/dinamismo primordial se dão as interações constituidoras dos seres-máquinas diversos. Trata-se de um princípio gerador dos processos físicos e também, como veremos, dos processos biológicos e subjetivos (psíquico-mentais). Assim como dos processos que caracterizam a subjetividade social, pois enquanto ser-máquina social ou megamáquina social, como denomina Morin (1997), produzem complexas configurações subjetivas sociais.

A forma desse movimento, ou dinamismo, se torna visível nas protomáquinas ou motores selvagens. São os fluxos eólicos (ciclones, tornados e tufões) e os fluxos hídricos (ciclos da água e redemoinhos) que evidenciam tal dinamismo turbilhonar, muito caro à compreensão do complexo fluxo dos processos subjetivos propriamente humanos, como explicitaremos posteriormente. À combinação destes fluxos, Morin (1997) denomina de processos maquinais selvagens de caráter hidroeólico. Sem desconsiderar o mais arcaico dos motores selvagens, o fogo.

No intuito de alcançar a ideia de ser físico ou o si (mesmo) da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano, enquanto ser-máquina, devemos destacar a forma turbilhonar dos fluxos. Morin (1997) utiliza o fenômeno do redemoinho, fluxo turbilhonar hídrico que tem a forma de um círculo ou anel em espiral, considerado como uma unidade complexa organizada ativa (um motor selvagem), para evidenciar os fenômenos de produção-de-si. Estes revelam as virtudes generativas e regenerativas internas das máquinas naturais (físicas, biológicas e sociais): “são produtoras-de-si, organizadoras-de-si, reorganizadoras-de-si, a sua *poiésis* identifica-se, em primeiro lugar, com a produção permanente do seu próprio ser” (p. 171).

Como destacamos no final da seção anterior, a produção-de-si é o problema da infraestrutura organizacional das organizações ativas, que para esta pesquisa é o da *corporeidade/subjetividade* humana. Como elucida Morin (1997), “o si nasce na produção e na organização permanente do seu próprio ser”, a corporeidade/subjetividade do indivíduo, enquanto ser-máquina físico, é dotada de um *si* (mesmo) enraizado na *physis*. Por esta razão, ao mesmo tempo em que é um ser-máquina vivo dotado de *autos* (aquilo que é próprio dos seres vivos), o seu ser biológico é um sistema físico. Não por acaso, mas sim pela sua relação indissociável, como veremos ao longo deste trabalho, o *autos*<sup>24</sup> se constitui a partir do *si*.

---

<sup>24</sup> Conceito desenvolvido por Morin (1999) para enfrentar o enigma da origem da vida, a noção de *autos* desperta e regenera o prefixo *auto* nos seus dois sentidos: “o mesmo” (*idem*) e o “si-mesmo” (*ipse*). Por esta razão, a produção-de-si, no nível físico da corporeidade/subjetividade humana, já é o do *autos*, nível biofísico, que

Este entendimento da relação indissociável entre o *si* da *physis* e o *autos* do *bios* na corporeidade/subjetividade possibilita enfrentarmos a busca pela inteligibilidade da relação entre corpo e psiquismo-mente no indivíduo-sujeito humano. Podemos, neste sentido, considerar a subjetividade humana no seu segundo nível de emergência, sobretudo, no que se relaciona às dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual, como um ser-máquina vivo que guarda a infraestrutura organizacional da organização (física) ativa. Assim sendo, devemos reconhecer, no ser-máquina da subjetividade de segundo nível, o dinamismo (movimento) rotativo que caracteriza a sua produção-de-si, que é a produção de um ser próprio relativo a este âmbito da subjetividade humana. Um ser subjetivo autônomo, também dotado de um *autos*, ao mesmo tempo *dependente* da organização biológica, mas também detentor de uma autonomia própria, o que justifica o ser e a existência de uma subjetividade psíquica-mental,<sup>25</sup> relativamente autônoma, do indivíduo humano.

Retomando o itinerário do pensamento de Morin (1997), devemos destacar o fenômeno da produção-de-si e da reorganização-de-si, atividade imersa e invisível do ser-máquina, como aquilo que permite alcançar a inteligibilidade desta *práxis* profunda, presente em todas as organizações ativas naturais. No intuito de evidenciar esta lógica que opera no ser-máquina, o autor elabora as noções de anel (retroativo e recursivo) e abertura (organizacional) para fundamentar as ideias de ser e existência autônomos. Com elas poderemos compreender, mais precisamente, a natureza do ser físico da corporeidade/subjetividade humana, a passagem do *si* ao *autos*, a correspondência entre os processos corpóreos e subjetivos humanos e ainda a autonomia relativa do ser e da existência psíquica-mental no ser humano.

### **3.3 Estabelecendo o si (mesmo) físico da corporeidade/subjetividade humana: o ser e a existência autônomos**

Conforme poderemos compreender a partir daqui, inspirado na ideia de *corrective feedback loop*,<sup>26</sup> da cibernética wieneriana, e na noção bertalanffyana de sistema aberto<sup>27</sup>,

---

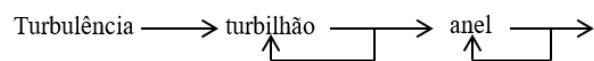
comporta a um só tempo, por um lado o mesmo (*idem*), o idêntico, a autorreprodução, a espécie, e por outro o si-mesmo (*ipse*), a identidade, a auto-organização, o indivíduo.

<sup>25</sup> O ser e a existência de uma subjetividade psíquica-mental constituem a psicofera concebida por Morin (1992). Participa ainda, ao lado da socioesfera, da ordem e da organização do mundo das ideias, a noosfera, todas as três envolvidas pela antrope-esfera e esta pela bio-esfera.

<sup>26</sup> De acordo com a explicação de Morin (1997), a ideia de anel retroativo (*corrective feedback loop*) surgiu na cibernética wieneriana para conceber a organização de atuações complexas, tais como a de um computador e de um radar para guiar a rota de um utensílio bélico como um míssil, por exemplo, em função das modificações do alvo. “A ideia adquiriu grande amplitude como desenvolvimento das regulações automáticas, onde os

Morin (1997) elabora as ideias de anel retroativo e de abertura para fundamentar as noções de ser e de existência autônomos das organizações ativas. Destes fundamentos do ser da *physis* (organização ativa) e também a partir da noção de organização neguentrópica informacional/comunicacional, a ser apresentada no próximo capítulo, o autor desenvolve o macroconceito de *autos* na intenção de contribuir com a compreensão deste fenômeno enigmático que é a origem da vida, o ser vivo. Para o presente trabalho, é o conjunto destes fundamentos e das noções desenvolvidas pelo autor que oferecem as condições teórico-conceituais para a elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Por esta razão, as ideias de anel retroativo e abertura organizacional são fundamentais para conceber o ser e a existência autônomos da *corporeidade/subjetividade* humana na sua dimensão corpórea (biofísica e somática) e na sua dimensão subjetiva.

A noção de anel, já citada anteriormente, está relacionada tanto ao conceito de anel pentalógico (aqui enquanto princípio imanente de transformação e organização da *physis*), quanto ao de ser-máquina produtor-de-si, este sim enunciando pela primeira vez a forma circular do fluxo dinâmico, presente nos turbilhões (dos ventos) e nos redemoinhos (das águas) que se deslocam no planeta Terra, nos quais se manifestam os primeiros contornos do ser e da existência fenomênica. É justamente do encontro e combinação dos fluxos antagônicos que a forma rotativa se faz e se estabelece como *anel* que *retroage* enquanto todo sobre cada momento e elemento do processo. Este *anel retroativo* é a forma genésica (originária) do remoinho e do turbilhão (MORIN, 1997).



**Figura 5** – A forma genésica e generativa do anel apresentada por Morin (1997, p.209)

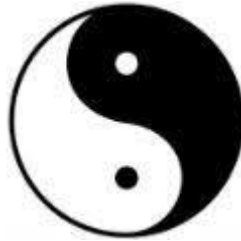
Como a mais exemplar das imagens da identidade do genésico, do generativo e do genérico, Morin (1997) cita o símbolo do Tao presente no livro das transformações da magia chinesa arcaica, I Ching. Para o autor, é uma figura de complexidade, expressando ordem, harmonia e, ao mesmo tempo, contendo a ideia de turbilhão e o princípio de antagonismo. A

---

dispositivos de retroação negativa anulam os desvios em relação as normas fornecidas às máquinas. Mas o desenvolvimento da ideia de regulação e da ideia de correção do desvio quase abafaram a própria ideia de anel” (p. 172).

<sup>27</sup> Em termos gerais, a noção de sistema aberto, de Von Bertalanffy (1977), está restrita aos processos que caracterizam as relações de intercâmbio de matéria e energia entre o sistema e o ambiente, o que comporta entrada/importação (input) e saída/exportação (output), mas coloca entre parênteses aquilo que se passa entre entrada e saída, desconsiderando toda a atividade organizacional do sistema (MORIN, 1997).

imagem em questão, é um anel circular e, simbolicamente, turbilhonar, que nasce do encontro de movimentos com direção opostas, formando um S interior que separa e une o ying e o yang, enlaçados um no outro, mas distintos, sendo, a um só tempo, complementares, concorrentes e antagônicos.



**Figura 6** – Imagem representativa da identidade do anel genésico, generativo e genérico do ser-máquina, explorada por Morin (1997, p.213).

Além de ser genésica e generativa, é também uma forma tipo e constante, por isso genérica, dos turbilhões e redemoinhos. Sua característica organizacional está na organização dos movimentos centrípeto e centrífugo do fluxo na sua entrada, na sua circulação, na sua transformação e na sua saída. O seu movimento rotativo capta o fluxo, sugando-o, depois desviando-o, fazendo-o rodopiar, em seguida diferenciando-o, estabelecendo sua heterogeneidade, por fim, imprime-lhe a forma espiral e depois expulsa-o. A sua generatividade está na geração da organização, a cada instante, e na regeneração do turbilhão pela organização (MORIN, 1997). Sobre seu aspecto genésico, o anel “transforma processos turbulentos, desordenados, dispersos ou antagônicos numa organização ativa. Ele opera a passagem da termodinâmica da desordem à dinâmica da organização” (p.175).

Das formas turbilhonares presentes nas galáxias e nas estrelas, assim como nos ciclones, tornados, tufões e redemoinhos, Morin identifica e abstrai, então, como já mencionado, o anel retroativo: “retroação do todo enquanto todo sobre os momentos e elementos particulares dos quais surgiu” (1997, p. 173). Nascido espontaneamente da união dos movimentos antagônicos que se tornam complementares, “garante retroação negativa e regulação sem nenhum dispositivo informacional”<sup>28</sup> (p.174). Na origem e no fundamento dos seres-máquinas físicos existe o anel, ou o todo retroativo, produtor e organizador-de-si. No entanto, “a ideia de anel não é uma ideia mórfica, é uma ideia de circulação, circuito, rotação, processos retroativos que garantem a existência e a constância da forma” (p. 174).

<sup>28</sup> Para a Cibernética a ideia de anel só se justifica enquanto anel informacional, sendo este um dispositivo de eliminação do desvio por correção do erro presente apenas nos artefatos cibernéticos e nos seres vivos. Para Morin (1997, p. 174), esta visão “oculta o caráter primordial do anel e desfaz aquilo que ele comporta de atividade totalizante e integradora. É, portanto, superficial e atomizante. Temos, pois, de aprofundar e de desatomizar a ideia de anel, o que exige mais uma vez uma inversão de perspectiva: o anel não procede duma entidade chamada informação; o anel precede genealogicamente a informação”.



Para compreender a relação entre a ideia de *anel retroativo* e a concepção de *corporeidade/subjetividade* que buscamos evidenciar e desenvolver, é necessário esclarecer, conforme explicita Morin (1997), que nos redemoinhos e turbilhões o *anel* é um processo físico, nas estrelas é físico-químico e só nos seres vivos, incluindo aqui o ser humano enquanto *corporeidade/subjetividade*, o *anelamento* físico-químico é informacional. Neste sentido, o *anel* precede genealogicamente a informação, de modo que é a informação que deve ser introduzida no *anel* e não o contrário. Com isso também, podemos reconhecer o caráter primordial do *anel* nas organizações ativas, enquanto atividade totalizante e integradora, garantindo “a imanência e a sobredeterminação do processo total em e sobre cada processo particular. O *anelamento* é, por isso, a constituição, permanentemente renovada, duma totalidade sistêmica, cuja dupla e recíproca qualidade emergente é a produção do todo pelo todo (generatividade) e o reforço do todo pelo todo (regulação)” (p. 175).

No que concerne à *corporeidade/subjetividade* do indivíduo, a sua totalidade *anelante* não se resume num único *anel*. Se a considerarmos no nível do organismo, sua totalidade “é a forma de multiprocessos retroativos *anelando-se* a si mesmo a partir de múltiplos e diversos *anéis* (circulação do sangue, do ar, dos hormônios, do alimento, dos influxos nervosos etc.)” (Morin, 1997, p. 175). Aqui é necessário esclarecer que a inter-relação dos vários e diversos *anéis* se dá graças à computação celular, primeiro nível de emergência da *subjetividade*, como elucidaremos mais à frente.

E da mesma forma, a partir da ideia de *anel retroativo*, poderemos compreender a *subjetividade* no seu segundo nível de emergência relacionado aos processos psíquico-afetivos e mentais/espirituais. A título de introdução a esta questão, podemos considerar, inicialmente, que as configurações *subjetivas* seguem este mesmo princípio *anelante*. Como será explicado nos capítulos 6 e 7, as qualidades e intensidades afetivas enquanto correntes de afetos, conjuntamente com as formas ou correntes de pensamentos (simbólico/mítico e racional/empírico) carregando sentidos, retroagem e *anelam-se* em si mesmos formando configurações *subjetivas*. Estas são *anéis/circuitos* que constituem o *Eu* e os múltiplos *egos* que emergem do aparelho psíquico, os quais se articulam em *anéis de anéis*, compondo a globalidade da *subjetividade* em seu segundo nível de emergência. E ainda estando inter-relacionada recursivamente, como começará a ser elucidado em seguida, com o primeiro nível de emergência e a dimensão orgânica-sensório-motora, enquanto configurações somáticas/*subjetivas*.

Retomando a linha de desenvolvimento da noção de *anel*, nesta totalidade *anelante* de caráter retroativo, é necessário compreender que cada um dos vários *anéis* “gera e regenera o

outro. E o anel global é, ao mesmo tempo, o produto e produtor destes anéis especiais” (p. 175). O que traz outro aspecto fundamental da noção de anel e que deve ser considerado como a principal: a recorrência ou a recursão. Conforme afirma o autor,

Defino como recorrente [ou recursivo] todo o processo através do qual uma organização ativa produz os elementos e efeitos que são necessários à sua própria geração ou existência, processo em circuito, através do qual o produto ou o efeito último se torna elemento primeiro e causa primeira. (MORIN, 1997, p. 175)

Morin esclarece que a ideia de recursão é retirada das elucidações de Von Foerster acerca dos processos de auto-organização dos seres vivos. No entanto, como aqui buscamos explicitar, o autor demonstra que podemos identificá-la já nas organizações ativas físicas naturais. Neste sentido, devemos considerá-la como um fundamento organizacional e, mais ainda, como uma dimensão lógica que possibilita justificar a noção de produção-de-si e regeneração enquanto *práxis* organizacional. Logo, podemos considerá-la como o fundamento lógico da generatividade, permitindo o autor afirmar que “recorrência [recursão], generatividade, produção-de-si, regeneração e (por conseguinte) reorganização são os vários aspectos do mesmo fenômeno central” (MORIN, 1997, p. 176).

Considerando a sua dimensão lógica e enquanto fundamento lógico, “a ideia de recursão é a ideia lógica que significa autonomia. Ela vem prolongar a ideia de retroação ao mesmo tempo que volta a dar sentido positivo à ideia de autonomia. Produzir-se a si mesmo, gerar-se e regenerar-se por si, é a isso que se deve chamar autonomia” (FORTIN, 2005, p.75). Desta forma, uma organização ativa é produzida por esta autonomia que produz o ser e a existência, que por sua vez produz a organização que os produz.

Voltando à questão da relação de identificação entre os termos destacados acima, o autor ressalta a especificidade de cada um deles. Enquanto *produção-de-si*, o sistema é produzido continuamente e ininterruptamente por este processo retroativo-*recursivo*, confundindo-se com sua própria existência. Já em relação a *regeneração*, o sistema ao trabalhar produz aumento de entropia, por isso degenera-se, e, conseqüentemente, necessita da *generatividade* para *regenerar-se*. A *reorganização permanente* se faz necessária para a organização fenomênica do próprio ser, à medida que a desorganização atua permanentemente no sistema, impelida também pela entropia (MORIN, 1997). As especificidades de cada um destes aspectos constituem os processos em anel e estão presentes nos múltiplos e diversos anéis orgânicos e subjetivos retroativos e recursivos, que permitem a reorganização permanente da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

Dos vários aspectos aqui destacados do mesmo fenômeno, a reorganização permanente é o rosto propriamente organizacional do anel recursivo. A partir dela, Morin enfrenta a questão do problema organizacional, o qual deve elucidar como as formas e os estados estacionários estão ligados, ao mesmo tempo, à mudança e ao movimento do fluxo que atravessa constantemente o anel recursivo, isto é, a própria organização ativa. Questão também muito cara, logicamente, aos processos que constituem ou desenham o rosto do ser físico da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano. Além disso, nos remete à complexidade da problemática que concerne à relação entre o estabelecimento de padrões (*patterns*) e, ao mesmo tempo, às possibilidades de mudanças ao longo da vida do indivíduo-sujeito humano, mais uma questão que deveremos começar a enfrentar ao longo desta pesquisa.

Atendo-nos à questão ontológica, isto é, ao ser físico da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano, é a reorganização permanente, então, que possibilita os estados estacionários. Este é o “estado estável, regulado, homeostático que nasce através do movimento, da renovação, da regeneração” (FORTIN, 2005) e da reorganização permanente. O estado estacionário permite evidenciar a face ontológica da organização ativa, no qual o ser e a existência adquirem uma primeira consistência, sob o efeito da retroação/recursão. Em suas próprias palavras Morin afirma:

Com efeito, ser é permanecer constante nas suas próprias formas, na sua própria organização, na sua própria genericidade, isto é, na sua própria identidade. O estado estacionário constitui assim o estado primário dum ser dotado duma organização ativa. E, para o ser vivo, a homeostase, complexo de estados estacionários pelo qual o organismo mantém a sua constância, identifica-se com o ser deste organismo. (1997, p.178)

Como coloca Fortin (2005), ao acompanhar o pensamento de Morin na elaboração da noção de ser e existência, “o estado estacionário é um estado sempre dinâmico; é um processo” (p. 76). Marcado por uma dinâmica que associa complementarmente equilíbrio e desequilíbrio, para chegar à noção de metadesequilíbrio, e estabilidade e instabilidade, para chegar à noção de metainstabilidade, o estado estacionário é, na verdade, um dinamismo estacionário. Esta ideia permite compreendermos, no que diz respeito aos seres vivos, o caráter seguro e frágil, constante e flutuante da vida. A morte pode, então, assombrá-la, com o mínimo repouso ou paragem momentânea.

Assim, o ser nasce e renasce incessantemente, por meio e entre a reorganização e desorganização permanente. Dito de outra forma, por meio e entre a renovação dos constituintes e processos moleculares, celulares e orgânicos, e também, no caso dos seres

humanos, para os processos subjetivos mais complexos, dos quais dependem a ordem e a organização em seu todo. E, ainda, por meio da anulação da desorganização permanente presente nas perturbações que ameaçam permanentemente a organização, o que vale, no caso da organização viva humana, tanto para o nível orgânico quanto para o nível subjetivo. Esta anulação, possibilitada pelo anel retroativo e recursivo, estabelece a regulação nos dois níveis aqui sinalizados (corpóreo e subjetivo). Neste sentido, identificamos uma convergência e uma possível articulação entre esses processos de reorganização e desorganização permanentes e a ideia freudiana de pulsão de morte e pulsão de vida, o que tentaremos evidenciar em trabalhos ulteriores, a partir do conceito de *corporeidade/subjetividade* que aqui estamos desenvolvendo.

Considerada pela cibernética como dispositivo informacional, a regulação para Morin deve ser identificada nas organizações ativas naturais a partir da ideia de anel, precedendo a informação, como indicado acima. O que evidencia, para o conceito de corporeidade/subjetividade, a presença de uma regulação propriamente física, ainda que indissociável e plenamente articulada com uma regulação própria ao organismo vivo: a homeostasia. Neste sentido, já biológico, funcionar e existir são inseparáveis, e a regulação (ou homeostasia) diz respeito à existência, sendo o aspecto e a face negativa (retroação negativa não informacional) da produção-de-si no nível físico, e reprodutor-de-si (retroação negativa informacional) no nível biológico. Por esta razão, Morin vai afirmar que “a homeostasia, e, portanto, o complexo de retroações negativas que a mantém, concerne não só à manutenção da constância dum meio interior [concepção biologicista], mas também à existência integral do ser vivo”<sup>29</sup> (1997, p. 182).

Retomando a questão ontológica, devemos compreender, como coloca Fortin (2005, p. 76), que “o estado estacionário consiste numa criação de ordem a partir da desordem. É a criação de uma constância a partir do movimento (...). Esta criação é permanente porque a desordem, a desorganização, a instabilidade são elas permanentes”. Ou seja, o estado estacionário é, na verdade, um dinamismo estacionário dotado de um metadesequilíbrio e de uma metainstabilidade, como explicita Morin (1997). Dinamismo de um ciclo ou anel retroativo e recursivo que significa produção-de-si e reorganização permanente, a partir do

---

<sup>29</sup> Uma concepção de homeostasia mais complexa, conforme anuncia Morin, pode contribuir com a discussão acerca da qualidade psicossomática identificada pelo psicanalista Wilhelm Reich (1984), a partir da noção de autorregulação (DADOUN, 1991). Esta discussão é outro tema relevante para outras pesquisas relacionadas à concepção de *corporeidade/subjetividade* humana.

qual o ser emerge, mantendo este processo ou ciclo pela sua constância e pela sua permanência.

Desta forma, podemos agora considerar o ser físico da *corporeidade/subjetividade* humana. Enquanto uma noção organizacional, o ser emerge plenamente com as organizações ativas (estrelas e átomos), com o ciclo recursivo. Por isso, devemos relacionar sempre a ideia de ser à ideia de organização. Como elucida Morin (1997, 1999), é com os seres vivos que a qualidade de ser se desenvolverá radicalmente. Neste sentido, muito bem explicitado por Fortin (2005, p.77), “o ser, de repente, tornar-se-á vida, existência, individualidade, subjetividade”.

Devemos aqui resgatar a ideia de autonomia do ser físico, já assinalada logo acima nesta mesma seção. Possibilitada pelo anel retroativo e recursivo, o ser é dotado de relativa autonomia. Relativa porque depende do fluxo material e energético que alimenta sua organização. Logo, podemos entender: sua organização só pode ser mantida por outra condição constituidora da sua existência, a abertura. Esta, por sua vez, evidencia sua dependência ao meio. A abertura é, principalmente, de caráter organizacional. E é esta abertura organizacional que estabelece sua abertura existencial, a qual atingirá toda a sua radicalidade no ser vivo e chegará ao extremo limite no ser humano de forma a estabelecer a característica-chave da complexidade da *corporeidade/subjetividade* humana. O caráter ontológico e ontogenético da abertura organizacional aponta para a necessidade de reconhecermos uma dimensão fundamental da corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano: a eco-subjetividade. Temos aqui os primeiros fundamentos dessa dimensão propostos pelo pensamento moriniano, conforme podemos sustentar a partir da noção de abertura e a qual voltaremos a tratar mais à frente. Detenhamo-nos à noção de abertura.

### **3.4 A noção de abertura organizacional (ontológica e existencial) para conceber o ser e a existência autônomos: a natureza aberta do ser e a auto-ECO-organização**

Morin (1997) revela a importância capital da noção de abertura ao mostrar que ela permite desenvolver e ultrapassar a noção de sistema aberto bertalanffyiana. Neste sentido, Morin desenvolve a ideia de sistema aberto a partir da noção de abertura sistêmica, organizacional e também ontológica e existencial. Para uma teoria da organização, a distinção relevante não está entre sistemas abertos e fechados, como ficou estabelecido na física termodinâmica e na biologia sistêmica. Mas sim, entre organização ativa e organização não

ativa. Nas organizações ativas, seres-máquinas naturais, a abertura e o fecho formam um vínculo complexo que estabelece a relação indissociável entre a autonomia e a dependência.

A produção-de-si de uma organização ativa como o redemoinho necessita do fluxo energético/material e, por isso, da abertura para manter o seu ser. Ao mesmo tempo, “para manter sua integridade e a sua identidade, deve estar em condições de se fechar sobre si mesmo a fim de evitar ser aniquilado pelo seu meio ambiente” (FORTIN, 2005, p. 61). Desta forma, como afirma Morin, “abertura e fecho são dois aspectos e dois momentos de uma realidade simultaneamente aberta e não aberta” (1997, p. 189).

No entanto, cabe aqui destacar a importância fundamental da abertura na organização ativa. Ela diz respeito ao que a organização ativa tem de mais importante: a renovação dos constituintes necessários às suas produções e transformações. A abertura para a renovação permite a anulação da desintegração, constante ameaça para a organização ativa e que só pode parar pela reorganização permanente. Para as máquinas artificiais (organizações artificiais) é diferente, pois são apenas funcionalmente abertas, ou seja, não necessitam de uma abertura organizacional para produzirem seu ser e sua existência. Mantém-se pela resistência dos seus componentes e pela estabilidade das suas articulações fixas, o que permite Morin (1997) afirmar que são como um sistema fechado. E só do ponto de vista da megamáquina social são funcionalmente abertas para serem operacionalizadas pelos seres humanos.

Da mesma forma que as organizações ativas estão marcadas pelo vínculo complexo entre abertura e fecho, necessitando do fluxo energético/material, também encontramos esta marca nas organizações ativas vivas, isto é, nos seres vivos. Mas, para estes, o vínculo complexo entre abertura e fecho com o meio ambiente é de ordem informacional e comunicacional. Aqui, da mesma forma, devemos destacar a importância da abertura. Assim, organizações físicas ativas e organizações vivas precisam da abertura para produzirem seu ser. Seu funcionamento depende da abertura. Mais ainda, sua existência depende da abertura. Por isso, Morin afirma que o ser vivo deve ser considerado ontológica e existencialmente aberto, pois “alimenta-se de matéria/energia não só para ‘trabalhar’, mas também para existir. Trabalha para existir, isto é, para regenerar as suas moléculas, as suas células e, portanto, o seu ser e a sua organização, que se degradam sem tréguas. O ser vivo nunca pode deixar de ser aberto, não pode, em parte nenhuma, escapar ao fluxo” (1997, p. 189).

Tanto para os turbilhões quanto para os seres vivos devemos considerar a abertura termodinâmica, como já foi indicado, e a abertura ecológica. Neste sentido, a ideia de abertura ecológica aponta para a condição insuperável de dependência constante dos seres-máquinas físicos e vivos ao meio ambiente. Por isso, Morin (1997) afirma que são existencialmente

ecodependentes: o meio ambiente é vital porque é dele que chega o fluxo material/energético para os turbilhões e também informacional para os seres vivos. A permanência do seu ser, no que concerne aos turbilhões, e a possibilidade de sobreviver e de escapar à morte, no caso dos seres vivos, depende desta relação de dependência existencial com o meio ambiente. A abertura ecológica evidencia que o ser, a organização, e a existência são integralmente eco dependentes.

A compreensão da profunda relação ecológica entre as organizações físicas e as organizações vivas e o meio ambiente leva Morin (1997) a desenvolver o conceito de auto-eco-organização para os seres vivos. Para estes, sobretudo com o desenvolvimento do comportamento animal, a auto-eco-organização possibilita entrever o caráter duplo e rico da organização das interações internas e da organização das interações externas. No que diz respeito à organização das interações internas, possibilita evidenciar que o meio não é apenas co-presente, mas também co-organizador dos seres eco dependentes. Por isso, podemos reconhecer uma dupla identidade: a identidade própria que lhe permite se distinguir e outra que se estabelece a partir do pertencimento ao meio. Esta identidade constituída a partir do pertencimento ao meio aponta para a necessidade da elaboração dos fundamentos dessa dimensão da *corporeidade/subjetividade* humana, já destacada acima, a eco-subjetividade. Para tanto, será necessário estabelecer uma discussão com as ideias inauguradas por Alan Kanner, Mary Gomes e, principalmente, Theodore Roszak acerca do que é denominado de Ecopsicologia<sup>30</sup> (CARVALHO, 2013), devendo ser um objeto de estudo para trabalhos futuros.

Esta dupla identidade vale também para os turbilhões eólicos e redemoinhos. Os primeiros fazem parte dos movimentos dos ventos, mas conservam sua identidade própria, destacando-se, fenomenicamente, como um ser da *physis*, impressionantemente, visível aos olhos humanos. De maneira semelhante, os redemoinhos formados e alimentados pelo fluxo do rio, que é o seu meio, mantêm sua individualidade também destacando-se, fenomenicamente, como um ser da *physis*. E no caso dos seres vivos, o meio, enquanto ecossistema,<sup>31</sup> tem papel ainda maior na co-organização. Para além de ser uma fonte de

---

<sup>30</sup> De acordo com Carvalho (2013, p. 12), “a Ecopsicologia busca estender a área de investigação da Psicologia para além das relações inter e intrapessoais, abrangendo as nossas conexões psíquicas com o mundo natural. Essa disciplina reconhece que existe um limite na forma com que a Psicologia tratou esse tema durante a maior parte de sua história: considerando-o irrelevante para a compreensão do ser humano. As relações entre seres humanos e natureza, como elemento fundamental para a saúde psicológica e como portador de importantes conteúdos psíquicos, não foram consideradas pela maior parte das escolas da Psicologia”.

<sup>31</sup> Segundo Morin (1999, p. 23), “este termo significa que o conjunto das interações no seio de uma unidade geofísica determinável contendo diversas populações vivas constitui uma unidade complexa de caráter organizador ou sistema”.

alimento ou mesmo de uma fonte de neguentropia, possibilitando ao ser vivo se organizar e se complexificar a partir da informação, o ecossistema é uma dimensão fundamental da vida, assim como a individualidade, a sociedade e o ciclo das reproduções.

A condição de dependência das organizações físicas e da auto-organização viva é evidenciada pela seguinte ideia-chave: “o meio é permanentemente constitutivo de todos os seres que nele se alimentam; coopera permanentemente com a sua organização” (MORIN, 1997, p. 191). Contudo, esta mesma relação ecológica ao estabelecer o laço de dependência com o meio, também oferece as condições para se constituir e manter a autonomia, conferindo à existência um mínimo de individualidade e originalidade daqueles seres.

Desta forma, dependência e autonomia são os aspectos essenciais para conceber a existência. Considerando estes dois aspectos como condições dos seres abertos, logo, podemos compreender a afirmação de que a abertura é a existência: imersão num meio e desprendimento relativo a este meio. Como traço essencial das organizações ativas e seres-máquinas, sobretudo, para os ecodependentes, a abertura permite a seguinte compreensão:

o anel fenomênico que se constitui entre o indivíduo e o meio, é indissociável do anel generativo, que se nutre da existência fenomênica que produz. A abertura para os seres terrestres práxicos [turbilhões, redemoinhos e seres vivos], é a dupla abertura de entrada e de saída sobre o meio aleatório, placentário, nutritivo, inimigo, ameaçador, é a troca permanente e múltipla com este meio, é a organização interna/externa, generativa e fenomênica, ligada a esta troca, é a dependência ecológica e é a autonomia do ser individual: é a existência. (MORIN, 1997, p. 193)

Por esta razão, e lembrando que o anel fenomênico é o próprio ser, a própria organização, podemos compreender a existência não como uma noção substancial, mas sim uma qualidade que emerge com a organização recursiva, como bem destaca Fortin (2005). Por isso mesmo, o ser existente é frágil porque desde o seu nascimento é vulnerável à sua ruína, pode desfazer-se, ou morrer, no caso dos seres vivos. Se mantém pelo dinamismo ininterrupto da reorganização permanente, sendo esta, por sua vez, mantida pelo reabastecimento do meio externo. Traz consigo a origem do viver, a existência fenomênica assegurada pela troca transformadora e reorganizadora com o meio, e a origem do morrer, a desintegração natural e a dispersão dos componentes.

O pensamento complexo, reconhecendo o caráter complementar, concorrente e antagônico da origem do viver e da origem do morrer, evidencia, por meio da noção de abertura, que a desorganização é o complemento antagônico da reorganização, isto é, “*toda existência se nutre daquilo que a corrói*”. Isto leva-nos à ideia heraclitiana capital “viver de morte morrer de vida” (MORIN, 1997, p. 194). Tal ideia vale para as estrelas e para os seres



vivos: para as primeiras, a sua fragilidade existencial é mais interior, está relacionada aos processos físicos que as incendeiam, enquanto que para os segundos, sua fragilidade é principalmente externa, guarda necessidades vitais e corre riscos mortais advindos do meio.

Assim, a ideia de abertura ecológica/existencial, ou simplesmente de existência, sobretudo, para os seres vivos e, principalmente, para nós seres humanos, revela a origem da necessidade, da inquietação, da procura, do desejo e do amor. Como coloca Morin (1997), devemos nos considerar como raça aberta marcada pelo vazio existencial nos nossos seres, sentimentos, fantasmas, amores e ideais. São marcas profundas da *corporeidade/subjetividade* humana, as quais devem ser compreendidas tanto no nível corpóreo quanto no nível subjetivo, guardando as suas especificidades, complementariedades e antagonismos. Neste sentido, como buscaremos desenvolver mais à frente, as trocas com o meio ambiente devem ser compreendidas a partir de cada uma das demais dimensões (orgânica-sensório-motora, psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual) e da inter-relação entre elas.

Além disso, a abertura ecológica/existencial da *corporeidade/subjetividade* estabelece a relação indissociável entre a desordem e a ordem, entre a desorganização e a reorganização permanente, tanto nos níveis corpóreo (biofísico-orgânico) e subjetivo (psíquico-mental), bem como precisando ser consideradas no âmbito da subjetividade social. E como já mencionado anteriormente em relação a constituição do ser e da existência, esta noção aponta novamente e reforça a necessidade da discussão em trabalhos futuros entre esta condição da *corporeidade/subjetividade* humana, indicada pelo pensamento complexo, e as elaborações psicanalíticas acerca da pulsão de morte e da pulsão de vida, no que diz respeito ao indivíduo, e os desdobramentos na sociedade e na cultura.

No que concerne à sociedade e a cultura, as trocas com o meio ambiente devem ser apreciadas para além do indivíduo-sujeito, pois a abertura/existência para nós seres humanos, em seu duplo aspecto de dependência e autonomia (considerando que para a espécie humana a condição de dependência no início da vida é absoluta), se estende ao círculo da família, dos grupos, enfim, da sociedade. A necessidade de considerarmos a influência destas dimensões do meio ambiente no indivíduo-sujeito está no seu caráter constituidor de uma subjetividade social relacionada, como veremos, ao ser societal. Além das determinações desta dimensão social na constituição da subjetividade humana, uma das três dimensões da condição humana (indivíduo-sociedade-espécie), devemos também levar em consideração uma quarta dimensão denominada por Morin (1999) de humanidade. Esta outra dimensão possibilita-lhe pensar uma definição hipercomplexa para a condição humana e também aponta, como assim

vislumbramos, para a investigação de mais uma dimensão da subjetividade humana, além da individual e da social. A validade desta hipótese só será analisada em outras pesquisas.

Devemos ainda considerar que as marcas da existencialidade do ser humano, em sua *corporeidade/subjetividade*, estão inscritas a partir da dimensão eco-subjetiva, a qual revela, precisamente, a sua abertura ecológica/existencial. Com essa dimensão, na qual se encontra a relação complexa (complementar, concorrente e antagônica) entre dependência e autonomia da abertura ecológica/existencial, temos condições de levar em consideração as características constituidoras e mantenedoras da relação entre o indivíduo-sujeito humano e o meio ambiente. Isto tanto no que diz respeito aos impactos das suas ações sobre o meio, quanto aos impactos da qualidade do meio ambiente sobre o ser humano. Compreendendo que suas ações são o resultado da inter-relação entre as dimensões da corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito e delas com a subjetividade social, e considerando ainda a ecologia da ação, ou seja, as ações realizadas a partir da intenção e do sentido atribuído pelo indivíduo agente, com finalidades egocêntricas, ao engrenar-se com as inter-retroações do ambiente, escapam ao próprio indivíduo e podem ganhar outros sentidos e finalidades, podendo até ser antagônicos (MORIN, 1999).

Para completarmos o fecho deste tópico, que é também o fecho do ser e da existência autônomos, precisamos chegar à noção de si físico da *corporeidade/subjetividade* humana. A importância desta noção reside na necessidade de reconhecermos que somos físicos pelo nosso ser, isto é, já existe ser para o ser humano em tudo que é físico em sua corporeidade. Não só a nível celular, conforme veremos, o si se torna *autos*, mas em cada átomo e molécula da corporeidade humana existe ser e existência porque são organizações físicas ativas. E esta qualidade de ser e existência, já na dimensão física, permite considerarmos que o indivíduo-sujeito humano é dotado de um si (mesmo) físico, sendo ele a infraestrutura organizacional da *corporeidade/subjetividade* humana, indicando, assim, a radicalidade desta dimensão constituidora do ser humano.

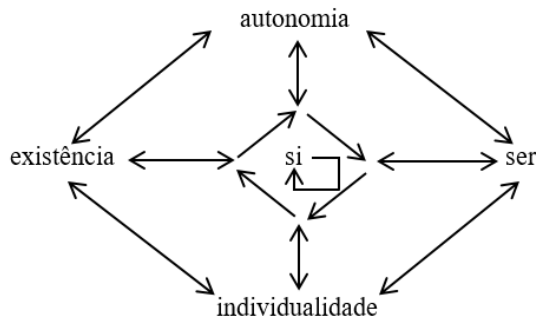
A noção de si emerge a partir da ideia de anel retroativo-recursivo produtor-de-si que liga abertura e fecho. A abertura alimenta o anel, que, por sua vez, opera o fecho. Neste sentido, “se consideramos o anel fechado/aberto na sua natureza generativa profunda, vemos então que a sua produção primeira e fundamental é produzir-se, isto é, produzir seu ser e a sua existência (...) e que o ‘si’ é o fecho original e constitucional dos seres abertos” (MORIN, 1997, p. 197).

O anel produtor-de-si é a um só tempo um anel organizador-de-si. Por esta razão, a ideia de ser não é uma noção substancial, mas sim organizacional. O ser emerge onde há

organização e só adquire densidade fenomênica onde existe organização ativa. Nelas a organização-de-si significa produção da organização por ela mesma ou reorganização de si. Como bem resume Fortin (2005), é pela produção e generatividade do anel/circuito recursivo que aparece o si. No entanto, o si não é apenas produção de si por si ou reprodução de si, é mais, essencialmente, a aptidão para se produzir a si mesmo. “Ter si, é poder produzir o seu ser e a sua existência, é dar-se ser e existência, renascer e reexistir por si mesmo” (p.79). É ter autonomia existencial. Em suas próprias palavras, Morin afirma que:

Dizer que o si é uma realidade numa ordem nova quer dizer que a produção do seu próprio ser é mais do que a produção do seu próprio ser: é a produção de um ser que tem um *si*, e que por ter um *si*, pode produzir o seu próprio ser. O si produz aquilo que o faz nascer e existir. O si é aquilo que nasce por si mesmo, aquilo que se vira sobre si, como no pronome reflexivo *se*, aquilo que volta a si, aquilo que recomeça o si (na regeneração, na reorganização). (1997, p. 198-199)

É necessário esclarecer que Morin não concebe o si como em-si, bastando-se-a-si-mesmo, pois para existir o ser necessita sempre do meio ambiente, do fluxo que vem de fora. É sim um quase para-si, quase porque não se trata de estabelecer a ideia de finalidade para os seres físicos, aparecendo apenas nos seres vivos dotados de auto-organização. A ideia de si está profundamente ligada a um processo produtor generativo (anel recursivo, abertura/fecho, *poiésis*) e constelada com as ideias de autonomia, de ser, de existência e de individualidade.



**Figura 7** – Constelação das ideias de autonomia, de ser, de existência e de individualidade na produção do si: infranatureza dos seres produtores e da produção dos seres (MORIN, p. 200).

No sol (estrela) encontramos um si fortemente estabelecido por uma autonomia que vem das suas profundezas e, por isso, possui plenitude de ser e de existência. Nos turbilhões o si é frágil porque o seu ser e a sua existência se fazem presentes na duração reiterativa, relativamente breve, do redemoinho. É em nós, seres vivos, onde o si torna-se reprodutor-de-si (ciclos das reproduções), ou seja, torna-se *autos* (auto-organização, autoprodução, autorreferência), que poderá nascer o eu. Mas é mais intensamente entre nós, seres humanos,

nos e pelos desenvolvimentos do indivíduo-sujeito, da existencialidade e do ser, que o eu se expressará como realidade *somática/subjetiva*.

## CAPÍTULO 4 - DA *PHYSIS* AO *BIOS*: A AUTONOMIA VIVA DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO

Temos agora de transpor o salto conceptual do físico ao biológico, onde, ao mesmo tempo: o “si” se converte em “*autos*”; a existência se converte em vida; o ser se converte em indivíduo; o vivo se autogera a partir do vivo.  
Edgar Morin (O método, v. II, p. 104)

A individualidade é um apanágio da complexidade.  
Gaston Bachelard (1884-1962)

A reorganização será vista como a chave principal do *computo*, dado que a subjetividade não é nem a consciência nem a substância, mas sim a consequência da organização.  
Myron Kofman (Edgar Morin, p. 132)

A chave da bactéria está no homem, cuja chave está na bactéria.  
Edgar Morin (O método, v. II, p. 186)

Para chegarmos a compreensão do carácter complexo da autonomia viva da *corporeidade/subjetividade* humana é necessário não perder de vista a sua relação indissociável com o mundo físico. Como poderemos compreender neste capítulo, dos processos constituidores da organização (física) ativa, de um si (mesmo) físico, exposto no capítulo anterior, emerge a organização viva dotada de uma autonomia fundamental denominada por Morin (1999) de *autos*. Este macroconceito apresentado inicialmente no capítulo 2, fundamenta a característica essencial de todo ser vivo, desde as bactérias aos seres humanos, e indica um princípio e, mais ainda, um paradigma para pensar a complexidade do *bios* e do antropossocial.

Como veremos, o si (mesmo)<sup>32</sup> físico se torna o si mesmo vivo, um processo e uma emergência que evidenciam a relação e as transformações entre essas duas dimensões. E ao considerar esse processo e essa emergência, poderemos compreender como a consciência do “eu sou” no ser humano está relacionada e alicerçada no si físico, presente nos átomos e macromoléculas da corporeidade/subjetividade, formando a infraestrutura físico-química organizacional.

Desta infraestrutura se organizam e emergem as células, detentoras de um princípio informativo de identidade alicerçada na ideia de computação e na ideia imunológica de um si celular e organísmico. A partir destas duas ideias principais, é possível abstrair a existência de um eu presente em cada célula e no conjunto associativo de células, formando um organismo animal ou humano. Este Si imunológico reunifica o organismo e o indivíduo, estabelecendo o

---

<sup>32</sup> O *mesmo* entre parênteses esteve até aqui indicando que o si físico da corporeidade/subjetividade humana é indissociável do si mesmo, que o *autos* vem fundamentar e que já no que é físico deste corpo podemos encontrar uma identidade do indivíduo-sujeito humano que, como afirma Morin (1997), e já destacamos isso mais de uma vez, não é físico pelo seu corpo, mas sim pelo seu ser, seu ser é um sistema físico.

ser individual conjuntamente com os processos genéticos e fenotípicos/fenomênicos que determinam a singularidade, a diferença e a originalidade da individualidade dos animais e, principalmente, dos seres humanos.

Por sua vez, enquanto emergência de uma subjetividade caracterizada pela ocupação do sítio egocêntrico e pela posição e as ações sempre autorreferentes de todo ser vivo, o eu celular e organísmico alicerçado no si ganhará os contornos e se expressará no ser humano como o “Eu sou” subjetivo, constituído na complexa inter-relação entre afetos, pensamentos e linguagens na dialógica inconsciente-consciente. Neste sentido, abarcando o conjunto desses processos, a subjetividade, ou o eu subjetivado, é uma emergência da relação entre um indivíduo-sujeito humano, portador de um aparelho neurocerebral, e a cultura na qual está imerso.

#### **4.1 O *autos* e a *corporeidade/subjetividade* humana: fundamentos da autonomia viva**

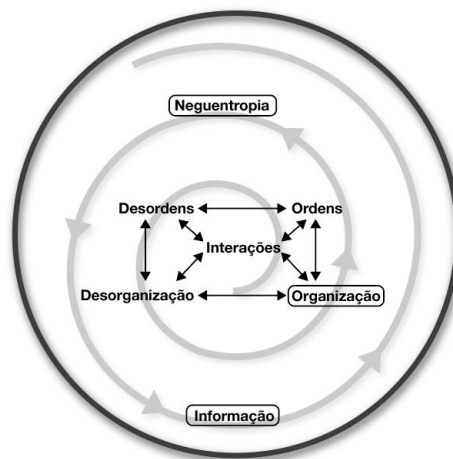
Para evidenciar esta passagem da *physis* ao *bios*, devemos introduzir, sinteticamente, dois outros aspectos não contemplados pelas noções de ser e existência física da corporeidade/subjetividade humana: a comunicação e a informação. Estas duas qualidades não pertencem, conforme propõe Morin (1997), em uma leitura crítica ao reducionismo informacional, aos seres máquinas naturais (estrelas, turbilhões e redemoinhos). Só encontramos nos seres máquinas vivos e também nas máquinas artificiais, mas, no caso destas últimas, não sendo detentoras e constituídas por ser e existência autônomos.

Para todo ser vivo a sua organização é sempre de caráter comunicacional e informacional. Morin (1997) parte das ideias da Cibernética para propor a noção de organização comunicacional que possibilita explicitar a importante noção de aparelho<sup>33</sup> para o entendimento dos processos da organização viva e social. A partir da ideia de organização comunicacional, considera-se a complexa relação entre comando e comunicação, e, por sua vez, a complexa relação entre subjugação e emancipação, bem como a relação entre aparelho, organização e meio ambiente para tudo o que é vivo e social.

---

<sup>33</sup> Para Morin (1997, p.222), a definição de aparelho designa “a disposição original que, numa organização comunicacional, liga o tratamento da informação às ações e operações. A este título, o aparelho dispõe do poder de transformar informação em programa, ou seja em imposição organizacional”. Esta noção de aparelho é um conceito-chave complexificado por Morin ao estabelecer a relação entre comunicação, comando e a noção de organização, e também ao explicitar a questão do poder como inerente a esta relação, que, até então, se mantinha oculta na concepção cibernética. Para este trabalho, a sua importância está na compreensão das relações entre o aparelho neurocerebral e o aparelho psíquico, a partir do seu desenvolvimento filogenético e ontogenético indicado por Morin. Este autor parte da crítica à visão da cibernética para em seguida relacioná-la às máquinas vivas, às células (dotadas de um protoaparelho) e ao ser humano (dotado de aparelho neurocerebral, aparelho reprodutor sexuado e aparelho psíquico).

Com a ideia de organização informacional, Morin (1997) estabelece a relação entre neguentropia e informação, associada ainda à noção de generatividade presente nas organizações ativas. Neste sentido, Morin indica que a informação deve ser pensada a partir da ideia de organização neguentrópica<sup>34</sup>, permitindo assim reconhecer o caráter original do processo neguentrópico enquanto aquilo que remete a uma *Gestalt* ou configuração organizacional, compondo a infraestrutura organizacional da vida. Por sua vez, esta perspectiva possibilita uma inversão da visão clássica de informação, pois enquanto que para esta visão a informação precede a neguentropia, na visão defendida por Morin, a informação é produzida pela organização neguentrópica inscrita no princípio do anel que já existe nos seres máquinas físicos naturais. Isto é, definida a partir da ideia de organização recursiva produtora-de-si, a informação é “aquilo que, a partir dum engrama ou signo, permite gerar ou regenerar a neguentropia por contato, no quadro ou no seio duma organização neguentrópica *ad hoc*” (1997, p. 329).



**Figura 8** - A organização neguentrópica a partir do anel pentalógico, retroativo e recursivo e como matriz das configurações organizacionais.

Assim considerada, a informação faz parte da atividade da totalidade, enquanto totalidade de uma organização ativa. É um dos conceitos constelados na ideia de organização neguentrópica genofenômica de natureza informacional/comunicacional, um complexo generativo que adquire forma de aparelho e que possibilita a compreensão da vida enquanto uma auto-(geno-feno)-eco-re-organização (MORIN, 1997). Justamente uma forma de organização que faz o si se tornar *autos*, o ser e a existência se tornarem vida, movida pelo

<sup>34</sup> A ideia de organização neguentrópica é desenvolvida por Morin (1997) a partir do problema da organização viva formulado por Schrödinger em dois sentidos: o da entropia (degradação e desorganização da matéria física, tanto nos seres máquinas físicos naturais, quanto nos seres vivos) e o da neguentropia (organização e reorganização das organizações ativas naturais, assim como auto-organização e autorreprodução dos seres vivos).

dinamismo reorganizador do anel reprodutor-de-si, que são as primeiras manifestações de um protopsiquismo, como veremos mais à frente.

No entanto, o mais importante para este ponto em que estamos no desenvolvimento da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana é compreender a noção de *autos*, proposta por Morin (1999), partindo da ideia de uma autonomia relativa já presente nos seres físicos naturais, mas ultrapassando-a e reconhecendo, na vida, uma forma de organização dotada de autonomia original. Esta autonomia viva deve ser reconhecida em dois níveis inseparáveis, mas distintos. Um nível fenomênico, relacionado a existência individual, estabelecendo e firmando o plano da existência, da organização, da ação e do comportamento no seio de um ambiente, isto é, exatamente o da corporeidade/subjetividade enquanto um indivíduo-sujeito em sua totalidade fenomênica.

E o nível generativo, de uma autonomia genética e genérica, relacionado ao processo transindividual que gera e regenera os indivíduos, a partir de um patrimônio hereditário inscrito em unidades cromossômicas, os genes. Nível este correspondente à infraestrutura organizacional do ser celular da corporeidade/subjetividade. Desta forma, devemos identificar estes dois níveis de organização do ser vivo, os quais indicam que a autonomia viva é uma autonomia de organização em dois níveis. Conforme elucidado pelo autor, com esta questão, estabelece-se o problema da relação circular entre autonomia e organização viva.

De acordo com Morin (1999), é com a ideia de organismo que a noção de organização viva vai se identificar, de modo que com o desenvolvimento da biologia se identificará no organismo uma forma de organização autodeterminada ou dotada de determinismo interior. Esta autodeterminação possibilita sua existência autônoma. No entanto, “não é à escala dos organismos mais evoluídos, é à escala da mais humilde célula que o problema da organização da autonomia viva se formula na sua radicalidade” (p.100). Enquanto unidade viva fundamental, é uma “‘individualidade própria’ organizando e fazendo emergir em si as propriedades constitutivas da vida” (p.100), um ser vivo total, a partir do qual podem existir vários níveis de vidas simultâneos e encadeados (celular e intercelular), correspondendo aos diferentes níveis de emergência da subjetividade, como já indicado anteriormente e como buscaremos fundamentar a partir daqui.

Com estas contribuições advindas da biologia molecular, conforme expõe Morin (1999), pôde-se compreender o complexo auto-organizador de milhões de moléculas que constitui um ser unicelular como a bactéria. Encontra-se neste ser vivo processos biológicos que possibilitam a organização autônoma da autonomia viva. Todavia, estas contribuições da biologia molecular que fazem emergir o problema central de uma organização da autonomia



viva e duma autonomia desta organização, por não possuírem um paradigma que indique a organização como uma noção chave e com ela as ideias de retroação, emergência e autonomia, acabam por não considerar a relevância fundamental da ideia de auto-organização para compreender a vida.

Deste problema central, Morin irá elaborar a ideia capital de *autos*<sup>35</sup>. Como afirma o próprio autor (1999), a ideia de autonomia era impossível de ser concebida numa visão mecanicista e determinista. Por esta razão, é a partir da década de 1950, com as discussões avançadas da cibernética, da teoria dos sistemas e da teoria dos autômatos acerca da auto-organização, que a questão da autonomia vai ganhar complexidade, estabelecendo uma relação estreitamente ligada à noção de dependência, e indicando a necessidade de se conceber a noção de *autos*, conforme defende o autor. Com esta noção, são constelados os conceitos fundamentais e elucidadores do caráter singular da autonomia dos seres vivos: auto-organização, autorreorganização, autoprodução, autorreprodução e autorreferência.

Conceito desenvolvido para enfrentar o enigma da origem da vida, a noção de *autos* desperta e regenera o prefixo *auto* nos seus dois sentidos: “o mesmo” (*idem*) e o “si-mesmo” (*ipse*). Por esta razão, a produção-de-si no nível físico da *corporeidade/subjetividade* humana, já é o do *autos*, nível biofísico, o que pode reproduzir-se e que comporta a um só tempo, por um lado o mesmo (*idem*), o idêntico, a autorreprodução, a espécie, que corresponde ao nível da infraestrutura organizacional genética e genérica (generativa) da *corporeidade/subjetividade*; e por outro, o si-mesmo (*ipse*), a identidade, a auto-organização, o indivíduo, a subjetividade, que por sua vez corresponde ao nível fenomênico da organização da *corporeidade/subjetividade* humana.

Nesta passagem do si ao *autos*, a existência do ser físico se converte em vida do ser vivo e o próprio ser se converte em indivíduo e em sujeito/subjetividade, este último, como será esclarecido, no sentido primeiro que devemos considerar para o nível celular. Sendo assim, a *corporeidade/subjetividade* humana, enquanto um ser vivo, já é dotada de vida e já é um indivíduo-sujeito, tanto no plano celular quanto no plano do organismo e, também, como veremos mais adiante, nos níveis propriamente psíquico e mental. Em todos esses níveis, a *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano é uma organização viva que possui uma autonomia de organização e de ação própria da vida cuja noção de *autos* vem destacar.

Nesse sentido, como indicado anteriormente, a *corporeidade/subjetividade* humana, no nível do indivíduo-sujeito humano, é uma organização neguentrópica

---

<sup>35</sup> As razões que justificam a elaboração da noção de *autos* estão em Morin (1999, p. 102-104).

(computacional/informacional/comunicacional) com dois níveis de organização: o fenomênico, no qual está “externalizado” e evidenciado o indivíduo em sua globalidade e em sua forma corpórea/subjetiva; e o generativo (genético e genérico), “internalizado” nos processos que fornecem à organização toda a informação necessária à sua manutenção, à sua sustentação e regeneração (autoprodução) e a autorreprodução que garante a perpetuação da espécie (FORTIN, 2005). Por isso, Morin afirma que se trata de uma auto-(geno-feno)-eco-reorganização, que é a vida e que é a própria corporeidade/subjetividade em seu constante processo de se manter autonomamente viva, tanto para o indivíduo quanto para a espécie.

#### **4.2 A corporeidade/subjetividade organizmática: para uma noção da individualidade e do indivíduo humano**

Para compreendermos a noção de individualidade e de indivíduo humano elaborada por Morin (1999), precisamos demonstrar de modo sintético a sua relação com a autonomia viva em seus dois níveis de organização (generativo e fenomênico). E sem perder de vista a precedência física desta autonomia nos seres-máquinas organizadores-de-si da *physis*, como os átomos, as estrelas e os turbilhões (MORIN, 1997).

Ao tentar desenvolver uma compreensão complexa da relação entre esses dois níveis da organização da autonomia viva, Morin (1999) os denomina de *genos e fennon*. O primeiro remete para o genérico, para o genético, para o gerador e para o regenerador; termo relacionado aos processos genéticos que dão origem à vida, aos seres vivos; uma dimensão microscópica. O segundo remete para a existência fenomênica *hic et nunc*, individual, num ambiente; termo relacionado aos processos globais que permitem a permanência da vida; para a individualidade humana podemos relacionar a sua totalidade somática e subjetiva; uma dimensão macroscópica. Neste sentido, devem ser considerados como a dupla natureza e a dupla identidade da vida que é uma em cada indivíduo vivo, isto é, uma unidualidade do indivíduo vivo.

Como colocado acima, o *genos* corresponde à generatividade, aquilo que produz e mantém processos organizadores, e o *fennon* ao plano da existência individual e, adicionando sua característica fundamental, à esfera ontológica do mundo fenomênico. Ou seja, uma dimensão na qual “a máquina viva adquire corpo, o corpo vivo adquire ser, o ser vivo adquire existência, a existência viva afirma-se no modo da individualidade” (MORIN, 1999, p. 112). Com a noção de *fennon*, uma categoria assimétrica a *genos*, é evidenciada a autonomia fenomênica, desconhecida na biologia clássica. Reconhecendo a dupla pertença do *fennon*,

tanto ao genótipo (*genos*) quanto ao ambiente (*oikos*), Morin afirma que, de fato, existe dupla imposição e dupla servidão quanto ao *genos* e ao *oikos*. No entanto, não podemos

esquecer que é justamente a partir desta dupla servidão que nasce e se afirma a autonomia fenomênica; a servidão quanto ao *genos* produz a autonomia organizacional quanto ao *oikos*, e a servidão quanto ao *oikos* não só alimenta esta autonomia organizacional mas garante a autonomia existencial do ser quanto ao *genos*. O *fenon* constrói a sua autonomia na e pela sua existência ativa de ser-máquina, a qual se forma e se alimenta a partir destas duas servidões que se opõem e se unem nela. (1999, p. 112-113)

Desta forma, podemos reconhecer o *fenon* em sua natureza organizacional, enquanto sendo a esfera que constrói a autonomia organizacional do ser-máquina vivo, e em sua natureza ontológica, enquanto a esfera na qual emergem o ser e a existência individuais. Isto é, estamos diante do problema da individualidade viva, presente desde as bactérias ao *Homo sapiens*, estando para este último em sua corporeidade/subjetividade. Mas não devemos dissociá-la da esfera organizacional pertencente propriamente ao *genos* e que juntas estabelecem uma relação na auto-(geno-feno)-organização.

Devemos destacar que o *fenon* corresponde à “ordem” do soma, de onde emergem, justamente, a individualidade e também a subjetividade, em simultânea constituição com o organismo. Podemos, então, relacionar a “ordem” do soma anunciada pelo *fenon* com a corporeidade/subjetividade em suas dimensões orgânica-sensório-motora, psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual. Conforme anunciado desde o capítulo 2, em seu primeiro nível, a subjetividade emerge em cada célula e nas inter-relações celulares, tornando-se uma subjetividade organísmica presente na dimensão orgânica-sensório-motor. Além disso, a subjetividade, no seu segundo nível de emergência, envolvendo os processos psíquicos-afetivos-relacionais e mentais/espirituais, também atua recursivamente sobre o primeiro nível de emergência da subjetividade, isto é, sobre a própria dimensão orgânica-sensório-motora, compondo também a “ordem” do soma. Desta forma, a subjetividade que emerge do soma é o resultado da inter-relação entre os três sistemas da corporeidade/subjetividade, trazendo ainda a participação do terceiro nível de emergência da subjetividade presente no sistema mental/espiritual, a consciência.

Alcançada a “ordem” do soma da corporeidade/subjetividade na perspectiva do pensamento complexo, devemos indicar, desde já, a sua relação com a noção de unidade psicossomática de Wilhelm Reich (1984), tanto no que concerne aos processos bioenergéticos e comportamentais quanto aos processos psíquicos. Esta relação deve ser discutida tendo em vista a noção de unidade complexa corpórea/subjetiva organizada proposta neste trabalho, guardando a relação indissociável entre *fenon* e *genos*, como veremos em seguida. Num

primeiro momento, esta discussão será realizada a partir da proposta da Biossíntese e só em trabalhos ulteriores poderemos realiza-la diretamente com as ideias de Reich.

Considerando a relação inseparável entre *fenon* e *genos*, a unidade complexa corpórea/subjetiva organizada é constituída, simultaneamente, pela “ordem” do *soma*, a partir da qual emergem a individualidade e a subjetividade, e pela “ordem” do *genos* ou dos processos genéticos. Estamos diante da unidade da dualidade genofenômica, estabelecida por Morin (1999), na forma de um anel geno-feno-organizador, incluindo ainda o meio ambiente, ou seja, um anel geno-feno-eco-organizador. Este anel evidencia a complexidade do *autos*, comportando a um só tempo o *genos* e *fenon*, relativizados a partir de um metaponto de vista. Neste sentido, a auto-organização é, simultaneamente, dupla e una, isto é, auto-(geno-feno)-organização: “toda a geno-organização e toda a feno-organização precisam, cada uma, do dinamismo da outra, e que ambas precisam do dinamismo do todo auto-organizador que constituem em conjunto” (MORIN, 1999, p. 114). Dinamismo geral do ser-máquina vivo, herdado do dinamismo reorganizador dos seres-máquinas naturais da *physis*: lembremo-nos dos turbilhões e redemoinhos em anel espiralóide para fixarmos uma *imago* genésica e generativa deste dinamismo. Relacionado à ideia de *animus*, devemos compreendê-lo como um dinamismo organizador e de corporalização constituído e constitutivo do próprio *autos*, e ainda identificado como um protopsiquismo, conforme será explicado posteriormente.

Podemos, então, entender que o dinamismo geral do todo auto-(geno-feno)-eco-organizador constitui e mantém a fenomenalidade do *soma*, da individualidade e da subjetividade, seja na unidade do ser celular ou do ser humano, em sua corporeidade/subjetividade. Todavia, devemos buscar destacar o que caracteriza propriamente a individualidade e o indivíduo humano em seu organismo, enquanto uma condição e uma dimensão da *corporeidade/subjetividade* humana.

Para chegar à noção de individualidade biológica e indivíduo vivo, Morin (1999) parte da noção física de indivíduo. Esta pode ser identificada na individualidade/descontinuidade das partículas subatômicas. Também está presente na singularidade da origem, da evolução e das leis do universo físico, conforme evidencia a astronomia pós-hubbliana. E ainda na autonomia individual dos seres-máquinas que indica uma individualidade na sua natureza organizadora-de-si, sejam eles multimilenários (os astros) ou efêmeros (turbilhões). Neste sentido, são destacados os traços da individualidade multidimensional: singularidade/originalidade, eventualidade/acontecimento e autonomia. Traços, estes, também identificados na individualidade biológica e no indivíduo vivo.

No que concerne aos seres vivos multicelulares, assim como é encontrada uma singularidade em cada unicelular que marca a sua diferença, cada organismo também é único na sua constituição e na sua forma. Cada ser vivo multicelular é singular na sua morfologia, na sua anatomia, na sua fisiologia, no seu temperamento, no seu comportamento e na sua inteligência. E todas essas diferenças se tornam acentuadamente fortes entre nós, *Homo sapiens* (MORIN, 1999).

O organismo, enquanto unidade biológica, é o próprio *fenon* em seu ser e em sua existencialidade individual. E a singularidade deste indivíduo está relacionada à sua singularidade genética. Ao mesmo tempo em que o *genos* é genérico, ou seja, sua generatividade e seus mecanismo genéticos são universais, traz nos genes um capital e uma fonte de singularidades, o que permite identificar nele um princípio de individuação. Contudo, não devemos nos esquecer da relação recursiva entre *genos* e *fenon*, pois assim como a individuação genética é produtora do indivíduo (*fenon*), ela também é um produto deste indivíduo, que é, ao mesmo tempo, o produto e o coprodutor da individuação. Assim, “o indivíduo não é uma espécie singular dum tipo geral, é a realização concreta dum processo de individuação” (MORIN, 1999, p. 142), processo este configurado na corporeidade/subjetividade de cada indivíduo-sujeito.

Para além da singularidade, da originalidade e da diferença, a individualidade viva está fundamentada mais profundamente na qualidade de ser e existência autônomas, já presente nos seres-máquinas físicos, mas muito mais autônoma no ser-máquina vivo. Da mesma forma que um ser celular é dotado de autonomia auto-organizadora, devemos considerar o organismo em seu todo como uma auto-organização autônoma, ambos guardando uma autonomia individual. Sendo assim, podemos considerar o organismo como uma individualidade organísmica ou um organismo individual, expressando qualidades do ser individual em sua motricidade, sensibilidade, afetividade e inteligência, estando presente, sobretudo, em animais como mamíferos e primatas, e, de um modo geral e mais acentuadamente, na corporeidade/subjetividade do *Homo sapiens*.

Por outro lado, o unicelular também é um ser individual que computa e decide por si e para si. Este *si*, para Morin (1999), possibilita a reunificação entre a ideia de organização viva autônoma e a ideia de ser individual. Fundamentando-se na imunologia, o autor afirma que a ideia de *si* “manifesta-se como autoafirmação de identidade não só molecular, mas global, de caráter não só defensivo, mas eventualmente ofensivo e fundamentalmente organizador, dum ser que se reconhece como si mesmo, se organiza por si mesmo e age para si mesmo” (p.

144). Desta forma, o *si* da imunologia reunifica o organismo e o indivíduo, estabelecendo o ser individual.

Assim, a individualidade do indivíduo não se resume à sua singularidade, diferença e originalidade, as quais se manifestam biologicamente, psicologicamente e no comportamento, pois reside, mais originariamente, no ser e na existência de *si* mesmo. Apesar de não poder ser identificado com o *autos*, o qual o abarca e o inclui, é a partir deste *si* mesmo que Morin (1999) vai elaborar uma noção de *eu* presente no mais simples dos seres vivos, o unicelular, assim como em cada célula da corporeidade/subjetividade humana. Este *eu*, evidenciado a partir de uma lógica própria do *bios*, da vida, fundamenta a ideia de sujeito vivo ou o vivo do sujeito e da sua subjetividade, desde a bactéria ao ser humano.

### **4.3 Em busca das raízes profundas da subjetividade humana: do indivíduo celular e organizacional à subjetividade celular e organizacional**

Até este ponto da elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, estivemos evidenciando as raízes da natureza física do ser humano e a passagem do físico ao biológico, na ótica do pensamento complexo. Como vimos, a natureza física, originária da *physis*, é organizacional. Esta organização, seja o átomo, as estrelas ou turbilhões, se estabelece a partir de um anel gerador, de caráter pentalógico, retroativo e recursivo, a partir do qual se constitui uma unidade complexa organizada, dotada de ser e existência autônomos. Ao se tornar uma autonomia fundamental, designada por Morin de *autos*, a organização física se transforma numa organização viva ou numa auto-organização, isto é, uma organização que se organiza para si mesma, a começar pelos unicelulares, como tem sido postulado por Von Foerster, Von Neuman, Atlan, Varela, Maturana, entre outros autores, desde os anos 50 do último século. Sendo a própria célula e o organismo como um todo esta auto-organização, ou melhor, esta auto-eco-organização, como proposto por Morin (1997, 1999), portadora de um *Si* justificado pela imunologia, permite reconhecermos a individualidade e o indivíduo na própria corporeidade de um ser humano.

Para darmos mais um passo na elaboração do conceito em questão, devemos encarar o problema de como a subjetividade emerge na corporeidade. Para tanto, precisaremos continuar seguindo o itinerário do pensamento complexo ao longo da obra “O método”. Neste caminho com Edgar Morin, apresentaremos a fundamentação que justifica a expressão a qual indicamos como necessária - *corporeidade/subjetividade* - para representar o *continuum*, a

indissociabilidade e, principalmente, a unidade complexa organizada<sup>36</sup> entre o que é corpóreo e subjetivo em nós, seres humanos. Esta unidade complexa organizada, tal qual entre o corpóreo e a individualidade, está presente em cada célula de nosso corpo e no organismo como um todo, e deve ser compreendida a partir deste *Si* mesmo (corpóreo) para, então, chegar à fundamentação da ideia de sujeito/subjetividade.

Nesse sentido, a começar pela dimensão orgânica-sensório-motora, no seu primeiro nível de emergência, já encontramos uma subjetividade presente em cada célula e em suas inter-relações constituidoras do organismo humano. Uma subjetividade presente em ações e movimentos celulares e intercelulares, que não estão diretamente sob o controle do aparelho neurocerebral. Nesta subjetividade está presente um protopsiquismo celular e intercelular, dotado de certa autonomia e, ao mesmo tempo, mantendo uma relação de dependência, indissociabilidade e recursividade com o psiquismo neurocerebral-cultural.

Por sua vez, a emergência de uma subjetividade de segundo nível, relacionada às atividades recursivas entre cérebro-mente em inter-relação com a cultura, possibilita a emergência de um psiquismo neurocerebral-cultural de natureza simbólica. A partir deste nível de subjetividade, torna-se possível conceber uma dimensão psíquica-afetiva-relacional e uma dimensão mental/espiritual, presentes em cada ação motora, tanto segmentar quanto global, seja no gesto, na expressão, como na postura, diretamente relacionados ao controle do aparelho neurocerebral. Considerando ainda a participação intermitente do terceiro nível de emergência da subjetividade, inter-relacionada aos outros dois níveis: a consciência. Com isso, temos as três dimensões ou sistema da corporeidade/subjetividade humana, uma unidade complexa organizada, constituindo o ser humano em sua individualidade.

Além disso, ao levar em consideração as determinações da sociedade e da cultura na constituição do indivíduo humano, fator fundamental e indispensável à gênese e à generatividade dos sistemas psíquico e mental, faz-se necessário assumir um outro sistema humano: a subjetividade social. A elaboração desta outra noção de âmbito sociocultural é uma exigência para alcançarmos uma visão complexa dos processos subjetivos humanos.

Todavia, antes de chegarmos ao desafio de elaborar o conceito de subjetividade social, faz-se necessário evidenciar a unidade complexa organizada da corporeidade/subjetividade do indivíduo a partir da noção de *autos*, formulada por Morin (1999). Seguindo o pensamento complexo nas suas incursões no *bios* (no mundo da vida), poderemos demonstrar a qualidade

---

<sup>36</sup> Como foi explicado anteriormente, a noção de unidade complexa indica a necessidade de complexificação da noção de sistema de modo a considerar o todo e as partes, as emergências e as imposições. Neste sentido, a subjetividade, como será explicitado a partir deste tópico, é uma emergência da corporeidade, que não tem ser e existência sem subjetividade, da mesma forma que esta não tem ser e existência sem a corporeidade.

de sujeito e a existência de uma subjetividade presente tanto nos unicelulares quanto em cada célula de um organismo humano, assim como nas suas interações.

Para tanto, devemos buscar identificar, seja no unicelular ou em cada célula do organismo humano, o que conduziu à emergência do ser e da existência viva dotados da qualidade de sujeito e subjetividade. Como já explicado no final da seção anterior, é a partir da ideia de *Si*, advinda da imunologia, que Morin (1999) parte para desenvolver uma noção bio-lógica de sujeito e de subjetividade humana. Neste sentido, devemos reconhecer, sobretudo, nos “animais superiores”<sup>37</sup> um *si*, surgindo da oposição imunológica ao *não si* e constituindo uma autoafirmação de identidade individual, simultaneamente molecular, celular e global, do organismo. Uma afirmação de *Si* que é um querer viver, querer produzir, manter e salvaguardar sua vida. Vida que coincide com a sua unidade, a sua integridade e a sua identidade, numa expressão: o si mesmo.

A distinção *si* e *não si* operada no e pelo organismo é de natureza cognitiva, conforme demonstra a imunologia, e também sensível, como esclarece Morin (1999). Na concepção deste autor, esta operação cognitiva, a qual evidencia a ideia de um conhecimento, só pode ter sentido no nível celular, pois a célula é um ser computante e a computação celular, conforme será explicado em seguida, institui a primeira forma de conhecimento no *bios*. Um conhecimento que emana dum “conhecimento global do organismo enquanto organismo”, sem a participação direta do cérebro do animal, resultado “das interações entre as células destinadas às tarefas imunológicas e o conjunto do organismo” (1999, p.147).

Neste sentido, antes mesmo e não exclusivamente presente nas funções cognitivas neurocerebrais dos “animais superiores”, principalmente, para este trabalho, aves, mamíferos e primatas, incluindo também o *Homo sapiens*, há um ato cognitivo único de discriminação *si/não si* em cada célula e em todo o organismo que estabelece “dois conhecimentos de ordem diferente: por um lado, o *si* auto-reconhece-se, auto-confirma-se como unidade e por isso auto-afirma-se; por outro lado, o *não si* é conhecido, não ‘em si’, mas ‘negativamente’ como intruso” (MORIN, 1999, 148). Isto é, este dispositivo imunológico é a um só tempo cognitivo, organizador e defensivo e/ou protetivo, como preferimos denominar, e, por isso, sensível. Pela sua autoprodução permanente de identidade e integridade do *si*, podemos compreender que

---

<sup>37</sup> A expressão “animal superior” utilizada por Morin (1999) está relacionada na zoologia ao significado da antiga noção de metazoa, estabelecida em oposição ao significado da noção de protozoa: “animais inferiores” ou primitivos. Encontramos também a noção de metazoários, grupo de animais que possuem um número elevado de células, envolvendo desde as esponjas até os animais tidos como superiores, sendo especificamente aqueles dotados de diferentes tecidos e pertencentes ao grande grupo dos vertebrados. Para o autor, a expressão é utilizada para se referir aos animais vertebrados, no sentido geral, e mais especificamente às aves, mamíferos e primatas. No entanto, é uma expressão em desuso na classificação zoológica formal (HOUAISS; VILLAR, 2001).



este dispositivo imunológico faz parte de uma das dimensões da auto-organização/reorganização permanente do ser vivo. Isso permite considerar que para os “animais superiores”, o que inclui o *Homo sapiens*, a auto-organização destes organismos individuais “comporta inseparavelmente uma dimensão de autoconhecimento e de auto-afirmação-de-si” (p.148). Tal dimensão representa as raízes de uma subjetividade orgânica inconsciente, como tentaremos explicitar mais à frente.

Neste ponto, podemos destacar a importante ideia de computação<sup>38</sup> desenvolvida por Morin (1996a, 1997, 1999). O autor parte da teoria moderna da célula para destacar o caráter informacional/comunicacional da organização celular. Ou seja, a ideia de computação se refere ao tratamento da informação no ser celular, que é um ser computante, dotado em si mesmo de um aparelho computante (concebendo, para isso, a inscrição genética como “memória” ou “programa” dum ser-máquina) que permite sua organização. Isto permite a Morin conceber que o ser celular mais simples “é capaz de computar integralmente a sua própria organização e de computar parcialmente os dados do seu ambiente exterior” (1999, p. 149). Esta computação presente no ser vivo mais simples, seja ele um unicelular ou uma única célula do organismo animal e humano, se traduz na mínima ação, reação, interação e retroação. “O ser vivo computa permanentemente e, neste sentido, a computação é o próprio ser” (p. 150).

A característica fundamental da computação que permitirá Morin desenvolver a noção de sujeito/subjetividade é o seu caráter egocêntrico. Qualquer ato computante é sempre uma computação para si, por isso é sempre auto-ego-referente (onde o ser se constitui como centro de referências) e também ego-autocêntrica (onde o ser se constitui como centro privilegiado do seu universo). O ser vivo unicelular sempre visa satisfazer necessidades e interesses próprios de si, isto porque precisa sobreviver num meio ambiente aleatório e sua sobrevivência deve ser garantida, primeiramente, por ele próprio.

A sua condição auto-ego-referente e ego-autocêntrica determina que o ser vivo unicelular “se apresente como totalidade e centro privilegiado do seu universo, excluindo desse local qualquer outro congêneres, mesmo o seu semelhante” (FORTIN, 2005, p. 92), ainda que a sua geração e constituição tenha sido a partir deste outro, como no exemplo da reprodução das bactérias, na qual de uma bactéria se fazem duas. Este centro, para além de ser espacial e temporal, concernindo ao ser e à existência, transcende o espaço e o tempo. Por

---

<sup>38</sup> De acordo com o autor: “não reduzo o termo computação ao simples cálculo, mas considero-o no seu sentido original ‘com-puter’, significando ‘punter’: examinar, avaliar, estimar, supor; e ‘com’: em conjunto, ligando ou confrontando aquilo que está separado, separando ou dissociando aquilo que está ligado. Neste sentido, o termo computação comporta operações cognitivas; o seu estatuto é já o da cognição” (MORIN, 1999, p.150)

isso, Morin (1999) o designa de ser ego-(auto)-cêntrico e ator egocêntrico. Qualquer atividade sua é uma atividade de si para si, de modo que no reino animal, onde o ser vivo ganhou prodigiosos desenvolvimentos, devemos entender que todo ato de um animal não deve ser considerado apenas “como comportamento objetivo (*behavior*), mas como comportamento finalizado (*ethos*) para-si e/ou para-os-seus” (p.151).

O Si orgânico e a computação celular evidenciam, segundo Morin (1999, p. 152), a “*natureza ego-autocêntrica e ego-autorreferente do ser, que se manifesta sempre de modo simultaneamente organizador, cognitivo e ativo* [grifo do autor]” e também sensível, como esclarece o próprio autor, em suas reflexões subsequentes. Tal natureza é uma qualidade que deve ser designada por qualidade de sujeito, “própria de todo ser que computa/atua de modo ego-autocêntrico e auto-ego-referente”. Desta forma, de acordo com o autor, “*a definição do sujeito que nos impõe não repousa nem na consciência nem na afetividade mas no ego-autocentrismo e na ego-autorreferência, isto é, na lógica de organização e de natureza própria do indivíduo vivo: é portanto, uma definição literalmente bio-lógica* [grifo do autor]” (p. 152).

Esta definição é considerada para o ser vivo mais simples, como a bactéria *Escherichia coli*, um unicelular, assim como para o ser vivo dos mais complexos, o *Homo sapiens*, nós seres humanos. Esta noção biológica de sujeito, na concepção do pensamento complexo, estabelece uma subjetividade que se manifesta a partir de uma lógica organizadora que comporta ação, sensibilidade e cognição. Aqui devemos explicitar que o sujeito e a sua subjetividade são indissociáveis para o unicelular. E da mesma forma, mas num nível de complexidade maior, o que inclui níveis diferentes de emergência da subjetividade para um sujeito humano, também devemos tratar os termos sujeito e subjetividade como indissociáveis e fazendo menção a uma mesma qualidade organizacional que emerge com o ser vivo.

Presente desde os unicelulares, a subjetividade do sujeito unicelular se complexificará nos pluricelulares, o que inclui os vegetais e os animais. Nestes últimos, enquanto organismos constituídos pelas interações celulares que guardam uma certa autonomia em relação ao aparelho neurocerebral, ao mesmo tempo em que mantém com este aparelho uma interação pelo dinamismo organizador geral do próprio organismo, poderemos identificar uma primeira dimensão organizadora ou simplesmente um sistema que denominamos de orgânico-sensório-motor. Todavia, para alcançarmos uma definição para esta dimensão da corporeidade/subjetividade humana, assim como para as demais que já indicamos anteriormente, é necessário explicitarmos os traços fundamentais da noção de sujeito que

estabelecem a lógica do sujeito vivo. São eles: ego-autocentrismo, ego-autorreferência e ego-autofinalidade.

O ego-autocentrismo evidencia que todo o ser vivo, da bactéria ao *Homo sapiens*, “*afirma-se assim num sítio privilegiado e único, onde se converte no centro do seu universo, e do qual exclui qualquer outro congênere, inclusive o seu gêmeo homozigoto. É a ocupação exclusiva deste sítio egocêntrico que funda e define o termo ‘sujeito’* [grifo do autor]” (MORIN, 1999, p. 153). Este aspecto fundante da qualidade de sujeito indica que nenhum sujeito pode ocupar o sítio egocêntrico de outro sujeito, o que leva Morin a formular um princípio biológico de exclusão a partir do qual todo sujeito exclui qualquer outro sujeito do seu sítio de sujeito. Aqui encontramos a *ipseidade* de um ser vivo. Apesar das similaridades e regularidades biológicas entre dois seres vivos, considerando todos os seus níveis (genético, fisiológico, morfológico e psicológico), cada ser vivo é único, insubstituível e irreprodutível “no seu ser subjetivo: é único para si mesmo” (p.154).

A ego-autorreferência ou referência-a-si significa que toda computação de um ser vivo tem ele mesmo como centro de referência. Qualquer ação e decisão é a partir de si e se refere a si. A sua computação ego-autocêntrica estabelece incessantemente a discriminação si/não si, e trata o si e o não si em função de si, das suas necessidades, interesses e finalidades. Esta autorreferência corresponde à dimensão lógica da noção de sujeito, conforme tem demonstrado autores como Von Foerster, Varela, entre outros, segundo Morin (1999). E nos desenvolvimentos desta noção, Morin (1999) irá indicar a necessidade de não a fechar em si, de modo a se considerar também uma exo-referência, compondo a auto-exo-referência.

O terceiro traço fundante da noção de sujeito, a ego-autofinalidade (caráter autofinalitário de todas as ações do indivíduo-sujeito: o para si), é traduzido pela expressão ego-autotranscendência, a qual Morin irá designar apenas por autotranscendência. Seu significado está na condição em que o sujeito egocêntrico “eleva-se acima do nível do seu ambiente e ultrapassa, *para si mesmo*, a ordem da realidade e a qualidade de ser dos outros existentes [grifo do autor]” (1999, p. 155).

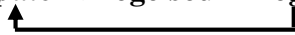
Juntando esses três traços fundamentais se estabelece, conforme anuncia Gunther (*apud* MORIN, 1999), o caráter lógico-ético de distribuição de valores. A discriminação si/não si divide o mundo em valores positivos (valoriza o si) e valores negativos (o sem valor ou o não si). A computação do ser-sujeito é “um ato de distribuição de valores, polarizados entre o verdadeiro/falso, o útil/nefasto, o bom/mau” (p.155). “O que é bom para si torna-se bom em si, o que é útil para si torna-se útil em si (...) o mundo objetivo é traduzido em finalidades subjetivas próprias do ser computante e atuante” (FORTIN, 2005, p. 89).

Esses traços que compõem a noção de sujeito, além de revelar esta qualidade presente no unicelular, permitirão evidenciar a complexidade da subjetividade propriamente humana em suas dimensões lógica, ontológica, ética e etológica. No que concerne ao objetivo deste tópico, do presente trabalho, devemos considerar que tais traços do sujeito estão presentes em cada célula de um organismo humano, ainda que não possamos considera-las isoladamente, pois só existem em associação permanente com outras células, formando o conjunto indissociável e indivisível do organismo humano. Não por acaso, precisamos considerar, em complementariedade, concorrência e antagonismo ao princípio (bio-lógico) de exclusão, o princípio de inclusão formulado por Morin (1999) para acendermos a complexidade dos seres vivos pluricelulares.

Em sua definição, o princípio de inclusão inscreve todo indivíduo vivo numa atividade reprodutora, a partir da qual o indivíduo pode ser inserido comunitariamente num organismo, no caso de uma célula, e numa família e numa sociedade, no caso de muitos “animais superiores”, incluindo os humanos. É uma inclusão a partir do ego-autocentrismo do indivíduo-sujeito, ou seja, não é anulado o princípio de exclusão que determina a condição de sujeito. O indivíduo-sujeito inclui a sua progenitura na sua identidade ao mesmo tempo que se inclui na identidade genérica da comunidade. O egocentrismo inclui-se num sociocentrismo. A identidade subjetiva de um indivíduo inclui-se numa identidade transubjetiva de uma comunidade e de uma sociedade. Enfim, este princípio permitirá considerarmos a possibilidade de uma subjetividade social organizada/organizadora da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

Com estes dois princípios, de exclusão e de inclusão, podemos pensar como se deram as interações cooperadoras entre seres unicelulares de maneira a dar origem aos pluricelulares, isto é, os organismos vegetais e animais. Desta forma, podemos considerar os seres celulares, enquanto indivíduos-sujeitos, fazendo parte de um macro-indivíduo-sujeito, para quem trabalham, sem perder sua individualidade. “Assim, a identidade de cada célula, no seio dum organismo, é simultaneamente de distinção e de pertença, de exclusão e de inclusão” (MORIN, 1999, p.161). Esta dupla característica da identidade do indivíduo vivo indica a coexistência/sobreposição/integração de duas ordens de individualidade, as quais Morin denomina de indivíduo de primeiro grau (seres unicelulares) e indivíduo de segundo grau (pluricelulares).

#### 4.4 A natureza subjetiva da computação do ser vivo: eu *computo* → logo sou → logo



Antes de continuarmos o itinerário moriniano para explicitar a passagem entre as duas ordens de individualidade, o que permitirá fundamentar no próximo capítulo a proposta de uma dimensão orgânica-sensório-motora da *corporeidade/subjetividade* humana, devemos retomar o desenvolvimento da noção de sujeito/subjetividade no que concerne à natureza subjetiva da computação do ser vivo. Como foi colocado, o ser vivo mais modesto, o unicelular procariontes, é um ser que computa egocentricamente e de modo autorreferente, por isso é um ser computante na primeira pessoa, o que justifica a utilização do termo *computo*, “eu computo”.

Morin (1999) utiliza o termo *computo* em referência ao *cogito* cartesiano, como ele mesmo elucida, para considerar a lógica operatória do *cogito ergo sum*. A relação entre estes termos se justifica pelo entendimento do autor de que o “eu penso” (*cogito*) é uma afirmação de existência na primeira pessoa, “eu existo”. E o *computo*, mesmo sendo considerado sem qualquer grau de consciência para a bactéria, diferentemente do *cogito* cartesiano que funda o “eu penso” consciente do sujeito humano, pois ela não formularia um “eu *computo*” e muito menos um “eu *computo*, logo eu existo”, é o que permite demonstrar que toda a organização, todo o ser e toda a existência da bactéria criam um *sum* (“eu sou”) a partir do *computo* (“eu *computo*”).

A relação entre a auto-organização do ser unicelular, onde está enraizado biologicamente o *computo*, e o *cogito* é, inicialmente, evidenciada por Morin (1999) a partir da sua interpretação da lógica operatória do *cogito ergo sum*. Esta corresponde a lógica operatória do anel recursivo e a ontologia geradora-de-si, já identificada nos seres-máquinas naturais da *physis*. Neste sentido, o autor afirma que há um anel espiral do *cogito*, o qual permite justificar, objetivamente em subjetividade, a noção de sujeito consciente em Descartes. A partir deste anel, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, são indicados os termos que constituem a unidade complexa do sujeito: “‘Eu’ inicial = sítio egocêntrico exclusivo; ‘Mim’ = sujeito objetivado como ser individual e identificado com o ‘eu’; ‘Sou’ = qualidade de ser e modalidade de existência do sujeito; ‘Eu’ inicial/final = ‘mim-mesmo-eu’” (p. 166).

A partir desta compreensão do *cogito* cartesiano, podemos reconhecer seus fundamentos nos mesmos processos constituidores dos seres da *physis* e dos seres vivos, ou seja, para estes últimos, os sujeitos biológicos. Enquanto que para a tradição moderna o *cogito cartesiano* operou a dissociação total entre a consciência humana e o mundo físico e biológico, para Morin (1999) remete-o para sua noção “bio-lógica” de sujeito e possibilita

revelar, na esfera do pensamento consciente, a natureza de todo o sujeito (autorreferência, egocentrismo e autotranscendência). E na esfera reflexiva, faz emergir a lógica recursiva própria da auto-organização. Neste sentido, o *cogito*, em sua interpretação moriniana, deve ser compreendido como o desenvolvimento antropológico de uma atividade psíquica que tem, filogeneticamente, sua raiz na computação do unicelular e, ontologicamente, na computação celular e intercelular de um organismo.

Deste modo, podemos considerar a presença do *computo* na relação entre a auto-organização do sujeito unicelular e o *cogito* do sujeito humano, a partir da compreensão de que os processos auto-organizadores se dão mediante a computação celular, ou seja, mediante o *computo*. Este é, como afirma Morin, um *computo* ativo em todo o ser vivo, sendo “gerado/gerador no anel onde se gera/regenera, simultaneamente, a auto-organização, o autoconhecimento e a qualidade subjetiva do ser individual” (1999, p.170-171). Diferente do *cogito ergo sum* (“eu penso logo eu sou”), o qual se dá no plano da consciência e da representação consciente do sujeito humano, o *computo ergo sum* (“eu *computo* logo eu sou”) se dá no plano da produção/geração/organização do ser unicelular ou do ser celular para o organismo humano, processo inteiramente inconsciente para ambos.

Todavia, ao afirmar que o *computo* do unicelular ou da célula do organismo humano é inconsciente não quer dizer que não exista autoconhecimento e reflexividade neste nível da organização viva ou da auto-organização. Pelo contrário, pois só pode haver sujeito unicelular ou celular se houver reflexividade no *computo* já a este nível. Reflexividade demonstrada por Morin (1999) a partir do circuito/anel entre o *si* corporal que se destaca a partir do não *si* e serve de referência ao *mim* objetivado, permitindo a reflexão do *eu*, enquanto sede egocêntrica e computação na primeira pessoa, sobre o *si* e o *mim*. Tal reflexividade evidencia que o indivíduo-sujeito unicelular ou celular, de certa maneira, conhece-se a *si* mesmo.

Autoconhecimento que não significa propriamente conhecimento de *si* mesmo, mas, ao ser examinado a partir da discriminação *si/não si*, enquanto ato cognitiva da auto-organização viva, deve ser ao mesmo tempo considerado como uma “dimensão cognitiva indiferenciada na auto-organização e inerente ao *computo* e sendo um conhecimento do ser sobre *si* mesmo” (MORIN, 1999, p. 172). Neste sentido, a bactéria *Escherichia coli* “conhece-se no próprio ato em que se alimenta (sabendo alimentar-se), se regenera (sabendo como regenerar-se), se defende (sabendo como defender-se), se reproduz (sabendo como reproduzir-se), mas de modo nenhum sabe aquilo que sabe nem conhece aquilo que conhece” (p. 173).

Este autoconhecimento só pode sustentar-se pela autorreferência, ou melhor, auto-exo-referência, outro aspecto presente nos processos celulares de autoinformação, autocomunicação e autocomputação da auto-organização. Uma lógica autorreferencial presente neste circuito constituidor do *computo* celular aponta para a necessidade do sujeito se reconhecer segundo as três instâncias (eu, si e mim) necessárias umas às outras. “O eu é a ocupação do sítio egocêntrico pela computação”, expressa pelo termo *computo*. “O si constitui como que a corporalidade física do mim-eu. O mim participa desta corporalidade física e, ao mesmo tempo, da invariância do eu. É objetivo como o si e autotranscedente como o eu” (MORIN, 1999, p. 173). Mesmo tendo evidenciado este circuito ou ego-anel “eu sou mim/mim sou eu/si é mim”, e justificado o autoconhecimento e a autocomputação do ser unicelular ou do ser celular, falta ainda enfrentar o problema da reflexividade como fundamento deste autoconhecimento e da própria auto-organização. E a questão é como considerar a possibilidade de uma flexibilidade onde não há recursividade mente-cérebro capaz de gerar representação.

Em resposta a esta questão fundamental, Morin (1999) demonstra que podemos encontrar no indivíduo-sujeito mais simples um circuito auto-organizador/autorreferente a partir do qual é possível considerar uma imagem *virtual* (grifo do autor), não de tipo óptico e nem cerebral-mental, na qual se assenta a ideia de reflexividade. Esta imagem virtual é justificada sobre dois aspectos, o *modelo ideal* e o *duplo objetivado de si mesmo* (grifos do autor). Em relação ao modelo ideal, o autor justifica-o a partir da relação complexa entre genótipo e fenótipo, na qual se estabelece um *pattern* do indivíduo fenomênico, que é virtual, e se atualiza concretamente a cada momento em que a organização permanente estabelece a forma do organismo. Esta hipótese do modelo ideal leva o autor a relacioná-la com o duplo. Primeiramente, enquanto fenômeno e categoria antropológica fundamental que evidencia a reflexividade arcaica inconsciente sobre a forma de um espectro corporal incorruptível, dando origem à ideia de espíritos e fantasmas, e relacionando-o ao ego-circuito “eu sou mim/mim sou eu/si é mim”. E em seguida, como o modo de reprodução mais arcaica, a autorreprodução celular assexuada, na qual um ser vivo se desdobra em dois seres-gêmeos vivos, que são um em relação ao outro o seu próprio duplo (*alter ego* reais). Desta forma, a reflexividade do *computo* oscila entre um modelo ideal (imagem virtual) e um verdadeiro duplo concreto e completo proveniente da reprodução, permitindo Morin afirmar que ela “oscila entre menos que uma imagem e mais que uma imagem...” (1999, p.176).

Assim, fundamenta-se o circuito reflexivo autocomputante, possibilitando o autor extrair a ideia de uma *autorreflexão arcaica* (grifo do autor) celular, inseparável da *práxis*

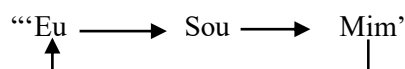
auto-organizadora do ser celular. Autorreflexão arcaica anterior a qualquer representação, imagem mental e ideia. As instâncias reflexivas do ego-anel “são qualquer coisa simultaneamente diferente, inferior, superior a imagens (...). O eu, si, mim, me, mim-eu não são entidades substanciais, mas instâncias autorreferenciais, passando do virtual ao atual, do aceso à lamparina...” (MORIN, 1999, p.177).

O circuito reflexivo da autocomputação demonstra que a bactéria (unicelular) ou a célula de um organismo inclui-se na sua computação, o que permite tratar-se objetiva e subjetivamente num circuito autocognitivo e também *autosensível*, como consideramos fundamental ser destacado desde já. Uma e outra tratam seus constituintes moleculares objetivamente, mantendo uma ordem interna que possibilita sua auto-organização. Ao mesmo tempo, tratam-nas, subjetivamente, como partes relevantes da sua própria identidade. É neste sentido que Morin (1996a) afirma que a célula se trata, globalmente, como objeto, sem, por isso, deixar de se tratar como sujeito. São operações organizadoras/cognitivas e também sensíveis, a partir das quais o autor abstrai um princípio quase logicial de disjunção/identificação entre as instâncias reflexivas: Eu (instância subjetiva computante), Si (referência corporal objetiva: o ser objetivamente computado) e o Mim (entidade objetiva do Eu e subjetiva do Si).

Conforme elucida Morin:

Este princípio permite ao ser computar a sua própria computação segundo um certo número de operações logicamente ligadas: 1) a distinção entre a instância subjetiva e o Si corporal objetivamente computado; 2) A inclusão deste Si, objetivado como pertença própria (*eigen*), no Eu-sujeito; 3) A identificação do Eu com o Si na constituição de um Mim ao mesmo tempo subjetivo e o objetivo. (1996a, p.48)

Morin (1996a, p. 48) indica a partir dos três termos da linguagem, representados abaixo, o circuito computante estabelecido pelas três instâncias já mencionadas, ao mesmo tempo idênticas e distintas:

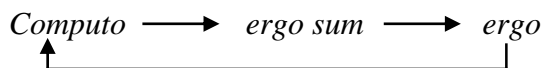


(Piccardo), permite ao ser computante tratar objetivamente os seus constituintes, a sua organização, o seu organismo, em função das suas necessidades ou interesses objetivos/subjetivos, a começar pelas suas necessidades de autoprodução e auto-organização”.

Com a elaboração deste circuito reflexivo autocomputante, Morin (1999, 1996a) fundamenta a noção de *computo* celular, justificando a expressão “*computo ergo sum*”. Esta expressão deve ser elucidada a partir da ideia de que o *computo* é o operador chave do indivíduo-sujeito vivo, o qual, enquanto ser-máquina vivo, é constituído por um processo



ininterrupto de autoprodução/organização. Processo em forma de anel recursivo gerando o *computo* que o produz, operando assim, no seio de um circuito que o gera e que ele constitui. E no qual se articulam “o conjunto dos fenômenos designados pelas noções aqui utilizadas de auto-organização, autoprodução, ser, máquina, computação, indivíduo, sujeito...” (1996a, p. 47). Em recursividade, a expressão em questão deve ser afirmada assim:



Segundo Morin (1999), em comparação ao “*cogito ergo sum*” de Descartes, por meio do qual se produz a consciência do “sou”, o *computo* produz a um só tempo o ser, a existência e a qualidade do sujeito numa expressão: o “eu sou”. O *cogito* cartesiano está isolado da organização biológica (*bios*) e física (*physis*), não possuindo corporalidade e não estando enraizado no organismo humano. O *cogito* se mantém exclusivamente subjetivado. O corpo é rejeitado e dissociado do ego (eu), construindo um ego imaterial, separado da máquina viva (organismo vivo). É neste ponto que a ciência cartesiana rejeita o corpo para o universo da *res extensa* e dissocia dele o *ego* imaterial, a máquina viva e a subjetividade. Diferentemente, o *computo* opera a unidade fundamental do físico, do biológico, do sensível e do cognitivo. Computa na mesma unidade multidimensional o ser, a máquina, o sujeito.

Enquanto o *cogito* cartesiano é gerador de subjetividade consciente mas descorporificada, o *computo* é gerador de subjetividade viva corporificada presente em cada célula e no organismo como um todo. O *computo* opera o “eu sou”, ou seja, a unidade do ser-indivíduo que possibilita agregar, articular e juntar os constituintes de um ser celular e, em associações celulares permanentes, um organismo, que é uma unidade coletiva de um “eu sou” maior. Todo o processo auto-(geno-feno-ego)-organizacional depende do *computo* que depende dele.

Vemos aqui anunciada uma subjetividade presente em todo o organismo de um ser vivo pluricelular, relativamente independente de um aparelho neurocerebral, no que concerne os animais detentores de um cérebro e um sistema nervoso, dentre os quais destacamos o ser humano. Para elaborarmos a definição de uma dimensão ou subsistema da corporeidade/subjetividade humana denominada de orgânica-sensória-motora, enquanto o primeiro nível de emergência da subjetividade/sujeito humano, precisamos retomar e articular algumas noções desenvolvidas por Morin e já indicadas aqui, e ainda explorar os seus desenvolvimentos posteriores ainda não tratados.

## CAPÍTULO 5 - O SISTEMA ORGÂNICO-SENSÓRIO-MOTOR DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO HUMANO

Temos pois a qualidade subjetiva primeira no corpo, aquém do cérebro, muito aquém de toda a consciência.  
Edgar Morin (O método, v. II, p. 272)

Wo Es war, soll Ich werden (“Onde era Isso, há de ser Eu”)  
Sigmund Freud (A dissecação da personalidade psíquica, p. 84)

Não há acontecimento psíquico que não seja ao mesmo tempo acontecimento corpóreo, e vice-versa.  
Von Cammerloher

Conforme exposto no capítulo anterior, a subjetividade é gerada pelo *computo*, constituído e constituidor do processo auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizacional. Por sua vez, este processo organizacional deve ser considerado como um dinamismo reorganizador permanente e geral, conforme indicado inicialmente quando foi apontado o caráter informacional e comunicacional da organização viva, e ao mesmo tempo como um aparelho computante gerenciador de informação e comunicação. Na sequência, também foi indicado este aspecto do dinamismo geral, enquanto o que estabelece a unidade da relação complexa entre a geno-organização (genética, genérica e generativa) e a feno-organização (a existência fenomênica *hic et nunc* num ambiente). Momento em que foi lembrada a relação deste dinamismo geral dos seres-máquinas vivos com o dinamismo reorganizador dos seres-máquinas naturais e preconizado o caráter protopsíquico deste dinamismo vivo, definido a partir da noção de *animus* proposta por Morin (1999).

Agora, neste ponto do trabalho, e após termos apresentado o conceito “bio-lógico” de sujeito fundamentado na noção de *computo*, a qual, então, permite nos atermos à ideia de *animus*, podemos tentar fundamentar o sistema ou a dimensão orgânica-sensório-motora da corporeidade/subjetividade do indivíduo. E ao mesmo tempo, evidenciar o seu caráter contínuo e indissociável às duas outras dimensões, a psíquica-afetiva-relacional e a mental/espiritual, destacando delas a última das emergências da subjetividade humana, a consciência. Todas estas dimensões marcadas pela dialógica inconsciente-consciente, mas sendo a dimensão orgânica-sensório-motora a portadora da subjetividade inconsciente originária, como, assim, buscaremos defender.

Neste sentido, a ideia de *animus* será apresentada como uma tradução da noção de *computo*, de maneira a considerarmos o dinamismo produzido pela computação na célula (interior) e nas interações (exterior) entre as células. O desencadeamento dos processos biológicos numa célula e entre elas é um dinamismo ininterrupto para manter um organismo funcionando e para mantê-lo vivo. A ideia de *animus* é a denominação deste processo que tem

na computação celular seu fundamento básico e primeiro. Além disso, também será explicitada a relação deste *animus* com a *anima*, a expressão da sensibilidade e da afetividade animal, presente no humano, e que tem na sensibilidade do *computo* unicelular suas raízes biológicas mais profundas.

E por fim, propondo a definição para o sistema em questão neste capítulo, chegaremos numa concepção de configuração orgânica-sensório-motora a partir da qual se articulam o protopsiquismo (primeiro nível de emergência da subjetividade) e o psiquismo neurocerebral-cultural do indivíduo-sujeito humano; ou, também, podendo ser denominadas, sinteticamente, de configurações somáticas/subjetivas, conforme buscaremos explicitar a partir desta seção.

### **5.1 *Computo, Animus, protopsiquismo e o sistema orgânico-sensório-motor: fundamentos do primeiro nível de emergência da subjetividade humana***

No geral, a noção de *animus* permite a Morin (1999) demonstrar a relação complexa entre as noções de *autos*, indivíduo e sujeito. Esta autonomia fundamental, o *autos*, constitui uma produção simultânea e ininterrupta de dinamismo organizador e de corporalização. E como já colocamos, é justamente este dinamismo (re)organizador geral de todo ser vivo e animador de todos os processos corporais e psíquicos da corporeidade/subjetividade que o autor designa por *animus*.

Dependendo plenamente da *physis* em seu dinamismo, porque emerge dela, o *animus* faz emergir a dimensão protopsíquica e protomental/espiritual, isto é, o espírito-de-vida: “emergência ativa e retroativa inseparável da atividade auto-organizadora do ser-indivíduo-sujeito”, presente no unicelular e no ser celular (1999, p. 271). O espírito-de-vida, aquilo que faz emergir a vida em seus processos fundantes e essenciais, vem no e pelo *computo*, enquanto processo auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizacionador, e “emerge no ser-aparelho[celular] e torna-se uma das dimensões da qualidade de sujeito” (1999, p. 269).

Não sendo um “sopro” vindo do além-mundo ou um impulso vital vindo do além da *physis*, mas emergindo desta, o *animus* faz emergir o espírito-de-vida. Por esta razão, o *animus* deve ser compreendido como a unidade prévia dos processos físicos/biológicos/computantes no unicelular e no ser celular, portadores de um psiquismo arcaico, e a unidade prévia do corpo/biológico (organismo), do psiquismo e da mente/espírito na corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

Para a definição desta dimensão ou sistema em questão, é necessário compreender que a este dinamismo organizador e animador dos processos corporais/computacionais do ser-

máquina vivo estão associados o dinamismo energético e a estabilidade morfológica relacionados à homeostase do organismo.

Mais especificamente,

O *animus* é o fenômeno dinâmico que alia em si, numa entidade indissolúvel, a *práxis* física dum motor-máquina (o ser máquina vivo) e uma atividade computacional/informacional de caráter egocêntrico, atividade alimentada por energias físicas, mas que ao mesmo tempo governa/controla estas energias. Numa palavra, o “*animus*” é o produto/produtor da unidade dum motor vivo e do *computo* [grifo do autor]. Assim, a ideia dum ser-máquina traz ao *animus* a motricidade física. O *computo* traz-lhe não só o caráter auto-organizador propriamente biológico mas também uma dimensão cognitiva e uma dimensão reflexiva (auto-referência). (MORIN, 1999, p. 268)

Da mesma forma como ocorre no unicelular, para nós seres humanos (multicelular), o *animus*, no plano celular e intercelular, unifica a dimensão cognitiva, reflexiva e decisional com a dimensão organizacional. E por isso, neste nível, podemos considerar que há uma dimensão protopsíquica. Esta, por sua vez, guarda certa autonomia em relação à dimensão psíquica atrelada ao aparelho neurocerebral. Tal autonomia se justifica pela capacidade que o nosso corpo possui de autoproduzir-se e auto-organizar-se a partir das intercomputações organizadoras entre as células, sem depender diretamente do controle do aparelho neurocerebral; ou seja, nosso corpo possui um *animus* próprio, inseparável, mas distinto do anel/circuito recursivo cérebro-mente/espírito, o que possibilitará explicitar, ainda nesta seção, que a mente/espírito “*que anima a ação é animada pela a ação de todo o ser* [grifo do autor]” (MORIN, 1999, p. 269). Não anulado pelos desenvolvimentos do psiquismo e possibilitando a emergência da mente no *Homo sapiens*, é justamente a ideia de *animus* (dinamismo organizador e animador de todos os processos corporais) que permitirá evidenciar a condição indissociável entre corpo, psiquismo e mente em nós, seres humanos.

Ainda em relação ao significado do *animus*, enquanto dinamismo organizador, ele é necessário à reorganização/regeneração do corpo/*soma*. A um só tempo, “contem/produz simultânea e inseparavelmente o próprio fenômeno da vida individual no seu triplo caráter: físico (motricidade, ser-máquina), biológico (caráter auto-organizador do *computo*) e protopsíquico (cognitivo, reflexivo)” (MORIN, 1999, p. 268). Isto é, o *animus*, um processo multidimensional total (físico, biológico e computante), ou um dinamismo animador computante, produz e unifica o indivíduo-sujeito.

Aqui, já podemos afirmar que a dimensão orgânica-sensório-motora, constituída pelas intercomputações organizadoras entre as células que formam grande parte do organismo, relativamente autônomas em relação ao aparelho neurocerebral, é portadora de um protopsiquismo. Deste modo, devemos identificar o primeiro nível de emergência da

subjetividade humana neste protopsiquismo, uma dimensão do *animus* ou do dinamismo animador computante, ou mais simplesmente, do *computo* celular e intercelular, constituindo um primeiro sistema dos processos subjetivos da *corporeidade/subjetividade* humana. Sem, contudo, desconsiderar que o segundo nível de emergência da subjetividade (a atividade cérebro-mente imerso numa cultura) também está relacionado a esta dimensão/sistema, pois o *animus* também abarca os processos neurocerebrais, como evidenciaremos no desenvolvimento deste capítulo, justificando, assim, os dois outros termos que a nomeiam (sensório e motor). No entanto, antes de prosseguirmos, devemos ainda explicitar um aspecto fundamental.

## **5.2 O sistema orgânico-sensório-motor como a dimensão originária do sujeito/subjetividade humana inconsciente**

Enquanto portadora do *computo* celular originário, tanto no sentido filogenético quanto ontogenético, a dimensão/sistema orgânico-sensório-motor guarda os fundamentos do sujeito, envolvendo todo o conjunto de células, tecidos e órgãos portadores da computação celular básica, uma dimensão somática denominada por Morin (1999) de corpo profundo e que podemos considerar como o solo profundo no qual chegam as raízes mais profundas do sistema nervoso. Guarda também todo o conjunto de células, tecidos e órgãos constituidores do sistema nervoso central e periférico, este último contendo o sistema nervoso autônomo e o sistema nervoso somático/sensorial, portadores de computação neuronal.

A afirmação de que esta dimensão guarda os fundamentos do sujeito quer dizer que em cada célula do conjunto total de células formadoras do organismo humano devemos reconhecer o circuito reflexivo autocomputante (eu/si/mim), a partir do qual pode-se abstrair o princípio de identidade “*computo ergo sum*”: eu computo, logo existo ou logo eu sou. A bactéria (unicelular), ou a célula de um organismo, computa por conta própria, por si mesma e para si mesma, isto é, está animada por uma autofinalidade. Se deixar de computar morre, pois não pode produzir os elementos próprios à sua constituição e à manutenção da sua vida. Podemos dizer que cada célula de um organismo computa para si mesma, o que significa colocar-se no centro do seu próprio mundo, o mundo que conhece, para tratá-lo, considerá-lo e realizar todas as ações de sobrevivência. Temos aqui o sujeito egocêntrico no seu *computo*, de tal forma que “a noção de sujeito está indissolivelmente unida a esse ato, no qual não só se é a própria finalidade de si mesmo, mas em que também se é autoconstitutivo da própria identidade” (MORIN, 1996b). Por esta razão, cada célula e o organismo como um todo já são

dotados de uma subjetividade profunda e inconsciente, conforme expusemos no capítulo anterior.

Partindo deste fundamento do sujeito humano, devemos evidenciar os desdobramentos entre o eu que emerge desde os níveis celular e orgânico e o eu que emerge com a linguagem e a consciência, de maneira a estabelecer as complexas relações entre as três dimensões da corporeidade/subjetividade do indivíduo. Neste sentido, devemos compreender que onde estava o si físico (ou o isso<sup>39</sup>) da individualidade corpórea, seja de cada célula ou do organismo como um todo, reconhecendo-se mediante a distinção si/não si imunológica, adveio o eu, sítio egocêntrico exclusivo de um sujeito. Estamos aqui nos referindo à afirmação de Morin (1999, p. 254) que permite a constatação da “sublime formulação freudiana **Wo das Es ware, Ich solle werden** [grifo do autor]” e o alargamento da distância entre o si (isso) e o eu do sujeito humano, já que o primeiro está nas origens da vida, com as bactérias, e o segundo, na concepção freudiana, está com o *Homo sapiens*.

No entanto, considerado a partir do *computo*, si e eu são instâncias de um mesmo sujeito, no plano celular, do organismo como um todo e do indivíduo-sujeito portador de uma mente/espírito-cérebro em relação recursiva com a cultura, relação a partir da qual emergem a linguagem e a consciência que possibilitam a expressão “Eu sou”. Esta perspectiva permite engendrar as raízes biológicas da concepção freudiana de aparelho psíquico (KOFMAN, 1996). Raízes biológicas que remontam à herança do *genos* (genética, genérica e genésica: hereditária) constituidoras do si físico, por um lado, bem como as raízes do *oikos* (meio ambiente: do qual se retira o substrato material e energético que alimenta o fluxo auto-organizador e com o qual se estabelece as trocas de informação), por outro lado. Ambas

---

<sup>39</sup> O si físico é o elemento biofísico do *autos* no que concerne ao “ser-máquina organizador-de-si que se constitui e funciona a partir de interações físico-químicas entre constituintes nucleoproteínados” (1999, p. 238). Neste sentido, podemos compreender que “a auto-organização viva nasceu ‘de si’, de inter-retroações químicas turbilhonares” (p. 239) o que indica a necessidade “não só da existência dos materiais e ‘leis’ físico-químicas, mas dos processos físicos ‘espontâneos’ de organização-de-si que ela transforma em processos computados, os quais determinam o renascimento ininterrupto em processos computados” (p. 239). Neste sentido, “o si físico é sempre transformado e sempre renascente no *autos*, numa relação complexa” (p. 239) retroativa e recursiva, e por esta razão a “auto-organização depende da organização-de-si física e ao mesmo tempo determina-a, contém-na, controla-a e ultrapassa-a” (p. 239). A igualdade entre os termos si e isso, aqui colocada, se refere às elaborações teóricas apresentadas por Morin (1999, p. 245-260) acerca da noção de indivíduo-sujeito no que concerne à identidade individual. Em suas reflexões, mais especificamente acerca do eu, no que ele traz de anônimo e inominável, o autor afirma que a identidade pessoal deve ser compreendida a partir da complexa maquinaria auto-organizadora e dos ritmos e ciclos eco-organizadores anônimos do *oikos*. Para o primeiro aspecto, devemos relacioná-lo ao si profundo e no seu fundo, “no interior de cada gene, [a] uma linhagem de antepassados encadeados num *se* confuso. Existe, por tanto, em cada indivíduo-sujeito, simultaneamente um isso exterior [relacionado ao segundo aspecto] e um *se* anônimo. O das Es de Nietzsche, Groddeck, Freud, simultaneamente fundamento necessário e antinomia radical do eu, foi traduzido primeiro pelo termo si, depois pelo termo isso: acho este equívoco interessante, no sentido em que o si é o isso transformado, em que o eu é o si transformado, sem que todavia desapareçam o isso e o si” (p. 252).

constituidoras do *fenon*, dimensão dotada de relativa autonomia e de onde emergem a individualidade e a subjetividade. *Genos* e *oikos* guardam as heranças constituidoras da identidade complexa do indivíduo-sujeito, como explicitaremos posteriormente.

Podemos agora explicitar melhor a afirmação anterior de que a dimensão cognitiva, autorreflexiva e decisional inerente à auto-organização no ser unicelular ou celular de um organismo, aponta para as raízes de uma subjetividade orgânica inconsciente. Estamos aqui tratando do *computo*: no e pelo qual todo o ato vivo se organiza, o motor do ser-máquina se transforma em *animus* e o indivíduo se reforma e se encerra como sujeito (MORIN, 1999). Sujeito do inconsciente, isto porque neste nível da organização biológica todo o ato vivo é inconsciente, ou seja, não é abarcado pela consciência enquanto ato de reflexividade do sujeito sobre si mesmo, por meio dos processos cognitivos de pensamento e linguagem, emergindo da relação recursiva entre cérebro-mente e cultura. Sendo assim, estamos na esfera do que Freud supôs como sendo o substrato biológico do inconsciente<sup>40</sup>, estando no isso ou no si físico seu primeiro substrato e o seu primeiro fundamento, no que concerne sua infraestrutura biológica, na perspectiva da concepção moriniana de sujeito.

E antes mesmo do inconsciente freudiano, temos o si já presente nos seres-máquinas naturais (estrelas, turbilhões eólicos e redemoinhos), indicando que as raízes do inconsciente estão fincadas na *physis* e nos seus processos que evidenciam o princípio cosmológico (imane) de transformação e de organização já indicado: o anel pentalógico, ao qual se somam a retroação e a recursão para estabelecer o fecho do anel sempre aberto para ser alimentado no e pelo fluxo. Esta herança física do inconsciente indica a necessidade de articular a concepção do anel pentalógico-retroativo-recursivo moriniano com as ideias freudianas de pulsão de vida e pulsão de morte, de maneira a contribuir com o desenvolvimentos da sua elaboração, enquanto fenômeno que está na fronteira entre o físico e o biológico, e a partir da qual se origina o psiquismo, como já foi indicado em capítulos anteriores.

Neste sentido, a dimensão orgânica-sensório-motora da subjetividade humana guarda o profundo do inconsciente humano, remetendo-o às origens da vida que está presente no *computo*<sup>41</sup>. Segundo Morin (1999, p. 255), o *computo* traz de modo conjunto, indissociável e

<sup>40</sup> No que concerne à hereditariedade do *genos*, podemos também formular a hipótese de poder relacionar as ideias morinianas com a noção de inconsciente coletivo de Jung (1987, 2000). Pretendemos tratar esta hipótese em trabalhos posteriores.

<sup>41</sup> Conforme propõe Morin (1999), o *computo* é o elemento essencial de todos os processos vivos, filogenética e ontogeneticamente. Tal concepção permitirá concebermos a articulação entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e a concepção de uma morfologia dinâmica embriológica funcional proposta pela Biossíntese, conforme será exposto no capítulo 10.

interarticulado as três dimensões capitais da vida, que, como aqui entendemos, são as raízes físicas e biológicas do inconsciente humano: físico-química (interações e processos moleculares inerentes a todo o fenômeno vivo, informacionalmente controladas/comandadas via *computo*); biológica (onde emerge o indivíduo-sujeito no seu caráter auto-exo-referente e autoegocêntrico); e a do *animus* (protopsíquica do ser celular e psíquica do ser dotado de aparelho neurocerebral), próprio da atividade autocomputante.

### **5.2.1 Breve consideração sobre a relação sistêmica entre os diferentes níveis do inconsciente humano**

Contudo, não estando unicamente presente nesta dimensão, o inconsciente abrange também as demais dimensões da *corporeidade/subjetividade* humana. Isto é, o inconsciente é um aspecto que abarca o todo da *corporeidade/subjetividade* humana, evidenciando a complexidade da relação entre o todo e a parte e a parte e o todo, como elucida Morin (1997) no seu conceito de sistema. Sendo relevante para este ponto do trabalho, devemos considerar o problema do inconsciente tendo sua origem, do ponto de vista sistêmico, na cisão profunda entre as partes e o todo, entre o mundo do interior (universo das partes ou introvertido da organização e suas regras) e o mundo do exterior (universo do todo ou fenomênico, onde o sistema existe de modo extrovertido).

Neste sentido, o autor afirma que o todo não é todo pois há cisões no todo que indicam a relação complexa entre o imerso e o emergente, o reprimido e o exprimido. Se temos no sistema a emergência do todo fenomênico expresso, também temos as imposições organizacionais submergidas ou imergidas, inibindo, comprimindo e reprimindo os caracteres formadores das partes. A dualidade entre estes níveis sistêmicos é a fonte das cisões e dissociações nos polissistemas vivos e sociais. No que concerne aos seres vivos, sobretudo para o ser humano, ao mesmo tempo em que há “inter-relação e interdependência, há não comunicação entre aquilo que se passa ao nível global do comportamento exterior dum animal e aquilo que se passa em cada uma das suas células” (MORIN, 1997, p. 122).

Tomado este entendimento para os conceitos em elaboração neste trabalho, devemos considerar tanto o todo da *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano quanto as suas três dimensões como suas partes sendo constituídos a partir da dimensão do inconsciente. Isto porque se estabelecem a partir das cisões e dissociações que marcam a inter-relação e a interdependência entre as partes e delas com o todo. Do mesmo modo, devemos considerar esta mesma perspectiva para a relação entre os indivíduos em sua *corporeidade/subjetividade*,



enquanto partes, e a subjetividade social, enquanto um todo constituído pelas interações das subjetividades individuais. Assim, a visão do todo que buscamos apresentar, a partir dos conceitos aqui defendidos, deve ser considerada a partir de um pensamento complexo que, para lá do holismo ou do reducionismo, busca estabelecer um circuito relacional recursivo entre o todo e a parte e entre a parte e o todo. Circuito no qual o desconhecido é um aspecto inerente e insuperável, indicando que o inconsciente é uma dimensão constituidora da condição humana, não podendo deixar de ser considerada no campo de conhecimento da psicologia clínica. Esta concepção sistêmica proposta por Morin (1997) aponta para a origem do problema do inconsciente na cisão profunda entre as partes e o todo, entre o mundo do interior e o mundo do exterior, indicando a necessidade de diálogos com a ideia freudiana do inconsciente psíquico e a ideia marxista de inconsciente social. No entanto, como o próprio autor alerta, não se deve reduzi-la a termos sistêmicos.

### **5.3 As raízes filogenéticas da afetividade animal ou da *anima*: a dimensão sensível do *computo***

Retomando a discussão acerca do *computo* presente no *animus*, enquanto dimensão protopsíquica do unicelular ou do ser celular de um organismo, para fundamentar a noção de corporeidade/subjetividade do indivíduo, precisamos nos ater à sua dimensão sensível. Já anunciada anteriormente, devemos agora explicitar que esta dimensão sensível está relacionada a mais uma dimensão do conceito de sujeito: a existência subjetiva. É a sensibilidade do *computo* que permite apontar as raízes biológicas da afetividade humana, ainda que esta não se reduza àquela e tenha se desenvolvido, sobretudo, a partir da dimensão existencial das aves e mamíferos. Uma sensibilidade já presente nesta dimensão orgânica-sensório-motora, a começar pelo nível celular e intercelular que guarda uma certa autonomia do aparelho neurocerebral, como já colocado.

Considerando que não poderíamos descartar a capacidade de sentir da bactéria, Morin (1999, p. 182) afirma que “a relação entre a recepção de estímulos exteriores (a bactéria dispõe de quimiorreceptores) e o *computo* abre a porta à sensibilidade”. Sendo assim, e tendo o papel fundamental de traduzir acontecimentos em informações, o *computo* traduz como “bom” ou “mau” para si tudo o que é nefasto ou benéfico, assim como o que é irritante e apaziguante. Em outras palavras, seja o unicelular ou cada célula de um organismo humano, mesmo aquelas que não fazem parte das redes nervosas, são dotadas de uma sensibilidade que está presente em cada ato computante. Referindo-se às pesquisas de Adler e Wung-Wai Tso, o

autor coloca que o unicelular não reage, mecanicamente, a estímulos exteriores, pois “a bactéria é capaz de comparar os sinais opostos vindos dos seus quimio-receptores, e parece dever somar os sinais para estabelecer um comportamento de atração ou repulsão de que envia a indicação ao seu flagelo” (MORIN, 1999, p. 151). Isto nos permite afirmar que no *animus* (dimensão protopsíquica) existe este componente sensível<sup>42</sup>, assim como o componente cognitivo, ambos fazendo parte da discriminação imunológica si/não si e estabelecendo o sítio egocêntrico fundante da condição de sujeito para todo ser vivo.

A sensibilidade presente no *computo* celular é mais uma qualidade presente na subjetividade e no sujeito desde os unicelulares até o *Homo sapiens*. Temos, então, que conceber a hipótese do *computo* a partir desses dois aspectos indissociáveis: o sensível e o cognitivo. Consequentemente, são aspectos constituidores do protopsiquismo, deste dinamismo organizador denominado de *animus*, que ganhará desenvolvimento, sobretudo, nas aves, mamíferos e primatas, portadores de um sistema nervoso e de um psiquismo que exprime os caracteres de sensibilidade e afetividade que Morin denominará de *anima*.

No entanto, antes ainda de seguirmos nesta direção, faz-se necessário nos atermos à passagem que possibilitou a constituição dos organismos vivos. Isto é, o processo que possibilitou aos seres unicelulares, individualidades de primeiro tipo ou grau, estabelecerem associações permanentes, constituindo assim seres pluricelulares, individualidades de segundo tipo ou grau. Isto porque estamos aqui tratando de uma dimensão (a sensibilidade do *computo*) pertencente ao organismo humano, uma individualidade de segundo tipo.

De acordo com Morin (1999), é por um princípio de associação/agrupamento<sup>43</sup> presente na natureza e na estrutura do indivíduo-sujeito vivo - o que envolve os processos de

---

<sup>42</sup> Esta qualidade do *computo* celular nos permite indicar, inicialmente, uma aproximação entre a concepção moriniana e a concepção reichiana da unidade entre corpo e psiquismo, considerando que esta última é um dos fundamentos da proposta da Biossíntese, conforme será explicado na segunda parte deste trabalho. A título de uma primeira tentativa de articulação, devemos considerar que Reich (1984) identificou também nos seres unicelulares o protótipo da unidade entre o soma e a psique para os seres humanos. Suas investigações verificaram que os protozoários (amebas) respondem sensivelmente a substâncias aversivas se contraindo, ou se expandem na busca da sua sobrevivência no meio ambiente, quando não encontram ameaças à sua sobrevivência. Com isso, compreendeu que a unidade psicossomática humana guarda esta característica arcaica dos unicelulares na atuação do sistema nervoso autônomo (vegetativo) em suas funções simpática e parassimpática, e que se ramifica nas suas redes nervosas profundas. Partindo dessa compreensão, podemos, então, considerar que a contração e a expansão são qualidades que se somam à sensibilidade do ser unicelular e do ser celular, estando presentes tanto nas células que não participam diretamente das redes nervosas dos organismos dos animais quanto naquelas que fazem parte. E não por acaso, conforme afirma Morin (1999), o próprio Freud, a partir de quem as ideias reichianas se desenvolveram, já havia suposto que os processos psíquicos de introjeção no ser humano tinham sua prefiguração orgânica nas atividades da ameba. O que é mais um indício de que a complexidade do psiquismo humano encontra sua origem e seu desenvolvimento nesta relação também complexa entre corporeidade e subjetividade, na qual estão a filogênese e a ontogênese se recriando recursivamente.

<sup>43</sup> Para uma maior compreensão deste princípio veja o seu desenvolvimento em Morin (1999, p.188-192).

identificação e projeção possibilitados pelo *computo* celular - que se estabelecem comunicação, comunhão e comunidade entre indivíduos-sujeitos, na forma de um organismo e de uma sociedade. O caráter associativo permanente da comunicação que se estabelece entre indivíduos-sujeitos celulares congêneres cria um ser pluricelular dotado de uma nova identidade ou uma unidade nova. Esta produz emergências não redutíveis às partes, conforme os princípios sistêmicos desenvolvidos por Morin (1997) e já indicados aqui anteriormente. “Isto é, cria uma metaorganização que é uma auto-organização de segundo grau, uma metaindividualidade que é uma individualidade de segundo grau, um metassujeito que é um sujeito em segundo grau” (1999, p. 192). Ou, como podemos também colocar, uma macroindividualidade-subjetividade e uma macro-auto-(geno-feno-ego)-re-organização, ou mais sinteticamente, um *autos* de segundo grau. O que só pode emergir porque na base, no ser celular, já há *autos*, individualidade e sujeito/subjetividade.

Esta condição indicada pelo autor se justifica porque é justamente pelas células continuarem sendo seres-indivíduos-sujeitos computantes na primeira pessoa que a organização de segundo tipo pode ser constituída. Neste sentido, é considerada a complexidade intercomunicacional entre os seres celulares, de modo que a relação comunitária entre células não exclui o “egoísmo” de cada uma, bem como o altruísmo, pois cada uma vive para si vivendo para o ser coletivo, o organismo. Nestas intercomunicações há inibições, articulações, exclusões e ao, mesmo tempo, identidade genética única e comum entre os microsindivíduos e o macroindivíduo. O resultado é uma integração mútua entre os dois graus de ser, de existência, de individualidade, de subjetividade incluídos no mesmo ser (MORIN, 1999).

O princípio de associação/agrupamento elaborado por Morin (1999) indica também, como mencionado acima, a constituição de individualidades de terceiro tipo ou grau: as sociedades. Como veremos mais à frente, a mesma natureza e estrutura do indivíduo-sujeito evidenciada pelo autor, permite concebermos tanto um organismo quanto uma sociedade que se fundamentam numa unidade de base sem que sejam reduzidos a ela. O que, então, justifica a afirmação de conceber-se uma individualidade de terceiro grau, a partir da qual poderemos fundamentar a noção de subjetividade social.

Retomando a questão da sensibilidade, até onde a explicitamos, estávamos restritos ao âmbito de uma sensibilidade presente no unicelular ou no ser celular - este último pertencente a um organismo animal - sem considerar o âmbito de uma sensibilidade nervosa. Tendo demonstrado o entendimento de Morin (1999) acerca do que se pode considerar um indivíduo-sujeito de segundo grau, que é o caso dos organismos animais, podemos, então,

passar a considerar como se deu a progressão da sensibilidade com o desenvolvimento do sistema nervoso no reino animal, até chegar ao aparelho neurocerebral do *Homo sapiens*. Percurso pelo qual, então, poderemos evidenciar a passagem da sensibilidade presente numa bactéria para a afetividade presente em nós, seres humanos. Atributo que teve sua origem com os “animais superiores”, principalmente, a partir das aves e mamíferos, a afetividade, também denominada de *anima*, por Morin (1999), é uma das qualidades da animalidade presente em nós, seres humanos. E, como veremos, enquanto psiquismo, é, para Morin (2003), a própria alma humana.

#### **5.4 A relação entre *animus*, *anima* e aparelho neurocerebral no anel animal autoecogerador da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano**

Antes mesmo de retomar a questão da sensibilidade, precisamos considerar novamente aquele outro aspecto do ser celular e de um organismo, que estabelece uma relação indissociável com a *anima*, e que agora já podemos explicitar sua relação com a animalidade: o *animus*. Isto porque, é este aspecto do *autos*, enquanto dinamismo organizador e de certo modo animador de todos os processos biológicos/corporais, que permite evidenciar a passagem do protopsiquismo, uma de suas dimensões, para o psiquismo, compreendido como emergência de um organismo dotado de aparelho neurocerebral. Passagem que se deu pelo longo caminho de evolução das redes nervosas a partir dos receptores sensoriais, já presentes nos unicelulares, e que permitirá justificar os termos sensório e motor para a dimensão da corporeidade/subjetividade que tentamos aqui definir. E a partir da qual tentaremos explicitar a sua complexa relação com as duas outras dimensões: psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual.

O organismo do animal humano descende do ramo dos artrópodes e vertebrados, a partir do qual vai se desenvolver um novo tipo de indivíduo pluricelular caracterizado, correlativamente, pela sensibilidade nervosa, pela locomoção e pela biofagia (ação ou hábito de alimentar-se de seres vivos). Estas características, deste indivíduo pluricelular, justificam a necessidade de não só se considerar para eles a individualidade de segundo grau, mas também destacar o aparecimento de um novo tipo de indivíduo que deve ser designado pela expressão *segundo tipo* (MORIN, 1999). E, dentre aqueles atributos deste indivíduo de segundo tipo, a heterotrofia (dependência nutricional) determina a carência fundamental do animal e favoreceu todo este reino: “a necessidade vai pô-lo em movimento” (p.196). A partir desta característica essencial, deu-se todo o desenvolvimento da autonomia animal que se expressou

e ainda se expressa no *Homo sapiens*, na sua capacidade de conquistar o mundo, de poder viver tão intensamente sua individualidade e pela complexa questão da liberdade humana<sup>44</sup>.

O movimento, impelido pela necessidade, vai levar o animal a locomover-se pelo mundo para sobreviver. Neste sentido, Morin afirma que a locomoção é a mãe da ação no mundo exterior, e explica o seguinte:

O desenvolvimento das locomoções, ações, comunicações com e no mundo exterior desenvolve as comunicações, computações, atividades no seio do organismo, e este desenvolvimento desenvolve o desenvolvimento que o desenvolve. Este interdesenvolvimento suscita o desenvolvimento de receptores sensoriais e a transformação de certos tecidos em cadeias nervosas e gânglios, cujos desenvolvimentos desenvolvem por sua vez o interdesenvolvimento da ação exterior e da organização nervosa interior. O desenvolvimento da *práxis* exterior (caça, ataque, defesa, luta, fuga) provoca o desenvolvimento da organização desta *práxis*, a qual desenvolve atuações corporais e competências computacionais. (1999, p.196)

Aqui, podemos começar a evidenciar a relação entre o *animus* e o aparelho neurocerebral, para em seguida poder tratar da relação e da passagem entre o protopsiquismo celular e intercelular e o psiquismo atrelado às células nervosas (neurônios) e ao sistema nervoso. Para tanto, devemos considerar que os desenvolvimentos das atuações corporais, mencionadas por Morin na citação acima, provocam a evolução do organismo-máquina que resulta da formação de tecidos, circuitos, órgãos e aparelhos. Dentre estes, cabe aqui destacar o desenvolvimento das redes nervosas em sistemas nervosos e destes em aparelho neurocerebral. Juntamente com os quais estão os desenvolvimentos das competências computacionais relacionadas ao avanço do conhecimento, da inteligência e da arte estratégica.

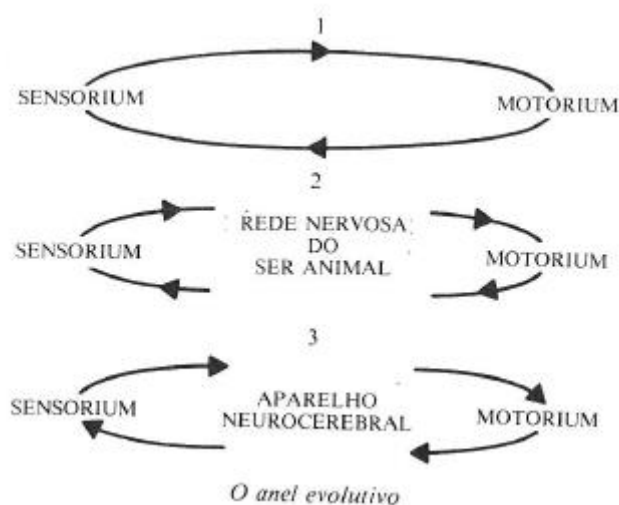
É justamente a unidade destes processos, que se desenvolvem juntos e simultaneamente, que Morin designa por *animus*. Para o ser celular, como já vimos, o autor afirma que o animus é o “produto/produtor da unidade dum motor vivo e dum ‘computo’” (1999, p.268). Para o indivíduo de segundo tipo, é o dinamismo organizador geral produto/produtor da unidade das atuações corporais (organismo-máquina) e as competências computacionais. Unidade na qual devemos destacar um terceiro aspecto, a sensibilidade, que também se desenvolve com os desenvolvimentos das atuações corporais e das competências computacionais. A sua evolução e aprofundamento são de uma subjetividade interior, possibilitada pela multiplicação e aperfeiçoamento dos receptores sensoriais, pela irrigação nervosa cada vez mais densa do corpo, culminando na afetividade tão sensível e profunda da experiência existencial humana. Temos aqui estabelecida novamente a relação entre *animus* e *anima*.

---

<sup>44</sup> Para as discussões desta questão ver em Morin (1999, p. 216-218; 2003, p.259 a 278)

Entretanto, para melhor compreendermos esta relação entre *animus*, *anima* e o aparelho neurocerebral e, então, evidenciar os dois outros aspectos (sensório e motor) pelos quais a subjetividade humana se expressa, no seu segundo nível de emergência, é ainda necessário acompanhar o pensamento de Morin (1999) no que concerne aos desenvolvimentos do sistema nervoso dos indivíduos de segundo tipo. Com relação a isso e considerando que o tecido nervoso se desenvolveu, como a pele, a partir do ectoderma (camada externa do embrião), o autor evidencia a articulação entre as dimensões fundamentais do animal de segundo tipo. Desde as primeiras redes até o aparecimento do aparelho cerebral, o desenvolvimento do sistema nervoso é inseparável da organização da *práxis* exterior (comportamento e *ethos*<sup>45</sup>). E esta necessita do desenvolvimento tanto das estratégias no mundo exterior quanto do conhecimento deste mundo; além do desenvolvimento da sensibilidade, como indicamos acima.

Isso significa que há um anel locomotor que estabelece recursões entre tais dimensões fundamentais do animal de segundo tipo. A concepção deste anel permite o autor afirmar que “o cérebro é filho da ação no e sobre o mundo exterior” (1999, p.196). Uma ação constituída pela dialética da motricidade (produção de movimento) e sensorialidade (sensibilidade, perceptividade) e da *práxis* exterior e *práxis* interior (atividade interna do corpo e do aparelho neurocerebral), que possibilita a formação do cérebro e do aparelho neurocerebral como um todo, que passa, então, a intervir nesta dialética. Para ilustrar a dialética: motricidade e sensorialidade, como constituidoras do aparelho neurocerebral, Morin desenvolve uma figura que apresentamos aqui.



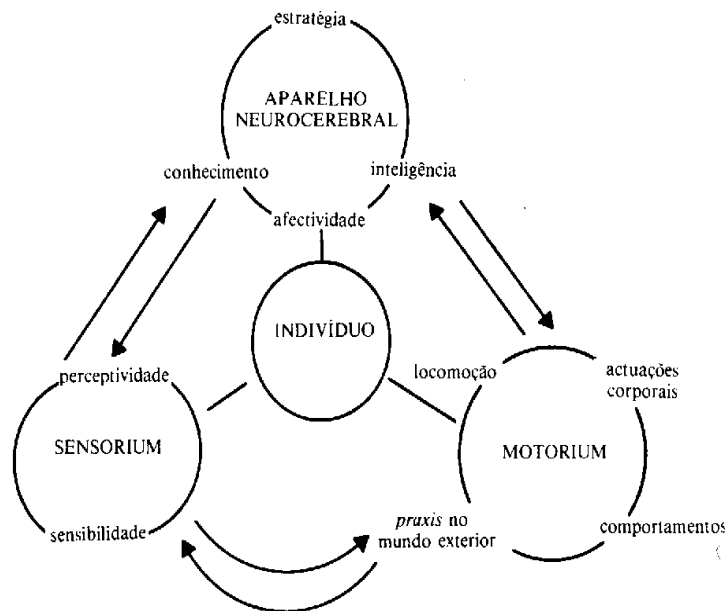
<sup>45</sup> Para Morin (1999, p. 199) “o *comportamento* é o termo que designa esta *práxis* exterior considerada sob o aspecto das ações/relações objetivas do indivíduo. O *ethos* é o termo que designa sob o aspecto das condutas efetuadas segundo as finalidades subjetivas do referido indivíduo”.

1. O anel da animalidade coproduz, um pelo outro, o sensível (*sensorium*) e o motor (*motorium*).
2. O anel do sensível e do motor produz um tecido/rede nervoso que o coproduz.
3. O anel do sensível/motor/nervoso produz um aparelho neurocerebral que, por sua vez, o produz.

**Figura 9** - O anel locomotor elaborado por Morin (1999, p. 195).

Reconhecendo as várias e diferentes dimensões presentes neste anel, podemos considerar que, mais do que um anel locomotor, devemos reconhecer um anel animal. Um “anel produtor/criador (através de mutações genéticas) da evolução do animal [que] é também, se o considerarmos do ponto de vista do indivíduo vivo, *constitutivo do seu ser animal* [grifo do autor]” (1999, p. 197). Este anel do ser animal nos permite compreender que, mais do que um ser computante, é um ser competente aliando sensibilidade/afetividade, estratégia, conhecimento e inteligência em sua ação para lidar com sua insuficiência fundamental.

Com essas dimensões é fundamentada a noção de indivíduo de segundo tipo a qual estabelece as bases sustentadoras do edifício do indivíduo-sujeito humano, situado em sua animalidade, no seu ser animal. Como ilustrativo da interdependência e da interação entre essas dimensões, Morin apresenta a seguinte figura:



**Figura 10** – Anel animal auto-ecogerador elaborado por Morin (1999, p. 195) para caracterizar o indivíduo de segundo tipo.

## 5.5 A definição de sistema orgânica-sensório-motora

Podemos agora retomar o ponto principal que justifica a delimitação deste sistema ou dimensão da corporeidade/subjetividade do indivíduo, denominada de orgânica-sensório-motora. A questão está situada na necessidade de mostrar que nesta dimensão devemos identificar a herança do processo evolutivo que parte dos seres unicelulares, indivíduos de primeiro grau, dotados de subjetividade, e chega aos indivíduos de segundo grau, os pluricelulares de um modo geral (vegetais e animais), a partir dos quais se constituem os indivíduos animais de segundo tipo (principalmente os animais vertebrados e especialmente as aves, mamíferos e primatas), dentre os quais devemos situar nós, seres humanos. Também dotados de subjetividade, como a dos unicelulares, mas trazendo uma nova forma de emergência, uma subjetividade de natureza psíquica<sup>46</sup>, relacionada ao segundo nível de emergência da subjetividade humana.

A presença desta herança nesta dimensão da corporeidade/subjetividade se faz na subjetividade protopsíquica de cada célula (o *animus* celular) e nas miríades de interações entre células que constituem o organismo. E também na subjetividade psíquica que emerge do anel  $\text{sensorium} \rightarrow \text{cerebrum} \rightarrow \text{motorium}$  que está presente, para nós seres humanos, na relação recursiva entre a corporeidade portadora de um aparelho neurocerebral e a sociedade-cultura. Guardando a articulação e a relação dos dois primeiros níveis de emergência da subjetividade, no que concerne à passagem do protopsiquismo celular para o psiquismo neurocerebral-cultural, é justamente o *animus*, dinamismo organizador geral produto/produtor da unidade das atuações corporais (organismo-máquina) e as competências computacionais celulares e neurocerebrais, que unifica a complementariedade destas duas formas de psiquismo.

---

<sup>46</sup> Cabe aqui esclarecer esta natureza psíquica da subjetividade dos indivíduos de segundo tipo presente de modo geral nos animais vertebrados, desde os peixes e guardando características específicas com os desenvolvimentos neurocerebrais do córtex e neocórtex nos mamíferos, primatas e, sobretudo, no *Homo sapiens*. No conjunto total dos desenvolvimentos neurocerebrais, o aparelho neurocerebral tornou-se o centro computante, competente e decisivo e também da individualidade e da subjetividade dos indivíduos de segundo tipo. A partir, principalmente dos mamíferos “o desenvolvimento neurocerebral não é unicamente o da exteriorização do ser na ação, é também o da interiorização do mundo exterior na sensibilidade do ser” (MORIN, 1999, p. 203). Neste sentido, o aparelho neurocerebral se tornou em cada indivíduo-sujeito o *interior do interior* (grifo do autor), ou seja, as virtudes interiores da individualidade animal (inteligência, sensibilidade e vida subjetiva) emergem dele pela práxis, o *ethos* e o comportamento no mundo exterior, os quais, por sua vez, se constituíram e evoluíram pelo desenvolvimento destas virtudes interiores, ou seja, numa produção mútua em anel. Assim, podemos compreender que a subjetividade psíquica dos indivíduos de segundo tipo é indissociável de um aparelho neurocerebral, de maneira que devemos associar o “cérebro” e o “psiquismo”, dois termos simples, “como dois conceitos que polarizam a mesma realidade, que se remetem incessantemente um para o outro” (MORIN, 1999, p. 204). E como veremos, a subjetividade psíquica do *Homo sapiens* é de natureza neurocerebral-cultural, guardando dimensões muito específicas como a dimensão simbólica.



Como vimos, há interações celulares no organismo do indivíduo de segundo tipo que não dependem da intervenção direta do aparelho neurocerebral. Isto porque este não é o organizador do organismo (MORIN, 1999). A sua participação plena no comportamento e a sua intervenção em todas as operações do organismo (por via nervosa e secreções glandulares), que são reguladoras e controladoras do ser orgânico, não o coloca como o organizador do organismo. Devemos compreender que o ser orgânico “é o produto permanente dum processo global no qual participam todas as células e todos os órgãos que o constituem, entre os quais o cérebro: a ação do cérebro é indispensável à existência do organismo, mas não é a sua origem” (p. 205).

E podemos considerar que o cérebro, ou mesmo o aparelho neurocerebral como um todo, não “conhece”, em profundidade e em pormenor, a maquinaria fabulosa do nosso corpo mais profundo, isto é, a vida das bilhões de células que constituem um organismo e não estão diretamente associadas às redes nervosas. Por esta razão, sobretudo para nós, seres humanos, detentores de um psiquismo que emerge com o aparelho neurocerebral em inter-relação com a cultura, precisamos continuar considerando uma dimensão protopsíquica. Isto quer dizer que nosso corpo tem o seu *animus* próprio, inseparável, mas distinto do circuito recursivo entre mente-cérebro, como já foi indicado acima. Desta forma, sendo portadora tanto do ser-máquina corporal constituído pelo protopsiquismo das bilhões de células do organismo quanto do aparelho neurocerebral, podemos afirmar que a dimensão orgânica-sensório-motora guarda esta passagem entre o protopsíquico e o psíquico. Contém, pois, a herança filogenética e detém os processos ontogenéticos que determinam os desenvolvimentos da motricidade, da sensorialidade e do cérebro no indivíduo-sujeito humano em sua relação com o ambiente.

Nesse sentido, toda experiência motora (produção de movimento) e sensorial (sensibilidade e perceptividade) de um ser humano, desde sua vida intrauterina e até à sua morte, caracterizada no movimento, no gesto, na expressão e na postura da corporeidade, é a expressão da relação entre uma subjetividade corpórea intercelular protopsíquica e uma subjetividade psíquica neurocerebral-cultural. Ao passo que a dialética motricidade-sensorialidade e *praxis* externa-*praxis* interna é filogenética e ontogeneticamente constituidora do aparelho neurocerebral, conforme elucidada o anel *sensorium* → *cerebrum* → *motorium*, podemos reconhecer que há uma articulação daquele protopsiquismo com um psiquismo superior, que emerge deste anel e que também faz parte desta dimensão da corporeidade/subjetividade. Na concepção de Morin (1996a), em seu aspecto mais geral, este psiquismo superior deve ser compreendido como um aparelho psíquico a partir do qual se dão os fenômenos “psicoespirituais”, para utilizar uma expressão

de Morin (1996a, p. 80), e que, sem deixar de serem uno, podem ser diferenciados em fenômenos psíquicos e fenômenos mentais/espirituais. O aspecto mental está mais relacionado à organização do pensamento e da ação. Por sua vez, estando enraizado no egocentrismo subjetivo e na identidade pessoal, o psíquico é o aspecto individual-subjetivo da atividade mental. Como a mente, emerge da atividade cerebral e retroage sobre ela de onde emerge, justificando o reconhecimento de uma psique relativamente autônoma em relação ao cérebro. Esta diferenciação será fundamentada, nos próximos dois capítulos, a partir das noções de sistema psíquico e sistema mental.

Vejam, então, que a subjetividade humana, em seu primeiro nível de emergência, mantém uma integração entre o protopsiquismo, relativamente autônomo em relação às atividades neurocerebrais, e o psiquismo, envolvendo o segundo e o terceiro nível de emergência da subjetividade humana, referente às atividades neurocerebrais, em relação recursiva com a cultura. Esta concepção, que em síntese trata da relação cérebro e psiquismo, este último entendido a partir da sua relação de interdependência e de interação recursiva com o protopsiquismo, busca superar as dicotomias e estabelecer os dois aspectos/conceitos distintos que se remetem um para o outro, constituindo uma mesma realidade: o indivíduo-sujeito humano. Nela o cérebro, considerado como um aparelho, sem por isso ser reduzido e coisificado em termos de órgão ou de aparelho, é produzido e mantido pela atividade auto-organizadora de todo o ser, o *animus* (dinamismo organizador geral), que, por sua vez, é produzido e mantido por este aparelho cérebro. Já o psiquismo, enquanto atividade computante sensível/cognitiva, não pode ser considerado como produto do aparelho do qual emanaria, mas sim uma emergência, ou melhor, emergências (afetividade, inteligência e conhecimento) que retroagem sobre suas condições de formação e são irreduzíveis ao aparelho ao qual são imanentes e do qual são dependentes (MORIN, 1999).

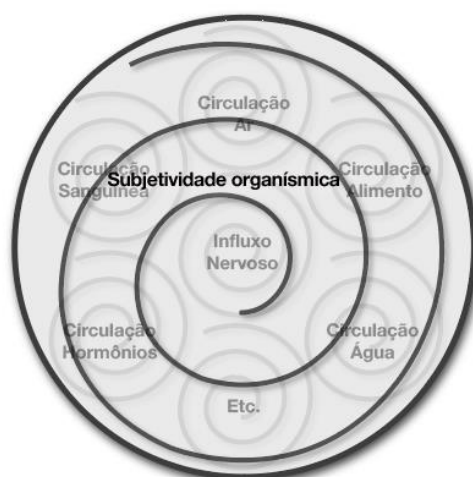
Desta forma, devemos considerar estes vários aspectos constituidores da relação aparelho (cérebro) → psiquismo como faces da mesma realidade complexa que só se concretiza na sua atividade. Neste sentido, o aparelho/cérebro/psiquismo do circuito sensorium/cerebrum/motorium forma a unidade complexa do indivíduo-sujeito humano. Devemos compreender, com isso, que o cérebro não é um computador numa máquina que comandaria os órgãos. Pois, apesar de haver

sujeição das individualidades celulares pela macroindividualidade dotada de aparelho neurocerebral, o organismo e o cérebro constituem um todo-uno integrado. Isto significa que tudo aquilo que concerne o aparelho (cérebro) → psiquismo concerne o próprio ser na sua totalidade, na sua individualidade, na sua subjetividade. (MORIN, 1999, p.205)

O caráter recursivo entre protopsiquismo e psiquismo, já assinalado, permite compreendermos que o psiquismo/mente→cérebro do ser humano que anima a ação motora-sensorial é animado pela ação de todo o ser (*animus*, protopsiquismo). Isto é, o anel recursivo psiquismo/mente-cérebro que tem participação plena no comportamento e intervém em todas as operações do organismo e, por isso, anima a ação, mas não é o organizador do organismo, é animado pela ação do dinamismo organizador de todo o ser-máquina-orgânico. Com isso, podemos destacar o caráter sistêmico da dimensão orgânica-sensório-motora a partir da sua configuração organizacional.

Considerando a noção de sistema proposto por Morin (1997), os aspectos orgânico, sensorial (sensibilidade, perceptividade) e motor são componentes inter-relacionados que produzem uma unidade complexa organizada ou um sistema complexo. As disposições das inter-relações destes componentes formam configurações orgânica-sensório-motora que são as muitas formas que o movimento, a expressão, o gesto e a postura da corporeidade/subjetividade podem ganhar, a partir do caráter inseparável do protopsiquismo intercelular e do psiquismo que emerge da atividade cerebral-cultural, envolvendo os três níveis de emergência da subjetividade. Estas configurações fazem parte da “ordem” do *fenon*, que a noção de auto-organização genofenômica elucidada. Esta ordem, da qual emergem a individualidade do ser vivo (aqui no caso, o ser humano), se estabelece na indissociabilidade entre o soma e a subjetividade, guardando, conseqüentemente, a indissociabilidade entre o protopsiquismo e o psiquismo. Por esta razão, em síntese, podemos denominar essas configurações de somáticas/subjetivas.

Outro aspecto importante a ser resgatado para a compreensão deste sistema orgânico-sensório-motor, enquanto auto-organização, é a herança das organizações ativas da *physis* que se estabelecem em forma de anel genésico e generativo (pentalógico, retroativo e recursivo). Como já indicado no capítulo anterior, além de uma forma arquitetônica-estrutural de um edifício de componentes, esta dimensão também deve ser reconhecida na sua forma de anel que contém diversos anéis relacionados, por exemplo, a circulação do sangue, do ar, dos hormônios, do alimento, dos influxos nervosos etc., ou seja, os diferentes sistemas orgânicos, também identificados como anéis, anelando-se em si e se inter-anelando recursivamente. E ao relacionarmos a forma de anel ao dinamismo organizador geral que caracteriza o processo organizacional do *autos*, podemos considerar as muitas formas de movimentos, expressões, gestos e posturas como anéis dinâmicos que se configuram, somática/subjetivamente, na articulação do protopsiquismo e do psiquismo.



**Figura 11** – Representação do sistema orgânico-sensório-motor na forma de anéis anelando-se num macro-anel.

Ainda em relação à articulação entre estas duas dimensões (protopsíquica e psíquica) presentes no sistema orgânico-sensório-motor, devemos, desde já, afirmar que, para Morin (1996a, 1999, 2003), esse psiquismo das individualidades de segundo tipo, para este trabalho, o ser humano é, a um só tempo, *animus* e *anima*. Enquanto *animus*, está relacionado ao dinamismo animador computante, que mencionamos anteriormente, e que abarca os processos corporais (ser-máquina orgânico) e as competências computacionais (estratégia, inteligência e conhecimento) das quais emerge a mente (organizadora do pensamento e da ação), estabelecendo, assim, uma unidade complexa que estabelece a interdependência recursiva entre corpo/soma e psiquismo. Enquanto *anima*, está relacionado às bases psíquicas da sensibilidade e da afetividade humana, que constituem a subjetividade afetiva da mente humana, esta última considerada por Morin (1996a, 2003) como um complexo que inclui em si o psíquico, enquanto *anima*. Estas duas características do psiquismo, ou do aparelho psíquico humano, indicam a relação contínua e indissociável entre os três sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano.

Prosseguindo na elaboração desta noção, norteadas pelo itinerário moriniano, passaremos para a fundamentação dos dois outros sistemas ou dimensões da corporeidade/subjetividade, que tem em comum, e como infraestrutura organizacional/sistêmica, o aparelho psíquico. De imediato, e a partir do desenvolvimento desta última noção, enfrentaremos o desafio de fundamentar a dimensão ou o sistema psíquico-afetivo-relacional, referente, mais especificamente, à *anima*. Em seguida, o segundo desafio será elaborar o conceito de sistema ou dimensão mental/espiritual, o qual poderemos relacionar ao *animus*. Ambas sendo emergências, virtudes de complexidade, fenômenos de totalidade, que se dão entre a dimensão orgânica-sensório-motora da

corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano e a cultura. E finalizando o propósito desta primeira parte da tese, considerando a sociedade e a cultura como sistemas que emergem das interações dos indivíduos, será proposta uma noção de subjetividade social.

## CAPÍTULO 6 - A ALMA DA SUBJETIVIDADE/CORPOREIDADE HUMANA: APARELHO PSÍQUICO E SISTEMA PSÍQUICO-AFETIVO-RELACIONAL

Psicociências e neurociências não comunicam, enquanto a questão principal, para umas e outras, deveria ser a da  
ligação.

Edgar Morin (O método, v. III, p. 69)

Podemos reabilitar o espírito e a alma no mundo material e natural da vida, onde cessam de ser estranhos. É ao mesmo tempo a reabilitação da matéria, da *physis*, do *bios* no mundo da alma e do espírito.

Edgar Morin (O método, v. II, p. 271)

A alma humana emerge a partir das bases psíquicas da sensibilidade, da afetividade; em complementariedade íntima com o espírito (*animus*), ela é a *anima*.

Edgar Morin (O método, v. V, p. 105)

A partir deste capítulo, apresentaremos as definições para as dimensões humanas que emergem da atividade cérebro-mente em inter-relação com os processos socioculturais: cérebro → mente → cultura. Nos referimos às dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual do indivíduo e a subjetividade social.

No presente capítulo, o objetivo é fundamentar as noções de aparelho psíquico e de sistema psíquico-afetivo-relacional. Como complexificação do processo evolutivo do *computo* em suas qualidades cognitiva e sensível desde o unicelular até a espécie *Homo sapiens*, elucidado a partir das noções de *animus* e, principalmente, de *anima*, o aparelho psíquico e o sistema psíquico emergem a partir da configuração organizacional do anel genésico e generativo. Da mesma forma que este anel evidenciou a inteligibilidade dos processos configuracionais do sistema orgânico-sensório-motor, também permitirá propormos como se dão os processos configuracionais do sistema em questão e seu funcionamento enquanto aparelho. Estaremos em busca da alma (*psyqué*) da *corporeidade/subjetividade* humana.

A articulação entre essas duas dimensões ou sistemas, bem como com a dimensão mental/espiritual, será fundamentada pela inter-relação entre os diferentes níveis de aparelhos. Como será apresentado, podemos identificar uma relação entre os aparelhos celulares que constituem o organismo e nele os aparelhos reprodutor-sexual e neurocerebral e emergindo destes, pertencentes a ordem do soma, o aparelho psíquico, pertencente à ordem da subjetividade nos seus segundo e terceiro níveis de emergência. Neste âmbito, estaremos na esfera dos processos subjetivos, enquanto atividade global resultante da inter-relação entre a corporeidade, portadora das atividades do aparelho neurocerebral, e as atividades da cultura.

Ao tratar das inter-relações entre os diferentes aparelhos, poderemos evidenciar a natureza intrasubjetiva e intersubjetiva da *subjetividade/corporeidade* humana, marcadas pelo desenvolvimento da individualidade e da sexualidade, ao longo da evolução da vida. Também

será apresentada, a partir dessas inter-relações, a concepção de mente-cérebro proposta pelo pensamento complexo.

O desenvolvimento dessas ideias será para poder apresentar as definições da noção de sistema psíquico-afetivo-relacional e aparelho psíquico numa concepção organizacional/sistêmica. Nesta perspectiva, as atividades psíquicas serão especificamente relacionadas às experiências afetivas, aos processos imaginários, fantasmáticos e oníricos e tendo no pensamento simbólico-mítico-mágico sua natureza cogitante e representacional. Um sistema gerador de configurações subjetivas constituídas pela indissociabilidade entre processos afetivos e produção de sentido a partir desta forma de cogitação e representação.

Por sua vez, também consideramos, a título de introdução ao próximo capítulo, a relação entre este mesmo aparelho psíquico e o sistema mental/espiritual. Um outro sistema de elaboração psíquica gerador de atividades cognitivas de organização do pensamento e da ação, a partir de um conhecimento mais objetivo da realidade, e tendo no pensamento racional/empírico/técnico sua natureza cogitante e representacional. E como será também anunciado introdutoriamente, este sistema também participa do engendramento das configurações subjetivas, a partir destas qualidades específicas.

Por fim, apresentamos uma perspectiva para assumir a ideia de múltiplas personalidades, esboçada por Morin (2003), a partir da noção de configuração subjetiva de modo a desenvolvê-la e também estabelecer articulações com a proposta da Biossíntese, como será explicitada na segunda parte deste trabalho.

### **6.1 A configuração organizacional do aparelho psíquico e do sistema psíquico-mental-relacional: o anel (pentalógico-retroativo-recursivo) genésico e generativo**

Dando continuidade ao desenvolvimento das ideias expostas até o final do último capítulo, podemos iniciar a elaboração da fundamentação teórica da dimensão psíquica-afetiva-relacional afirmando que se trata de um sistema (MORIN, 1997) que emerge da dimensão ou do sistema orgânico-sensório-motor. Guardando o organismo biológico em seu todo, é a partir deste sistema portador do parêntese neurocerebral da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano, em inter-relação com a cultura, que emerge este outro sistema denominado aqui de psíquico-afetivo-relacional. Sua emergência se dá, simultaneamente, à emergência do sistema mente/espírito, do qual é o aspecto “mais” subjetivo. Mais especificamente, estando enraizado no egocentrismo subjetivo e na identidade pessoal,

engloba os processos afetivos, fantasmáticos, imaginário e oníricos da atividade mental/espiritual.

Considerando o aspecto organizacional da psique, Morin (1996a), inspirado na ideia de aparelho psíquico de Freud, também indica a necessidade de se formular a ideia de um aparelho<sup>47</sup> psíquico que, análoga à ideia de aparelho neurocerebral (organização bioquímica da computação cerebral), permita tratarmos os “fenômenos psicoespirituais” (p. 80) enquanto segundo e terceiro níveis de emergências da subjetividade humana. Podemos também afirmar que semelhante à concepção de Freud (1996a) de um aparelho psíquico originado de processos psíquicos inconscientes, Morin (1997, 1999, 1996a) também reconhece as raízes inconscientes de um aparelho psíquico. Não tendo elaborado especificamente esta ideia, tentaremos defini-la a partir da sua teoria da organização.

Para fundamentar a ideia de aparelho psíquico e de sistema psíquico-afetivo-relacional, é necessário voltarmos a noção de configuração organizacional, já indicada ao longo da fundamentação da concepção de *corporeidade/subjetividade*, no que diz respeito ao primeiro nível de emergência da subjetividade, e que encontramos nos processos biofísicos e somáticos. Faz-se necessário, agora, conceber essa configuração organizacional como base do segundo e terceiro níveis de emergência da subjetividade, a partir da relação entre *animus* e *anima* para, então, especificar sua configuração psíquica e mental. Para tanto, precisamos abordar os processos biofísicos e somáticos à luz do pensamento complexo para apontar a passagem entre os níveis de emergência da subjetividade.

Inicialmente, retomemos uma primeira ideia. A *anima* no ser humano é a herança que guarda todo o processo evolutivo desde a sensibilidade do unicelular – por exemplo, das bactérias *Escherichia coli* com seus quimiorreceptores – ao desenvolvimento dos receptores sensoriais e redes nervosas no reino animal, passando pela emergência de uma afetividade mamífera e primática, chegando na afetividade propriamente humana, emergência da corporeidade portadora de um aparelho neurocerebral, que não deixa de ser mamífera e primata. Essa ideia deve ser considerada juntamente com a de que todo esse processo evolutivo é uma consequência do *animus* (produto/produtor de um ser-máquina vivo e de um *computo*), isto é, aspecto do *autos* que evidencia o dinamismo auto-organizador, presente

---

<sup>47</sup> À noção de aparelho proposta por Morin (1997), que apresentamos anteriormente, deve ser somada a explicação (MORIN, 1999) de que o aparelho capitaliza (sinais, informações, sob a forma de engramas memorizáveis), computa e ordena (decide ordens, organiza a ordem). “A ideia de aparelho significa imediatamente emancipação relativa do ser quanto aos riscos e imposições exteriores. Pode computar uma situação, encontrar soluções; pode, segundo a amplitude e a complexidade das suas competências, elaborar estratégias adaptadas às circunstâncias mutáveis, conceber possibilidades de escolha, decidir em função de alternativas concebidas, desencadear a ação e a reação” (p. 149).



desde os unicelulares, passando pelos multicelulares, vegetais, animais e, estando presente, é claro, em nós humanos. Em outras palavras, o *animus* impulsionou trazendo consigo um desenvolvimento que vai da sensibilidade à afetividade, isto é, a *anima*. Como a base psíquica da sensibilidade, da afetividade humana, podemos afirmar que a *anima* é a alma humana. Toda sua evolução filogenética pode ser organizacionalmente considerada no sistema psíquico-afetivo-relacional humano, como tentaremos aqui propor.

Desde já, devemos considerar que a subjetividade psíquica inconsciente<sup>48</sup> do sistema psíquico-afetivo-relacional emerge da subjetividade orgânica inconsciente, esta última relacionada aos processos que caracterizam o *animus*, como acabamos de relembrar; uma emergência possibilitada pela relação entre o aparelho neurocerebral e a cultura. Devemos recordar ainda que esta emergência se dá mediante os desenvolvimentos permitidos pelo anel animal auto-ecogerador (figura 10), o qual justifica a relação indissociável e, ao mesmo tempo, distinta entre o *animus*, relacionado ao protopsiquismo, e o aparelho neurocerebral, do qual emerge o psiquismo. O que também evidencia a relação inseparável e a articulação entre o primeiro e o segundo níveis de emergência da subjetividade. Em suma, estamos tratando da relação e articulação entre as dimensões orgânica-sensório-motora e a dimensão psíquica-afetiva-relacional no que diz respeito à dimensão inconsciente de ambas. Neste sentido, os processos que permitem a passagem de uma dimensão a outra, que tentaremos elucidar a partir de agora, são de natureza inconsciente para o indivíduo-sujeito humano.

Para fundamentarmos a base do aparelho psíquico e, conseqüentemente, do sistema psíquico-afetivo-relacional, que tem seu funcionamento a partir deste primeiro, devemos explicitar a gênese de ambos a partir dos processos auto-organizadores presentes no *animus*, os quais, mais especificamente, reúnem a geno-organização e a feno-organização numa instância mais complexa traduzida no macroconceito auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (informacional/computacional/comunicacional). Neste sentido, faz-se necessário resgatar as ideias já apresentadas, anteriormente, acerca da passagem entre a *physis* e o *bios*, no que diz respeito, mais especificamente, à organização neguentrópica (figura 8) e que ela nos remete aos processos polimaquiniais os quais permitem fundamentar a relação e a

---

<sup>48</sup> Para compreendermos a dimensão inconsciente do sistema psíquico-afetivo-relacional é importante lembrarmos que o *computo* celular originário, presente em cada célula e nas inter-relações dos bilhões de células de um organismo, permite fundamentar uma subjetividade orgânica inconsciente presente na dimensão orgânica-sensório-motora, da qual emerge, como tentaremos elucidar, a dimensão inconsciente do sistema psíquico-afetivo-relacional, a partir da relação entre o aparelho neurocerebral do organismo/corporeidade e a cultura. Desta forma, devemos considerar o seguinte: da mesma maneira que emerge uma subjetividade orgânica inconsciente do sistema orgânico-sensório-motor, veremos que emerge uma subjetividade psíquica inconsciente do sistema psíquico-afetivo-relacional, que é análoga à primeira em sua configuração organizacional e nos processos auto-eco-organizadores.

passagem entre os processos biofísico-somático/subjetivos, presentes na dimensão orgânica-sensório-motora, e os processos subjetivos (psíquico-mental), presentes, primeiramente, na dimensão psíquica-afetiva-relacional, mas também na dimensão mental/espiritual.

A organização neguentrópica<sup>49</sup>, dimensão do *autos*, deve ser considerada, como já assinalamos, a partir de Morin (1997), como a base da organização genofenômica de natureza informacional/comunicacional. Considerando a herança da *physis* no *bios*, a organização neguentrópica genofenômica, enquanto herdeira da organização ativa produtora-de-si (ser-máquina), deve ser compreendida como uma configuração organizacional (*Gestalt*), em forma de anel genésico e generativo em espiral, guardando suas qualidades pentalógicas (desordem, interações, ordem, desorganização e organização), retroativa (o todo retroage sobre todas as partes) e recursiva (o produto final, o efeito, é necessário a sua produção e causação). Isto é, devemos identificar na organização neguentrópica genofenômica ou na auto-(geno-feno)-organização informacional/computacional/comunicacional a inscrição dos processos organizacionais da *physis*, pois foi a partir deles que se deu a emergência do *autos*.

Partindo deste entendimento, devemos considerar que as configurações organizacionais, com essas qualidades assinaladas, estão presentes nos três sistemas da *corporeidade/subjetividade*, guardando cada um a especificidade dos seus processos. Como já indicamos, a dimensão orgânica-sensório-motora deve ser pensada em suas configurações somáticas/subjetivas a partir dos seus elementos específicos (movimentos, expressões, gestos e posturas). Precisamos, agora, elucidar como esse fundamento configuracional do sistema psíquico-afetivo-relacional permite concebermos a noção de configurações subjetivas e sua produção, enquanto segundo nível de emergência da subjetividade humana, dotadas de uma relativa autonomia em relação ao primeiro nível. Contudo, sem perder de vista a sua indissociabilidade com a dimensão orgânica-sensório-motora, assim como com a mental/espiritual, com a qual emerge simultaneamente, e ainda com a subjetividade social.

Para definir a noção de configuração subjetiva é necessário considerar essa infraestrutura presente na noção de *animus*, em relação indissociável com a noção de *anima*. Tal infraestrutura organizacional nos permitirá levar tanto pelo caminho filogenético, do unicelular ao *Homo sapiens*, quanto pelo caminho ontogenético, da célula ao organismo do

---

<sup>49</sup> Devemos lembrar que esta ideia está relacionada aos processos biofísicos da organização viva formulada por Schrödinger (*apud* MORIN, 1997) para tratar tanto da entropia (degradação e desorganização da matéria física tanto nos seres máquinas físicos naturais quanto nos seres vivos) quanto da neguentropia (organização e reorganização das organizações ativas naturais e da auto-organização e autorreprodução dos seres vivos).

indivíduo-sujeito humano, como temos trilhado ao longo da elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade*, a destacar os aspectos específicos do aparelho psíquico e do sistema psíquico-afetivo-relacional, até aqui não evidenciados.

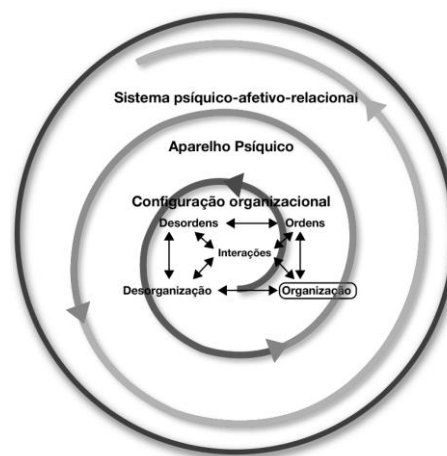
Como indicado acima, todos os seres vivos devem ser compreendidos em sua organização neguentrópica, sendo esta a dimensão originária da auto-organização. Esta dimensão, conforme evidencia Morin, traz os processos físico-químicos, relacionados à hereditariedade genética (informacional), presentes no *genos* e que devem ser compreendidos a partir da ideia de anel pentalógico-retroativo-recursivo. O *genos*, enquanto capital genético da organização celular (memória informacional inscrita no DNA; manutenção das invariâncias hereditárias; duplicação reprodutora; dispositivo da maquinaria celular) e a partir da sua qualidade de generatividade viva, supera incessantemente os processos físico-químicos desorganizadores entrópicos, presentes na dinâmica pentalógica, utilizando-os e transformando-os “em processos reorganizadores [neguentrópicos] e, neste sentido, pode ser considerada como gênese indefinidamente recomeçada, organizada e regulada” (1999, p. 110).

Neste sentido, devemos identificar, por um lado, a produção neguentrópica na auto-organização viva mediante os processos do *genos*. E por outro lado, a partir do *fenon*, que - enquanto existência fenomênica *hic et nunc* da auto-organização celular num ambiente - deve ser compreendida como o ser-máquina vivo termodinâmico (dissipações, flutuações, *turnover*) que toma corpo e oferece as condições necessárias para os processos genéticos se darem no invólucro citoplasmático (corpo celular), caracterizando assim as interações com o ambiente, as trocas, o metabolismo, a homeostasia, a sensibilidade. Ou seja, como já explicitado no capítulo 4, trata-se de uma relação complexa presente na unidualidade de uma geno-feno-organização de natureza neguentrópica.

O que nos interessa destacar aqui é a inscrição dos aspectos genésicos da *physis*, reunidos na ideia de anel pentalógico – desordem, interações, ordem e organização e desorganização -, numa organização neguentrópica que, ao fazer emergir a informação, torna-se uma auto-(geno-feno)-organização, seja do unicelular ou do ser celular. Além disso, também se faz necessário destacar que as transformações genofenomênicas se dão mediante a ideia de um aparelho computante – que articula as noções de aparelho e de computação propostas por Morin, já indicadas anteriormente - indissociado da atividade do dinamismo organizador (*animus*) do unicelular e do ser celular. E ainda, ao permitir dar sentido às noções de informação, memória, saber e programa genético, pois é o que permite ressuscitar a memória, organizar o saber, transformar a informação em programa e decidir a ação, o

aparelho computante do ser celular opera os processos pentalógicos da *physis* advindos da sua organização neguentrópica, “tornando-se generativo ao transformar a informação (neguentropia potencial) em programas e estratégias (neguentropia organizacional), as quais governam as ações e atuações fenomênicas, que, sendo necessárias à existência do aparelho computante, participam da regeneração do gerador” (MORIN, 1999, p. 116). É o aparelho computante que permite “operar-se, gerar-se e regenerar-se um ciclo incessante de conversão de *práxis* generativa em *práxis* fenomênica e vice-versa” (p. 116), que tem em sua configuração organizacional a presença do anel pentalógico.

Para fundamentar a proposta desse sistema, seguindo a elaboração da teoria da organização proposta pelo pensamento complexo, é justamente a ideia de um aparelho computante do ser celular que permite considerarmos a ideia de aparelho neurocerebral e de aparelho reprodutor sexual do ser orgânico e, ainda, a ideia de um aparelho psíquico do indivíduo-sujeito humano. Diferentes aparelhos inter-relacionados e atrelados a diferentes dimensões que emergem de sistemas de sistemas, dentre elas destacamos aqui a psíquica-afetiva-relacional. Aparelhos e dimensões/sistemas que têm em comum a configuração organizacional em forma de anel pentalógico-retroativo-recursivo em espiral.



**Figura 12** - Emergência do sistema psíquico-afetivo-relacional a partir do aparelho psíquico e tendo como fundamento a configuração organizacional

## **6.2 A natureza intrassubjetiva e intersubjetiva da subjetividade/corporeidade: dos aparelhos celular, reprodutor-sexual e neurocerebral ao aparelho psíquico e o sistema psíquico-afetivo-relacional**

Antes de tentarmos propor a noção de aparelho psíquico, enquanto o que elucidada o processamento da informação e da sua ligação e operação no sistema psíquico-afetivo-relacional, precisamos retomar as propostas de um princípio de inclusão e de um princípio de

associação para lembrar a passagem do nível celular ao nível do organismo e, principalmente, a dupla natureza intra e intersubjetiva deste aparelho e deste sistema. Estes princípios permitem compreendermos que a configuração organizacional presente no aparelho computante do unicelular se complexificou de modo a possibilitar, sobretudo, ao longo de toda evolução do anel animal locomotor (figura 10), a emergência do aparelho neurocerebral e deste, em inter-relação com a cultura, como evidenciaremos, a emergência do aparelho psíquico propriamente humano, detentor de uma relativa autonomia em relação ao aparelho neurocerebral.

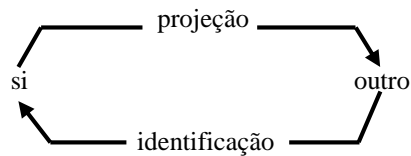
Como exposto anteriormente, o princípio de inclusão permite que este indivíduo-sujeito inclua sua progenitura na sua identidade e também se inclua na identidade da comunidade, mesmo ocupando o sítio egocêntrico e autorreferente que funda a condição de sujeito para todo ser vivo, desde os unicelulares ao *Homo sapiens*. Neste sentido, devemos lembrar a complementaridade entre o princípio de inclusão e o princípio de exclusão. Sendo os unicelulares indivíduos-sujeitos de primeiro grau, o princípio de inclusão permite conceber a hipótese de como se deu as interações cooperadoras para originar o macroindivíduo pluricelular (indivíduo-sujeito de segundo grau). Por sua vez, o princípio de associação/agrupamento, correlato ao princípio de comunicação-comunhão, como também já exposto, possibilita concebermos os processos de comunicação e comunhão que permitiram o estabelecimento de comunidades entre indivíduos-sujeitos unicelulares, na forma de um organismo e entre indivíduos-sujeitos pluricelulares (organismos), na forma de sociedades.

É o princípio de comunicação-comunhão que permite Morin (1999) justificar a sua concepção organizacional sistêmica de comunidade (organismo e sociedade). Para isso, é necessário considerar que o unicelular e a célula, indivíduos-sujeitos de primeiro grau, são centros geradores/receptores de comunicação e que as associações entre unicelulares e entre células comporta intercomunicação entre congêneres, as quais se dão por meio de signos ou sinais nas trocas de informações, conforme um código comum. E isto porque possuem o mesmo tipo de aparelho computante, de sistema de representação do ambiente, de necessidades fundamentais, de modo de expressão e de resposta, de sinais exteriores de identidade. Há uma comunicação a partir de uma base comum, com signos e sinais, veiculando a informação e também a identificação entre os congêneres.

Sendo assim, Morin coloca que “na intercomunicação opera-se um circuito analógico  $si \rightarrow outro$  no qual cada um reconhece no outro simultaneamente um indivíduo-sujeito estranho – *ego alter* – e um sujeito semelhante a si – *alter ego*” (1999, p. 190). Este circuito permite compreender que a capacidade de computar o outro como *alter ego/ego alter* é

indissociável da capacidade “de se computar a si mesmo ‘objetivamente’ como um outro si-mesmo (*alter ego*) e de identificar este *alter ego* com a sua própria identidade subjetiva” (p. 190). As características e mecanismos da autocomputação, já apresentadas anteriormente, permitem Morin afirmar que

a comunicação entre congêneres exterioriza, num outro semelhante a si, os processos internos de objetivação/subjetivação, projeção/identificação [do circuito reflexivo eu/si/mim da autocomputação]. Constitui-se, entre os dois parceiros e de modo recíproco, um circuito de projeção (de si sobre o outro) e de identificação (do outro consigo):



Este circuito reconhece o outro (congêneres) como indivíduo-sujeito estranho a si ou *ego alter* e simultaneamente identificado (mais ou menos fortemente, ou duradouramente) consigo como *alter ego* (outro si-mesmo). Assim a comunicação entre indivíduos-sujeitos é uma comunicação entre vários *ego alter/alter ego* (predominando um destes dois termos sobre o outro). (1999, p. 190)

Esta formulação de um princípio de comunicação-comunhão permite explicitar que as estruturas que constituem o ser-sujeito, sobretudo o *computo* - comportando ao mesmo tempo auto-exo-referência (distinguir e identificar o objetivo e o subjetivo) e a alteridade (autorreflexão e desdobramento reprodutor) -, dispõem-lhes, em princípio, da capacidade de considerar objetivamente o outro como semelhante e como estranho, e permitindo-lhe identificar-se subjetivamente com ele na comunicação. “A ego-estrutura comporta potencialmente a ‘estrutura-outro’” (p. 191). E entre a polarização dos dois termos *alter* e *ego* na comunicação de congêneres, é na predominância da identidade sobre a alteridade que se faz a comunhão, isto é, a união na comunicação. Se houver predominância da alteridade sobre a identidade, o *ego alter* aparece mais como estranho, ao invés de semelhante.

Neste circuito intercomunicacional há um anel intersubjetivo e transubjetivo. Respectivamente, liga os indivíduos-sujeitos entre si e “atravessa-os e ‘transcende-os’ no próprio ato que o torna imanente a estes indivíduos-sujeitos” (p. 191). Constituindo, desta forma, uma unidade englobante que retroage sobre os comunicadores, como já havia sido evidenciado por outros autores, dentre eles Gregore Bateson, mas circunscrito à comunicação humana, conforme esclarece Morin (1999). E é justamente a inclusão do indivíduo num anel transubjetivo e duradouro que faz emergir uma comunidade (organismo e sociedades), uma nova identidade sistêmica, a qual retroage sobre seus constituintes, indivíduos-sujeitos

ocupando seu sítio egocêntrico, mas que são sujeitados e se sujeitam para compor um todo maior.

Nesse anel transubjetivo e duradouro há uma complexa imbricação entre os indivíduos-sujeitos de primeiro grau (célula) e o indivíduo-sujeito de segundo grau (organismo). Considerando que em ambos os graus se mantém a qualidade de sujeito, o princípio de exclusão faz com que um exclua o outro do seu sítio egocêntrico. Mesmo sendo as interações entre microssujeitos constituidoras do ser do macrossujeito e este comande o destino dos microssujeitos, os dois tipos de sujeitos se excluem porque um guarda sua individualidade de primeiro grau e o outro a de segundo grau e porque ignoram-se um ao outro, no sentido de não haver um conhecimento consciente entre os dois níveis de individualidade. Ao mesmo tempo, há identidade genética única e comum a ambos, a qual permite uma integração dos dois graus de individualidade. Conforme explica Morin,

O *genos* do ser do segundo grau inscreve-se unicamente nos *genes* dos seres do primeiro grau, enquanto o ser fenomênico do primeiro grau se inscreve totalmente no ser fenomênico do segundo grau. Existe presença infra-subjetiva (na identificação genética), supra-subjetiva (na dominação do micro-sujeito pelo macro-sujeito), e transubjetiva (na comunidade proveniente das interações celulares) do ser do segundo grau no ser celular do primeiro grau, mas todos os processos (reprodução, ontogênese, auto-organização etc) do ser do segundo grau provem de interações entre seres do primeiro grau. Assim, tece-se uma integração mútua espantosa entre os dois graus de ser, de existência, de individualidade, de subjetividade incluídos no mesmo ser... (1999, p. 193)

Com mais essas explicações acerca dos princípios de inclusão e, principalmente, de associação/agrupamento, este último a partir do princípio de comunicação-comunhão, podemos tentar explicitar as inter-relações entre os aparelhos computantes celulares, o aparelho neurocerebral, o aparelho reprodutor sexuado, para então chegarmos no aparelho psíquico. Para isso, é necessário considerar a relativa autonomia e uma dependência mútua entre esses aparelhos, e que um e outro inscrevem-se na relação recursiva global do todo do indivíduo-sujeito humano. Desta forma, a concepção que aqui é assumida para as inter-relações entre os diferentes aparelhos é mais complexa do que aquela que considera o organismo sendo comandado por um aparelho central, o aparelho neurocerebral. Isto porque aponta para a bipolarização entre aparelho neurocerebral – do qual emerge o aparelho psíquico - e aparelho reprodutor sexual, os desdobramentos das conexões entre os bilhões de aparelhos celulares, a recursão entre estas instâncias, que estão integradas numa totalidade ativa, que para este trabalho é da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano (MORIN, 1997).

Para relacionarmos essas instâncias dos diferentes aparelhos, aqui destacados, devemos partir daquela primeira ideia relacionada a todo o processo evolutivo que as noções de *animus* e *anima* guardam. Neste processo, a noção de computação é fundamental para identificar o ser vivo sujeito computante, a começar pelos unicelulares, que detentores de um aparelho computante puderam encontrar estratégias de sobrevivências que os levaram a estabelecer processos associativos entre congêneres, constituindo, então, seres pluricelulares, mediante a intercomunicação de aparelhos computantes celulares.

Esse mesmo processo é também o desenvolvimento de um *computo*, que une, num único ser-máquina-aparelho computante celular, operações cognitivas e sensibilidade, ao longo da cadeia de transformações do reino animal que vai dos protozoários aos vertebrados, sobretudo, mamíferos, primatas e humanos. O aparecimento de uma rede nervosa impulsionada pelo anel locomotor (figura 9) é o resultado das intercomunicações de aparelhos celulares, os quais evoluem e se especializam em aparelhos celulares nervosos (neurônios sensoriais e neurônios motores), formando sistemas de rede nervosas até chegar na constituição de um sistema nervoso central, dotado de um aparelho neurocerebral. Caminhando a par deste desenvolvimento, constitui-se também um aparelho reprodutor sexual que se distingue do aparelho neurocerebral. Enquanto o primeiro tem como função gerar células reprodutoras ou gametas, o segundo controla o organismo e governa o comportamento.

A distinção entre esses dois aparelhos, que está relacionada à unidualidade genofenômica da auto-eco-organização dos indivíduos de segundo tipo, principalmente para nós, seres humanos, precisa ser tratada, neste ponto do texto, para ressaltar a importância da relação entre sexualidade e desenvolvimento da individualidade na constituição do sistema psíquico-afetivo-relacional e do aparelho psíquico que caracteriza seu modo de processamento da informação ligada às ações e operações deste sistema. Na sequência da discussão desta temática, retomaremos a questão da inter-relação entre os aparelhos celulares, o aparelho neurocerebral e o aparelho psíquico.

### **6.2.1 Os desenvolvimentos da sexualidade e da individualidade e a constituição do aparelho psíquico e do sistema psíquico-afetivo-relacional**

Estando interconectados e sendo interinfluentes, esta dupla aparelhagem (reprodutor/sexual e neurocerebral) está relacionada a um duplo desenvolvimento, “o da reprodução (sexualidade, ontogênese) e o da individualidade (autonomia e “egoísmo”), e (...)



a dialética deste duplo desenvolvimento provoca um terceiro, o da sociedade” (MORIN, 1999, p. 120). Essa dissociação sexo-cérebro permite novas associações, combinações e interações entre *genos* e *fenon*. Entre o sexo (*genos*: aparelho reprodutor) e o cérebro (*fenon*: que abarca o aparelho neurocerebral de uma individualidade humana) existe comunicação endócrina e neurológica, que para nós, seres humanos, permite considerar “uma circulação fabulosa e fabulante entre o sexo cerebralizado tornado *eros* e o cérebro — espírito erotizado tornando-se *psyqué*” (p. 120). Entre *eros* e *psyqué* devemos identificar as marcas profundas da sexualidade na constituição do aparelho psíquico e, conseqüentemente, do sistema psíquico-afetivo-relacional.

Dentre essas novas associações, combinações e interações entre *genos* e *fenon*, ou entre sexo e cérebro, desenvolvidas na evolução filogenética, cabe destacar a forma profundamente íntima de gestação intrauterina do embrião presente a partir dos mamíferos e caracterizando a condição humana. Nela, a reprodução possibilitada pelo aparelho sexual e o desenvolvimento da individualidade - na qual podemos destacar a maturação neurológica que se dá de forma intrauterina e, principalmente, fora do útero, nas relações interindividuais - tornam-se inseparáveis.

Com essa intimidade entre *genos* e *fenon*, as relações genitor(es)/progenitura e macho/fêmea(s), sem deixar de serem genéricas, transformam-se em relação interindividual, fazendo com que o ser pessoal de cada um dos parceiros tenha uma implicação “visceral” e afetiva nesta relação, a partir da qual formam-se as relações mãe/filhos, macho/fêmea e mãe/pai/filhos, instituindo-se numa nova ordem organizadora supraindividual: a família e a sociedade. Desta maneira, as sociedades humanas, que trazem as heranças filogenéticas das aves - nas quais os casamentos entre fêmeas e machos ganham predominância e longevidade - , e dos mamíferos, “constituem-se de modo complexo simultaneamente sobre o vínculo genérico/sexual, o vínculo interindividual e o vínculo social que emerge das interações entre os outros dois” (p. 120).

Ao mesmo tempo em que essas novas formas de comunicação entre *genos* e *fenon* se estabeleceram ao longo da evolução da vida, não devemos perder de vista a profunda disjunção entre eles, perpetuada por essa mesma evolução que fez emergir dois aparelhos. Tal disjunção marca uma relação parasitária entre *genos* e *fenon* ou entre o aparelho reprodutor e o aparelho neurocerebral, na qual “o *genos* reprodutor deve subjugar um *fenon* demasiado independente, e o *fenon* individualista deve conter um *genos* demasiado invasor” (121). As estratégias de ambos se entrecruzam na busca de cada um pela sua finalidade: a reprodução para um (*genos*), e o desenvolvimento da individualidade para o outro (*fenon*). E a partir

delas, sobretudo em nós humanos, por exemplo, o egoísmo do indivíduo pelo gozo pode predominar sobre as finalidades reprodutoras ou estas podem ser alcançadas por “astúcia” do *genos*, impelindo o ser humano para e pelo seu prazer. Dentre as muitas consequências dos desenvolvimentos desta complexa relação entre *genos* e *fenon*, as práticas anticonceptivas entre homens e mulheres, na sociedade contemporânea, multiplicaram “os prazeres eliminando as consequências genitoras do ato do amor” (121).

Conforme elucidada Morin (1999), essa complexa relação entre *genos* e *fenon*, que é também o jogo dialógico que se abre entre o sexo (aparelho reprodutor) e a cabeça (aparelho neurocerebral), deve evidenciar a complexificação que a sexualidade introduz na relação consigo mesmo e com o outro, para todos os indivíduos de segundo tipo, e muito especificamente para nós, seres humanos; de modo a tornar-se uma dimensão constitutiva do indivíduo-sujeito e das suas relações interindividuais (casal, família, sociedade), para muito além do processo reprodutor. Além das diferentes consequências (genéticas, morfológicas, fisiológicas, psicológicas e comportamentais) que a separação dos sexos em indivíduos fêmeas e machos ocasionou para suas individualidades e subjetividades no desenvolvimento animal, também fez com que a sexualidade trouxesse um complexo jogo de atrações e distanciamentos entre os congêneres. Um jogo do desejo na relação sexual e no qual está inscrita uma dupla pulsão de atração-rejeição que se desdobra numa infinidade de configurações relacionais, impulsionadas pela intensa necessidade e/ou desejo de encontrar sua metade ausente, uma profunda marca da sexualidade/afetividade no indivíduo de segundo tipo, principalmente no ser humano.

Nas sociedades de mamíferos, a distinção e conjunção machos/fêmeas se combinam de modo complexo formando, por um lado, duas bioclasses institucionalmente separadas, e por outro, estabelecem-se uniões mais ou menos duradoras entre fêmea(s) e macho(s). Dessas distinções e conjunções que o sexo e a sexualidade formam, estabelecem-se relações não só de união, mas também de estranhezas e rivalidades. Neste sentido, podemos compreender que os casais e as relações sociais têm como um dos fundamentos o vínculo sexual, que traz seu poder de atrações, ligações, interações organizadoras no seio da sociedade. Desta forma, a sexualidade animal diz respeito ao ser do indivíduo e ao ser da sociedade, sendo que para o primeiro, afirma Morin,

acentua à sua maneira a falta e a insuficiência que caracterizam a vida animal: o ser sexuado é, na sua afetividade e no seu psiquismo, um ser fragmentário, incompleto, desejante. Ao mesmo tempo, a sexualidade constitui uma dimensão permanentemente de todas as interações e organizações interindividuais e sociais. No fundamento da nossa sociedade mamífera existe o sexo. No fundamento da nossa personalidade animal existe o sexo. O sujeito tem agora um sexo e a verdade

radical do freudismo está fora de contestação: o sexo concerne no seu núcleo a nossa identidade, a nossa individualidade, o nosso ser (é necessário, bem entendido, afastar toda a redução ao sexo, todo o excesso pansexual). (1999, p. 202-203)

Com o que foi exposto até aqui acerca da relação entre aparelho sexual (*genos*) e aparelho neurocerebral (*fenon*), no que diz respeito às influências dos desenvolvimentos inseparáveis da sexualidade e da individualidade nos indivíduos de segundo tipo, sobretudo para nós, humanos, pudemos começar a circunscrever a origem e a traçar as características constituidoras do aparelho psíquico, que permitirá evidenciar os processos do sistema psíquico-afetivo-relacional. Isto é, a unidualidade genofenômica da auto-eco-organização dos indivíduos de segundo tipo, no seu dinamismo organizador, o *animus*, que é o produto/produtor de um *computo* (cognitivo/sensível), forjou um aparelho psíquico que emerge do aparelho neurocerebral a partir da sua inter-relação com a cultura, mantendo interconectividades e interinfluências com o aparelho sexual, que se complexificou na sexualidade mamífera (dimensão do ser individual e social), marcando, profundamente, a afetividade mamífera presente no *Homo sapiens*, que é a expressão da *anima* e que justifica o termo afetivo para este sistema da *subjetividade/corporeidade* que estamos tentando definir.

Além desse primeiro desenho dos aspectos que constituem o aparelho psíquico, mecanismo processual do sistema psíquico-afetivo-relacional, também pudemos expor os princípios e as características que determinaram e determinam a natureza intersubjetiva deste mesmo aparelho. Este aspecto permite evidenciar, inicialmente, os fundamentos que justificam o termo relacional. Pudemos ver que a vida, desde os unicelulares, que tem como uma das suas características essenciais e fundamentais a autorreprodução, criou caminhos evolutivos (adaptativos) que se utilizaram da relação entre congêneres com a finalidade de viver e sobreviver. Ao buscar compreender esses caminhos da vida, que trouxeram a este planeta uma diversidade quase infinita de espécies, dentre elas o *Homo sapiens*, Morin (1999) formulou os princípios de associação/grupamento e de comunicação-comunhão para evidenciar essa qualidade relacional constituidora da vida na sua base filogenética e ontogenética.

Começando pelas bactérias e se complexificando ao longo da evolução a partir das transformações da unidualidade genofenômica das espécies, até chegar na origem dos indivíduos de segundo tipo, principalmente nos mamíferos, primatas e humanos, essa qualidade genésica da vida irá constituir relações interindividuais. A sua importância genésica, no sentido de dar origem, está na condição de ser nascedouros do ser individual, como na gestação intrauterina que estabelece uma relação “visceral” entre mãe/filho e vai se

prolongar após o nascimento numa relação absolutamente dependente, na qual o desenvolvimento neurocerebral, pouco ainda realizado, estende-se ao longo dos primeiros anos de vida, sob esta determinante influência da relação interindividual e intersubjetiva. Relação na qual se integram, além da genitora, alguns outros (irmãos, pai), no caso de aves, mamíferos e primatas, e muitos outros (pai, irmãos, avós etc), no caso de nós, seres humanos.

Desta forma, podemos considerar a intersubjetividade como condição para a origem filogenética e ontogenética e o desenvolvimento do aparelho psíquico, bem como se estabelecendo como uma dimensão deste mesmo aparelho, que acompanha o desenvolvimento do aparelho neurocerebral. Tal dimensão é a abertura pela qual o aparelho psíquico, enquanto modo processual do sistema psíquico-afetivo-relacional, se inter-relaciona, mediante a família e a sociedade, com um outro sistema que é constituído a partir da cultura, indispensável para a emergência tanto deste aparelho quanto dos sistemas psíquico e mental, e que buscaremos definir posteriormente: a subjetividade social.

Destacado os aspectos afetivo/sexual e relacional do sistema psíquico, não devemos deixar de relacioná-los à *anima* e à ideia de alma para nós, seres humanos. Tais aspectos revelam qualidades que compõem essa dimensão sensível e vulnerável da subjetividade/corporeidade do indivíduo. Com o que foi exposto, podemos compreender como a alma humana é profundamente marcada pelos desdobramentos da sexualidade nas experiências afetivas e pela necessidade e desejo insuperável do outro. Duas marcas da dimensão existencial do indivíduo-sujeito humano.

É necessário também evidenciar que estes aspectos têm como uma das suas dimensões a comunicação, conforme o princípio de comunicação-comunhão permite elucidar. Além de possibilitar fundamentar como se dão as inter-relações entre os diferentes aparelhos (celulares, neurocerebral e psíquico), este princípio aponta para a complexificação dos processos de comunicação ao longo da evolução da vida, desde os unicelulares, chegando em nós, seres humanos, e estando aberto para desenvolvimentos ulteriores. Para este ponto da elaboração da noção de sistema psíquico-afetivo-relacional, primeiro nível de elaboração psíquica, é relevante destacar e compreender que há uma comunicação afetivo/emocional que se dá pelo movimento, expressão, gesto e postura da corporeidade/subjetividade. Um tipo de comunicação indissociável da dimensão orgânica-sensória-motora, herdeira dos desenvolvimentos do *animus* e da *anima* (da animalidade) e possuindo uma relativa autonomia em relação aos processos do sistema mental/espiritual (segundo nível de elaboração psíquica), que se dão mediante a relação entre pensamento, linguagem e consciência.

### **6.3 Das inter-relações entre os aparelhos celulares, neurocerebral e psíquico à concepção de mente-cérebro proposta pelo pensamento complexo**

Retomemos, deste ponto, a questão da inter-relação entre os aparelhos celulares e o aparelho neurocerebral para, então, delimitar a concepção de um aparelho psíquico que permita elucidar os processos que caracterizam o sistema psíquico-afetivo-relacional em sua relativa autonomia. Como foi colocado acima, houve um longo processo evolutivo, retratado por Morin, a partir da ideia de *anel animal locomotor* (figura 9) e da ideia de *animus* que possibilita elucidar a ligação entre os aparelhos celulares e o aparelho neurocerebral pelo desenvolvimento das redes nervosas, mediante a especialização destes aparelhos celulares. No entanto, “o aparelho cerebral [constituído por estes aparelhos celulares especializados denominado de neurônios e inter-retroagindo uns com os outros] não tem de modo nenhum a mesma relação com o organismo que o aparelho celular tem com a célula” (MORIN, 1999, p. 205), porque enquanto este último é uma instância do processo de organização da própria célula, o primeiro não é o organizador do organismo como um todo, como já foi afirmado anteriormente. É, sim, o produto de uma ontogênese, que se opera por interações/multiplicações celulares as quais não estão submetidas a este aparelho, mas que tem a plena função de organizar o comportamento e intervir em todas as operações do organismo, por via nervosa e secreções glandulares as quais partem até do próprio cérebro. Não obstante essa diferença, o seu papel de organizador do comportamento e interventor em todas as operações do organismo é exatamente a evidência neurológica da relação indissociável entre os aparelhos celulares e o aparelho neurocerebral.

Destacada essa diferença e distinção entre as condições que caracterizam os aparelhos celulares e o aparelho neurocerebral, podemos considerar a importante função que este último assumiu no ser animal de segundo tipo, sobretudo em nós, seres humanos: tornou-se o centro computante, competente e decisivo, centralizando a individualidade e a subjetividade. Esta sua função aponta para a própria determinação na emergência do aparelho psíquico, como já indicada, mas também da mente/espírito, o que traz a necessidade de apresentar a proposta moriniana acerca do problema da relação entre mente e cérebro. Com essa discussão, chegaremos a explicitação de como o pensamento complexo concebe a relação entre os aparelhos celulares, neurocerebral e o psíquico, permitindo, assim, alicerçar as bases do sistema psíquico-afetivo-relacional e, posteriormente, do sistema mental/espiritual.

Ao se situar na discussão do problema mente-cérebro<sup>50</sup>, Morin (1996a) aponta para uma concepção que reconhece, a um só tempo, a unidade e a dualidade, isto é, a unidualidade cérebro —mente/espírito. Para o autor, devemos partir do reconhecimento das duas realidades: a material, do cérebro, e a psíquica, da mente, para poder compreender a relação entre o cérebro, enquanto órgão principal do aparelho neurocerebral, e a mente, enquanto uma dimensão que emerge a partir da relação entre o cérebro e a cultura. São realidades inseparáveis, pois “nenhuma operação do espírito escapa a uma atividade local e geral do cérebro, e é preciso abandonar toda ideia de um fenômeno psíquico independente de um fenômeno biofísico” (p. 71).

A relação entre ambas as dimensões é de dupla subordinação, no sentido de que há dependência da mente/espírito em relação ao cérebro - alterações, intervenções e problemas no cérebro afetam as características e o funcionamento da mente - e que o que afeta a mente/espírito afeta o cérebro e, por meio deste, o organismo inteiro - como no caso do sofrimento da perda de uma pessoa que pode afetar o funcionamento do cérebro, ou a condição depressiva grave, que afeta o sistema imunológico, e ainda as diferentes doenças psicossomáticas. Por essa razão, esta relação deve ser compreendida a partir de uma causalidade circular recursiva, na qual o produto retroage sobre o seu produtor e o efeito sobre a causa. Com isso, é necessário também reconhecer uma certa autonomia da mente/espírito, primeiramente, porque enquanto o cérebro inicia seu processo de “deterioração” já na vida adulta, a mente continua seu desenvolvimento podendo prolongar-se na senescência (MORIN, 1996a). E, segundo, como veremos, a mente pode ser assumida como uma dimensão detentora de processos próprios a ela e não redutíveis aos processos cerebrais.

Diante desta dupla subordinação, Morin (1996a) propõe que devemos assumir a contradição presente nesta relação entre corpo e mente a um só tempo idênticos, equivalentes, diferentes e distintos e que para alcançar a solução de tal problemática não pode privilegiar um dos termos da contradição em favor do outro. Pelo contrário, a contradição indica a necessidade de uma circularidade paradoxal entre as noções de cérebro e de mente, já que se “a ideia do cérebro foi efetivamente o produto de um longo trabalho do espírito, [por outro lado] o espírito é o produto de uma ainda mais longa evolução do cérebro. O espírito aparece-nos como uma eflorescência do cérebro, mas este aparece como uma representação do espírito” (p. 72). Em suma, “o cérebro só se pode conceber através do espírito, e o espírito só

---

<sup>50</sup> De acordo com o esclarecimento exposto no capítulo 2, devemos considerar a expressão mente-cérebro ou cérebro-mente como uma expressão genérica para as discussões científicas e filosóficas acerca desta relação. E é precisamente com este sentido genérico que a expressão é aqui utilizada por Morin.

se pode conceber através do cérebro” (p. 73). Por esta razão, é preciso enfrentar na relação cérebro/mente a *unidualidade complexa* nos seus caracteres próprios e originais que reunidos num paradoxo-chave é formulado da seguinte forma: “que é um espírito que pode conceber o cérebro que o produz, e que é um cérebro que pode produzir um espírito que o concebe?” (p. 73).

Buscando ainda situar a complexa condição da relação mente/cérebro, Morin (1996a) afirma que não é possível conceber esta relação sem a participação direta e fundante da cultura (linguagem, saber-fazer e saberes acumulados no patrimônio social), pois sem ela a mente humana não teria emergido, bem como o cérebro do *Homo sapiens* se limitaria a computações equivalentes a dos primatas não humanos. Neste sentido o autor explicita:

o espírito, que depende do cérebro, depende de outra maneira, mas não menos necessariamente, da cultura. É preciso que os códigos linguísticos e simbólicos sejam engramados e transmitidos numa cultura para que haja emergência do espírito. A cultura é indispensável à emergência do espírito e ao pleno desenvolvimento do cérebro, os quais são por sua vez indispensáveis à cultura e às sociedades humanas, as quais só cobram existência e consistência nas e pelas interações entre espíritos/cérebros dos indivíduos. (1996a, p. 74)

Apresentados estes aspectos gerais que constituem a concepção da relação mente-cérebro para Morin, a *unidualidade complexa* e a trindade cérebro/mente/cultura, podemos retomar a discussão da relação entre o aparelho celular e o aparelho neurocerebral, considerando, como já havia sido mencionado, a diferença e a disjunção destes dois níveis da computação viva. Ao mesmo tempo em que os neurônios, células do aparelho neurocerebral, têm a mesma origem e os mesmos caracteres fundamentais que as outras células do corpo (são seres-máquinas computantes que dispõem da mesma informação genética), possuem funções especializadas que lhes permitem computações e comunicações relacionadas propriamente às atividades cognitivas. Neste sentido, Morin (1996a) irá propor que a atividade cognitiva do cérebro animal, incluindo nós humanos, pode ser considerada uma megacomputação<sup>51</sup> envolvendo, analisando, sintetizando computações de computações. No caso do ser humano, o aparelho neurocerebral dispõe de uma “complexidade organizacional que lhe permite

---

<sup>51</sup> Esta noção é elaborada a partir de uma visão que considera “o aparelho neurocerebral animal como *aparelho computando as computações que operam os seus próprios constituintes (neurônios) que são por sua vez computadores vivos* [grifo do autor]. O conhecimento, diz Von Foerster, é uma computação de descrições, mas como as descrições que o cérebro computa são por sua vez o produto das computações e intercomputações neuronais, pode dizer-se que o conhecimento cerebral é uma computação das computações. O conhecimento cerebral constitui, globalmente, uma megacomputação de microcomputações (neuronais), de mesocomputações (regionais) e de intercomputações (entre neurônios e entre regiões)” (MORIN, 1996a, p.57). Como exemplo para ilustrar essa ideia, o autor cita o fenômeno neurológico da visão e ainda irá indicar desdobramentos dessa ideia relacionando a eles o exemplo da constância perceptiva e da representação. Outro ponto importante acerca da megacomputação cerebral é que ela constitui um *computo*, “isto é, um ato auto-exo-referente que se autocomputa computando estímulos emanados do mundo exterior, e esse ato é ao mesmo tempo um ato egocêntrico que unifica o conhecimento do indivíduo como sendo o seu conhecimento” (p.58).

desenvolver e metamorfosear as computações em ‘cogitações’ ou pensamentos, por meio da linguagem, do conceito e da lógica, o que exige a partir daí um quadro sociocultural” (p. 76). Essa passagem do *computo* ao *cogito* também está relacionada “à reflexividade do sujeito capaz de pensar seu pensamento pensando-se a si mesmo, isto é, quando acede correlativamente à consciência do que sabe e à consciência de si mesmo” (p. 76), fenômeno que será considerado a partir do sistema mental/espiritual.

Desta forma, podemos entender o que já havia sido anunciado na apresentação da definição do conceito de corporeidade/subjetividade do indivíduo no capítulo 2, no que concerne à dimensão mental/espiritual, e que é a concepção de mente proposta por Morin (1996a). Enquanto uma emergência, ou seja, “um complexo de propriedades e qualidades que, provindo de um fenômeno organizador, participa dessa organização e retroage sobre as condições que o produzem” (p. 76), a mente surge com o pensamento e a consciência, que são o resultado da inter-relação entre o desenvolvimento cerebral do *Homo sapiens* e as condições culturais de aprendizagem e comunicação ligadas à linguagem humana.

Na possibilidade de uma definição, a mente/espírito “é a esfera das atividades cerebrais em que os processos computantes assumem forma cogitante, isto é, de pensamento, linguagem, sentido, valor, e onde são atualizados ou virtualizados fenômenos de consciência” (p. 80). Enquanto atividade pensante, produz uma esfera “espiritual”, ela mesma objetiva, ou seja, deve-se considerar a realidade objetiva da linguagem (e suas regras), do pensamento e das ideias (e sua lógica). É justamente o aspecto individual-subjetivo da atividade da mente que concerne ao psiquismo, para este trabalho, o sistema psíquico-afetivo-relacional. “O psiquismo emerge, como o espírito - de que é o aspecto subjetivo – da atividade cerebral e, do mesmo modo, retroage sobre a aquilo de onde emerge. Neste sentido, a existência relativamente autônoma de uma *psyqué* autoriza uma psicologia e uma psicanálise relativamente autônomas” (p. 80).

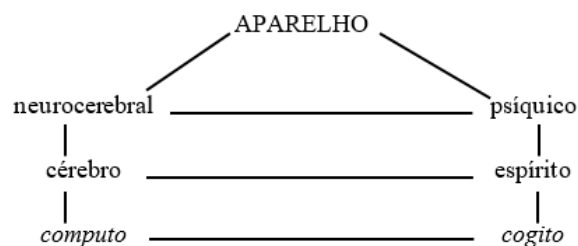
Com o que foi exposto acerca da concepção cérebro-mente podemos compreender como o pensamento complexo concebe a relação entre os aparelhos celulares, neurocerebral e o psíquico. O conjunto composto pela unidualidade cérebro→espírito e *computo*→*cogito* é uma parte altamente qualificada e diferenciada no seio de uma atividade interpolicomputante que é a do ser humano como um todo. Nela temos bilhões de células com seus aparelhos computantes, que se diferenciam pelas especializações das células nervosas e cerebrais, e, ao mesmo tempo, compõem o conjunto desta atividade interpolicomputante. Assim dizendo, a ligação entre esses níveis de aparelhos está



na computação que anima a atividade de cada célula, quer esta seja hepática, cardíaca ou nervosa; reside na interpolicomputação que assegura as atividades organizadoras interpolicelulares; reside nas emergências de emergências que fazem surgir a cada nível, no seu cimo, qualidades novas que se tornam uma base para o desenvolvimento dos níveis superiores. E, a partir daí, a partir das interpolicomputações específicas e diferenciadas do aparelho neurocerebral, desenvolvem-se computações de computações, intercomputações em anel, onde os processos químico-elétricos, codificações, comunicações, computações, e enfim cogitações se geram mutuamente umas às outras e produzem, neste mesmo processo, a totalidade organizadora/produtora recorrente cérebro→espírito. (MORIN, 1996a, p. 77)

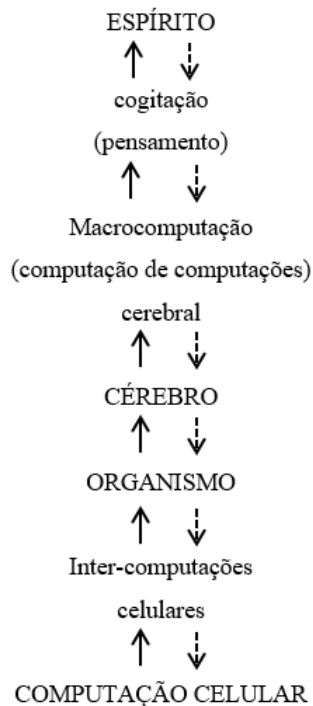
Desta e nesta mesma totalidade organizadora/produtora, como foi exposto acima, emerge também o psiquismo, envolvendo os aspectos afetivos, fantasmáticos, imaginários e oníricos da atividade mental. O seu enraizamento orgânico, sobretudo neurocerebral e organizacional, atribui-lhe um aparelho, a partir do qual se dão as atividades psíquicas-mentais. Neste sentido, há um aparelho psíquico, análogo ao aparelho neurocerebral, de tal forma que computações e cogitações se geram mutuamente, sendo que as cogitações (pensamentos) estão organizacionalmente inscritas no aparelho psíquico em dois modos distintos: o pensamento simbólico/mítico/mágico e o pensamento racional/empírico/técnico, os quais nascem de um mesmo Arqui-Espírito/Mente (MORIN, 1996a), como explicaremos mais à frente. Estes dois modos distintos de pensamento estão relacionados, respectivamente, aos sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, os dois níveis de elaboração psíquica já anunciados anteriormente.

Assim, como coloca Morin, podemos considerar para a relação entre aparelho neurocerebral e aparelho psíquico o seguinte esquema:



**Figura 13** – A relação entre aparelho neurocerebral e aparelho psíquico e seus correspondentes (MORIN, 1996a, p. 80)

E também devemos considerar ao mesmo tempo o organismo com as computações celulares gerais, o órgão cérebro e o aparelho neurocerebral com as computações nervosas, o psiquismo e a mente, como outras tantas instâncias e momentos da mesma realidade organizadora recursiva complexa, que concretiza suas instâncias, enquanto atividades.

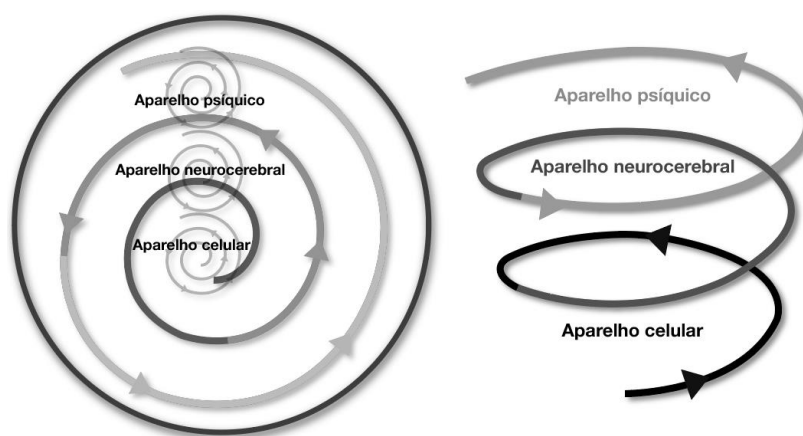


**Figura 14** – Relação circular entre as diferentes instâncias e momento da mesma realidade organizadora recursiva da *corporeidade/subjetividade* humana

Evidenciado como se dá a inter-relação entre os diferentes níveis de aparelhos e a especificidade do aparelho psíquico, podemos fundamentar a passagem da autocomputação celular, a partir da qual Morin (1996a, 1999) justifica a emergência de uma subjetividade celular que guarda o circuito reflexivo “eu sou mim” e do qual deriva o princípio informativo (*logicial*) “eu sou eu mesmo”, para a autorreflexão psíquica que evidencia a emergência de uma subjetividade psíquica que pode expressar pela linguagem o “Eu sou”. Ou simplesmente a passagem do *computo* celular para o nosso *cogito* (pensamento), nossa consciência de um “eu sou”, engendrado na inter-relação entre o *computo* (megacomputação) cerebral e a linguagem (cultura).

Uma passagem contínua, ou um *continuum*, começando pelos fenômenos biofísicos de auto-organização do ser corporal nos quais encontramos o *si* físico (organização-de-si), base física (*physis*) do *autos*. Desdobrando-se, em seguida, nos processos genéticos, fundamento primeiro dos processos auto-organizadores computacional/informacional/comunicacional celulares e intercelulares, que podemos compreender como anéis interpolicomputantes assegurando as atividades interpolicelulares até alcançar as interpolicomputações específicas e diferenciadas do aparelho neurocerebral. E a partir deste aparelho neurocerebral e de sua fundamental inter-relação com a cultura, produzindo a megacomputação, emerge o aparelho psíquico e os estados subjetivos, produções subjetivas com as mais altas especulações

existenciais da mente humana, tais como: “quem eu sou?”; “de onde eu venho?”; “para onde eu vou?”.



**Figura 15** - A inter-relação entre os diferentes níveis de emergência dos aparelhos celulares, neurocerebral e psíquico.

#### **6.4 O aparelho psíquico como infraestrutura organizacional do sistema psíquico-afetivo-relacional e do sistema mental: a produção das configurações subjetivas**

Para podermos delimitar a concepção de um aparelho psíquico a partir dessas ideias propostas por Morin, concepção que ele indica mas não a desenvolve teoricamente, precisamos apresentar como Morin (1996a) concebe a emergência da representação mental a partir do aparelho neurocerebral ou, mais especificamente, do cérebro enquanto máquina hipercomplexa<sup>52</sup>. Partindo da noção de representação mental, poderemos tratar dos processos que envolvem pensamentos, linguagem e produção de sentidos no aparelho psíquico. Sendo assim, enquanto emergência (o produto global e o material de trabalho da megacomputação cerebral), a representação é uma “construção ‘simuladora’ de um *analogon* mental ‘apresentando’ e ‘tornando presente’ (e daí a justeza do termo) a parte do mundo exterior captada pelos sentidos” (p. 59).

Ao desenvolver uma análise dos processos perceptivos a partir dos princípios de inteligibilidade propostos para conceber a hipercomplexidade cerebral – os mesmos princípios epistemológicos anunciados pelo “O método”: dialógico, recursivo e hologramático -, Morin (1996a) afirma que apesar de emergir das configurações cerebrais, a natureza da

<sup>52</sup> Não apresentaremos a concepção de máquina hipercomplexa para o cérebro em virtude da delimitação do objeto de estudo desta tese que é principalmente elaborar as noções de aparelho psíquico, sistema psíquico-afetivo-relacional e sistema mental enquanto aspectos da subjetividade humana. No entanto, cabe explicitar que a proposta de Morin para o funcionamento do cérebro considera que a emergência da representação se dá mediante um jogo de interdependências, de interretroações múltiplas e simultâneas das diferentes instâncias cerebrais que desencadeiam os processos cognitivos e afetivos que, por sua vez irão retroagir sobre esses processos cerebrais.

representação, uma configuração mental formando uma imagem global, é diferente das primeiras. Essa imagem global, sentida ao mesmo tempo como visão (percepção) objetiva das coisas reais e apropriação subjetiva dessa visão objetiva, que é justamente o que faz com que a representação seja sentida como presença objetiva da realidade das coisas, e não como uma imagem, é o resultado do que Morin denomina de *anel perceptivo*. A partir desta ideia, são evidenciados os processos pelos quais os dados sensoriais se tornam uma representação ou uma imagem global, possibilitando ao autor defender a necessidade de compreender que a representação perceptiva é tanto “uma construção/transformação/tradução extremamente afastada do original (...) [quanto] constitui mesmo um *analogon*<sup>53</sup> que implica a presença do mundo exterior” (p. 105).

Com esta concepção de representação, o autor irá evidenciar que se faz necessário reconhecer e compreender a unidade e dualidade do real e do imaginário, de tal modo que “a unidade fundamental da percepção, da recordação, do fantasma, do sonho está na representação” (p. 105), já que na própria imagem não há diferença intrínseca entre uns e outros e, por isso, é possível afirmar que “há unidade do real e do imaginário ao nível da imagem” (p. 105). Passado e presente e vigília e sonho são vivenciados na representação, o que permite a afirmação de que “a representação é o ato constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário” (106). Contudo, não devemos perder de vista que a mente/espírito distingue, nas suas representações, o imaginário, o passado (recordação) e o real imediato. Como também discerne, espontaneamente, as diferenças entre percepção, recordação, fantasma, sonho, mas ignorando, para todos estes, a sua natureza de imagem mental. E é o modo diferenciado do cérebro tratá-las que permite a mente/espírito considerar, diferentemente, as representações.

De toda forma, o que é importante aqui destacarmos é a complexidade da relação entre o real e o imaginário, sendo ao mesmo tempo o mesmo, diferentes e opostos. “É *do mesmo* [grifo do autor] que partem dois mundos antagonistas e complementares, um da percepção e

---

<sup>53</sup> A concepção de representação proposta por Morin (1996a) é acompanhada por uma rica discussão acerca da analogia e sua relação com a lógica e também sua participação na noção de compreensão e da relação desta última com a noção de explicação. No que diz respeito à analogia, o autor afirma que, enquanto modo de conhecimento do semelhante pelo semelhante, é aquele que detecta, utiliza, produz e combina similitudes a partir de diversos tipos de analogias e é inerente aos processos cognitivos e a todo pensamento gerado pela mente/cérebro humano. É por analogia que se dá a elaboração da percepção desde os processos físico-químicos de transformação analógica dos estímulos detectados pela retina em modulações de frequência de impulsos elétricos, aos processos cognitivos de identificação analógica das formas a partir de modelos, *patterns* e esquemas. Por esta razão, Morin coloca que “o espírito [mente] não se limita a servir-se de analogias; o fim da atividade cognitiva é ‘simular’ o real percebido construindo um *analogon* mental (a representação), e simular o real concebido elaborando um *analogon* ideal (teoria). Nestas condições, a analogia, que nos aparece no início e no termo do conhecimento, é ao mesmo tempo o seu meio e o seu fim” (1996a, p. 132).

da exploração empírico-racional do real, o outro do fantasma, do sonho e do mito (...)” (p. 106). Um mesmo mundo percebido e construído por dois modos de pensamento, o racional/empírico/técnico e o simbólico/mítico/mágico, que derivam de um pensamento arcaico (forma original), e por isso uma unidualidade. Como havia sido mencionado acima, este “Arqui-Pensamento” procede de um Arqui-Espírito, duas expressões cunhadas por Morin (1996a), esta última para designar que este duplo pensamento tem origem nas forças e formas originais da atividade cérebro-mente/espírito e nas quais os dois pensamentos não estão separados. A importância destes dois modos de pensamento para a concepção de um aparelho psíquico está nos dois níveis de elaboração psíquica que deveremos destacar, um relativo ao sistema psíquico-afetivo-relacional e o outro ao mental/espiritual, como já indicamos ao longo dessa definição e fundamentação do conceito de *subjetividade/corporeidade*.

Devemos agora considerar a relação entre a computação cerebral e o pensamento (cogitação)<sup>54</sup> para relacioná-los à representação perceptiva e à linguagem, pois os processos informacionais do aparelho psíquico se dão mediante a inter-relação destes elementos. Conforme elucida Morin (1996a), a cogitação, que emerge da computação, apesar de não poder ser reduzido a ela, retroage sobre ela formulando-se na linguagem. Esta relação entre pensamento e linguagem se dá pela associação entre representação e palavras, frases e ideias, umas recorrendo às outras, denotando os elementos, acontecimentos, ações, coisas, seres, aos quais designam o sentido global. E será a linguagem que permitirá analisar, descrever, comunicar ao outro, refletir e conscientizar-se da percepção/representação. Neste sentido, o pensamento, enquanto representação mental, formula-se pela linguagem, que lhe permite “tratar não só o que é anterior à linguagem (a ação, a percepção, a recordação, o sonho), mas também o que releva da própria linguagem, os discursos, as ideias, os problemas” (p. 110). A linguagem, desta forma, é um novo nível de organização da cogitação a partir da computação, sendo ao mesmo tempo computada (ao primeiro nível da articulação dos sons ou fonemas e das estruturas sintáticas profundas) e cogitada (ao nível da formação das palavras e da emergência do sentido). O discurso forma-se num circuito de computação — cogitação e

---

<sup>54</sup> A explicação sistematizada, ampla e específica acerca da relação entre computação e cogitação encontra-se no capítulo 5 “Computar e cogitar”, do tomo III, da obra “O método”. A título de uma elucidação pontual acerca da relação entre computação e cogitação podemos afirmar, de acordo com Morin (1996a, p. 110-111), que “a cogitação produz uma nova esfera, um novo modo de organização do conhecimento, ao qual a computação fornece o seu modo de organização próprio”, constituindo um anel recursivo e indissociável. A linguagem, por meio da qual formula-se a cogitação, é um sistema de diferenças e identidades análogo aos códigos da computação cerebral, ainda que muito mais complexo. A partir dos dois tipos fundamentais de operações computantes, separar/associar, a cogitação desenvolve as operações lógicas do pensamento, a começar pela disjunção/conjunção. Um quadro expõe a relação entre as operações fundamentais de uma e de outra encontra-se no referido capítulo.

formula-se na cogitação do sentido. Em suma, para o que é indispensável para uma noção de aparelho psíquico, elucida-se, resumidamente, a inter-relação entre computação cerebral, pensamento e linguagem na perspectiva moriniana.

Considerando esta inter-relação, podemos afirmar que é por meio do aparelho psíquico, enquanto infraestrutura organizacional dos sistemas psíquico e mental, que emerge a consciência do “eu sou”. Surge um eu vindo do si ou de um *isso* mais profundo, presente em cada célula, enquanto uma herança advinda dos unicelulares, e no organismo como um todo, que se forma nas atividades interpolicelulares e nas quais se constituem um si imunológico e as atividades neurológicas específicas à preservação da vida do ser animal humano. Estamos na esfera da identidade pessoal, do que a constitui desde o nível mais profundo de um *si* ou *isso*, de um *se* confuso (porque vem de muitos) da herança genética da linhagem de antepassados, de um *nós* das relações interindividuais para, então, formar um eu. Como foi mencionado anteriormente, esta perspectiva permite engendrar as raízes biológicas da concepção freudiana de aparelho psíquico. E essa interseção teórica não se dá ao acaso, mas sim pela influência das categorias freudianas presentes ao longo de toda a obra moriniana (KOFMAN, 1996) e que contribuiu para a elaboração da sua teoria da organização.

O eu que emerge a partir do aparelho psíquico e com o qual se desenvolvem o pensamento, a linguagem e a consciência, é formado a partir de uma configuração organizacional<sup>55</sup> análoga a organização neguentrópica presente na auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização do organismo. Neste sentido, as configurações subjetivas que se formam no aparelho psíquico e constituem o eu são análogas às configurações do organismo desde o seu nível celular. Devem, por isso, ser compreendidas a partir da ideia de *anel genésico* e generativo em espiral e nas suas qualidades pentalógica, retroativa e recursiva indissociáveis e distinguindo o que se dá propriamente no sistema psíquico-afetivo-relacional e o que se dá no sistema mental/espiritual, sendo dois sistemas indissociáveis, interconectados e interinfluentes já que são portadores do mesmo aparelho psíquico.

Em outros termos, as configurações subjetivas são formadas pelas inter-relações entre os dois sistemas, sendo que o primeiro inscreve as intensidades e qualidades afetivas, juntamente com as produções de sentidos de natureza simbólico/mítico que geram os

---

<sup>55</sup> Para auxiliar na compreensão dos processos que constituem o eu, enquanto instância do aparelho psíquico, devemos ter em mente a *imago* genésica do turbilhão, do anel espiralado que pode ser uma representação gráfica do dinamismo, do movimento do “eu sou”, seja no movimento centrípeto de introversão ou no movimento centrífugo de extroversão. Ou seja, a forma/configuração subjetiva do eu equivale à forma do turbilhão ou do redemoinho que observamos em alguns fenômenos da *physis* como ciclones e redemoinhos aquáticos em rios e mares. E também sendo, conseqüentemente, análoga à forma do anel, sempre aberto e ao mesmo tempo possuindo um fecho, com vicissitudes que indicam as condições deste fecho.

processos fantasmáticos e imaginários inconscientes e as atividades oníricas, enquanto um primeiro nível da elaboração psíquica. E o segundo, pela organização do pensamento em produções de sentido de natureza racional/empírico e onde são atualizados ou virtualizados fenômenos de consciência, constituindo um segundo nível de elaboração psíquica. Conforme a ideia de Morin (1996a) de uma unidualidade entre o pensamento simbólico/mítico/mágico e o pensamento racional/empírico/técnico, podemos propor que as configurações subjetivas são formadas a partir da relação entre este duplo pensamento.

### **6.5 A produção das configurações subjetivas a partir do sistema psíquico-afetivo-relacional**

Para chegarmos na compreensão mais específica de como cada um dos dois sistemas ou dimensões da *subjetividade/corporeidade* humana participam da formação das configurações subjetivas, iniciaremos pelo sistema psíquico, o objeto deste capítulo. Buscando caracterizar os processos deste sistema, devemos inscrever as intensidades e qualidades afetivas no anel genésico e generativo, entendendo-as como emergências das bases protopsíquicas da sensibilidade presente desde o nível celular, conforme as noções de *anima* e *animus* permitem evidenciar. E ainda relacioná-las às produções de sentidos de natureza simbólico/mítico, a partir dos quais são gerados os processos fantasmáticos, imaginários e as atividades oníricas.

Ao longo da apresentação da ideia de anel nas suas qualidades pentalógico, retroativa e recursiva destacamos sua participação na configuração organizacional da corporeidade/subjetividade do indivíduo. Neste ponto do trabalho, devemos relacioná-las aos processos afetivos presentes no aparelho psíquico do sistema em questão e constituidores das configurações subjetivas para alcançarmos uma concepção organizacional/sistêmica da alma humana.

Para tanto, devemos partir da ideia de que a experiência afetiva humana - caracterizada pelas sensações, emoções e sentimentos, que comportam, desenvolvem, intensificam e diversificam os estados de prazer e de dor, sem se reduzirem a eles (MORIN, 1999) - se constitui justamente na inter-relação entre os sistemas orgânico-sensório-motor e o sistema psíquico-afetivo-relacional, estabelecido, como já evidenciamos anteriormente, na articulação entre o protopsiquismo e o psiquismo neurocerebral-cultural. Como indicamos na fundamentação do si (mesmo) físico da corporeidade/subjetividade, na dimensão corpórea se

dão os processos biofísicos reorganizadores e desorganizadores retratados pelo anel pentalógico-retroativo-recursivo.

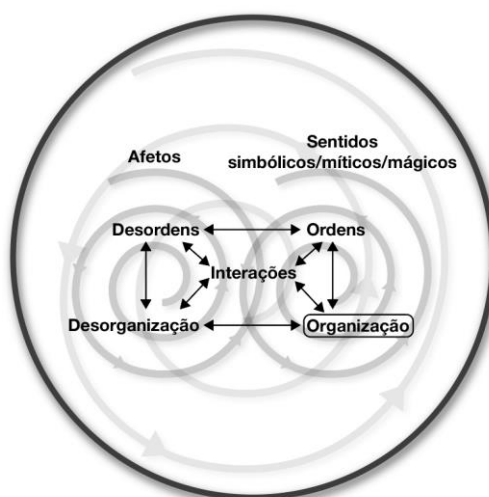
Considerando que a dimensão psíquica-afetiva-relacional emerge desta base corpórea em relação com a cultura, podemos, então, afirmar que as experiências afetivas, tendo seu enraizamento nesses processos, são configuradas, analogamente, pelas interações das qualidades e intensidades de desordem-ordem e organização-desorganização do anel pentalógico (bem como pelas qualidades de ser e existência que os aspectos retroativo e recursivo do anel justificam), associados aos estados de prazer e dor. À simultaneidade entre (re)organização e desorganização na experiência afetiva, podemos ainda relacionar à coexistência das tendências emocionais/sentimentais fundamentais de amor e ódio. Desta forma, assim como as configurações somáticas (biofísicas-organísmicas), as configurações subjetivas, no que diz respeito às suas qualidades e intensidades afetivas, tem no anel genésico e generativo sua infraestrutura e configuração organizacional, o que permite atribuir também a expressão correntes de afetos para melhor explicitar o caráter dinâmico (de movimento e de correntes concorrentes, antagônicas e complementares) dos processos afetivos no aparelho psíquico.

Com isso, podemos apontar os aspectos dinâmicos dos processos afetivos que geram as configurações subjetivas e nos quais atuam de maneira complementar, concorrente e antagônica as interações entre desordem-ordem e desorganização-organização afetivas (prazer-dor e amor-ódio), considerando ainda nesses processos a questão da autorregulação/homeostasia, tanto no nível orgânico quanto no nível psíquico para a existência integral do ser humano. E também o aspecto econômico relacionado aos investimentos energéticos que participam destes processos dinâmicos, já que desde o nível celular e organísmico há uma *práxis* biofísica do ser-máquina, aliada à atividade computacional/informacional (o que constitui o próprio *animus*), a qual se articula com os processos energéticos do aparelho neurocerebral e que podemos, de modo análogo, atribuir ao aparelho psíquico. Isto é, há uma *práxis* subjetiva do ser-máquina subjetivo, como já havíamos anunciado no capítulo 3, constituidor do aparelho psíquico no qual podemos destacar seu dinamismo (re)organizador-desorganizador afetivo e porque, sendo alimentada por energia biofísica vinda da *práxis* biofísica do aparelho neurocerebral, permite



considerarmos os processos energéticos de investimento (circulação e repartição; aumento, diminuição e equivalência) presentes no funcionamento do aparelho psíquico<sup>56</sup>.

Da mesma forma que os processos afetivos se inscrevem no anel genésico e generativo, também precisamos considerar as produções de sentido a partir deste mesmo anel, que é, como explicitado desde sua apresentação inicial, como um princípio de inteligibilidade do pensamento complexo. Conforme elucidado, a organização é o coração da *physis* e, por isso, podemos considerá-la como o coração do anel pentalógico. Neste sentido, as configurações subjetivas, no que diz respeito ao sistema psíquico-afetivo-relacional, se constituem nas interações dos sentidos produzidos a partir das formas ou correntes de pensamentos simbólicos/míticos/mágicos que num dinamismo turbilhonar vão constituir, juntamente com as correntes de afetos, o seu núcleo, e que podemos localizar no coração do anel pentalógico-retroativo-recursivo.



**Figura 16** – As correntes de afetos e sentidos simbólicos/míticos/mágicos do sistema psíquico-afetivo-relacional.

Desta forma, não podendo ser algo estático, justamente por estar neste dinamismo turbilhonar do anel genésico e generativo, que impõe interações constantes, as configurações subjetivas, dotadas de sentidos, ao mesmo tempo em que estão estabelecidas por uma ordem e uma organização (regularidades, constâncias, permanências, padrões: reorganização permanente), são também mobilizadas por desordens e desorganizações (agitação,

<sup>56</sup> Como foi indicado anteriormente, identificamos uma convergência e possível articulação, acusada pelo próprio Morin (1997, 1999, 2003), desta perspectiva com a teoria pulsional freudiana, e também, como assim entendemos, com a ideia de autorregulação de Wilhelm Reich (1984), que não serão aqui desenvolvidas em virtude das limitações estabelecidas para esta tese. Todavia, conforme seja necessário para as discussões entre a noção *corporeidade/subjetividade* humana e a Biossíntese, retomaremos esta interseção entre o pensamento complexo, o pensamento freudiano e o pensamento reichiano.

turbulência, desigualdade de processos, caráter aleatório das interações e dispersão: transformações e mudanças) que são provocadas por sentidos antagônicos e concorrentes àqueles que estão, de certa forma, cristalizados em configurações subjetivas padronizadas. Sentidos antagônicos, concorrentes e também complementares que emergem do aparelho psíquico em seu todo, a partir dos dois sistemas, o psíquico-afetivo-relacional e o mental/espiritual, cada qual trazendo, respectivamente, as duas formas ou correntes de pensamentos e linguagens, simbólico/mítico e racional/empírico. E que são coproduzidos na inter-relação entre os processos subjetivos do indivíduo-sujeito e os da sociedade-cultura, na qual está inserido e da qual emerge, como será explicitado posteriormente, uma subjetividade social que é indissociável da subjetividade individual.

Podemos, então, considerar que no anel genésico e generativo temos duas dimensões indissociáveis, intercomunicantes e interinfluentes relacionadas aos processos afetivos e aos processos de produção de sentido a partir das duas correntes de pensamento, de tal forma que as configurações subjetivas são o produto da produção deste anel na relação complexa entre os sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual.



**Figura 17** - As configurações subjetivas geradas a partir da inter-relação entre os sistemas psíquico e mental e do funcionamento do aparelho psíquico.

A relação entre as intensidades e qualidades afetivas e as produções de sentidos simbólicos/míticos, geradoras das atividades oníricas, fantasmáticas e imaginárias, aponta para uma característica muito própria deste modo de produção simbólica: expressar afetos ou afetividade. Isto é, devemos considerar que a especificidade deste tipo de produção de sentido, sendo derivada de um pensamento simbólico/mítico/mágico, conforme propõe Morin (1996a, 2003), o qual é precisamente caracterizado pelo sentido evocativo concreto do

símbolo<sup>57</sup>, que joga com a analogia, transgride a lógica e manifesta-se a partir do entrelaçamento entre o imaginário e o real, tende a expressar afetividade. Em outras palavras, as produções de sentido simbólico/mítico são aquelas determinadas, preponderantemente, pelos processos afetivos e, por isso, reveladoras da sensibilidade da alma humana.

Como esclarece Morin (1996a), enquanto o pensamento racional polariza-se na objetividade do real, que relacionaremos com a dimensão mental/espiritual, o pensamento simbólico/mitológico polariza-se na realidade subjetiva da dimensão psíquica. Considerando que o pensamento simbólico/mitológico faz o pleno emprego da compreensão<sup>58</sup>, enquanto modo fundamental de conhecimento que se dá pela analogia com a projeção/identificação na comunicação intersubjetiva, fica ainda mais evidenciada a sua implicação afetiva/subjetiva, a ligação que estabelece entre o psiquismo e a afetividade e o seu caráter existencial. E não por acaso, como explicita o próprio autor, é a psicanálise que, ao explorar a psique individual, “descobriu de fato a presença inconsciente, permanente e determinante no espírito humano, mesmo moderno e adulto, de uma esfera simbólica-mitológica-mágica”<sup>59</sup>, e que por isso tem contribuições fundamentais e indispensáveis para o desenvolvimento teórico ulterior desta dimensão da *subjetividade/corporeidade* humana.

---

<sup>57</sup> Partindo da ideia de que a computação trata de signos/símbolos, Morin (1996a) associa os “dois termos porque o de signo implica a distinção forte entre a sua realidade própria e a realidade que designa, e a noção de símbolo implica a relação forte entre a sua realidade própria e a realidade que designa” (p. 146). Considerando que a representação, ressuscitada pela rememoração, restitui, apesar da sua ausência, a presença concreta dos seres, coisas e situações que evoca, e que com a linguagem permite elucidar que “as palavras são ao mesmo tempo indicadores, que designam as coisas, e evocadores, que suscitam a representação da coisa designada” (p. 146), podemos reconhecer que o nome, no seu sentido evocador concreto, “tem uma potencialidade simbólica imediata: nomeando a coisa, faz surgir o seu fantasma, e, se o poder de evocação é forte, ressuscita, embora ela esteja ausente, a sua presença concreta. O nome é, pois, ambivalente por natureza. Do mesmo modo, toda a figuração icônica é ao mesmo tempo potencialmente indicativa e simbólica, e pode tornar-se uma ou outra” (p. 146). Com isso, o autor propõe uma distinção e oposição entre dois sentidos para o termo signo/símbolo: “um indicativo e instrumental, onde predomina a ideia de signo (...) [e outro] “evocativo e concreto, onde predomina a ideia de símbolo, portador e evocador da presença e da virtude do que é simbolizado (cruz de Cristo, cruz gamada, cruz da Lorena)” (p. 146). Com essa distinção, Morin delimita os dois sentidos que irão caracterizar, respectivamente, o pensamento racional/empírico/técnico e o pensamento simbólico/mítico/mágico.

<sup>58</sup> No capítulo 7 “Os duplos jogos do conhecimento”, do tomo III da obra “O método”, Morin (1996a) expõe uma reflexão e sua concepção acerca da compreensão. Em sua proposta, compreensão e explicação devem ser reconhecidas numa relação ao mesmo tempo complementar e oposta, configurada em yin-yang. No que concerne à compreensão, o autor afirma que “a compreensão é o conhecimento que apreende tudo aquilo de que podemos fazer uma representação concreta, ou que podemos captar de modo imediato por analogia. Assim, a representação é compreensível porque transmite um conhecimento no próprio ato que faz surgir um *analogon* do fenômeno percebido (...)” (p. 135). Em todas as circunstâncias humanas nas quais se destaca uma experiência subjetiva e afetiva, a compreensão é o tipo fundamental de conhecimento, para o qual destacam-se todos “os atos, sentimentos e pensamentos de um ser percebido como indivíduo-sujeito (...)”. Como um conhecimento empático/simpático, trazido por uma *mimesis* psicológica, é vivido no duplo movimento formando anel entre uma projeção (de si sobre o outro) e uma identificação (do outro consigo).

<sup>59</sup> Para este trabalho, trata-se de atentar-se para a psicanálise nos seus diferentes vértices (freudiano e pós-freudiano) e também do que partiu dela e em respostas aos limites impostos por ela, como a psicologia junguiana, para considerar a complexidade do psiquismo humano, no que diz respeito ao inconsciente.

## 6.6 As configurações subjetivas como fundamento da identidade poliforma do ser humano

Alcançada essa primeira elaboração da noção de configuração subjetiva, no que diz respeito, principalmente, aos processos do sistema psíquico-afetivo-relacional, devemos retornar à questão da identidade pessoal, tratada ao longo da fundamentação do conceito de *corporeidade/subjetividade* e, logo acima, quando indicamos a relação entre a emergência da consciência do “eu sou” no nível propriamente do aparelho psíquico e no nível celular, que o antecede, filo e ontogeneticamente. Para compreendermos a identidade pessoal do ser humano, é necessário relembrar que para o pensamento complexo uma unidade complexa é, simultaneamente, una e múltipla ou composta (que tem vários elementos heterogêneos). Sua unidade, apesar de ser irredutível enquanto todo, não é uma substância homogênea, mas sim heterogênea, comportando alteridade, cisão, negatividade, diversidade e antagonismos (virtuais ou atuais). Conforme foi exposto no capítulo 4, ao considerar o processo da autocomputação celular (no qual também encontramos a unidade complexa nas instâncias eu, si e mim) em articulação tanto com a proposta de um aparelho psíquico quanto de uma noção de configuração subjetiva aqui apresentadas, faz-se possível tentarmos enfrentar essa complexidade na identidade poliforma do indivíduo-sujeito humano.

Conforme afirma Morin (2003, p. 79), “todo o indivíduo é uno, singular, irredutível. E, no entanto, é simultaneamente duplo, plural, inumerável e diverso”. Iniciaremos pela dualidade interior do indivíduo-sujeito humano, possibilitada pela qualidade de sujeito (Eu), que unifica o ser individual. Desde o nível celular e orgânico, uma qualidade essencial do sujeito é a aptidão para objetivar, começando em relação a si mesmo. No nível do psiquismo/subjetividade humana podemos considerar a fórmula, aparentemente tautológica, do “Eu sou ego”, que permite a auto-objetivação:

ego é a emergência objetiva do Eu para si mesmo, que permite ao Eu ‘refletir-se’ e reconhecer-se objetivamente. Este ego diferente do Eu é simultaneamente idêntico a ele. É esta capacidade de o sujeito se ver como objeto (ego) sem deixar de ser sujeito (Eu) que lhe permite assumir ao mesmo tempo o seu ser subjetivo e objetivo, tratar objetivamente seu problema subjetivo como o de uma doença. (MORIN, 2003, p. 75)

A partir dessa aptidão, o indivíduo-sujeito humano tomou a primeira consciência de si, objetivando-se no seu “duplo”, o que permitiu que a mente/espírito pudesse autoexaminar-se, introspectar-se, autoanalisar-se e estabelecer um diálogo interior ou um diálogo mental consigo mesmo. Essa capacidade do psiquismo humano será considerada a partir das características do sistema mental, ainda que participe dos processos do sistema psíquico,

como aqui estamos assinalando. Contudo, no que concerne à identidade poliforma humana, a dualidade interior é um primeiro aspecto chave para entendermos sua pluralidade interior. Antes ainda, detenhamo-nos na diversidade da identidade pessoal para ressaltar os aspectos já indicados anteriormente.

Como foi colocado acima, o eu surge, no nível celular ou das polintercomputações celulares (não cerebrais e cerebrais), do si ou de um isso genético - identidade genética: primeira chave da invariância e que institui a identidade no sentido em que opera o regresso, a manutenção, a conservação do mesmo – que faz referência a uma singularidade genética, da qual deriva a singularidade morfológica do ser fenomênico e, conseqüentemente, as configurações somáticas. E isto quer dizer que a identidade do indivíduo-sujeito humano está atrelada a uma identidade transindividual, isto é, a da espécie e a da linhagem. Neste sentido, a identidade se define, primeiramente, pela referência aos antepassados e aos pais, pela herança genética, e também pela marca das influências interindividual e intersubjetiva que as relações com esses descendentes e esses pais deixam na identidade do indivíduo-sujeito.

Já passamos, então, à dimensão do nós presente no eu. Na nossa sociedade, a identidade de uma pessoa é constituída dentro de uma família (nuclear: pais, irmãos, irmãs; maior: avós, tios, tias, primos), da comunidade (amigos e amigas, “conhecidos” e “conhecidas”, entre outros), do vilarejo, da cidade e da nação. Todas estas referências marcam a identidade do indivíduo-sujeito humano. Em relação à linhagem da progenitura, incluindo antepassados, família e demais, Morin (2003) cita a ideia de Pierre Mabilille que propõe a constituição de um anel a partir dessa linhagem, que seria organizado como um cristal composto pelas impressões destes diferentes aspectos do nós.

As determinações das relações interindividuais/intersubjetivas na constituição e no desenvolvimento do Eu são justificadas pelo princípio de que a relação com o outro é tão primária quanto a relação consigo mesmo. Como vimos, o princípio de inclusão permite considerarmos como o ser unicelular se associou e se agrupou para formar um ser pluricelular e como os seres celulares mantêm interações para formar um organismo. E este princípio é tão primário quanto o princípio de exclusão que constitui o sítio egocêntrico e a autorreferência, seja no unicelular, no ser celular e também no ser orgânico de um ser humano. Juntamente com o princípio de inclusão, há o princípio de associação que traz consigo o princípio de comunicação-comunhão, o qual permite elucidar que a ego-estrutura comporta, potencialmente, a estrutura-outro.

No que diz respeito à experiência humana, Morin (2003) cita as pesquisas de neurocientistas como Dan Siegel e Allan Shore acerca dos processos de afeição do recém-

nascido e de crianças. Ou ainda da teoria da especulação de Jean-Louis Vullierne que evidencia que os sujeitos auto-organizam-se em interações com outros sujeitos. Desta forma, podemos entender que o outro é uma necessidade interior, o relacionamento com o outro é originário e a intersubjetividade é o tecido de existência da subjetividade. Daí a possibilidade de ocorrer a compreensão na relação intersubjetiva humana e, por isso, podemos observar numa relação interpessoal “uma compreensão imediata, quase intuitiva, fundamentada em índices invisíveis à consciência; acontece na simpatia como que uma ressonância psíquica” (p. 73). Nas relações intersubjetivas profundas, a começar com os pais, irmãos mais velhos etc., ocorre a produção de mimetismos inconscientes, tais como: expressões do rosto, imitações do riso, modulações da voz, acentuações de tom, determinadas formas de comportamento.

Destacados os aspectos interiores e exteriores da identidade polimorfa, um vindo de “baixo”, pela herança genética, e os outros vindo de fora, pelas relações interindividuais e intersubjetivas, podemos tratar das multiplicidades e duplicidades internas e profundas, que também se exteriorizam de modo a caracterizar as múltiplas personalidades, enquanto fenômeno normal e do qual, normalmente, não se tem consciência. Acompanhando Morin (2003), devemos lembrar, primeiramente, que a relação entre o corpo e a mente guarda uma dualidade que está entre a mente consciente e a república multicelular que constitui nosso ser biológico inconsciente. Tal dualidade está relacionada à existência de uma cisão entre o psiquismo profundo inconsciente - seja ele relacionado ao *animus* celular dotado de um protopsiquismo ou aos processos neurológicos que participam do psiquismo neurocerebral-cultural, mas sem ser virtualizados em fenômenos de consciência - e a consciência, a qual emerge a partir da inter-relação entre protopsiquismo, psiquismo e cultura.

Para tratar das duplicidades e multiplicidades interiores, Morin (2003, 2014) tem como referência as ideias de alguns autores. Primeiro a de Freud, o qual parte de uma condição dual de fundo para a relação entre corpo e mente e para cisão do psiquismo, concebendo a unidade do sujeito a partir de uma trindade constitutiva (isso, eu e supereu). Segundo a de Jung, autor de uma noção de *self* que se diferencia da noção de ego, pois este último desconhece o primeiro que é uma entidade profunda, além também das noções de *anima* e de *animus*, enquanto a parte feminina e a parte masculina do psiquismo. E ainda de outras duas referências que não são pertinentes à abordagem que tentaremos dar à questão da identidade humana polimorfa. Um outro ponto importante indicado pelo autor é que essas multiplicidades interiores determinam fenômenos aparentemente paradoxais presentes num mesmo indivíduo e “que são o da boa e da má fé, a simulação no sentido clínico, ou seja,

sincera, a mentira a si próprio ou *self deception*, em que conseguimos enganar-nos a nós próprios, cegar-nos naquilo que nos incomoda ou nos lesa” (p. 85).

Passando à questão das múltiplas personalidades, Morin (2003) irá defender que este fenômeno, enquanto categoria patológica, são exageros de um fenômeno normal vivido, inconscientemente, por todos nós. Neste sentido, o autor afirma: “o fenômeno normal é o das inúmeras descontinuidades psicológicas e afetivas, segundo os humores, o amor, o ódio, o desprezo, a indiferença, o desejo, o fervor, o êxtase, a adoração, o medo. Aquilo que designamos por alterações de humor, saltos de caráter, mania, capricho, são, na realidade, alterações temporárias de personalidade” (p. 86). Esta visão de Morin tem valor significativo para a psicologia clínica e mesmo para a psicologia geral, no sentido de contribuir com a desconstrução da tendência de enfatizar os quadros psicopatológicos como anormalidades.

Não obstante esta questão tão cara à psicologia, apresentaremos, na segunda parte deste trabalho, uma proposta de complexificar as reflexões de Morin, assumindo o fenômeno das múltiplas personalidades a partir da sua própria noção de *autos*. Isto é, considerando os processos auto-eco-organizadores, o *computo* pode seguir uma tendência emancipadora ou uma tendência repetidora que não ascende ao novo, às novas reorganizações, formas mais adequadas de adaptação ao ambiente, no sentido de seguir a tendência complexificadora da vida. Esta proposta também permitirá tentarmos elucidar os fenômenos, aparentemente, paradoxais das múltiplas personalidades, apontados por Morin (2003), e de acordo como mencionado acima.

Posto esses vários aspectos que perpassam a identidade polimorfa do ser humano para Morin (2003), podemos retomar a noção de configuração subjetiva para tentarmos uma articulação que possibilite pensar a multiplicidade de egos descontínuos que compõem o Eu contínuo e unificador da experiência subjetiva do indivíduo humano. Conforme apresentado acima, as configurações subjetivas são formadas a partir das inter-relações entre os sistemas psíquico e mental e vão constituir o Eu. Os processos subjetivos que possibilitam a emergência do Eu estão, inicialmente, relacionados ao sistema psíquico, mas também ao sistema mental, como explicitaremos mais à frente. Como foi elucidado, no que diz respeito a este primeiro sistema, as configurações subjetivas são formadas a partir das intensidades e qualidades afetivas e das produções de sentido de natureza simbólico/mítico e de características fantasmáticas e imaginárias, ambas inscritas no anel genésico e generativo. Considerando que este anel permite darmos ao Eu uma forma circular espiralada, como um turbilhão ou redemoinho, e no qual se processam as configurações subjetivas dotadas de uma certa autonomia em relação ao sistema orgânico, também podemos levar em consideração a

possibilidade de múltiplos egos que também são constituídos por configurações subjetivas dotadas de uma certa autonomia em relação ao Eu e constituídas pelos dois aspectos do sistema psíquico, os processos afetivos e de produções de sentidos.

Nesta perspectiva, o Eu, enquanto instância contínua e unificadora, é composto por múltiplos egos descontínuos dotados de certa regularidade estruturada por configurações subjetivas (afetivas e de sentidos) que são criadas ao longo da vida de um ser humano e conforme os acontecimentos que marcaram sua história de vida. Acontecimentos estes determinados pelos processos que a expressão *genos* indica, cabendo destacar aqueles relacionados à dimensão neuro-genética, e pelos processos ambientais que numa expressão genérica podemos denominar, como já vimos, de *oikos*, cabendo indicar as relações interindividuais/subjetivas como um dos fatores preponderantes. Nas interações entre o Eu e os egos podem se dar relações de cooperação, complementariedade, concorrências, subjugação e antagonismos, conforme as situações nas quais uma pessoa se encontra em sua vida, tanto na relação consigo mesma quanto com os outros.

Nesta multiplicidade de egos e de personalidades possibilitadas pela dupla constituição das configurações subjetivas a partir do *genos* e do *oikos* e pelo seu caráter eminentemente dinâmico e de plasticidade psíquica-mental, devemos levar em consideração a questão da feminilidade e da masculinidade e dos papéis sociais como algumas das qualidades organizadoras da subjetividade humana. Ao abordar o paradoxo do feminino-masculino, Morin (2003, p. 79) inicia fazendo a seguinte afirmação, muito significativa: “a espécie humana é una, mas num duplo sentido, simultaneamente separada e unida pelo masculino e pelo feminino”. A partir desta proposição, ele apresenta uma perspectiva que assumimos para pensarmos as configurações subjetivas humanas. Assim, como o feminino está no masculino, o masculino está no feminino, geneticamente, anatomicamente, fisiologicamente, psicologicamente e culturalmente. Temos, assim, a complexidade da relação masculino-feminino na complementariedade e antagonismos de uma dialógica que permite reconhecer a unidade na dualidade e a dualidade na unidade, bem como a profundidade e a ausência de profundidade da diferença. O autor aponta para a possibilidade de uma realização andrógina desejável, do ponto de vista psíquico-mental, haja vista que podemos considerar a condição hermafrodita para todo ser humano.

Em nossa civilização e sociedades contemporâneas, encontramos uma multiplicidade de papéis sociais com os quais se interagem as múltiplas personalidades, interinfluenciando-se e interconectando-se. Morin (2003) respalda-se na sociologia do *role-taking* e do *role-playing* para afirmar sobre a experiência de uma pessoa assumir papéis sociais diferentes, conforme o



contexto em que se encontra, por exemplo, no lar, na família, na relação amorosa, no ambiente de trabalho, na relação com as pessoas ocupantes de um posto hierárquico superior ou inferior profissional, geracional ou socioeconômico. Assim, um mesmo indivíduo-sujeito que se comporta como um funcionário submisso diante de seu chefe, pode ser um déspota em seu lar, ou um chefe todo poderoso na sua repartição pode ser um subjugado indefeso na relação com sua esposa autoritária. Neste sentido, “os papéis sociais não passam de personalidades estereotipadas, embaixadoras do eu em relação ao outro, mas também das imagens do eu em relação a si mesmo. Alguns desses papéis, muito interiorizados, comportam novos arranjos da personalidade” (p. 88).

É necessário levar em consideração que estamos tratando dos processos subjetivos que caracterizam a identidade polimorfa do ser humano em sua dimensão interior/subjetiva, ou seja, aquela que apenas a própria pessoa pode ter acesso e que escapa à observação de uma outra pessoa. Contudo, não podemos desconsiderar a inter-relação entre esses processos subjetivos interiores atrelados ao sistema psíquico e os processos orgânicos-sensórios-motores deste outro sistema já apresentado. Como foi explicitado na fundamentação desta dimensão da *corporeidade/subjetividade* humana, podemos identificar configurações organizacionais a partir dos movimentos, das expressões, dos gestos e das posturas de uma pessoa, isto é, configurações somáticas/subjetivas, que são formadas a partir da relação entre o protopsiquismo celular e intercelular e do psiquismo que emerge da atividade cérebromente/espírito-cultura.

Sendo assim, devemos considerar os processos subjetivos/interiores das configurações subjetivas dos múltiplos egos num *continuum* com as múltiplas configurações somáticas, de maneira que podemos buscar identificar nos movimentos, expressões, gestos e posturas, voluntários, semivoluntários e involuntários, manifestações exteriores dos processos interiores. Ou seja, não só pela comunicação e pela linguagem verbal podemos observar a manifestação dos múltiplos egos ou múltiplas personalidades, mas também pela comunicação não verbal e por uma linguagem corporal. Sem esquecer ainda que as configurações somáticas guardam os aspectos internos da identidade polimorfa que tem no *se* confuso da herança genética da linhagem de antepassados, constituidor do *si* mesmo biofísico presente nos processos genéticos, múltiplas influências potenciais para essas configurações somáticas/subjetivas dos múltiplos egos.

Esta característica da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano, constituída pela inter-relação entre os sistemas orgânico-sensório-motor e pelo sistema psíquico-afetivo-relacional, pode ser articulada com a teoria do caráter elaborada por Wilhelm Reich e seus

desdobramentos com as propostas dos pós-reichianos e neo-reichianos. Tal articulação será esboçada na discussão a ser realizada para evidenciar as contribuições que a concepção de *corporeidade/subjetividade* pode oferecer à proposta da Biossíntese.

Retomando a relação entre o Eu contínuo e os egos descontínuos, podemos reconhecer a presença do paradoxo da *unitas multiplex*, do uno e do múltiplo, das unidades coletivas, anunciado desde a apresentação dos fundamentos sistêmicos propostos por Morin (1997). A unidade do indivíduo humano produz uma dualidade entre Eu (subjetivo) e ego (Eu objetivado), e atá uma multiplicidade de egos e personalidades. O uno implica nele alteridades, cisões, diversidade, negatividade, antagonismo que estão na multiplicidade dos egos/personalidades, o que permite Morin (2003, p. 91) afirmar que “a multipersonalidade é para nós invisível porque a unidade do Eu a oculta. Ora a unidade do indivíduo não deve ocultar a sua multiplicidade interior, nem ocultar a sua unidade”. Neste sentido, “o Eu une a heterogeneidade dos egos. (...) e é o unificador de uma multiplicidade formidável e de uma totalidade multidimensional” (p. 92).

A relevância desta concepção que, aqui, desenhamos, inicialmente, para a identidade humana (constituída por um Eu e por múltiplos egos) está na contribuição que o pensamento complexo oferece para a compreensão das relações entre os fundamentos ontológicos (do ser e da existência), presentes ao mesmo tempo na *physis*, no *bios* e no humano. A ideia de um anel pentalógico, retroativo e recursivo, dotado de um fecho e abertura, formando um círculo/circuito em espiral, evidencia um princípio de inteligibilidade que permite descortinar os processos morfogenéticos presentes desde a *physis* e que levaram à complexificação dos sistemas, a começar pela formação dos átomos e estrelas, passando pelas infinitas formas de vida, dentre elas a humana, na qual podemos identificar mecanismos do funcionamento psíquico, dentre eles aqueles que justificam uma relativa autonomia dos processos subjetivos em relação aos processos orgânicos/biológicos, pois também são dotados de ser e existência subjetiva/psíquica.

Ainda com relação ao engendramento das configurações subjetivas constituidoras do Eu e dos egos, devemos também considerar, juntamente com os elementos do sistema psíquico, os aspectos que compõem o sistema mental/espiritual. Sem estabelecer uma dissociação entre a constituição dos dois sistemas mencionados, pois emergem simultaneamente, devemos considerar que as determinações do sistema mental/espiritual nas configurações subjetivas constituidoras do Eu estão relacionadas à organização do pensamento em produções de sentido que ascendem à reflexividade de si mesmo, ao exame

autocrítico e crítico, este último quando se trata de reconhecer uma realidade externa e objetiva, atualizados enquanto fenômenos de consciência.

Neste sentido, são justamente os processos subjetivos do sistema mental/espiritual que permitem ao Eu “refletir-se” e reconhecer-se, objetivamente, a partir do ego que é a sua emergência objetiva, como já foi explicitado acima em relação à dualidade interior entre o Eu e o ego. Desta forma, o Eu (subjetivo) é capaz, pela consciência (reflexiva) de si, de se objetificar, perceber-se como objeto, na identificação objetiva da multiplicidade de egos que o constituem, sem deixar de ser sujeito. E são os processos que relacionam inteligência, pensamento e linguagem que permitem o sistema mental incidir nas formações das configurações subjetivas de maneira que o indivíduo-sujeito tome consciência dos pensamentos, sentimentos e ações. Além disso, devemos também considerar que esses mesmos processos podem se tornar uma racionalização, no sentido do sujeito distanciar-se de si mesmo a ponto de tratar a si mesmo apenas como objeto, estabelecendo uma cisão com os seus processos psíquicos/afetivos e orgânicos/biológicos, deixando de se perceber como Eu encarnado em sua corporeidade/subjetividade. A fundamentação destes processos será elaborada e apresentada no próximo capítulo, reservado exatamente para apresentar a definição do que tentaremos defender como um sistema mental/espiritual, terceiro sistema da subjetividade/corporeidade do indivíduo-sujeito humano.

Com as ideias apresentadas ao longo deste capítulo, acreditamos ter alcançado o objetivo proposto: fundamentar uma noção de sistema/dimensão psíquica-afetiva-relacional e a noção correlata de aparelho psíquico. Desde o título e a introdução deste capítulo, indicamos essa dimensão como a alma (*psyqué*) da *corporeidade/subjetividade* do indivíduo humano. Uma emergência advinda filogeneticamente da sensibilidade presente na bactéria, transformando-se com o desenvolvimento dos aparelhos neurocerebrais em afetividade, principalmente, a partir das aves e dos mamíferos. Daí em diante, na escalada evolutiva da vida, as bases psíquicas da sensibilidade, da afetividade, desenvolveram-se de tal modo que o ser passou a sentir em si, na sua intimidade, as asperezas, as marcas, as carências, as feridas, as solidões, as satisfações, as saciedades da existência. Nós humanos, assim como as aves, os mamíferos - muitos deles nossos companheiros domésticos -, e demais primatas, vivemos as asperezas da existência, mesmo aquelas que não machucam o corpo, como penas e dores “subjetivas” a tal ponto que mortificam todo o ser. Ou também gozamos, com todo o nosso ser, quando desabrochamos e realizamos nossas capacidades existenciais oferecidas pela vida.

Ao abordar esse sensível tema na condição humana com a caneta do filósofo-poeta, Morin (2003, p. 106) diz que a alma “só emerge verdadeiramente além da luta pela

sobrevivência e para além do duro trabalho”. Sua manifestação se dá “através do olhar, da emoção do rosto, e principalmente através do choro e do sorriso”. Apesar de poder ser expressa por palavras, “sua linguagem própria está para além da linguagem da prosa, é a linguagem da poesia e da música”. “(...) A alma é intuitiva, sente e presente (...)”; “é aquilo que sofre de dor moral (...)”; “(...) é também o que exalta para além da alegria, irradia de felicidade e pode conhecer o êxtase”. Enquanto *anima*, “é o complemento do antídoto do *animus*. É a parte feminina do espírito hermafrodita.”

Todas essas características da alma humana revelam que se trata de algo da ordem da sensibilidade e concordamos com o autor. No entanto, no que concerne às condições favoráveis a sua emergência, não podemos condicioná-las a situações destacadas, pois não podemos deixar de reconhecer em muitos rostos marcados pela vida sofrida com a luta pela sobrevivência e pelo trabalho duro, como em muitos indivíduos-sujeitos desse ser-tão grande chamado nação brasileira, a sensibilidade, a alegria e a felicidade expressas na poesia, por exemplo, com o cordel, e na música, entre tantos exemplos, com o forró, o xote, o baião, o arrasta-pé, o maracatu, o côco, a cantoria e tantas outras manifestações culturais de um povo sofrido, triste e, ao mesmo tempo, alegre.

## **CAPÍTULO 7 - O SISTEMA MENTAL/ESPIRITUAL DA SUBJETIVIDADE/CORPOREIDADE HUMANA**

Na origem do espírito há o *animus*.  
Edgar Morin (O método, v. II, p. 271)

(...) nada da atividade do espírito humano escapa à computação, mas o todo dessa atividade não se  
poderia reduzir à computação.  
Edgar Morin (O método, v. III, p. 110)

(...) o sujeito é anterior ao homem e à consciência, a qual só emerge com a cogitação.  
Edgar Morin (O método, v. III, p. 117)

O espírito (*mind*) de um ser humano é simultaneamente a sede das sujeições e a sede das liberdades.  
Edgar Morin (O método, v. V, p. 93)

A consciência humana, última filha da subjetividade, surgiu tremendo no mundo.  
Edgar Morin (O método, v. II, 273)

Após expor a fundamentação das noções de aparelho psíquico e sistema psíquico-afetivo-relacional, o presente capítulo será dedicado a apresentar a noção de sistema mental/espiritual. Conforme anunciado, esta dimensão ou sistema emerge, concomitantemente, com os referidos aparelho e sistema psíquicos, no entanto, constituindo-se como um outro sistema de elaboração psíquica.

Neste sentido, ao longo deste capítulo, estaremos evidenciando a sua característica geradora de atividades cognitivas de organização do pensamento e da ação a partir de um conhecimento mais objetivo da realidade, e tendo no pensamento racional/empírico/técnico sua natureza cogitante e representacional. Para justificar essas características do sistema em questão, serão explicitadas as relações destas com as noções fundadoras de computação e autocomputação de todo ser vivo, de maneira a explicitar suas bases filogenéticas e ontogenéticas.

Na sequência, passaremos a tratar das características específicas deste sistema. Serão apresentadas as qualidades do pensamento e da linguagem racional/empírica, ao mesmo tempo em que abordaremos a sua dialógica com o pensamento e a linguagem simbólica/mítica. Com isso, poderemos caracterizar sua participação no engendramento das configurações subjetivas a partir das suas qualidades específicas, em dialógica com aquela outra forma ou corrente de pensamento.

Alcançaremos ainda uma proposta de concepção do Eu e dos egos que compõem as múltiplas personalidades de um indivíduo-sujeito humano. E relacionada a esta proposta será exposto como o pensamento complexo concebe a relação entre consciência e inconsciência, dando destaque à consciência como o terceiro nível de emergência da subjetividade humana e

a qualidade global mais extraordinária a partir da qual o Eu emerge à mente pela autorreflexão. Uma consciência desdobrada em dois ramos, a consciência cognitiva (sabemos que sabemos) e a consciência de si (conhecer a si mesmo, pelo menos em alguma medida). E, por fim, poderemos compreender as relações entre inteligência, pensamento e consciência, de maneira a enunciar a inteligência propriamente humana e sua função de autoconhecimento.

### **7.1 Primeira delimitação da dimensão ou sistema mental/espiritual: organização do pensamento e da ação**

Conforme indicamos inicialmente na definição do conceito de corporeidade/subjetividade, no capítulo 2, a dimensão ou sistema mental/espiritual abarca as atividades cognitivas que envolvem a inteligência propriamente humana, o pensamento e a linguagem racional/empírico/técnica e a consciência (o terceiro nível de emergência da subjetividade), a partir dos quais são gerados sentidos constituidores das configurações subjetivas. Ao longo desse caminho realizado para chegar até este ponto da fundamentação teórica do conceito em questão, foram sendo indicadas as ideias-chaves do pensamento complexo para concebermos os três sistemas ou dimensões e a noção de configuração somática/subjetiva, cerne desta proposta conceitual que aqui estamos tentando delinear e que denominamos de subjetividade/corporeidade do indivíduo humano.

Neste caminho em busca das raízes profundas (filogenéticas) da subjetividade humana, foram apresentadas as características que justificam considerar em termos organizacionais/sistêmicos a existência de uma primeira forma de subjetividade e a condição originária de sujeito para os seres unicelulares. Dentre elas, foi destacada a noção de computação, a ideia principal que permite reconhecer essas qualidades presentes em todos os seres vivos, na vida, desde sua origem, e da qual deriva a noção de *computo*, a computação em “primeira pessoa” (“eu computo”). E como foi explicitado na apresentação desta ideia fundamental, Morin (1999) propõe que seu estatuto já é o da cognição, ou seja, uma primeira forma de atividade cognitiva dos seres vivos e uma primeira forma de conhecimento. A importância de retornar a essa ideia está na sua relação com a primeira característica do sistema mental/espiritual: estar associado, justamente, às atividades cognitivas humanas.

Como foi evidenciado no capítulo anterior, quando foram desenvolvidos os fundamentos do sistema psíquico-afetivo-relacional, as atividades cognitivas humanas emergem da megacomputação cerebral, o que estabelece a relação indissociável entre *computo* — *cogito*. A passagem de um processo computacional cerebral para um processo

mental caracteriza justamente o fenômeno da emergência de um novo sistema, isto é, de um produto global das atividades do sistema cerebral (hipercomplexo), em inter-relação com a cultura, dispondo de qualidades próprias: o pensamento, a linguagem, uma inteligência propriamente humana e a consciência, irredutíveis às partes isoladas do sistema nervoso e do organismo como um todo. Neste sentido, podemos considerar o sistema mental/espiritual como uma emergência do sistema orgânico-sensório-motor (no qual se encontra o sistema nervoso), em concomitância à emergência do sistema psíquico-afetivo-relacional. E a emergência destes dois sistemas está relacionada, organizacionalmente, à emergência do aparelho psíquico. E estas dimensões subjetivas emergem da inter-relação entre a corporeidade portadora de um aparelho neurocerebral e a cultura.

Podemos, então, lembrar que esta relação indissociável entre *computo-cogito* é, de fundo, possibilitada pela animação computante de todo o organismo, ou seja, pelo *animus*, que, como já explicitamos, permite a emergência do psiquismo e da mente/espírito. Por esta razão, Morin (1999, p.271) afirma que “na origem do espírito há o *animus*” no triplo caráter físico/biológico/protopsíquico do *computo* autorreferente de um ser-máquina dependente de um processo auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizador, a partir do qual emerge um psiquismo neurocerebral-cultural e deste a emergência da mente/espírito. Como bem resume o próprio autor:

O espírito encontra-se virtual no *animus* celular, ainda não autonomizado no psiquismo dos animais superiores e, no sentido em que o define, só adquire verdadeiramente vida autônoma (autonomia relativa, como é a autonomia de tudo aquilo que é vivo) no mundo sociocultural do homem. Existe, pois, uma evolução biológica, inseparável da evolução do indivíduo-sujeito, que é a que vai do *animus* celular ao espírito humano, do “espírito-de-vida” (emergência ativa e retroativa inseparável da atividade auto-organizadora do ser-indivíduo-sujeito) à vida do espírito (emergência propriamente antropossocial). (1999, p. 271)

Como foi anunciado no capítulo anterior, enquanto a *anima* está relacionada ao sistema psíquico-afetivo-relacional, o *animus* está mais especificamente relacionado ao sistema mental/espiritual, em virtude do seu caráter organizador, o qual revela uma característica essencial dos processos cognitivos, qual seja: a organização do conhecimento em pensamento e também da organização da ação. Para podermos evidenciar essa característica dos processos cognitivos, precisamos dar continuidade aos desdobramentos da passagem dos processos computacionais para os processos propriamente mentais deste sistema que, aqui, tentamos fundamentar.

## 7.2 Da computação à cogitação racional/empírica: características específicas dos processos mentais/espirituais

A partir dos desencadeamentos emergenciais, possibilitados pelas interpolocomputações de todo o organismo e em específico do cérebro em inter-relação com a cultura, forma-se a mente, isto é, processos cogitantes de pensamento, linguagem, sentido e valor, acompanhados de lampejos de consciência. E como já explicitamos, enquanto atividade pensante, produz uma esfera “mental/espiritual”, ela mesma objetiva, ou seja, deve-se considerar a realidade objetiva da linguagem (e suas regras), do pensamento e das ideias (e sua lógica). Características que indicam os atributos específicos do sistema mental que se distingue do sistema psíquico, por este fazer referência a uma realidade mais subjetiva do pensamento, da linguagem, do sentido e dos valores, como evidenciamos no capítulo anterior. Em outras palavras, podemos dizer que o sistema mental/espiritual é caracterizado por atividades cognitivas que possibilitam a organização do pensamento e da ação de forma objetiva na relação do indivíduo-sujeito com o ambiente, mediante os processos cogitantes/representacionais de natureza racional/empírica.

Relembrada esta relação entre o *computo* celular, originário do ser unicelular, e a atividade cognitiva/cogitante da mente humana, devemos refazer o caminho evolutivo que liga um ao outro. Para isso, deveremos considerar os processos que estão presentes, ao mesmo tempo, em seres unicelulares desde a origem da vida, como as bactérias *Escherichia Coli*, tão comum aos nossos intestinos, e em cada ser celular do nosso organismo, como uma herança filogenética dos primeiros. Pois é mediante a complexificação desses processos computacionais que se deu a emergência do sistema mental/espiritual com seus elementos propriamente humanos.

Como já evidenciado no capítulo 4, ao apresentarmos os fundamentos primeiros da subjetividade no unicelular e no ser celular, vimos que o *cogito* (“eu penso”) cartesiano consciente, enquanto desenvolvimento antropológico de uma atividade psíquica, tem sua raiz mais profunda na computação ou autocomputação do unicelular. O processo da autocomputação traz em si os princípios que permitem o ser unicelular tratar, objetivamente e subjetivamente, a si mesmo - como já foi explicado, e este capítulo indicará os fundamentos da consciência humana -, e também tratar objetivamente a realidade (ambiente) que o cerca. Devemos identificar nesses princípios o atributo originário que possibilitou a emergência de um pensamento racional no *Homo sapiens*.



A autocomputação é um processo que se dá mediante um princípio de objetividade no qual “a interação entre o subjetivo e o objetivo é o alimento da computação viva” (MORIN, 1999, p. 164). Sendo auto-exo-referente, ou seja, tendo que se referir sempre a si mesmo e também sempre ao ambiente para sobreviver, o indivíduo-sujeito unicelular precisa sempre confrontar o seu princípio “subjetivo” egocêntrico e o princípio de “realidade”. A partir daí o sujeito irá tratar as informações provenientes do ambiente como objetos, sendo estes aquilo que o sujeito conseguiu isolar na e pela computação do universo dos fenômenos.

Assim, podemos entender que o *computo* individual cria, por si mesmo, a disjunção ontológica a partir da qual se estabelece, a um só tempo, a condição egocêntrica do sujeito e a existência dos objetos, instituindo, desta forma, a interação complementar sujeito/objeto. Com isso, pode-se afirmar que o sujeito cria os objetos. E como o sujeito precisa dos objetos, isto é, precisa tratá-los, organizá-los e manipulá-los com objetividade para sua sobrevivência, seja o que está no ambiente externo, objetos físicos e os seres vivos, bem como o que está no seu ambiente interno, seus próprios constituintes orgânicos, podemos dizer que o objeto produz também o sujeito. Desta forma, é possível afirmar que o sujeito e o objeto co-nascem, ao nascer o conhecimento de si mesmo e do ambiente (do mundo).

Deste princípio de objetividade presente na origem da vida, no unicelular, e mantendo-se no ser celular dos seres pluricelulares, como no caso do ser humano, podemos, como indica Morin (1999), considerar um conhecimento celular de primeiro tipo, inerente a auto-organização, indistinto desta e que traz a herança dos processos computacionais que fazem co-nascer sujeito e objeto. Mas sendo um organismo animal e estando na condição de indivíduo de segundo tipo, devemos reconhecer no ser humano um conhecimento cerebral animal de segundo tipo e de natureza representacional. Conhecimento relativamente autônomo em relação ao aparelho neurocerebral e estritamente ligado à ação no meio ambiente. Em outras palavras, todo o conhecimento humano, enquanto um conhecimento gerado a partir de um cérebro animal em ação no ambiente, tem sua gênese na relação conhecimento-ação. “Como é o mesmo aparelho neurocerebral que determina o conhecimento e o comportamento, os desenvolvimentos dum e doutro são interdependentes; todo o progresso da ação favorece o conhecimento, todo o progresso do conhecimento favorece a ação: conhecimento → ação” (p. 208).

E mais profundamente, é necessário considerar que toda estratégia de ação comporta computações, ou seja, uma dimensão cognitiva, assim como todo conhecimento comporta uma atividade estratégica. É no e pelo desenvolvimento desta relação entre ação e conhecimento, caracterizado pelo anel animal autoecogerador (figura 10), que se estabeleceu

a autônoma do conhecimento cerebral em relação à ação, alcançando até mesmo uma desconexão possibilitada por mecanismos neurocerebrais<sup>60</sup> desenvolvidos consideravelmente no *Homo sapiens*, embora também se mantenha a serviço da ação (MORIN, 1996a).

A necessidade de conhecimento para o animal locomotor/ator imerso num ambiente é vital, de tal forma que a “*existência animal depende não só do ambiente mas do conhecimento do ambiente* [grifo do autor]” (MORIN, 1999, p. 208). Estando num ambiente naturalmente repleto de incertezas, de possíveis e infinitos acontecimentos, devemos compreender que o conhecimento cerebral do animal enfrenta, responde, desenvolve-se na e pela incerteza práxica, retirando informações de um ambiente aleatório. Além dessa incerteza, o conhecimento cerebral também é marcado pela incerteza dos processos neurocerebrais, pois, fechado numa caixa negra (craniana), deve extrair, produzir, traduzir os acontecimentos e dados do mundo exterior em informações e representações organizadas/integradas. Essas representações, as quais ultrapassam o simples tratamento de informações, comportando processos analógicos, são configurações mentais (imagens acústicas, visuais, táteis e proprioceptivas) que comportam identificação dos movimentos, das formas, dos objetos, dos seres percebidos no ambiente, como já havia sido tratado no capítulo anterior.

Mesmo sendo parcialmente fiéis, seletivas, esquemáticas e focalizadas, em virtude de serem os resultados de uma produção e tradução do aparelho neurocerebral, “as representações permitem ‘apresentar’ reflexivamente a si mesmo um fragmento do mundo exterior para examiná-lo, estudá-lo, decifrá-lo (...) sob a forma de uma imagem/recordação” (p. 208). Considerando o conhecimento como não sendo a simples projeção de uma realidade numa tela (*écran*) mental e sim “uma organização cognitiva de dados sensoriais/memoriais que produzem simultaneamente a projeção e o *écran*” (p. 209), é o aparelho neurocerebral em sua originalidade, complexidade e riqueza de dispositivos inatos e em competências adquiridas na inter-relação com a cultura, sobretudo no caso do ser humano, que pode produzir representações que se aproximam como um “reflexo” da realidade fenomênica, ou seja, representações relativamente objetivas da realidade externa ou do ambiente.

É, então, a partir da necessidade vital do conhecimento do ambiente que, ao longo da evolução dos indivíduos de segundo tipo, sobretudo nas aves, mamíferos e primatas, se deu um processo caracterizado pelo anel animal autoecogerador (figura 10), e a partir do qual, no *Homo sapiens*, se formaram representações perceptivas que permitiram a exploração

---

<sup>60</sup> Sobre os mecanismos neurocerebrais que permitem a desconexão entre o conhecimento, relativamente autônomo ao aparelho neurocerebral, e a ação num indivíduo-sujeito humano, ver em Morin (1996a, p. 108-109).

empírico-racional da realidade externa. Como já foi colocado no capítulo anterior, esta característica é uma das duas formas que a representação pode ganhar, sendo o seu par complementar e antagônico o imaginário, com as fantasias, mitos e sonhos compondo a realidade mais subjetiva da mente do indivíduo-sujeito humano. Enquanto o sistema psíquico-afetivo-relacional funciona a partir da forma representacional imaginária, o sistema mental/espiritual tem, nos seus processos cognitivos, a forma representacional ou o pensamento racional/empírico.

Com o que foi exposto até aqui, pudemos apresentar os aspectos principais desenvolvidos por Morin (1996a, 1999) para considerar os processos filogenéticos e ontogenéticos, desde a computação do unicelular e do ser celular/organísmico à cogitação racional/empírica no ser humano. Assim, o mesmo princípio de objetividade presente na computação do unicelular está presente na computação do ser celular/organísmico, permitindo tratar tanto a realidade interna - para o unicelular e o ser celular, seus objetos moleculares ou organelas citoplasmáticas; para o organismo, toda a complexidade do seu meio interno -, quanto a realidade externa - para o unicelular e o organismo, o ambiente, para o ser celular, o organismo. Fruto da longa evolução da vida, o princípio de objetividade se complexificou na inter-relação entre o aparelho neurocerebral do organismo humano e a cultura humana. A partir desta inter-relação emergiu uma forma de pensamento racional que permite tratar tanto a realidade externa (o ambiente) quanto a realidade interna subjetiva com objetividade, podendo, então, gerar um conhecimento objetivo acerca do mundo e de si mesmo.

Neste sentido, para que tal forma de pensamento pudesse ter se constituído foi necessário o desenvolvimento inseparável da linguagem e da consciência, fazendo desenvolver, assim, a reflexividade do pensamento. Mas antes de adentrarmos a questão da consciência para o sistema mental/espiritual, devemos nos ater, ainda mais especificamente, aos processos do pensamento racional/empírico neste mesmo sistema e sua relação dialógica com o pensamento simbólico/mítico.

### **7.3 A relação dialógica entre o pensamento racional/empírico e o pensamento simbólico/mítico na produção das configurações subjetivas**

De acordo com Morin (1996a, 2003), o pensamento racional/empírico, enquanto também um modo de linguagem, possui algumas características específicas e que devem ser consideradas para destacarmos a sua participação e inscrição na emergência do sentido, enquanto aspecto-chave das configurações subjetivas. Esta forma de pensamento faz a

utilização instrumental dos signos, o que permite ao indivíduo-sujeito tratar a representação mental como imagem da realidade e não como a realidade em si mesma, estabelecendo, relativamente, a disjunção e a distinção entre real e imaginário. Com isso, podemos afirmar que há uma dominância da disjunção e da análise neste modo de cogitação.

A lembrança do passado se dá considerando-o como sendo relativamente irreal em virtude da recordação ser da ordem da representação e também porque esta é um resultado dos processos de tradução e construção, conforme propõe a concepção moriniana. Nesta forma de pensamento, a linguagem tem um uso instrumental, fazendo a convencionalização das palavras, considerando que as imagens mentais não são a própria realidade (ou seja, considerando a irrealidade das imagens), não reificando as coisas, de modo que o discurso tem forte controle lógico-empírico. Os objetos são tratados de maneira isolada e técnica. Há um forte controle empírico exterior, bem como um controle lógico sobre o analógico<sup>61</sup>, o que indica uma tendência para um pan-objetivismo.

Para poder explicitar a relação em yin-yang do pensamento racional/empírico com o pensamento simbólico/mítico, deixamos para apresentar aqui, neste capítulo, as principais características desta última forma de pensamento que trata, especificamente, do sistema mental. Assim, poderemos evidenciar melhor como as duas formas de pensamentos geram as configurações subjetivas, em uma relação, ao mesmo tempo, complementar, concorrente e antagonica, como o yin e o yang do símbolo do Tao (figura 6).

Neste sentido, o pensamento simbólico/mítico, também enquanto uma linguagem, tem sua participação e inscrição na emergência do sentido e na generatividade das configurações subjetivas a partir, como já indicamos, da utilização evocativa dos símbolos, o que faz com que a imagem representacional se torne realidade. A recordação se dá a partir de uma realidade fantasmática ou de uma realidade ressuscitada, isto é, o lembrado é real e sua realidade é exatamente como lembrada. E nisso podemos identificar a dominância da

---

<sup>61</sup> Morin (1996a) propõe uma relação circular e dialógica entre analogia e lógica. Sua concepção parte do que já explicitamos acerca da analogia, toda atividade cognitiva e todo o pensamento tem a analogia, em suas diferentes formas, como modo inerente de conhecimento. Ao seu lado, encontra-se o tratamento binário (digital) das informações para aceitar ou excluir uma analogia realizada para a identificação de uma forma, por exemplo, pássaro ou rato para morcego. Essa discriminação alternativa obedece aos princípios/regras que organizam, controlam o conhecimento, a lógica. Nesse sentido, o autor aponta para uma dialógica cooperativa digital/analógica, isto é, o digital/lógico e o analógico estabelecem uma relação complexa, pois são ao mesmo tempo complementares, concorrentes e antagonicos. Entre elas “não há dialógica de duas lógicas, mas dialógica entre a lógica identitária e processos sublógicos e metalógicos como a analogia” (p. 132). Em relação à natureza complexa da relação, o autor coloca que a analogia “precisa, quanto à prática, de ser testada, verificada, refletida, e deve entrar em dialógica com os processos analítico/lógicos/empíricos do pensamento racional. A racionalidade verdadeira não reprime a analogia, alimenta-se dela ao mesmo tempo que a controla. Pode haver desregulação do vaivém analógico-lógico; o excesso analógico e a atrofia lógica conduzem ao delírio; mas a hipertrofia lógica e a atrofia analógica conduzem a esterilidade do pensamento” (p. 133).

conjunção, conjunção do real-imaginário, reificando imagens e palavras. A linguagem é utilizada tendo a presença da coisa representada/pensada no nome e do nome na coisa, de tal forma que o discurso tem forte compreensão subjetiva a partir da projeção-identificação, o que também leva a uma fluidez das coisas e traz a possibilidade de metamorfoses. Os objetos têm tratamento mágico, estabelecendo relações analógicas. Há forte controle pelo que é vivido interiormente/subjetivamente, assim como do analógico sobre o lógico, apontando para uma tendência ao pansubjetivismo (MORIN, 1996a, 2003).

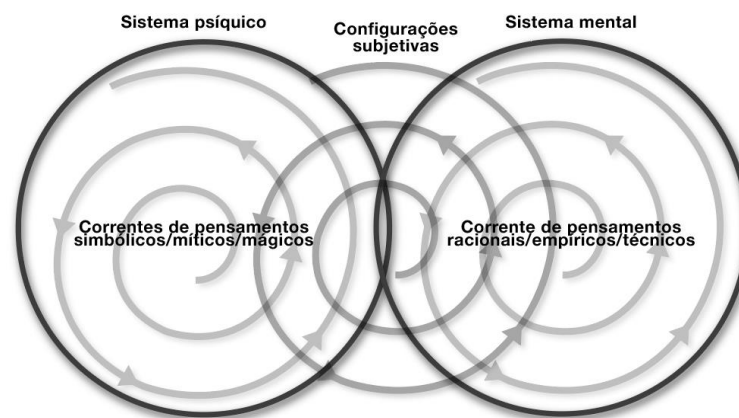
Conforme propõe Morin (1996a, 2003), devemos compreender que embora incompreensíveis um ao outro e um do outro, estas duas formas de pensamentos entrecompletam-se, entreparasitam-se e entreconjugam-se, e apesar de poderem estar compartimentalizados, estabelecendo uma separação entre eles, mantêm uma comunicação secreta, a qual escapa a consciência do indivíduo-sujeito humano. O mais importante é considerar que as limitações de ambos os pensamentos apontam para uma necessária complementariedade entre eles. Neste sentido, não poderíamos viver sem nos relacionar, objetivamente, tanto com as nossas realidades internas subjetivas quanto com a realidade externa, dos objetos físicos e dos seres vivos, dentre estes, das pessoas humanas dotadas de subjetividade. Precisamos tanto de uma imunidade empírica-lógica contra as incertezas e os erros quanto da sensibilidade de perceber o singular, o individual e o comunitário. Também precisamos tanto dos mitos para alimentar nossos pensamentos quanto da lógica para controlar. Não poderíamos esvaziar o intelecto da existência, da subjetividade afetiva que lhe atribui valores, como também não podemos prescindir do intelecto que permite identificar e lidar com as forças de uma afetividade subjetiva existencial, que pode impor valores e impedir a emergência do bom senso.

Devemos, então, considerar que a produção de sentido se faz a partir da relação complexa entre estas duas formas de pensamento e de linguagem, de tal forma que podem emergir sentidos configurados mais preponderantemente por um dos dois pensamentos ou por uma das duas formas de linguagem, mas que, por (do) outro lado, podem estar trazendo seus constituintes dialógicos antagônicos. E é nessa dialógica turbilhonar dos constituintes dos dois pensamentos que se dá o dinamismo do anel pentalógico-retroativo-recursivo que gera a produção de sentido. Da mesma forma que Morin (1996a) propõe essa perspectiva do pensamento humano para fundamentar uma ideia de concepção, a utilizamos para tratar da questão da emergência do sentido.

O caráter complexo da atividade pensante, que se dá na relação com a linguagem, está na constante associação em si, de maneira complementar e antagônica, desses dois modos de

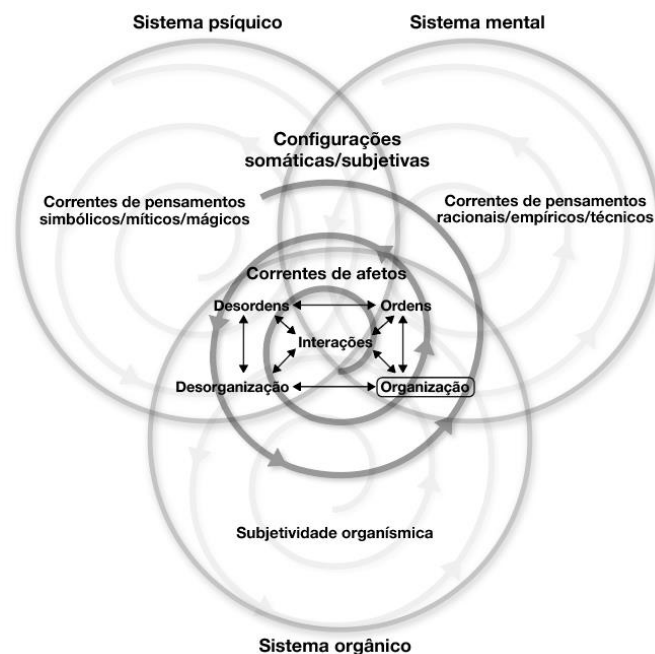
cogitação que tenderiam excluir-se um ao outro. No dinamismo do anel pentalógico-recursivo em que circulam as duas formas ou correntes de pensamentos e de linguagens - para retomar um termo simbólico que explicita melhor a ideia de dinamismo/movimento presente no anel e que indicamos desde o capítulo 3 -, emergem os sentidos relacionados às experiências pretéritas e às experiências atuais da história de vida de um indivíduo-sujeito humano, de uma pessoa. Esse turbilhão de correntes de pensamento-linguagens é animado de um movimento espiral, como num redemoinho ou num ciclone. Nunca é puramente repetitivo fazendo com que emergjam diferentes sentidos no entrecruzamento das duas formas cogitantes e entre o passado e o atual da história de vida de uma pessoa, ainda que velhos sentidos, muitas vezes, possam se manter inabalados. O Re do re/cursivo é o da re/organização e da re/geração das configurações subjetivas, possibilitadas pelas novas experiências que trazem turbulências existenciais e possibilidades de modificações a partir deste dinamismo turbilhonar do anel.

Com essa proposta para a complexa relação entre esses dois modos ou correntes de pensamentos e de linguagens na produção de sentido, damos mais um passo na elaboração da noção de configuração subjetiva. Esta, então, traz em sua dinâmica configuracional as determinações, por um lado, de um sistema psíquico-afetivo-relacional detentor de um pensamento simbólico/mítico/mágico, a partir do qual são inscritos os conteúdos subjetivos do mundo imaginário e fantasmático do sujeito. Um sistema detentor de uma realidade subjetiva/psíquica relativamente autônoma, tanto em relação ao sistema orgânico-sensório-motor quanto ao sistema mental/espiritual. Por outro lado, em inter-relação com o sistema psíquico, está o sistema mental, que também inscreve nessa mesma dinâmica configuracional a sua natureza representacional/cogitante (pensamento) racional/empírica/técnico, trazendo os conteúdos também subjetivos, mas caracterizados por uma objetividade quanto às informações da realidade externa e da própria realidade subjetiva/psíquica (interna) do sujeito.



**Figura 18** - As configurações subjetivas geradas na inter-relação entre as correntes de pensamento/linguagem dos sistemas psíquico e mental.

Indissociado e acompanhando esses dois modos ou correntes de pensamentos estão os processos afetivos, uma dimensão indissociável e correlacionada aos processos de produção de sentido. Como foi exposto, estas duas dimensões compõem as configurações subjetivas a partir da infraestrutura organizacional do anel pentalógico-retroativo-recursivo, que é justamente o princípio de inteligibilidade do seu dinamismo configuracional. Devemos ainda lembrar que esta dimensão dos processos afetivos, que compõem originariamente o sistema psíquico, é a ponte com o sistema orgânico-sensório-motor, haja vista que esses processos possuem um substrato neurofisiológico. E como é desta base biológica em inter-relação com a cultura que emerge o pensamento e a linguagem, sendo então processos inseparáveis, devemos sempre compreender que se trata de não apenas configurações subjetivas, mas sim configurações subjetivas/somáticas constituídas pela recursividade e retroatividade entre cérebro, psiquismo/mente e cultura.



**Figura 19** - As configurações subjetivas/somáticas produzidas a partir da inter-relação dos sistemas orgânico, psíquico e mental.

Cabe ainda considerar uma questão relevante sobre a relação entre esses sistemas ou dimensões da corporeidade/subjetividade no que concerne à formação dos dois modos ou correntes de pensamento e linguagem. No primeiro momento do desenvolvimento ontogenético humano (intrauterino e durante os primeiros meses de vida), ainda não se constituíram representações na forma de pensamento e linguagem, seja simbólica/mítica ou racional/empírica. Apesar da ausência destas formas de pensamento e linguagem no recém-nascido, os processos afetivos, que são inseparáveis das relações interindividuais-subjetivas,

enquanto um primeiro nível de elaboração psíquica, traz, como indicamos no capítulo anterior, uma dimensão de comunicação emocional que se dá pelo movimento, pela expressão, pelo gesto e pela postura da corporeidade/subjetividade, por isso indissociável da dimensão orgânica-sensória-motora, herdeira dos desenvolvimentos do *animus* e da *anima* (da animalidade). Essa dimensão comunicacional dos processos afetivos indica os caminhos complexificadores dos processos auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizadores (informacional/computacional/comunicacional). Antes, pois, de gerar representações mediadas por símbolos, o *autos* gera processos comunicacionais nos quais as configurações orgânica-sensório-motora ou simplesmente somáticas são mediadoras das relações interpessoais. E como toda configuração somática traz em si, primeiramente, os processos subjetivos organísmico (primeiro nível de emergência), a partir dos quais vão se constituindo os processos subjetivos psíquicos e mentais (segundo e terceiro nível de emergência), devemos sempre considerá-la como configurações somáticas/subjetivas. Por esta razão, sua função mediadora comunicacional nunca pode ser apenas somática, mas deve ser sempre considerada também subjetiva, sem perder de vista os diferentes momentos de um *continuum* que permite a formação de uma subjetividade simbólica.

#### **7.4 A arte da concepção no engendramento mental/espiritual da unidade complexa organizada entre o Eu e os egos das múltiplas personalidades**

Até aqui pudemos considerar o pensamento humano como uma arte dialógica, seguindo a perspectiva de Morin. Outro aspecto fundamental dos processos do pensamento humano, também destacado por este mesmo autor, é a arte da concepção. Ao abordar este outro aspecto, Morin tem como finalidade propor uma noção de concepção voltada para uma discussão epistemológica que procura alcançar o conhecimento do conhecimento. Neste sentido, o autor afirma que a concepção transforma o conhecimento em concebido, isto é, em pensamento, buscando articular na ideia de concepção as ideias de engendramento ou de procriação, formação de conceito e de *design*, este último enquanto configuração original que constitui um modelo. Articulado estes três sentidos, a noção de concepção é definida como “o engendramento, por um espírito humano, de uma configuração original formando unidade organizada” (1996a, p. 174).

Direcionando esta sua definição de concepção para fundamentar o sistema mental/espiritual da subjetividade/corporeidade do indivíduo, podemos considerar que este outro aspecto do pensamento, compondo os processos mentais na dialógica inconsciente-



consciente, conforme elucidaremos em seguida, possibilitam a concepção do Eu de um sujeito, enquanto concepção de sua identidade pessoal unificada e contínua. Ao mesmo tempo, este sujeito também concebe outros egos que também vão compor as múltiplas personalidades da identidade pessoal. Isto é, como já foi proposto no capítulo anterior, mas agora destacando seu aspecto propriamente conceptual, de ser uma concepção do próprio sujeito, o Eu é o engendramento de uma configuração subjetiva original formando unidade organizada, composta de múltiplos egos que são concepções particulares que o sujeito tem de si mesmo a partir da relação com o mundo, destacando-se daí as determinações e influências do outro e da cultura. Este engendramento se dá a partir do sistema mental/espiritual, em inter-relação com os sistemas orgânico-sensório-motor e o sistema psíquico-afetivo-relacional, compondo a subjetividade/corporeidade individual que se constitui na inter-relação com a subjetividade social.

Tomando ainda da ideia de concepção o seu aspecto de formação de conceitos, podemos considerar que a identidade pessoal do sujeito é constituída pelos múltiplos egos, cada um formando um conceito próprio ou atribuindo uma definição própria e específica ao sujeito. E cada um desses egos-conceitos<sup>62</sup> guarda de maneira inseparável, uma visão da sociedade e do mundo específica à sua identidade. A título de um exemplo, podemos levantar a hipótese da configuração somática/subjetiva de um ego-sedutor, ou seja, uma face dentre as múltiplas personalidades de um indivíduo-sujeito humano. Sedução entendida num sentido geral e do senso comum: “(...) conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, amor, interesse etc; magnetismo, fascínio (...)” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2534).

Este ego-sedutor tem como característica estabelecer relações interpessoais marcadas pelas muitas formas que a sedução pode se configurar na singularidade de cada pessoa. Na dimensão mental da subjetividade/corporeidade desta pessoa, podemos encontrar um conceito relacionado a este ego-sedutor. Um conceito que o indivíduo-sujeito tem de si mesmo e o qual é configurado a partir das suas experiências relacionadas a este aspecto da experiência humana que denominamos de sedução. Essas mesmas experiências, que se deram nas relações interpessoais e intersubjetivas do indivíduo-sujeito, também levam a formação de uma visão da sociedade e do mundo marcada pelos jogos de sedução, de tal forma que haverá projeções-identificações nas suas interações com grupos e instituições.

---

<sup>62</sup> O esboço da ideia de ego-conceito, formulada neste trabalho, tem como propósito teórico abrir um campo de discussão entre a noção de *subjetividade/corporeidade*, que estamos buscando fundamentar, e as concepções de crença psicológica advindas de diferentes perspectivas epistemológicas e teóricas da psicologia.

Para muito além deste exemplo, devemos considerar as muitas possíveis formas de configurações de egos na corporeidade/subjetividade humana. E sendo também constituída pelo Eu, que unifica e dá continuidade ao sujeito, podemos propor que este Eu seja uma constelação dos egos-conceitos. Nesta constelação, as associações podem ser de maneira complementar, concorrente e antagônica, formando então um sistema de egos-conceitos que o sujeito tem em relação a si mesmo, sem perder de vista que cada um desses egos-conceitos traz consigo, correspondentemente, sua visão de sociedade e de mundo. Ao mesmo tempo, pelo seu caráter unificador e contínuo, há um conceito de Eu que estabelece o centro e o núcleo do Eu do sujeito, o que permite considerarmos o Eu como o conceito capital do sujeito.

Esta ideia fundamental do sujeito sobre si mesmo guarda, conforme exposto no capítulo 4, as características essenciais da sua individualidade, que já estão presentes desde a dimensão orgânica-sensório-motora (singularidade, originalidade, diferença e autonomia), e que a ideia de um ser individual, sustentada no ser e na existência de *si mesmo* (da imunologia), permite evidenciar. Deste *si mesmo*, centralizador de toda computação do ser celular e organísmico, emerge um sujeito ego-autocêntrico e ego-auto-referente, no qual podemos identificar um eu subjetivado. Ao mesmo tempo, todo ego-autocentrismo e toda ego-auto-referência são, respectivamente, sócio-autocentrismo e auto-exo-referência, indicando que todo o indivíduo participa de uma identidade comum inscrita pelo seu *ethos* e que a referência que tem de si mesmo é forjada a partir das relações estabelecidas com o mundo objetal, onde o outro torna-se uma referência a partir da qual se estabelece a sua identidade (*alter ego*).

Por esta noção de egocentrismo, que faz referência à ocupação do sítio egocêntrico fundador da condição de sujeito para todo ser vivo, podemos compreender que o Eu, instância subjetiva do sujeito humano, é aquilo que não pode ser compartilhado com nenhum outro ser humano, como tão bem evidencia o exemplo dos gêmeos homozigotos, já que podem ter tudo em comum, até a mesma identidade genética, mas não ocupam o mesmo sítio egocêntrico. É neste sentido que propomos que a concepção de Eu do sujeito, enquanto a sua ideia capital, corresponde à ocupação da sua sede egocêntrica mental/espiritual subjetiva, que unifica, integra, absorve e centraliza cerebral, afetiva e mentalmente as experiências de uma vida.

A importância do aspecto conceptual do Eu está em destacar a sua natureza propriamente mental/espiritual. Esta ideia se justifica e se fundamenta a partir da concepção organizacional/sistêmica proposta por Morin (1997), que, com a noção de emergência, permite concebermos um sistema mental/espiritual. Guardando uma relativa autonomia em

relação aos outros dois sistemas, este sistema possibilita a emergência de um Eu de natureza mental/espiritual, enquanto produto global das atividades que formam o sistema corporeidade/subjetividade e que dispõem de qualidades próprias que retroagem sobre as próprias atividades do sistema como um todo e do qual se tornam inseparáveis.

### **7.5 O sistema mental/espiritual e o terceiro nível de emergência da subjetividade: a consciência humana**

Para seguirmos adiante na elaboração da noção de configuração subjetiva, precisamos ascender aos processos organizacionais relacionados ao fenômeno da consciência, uma emergência do sistema mental/espiritual. Para começarmos a tratar desta qualidade subjetiva do ser humano, associada ao seu terceiro nível de emergência, precisamos desde já destacar que se trata de um fenômeno profundamente inter-relacionado ao que é inconsciente. A inter-relação entre a consciência e o inconsciente está estabelecida pelos e desde os argumentos que confirmam a hipótese do *computo* e do fenômeno da autocomputação expostos no capítulo 4 e também tratados para fundamentar a dimensão orgânica-sensorio-motora no capítulo 5.

A consciência é um fenômeno que emerge de um fundo inconsciente e segundo um processo inconsciente; emerge do ser-máquina profundo que é produtor/produto de um protopsiquismo (celular e intercelular) em todo o organismo e também de um psiquismo subjetivo inconsciente, como já havíamos assinalado quando tratamos dos primeiros aspectos que constituem os fundamentos do aparelho psíquico e do sistema psíquico-afetivo-relacional. E mesmo o essencial das nossas atividades cognitivas, que se dão na esfera do sistema mental/espiritual, também são inconscientes, pois apenas uma faixa restrita destas atividades se dão na consciência. Morin (1996a) afirma que a consciência, por si mesma, nada sabe do nosso organismo, do cérebro, do mundo, das operações do pensamento, e se pudesse ser isolada do pensamento, da linguagem e da inteligência, nada saberia de si mesma. Estamos aqui evidenciando que há uma dialógica entre consciência → inconsciência em relação aos processos que fazem parte da *corporeidade/subjetividade* humana.

Considerar esta dialógica permite compreender a consciência como epifenômeno e, ao mesmo tempo, fenômeno principal que emerge do sistema mental/espiritual. Como epifenômeno, a consciência pode ser concebida apenas como “um relâmpago que brilha e logo se apaga, fogo-fátuo incapaz de modificar um comportamento ‘programado’ (pelo aparelho genético, a cultura)” (MORIN, 2003, p. 107). Ou ainda como uma superestrutura que resulta “de uma organização das profundidades e que, como tudo aquilo que é secundário e

dependente, só pode ser superficial”. Todavia, se considerássemos apenas estes aspectos da consciência, não seria reconhecida, malgrado ser epifenomenal, ser também uma qualidade global extraordinária que emerge da atividade cérebro-mente/espírito-cultura, permitindo, via linguagem, a autorreflexão, pela qual o ego-Eu emerge à mente. Se a considerássemos apenas como superestrutura não poderia haver retroação e a recursão da consciência sobre os pensamentos, o comportamento e sobre o próprio ser, podendo modificá-los. E um exemplo das marcas mais profundos que essas qualidades da consciência acarretaram no ser, no comportamento e no pensamento do *Homo sapiens* foi o despertar da consciência da morte, ou seja, a consciência de que todo indivíduo-sujeito humano é finito (MORIN, 1979, 1988, 2003).

As limitações impostas por esta concepção epifenomenal e superestrutural impedem o reconhecimento da “dimensão absolutamente nova e por vezes decisiva que a aptidão autocrítica da consciência pode trazer à pessoa” (107). Por esta razão, a consciência deve ser reconhecida, “sobretudo e principalmente, como produto supremo, o mais rico do espírito humano. O seu valor está ligado a sua fragilidade, como tudo aquilo que para nós é o melhor e o mais precioso” (p. 108).

Exposto essa complexa condição da consciência, em relação dialógica com a inconsciência, e enquanto fenômeno ao mesmo tempo efêmero e fundamental para o indivíduo-sujeito humano, podemos passar a resgatar as bases bio-lógicas das quais emerge a consciência, conforme propõe o pensamento complexo. Como indicamos acima, o pensamento consciente “Eu sou” tem sua raiz mais profunda na autocomputação celular, na qual se dão os processos de tratamento objetivo e subjetivo de si mesmo, tanto no ser unicelular quanto em cada ser celular de um organismo humano, e que são, justamente, os fundamentos filogenéticos e ontogenéticos da consciência humana. O princípio de objetividade proposto por Morin (1999), e já apresentado acima, permite esclarecer como o sujeito pode tratar-se como objeto de si mesmo. Para elucidar mais profundamente como se dá esse processo, precisamos compreender como o estatuto de objeto e a qualidade objetiva são necessariamente incluídas no interior do si do ser celular ou unicelular, uma das instâncias da autocomputação, como já explicado no capítulo 4.

Como vimos, o ser computante unicelular ou celular trata os seus constituintes moleculares (do seu ambiente interno) como objetos, embora façam parte do si e necessariamente porque fazem parte do si. Com efeito, estes constituintes moleculares

devem ser objetivamente fiáveis como operadores de manipulação organizadoras, e eles mesmos devem ser totalmente manipuláveis, isto é, constituírem puros objetos submetidos à auto-organização. De fato, eliminados logo que se degradam, são imediatamente substituídos por novos objetos. Estes objetos moleculares têm portanto duplo estatuto: fazem parte do si mas, ao mesmo tempo, são elimináveis e substituíveis, isto é, destacados do si. *Fazem parte do si, mas não fazem ontologicamente parte do sujeito, embora estejam sob sua dependência e este esteja sob a sua dependência* [grifo do autor]. (MORIN, 1999, p. 164)

Este processo que se dá na auto-organização do ser celular ou unicelular justifica o tratamento objetivo presente na autocomputação e a existência das instâncias do si, justamente o ser objetivamente computado, e, conseqüentemente, do mim, entidade subjetiva/objetiva comum ao si e ao eu, e do eu, instância subjetiva computante, já que são instâncias interdependentes que formam o circuito da autocomputação celular. Ainda é necessário considerar que o ser celular autocomputante é um ser-sujeito todo-uno, pois “computa-se a si mesmo não só em pormenor mas também enquanto ser-uno” (MORIN, 1999, p. 164), o que lhe permite ser de certo modo objeto de si mesmo e de conhecer-se objetivamente. A sua condição de ser todo-uno operada pelo *computo* é o que possibilita abstrairmos que este opera o “eu sou” do ser celular ou unicelular, articulando a lógica do ser (autorreferência e egocentrismo), a organização do ser, a existência do ser, a qualidade de sujeito do ser, enfim, a unidade do ser-indivíduo-sujeito.

Além desses aspectos da autocomputação celular, no que diz respeito mais especificamente a sua aptidão para tratar-se objetivamente, tanto os seus constituintes quanto a si mesma como um todo-uno celular, como também já foi exposto no capítulo 5, há, necessariamente, uma reflexividade que justifica a fundamentação da hipótese do *computo*. Com mais este aspecto, Morin (1999) evidencia o circuito reflexivo autocomputante o qual lhe permite afirmar que há uma autorreflexão arcaica propriamente celular, inseparável da práxis auto-organizadora do ser e sem comportar representações, imagens mentais ou ideias. A importância de resgatar essas ideias está na possibilidade de elucidar as bases bio-lógicas das quais emerge a consciência humana, que, guardando essa herança filogenética complexificada ao longo da evolução da vida, também tem na reflexividade propriamente humana sua característica fundante.

Desta base bio-lógica presente no *computo*, podemos compreender a emergência da reflexividade do “Eu sou” pela linguagem e sustentado pelas interpolimegacomputações (celular e cerebral) que possibilitam a passagem do *computo* ao *cogito* (pensamento). Considerando que este é uma das qualidades que emergem da atividade cerebral em interdependência com a consciência, da qual pode se desenvolver a consciência de si, um dos seus ramos, possibilitando a autorreflexão propriamente humana. Mas antes de definir melhor

o que Morin concebe como a consciência humana e os seus ramos, os quais são fundamentais para os processos do sistema mental/espiritual, devemos tratar da sua relação inseparável com o pensamento e, conseqüentemente, com a linguagem.

Neste sentido, Morin (1996a) afirma que a consciência é a emergência do pensamento reflexivo do sujeito sobre si mesmo, sobre suas operações e ações, mediante a linguagem, que, enquanto mediadora do pensamento, oferece a possibilidade reflexiva para que as operações da mente/espírito se tornem objetos de consciência. Com esse nível da reflexividade, a consciência floresce e faz desenvolver a reflexividade do pensamento sobre si mesmo, que, por sua vez, a faz desenvolver, evidenciando a interdependência entre estas duas emergências saídas de miríades de inter-retroações computantes-cogitantes. E como explicitaremos mais à frente, juntamente com o pensamento e a consciência há outra emergência que participa desta interdependência, a inteligência propriamente humana.

Para podermos caracterizar o que define mais especificamente a consciência para Morin (1996a, 2003), é necessário partir desta interdependência que ela mantém com o pensamento (em inter-relação com a linguagem) e a inteligência, pois cada uma supõe e comporta as outras. Esta interdependência também evidencia que se trata de qualidades diferentes as quais compõem o sistema mental/espiritual e que emergem das atividades cerebrais em inter-relação com a cultura. É partindo desta perspectiva que Morin faz a seguinte afirmação:

o pleno desenvolvimento do espírito comporta a sua própria reflexividade, ou seja, a consciência. Sob todos os aspectos, a consciência é o produto e a produtora de uma reflexão; o termo reflexão pode ser considerado num sentido análogo ao do espelho ou da lente, mas, ao nível do espírito, a reflexão é muito diferente de um jogo óptico: é o retorno do espírito sobre si mesmo através da linguagem; este retorno do espírito permite um pensamento do pensamento capaz de retroagir sobre o pensamento, e permite correlativamente um pensamento de si capaz de retroagir sobre si. (1996a, p. 178)

Tomando o termo reflexão ou reflexo, o autor (1996a, 2003) explora seus dois sentidos: um que é análogo ao sentido óptico do espelho que significa o desdobramento do refletor em refletido e o segundo que faz referência à volta em círculo da mente/espírito sobre si mesmo, por meio da linguagem, permitindo um metaponto de vista em relação ao ponto de vista refletido. Em relação ao primeiro sentido, a consciência permite o desdobramento das atividades e coisas do espírito/mente que considera: pensamentos, imagens mentais, ideias e inclusive elas mesmas, estabelecendo uma consciência de si mesma, o que já remete ao segundo sentido do termo reflexão. “É o círculo que reúne o refletor ao refletido, os identifica e estabelece esta unidade da dualidade de uma consciência da consciência” (2003, p. 107),

sendo, por esta razão, ao mesmo tempo evidente e misteriosa. Mesmo sendo uma qualidade subjetiva da mente/espírito, seu desdobramento permite ao sujeito objetivar e tratar objetivamente suas atividades psíquicas e seus comportamentos num segundo grau, bem como tratar-se objetivamente a si mesma. É também o que permite, de certo modo, a separação e o distanciamento do sujeito de si para si e de si para seus pensamentos e objetos do conhecimento.

Ainda no que concerne ao segundo sentido do termo reflexão, é o caráter desdobrado da consciência que permite, em relação a si mesma, estabelecer, em segundo grau, uma consciência da consciência, como indicado acima, ou um metaponto de vista.

A esse título, a consciência é como um miradouro, que permite ao espírito considerar-se a si mesmo de um ponto de vista superior, sem, contudo, deixar de permanecer no interior de si mesmo. Todavia, ao contrário de um miradouro, a consciência não é um edifício fixo e estável. É um anel auto-(cérebro-psico) produtor que, em si mesmo, constitui o metassistema superior, embora interior ao sistema cérebro-espiritual, e que permite a autodescrição, a autocorreção e o autodesenvolvimento do conhecimento, do pensamento, da psicologia e do comportamento do ser consciente. (MORIN, 1996, p. 179)

Consideradas as duas características próprias da consciência humana, o desdobramento e o metaponto de vista, podemos compreender que a reflexividade da mente em relação a si mesma constitui um anel recursivo que produz, “segundo a intenção do sujeito, a consciência de si, a consciência dos objetos do seu conhecimento, a consciência do seu conhecimento, a consciência do seu pensamento, a consciência da sua consciência” (MORIN, 1996a, p. 180). Aqui, o autor destaca a intencionalidade como aspecto da consciência, por meio da qual o sujeito cognoscente pode se direcionar seja para os objetos do conhecimento, para o processo de conhecimento, que se dá em si mesmo, e também para os seus estados subjetivos e seus comportamentos, tornando-se sujeito/objeto de si mesmo.

Para o autor, a consciência pode acompanhar e intervir ao longo dos processos em que se dão o conhecimento, o pensamento, a ação e também, como consideramos necessários incluir e destacar, a afetividade (sensações, emoções, sentimentos). Neste sentido, o pensamento pode pensar-se ao fazer-se, considerando tanto o aspecto mental-cognitivo (pensamentos, imagens e ideias) quanto o aspecto afetivo que acompanha o pensamento no seu próprio movimento. Com isso, é possível colocar “constantemente o nosso ponto de vista na órbita do metaponto de vista (reflexivo), e fazê-lo voltar ao ponto de vista piloto, integrando-lhe a lição da reflexividade, isto é, modificando o conhecimento, o pensamento ou a ação em virtude da tomada de consciência” (MORIN, 1996a, p. 180). Ou pelo menos, no que concerne aos impactos do inconsciente na produção de pensamentos e ideias obsessivas

perturbadoras, indissociadas da insistência de afetos tortuosos, que não cessam de compor estados emocionais angustiantes e de estados mentais desorganizantes, prejudicando a saúde mental, buscar reconfigurá-los com o intuito de compreender os sentidos explícitos e ocultos e assim transformá-los de modo a gerar novas configurações somáticas/subjetivas.

### **7.5.1 Sabemos que sabemos e precisamos saber (mais) sobre quem somos: consciência cognitiva e consciência de si**

Com o que foi exposto até aqui acerca da consciência enquanto fenômeno reflexivo mental, podemos caracterizar essa emergência, que tem sua raiz filogenética mais profunda na reflexividade operada pelo *computo* do unicelular e sua raiz ontológica mais profunda no *computo* do ser celular-organísmico, como o nível radicalmente novo da subjetividade humana. Como mencionamos acima, devemos ainda considerar que a consciência tem pelo menos dois ramos, os quais estão um incluído no outro como o yin-yang do símbolo taoista (figura 6). Por um lado, temos a consciência que incide sobre as atividades cognitivas (conhecimento das atividades mentais por estas mesmas atividades: sabemos que conhecemos; sabemos que pensamos para conhecer), sendo assim uma consciência cognitiva. E, por outro lado, temos a consciência de si (conhecimento reflexivo de si: sabemos, em alguma medida, sobre nossas intenções, sentimentos e pensamentos; temos algum autoconhecimento). A relação yin-yang entre as duas formas de consciência se dá na sempre presença virtual da consciência de si, na consciência cognitiva, já que “a consciência que visa um objeto visa-se ao mesmo tempo a si mesma em virtude do necessário retorno do anel reflexivo sobre si próprio” (1996a, p. 180).

No que diz respeito à sua importância capital para o sistema mental/espiritual, e enquanto uma dimensão dos processos subjetivos/psicológicos do sujeito humano, é a consciência de si que permite que “a unidade do Eu se desdobre, objetivando-se num ego, e reunifica-se identificando estes dois termos em eu-sou-ego” (MORIN, 2003, p. 107). Como colocado no capítulo anterior, quando abordada a questão da identidade pessoal, é a partir deste desdobramento, desta capacidade do Eu tratar-se objetivamente, que o indivíduo-sujeito humano tomou a primeira consciência de si, objetivando-se no seu duplo e permitindo que a mente pudesse se autoanalisar e se autocriticar. Podemos, então, compreender que a consciência de si repousa no princípio fundamental da autocomputação e da autocognição.

Como também já mencionado no capítulo 4, o duplo, enquanto fenômeno e categoria antropológica fundamental que evidencia a reflexividade arcaica inconsciente considerada na



forma de um espectro corporal (distinto de si, ao mesmo tempo que permanece idêntico a si) imortal, a qual deu origem à ideia de espíritos e fantasmas, é também, conforme propõe Morin (2003), o testemunho de uma paleo-consciência arcaica. Com o desenvolvimento das civilizações históricas, houve, simultaneamente, a interiorização e a espiritualização do duplo, de tal forma que a alma (a sensibilidade, a afetividade, a vulnerabilidade humana) e o espírito/mente (pensamentos, imagens, ideias) se tornaram os mediadores da consciência de si, possibilitando a consciência da própria subjetividade. Conforme exemplifica Morin (2003, p, 107), “o exame reflexivo de si sobre si pôde assim suscitar obras em que o sujeito se torna o seu próprio objeto de estudo, como os Ensaio de Montaigne. Este pensador, ao descobrir, na sua própria singularidade, ‘a condição humana’, adquiriu uma consciência de humanidade, integrando-se na condição humana e ao mesmo tempo integrando-a nele”.

A consciência de si interiorizada e espiritualizada comporta fundamentalmente, ao mesmo tempo, a unidualidade do mim (tratar-se objetivamente e subjetivamente) e, por isso, o diálogo consigo próprio, este último enquanto a “voz interior” e o *inner speech* de Luria, conforme coloca Morin (1996a). Desta forma, podemos compreender que a consciência de si só é possível mediante uma certa separação<sup>63</sup> da mente-cérebro, que é, em certa medida, estranha a si e da qual é, num certo sentido, como assinalamos acima, epifenomenal. E também não podendo abarcar toda a mente/espírito - conforme pudemos elucidar desde a definição da noção de aparelho psíquico e de sistema psíquico-afetivo-relacional que emergem do inconsciente profundo da maquinaria corporal, e do qual também emerge a própria mente/espírito -, a consciência é, ao mesmo tempo, estranha e íntima ao próprio sujeito.

Esta condição de um sujeito dotado de uma consciência desta natureza nos permite ter uma primeira compreensão das razões de cada um de nós conhecer-se tanto e tão pouco a si mesmo, tão bem e tão mal. Ao mesmo tempo em que temos um conhecimento íntimo, secreto e pessoal de si mesmo, também esquivamos, ludibriamos e enganamos a si mesmo. Aqui chegamos novamente numa questão fundamental e no fenômeno antropológico capital da *self-deception* ou da mentira a si mesmo que, de acordo com Morin (1996a), é resultante da natureza e da estrutura da consciência. Estamos ao mesmo tempo longe demais de nós

---

<sup>63</sup> Cabe aqui destacar que nesta concepção de consciência proposta por Morin (1996a, 2003), enquanto consciência de si, não há a possibilidade da existência de uma unidade da consciência do sujeito, de tal forma que a separação sujeito e objeto, que se dá na relação do sujeito consigo mesmo, pudesse se dissolver estabelecendo-se uma unidade. Neste sentido, o autor afirma que “uma consciência que invadisse o todo do espírito, uma consciência absoluta abolir-se-ia no próprio ato da sua realização; o estado de metaconsciência afunda-se no estado da infraconsciência; assim a pura consciência do *samadhi* obtém-se no desvanecimento da consciência. O fim da consciência separada é o fim da consciência pura e simples” (1996a, p. 183).

mesmos em virtude do seu caráter epifenomenal, o que a enfraquece, e perto demais de nós mesmos pela nossa condição egocêntrica fundante, o que pode pervertê-la. Por esta razão, o diálogo de um sujeito consigo mesmo por meio da consciência é fundamentalmente necessário, “aproximando-nos melhor e afastando-nos melhor de nós mesmos. Isso deveria incitar-nos a cultivar a nossa aptidão, para a auto-análise, recorrendo ao mesmo tempo à intervenção simpática e crítica dos outros: o auto-exame só pode ser auto-heteroexame” (p. 183).

Examinado a consciência de si como um dos dois ramos da consciência e retomando a concepção dialógica entre consciência e inconsciência na perspectiva moriniana, podemos, então, considerar como se dá a relação entre estes aspectos que compõem o fenômeno da consciência humana e a produção de sentido, em inter-relação com os processos afetivos. No anel genésico e generativo, que caracteriza o fluxo das configurações somáticas/subjetivas, estão inscritas as correntes de afetos (sensações, emoções e sentimentos marcados pelos espectros que vão do prazer à dor e do amor ao ódio) e pensamentos (simbólico/mítico e racional/empírico) que constituem e carregam, justamente, os sentidos.

Estas correntes de afetos e pensamentos, enquanto processos, se dão tanto inconsciente quanto conscientemente, ou seja, as produções de sentido podem se dar tanto fora do olhar do observador da consciência de si quanto na sua presença, de tal forma que o sujeito pode acompanhá-las no seu próprio movimento genésico, como sinalizamos acima. Todavia, devemos considerar que a maior parte desses processos emergem e se dão primeiramente no nível inconsciente, pois a própria consciência é um fenômeno que emerge de um fundo inconsciente e segundo um processo inconsciente, isto é, emerge do ser-máquina profundo, produtor/produto de um protopsiquismo (celular e intercelular) presente em todo o organismo, e de um psiquismo inconsciente.

Devemos também considerar que as configurações somáticas/subjetivas, as quais se organizam a partir do anelamento, em si mesmo, destas correntes de afetos-pensamentos, são os anéis/circuitos que constituem o Eu (um anel/circuito maior), que, por sua vez, abarca os múltiplos egos (anéis/circuitos menores), na dialógica inconsciência → consciência. Assim, tanto o Eu contínuo e unificador emerge a partir do inconsciente, podendo se tornar consciente na presença do observador da consciência de si, quanto os egos descontínuos, que podem também ocupar o lugar diretor dos afetos e pensamentos que determinam as ações do indivíduo-sujeito, sem que ele tenha consciência desse processo, mas também podendo se tornar consciente, de tal forma que o indivíduo-sujeito tenha uma margem de escolha na tomada de decisões e ações em sua vida.

### **7.5.2 Duas capacidades extraordinárias da consciência de si: o autocontrole de processos biológicos e a meditação**

Para fecharmos a discussão acerca deste atributo singular e exclusivo da dimensão mental/espiritual humana, a consciência, consideramos indispensável fazer alusão à possibilidade do ser humano desenvolver duas capacidades a partir da consciência de si. Uma é a capacidade de direcionar sua vontade para controlar alguns dos seus processos corpóreos automatizados pelo mecanismo do maquinário corporal inconsciente. A outra é a meditação, entendida diferentemente do que já mencionamos acerca da possibilidade da reflexão da mente/espírito sobre os objetos do conhecimento e da sua vigilância crítica e autocrítica.

Como o próprio Morin (1996a, 1999, 2003) faz menção, malgrado a fraqueza insigne do comando voluntário do corpo profundo, isto é, deste corpo dos processos auto-organizadores automatizados desde o nível das bilhões de células e também dos sistemas orgânicos inter-relacionados, há a possibilidade de se desenvolver uma aprendizagem voluntária e consciente que permite, por exemplo, controlar as batidas do próprio coração, como certos iogues alcançam.

Com relação à capacidade de meditar, consideramos primeiramente que tal experiência deva ser compreendida a partir do que foi exposto acima acerca da possibilidade do metaponto de vista. Nele, a consciência é como um miradouro, que permite a mente/espírito considerar-se a si mesma de um ponto de vista superior, sem, contudo, deixar de permanecer no interior de si mesma, identificando, de maneira objetiva, seus objetos de conhecimentos (imagens mentais, pensamentos e ideias) sem identificar-se completamente com eles, já que guarda a instância subjetiva/objetiva do “Eu sou ego” (MORIN, 2003).

Um segundo aspecto relacionado à capacidade de meditar, e que é parte da sua infraestrutura-mental, é a desconexão entre o comportamento e a mente, permitida por um conjunto de automatismos orgânicos, conforme já havia sido indicado acima quando mencionamos a desconexão entre conhecimento e ação. Esta característica da relação cérebro-mente e ação permite a possibilidade de “meditações ‘transcendentais’ (que manifestam um estado hipometabólico [e de hipoatividade psíquica] oposto ao estado de alarme) e de êxtases [hiperatividade psíquica] (que põem o organismo e o ser inteiro ao serviço de uma comunhão metacognitiva)” (MORIN, 1996a, p. 109). O autor encontra as referências para considerar estes estados de percepção nas pesquisas de Roland Fischer, na obra intitulada “*A cartography of the ecstatic and meditative states*”, e de Lawrence Le Shan, denominada “*The Medium, the Mystic and the Physicist*”.

A importância de se considerar a possibilidade de estados perceptivos como estes está na compreensão de que nossas configurações somáticas/subjetivas constitutivas do Eu e dos egos estão numa faixa média ou banda média estabelecida pela separação e a distinção Eu-ego, consideradas nesta perspectiva que estamos tentando delinear a partir do paradigma da auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (comunicacional/informacional/comunicacional). As possibilidades que se abrem com experiências perceptivas relacionadas aos dois polos indicados por Morin (1996a), de estados de hipoatividade psíquica com dessensibilização progressiva aos estímulos exteriores e a experiência de profunda tranquilidade e serenidade psicossomática e de estados de hiperatividade psíquica que conduzem ao êxtase psicossomático, podem permitir novas configurações somáticas/subjetivas que contribuem para gerar mudanças desejadas pelo próprio indivíduo-sujeito. Isto porque podem mobilizar as correntes de afetos-pensamentos de maneira a gerar sentimentos prazerosos suaves e ternos e a diminuição significativa da atividade mental, a ponto de gerar tempos de silêncio mental, com a ausência da atividade da voz interior. Por outro lado, também gerando sentimentos prazerosos intensos e o aumento da atividade mental com a formação de representações com valor estético para o indivíduo-sujeito, de tal forma que seu estado mental seja de pura beleza. Seja de uma forma ou de outra, estas mobilizações das correntes de afeto-pensamento podem gerar sentidos que auxiliem nos processos de mudanças desejados e necessitados por uma pessoa.

Todavia, devemos levar em consideração que nossos estados perceptivos mais comuns são relativos à banda média. Entre a cosmofísica (formação e embates de galáxias, explosões de estrelas, buracos negros) e a microfísica (movimentos e encontros de partículas) estão as formas, organizações, coisas e seres, entre eles, nós humanos, próprios desta banda média. E são esses fenômenos da banda média que “ganham forma e substância no encontro colaborador entre o nosso espírito e o mundo, são realidades organizadas, organizadoras e acontecimentais que têm sua própria consistência” (MORIN, 1996a, p. 205), justamente, bio-antropo-social, com toda a intensidade existencial das nossas vidas que se dão num campo antropológico-histórico-sociológico-político-econômico.

## **7.6 O sistema mental/espiritual e a inteligência humana: a arte estratégica para articular pensamento e consciência no autoconhecimento**

Para concluirmos a fundamentação da dimensão ou sistema mental/espiritual da subjetividade/corporeidade do indivíduo, precisamos tratar de mais um atributo: a inteligência

humana. Se poderíamos ou até deveríamos ter tratado deste atributo antes dos dois examinados primeiramente, o pensamento, em inter-relação com a linguagem, e a consciência, já que ela é uma qualidade anterior tanto do ponto de vista filogenético quanto ontogenético, a deixamos por último porque é, justamente, a emergência destes outros atributos, ou qualidades da mente, que permite o desenvolvimento da inteligência propriamente humana.

Em síntese, Morin (1996a) define inteligência em duas palavras: arte estratégica. No entanto, para alcançar esta definição sintética, o autor parte de uma análise minuciosa para identificar os aspectos e princípios originários no *bios* que evidenciam as primeiras emergências desta qualidade que, ao se complexificar ao longo da evolução da vida, se expressa no ser humano com características próprias, mas mantendo aquelas outras originárias. Neste sentido, a inteligência deve ser entendida como arte estratégica na ação e no conhecimento, se desenvolvendo nos vegetais e, principalmente, nos animais, pois a existência deste último depende da ação no ambiente e, por isso, do conhecimento do ambiente, necessitando de estratégia de ação — estratégia cognitiva.

Na perspectiva proposta por Morin (1999), há uma oposição complementar entre programa e estratégia, isto é, entre um conjunto de instruções codificadas e inscritas previamente e o desencadeamento de sequências de operações coordenadas envolvendo decisões iniciais e sucessivas que podem provocar mudanças na cadeia e até na natureza das operações previstas. Apesar de recorrerem um ao outro, é necessário compreender que a noção de estratégia é mais fundamental, isto porque os programas nascem de estratégias inventivas que obtiveram êxitos frente aos desafios de sobrevivência, criando as condições de estabilidade e de proteção que permitem repeti-las. Por esta razão, a inteligência é a virtude de natureza estratégica que se desenvolve na ação e no conhecimento, ligando um ao outro. Estando presente, principalmente, nos animais, é a partir dos mamíferos que ganha maiores desenvolvimentos, enquanto arte estratégica individual (MORIN, 1996a).

No seu sentido animal, a inteligência comporta conjuntamente a astúcia, a utilização do álea, a capacidade de conhecer os seus erros e a aptidão para aprender, sendo todas elas qualidades inteligentes; a reunião dessas qualidades num feixe caracterizam um ser inteligente. É neste sentido que podemos reconhecer a emergência da inteligência no *bios* muito antes do surgimento do *Homo sapiens* e, conseqüentemente, antes das qualidades, a princípio, exclusivamente humanas, tais como: o pensamento, a linguagem e a consciência. Em parte, podemos compreender essas últimas qualidades como os resultados dos desenvolvimentos filogenéticos da própria inteligência, como arte estratégica na ação e no

conhecimento. Tratando das características próprias da inteligência humana, Morin afirma que

é permanecer ao mesmo tempo viva, animal, individual, tornando-se espiritual e cultural, desenvolver-se aos níveis inter-correlacionados da linguagem, do pensamento, da consciência, e estender-se em todas as esferas das atividades e pensamentos humanos.

A inteligência humana tem de enfrentar, não já apenas um meio, mas o mundo, que já não é apenas biofísico, mas também psíquico, cultural, social, histórico. Assim, se há herança da inteligência animal, mamífera, primática no homem, há recomeço da inteligência ao nível do espírito, da cultura e da sociedade. (1996a, p. 167)

Considerando, então, que a inteligência propriamente humana se ergue ao nível do pensamento e da consciência, os quais necessitam do exercício da inteligência, e que é mediante o pensamento que a inteligência humana coloca interrogações e levanta problemas, encontra soluções, inventa e é capaz de criar (MORIN, 2003), devemos considerar sua participação na consciência de si e da relação deste ramo da consciência com a produção de sentidos. Lidando com a dialógica inconsciente-consciente, o sujeito, dotado de consciência de si, precisa da arte estratégica para observar as suas próprias produções de sentido de maneira a poder enfrentar seu próprio mundo psíquico, ou seja, buscar seu autoconhecimento frente às situações sociais que impelem interrogações acerca de si mesmo, como são aquelas marcadas por conflitos com seus pares, em diferentes contextos interpessoais e sociais.

Neste processo de autoconhecimento, o sujeito estará lidando com a sua complexa identidade pessoal, constituída por um Eu contínuo e unificador e também por múltiplos egos descontínuos que atuam em sua produção subjetiva e em seu comportamento ou ação. Diante deste quadro, o sujeito precisa elaborar estratégias de observação de si mesmo, tomar consciência de si mesmo, para identificar a atuação dos seus egos nas diferentes e múltiplas situações sociais, de maneira a se conscientizar das características e papéis específicos desempenhados pelos egos. É importante considerar que a atuação dos egos diante das diferentes situações sociais é um processo que se dá na inter-relação entre o passado e o atual da vida do sujeito. Por esta razão, o seu processo de autoconhecimento, mediado pela arte estratégica da consciência de si, deve possibilitá-lo revisitar o passado para compreender as origens interpessoais e intersubjetivas dos seus diferentes egos e, ao mesmo tempo, buscar compreender a situação presente na qual se configuram as situações sociais em que está envolvido e lidando com os desafios e conflitos interpessoais, identificando o que é próprio desta relação atual.

Articulando-se ao processo da consciência de si, também o pensamento, enquanto arte dialógica que associa constantemente em si as duas formas de pensamentos/linguagens

(simbólica/mítica e a racional/empírica) com suas diferentes características, se associa à inteligência para criar estratégias cognitivas que podem contribuir para o sujeito compreender seus processos subjetivos nos diferentes contextos sociais, nos quais mantém interações. Utilizando-se das qualidades específicas de cada forma ou corrente de pensamento destacados acima, indo de um a outro, numa dinâmica dialógica, o sujeito pode interrogar a si mesmo e seus pares, analisar e investigar a si mesmo e os outros, no sentido de buscar uma compreensão e uma explicação da sua condição humana nas diferentes situações e contextos sociais. E a partir daí, levantar os problemas e conflitos que traz consigo e que se estabelecem nas relações sociais, bem como criar e encontrar as soluções necessárias para eles.

Considerando a inteligência como mais um atributo da dimensão mental/espiritual e evidenciando a interdependência entre pensamento, consciência e inteligência, podemos estabelecer o fecho da fundamentação desta dimensão ou sistema que compõe a subjetividade/corporeidade do indivíduo humano, pelo menos para este primeiro momento de construção teórica.

Como tentamos elucidar ao longo desta fundamentação teórica, seguindo o itinerário do pensamento complexo na obra “O método” de Edgar Morin, a dimensão mental/espiritual é o resultado do segundo e do terceiro níveis de emergências da subjetividade na *corporeidade/subjetividade* humana. Sua emergência se dá, concomitantemente, com a emergência da dimensão psíquica-afetiva-relacional, que compõem o segundo nível, e ambas com a dimensão orgânica-sensório-motora, que compõe o primeiro e o segundo níveis.

Partindo da perspectiva sistêmica/organizacional proposta por Morin, podemos evidenciar a infraestrutura organizacional e o dinamismo que caracteriza o ininterrupto e constante fluxo configuracional destes três sistemas da corporeidade/subjetividade. Assim, foi proposto que os processos destes três sistemas são caracterizados pelas configurações somáticas/subjetivas. Essa noção traduz o caráter recursivo entre o sistema orgânico-sensório-motor, com suas configurações somáticas, e os sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, geradores de configurações subjetivas. Isto é, os sistemas psíquico e mental, que emergem do sistema orgânico em inter-relação com a cultura, como produto e efeito, se tornam fator causal e produtores dos processos orgânicos. Ao passo que o termo subjetivo, na expressão “configurações somática/subjetiva”, faz referência ao primeiro e segundo níveis de emergência da subjetividade, e o termo subjetivo, da expressão “configurações subjetivas”, faz referência ao segundo e ao terceiro níveis de emergências, podemos considerar a primeira expressão como a síntese dos processos de subjetivação do indivíduo, entendendo que o termo subjetivo passe a se referir à indissociabilidade dos três níveis de emergência da subjetividade

humana, guardando cada um deles uma relativa autonomia que cada um dos sistemas permite evidenciar.

Até aqui, foi desenvolvida a fundamentação de uma concepção de subjetividade relacionada ao indivíduo humano em sua corporeidade/subjetividade, delimitada pelo seu sítio egocêntrico e a partir do qual se dá a sua autorreferência e se estabelece a sua individualidade. No entanto, a sua condição de indivíduo e membro de uma espécie não pode ser absolutamente considerada sem a sua inter-relação com a sociedade, conceito trinitário (indivíduo-sociedade-espécie), estabelecido por Morin (1979, 1996a, 1997, 1999, 2003) como fundamental para a compreensão da complexidade humana. Por esta razão, como foi evidenciado desde o capítulo em que apresentamos a definição do conceito de corporeidade/subjetividade, a noção de subjetividade do indivíduo esteve sempre inter-relacionada à dimensão social e cultural, pois estas são determinantes para a emergência do segundo e terceiro níveis da subjetividade humana. E como também foi sendo indicado, precisaríamos chegar ao momento de tentar formular uma noção de subjetividade social, indissociado da subjetividade individual, para, então, arriscar uma aproximação à complexidade humana, no que diz respeito a esta temática tão cara à psicologia clínica. Desta forma, passaremos agora a mais este desafio no capítulo que se segue.



## CAPÍTULO 8 - A SUBJETIVIDADE SOCIAL

A complexidade do ser social é o caldo de cultura da complexidade individual. Assim, existe de fato uma  
aliança entre a sociedade de alta complexidade e os indivíduos.  
Edgar Morin (O método, v. V, p. 196)

A sociedade histórica é simultaneamente uma megamáquina e um ser dotado das características próprias de uma  
organização viva (auto-eco-organização): tem a sua esfera generativa (cultura), a sua individualidade singular, o  
seu aparelho central – o Estado.  
Edgar Morin (O método, v. V, p. 194)

Hoje, o Estado nasceu. Não podiam denominar-se assim os velhos organismos políticos, baseados na  
superposição de classes até o absurdo, inadmissível, de um domínio estrangeiro. Hoje, um povo não é um  
domínio, mas um organismo cuja alma é o Estado. Esta é a etapa hodierna das unificações dos indivíduos em  
coletividades, que progridem da família à classe, à nação, à humanidade. Para chegar-se a saber viver como  
unidades coletivas superiores, é necessário passar pelas unificações componentes menores, vivendo-as através de  
uma maturação gradativa e consciente.  
Pietro Ubaldi (A grande síntese, p. 338)

A proposta de delinear uma noção de subjetividade social foi inicialmente provocada pela própria obra “O método” de Edgar Morin, desde as elaborações iniciais do conceito de corporeidade (JOÃO, 2003; JOÃO; BRITO, 2004). De lá para cá, obtivemos o conhecimento de importantes propostas de concepções de subjetividade social (CASTORIADIS, 1982; GONZÁLEZ REY, 1997, 2003; GUATTARI; ROLNIK, 1986) que alertam a psicologia e a psicologia clínica para esta fundamental dimensão dos processos psicológicos humanos. Além disso, também foram pesquisados autores psicanalistas (GREEN, 1995; MEZAN, 2019) que realizam discussões entre a dimensão sociocultural e a psicanálise. Para tentarmos futuramente estabelecer diálogos que consideramos necessários entre as ideias capitais da obra “O método” e as concepções dos autores citados, buscaremos concretizar a proposta, já esboçada anteriormente, de elaborar uma noção de subjetividade social fundamentada no pensamento complexo.

### 8.1 Primeiras considerações acerca de uma noção de subjetividade social

O caminho trilhado até aqui para elaborar a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana seguiu o itinerário do pensamento complexo na obra “O método” para fundamentá-la e enraizá-la na *physis* (universo físico), no *bios* (universo dos seres vivos, da vida) e no antropossocial (universo humano). Ao longo desta caminhada, buscamos definir a referida noção a partir dos conceitos elaborados e apresentados por Edgar Morin nesta obra, permitindo que fosse evidenciada a sua constituição e a sua relação com cada um destes três grandes universos que estabelecem a condição humana a partir das suas inter-relações. Desta

forma, foi possível mostrar que a *corporeidade/subjetividade* humana é justamente uma emergência que resulta dessas inter-relações ou de um circuito/círculo relacional, constituindo um todo ou uma unidade global organizada dotada de qualidades e propriedades novas emergentes.

Acompanhando o movimento circular e espiral do pensamento complexo, buscamos elaborar o referido conceito de tal forma a mantê-lo no círculo relacional das três esferas do conhecimento que abarcam a condição humana. Neste movimento circular, espiral e relacional, foi sendo delineado o conceito dando destaque ao plano da condição individual do sujeito humano em sua corporeidade/subjetividade, mas também assinalando a indissociabilidade da sua condição social e cultural, pois ambas constituem e estabelecem, simultaneamente, a condição humana. Por esta razão, ao passo que se buscava explicar os processos constituidores da corporeidade e da subjetividade do indivíduo em seus diferentes níveis de emergências, também era indicado a participação determinante e indispensável da sociedade e da cultura nesses mesmos processos.

Assim, ao partirmos da ideia de emergência como o fio que tece e liga as arborescências da matéria organizada, pudemos compreender a *corporeidade/subjetividade* humana como uma emergência de emergências. Como já havíamos colocado, da formação dos átomos às estrelas, dos seres vivos unicelulares e pluricelulares até o ser humano e as sociedades humanas em nosso planeta, se organizaram sistemas de sistemas. Sendo assim, faz-se necessário abordar, precisamente, esta emergência e este sistema denominado de sociedade humana a partir da cultura, uma instância maior e um sistema gerador de subjetividade social, retroativamente constituidora do indivíduo-sujeito humano em sua corporeidade/subjetividade.

A importância dessa hipótese, a formulação de uma noção de subjetividade social, que Morin (1999, 2003) anuncia e desenvolve numa perspectiva epistemológica mais geral e marcada por um viés mais antropológico e sociológico para alcançar a ideia da humanidade da humanidade, e que aqui tentaremos direcionar à psicologia clínica, está na indissociabilidade da trindade indivíduo-sociedade-espécie, a qual mantém, diferencia e relaciona cada um destes termos. Assim, se os indivíduos são o produto do processo reprodutor da espécie, são eles que produzem esse processo reprodutor, ou seja, produzem a espécie. Se a sociedade é produzida pelas interações dos indivíduos, esta retroage sobre estes indivíduos através da sua cultura, permitindo-lhes que se tornem propriamente humanos, pois sem cultura o *Homo sapiens* se mantém preso às limitações das heranças primáticas. Desta forma, “a espécie produz os indivíduos que produzem a espécie, os indivíduos produzem a

sociedade que produz os indivíduos; espécie, sociedade, indivíduos entreproduzem-se, cada um destes termos gera e regenera os restantes” (2003, p. 48). E nesta coprodução mútua, estabelecem-se relações complexas, isto é, ora complementar, quando uma permite a existência da outra, e ora antagônica, quando há inibições e submissões de uma pela outra.

Conjuntamente a essa trindade fundamental da condição humana, também estivemos considerando, ao longo do desenvolvimento da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, a trindade cérebro-mente-cultura, também assumida por Morin (199a, 1999, 2003). Por esta razão, desde a apresentação da definição do conceito no capítulo 2 e, sobretudo, nos capítulos 6 e 7, foi sempre evidenciado que a emergência do segundo nível da subjetividade, tanto no seu primeiro nível de elaboração, o psíquico-afetivo-relacional, quanto no seu segundo nível, o mental/espiritual, que está relacionado à emergência do terceiro nível da subjetividade, a consciência, se dão mediante a inter-relação da corporeidade dotada de aparelho neurocerebral e a sociedade-cultura. Isto é, sem estar imerso numa sociedade e sem ser engendrado pela cultura, não podem emergir o segundo e o terceiro níveis da subjetividade no indivíduo-sujeito humano.

Desta forma, a título de uma primeira incursão nas complexas relações entre a subjetividade individual e a subjetividade social, podemos compreender que a emergência das três dimensões/sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo só podem se dar na condição ontológica relacional que as duas trindades evidenciam. Nela a emergência de uma subjetividade individual aponta necessária e conseqüentemente para a inter-relação entre a produção das configurações somáticas/subjetivas, nas quais se destacam as configurações subjetivas, e as configurações subjetivas sociais geradas e produzidas por uma subjetividade social. Esta, por sua vez, retroage sobre os indivíduos nos diferentes cenários da vida social, influenciando diretamente as suas configurações subjetivas/somáticas, que, por sua vez, vão compor as configurações subjetivas sociais.

Nesta perspectiva, conforme propõe Morin (1999, 2003), a cultura deve ser considerada como um *genos* propriamente social, e como buscaremos elucidar neste capítulo, sendo a geradora e produtora da subjetividade social. Assim, esta noção pode auxiliar na investigação e compreensão dessa dimensão subjetiva dos diferentes processos e instituições sociais, os quais compõem o complexo tecido social e suas múltiplas redes estabelecidas nos diferentes contextos sociais em que ela tem se configurado ao longo da história.

Um aspecto fundamental a ser destacado acerca dos processos geradores da subjetividade social, como também se dá nos processos subjetivos individuais, é a dialógica consciência → inconsciência. Esta dialógica está presente tanto no nível das configurações

somáticas/subjetivas individuais quanto no nível das configurações subjetivas sociais, de tal forma que num nível mais profundo dos processos subjetivos é a partir do inconsciente que se dão ambos os níveis de configurações subjetivas. Ao mesmo tempo em que também podem ser iluminadas pelo fogo-fátuo da consciência.

Fenômeno e qualidade global extraordinária do cérebro-mente/espírito humano, a consciência deve ser compreendida como uma capacidade e como uma função determinante na generatividade da subjetividade individual e social. Seja no seu ramo cognitivo e prático ou no ramo da consciência de si, a reflexividade é a sua característica fundamental nos processos subjetivos humanos. Mas, de fato, é enquanto consciência de si, na sua aptidão auto-observadora, autoanalítica e autocrítica, que a consciência pode trazer profundas e fundamentais transformações ao indivíduo e à sociedade humana.

Explicitadas as primeiras considerações acerca da noção de subjetividade social, passaremos agora à elucidação dos seus fundamentos organizacionais/sistêmicos. Nesta perspectiva delineada pelo pensamento complexo, a sociedade humana é um ser de terceiro tipo e, como todos os tipos de sociedades, emerge das interações de seres de segundo tipo (organismos multicelulares). Pela proximidade filogenética, devemos buscar nas sociedades animais os elementos sociobiológicos que permitiram a emergência das sociedades humanas e, com estas, a subjetividade social.

## **8.2 Da sociedade animal à sociedade humana: fundamentos sociobiológicos da subjetividade social**

Na apresentação da definição geral de *corporeidade/subjetividade* humana, no capítulo 2, foi indicado o caráter sistêmico do fenômeno social, justamente para mencionar a ideia de uma subjetividade social. Para iniciar a elaboração deste conceito, faz-se necessário retomar esta concepção de sociedade delineada por Morin. Em suas próprias palavras,

o fenômeno social emerge quando as interações entre indivíduos do segundo tipo produzem um todo não redutível aos indivíduos e que retroage sobre eles, isto é, quando se constitui um sistema. Existe, portanto, sociedade quando as interações comunicadoras/associativas constituem um todo organizado/organizador, que é precisamente a sociedade, a qual, como toda entidade de natureza sistêmica, é dotada de qualidades emergentes, e, com as suas qualidades, retroage enquanto todo sobre os indivíduos, transformando-os em membros desta sociedade. (1999, p. 221)

Esta primeira definição é exposta pelo autor para caracterizar a ordem da sociedade animal, da qual se formam as sociedades propriamente humanas. Neste sentido, Morin (1997, 1999) desenvolve suas ideias para evidenciar a dimensão oculta do sociológico no biológico,

de maneira a poder considerar a relação e a passagem da sociedade animal para a sociedade humana, que a inclui e ao mesmo tempo a ultrapassa, sem, no entanto, reduzir o antropológico ao biológico, mas sim enraizá-lo em complexidade.

As sociedades animais constituídas por indivíduos de segundo tipo (principalmente nos mamíferos e primatas), dotados de um sistema nervoso e um sistema de reprodução sexual, inscreve-se no ego-autocentrismo dos indivíduos, transformando-os, subjetivamente, como membros da sociedade e fazendo parte de um sociocentrismo. Processo possibilitado, conforme exposto nos capítulos 5 e 6, pelos princípios de associação/agrupamento e de comunicação/comunhão, os quais estabelecem o princípio de inclusão para todo indivíduo-sujeito vivo.

Entretanto, as sociedades não se sobrepõem às interações entre indivíduos-sujeitos, porque são estas interações que as constituem. Ao mesmo tempo, as sociedades não são simplesmente o resultado da soma destas interações, pois estas produzem um sistema social, uma emergência, qualidades e propriedades novas que são mais que a soma do todo das interações. Enquanto sistema, a sociedade é um todo organizador que retroage sobre os seus constituintes. Enquanto organização, “organiza retroativamente a produção e a reprodução das interações que as produzem, assegura a sua homeostasia através do *turnover* dos indivíduos que morrem e nascem, e, assim, continua a ser um *ser-máquina* autoprodutor e auto-organizador” (MORIN, 1999, p. 222). E como veremos, a subjetividade social é precisamente uma qualidade e uma propriedade nova que emerge nas sociedades humanas, principalmente, nas sociedades históricas.

Semelhante a eco-organização<sup>64</sup> da natureza e a organização dum organismo multicelular, a organização da sociedade animal se estabelece pela multiconexão entre os indivíduos que são seres computantes formando uma rede comunicacional/organizacional, uma espécie de sistema nervoso coletivo policêntrico, a partir de uma diversidade de cabeças computantes em interações. A sua sócio-organização, embora sendo policêntrica e constituída por indivíduos egocêntricos, se estabelece a partir da necessidade de se defender frente ao

---

<sup>64</sup> A noção de eco-organização, proposta por Morin (1999), é uma releitura da ecologia a partir de um pensamento organizacionista ou do pensamento complexo. Nesta perspectiva, os princípios de organização, estritamente físicos, concebidos a partir da *physis*, são integrados e ultrapassados para pensar a eco-organização cuja a originalidade reside no seu caráter vivo, o qual retroage sobre o seu caráter físico. Organizando-se a partir da vida, a eco-organização é a terceira dimensão organizacional da vida, além da espécie e do indivíduo. “Ora, a vida não é apenas a célula constituída por moléculas. Não é apenas a árvore multirramificada da evolução constituída por reinos, ramificações, ordens, classes, espécies. É também eco-organização” (p. 22). Em síntese, esta noção quer dizer que a natureza, enquanto a conjunção do meio geofísico (biótopo) em seu todo e o conjunto das interações entre os seres vivos de todas as espécies (biocenose), é um ser máquina organizador-de-si dotado de ser e existência, definido pelo macroconceito de *oikos*-sistema/organização ou simplesmente eco-organização.

mundo exterior, fazendo emergir uma fraternidade defensiva, e do sociocentrismo que a compõe (MORIN, 1999).

Desta forma, podemos considerar a existência de um *computo* sociocêntrico constituído pelas intercomputações individuais e operado pelas necessidades e pelos interesses vitais da sociedade, estabelecendo uma prática sociofinalitária em oposição ao ambiente exterior. Assim, cada indivíduo tem, “no âmago do seu ego-autocentrismo a presença imanente do ser societal. Um ‘para si’ societal constitui-se e reconstitui-se incessantemente a partir do ‘para nós’ dos congêneres, e a sociedade afirma-se como ‘ser-para-si’ nas suas ações e reações” (MORIN, 1999, p. 222).

Diferentemente das sociedades de formigas e térmitas, que são muito mais integradas, mais fechadas, mais, aparentemente, “organísmicas”, constituindo-se como ser de terceiro tipo - mas sem chegar a se desenvolverem como um ser societal plenamente individualizado e dispondo da qualidade subjetiva -, as sociedades animais são muito menos integradas, pois comportam rivalidades, concorrências, conflitos interindividuais. São também menos desenvolvidas, enquanto entidades do terceiro grau, e menos complexas na sua organização e no seu ser, bem como menos individualizadas que os indivíduos que as constituem. Por esta razão, Morin (1999) prefere denominá-las como entidades ao invés de seres e indivíduos de terceiro tipo, embora já tenham qualidades de ser e de individualidade e uma qualidade subjetiva embrionária, terminante e lacunar. Como nas situações de perigo externos, nas quais “a entidade coletiva constitui-se como ‘ser-para-si’, cada egocentrismo incorpora-se num auto-(sócio-ego)-centrismo, todo o indivíduo participa numa identidade comum que o seu *ethos* lhe prescreve” (p. 223).

Não obstante ser menos complexa, é justamente pelo seu inacabamento societal, isto é, pela sua característica conflituosa, aberta e inacabada, que as sociedades animais, sobretudo as dos mamíferos, oferecendo mais liberdade aos indivíduos - se comparada ao que um organismo pode oferecer aos indivíduos celulares e as sociedades de insetos aos seus indivíduos -, permitem os seus desenvolvimentos. E não por acaso, é a partir da evolução de uma sociedade primática aberta e inacabada, herdeira das sociedades de mamíferos, que vai emergir uma sociedade de terceiro tipo plena em sua auto-(geno-feno)-organização e em individualidade, e constituída, como logo à frente elucidaremos, por um *genos* propriamente social, a cultura, e por um aparelho social central, o Estado.

Outro aspecto importante a ser considerado acerca da organização social dos mamíferos é a marca das tendências quase “ecológica” e quase “organicista”. Em relação a esta última, a qual faz referência à integração dos indivíduos numa sociedade como um

organismo integra as suas células, as sociedades mamíferas comportam um aspecto “comunitário” a partir da inclusão transubjetiva dos seus membros em uma unidade solidária diante dos enfrentamentos exteriores. Ao mesmo tempo, possuem a tendência quase “ecológica”, que se destaca mais do que a “organicista”, pois semelhante às características da eco-organização, “a relação social é travessada por concorrências, rivalidades, antagonismos, lutas, dominações, subjugações, parasitismos entre indivíduos e entre classes (machos/fêmeas, velhos/novos)” (MORIN, 1999, p. 225). E é justamente essa última característica das sociedades mamíferas que permite conservar a plena individualidade e a plena subjetividade dos indivíduos no seio da sociedade.

Por esta razão, devemos identificar uma complexidade de base nas sociedades de mamíferos, na qual as relações de associação—comunicação são inseparáveis das relações de fraternização—concorrência e dominação —submissão. Nas interações entre os indivíduos-sujeitos há um jogo simultâneo e alternado de egoísmo e altruísmo, de necessidade e rejeição dos outros, de competição e cooperação, de repulsão e atração, de ameaça e apaziguamento. Estas sociedades podem ser consideradas como o caldo de cultura dos indivíduos de segundo tipo, composto, simultaneamente, pelas comunicações cooperativas, pelas comunhões afetivas e pelas oposições competitivas/agressividades. Nelas, emergem mais efetivamente a afeição mãe/filho, os jogos amistosos de luta entre os jovens, as atrações sexuais, que podem estabelecer casais, e o que Morin (1999, p. 226) considera poder ser identificado como “o esboço de antagonismos de classe machos/fêmeas, velhos/jovens, o esboço de explorações e sujeições entre semelhantes”.

Estas sociedades são dotadas de uma organização que comporta complexidade porque ao mesmo tempo em que se mantém graças às solidariedades que acabam se sobrepondo às competições, rivalidades e ameaças, estas formas de desordens, concorrências e antagonismos também contribuem, de certo modo, para a organização destas mesmas sociedades e para o desenvolvimento dos indivíduos que as compõem. Essa oscilação entre quase eco-organização, interações conflituosas, parasitárias, exploradoras que caracterizam os ecossistemas, e a quase auto-organização, interações solidárias que formam comunidades transubjetivas, como nos organismos, permite Morin (1999, p. 227) afirmar que se trata de um “balanço ontológico do ser social ao ser animal”. E que “há transfusão de seiva individual, subjetiva, autocêntrica do indivíduo à sociedade e da sociedade ao indivíduo” (p. 227), de tal forma que, em dado momento, tendem ao sociocentrismo e, em outros, ao ego-autocentrismo.

Essa característica dinâmica das sociedades de mamíferos aponta para o caráter simultâneo do desenvolvimento da autonomia e da subjetividade dos indivíduos de segundo

tipo e da sua sujeição às entidades de terceiro tipo. E isso é possível porque as sujeições são parciais e intermitentes, permitindo muitas comunicações e trocas intersubjetivas. E, não por acaso, vamos encontrar no processo de hominização (MORIN, 1979, 1999) o complexo desenvolvimento (complementar, concorrente e antagônico) da individualidade do *homo* e da individualidade social. Em outros termos, herdeira destes elementos constituidores das sociedades de mamíferos, as sociedades de primatas, precursoras da hominização, oferecerão as condições eco-organizadoras (ambientais) e auto-organizadoras para a emergência deste ser novo: o *homo*.

Sendo assim, não podemos perder de vista essas características sociobiológicas que subjazem nas subjetividades sociais que emergem do tecido social, em seus diferentes contextos institucionais das sociedades humanas modernas. Estas guardam essas heranças da animalidade, pois a passagem desta para a humanidade não suprimiu a animalidade, mas sim a desenvolveu no *homo*. E como tratou-se de um duplo desenvolvimento, o da individualidade e o da sociedade nas diferentes espécies que se constituíram no longo processo de hominização, até o surgimento da espécie *Homo sapiens*, a emergência tanto da corporeidade/subjetividade individual, com seus três sistemas inter-relacionados, quanto da subjetividade social guarda essa indissociabilidade. Por esta razão, devemos identificar uma inter-relação entre as heranças da animalidade presentes em diferentes aspectos que constituem os sistemas orgânico-sensório-motor, psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, conforme assinalamos nos capítulos 5, 6 e 7, e aqueles que constituem a subjetividade social, que aqui estamos destacando.

### **8.3 O surgimento da sociedade humana: a cultura como *genos* social e a emergência da subjetividade social**

A emergência deste ser novo, o *homo*, não pode ser compreendida a partir de uma concepção de hominização que se restringe ao desenvolvimento biológico de uma família de primatas. Para que emergisse o *homo*, era necessário que tivesse ocorrido o também desenvolvimento de uma sociedade primática, a partir da qual pudesse, então, emergir uma sociedade de tipo novo, a sociedade humana, detentora de cultura. Neste sentido, devemos compreender que a passagem decisiva da animalidade à humanidade é uma evolução não apenas dos indivíduos de segundo tipo, mas também das entidades do terceiro tipo, ou seja, das sociedades animais primáticas às sociedades humanas (MORIN, 1979, 1999).



Nessa passagem está o complexo processo de hominização. O que é importante ser considerado acerca deste processo para a definição de uma noção de subjetividade social é o nó górdio que se estabeleceu entre evolução biológica e evolução cultural (MORIN, 1979, 2003). Conforme resume Morin (2003, p. 29): “assim, a hominização biológica foi necessária para a elaboração da cultura, mas a emergência da cultura foi necessária para a elaboração da hominização até o neandertalense e ao *sapiens*”. Isto é, existe uma circularidade entre Natureza e cultura que estabeleceu a mútua e a interinfluência entre os processos de cerebralização e juvenilização na hominização, com a elaboração das novas aptidões inatas para adquirir e o progresso da culturalização dos hominídeos com os dispositivos de integração do adquirido (multiplicação das informações, dos conhecimentos, do saber social e também das regras de organização social e dos modelos de comportamento que indicam uma programação sociocultural).

Os impulsos de evolução possibilitados por essa circularidade nas sociedades dos hominídeos permitiu a emergência da complexa cultura da espécie *Homo sapiens* e nela a emergência da linguagem de dupla articulação<sup>65</sup>. As determinações da cultura são fundantes, seu surgimento opera uma mudança de órbita na evolução da vida, mediante a espécie *sapiens* que vai evoluir muito pouco do ponto de vista anatômico e fisiológico, mas, culturalmente, produzirá evoluções extraordinárias e inauditas, sendo que “são as técnicas que se desenvolvem; são as crenças, os mitos que se alteram; são as sociedades que, a partir de pequenas comunidades arcaicas, se metamorfosearam em cidades, nações e impérios gigantescos” (MORIN, 2003, p. 31).

Em suma, é no seio das culturas e das sociedades que os indivíduos irão evoluir mentalmente, psiquicamente, afetivamente e no seu repertório motor. Processos nos quais devemos identificar a participação de uma subjetividade social, compreendida como uma noção reveladora da generatividade da cultura nos processos de subjetivação humana, conforme as noções de ser máquina e *autos* elucidam. Processo que não abarca apenas as conquistas evolutivas, mas também as complexas e infinitas configurações subjetivas sociais que emergiram na história humana e continuam emergindo nas diferentes sociedades históricas modernas, em seus múltiplos contextos institucionais e grupais.

---

<sup>65</sup> Característica comum a todas as línguas humanas, a ideia de que a linguagem humana é de dupla articulação é uma noção basilar para a linguística. Aproveitando uma explicação sucinta e resumida de Morin (2003, p. 291): “as frases são analisáveis em elementos sonoros (fonemas) desprovidos de significação, os quais se associam em unidades providas de um sentido (palavras). O sentido da palavra é definido em parte pelo seu contexto, ou seja, a frase em que a palavra está inserida”

Concebendo as sociedades humanas como máquina social, conforme propõe Morin (1997, 1999, 2003) - assim considerada desde as sociedades arcaicas, no sentido de um ser-máquina de terceiro tipo, dotado de *práxis*, produção e *poiesis* -, podemos identificar a cultura e a linguagem de dupla articulação como duas mutações-chaves no seu desenvolvimento maquinal. Também devendo ser considerada como uma máquina, engrenada de uma forma múltipla e total em todas as interações internas da megamáquina antropossocial, a linguagem de dupla articulação possibilita a inscrição e a comunicação quase infinita deste capital propriamente social que é a cultura. Patrimônio informacional, a cultura é “constituída pelo conjunto dos hábitos, costumes, práticas, saber-fazer, saberes, regra, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, conjunto que se perpetua de geração em geração, que se reproduz em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social” (2003, p. 31-32).

Desta forma, introduzindo a ideia de cultura na perspectiva organizacional sistêmica, o autor afirma que ela “permite a constituição dum capital informacional propriamente social, *fonte geradora/regeneradora da complexidade organizacional e da individualidade própria das sociedades humanas arcaicas* [grifos do autor]” (1999, p. 228). É a cultura que permite reconhecer a sociedade humana como um sistema social dotado de uma (macro)individualidade, pela soma superior das interações dos indivíduos, que, então, faz emergir a cultura. Ao estabelecer sua diferenciação em relação ao *genos* biológico, Morin (1999) coloca que a cultura não está inscrita nos genes, mas sim no espírito — cérebro dos seres humanos - para este trabalho, nos três sistemas que constituem a corporeidade/subjetividade dos indivíduos. O autor ainda explica:

Do ponto de vista destes seres, a cultura é um patrimônio de natureza fenomênica. Mas, do ponto de vista da sociedade, a cultura é o seu patrimônio genérico próprio, precisamente porque não se confunde com o *genos* biológico da segunda ordem. Assim, o *genos* social conserva-se e reproduz-se numa e por uma comunidade de espíritos — cérebros. Coisa espantosa, este *genos* social intervém diretamente no jogo da reprodução biológica, até então entregue aos riscos das atrações e à competição egoísta dos machos. O *genos* social impõe ao *genos* biológico as suas imposições, normas, regras, interditos: regras da partilha das fêmeas, normas que prescrevem e proíbem as uniões (entre as quais a proibição do incesto), instituição do casamento. (1999, p. 228)

A sua força causal ou seu poder de intervenção no *genos* biológico revela que a cultura é uma instância constituída pelo que poderíamos denominar de uma “quase materialidade simbólica”. Essa característica pode ser considerada como uma evidência da individualidade sistêmica organizacional de uma sociedade, isto é, um sistema não material emergente de sistemas materiais, as corporeidades/subjetividades individuais (seres humanos de “carne e

osso”), mas analogamente dotado de uma individualidade “quase material”. E assim como devemos reconhecer uma subjetividade que emerge em três diferentes níveis (orgânico, psíquico e mental) no indivíduo humano, para uma individualidade social, também devemos reconhecer uma subjetividade social, constituída pelo *genos* social (a cultura) e podendo ser, de certa forma, como aqui estamos formulando e propondo, o outro rosto de um *fenon* social, ao lado da individualidade social.

Estamos transitando na fronteira entre as sociedades animais (primáticas) e as sociedades humanas para nos aproximar do nascedouro das individualidades de terceiro tipo, de um ser social ou de um sistema/organização social. Dentro dos desdobramentos das determinações do *genos* social sobre o *genos* biológico está o advento da organização social da sexualidade que Morin (1979, 1999, 2003) reconhece como sendo capital para a passagem da Natureza à cultura, mas também como sendo decisiva para a emergência de uma auto-(geno-feno)-organização do terceiro tipo. Existe, então, “um *genos* específico que não só gera/regenera a complexidade social mas também e por isso mesmo, retroage sobre o *genos* biológico, controla-o e governa-o (sendo controlado e governado por ele)” (1999, p. 228).

A partir destas transformações operadas no seio das sociedades humanas emerge seres de terceiro tipo dotados de individualidade e subjetividade social. Conforme explica o autor:

Cada sociedade é um indivíduo que tem o seu nome genérico, o seu rosto totêmico. Cada um dos seus membros reconhece-se e define-se pelo nome da sua pertença, e sente, no âmago da sua identidade subjetiva, a sua participação no ser-sujeito em que a sociedade se tornou. O sociocentrismo reforça-se quando se torna etnocentrismo. A sociedade não é unicamente comunitária em relação ao mundo exterior. Torna-se uma comunidade para si mesma, unida na e pela cultura e língua. A cultura fornece o princípio subjetivo de identidade social, que exclui qualquer outra sociedade, qualquer outra cultura do seu sítio autocêntrico. O ser social tornou-se, portanto, um ser individualizado quer pela sua originalidade própria quer na auto-afirmação da sua identidade. (MORIN, 1999, p. 228-229)

Com essa compreensão dos desenvolvimentos dos seres de terceiro tipo, podemos afirmar: assim como há uma subjetividade individual, a qual emerge das inter-relações dos três sistemas constituidores da *corporeidade/subjetivada*, também há uma subjetividade social, isto é, um princípio subjetivo de identidade social fornecido pela cultura. Apesar de não encontrarmos na obra moriniana a expressão “subjetividade social”, em sua explicação acima acerca das características dos seres de terceiro tipo, fica evidenciado esse aspecto subjetivo da cultura que imprime uma identidade social nos indivíduos. Aspecto subjetivo deste sistema generativo que assegura a autoprodução e a autorreorganização permanente da complexidade social, determinando a reprodução, mais ou menos parcial, deste mesmo sistema cultural em cada indivíduo.

De modo análogo aos processos de inclusão do indivíduo no seio da sociedade de mamíferos, mas num nível de complexidade que a cultura enquanto patrimônio organizador determina, é pela subjetividade social que o egocentrismo do indivíduo-sujeito inscreve-se no sociocentrismo da sociedade, conservando-se, e o sociocentrismo da sociedade inscreve-se no egocentrismo individual. E conforme apontado nos capítulos anteriores, o Eu (egocêntrico) que emerge de uma corporeidade/subjetividade individual já é de um Nós (sociocêntrico) de uma subjetividade social.

Temos, assim, uma primeira definição para a noção de subjetividade social. Este princípio subjetivo de identidade social gerado pela cultura não só participa da formação da identidade do indivíduo, como também é constituidora dos três sistemas que compõem a corporeidade/subjetividade deste mesmo indivíduo. A generatividade da cultura em relação aos três sistemas está fundamentada na trindade cérebro-espírito/mente-cultura, já explicitada a partir do capítulo 6, quando apresentamos a concepção cérebro-mente/espírito moriniana, o alicerce teórico das noções de aparelho psíquico, sistema psíquico-afetivo-relacional e sistema mental/espiritual. Um aspecto importante relacionado a esta questão central é o *imprinting*<sup>66</sup> (MORIN,1999) que a esfera cultural estabelece na esfera cérebro-mente/espírito, de tal modo que desde a infância as instituições e grupos (família, escola, igrejas etc.) influenciam a formação das configurações somáticas-neurocerebrais (ligações e circuitos inter-sinápticos, ou seja, suas rotas, vias, caminhos e balizas) e as configurações subjetivas (os processos psíquicos e mentais) do indivíduo.

A ideia de *imprinting* cultural aponta para a necessidade de se considerar a infraestrutura organizacional a partir da qual se configura a subjetividade social. Abstraído inicialmente do cenário da cosmogênese no seio da *physis*, depois explorado na busca pela compreensão dos processos auto-eco-organizadores geradores da vida (*bios*) e dos processos especificamente humanos concebidos a partir da noção de corporeidade/subjetividade individual, devemos buscar neste mesmo fundamento configuracional um princípio de inteligibilidade para elucidar as complexas e diversas formas nas quais a subjetividade social pode se configurar subjetivamente. Para isso, faz-se necessário levar em consideração o caráter indissociável e a natureza inter-relacional entre subjetividade/corporeidade individual e subjetividade social, a partir das quais são geradas as configurações subjetivas/somáticas.

---

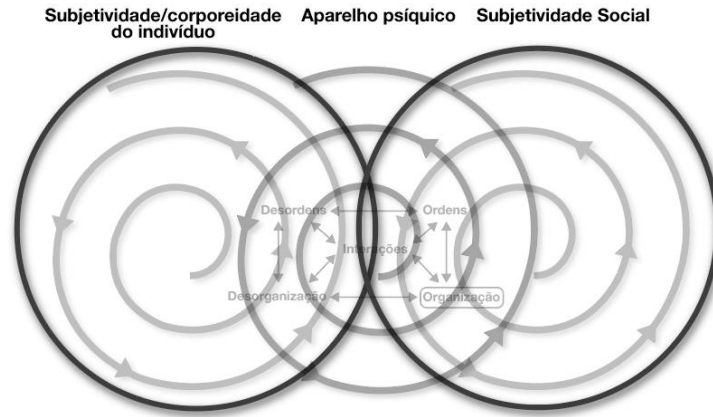
<sup>66</sup> Esta ideia de *imprinting* cultural ao lado da ideia de normalização de Morin (1992), desenvolvida principalmente no volume IV da obra “O método”, revela as determinações limitadoras da cultura sob os indivíduos e a produção do conhecimento. Entretanto, para este ponto da elaboração do conceito de subjetividade social, o termo *imprinting* cultural é utilizado para evidenciar as determinações da esfera cultural-social na esfera individual, sejam elas favoráveis ao desenvolvimento humano ou aos seus impedimentos, compreendendo que estes últimos podem ser também propulsores dos desenvolvimentos.

#### **8.4 A condição ontológica relacional das configurações subjetivas: entre *subjetividade/corporeidade* individual e subjetividade social**

A noção de configuração subjetiva, conforme proposto nos capítulos anteriores, deve ser concebida a partir do nó górdio que Morin explicita de diferentes maneiras ao longo da sua obra e formula da seguinte forma ao tratar da relação circular entre cultura e conhecimento: “as sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações cerebrais/espirituais entre indivíduos” (1992, p. 17). Antes de retomarmos a noção de configuração subjetiva para evidenciar a sua condição ontológica relacional, aproveitemos mais um pouco as ideias deste autor a título de introdução ao que se pretende desenvolver neste capítulo.

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam “representações coletivas”, “consciências coletivas”, “imaginário coletivo”. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e dirigem os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim, a cultura não é nem “superestrutura” nem “infraestrutura”, sendo estes termos impróprios numa organização recursiva onde o que é produzido e gerado se torna produtor e gerador daquilo que o produz ou gera. Cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua, e, nesta relação, não esqueçamos as interações entre indivíduos, que são eles próprios portadores/transmissores de cultura; estas interações regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. (1992, p. 17)

Desde o capítulo 6, foi explicitado que a noção de configuração subjetiva abarca, a partir da sua infraestrutura e configuração organizacional (o anel pentalógico-retroativo-recursivo), os processos afetivos e os processos de produções de sentido. Estas duas dimensões do anel genésico e generativo das configurações subjetivas podem ser compreendidas como correntes de afetos e correntes de sentidos, estas últimas constituídas por duas formas de pensamento/linguagem (simbólico/mítico e racional/empírico), cada uma delas relacionada aos sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, os quais, por sua vez, emergem do aparelho psíquico. Além disso, e o mais importante para este ponto do trabalho, foi assinalado que o aparelho psíquico (figura 17) e, conseqüentemente, os seus dois sistemas, em recursividade com o sistema orgânico-sensório-motor, emergem da inter-relação entre os processos subjetivos individual e social. Em outras palavras, emergem da inter-relação entre *subjetividade/corporeidade* individual e subjetividade social.



**Figura 20** - O aparelho psíquico emerge da inter-relação entre *subjetividade/corporeidade* do indivíduo e a subjetividade social.

Com isso, podemos também compreender que as configurações subjetivas são geradas, precisamente, na inter-relação destes dois níveis da subjetividade humana, tendo a subjetividade social sua participação generativa nos processos afetivos e de produção de sentido. E sendo assim, a noção de configuração subjetiva deve estar ligada, simultaneamente, à subjetividade social, de tal forma que devemos considerar as múltiplas e diversas configurações subjetivas sociais que são geradas nos diferentes cenários sociais que fazem parte da complexa organização social. Essas configurações subjetivas sociais são geradas nas interações entre indivíduos-sujeitos, isto é, nas interações de afetos-sentidos que constituem as configurações subjetivas das suas *subjetividades/corporeidades* individuais. Conforme o cenário social, uma instituição ou grupo no seio da sociedade, podemos identificar uma configuração subjetiva social estabelecida organizacionalmente. E o conjunto destas, formando uma complexa teia - na qual o todo é ao mesmo tempo maior e menor que a soma das partes, conforme propõe a concepção de sistema complexo de Morin (1997) -, arquiteta e organiza o que estamos designando de subjetividade social.



**Figura 21** – Um conjunto de configurações subjetivas sociais constituindo a subjetividade social.

A citação direta do texto de Morin feita logo acima, possibilita conceber a subjetividade social a partir da complexa relação entre cultura e sociedade, no sentido da geração mútua, e guardando o que foi denominado de capital cognitivo coletivo, expressão na qual incluiríamos os aspectos afetivo e motor (cognitivo-afetivo-motor), para fazer referência ao sistema trino da corporeidade/subjetividade individual do qual emerge a linguagem. Além disso, também destaca que são as interações entre indivíduos, portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade e esta regenera a cultura, justificando a generatividade da *subjetividade/corporeidade* individual em relação a subjetividade social. E, por sua vez, evidencia a recursividade desta sobre aquela a partir do caráter organizador da cultura em relação às regras/normais sociais e aos comportamentos dos indivíduos. Ainda indica alguns aspectos que caracterizam a subjetividade social: “representações coletivas”, “consciências coletivas” e “imaginário coletivo”. E, por fim, com o que está destacado aqui, evidencia o nó górdio constituidor das configurações subjetivas humanas.

Na interseção entre estes dois planos, dos quais emergem as configurações subjetivas, estão, conseqüentemente, as diferentes qualidades e intensidades afetivas e as duas naturezas cogitantes que caracterizam as produções de sentido, a simbólico/mítico e a racional/empírico. Estas últimas derivam de um Arqui-Pensamento advindo de um Arqui-Espírito originado a partir das forças e formas originais dos cérebros-espíritos/mentes dos hominídeos, os quais foram crescendo em tamanho e se desenvolvendo em qualidades e capacidades na interação com as forças e formas da Natureza. O conjunto destes aspectos constituidores das configurações subjetivas estão presentes tanto na *subjetividade/corporeidade* individual quanto na subjetividade social. Assim, devemos buscar compreender os múltiplos e diferentes elementos que compõem a subjetividade social.

Ao viver sua grande aventura de andar e explorar o mundo, na sua condição fundante de ser um ser auto-eco-organizado, as diferentes espécies do gênero *homo* (entre elas os *habilis*, *erectus*, *neanderthalensis* e *sapiens*) estiveram sempre abertas para o mundo, para a Natureza, em virtude da sua dependência ao meio. Esta abertura ecológica, característica da sua condição ontológica e existencial, possibilitaram os crescimentos e desenvolvimentos evolutivos, os quais foram forjando as *corporeidades/subjetividades* individuais e gerando subjetividades sociais. Simultaneamente numa e na outra, foram sendo criados e gerados os imaginários, os mitos, as magias, os ritos, as racionalidades, as técnicas. Neste longo caminho trilhado até os tempos modernos, as sociedades e culturas humanas geraram suas subjetividades sociais constituídas a partir destes diferentes elementos que sempre estiveram criando e compondo os múltiplos e diversos cenários sociais desta grande aventura.

Para tratarmos destes aspectos que compõem a subjetividade social, precisamos continuar acompanhando o itinerário do pensamento complexo, na obra “O método”, no que concerne, especificamente, à evolução do ser societal, ao longo do desenvolvimento das sociedades humanas. Conforme será exposto a seguir, na concepção de Morin (1979, 1992, 1997, 1999, 2003), a identidade social dos *sapiens* - enquanto princípio subjetivo gerado pela cultura e gerador de subjetividade social, como assim estamos propondo -, se organizou, inicialmente, nas sociedades arcaicas e em seguida nas sociedades históricas. Assim, devemos buscar os elementos geradores e constituidores da subjetividade social a partir das diferentes formas de organização social configuradas até então.

### **8.5 As sociedades arcaicas e seus elementos geradores e constituidores da subjetividade social**

Como mencionado acima, as sociedades humanas se organizaram a partir das sociedades de primatas. No percurso dos seus desenvolvimentos, alcançaram diferentes modos de organização social ao longo do processo de hominização. De acordo com as ideias de Morin (1979), as “paleossociedades” se constituíram antes do surgimento do *Homo sapiens*, entre as espécies dos homínídeos, e só com o *sapiens* se organizaram as *arkhé-sociedades*, resultado de um processo de complexificação que se deu na inter-relação das transformações biológicas e socioculturais ao longo da hominização. No sentido de ser aquela que guarda o princípio, o fundamento e a origem das sociedades dos *sapiens*, a *arkhé-sociedade* é o tipo fundamental de todas as sociedades da pré-história humana. Não sendo um fundamento final, mas da mesma forma que as paleossociedades se integraram nelas, as *arkhé-sociedades* sofreram determinantes e diferentes transformações que culminaram nas sociedades históricas, as quais guardaram o que Morin (2003) denomina de o núcleo arcaico.

Tendo acompanhado toda a diáspora dos *sapiens*, as sociedades arcaicas podem ser compreendidas como uma matriz organizacional própria a todas as sociedades pré-históricas que se perpetuaram e multiplicaram-se, variando-se e modificando-se, no entanto, sem transformar seu núcleo fundamental. Neste sentido, todas elas mantiveram e ainda mantêm (considerando o número muito pequeno das que resistiram ao atravessamento das sociedades históricas) a estrutura hierárquica das paleossociedades centradas, predominantemente, no poder da classe masculina, a cultura como sistema e patrimônio organizador, a linguagem de dupla articulação, as regras de parentesco, casamento, exogamia, ritos, magia, cerimônias da morte e da vida, crença numa sobrevivência além da morte, arte, dança, canto etc (MORIN, 1979, 2003). Todas essas características são geradoras de subjetividade social, isto é, de



configurações subjetivas sociais que incidem nas subjetividades individuais. Importa destacarmos os modos de participação desses elementos ainda presentes nas configurações subjetivas sociais das sociedades contemporâneas e, ao mesmo tempo, identificar suas diferentes formas de se configurar.

No decurso do seu desenvolvimento, as sociedades arcaicas passaram por um processo de nucleação familiar, de abertura da sociedade e modificações bioantropossociais. Fruto da aproximação dos elos entre mãe e filho, mãe e homem e também homem e filho, a nucleação familiar operada pela hominização levou a constituição da família nas sociedades arcaicas. Todo um conjunto de transformações biológicas e culturais relacionadas à reprodução e atividade sexual (base psicoafetivasexual) fizeram emergir uma forma de relação interindividual que estabelece o casamento e a família como nova complexidade na organização social. Nela se destaca como acontecimento capital para o surgimento do *sapiens*, o “aparecimento do pai”, o qual amplia a relação nuclear mãe-filho introduzindo o homem e o princípio de hierarquia masculina. Diferente da proposta freudiana do “assassínio do pai”, mas guardando como característica comum a ambiguidade filial com a tendência repressora dos impulsos e desejos (o pai é ao mesmo tempo protetor e usurpador, sustentáculo e inimigo), o “aparecimento do pai” traz a complexidade, isto é, a contradição interna na microestrutura que se cria: a família” (MORIN, 1979, p. 161). Além disso, a família pôde se tornar microestrutura social permanente pelo efeito sociológico da juvenilização da espécie (prolongamento da infância e suas consequências cerebrais e psíquicas), mantendo por toda a vida as relações afetivas nascidas na infância.

E é justamente a família a desencadeadora da abertura de uma sociedade para outras sociedades. Sendo um subsistema aberto para o sistema social, pois o pai pertence à classe dos homens, a mulher faz parte do grupo maior das mulheres e o filho compondo, numa certa idade, o grupo dos não iniciados, a família se articulou à sociedade mediante a organização do parentesco e a regulação da sexualidade. E estas pelo estabelecimento da exogamia conduziram, justamente, à segunda abertura, a da própria sociedade para outras sociedades, constituindo metassistemas macrossociais. Desta forma, a complexidade interna da estrutura familiar emergente, no seio da sociedade, participa de uma reorganização geral, no sentido do aumento decisivo e em todos os níveis da complexidade social (MORIN, 1979).

Todo esse processo caracteriza uma relação complexa e circular entre a organização sexual da sociedade e a organização social da sexualidade, impulsionadora das mudanças bioantropossociais chaves e determinantes à complexificação da organização social. O controle e as imposições das sociedades à atividade sexual por meio das normas (exogamia) e

interdições (proibição do incesto), fixando as regras do casamento, evidencia que a organização da sexualidade integra a organização sociológica. As influências da exogamia e da proibição do incesto, a partir e conjuntamente com a instituição do parentesco, recai sobre os processos de reprodução da espécie, tendo fortes consequências na diversificação das determinações genéticas nos indivíduos, fazendo surgir diferenças acentuadas de indivíduo para indivíduo. O conjunto destas condições, compreendidas em sua circularidade relacional umas entre as outras, constitui um fundamento cultural da auto-organização social e implica nas duas limitações capitais da ordem social sobre os indivíduos: as proibições e as obrigações. E podemos, então, compreender que há uma relação recursiva entre a autoprodução da sociedade e a reprodução biológica (espécie), de tal maneira que a reprodução biológica permite a sociedade autoproduzir-se e aquela se autorreproduz mediante a norma sociológica (MORIN, 1979, 2003).

A *arkhé*-sociedade cumpriu e ainda cumpre, enquanto núcleo arcaico presente nas sociedades contemporâneas, a dupla função de diversificadora de etnias e de unificadora da espécie *Homo sapiens*, mesmo esta tendo se espalhado na sua diáspora planetária. Um outro papel fundamental desta sociedade fundadora é a nucleação noológica nova que a generatividade da sua cultura produziu, o surgimento do mito e da magia no *sapiens*. A integração sociocultural das sociedades arcaicas se deu através dos mitos, ritos e magias cimentando o complexo edifício social na consagração (mítica) das regras de organização da sociedade. Conforme afirma o autor, “a mitologia arcaica integra noologicamente a sociedade e o homem no mundo. Estabelece correspondências analógicas entre o universo ecossistêmico e o universo antropossociológico, o que, de modo quer fragmentado, quer completo, aparece como um microcosmo integrado no macrocosmo” (MORIN, 1979, p. 168). E devemos considerar que este elemento noológico novo perdura até os dias atuais compondo o riquíssimo universo imaginário do ser social, pelo qual se dá a autoinstituição da sociedade em sua realidade imaginária, como bem elucidou Castoriadis (1982). Sem perder de vista, é claro, que este imaginário social é organizado pelas interações dos imaginários dos indivíduos-sujeitos e ao mesmo tempo seu organizador, compreendendo o imaginário como elemento constituinte e gerador das produções subjetivas.

O conjunto desses fios noológicos tiveram função determinante na identidade individual e coletiva das sociedades arcaicas. Eles permitiram a ligação do indivíduo à seu parentesco real e mítico e à identidade singular de uma cultura. É pelo nome que a identidade individual se liga a uma filiação sociocultural, estabelecendo a um só tempo a diferença e a dependência. Conforme explica o autor, “quando se diz ‘filho de’, tem-se em mente não

apenas os genitores, mas também os antepassados, a descendência social. O mito alimenta a recordação, o culto e a presença do antepassado, mantendo por isso mesmo, a identidade coletivo-individual” (MORIN, 1979, p. 168).

Com esta questão tão cara a uma noção de subjetividade social, podemos identificar o lugar e a importância fundamental ocupada pela *arkhé*-sociedade na compreensão dos processos subjetivos que permeiam a organização social desde os tempos pré-históricos. Estes diferentes aspectos emergentes no desenvolvimento das sociedades arcaicas estão presentes, como já assinalado, no núcleo arcaico das sociedades históricas contemporâneas. Estando presente na complexidade da organização social contemporânea, devemos, então, considerar estas heranças das sociedades arcaicas nas múltiplas e diversas formas nas quais a subjetividade social se configura. Ao mesmo tempo em que as configurações subjetivas sociais se organizam a partir dos processos subjetivos individuais e sociais singulares e situados num dado momento histórico, também se organizam a partir deste núcleo arcaico. As inter-relações que podem se dar entre as produções subjetivas individuais e sociais marcadas pelos elementos organizadores do núcleo arcaico e aquelas que caracterizam as configurações individuais e sociais nos espaços e momentos da vida social na atualidade são múltiplas, diversas e, talvez, incomensuráveis. E o mais importante, são estas inter-relações de caráter recursivo que geram as singularidades das configurações subjetivas individuais e sociais.

Até aqui, expomos, de modo geral, os elementos das heranças das sociedades arcaicas geradores e constituidores da subjetividade social desde a pré-história do *Homo sapiens*. Passaremos a considerar, por conseguinte, o que pode ser destacado das sociedades históricas como características que marcam e participam da generatividade cultural e, conseqüentemente, da subjetividade social que emerge dela.

## **8.6 Subjetividade social e a emergência da “alma” e do “espírito” do ser social: das primeiras sociedades históricas ao Estado-nação moderno e contemporâneo**

Os desenvolvimentos das sociedades arcaicas, centrados na sua abertura macrossocial, na agricultura e na criação de animais e somados à expansão demográfica da espécie sobre o globo terrestre e as concentrações demográficas em situações ecossistêmicas excepcionais, estabeleceram as condições para uma nova sociogênese. O jogo de processos simultâneos interferindo uns nos outros, isto é, a dialética da concentração demográfica, do trabalho, da técnica, dos processos federativos-associativos constituindo macrounidades sociológicas, seja por alianças e trocas ou pelas concorrências e dominações, via guerras e conquistas, fez

surgir, há mais ou menos 10 mil anos, as primeiras sociedades históricas (MORIN, 1979) e com elas novas configurações da subjetividade social.

Depois da primeira nascença com as paleossociedades de homínídeos, formadas por dezenas de indivíduos, e da segunda com as *arkhé*-sociedades dos *sapiens*, com algumas centenas de indivíduos, emerge a terceira nascença social da humanidade com as interações entre milhares de indivíduos. Um acontecimento antropológico metamórfico comparável ao que foi na evolução organizacional da vida, a passagem do unicelular ao organismo multicelular. Constitui-se um metassistema e um megassistema a partir da configuração organizacional da *arkhé*-sociedade. As sociedades históricas, das cidades ao império, são uma nova forma de organização social que conserva o núcleo arcaico (conflitualidade e comunidade, sociocentrismo, tarefa organizadora do patrimônio cultural) englobando-o, integrando-o e ultrapassando-o. Processo marcado pela fragmentação do código cultural das sociedades arcaicas e desestruturação dos seus princípios organizadores fundamentais (MORIN, 1979, 2003). No conjunto destas transformações estão os processos de subjetivação, participando da recursividade circular entre subjetividade individual e subjetividade social.

Reunindo milhares e até milhões de indivíduos, espalhados em territórios imperiais, organizados nos campos e nas cidades, as sociedades históricas são divididas em classes, estratificadas em castas e especializadas em profissões, uma heterogeneidade extraordinária ligada, controlada, dominada por um aparelho central, multirramificado, de controle e de decisão, o Estado. “A emergência do Estado é o elemento organizador das sociedades históricas” (MORIN, 2003, p. 172). Mesmo com as transformações ocorridas desde a formação dos impérios milenares (o egípcio, o chinês, o romano etc.), passando pelas cidades-estados da Grécia Antiga e até as nações modernas, o Estado se mantém como núcleo da sociedade até os dias atuais. Por esta razão, devemos considerar as produções subjetivas sociais e individuais a partir deste componente fundante da organização social e dos desdobramentos da heterogeneidade que constituem o Estado.

Como um aparelho genofenômico que produz, controla e manipula o capital informacional generativo cultural, o Estado evidencia o caráter maquinal (*práxis*, produção e *poiesis*) do ser social. As sociedades históricas são megamáquinas sociais e o Estado ocupa, soberano, a sede sociocêntrica do *computo*. “O Estado não é unicamente uma cabeça que governa o corpo social. Produzindo leis, decretos, regulamentos, participa da autoprodução e das transformações do ser social” (MORIN, 1999, p. 229), pois suas produções passam a fazer parte do patrimônio cultural, adquirindo valor generativo. Neste sentido, o Estado é

conservador e produtor de uma generatividade cultural organizadora e produtora de um conjunto de configurações subjetivas sociais representado pela subjetividade social.

As vicissitudes desta generatividade cultural do Estado na subjetividade social tem estado relacionada, desde a sua emergência na organização social, ao seu poder de dominação, subjugação e agressão, bem como de emancipação, libertação e pacificação, utilizando-se de aparelhos auxiliares, tais como: o aparelho policial, o aparelho militar e o aparelho religioso. Ao longo da história, as megamáquinas sociais, desde as sociedades antigas, a partir do aparelho de Estado, constituíram-se mediante imposições e especialização do trabalho, determinando regressão generalizada de autonomia e da competência para os indivíduos, ao ponto de desconsiderar a qualidade de sujeito dos escravos e fazer deles apenas utensílios animados para as atividades produtivas “braçais”. Contudo, são com os escravos, os proletários e as etnias conquistadas que, ao suportarem a repressão dos Estados dominadores, desenvolvem-se liberdades, circulações e comunicações nas altas classes das etnias e nas esferas novas da cultura. Desses processos, vão surgindo de modo efêmero, em algumas cidades-estados, os primeiros direitos civis, possibilitando aos cidadãos-sujeitos o controle retroativo do megassujeito (Estado) que o sujeita. Em suma, podemos compreender que as sociedades históricas vão se formando num movimento dialógico de subjugação e emancipação, de desenvolvimento e subdesenvolvimento humano, as quais nenhuma das duas lógicas dominou decisivamente a outra (MORIN, 1999), caracterizando, assim, a complexidade das configurações subjetivas sociais nesse longo processo histórico.

Para concebermos as formas originais de configurações subjetivas sociais, organizada/organizadora dos novos e diversos espaços sociais estabelecidos, desde as sociedades antigas até as sociedades contemporâneas, é necessário destacar os princípios a partir dos quais se desenvolveu a complexidade da organização social. Assim como a complexificação das sociedades arcaicas se deu pela emergência de uma nova microestrutura (a família) que gera as transformações necessárias para a ultrapassagem das paleossociedades e a emergência de uma nova macroestrutura social, a complexificação das sociedades históricas se deu mediante um modelo organizador que representa a estrutura das megamáquinas sociais em todos os tempos. Conforme afirma Morin, este modelo comporta

- Um centro de comando e controle: o Estado;
- Uma hierarquia de funções, de responsabilidade e de prestígio;
- Uma hierarquia de níveis de organização (nação, província, circunscrição, comuna);
- Uma divisão do trabalho e uma especialização sempre crescente, de acordo com o desenvolvimento técnico e, em seguida, científico.

Todavia, este modelo evidente esconde que esta mesma organização (de forma variável, conforme as sociedades) é ao mesmo tempo: - Cêntrica, policêntrica e

acêntrica; - Hierárquica, poliárquica e anárquica; - Comportando especializações, policompetências e competências gerais. (2003, p. 182)

Este modelo organizador pode servir como um parâmetro para a compreensão dos processos generativos que constituem os sistemas de sistemas da subjetividade social em sua complexa rede de configurações subjetivas sociais, a partir das quais se dá o funcionamento social. Sem perder de vista que são as interações entre os indivíduos, nas inter-relações das suas configurações subjetivas/somáticas, as geradoras de configurações subjetivas sociais, as quais retroagem, recursivamente, sobre as subjetividades individuais.

Nesta perspectiva, os dois modelos entre os quais a subjetividade social pode oscilar nas suas múltiplas e diversas formas de configurações subjetivas sociais são a da alta ou baixa complexidade. A alta complexidade é alcançada sempre que há combinações variadas e alternância entre os diferentes aspectos constituidores do modelo organizador, tendendo a uma organização social democrática. E a baixa complexidade se estabelece quando há invariância dos elementos do modelo organizador explorados na organização social, ocasionando regimes sociais totalitaristas (MORIN, 2003).

Um aspecto importante das estruturas das megamáquinas sociais a ser destacado é a espontaneidade co-organizadora (MORIN, 1999, 2003). A desordem inerente à sociedade humana, aquilo que escapa à ordem estabelecida pelo Estado centralizador, contribui com os processos de organização espontânea que nascem e renascem, sem cessar, a partir das interações entre indivíduos e grupos, das inter-relações entre as configurações individuais e sociais, nas suas atividades e relações múltiplas, tanto na esfera interpessoal-afetiva quanto socioeconômica da vida comum do dia a dia. Há nesta forma de organização uma qualidade anárquica, ao mesmo tempo, onipresente e sempre circunscrita e relativizada pela organização do Estado. Devemos observá-la no mercado econômico, nos múltiplos e diversos grupos e instituições sociais, estando relacionada, justamente, ao desenvolvimento das opções individuais (de parceiros, cônjuges, de profissão, de mercadorias, de lazeres etc.) e ao campo das liberdades humanas. Esta dimensão da organização social aponta para a necessidade fundamental de reconhecer a originalidade e a singularidade das produções subjetivas individuais e sociais, isto é, para o caráter dinâmico e plástico das configurações subjetivas, conforme a sua infraestrutura organizacional (o anel pentalógico-retroativo-recursivo genésico e generativo de afetos-sentidos) permite revelar. Voltaremos a tratar da relação entre a espontaneidade organizadora e a sócio-eco-organização das sociedades contemporâneas mais à frente.

Explicitados os princípios organizadores que incidem no engendramento da subjetividade social desde as sociedades históricas mais antigas, faz-se necessário retomar o desenvolvimento da complexificação da organização social para poder apresentar, conforme concebe Morin (1999, 2003), o grande ser social: o Estado-nação. Em suas próprias palavras, o autor afirma que “foram necessárias longas gestações históricas para que se efetuasse, não só por oposições e administração, mas também por trocas e simbioses, a integração de particularismos locais e identidades provinciais, num povo, unificado pela língua e pela cultura, reconhecendo-se em solidariedade orgânica e identificando-se com um Estado nacional” (1999, p. 230). Tal integração e unificação, mesmo sendo muito imperfeita, pois há subjugações, divisões e conflitos de classes interiores, deu-se pela constituição de uma comunidade forjada pelo mito matri-patriótico: a pátria.

A nação se “materializa” como *genos* mítico e é vivida pelos seus súditos-cidadãos como pátria, tendo nela a substância materna, a que se deve amor, e a substância paterna, a que se deve obediência incondicional. Não por um acaso, a palavra pátria é composta pelo masculino paterno e pelo feminino materno, o que é também sugerido pelo sentimento de “filhos da pátria” vivido pelos cidadãos da nação. “O Estado-nação cria a sua religião, que inclui a sua própria deificação, o seu culto e os seus sacrifícios. (...) A pátria é a religião do cidadão” (MORIN, 2003, p. 188-189). Movidos pelos processos do sistema psíquico-afetivo-relacional em recursividade com a subjetividade social (os quais são mobilizados pelo princípio de inclusão dos processos organizacionais da vida), os súditos-cidadãos-indivíduos-sujeitos se sentem fazendo parte de uma individualidade maior e de uma subjetividade maior, podendo assim ser consideradas, se entendemos estas como o resultado das interconexões estabelecidas entre configurações individuais e sociais, no complexo tecido que compõe a subjetividade social de uma nação. Nas palavras do próprio autor:

Assim, a entidade de terceiro tipo, sob o rosto da nação, converte-se em ser, indivíduo e sujeito, autotranscendendo-se aos olhos dos seus membros. Estes não deixam de ser indivíduos-sujeitos. Mas transportam muito profundamente na sua identidade subjetiva a sua identidade nacional[-social]. Alimentam com sua seiva subjetiva o sujeito que as sujeita e por sua vez lhes envia a sua seiva nutritiva. (MORIN, 1999, p. 231)

É no seio das erupções das desordens, dos conflitos e dos antagonismos das lutas e divisões sociais de toda ordem, constituindo uma ecologia social, uma dimensão eco-organizacional fundamental nas sociedades históricas e contemporâneas, semelhante ao que se passa no interior das estrelas-sóis (seres da *physis*) e nos processos genésicos e generativos dos seres vivos (indivíduos-sujeitos de primeiro e segundo tipo), que emerge o Estado-nação. Morin (1999) o considera como um ser vivo, tanto do ponto de vista do Estado, aparelho

centralizador com competências análogas ao aparelho neurocerebral, quanto do ponto de vista da nação, identidade subjetiva nacional-social dotada de um sociocentrismo. Um ser com características próprias de uma organização viva, isto é, da auto-eco-organização.

A nação aparece não só como o termo dum processo histórico-social mas também como o termo metabiológico dum processo biológico de centenas de milhões de anos, onde a entidade do terceiro grau, em gestação no universo dos vertebrados, conhece um desenvolvimento fulgurante a partir das sociedades homínidas (nascimento da cultura), para desabrochar nas sociedades históricas. A nação constitui uma auto-(geno-feno)-organização que dispõe do seu *genos* próprio (a cultura, as leis do Estado) e dum ser auto-socio-cêntrico dotado de um aparelho central que ocupa a sede do *computo*. O estado → nação é soberanamente dotado da individualidade e da qualidade de sujeito. (MORIN, 1999, p. 232)

Referindo-se à ideia do historiador francês Jules Michelet (1798-1874), de conceber a França como uma pessoa, Morin (1999, 2003) propõe, para além de uma metáfora que toma o modelo da pessoa humana, a ideia de conceber as nações como indivíduos-sujeitos de um tipo original e específico, justamente, o tipo societal ou do terceiro tipo. E ao considerar a ideia do pensador francês Joseph Ernest Renan (1823-1892), de que “uma nação é uma alma e um princípio espiritual” (*apud* MORIN, 1999, p. 231), o autor afirma que esta ideia comporta sua verdade, para além do seu sentido mítico, se a nação for compreendida como

um ser-máquina-cérebro, cuja trama é constituída pelas interações, entre indivíduos dotados de espírito → cérebro, e constitui assim uma gigantesca entidade dotada da dimensão psíquica. De fato, uma nação manifesta-se a nós, seus cidadãos, sob a forma de símbolos, representações, mitos, isto é, segundo o modo espiritual. Mas este espírito tem ser, porque, precisamente, a nação é um ser que é de espírito. (MORIN, 1999, p. 231-232)

Ao afirmar que a nação é um ser de espírito, o autor a está situando na noosfera, a esfera do espírito (saberes, crenças, mitos, lendas e ideias), entidades produzidas e nutridas pelos cérebros-espíritos/mentes humanas no seio da sua cultura. Povoando a noosfera, o mito da nação (a pátria) exprime o seu ser. Embora e porque feito pela substância psíquica dos seus cidadãos-indivíduos-sujeitos, a pátria, “como todo o mito profundo, é mais real que a realidade” (MORIN, 1999, p. 232).

Aproximando estas ideias de Morin da proposta desta tese, devemos recapitular que a *subjetividade/corporeidade* individual é dotada de dois sistemas intimamente ligados: o psíquico, relacionado à noção de alma humana, enquanto o que emerge das bases psíquicas da sensibilidade e da afetividade (*anima*), e o mental, relacionado à noção de espírito, enquanto o organizador do pensamento (*animus*). Analogamente, podemos considerar que a subjetividade social, enquanto um grande e complexo sistema psíquico-mental, que emerge das interações entre os indivíduos-sujeitos e retroage sobre eles, também seja dotada de sensibilidades-afetividades coletivas e de ideias-mitos coletivos. No entanto, a subjetividade social de uma

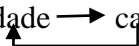


nação é constituída por uma complexa rede de configurações subjetivas sociais que caracterizam os múltiplos e diversos espaços e momentos da vida social. Estas configurações subjetivas sociais são constituídas, ao mesmo tempo, pelos elementos comuns da subjetividade social da nação e pelos elementos originais e singulares dos grupos e instituições que compõem a organização social da nação como um todo.

A título de uma primeira aproximação do complexo tecido subjetivo das sociedades históricas contemporâneas - entendendo como complexo não só a dialógica entre o complementar, o concorrente e o antagônico, mas também a amplitude e a profundidade do fenômeno -, retomaremos a questão dos processos espontâneos da sócio-eco-organização. A intenção é esboçar o complexo quadro no qual podem ser vislumbrados, em certa medida, os múltiplos e diversos desenhos que as configurações subjetivas sociais podem ganhar.

### **8.7 Os processos sócio-eco-organizadores da subjetividade social: entre as eco-organizações espontâneas e as determinações do Estado**

Partindo de um olhar ecológico organizacional, o ambiente social de um indivíduo humano, sob um ponto de vista geral, é uma sócio-organização erguida sob a dimensão eco-organizadora. Contudo, se a considerarmos do ponto de vista do indivíduo é o seu próprio ecossistema. Conforme coloca Morin (1999, p. 77), este ambiente “é constituído não só por um ‘meio’ urbano, rural, técnico etc., mas também como um conjunto de inter-retroações associativas, concorrentes, antagônicas [e espontâneas]; cada uma das suas ações entra de modo aleatório nestas interações, modifica-as e é modificada por elas”, dando-se entre indivíduos, grupos e instituições. Todas essas interações constituem uma dimensão eco-organizadora social, por um lado espontânea, de caráter acêntrico/policêntrico, vinda de baixo e de toda parte, articulando-se, por outro lado, com as ações centralizadas, ordenadas e programadas do Estado, vindas do alto.

Devemos considerar ainda que a sócio-eco-organização envolve a complementariedade organizacional cidade  campo, dois tipos de ecossistemas bio-antropossocial, opondo-se e diferenciando-se pela característica mais natural de um e mais artificial da outra. Entretanto, encontramos principalmente nas cidades uma ecologia propriamente antropossocial e quanto maiores, mais elas são um centro de complexidade ou de hipercomplexidade social. Nelas, as interações espontâneas ocorrem em tecidos organizacionais acêntricos, dilacerados e atravessados pelas divisões, oposições e conflitos entre indivíduos, grupos, instituições, classes, empresas engrenados, socioeconomicamente,

num *oikos* físico artificial, a *tecnosfera*. Nestes contextos, as interações espontâneas são, ao mesmo tempo, fontes de liberdade, inventividade, criatividade e fontes de criminalidade, dominação e exploração (MORIN, 1979, 1999, 2003).

Por sua vez, a partir do seu poder centralizador, o Estado é, a um só tempo, fonte de sujeição generalizada e também de legalidade, assistência e proteção dos indivíduos. Pode ser “civilizador” da selva eco-organizadora, contendo e até corrigindo os conflitos, dominações e explorações para assegurar as liberdades dos cidadãos, mas também pode oferecer seus meios e instrumentos de dominação para que uma classe e alguns grupos socioeconômicos desenvolvam seus poderes e, reciprocamente, desenvolvam os próprios poderes dominadores do Estado (MORIN, 1979, 1999, 2003). Enfim, como elucida Morin (1999, 2003), o enredo da tragédia sociopolítica da humanidade encenada e atuada nos dias atuais se dá na complexa conjunção destas fontes de dominação e exploração, uma vinda dos indivíduos e grupos e outra vinda do Estado.

Ao descrever os ecossistemas urbanos, Morin (1999) busca expor o quadro geral das megalópoles modernas em sua grande ordem geral, determinada pela ordem do astro Sol e pela ordem do Estado solar, e no seu fervilheiro louco de agitações egoístas. Numa visão de cima e de longe, as cidades funcionam como uma enorme máquina cronometrada obedecendo o relógio solar. As ações dos indivíduos, determinadas pelas suas necessidades-desejos orgânicos-psicológicos e pelas necessidades sociais, desencadeiam um fluxo de acontecimentos cíclicos, periódicos e regulares. Numa visão bem de perto, a ordem dissolve-se e transforma-se em agitações, quase, ou aparentemente, aleatórias dos indivíduos buscando satisfazer suas necessidades-desejos orgânicos-psicológicos pessoais, buscando comer para sobreviver e para se satisfazer, amores “oficiais” e secretos, amizades verdadeiras e por interesses, trabalhos formais e informais, comprar e vender, lazeres, em meio a encontros e solidões, miséria e riqueza... É uma “incrível caldeira urbana em estado de ebulição ininterrupta, donde jorram aos bilhões palavras, gritos, apelos, cantos, esperma, que se dispersam nos éteres” (p. 79). A infinidade de ações de cada um, por cada um e, também, pelo outro nos gestos, movimentos, sinais e mensagens egotistas e altruístas, inter-relacionam-se em inter-retroações complementares/concorrentes/antagônicas, alimentando ciclos e anéis organizadores e constituidores da vida das grandes cidades.

Ao tratar desta dimensão fundamental para a concepção de uma subjetividade social, a sócio-eco-organização, não poderíamos deixar de retomar uma questão central para a constituição e o desenvolvimento das sociedades humanas, a família. Ainda que seja a título de um tratamento sucinto desta questão, é necessário destacar a sua função nuclear nas

sociedades históricas. Os progressos das sociedades históricas se deram também a partir da circularidade entre organização sexual e organização social, como nas sociedades arcaicas. As transformações desses processos conduziram a formação e consolidação da família como unidade de base, como um núcleo de dependência-autonomia para os indivíduos, um foco de complexidade humana. Podemos apontar sua multidimensionalidade: biológica, psicológica, cultural, social, econômica e educativa. Cada uma dessas dimensões comportando um conjunto de elementos articulados, organizacionalmente, entre si e inter-relacionados com os elementos das outras dimensões. E todas elas participando das configurações subjetivas sociais da família. Desde sua constituição nas primeiras sociedades históricas até o mundo ocidentalizado contemporâneo, a família evoluiu enormemente, passou e vem passando por transformações estruturais profundas, alcançando seus desgastes nas sociedades contemporâneas. No entanto, mesmo com restrições em relação a algumas das suas dimensões e funções, continua sendo um microcosmo quase fractal da sociedade e um fortíssimo núcleo nascedouro das relações interpessoais (MORIN, 2003).

Tomado o cenário desenhado pela sócio-eco-organização, sobretudo, dos centros urbanos, e no qual encontra-se esta unidade de base, a família, pode-se vislumbrar a complexidade dos processos de subjetivação individuais e sociais, considerando a multiplicidade de configurações subjetivas que podem se estabelecer, dinamicamente, conservando regularidades e transformando-se nas agitações das relações entre os indivíduos. Estas interações quase sem-fim impulsionam os ininterruptos giros do anel genésico e generativo de afetos-sentidos das configurações subjetivas de tal forma que se faz necessário, como indicamos acima, considerar seu dinamismo e sua plasticidade. Ao mesmo tempo, não se deve perder de vista a participação das regularidades advindas do núcleo arcaico, herdado pelas sociedades históricas, e dos princípios indicados pelo modelo organizador das estruturas destas megamáquinas, em cada giro do anel genésico e generativo das configurações subjetivas. Giros que se dão, simultaneamente, no nível da subjetividade individual e da subjetividade social, produzindo configurações subjetivas individuais e, a partir das suas interações as configurações subjetivas sociais, as quais retroagem sobre aquelas.

Nesta lógica configuracional que a infraestrutura organizacional do anel genésico e generativo evidencia, podemos buscar investigar a subjetividade social na sua complexa trama constituidora das sociedades contemporâneas organizadas em Estados-nações. Esta investigação deve ainda levar em consideração dois aspectos fundamentais que evidenciam a complexa relação entre o ser individual e o ser social. Primeiramente, apesar do Estado-nação ocupar de forma exclusiva o sítio sociocêntrico, sendo, por isso, detentor de uma das

características próprias do sujeito, ele não dispõe de um princípio de inclusão e de consciência de si, pois estes permanecem no indivíduo; ou seja, a sede da consciência está no ser individual (MORIN, 2003).

E segundo, devemos observar que o ser social tem qualquer coisa a mais e qualquer coisa a menos que o ser-indivíduo humano. No que concerne a qualquer coisa a mais, o ser social é dotado de poderes e de qualidades organizadoras sobre-humanas e sobrevive a mortalidade dos indivíduos, pois não está sujeitada à espécie e não morre naturalmente com o indivíduo. Sua morte se dá apenas quando uma outra sociedade aniquila seu Estado, e sua população é deportada ou absorvida pela sociedade conquistadora e opressora. A respeito de qualquer coisa a menos, são os indivíduos que pensam e são detentores da autorreflexão própria da consciência, o ser social não possui consciência própria, utiliza do pensamento e da consciência dos indivíduos para governar. “Dito por outras palavras, por mais poderosos que sejam os seus poderes de sujeição dos indivíduos, o Estado não pode tornar-se nem verdadeiro espírito, nem, como pensava Hegel, verdadeiro Sujeito (MORIN, 2003, p. 195).

Com o que foi possível desenvolver ao longo deste capítulo, acreditamos ter alcançado a definição de uma primeira noção de subjetividade social a partir da obra de Edgar Morin, tendo como baliza principal “O método”. O intuito primeiro é poder estabelecer um diálogo frutífero com a proposta de psicoterapia somática da Biossíntese, no sentido de contribuir com a possibilidade de se assumir, mais sistemática e rigorosamente, esta dimensão dos processos subjetivos humanos nas reflexões teóricas e na prática clínica. Futuramente, conforme explicitado na introdução deste capítulo, buscar-se-á estabelecer o diálogo indispensável com outras concepções de subjetividade social presentes no campo da psicologia clínica e da psicologia social.

**SEGUNDA PARTE**

**DIÁLOGOS ENTRE A CONCEPÇÃO DE *CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE*  
HUMANA E A BIOSÍNTESE**

## CAPÍTULO 9 - BLOSSÍNTESE: UMA PROPOSTA DE PSICOTERAPIA SOMÁTICA, PSICODINÂMICA E BIOESPIRITUAL

Amor, trabalho e sabedoria são as fontes de nossa vida. Deviam também governá-la.  
Wilhelm Reich (Análise do Caráter, epígrafe)

A visão embriológica da terapia pode ser considerada a maneira mais abrangente de entendimento da  
organização somática.  
David Boadella (Correntes da Vida, p. 28)

Como forma de entender a organização somática e psíquica, a abordagem embriológica é a principal raiz da  
Blossíntese.  
David Boadella (Correntes da Vida, p. 28)

As enfermidades psíquicas são o resultado de uma perturbação da capacidade natural de amar.  
Wilhelm Reich (A função do orgasmo, p. 15)

Seguindo o propósito de elaborar uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e introduzi-la na psicologia clínica a partir de um diálogo com a Blossíntese<sup>67</sup>, passaremos a apresentar, como um todo, a proposta dessa escola de psicoterapia somática, psicodinâmica e bioespiritual. Como será explicado logo no início desta apresentação, a Blossíntese é uma abordagem de psicoterapia vinculada ao campo de conhecimento inaugurado por Wilhelm Reich, um psicanalista discípulo de Freud que fundou, na última etapa das suas produções, o que ele considerou ser uma nova ciência: a orgonomia.

No entanto, mesmo nas fases anteriores de suas produções, quando ainda se considerava um psicanalista, Reich está interessado em compreender a relação entre o corpo-biológico e o psiquismo a partir da noção de libido enquanto uma energia que tem sua origem no *soma* e, ao mesmo tempo, está relacionada ao funcionamento do aparelho psíquico. A busca pelos substratos desta energia no corpo-biológico o leva a tomar um caminho que seu mestre havia indicado mas abandonado, desde o momento em que estabeleceu como objeto da psicanálise o psiquismo inconsciente. Neste caminho, é, então, inaugurado um campo de conhecimento, que além de não acompanhar o campo psicanalítico, também não segue o campo da biologia clássica, e acaba estabelecendo um conhecimento original relacionado à noção-chave de bioenergia e depois orgone, conforme afirma Dadoun (1991).

---

<sup>67</sup> A Blossíntese é uma das escolas de psicoterapia corporal neorreichianas que, como as demais assim classificadas, parte das ideias e práticas clínicas de Wilhelm Reich, mas desenvolve uma abordagem clínica própria que não se restringe à proposta reichiana inicial da vegetoterapia carátero-analítica e também não se vincula à proposta da orgonomia. Na busca pela sua validação, enquanto uma modalidade científica de psicoterapia, a Blossíntese alcançou em 1998 o reconhecimento da European Association of Psychotherapy (EAP). Esta associação representa atualmente 128 organizações (31 associações nacionais de cúpula, 17 associações de psicoterapia em toda a Europa) de 41 países europeus e mais de 120.000 psicoterapeutas. Com base na "Declaração de Estrasburgo sobre Psicoterapia de 1990", a EAP representa altos padrões de treinamento para uma base científica e representa uma prática livre e independente de psicoterapia.

A importância deste esclarecimento acerca da especificidade do conhecimento inaugurado por Reich está na vinculação da Biossíntese a este saber, que não estabeleceu, à sua época, um diálogo com as comunidades científicas ligadas tanto à psicologia científica quanto à biologia clássica. Sem desconsiderar suas limitações teóricas e empíricas, conforme elucidam alguns autores (FIGUEIREDO, 1991; REGO 1992, 2003; XAVIER, 2004), consideramos que o desenvolvimento independente das suas ideias não deve, por si só, invalidar suas contribuições que, por exemplo, fazem parte do campo da psicossomática, apesar de muitas vezes ignorada (SIGELMANN, 2000). Neste sentido, é necessário considerar muitas das questões apresentadas pela proposta da Biossíntese a partir deste contexto específico das ideias reichianas que, ao longo do século XX e nestas primeiras décadas do novo século, tem permitido o desenvolvimento de uma clínica denominada de psicoterapia corporal com contribuições relevantes para produção do conhecimento da psicologia (ALBERTINI, 2011; MATHIESEN, 2012) e para outros campos e a sociedade como um todo (ALBERTINI, 1994; COBRA, 2007; MATHIESEN, 2017).

Ao mesmo tempo, devemos considerar a necessidade de se estabelecer um diálogo sobre estas ideias com as ciências que têm sua produção do conhecimento fundamentada pelo método experimental, como é o caso das neurociências e das ciências cognitivas, dentre outras, de tal modo que se possa estabelecer uma relação crítica com o campo de conhecimento inaugurado por Reich. Exemplos destes diálogos podem ser encontrados nas pesquisas de autores como Carleton (2009), Klopstech (2008), Liss (2005) e Xavier (1998, 2004, 2010). Entretanto, cabe aqui explicitar que não é o propósito deste trabalho levar em consideração a validade experimental das ideias de Reich, ainda que o pensamento complexo tenha como uma das suas raízes principais o arcabouço do conhecimento científico moderno e contemporâneo. A concepção de *corporeidade/subjetividade* que está sendo proposta neste trabalho, a partir do pensamento complexo, tem o objetivo de enfrentar, neste primeiro momento, os processos propriamente subjetivos, enquanto dimensão que guarda relativa autonomia em relação aos processos biológicos.

Outro ponto importante a ser esclarecido para a apresentação da proposta da Biossíntese é com relação a sua visão de mundo e de ser humano, no que concerne a uma ontologia espiritualista. Como a finalidade deste capítulo é apresentar o conjunto das ideias que fundamentam essa abordagem de psicoterapia, faz-se necessário explicitar seus pressupostos filosóficos que são, justamente, sua visão de mundo e de ser humano. Não desconsiderando a problemática ontológica, epistemológica e teórica, além dos seus desdobramentos metodológico-técnicos, que uma visão espiritualista deve enfrentar para

estabelecer o debate com as comunidades acadêmicas, e não sendo o objetivo deste trabalho adentrar nesta discussão, estaremos apenas expondo as ideias da Biossíntese que assumem tal posição filosófica.

Além disso, como ficou evidenciado na noção de *corporeidade/subjetividade* desenvolvida e proposta na primeira parte deste trabalho, a fundamentação ontológica, epistemológica e teórica assumida se mantém nas fronteiras do materialismo filosófico e científico, o qual ainda prevalece nas discussões acadêmicas das comunidades científicas mantidas sob a égide deste paradigma (ARAUJO, 2013). Desta forma, a discussão que será estabelecida entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e a proposta da Biossíntese se dará a partir dos fundamentos da primeira com a finalidade de contribuir com a fundamentação epistemológica e teórica da segunda e, também, de estabelecer a ponte entre a noção em questão e a psicologia clínica, mediante o método clínico da Biossíntese.

### **9.1 Referência epistemológica e orientação teórica da Biossíntese**

Iniciando essa apresentação, a partir do seu fundamento epistemológico, ainda que Boadella não tenha se dedicado, sistematicamente, a essa elaboração, encontramos a seguinte afirmação do autor:

Biossíntese é um sistema aberto, não fechado. Isto significa que ela não é um conjunto fixo ou definitivo de terapias ou métodos, mas que é uma rede de conceitos e práticas sempre em desenvolvimento, traçada a partir de várias fontes e integrada num nível superior. Como um sistema ecológico que prospera dentro da diversidade, e que, ao mesmo tempo, é unificado pela coerência e cooperação entre seus componentes (prática e princípios). (1986, p. 2)

Tomando essa primeira definição da Biossíntese como objeto de estudo, fica explicitado o campo no qual Boadella busca circunscrevê-la: é o das ideias sistêmicas. Temos, assim, uma direta convergência com a proposta de uma epistemologia complexa, a partir da qual elaboramos a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Como colocamos no primeiro capítulo desta tese, o pensamento complexo propõe uma teoria da organização/sistema complexo que tem na abertura uma das suas características principais, e que também foi delineada a partir das ideias sistêmicas, juntamente com a Cibernética, a teoria da informação, a teoria da auto-organização e os desenvolvimentos da Termodinâmica no século XX. Desta forma, encontramos na teoria da organização complexa desenvolvida por Morin, em sua obra “O método”, o eixo que permite propor a hipótese de uma articulação entre a noção de *corporeidade/subjetividade* e a proposta da Biossíntese, a partir,



principalmente, da sua concepção da relação corpo-psiquismo, sem deixar de destacar suas diferenças e incompatibilidades.

Além de buscar fundamentar a Biossíntese numa perspectiva sistêmica, Boadella (1992) também indica sua relação com a teoria da auto-organização, ainda que também não desenvolva, sistematicamente, essa articulação. Com ela, o desenvolvimento teórico da Biossíntese está relacionado com dois temas fundamentais, como coloca o próprio autor: “mais profundos que a psicologia e a biologia. Na verdade, são temas básicos que sustentam o aparecimento da matéria e da vida, assim como a integridade do corpo e a formação do *self*” (p.10), ambos relacionados à constituição da corporeidade/subjetividade humana, como apresentamos na elaboração desse conceito. Os temas destacados pelo autor são o “processo formativo da natureza” e a constituição do “campo organizacional”.

Para ele, os processos formativos da natureza, enquanto auto-organização e autorregulação, estão relacionados a uma lei natural básica que explica que a emergência de níveis mais complexos de organização dos sistemas se dá a partir de níveis mais baixos de organização. No que concerne aos processos de desenvolvimento humano, essa lei é relacionada aos processos de mudanças e ao que Bodella (1992) denomina de um princípio psíquico de autocura. Com a ideia de campo organizacional, o autor estabelece a relação indissociável entre os processos formativos do ser humano e as condições ambientais apropriadas e necessárias para que esses processos se deem da melhor forma possível, em direção à saúde integral.

Essas ideias do autor podem ser fundamentadas na noção de *autos*, proposta pelo pensamento complexo. Após a apresentação da proposta da Biossíntese, buscaremos evidenciar essa articulação no próximo capítulo. A título de uma primeira aproximação, podemos relacionar e juntar as ideias de processos formativos da natureza e de campo organizacional com a noção-chave de auto-eco-organização, a qual evidencia a indissociabilidade nos seres vivos entre a organização dos processos internos e a organização dos processos externos. Isto quer dizer que o meio ambiente atua na auto-organização como co-organizador, sendo, por isso, constitutivo de todos os seres vivos.

## **9.2 Breve histórico da Biossíntese: o solo fértil das suas raízes teórico-clínicas**

Destacados, inicialmente, esses aspectos epistemológicos e teóricos da Biossíntese e sua convergência com o pensamento complexo e a concepção de *corporeidade/subjetividade* exposta anteriormente, passaremos a uma breve apresentação do seu desenvolvimento

histórico para indicar o solo no qual as raízes de suas ideias estão imersas e fincadas. Ao longo do seu percurso de formação, enquanto psicoterapeuta, David Boadella passou por diferentes escolas de psicologia, todas elas tendo uma origem comum: a psicanálise de Freud. Não obstante a diversidade de perspectivas, que aqui iremos resumidamente destacar, não podemos deixar de dar a necessária ênfase ao arcabouço teórico-clínico desenvolvido por Wilhelm Reich, pois a Biossíntese é uma proposta de psicoterapia corporal herdeira desta tradição (BOADELLA, 1986, 1992, 1997a; FREITAS, 2002).

É justamente essa a sua primeira influência nesse longo percurso que o levou a chegar à proposta da Biossíntese. Sua imersão nas ideias de Reich durou um período de, aproximadamente, dez anos, o qual resultou num importante estudo publicado em diversas línguas, ganhando o título aqui no Brasil de “Nos caminhos de Reich” (1985). Tendo sido aluno de Ola Raknes, principal terapeuta reichiana da Noruega e aluno direto de Reich, Boadella não se mantém no movimento reichiano ortodoxo e busca estabelecer pontos com outras escolas herdeiras desta tradição. Na própria Inglaterra, seu país de origem, em Londres, estabelece relações de trabalho com Gerda Boyesen (1986), criadora da Biodinâmica. Nos Estados Unidos da América, aproxima-se de Alexander Lowen, criador, conjuntamente com John Pierrakos, da Análise Bioenergética (BOADELLA, 1986, 1992, 1997a; FREITAS, 2002).

Seu contato com Stanley Keleman, um dos importantes alunos de Lowen e que desenvolveu seu próprio método terapêutico trabalhando com o “princípio formativo” na educação somática, aproximou-lhe do que viria a ser a coluna dorsal da Biossíntese e, conseqüentemente, a possibilidade de caminhar em direção a uma síntese, a embriologia e os estudos da vida intrauterina. Além de Keleman, Boadella recebeu influências fundamentais de Francis Mott, com a “Configuracional Psychology”, de Franke Lake, com a “Clinical Theology”, e de Otto Hartmann, com a “Dynamic Morphology” para o aprofundamento da teoria embriológica (BOADELLA, 1986, 1992, 1997a).

Mesmo esses últimos autores, que lhes apresentaram a embriologia do corpo/soma, também tinham sua vinculação com a psicanálise. Francis Mott era um analista inglês, que utilizava o termo biossíntese porque lidava com as raízes orgânicas do processo vital durante a vida embriológica, trabalhando apenas no plano psicológico por meio dos sonhos. Sua origem descendia de Otto Rank, importante psicanalista e autor da teoria da angústia fundamentada no trauma do nascimento, diferentemente da teoria elaborada por Freud baseada no desamparo psíquico. Franke Lake, por sua vez, que amplia as ideias de Mott e desenvolve uma terapia regressiva utilizando-se, inicialmente, do LSD (do

alemão *Lysergsäure-diethylamid*), e posteriormente, e principalmente, da respiração, também tinha ligação com a tradição da psicologia inglesa das relações objetais propostas do Fairbairn e Harry Guntrip, e criada, originariamente, por Melaine Klein (BOADELLA, 1986, 1992, 1997a).

Trabalhando com esses diferentes terapeutas, Boadella se dá conta, num dado momento da sua caminhada, que a sua abordagem terapêutica reunia três diferentes tradições desenvolvidas a partir de Freud: “uma traçada por Reich, Lowen e Gerda Boyesen, que enfocava o fluxo da energia libidinal; outra que se originava em Rank, seguindo até Francis Mott, que enfocava a experiência pré-natal; e uma terceira, que passava por Melanie Klein, os terapeutas que trabalhavam com relações objetais e Frank Lake, que enfocava a relação mãe-filho” (1986, p. 2). A busca pela integração destas três tradições ficou estabelecida no termo e no nome Biossíntese, uma forma particular de psicoterapia, distinta da Bioenergética de Lowen e da Biodinâmica de Boyesen. Sua proposta é calcada numa concepção embriológica funcional da relação corpo-psi-quismo e na busca da articulação dos diferentes princípios metodológicos terapêuticos dessas várias abordagens originadas da psicanálise freudiana, justamente o que caracteriza a especificidade da sua perspectiva teórico-clínica. Essa característica específica da Biossíntese é mais uma evidência da possibilidade de se estabelecer um diálogo frutífero com a concepção de *corporeidade/subjetividade* fundamentada na epistemologia complexa, conforme elucidada seu desenvolvimento histórico.

Com essas informações históricas, fica um pouco mais clara a afirmação de Boadella (1986) de que a Biossíntese é um sistema aberto. Como bem coloca Freitas (2002), ele está dizendo que a Biossíntese é uma rede de saberes e princípios acumulados pelas psicoterapias somáticas, diríamos de base psicanalítica, que procura abarcar a complexidade humana, a fim de promover a saúde integral do ser humano. Podemos também traduzir essa ideia de Boadella explorando a concepção de sistema aberto de Morin (1997). Nessa perspectiva, a Biossíntese é uma abordagem de psicoterapia que se constituiu e se mantém a partir do conhecimento de outras visões. Essa abertura lhe permite receber o fluxo de conhecimentos das diferentes abordagens, caracterizando sua dependência a elas. Ao buscar integrá-las numa síntese, a Biossíntese estabelece o fecho a partir do qual constitui sua própria identidade, um sistema de conhecimento ou um sistema de ideias, dotado de relativa autonomia. No entanto, para alcançar tal condição é necessário instituir uma síntese teórica entre as diferentes abordagens e suas teorias, o que não chegou a ser sistematizado rigorosamente.

Antes de concluir essa visão histórica, é necessário explicitar que, além dessas raízes psicanalíticas, a abordagem criada por Boadella (2006b) também tem raízes vinculadas com

as pesquisas neonatais, especialmente, de John Bowlby e Ian Suttie. Além desses autores, também influenciaram a Biossíntese os trabalhos de Margaret Mahler, Daniel Stern, Allan Schore e outros relacionados à segunda onda de pesquisas sobre infância e psicanálise, as quais confirmaram a validade de alguns princípios psicanalíticos a partir de pesquisas experimentais.

A Biossíntese tem também buscado diálogos com as neurociências por intermédio, por exemplo, das investigações de Jerome Liss (2005) e Jacqueline Carleton (2009). Além disso, a Biossíntese também procura integrar outros saberes a partir dos quais propõe a ideia de bioespiritualidade, a terceira característica marcante da sua abordagem psicoterápica, ao lado dos aspectos somático e psicodinâmico, conforme poderá ser explicado a partir daqui.

### **9.3 Fundamentos teóricos da Biossíntese: a embriologia como caminho para uma síntese da condição do indivíduo-sujeito humano**

Biossíntese significa “integração da vida”. O eixo teórico e prático desse sistema psicoterápico é a embriologia funcional, a partir da qual é proposta uma síntese dos processos formativos e organizacionais que constituem o corpo humano e, como esse trabalho entende, o *continuum corporeidade/subjetividade* do ser humano. A base embriológica permite um profundo entendimento da origem ontogenética do corpo humano a partir do seu plano organizacional, conforme elucida Boadella (1992). É necessário chamar a atenção para o fato de que o autor não sistematizou, categoricamente, a ideia de plano organizacional. Considerando a relevância dessa ideia, iremos propor, no capítulo seguinte, sua fundamentação epistemológica e teórica a partir da concepção de corporeidade/*subjetividade* humana, pois esta guarda a teoria da organização proposta pelo pensamento complexo.

Em seu percurso para desenvolver sua abordagem de psicoterapia, Boadella (1970, 1992, 1997b) introduz a embriologia para explorar a relação entre energia e caráter<sup>68</sup>, enquanto noções que partem do arcabouço teórico reichiano. Com isso, o autor busca integrar a perspectiva organizacional a partir da embriologia funcional com a perspectiva dos processos bioenergéticos, inaugurada por Reich, para compreender os processos de desenvolvimentos primitivos do corpo, enquanto processo de corporificação que é, a um só tempo, corpóreo e psíquico.

---

<sup>68</sup> A busca pelo estudo da relação entre estas duas noções chaves foi realizado ao longo de quarenta anos de publicação da revista “Energia e Caráter”, inicialmente no “The Journal of Bioenergetic Research” (1970), e depois no “International Journal of Biosynthesis”.

Desde já, esclarecemos que para o presente trabalho a perspectiva da embriologia funcional, proposta por Boadella, deve ser considerada como uma construção teórica metafórica, pois não leva em consideração as especificidades da complexa trama anatômica e fisiológica que as camadas embriológicas constituem na formação do organismo e da qual emergem os processos psicológicos e comportamentais. No entanto, compreendemos que a sua proposta de apropriação da embriologia aponta para um caminho fundamental no sentido de alcançar uma síntese teórica, a qual pode trazer importantes contribuições para a compreensão dos processos psicossomáticos. Além disso, essa estratégia teórica metafórica permite a Biossíntese propor e realizar uma prática psicoterápica a partir da relação das camadas germinativas embriológicas (endoderma, ectoderma e mesoderma) com os aspectos psicológicos e comportamentais da experiência humana (sentir, pensar e agir), conforme explicitaremos mais à frente. Exposta essa questão importante, podemos passar à apresentação da proposta da Biossíntese.

Como colocado acima, buscando articular a embriologia com as ideias reichianas, a Biossíntese relaciona o fluxo energético libidinal, ou o fluxo bioenergético do corpo, às três camadas germinativas celulares que são constituídas a partir da fecundação do óvulo, a saber: ectoderma, endoderma e mesoderma. Temos, então, as três correntes energéticas fundamentais ou três “fluxos vitais” ou, simplesmente, as correntes da vida que fluem constituindo os planos organizacionais embriológicos do corpo humano. Conforme afirma Boadella (1992, p. 10), essas “correntes se expressam num fluxo de movimento por todos os caminhos musculares [mesoderma]; num fluxo de percepções, pensamentos e imagens que percorre o sistema neurossensorial [ectoderma]; e num fluxo de vida emocional que está localizado no centro do corpo e flui através dos órgãos do tronco [endoderma]”.

Do ponto de vista psicoterápico, as situações de estresse que caracterizam experiências traumáticas desde a vida intrauterina, no nascimento, na infância e ao longo da vida, podem quebrar a integridade dessas três correntes ou planos organizacionais do corpo humano (mesoderma, endoderma e ectoderma), levando ao rompimento, em algum nível, da integração entre ação, sentimento e pensamento. As experiências traumáticas são aqui entendidas a partir das ideias freudianas e reichianas, as quais postulam que as exigências civilizacionais da cultura, em contraposição às exigências pulsionais humanas, provocam choques irremediáveis. Esses choques, na perspectiva enfatizada e assumida por Reich (1978), e também por Boadella, estabelecem bloqueios energéticos, ou a estase da bioenergia, interrompendo o fluxo e a pulsação do organismo. Cabe esclarecer que enquanto Freud (1996b) passa de uma concepção que atribui à cultura a responsabilidade pelo

estabelecimento da neurose para o entendimento de que tal condição é inerente à constituição pulsional humana, Reich (1978, 1984, 1995) se mantém na primeira concepção até o final da sua vida.

Ao observarmos a formação das camadas germinativas desde o zigoto, uma única célula-ovo, é possível compreender que a hipercomplexidade do *Homo sapiens*, como assim enfatiza Morin (1979), parte desta unidade celular que vai dar origem a, aproximadamente, dez trilhões de células. A diversidade de células (nervosas, musculares, sanguíneas, ósseas etc.) é constituída a partir de um mesmo tipo de célula tronco que guarda a potencialidade de gerar qualquer tecido corporal. A diferenciação se dá no processo de divisão celular nas camadas embrionárias, a partir de uma especialização germinativa. Esse processo é descrito como movimento protoplástico direcional, pelo qual células individuais começam a migrar e se reposicionar no corpo alongado e invaginante da massa celular, sugerindo que há uma comunicação entre as células a partir do contato feito entre elas. Nesse movimento, as células fluem pelos declives bioelétricos e químicos até os locais de organização funcional no corpo, estabelecidos conforme a divisão e diferenciação celular (BOADELLA, 1992).

Esse processo autoformativo, conforme descreve, resumidamente, o autor, vai se constituindo de fora para dentro, conforme a diferenciação das três camadas germinativas, a partir de duas bolhas celulares ocas e elípticas: o saco amniótico e o saco vitelino, e também as células magmas, as quais ocupam o espaço existente entre eles. Das células alinhadas na face inferior do saco amniótico, desenvolve-se o ectoderma, a camada externa do corpo; na face superior, forma-se o endoderma, o revestimento interno do corpo; e as células magmas transformam-se no mesoderma, o material que envolve o corpo. Essas três camadas celulares vão formando um sistema de tubos. Da camada ectodérmica se constituirá um tubo fechado, cheio de fluido, o qual irá se dilatar na extremidade superior formando três saliências que vão se transformando nas três partes do cérebro (anterior, mediana e posterior). O tubo mais interno (endodérmico) transforma-se no intestino e nos demais órgãos digestivos: estômago, fígado, pâncreas etc. Deste mesmo tubo também se desenvolvem os pulmões. Da camada celular central (mesodérmica), partindo dos dois lados em direção ao centro, “formam-se as duas metades de um terceiro tubo, que irá fundir-se com o coração primitivo” (BOADELLA, 1992, p. 33) e constituir o sistema cardiovascular e o sistema músculo-esquelético.

Observando a funcionalidade das três camadas embrionárias, a partir do conjunto de órgãos reunidos em cada uma delas, podemos compreender que o endoderma, tubo gastrointestinal e respiratório, tem a função da respiração e da alimentação, a partir das quais se metaboliza a energia. No que diz respeito ao pescoço, ao tronco, ao quadril e à pelvis, este

tubo embriológico, ou plano organizacional do corpo humano, está no espaço mais interior do corpo, e sendo a atividade do corpo, morfologicamente, mais centralizada. O mesoderma, também para as mesmas regiões assinaladas, incluindo ainda os membros superiores e inferiores, enquanto tubo embriológico e plano organizacional medial, está relacionado à função motora do organismo e permite a verificação dos níveis de pressão dos fluidos do corpo e o grau de tensão e relaxamento dos músculos. O ectoderma, advindo do tubo embriológico ou plano organizacional mais externo, constitui a pele, os órgãos sensoriais e todo o sistema nervoso: central e periférico. Ao mesmo tempo em que a cabeça é a região do corpo na qual estão quatro dos órgãos dos sentidos (visão, olfato, paladar e audição) e também o cérebro, órgão centralizador do sistema nervoso, o ectoderma também se estende por todo o corpo pela pele, maior órgão do corpo humano, e pelas ramificações abrangentes e profundas do sistema nervoso periférico. Sua função é governar todo o sistema perceptível e informacional (fluxo interno-externo), relativo aos mecanismos neurofisiológicos que vão abarcar os demais sistemas do organismo, sem, contudo, abarcá-lo por completo, já que, como indicamos a partir do conceito de corporeidade/subjetividade, existe uma relativa autonomia dos processos de auto-organização de camadas celulares que não são alcançadas pelas ramificações do sistema nervoso periférico.

Antes de continuarmos apresentando a perspectiva embriológica que fundamenta a proposta da Biossíntese, e com a qual estabeleceremos uma discussão com a concepção de *corporeidade/subjetividade*, faz-se necessário explicitar a sua articulação com a noção de unidade funcional soma-psique em Reich para podermos elucidar a proposta de uma morfologia dinâmica embriológica funcional de Boadella (1992, 1997b).

### **9.3.1 A noção de unidade funcional soma-psique em Reich**

Como exposto na introdução deste capítulo, as ideias de Reich devem ser consideradas como um campo de conhecimento que teve seu desenvolvimento independente da psicologia científica e da biologia clássica da sua época. Sua justificativa teórica foi construída ao longo de quase um século de prática clínica desenvolvida a partir das suas ideias no campo das psicoterapias corporais (GIBIER, 2000), conferindo-lhe uma certa autonomia em relação a essas ciências até os dias atuais. Não obstante, os estudos comparativos e de verificação entre esses campos do conhecimento são de grande relevância para os seus desenvolvimentos teóricos e também clínicos.

No curso do desenvolvimento histórico de suas ideias, é a partir do seu estudo acerca do caráter que Reich (1995) irá fundamentar a noção chave de unidade funcional soma-psique para sua proposta teórico-clínica. Nela, estabelece-se a relação entre as defesas psíquicas de natureza narcísica, denominadas de couraça caracterial, e as defesas somáticas estabelecidas por mecanismos neurovegetativos, que são definidas como couraça muscular. A compreensão dessa relação se deu pela correspondência entre couraça caracterial e couraça muscular a partir do que Reich identificou, em sua época, como a característica principal presente em ambas: o enrijecimento somático-psíquico. A estruturação egóica no nível psíquico, que se dá pela relativa cronicidade, rigidez e repetitividade dos mecanismos de defesa, está sustentada pela disfunção do tônus muscular em decorrência da alteração dos mecanismos simpático e parassimpático do sistema nervoso autônomo ou vegetativo (SNA)<sup>69</sup>, os quais também estabelecem uma relativa cronicidade, rigidez ou flacidez no padrão do tônus muscular. A identificação da flacidez como couraça muscular foi sendo caracterizada, principalmente, com os trabalhos dos neo-reichianos (REGO, 2008), dentre os quais encontramos o próprio Boadella (1992, 1997b).

A compreensão dessa relação direta entre os mecanismos de defesas psíquicos e somáticos em articulação com a noção de potência orgástica, fundamentada na fórmula do orgasmo (tensão-carga-descarga-relaxamento), permitiu a Reich construir e inaugurar uma perspectiva de fundamentação das bases biofisiológicas do psiquismo. Essa perspectiva traz uma compreensão sobre as bases profundas da linguagem expressiva da vida que tem na emoção sua função principal, sendo, posteriormente, relacionada à concepção de energia orgone<sup>70</sup>, considerada como substrato energético do organismo vivo. A construção dessa perspectiva é estabelecida a partir da relação entre os níveis filogenético e ontogenético.

---

<sup>69</sup> Como bem destaca Rego (2016), os conhecimentos atuais acerca dos processos neurodinâmicos podem evidenciar lacunas na teoria vegetativa de Reich. De acordo com Xavier (2004), Reich não levou em consideração a função preponderante do sistema nervoso central na produção das emoções, no qual se encontra o mecanismo de ativação ou não no sistema nervoso autônomo. Conforme explicita este autor, “Reich negligencia o conjunto das funções cérebro-espinhais, operando apenas com a parte de saída do sistema nervoso da vida vegetativa” (p. 232).

<sup>70</sup> Primeiramente, é necessário esclarecer que a noção de energia orgone (ou orgônio) é o resultado das pesquisas de Reich acerca da bioenergia, noção já citada anteriormente. O entendimento de que a noção de bioenergia é a designação global do campo unitário do pensamento reichiano, deriva das conclusões de que as investigações acerca da função do orgasmo (fórmula do orgasmo: tensão mecânica - carga energética - descarga energética - distensão mecânica ou relaxamento; fórmula que traduz o princípio energético de tudo que é vivo: ritmo pulsatório universal da matéria viva - expansão e contração) os levou à análise das funções energéticas, primeiramente, no organismo humano, para depois alcançar o mundo físico, justamente com a noção de orgone (cósmico). Neste sentido, conforme elucida Rodrigues (2008), “a *energia orgone* seria a energia cósmica, primária e original, uma energia universal, pulsátil e excitável. O *orgone* estaria presente em tudo, de forma latente ou manifesta, em quantidades e intensidades diferenciadas, e no ser humano se apresentaria como uma energia biofísica correlata à libido e a pulsão, manifestando-se no cerne da sexualidade e das emoções. É a partir deste conceito de energia que Reich constrói os conceitos de *pensamento funcional orgonômico*, *orgonomia*,



Ao estudar os processos de interação de unicelulares (protozoários) com o meio ambiente, Reich (1984, 1995) observou que ao introduzir uma substância aversiva (ou estímulo) no ambiente, a ameba deixa de manter seus movimentos rítmicos naturais de expansão e contração, passando a se contrair predominantemente. Se esse estímulo se prolonga, a ameba pode se encapsular, formando um quisto semi-impermeável semelhante ao endurecimento do seu protoplasma, que protege seus conteúdos internos, perdendo, relativamente, sua capacidade de se expandir e contrair. Para o autor, esse processo caracteriza o aspecto primário do encouraçamento nos seres vivos, tendo no ser humano correspondência num processo análogo, mas muito mais complexo.

Ao buscar relacionar esses aspectos elementares dos movimentos de interação dos unicelulares com o meio ambiente e com a linguagem expressiva da vida, isto é, com as emoções, Reich (1995) afirma que devemos utilizar essa palavra a partir do seu sentido literal, “movimento para fora”, de maneira que os seus aspectos fundamentais constituidores são as sensações e os movimentos. Neste sentido, “a emoção não é mais do que movimento plasmático. Estímulos agradáveis provocam uma ‘emoção’ do protoplasma, do centro para a periferia. Por outro lado, estímulos desagradáveis provocam uma ‘emoção’ ou, mais corretamente, remoção do protoplasma da periferia para o centro do organismo” (p. 330). Temos, então, duas direções para a corrente plasmática biofísica, as quais Reich relacionou aos dois afetos básicos do aparelho psíquico: prazer e angústia.

Compreendendo que a pulsação expansão-contração presente nos unicelulares corresponde a um princípio básico, vital e funcional da vida<sup>71</sup>, no qual a expansão está relacionada ao prazer e a contração à angústia e ao desprazer, Reich (1984, 1995) vai encontrar sua correspondência no funcionamento do sistema nervoso autônomo do organismo humano. As funções biológicas de expansão e contração estão presentes na atuação dos sistemas simpático e parassimpático. Em síntese, enquanto o primeiro opera na direção da

---

*orgonoterapia* etc”. Podemos encontrar a definição para esta noção no glossário do livro “Éter, Deus e o Diabo” do próprio Reich (2003, p. 329): “Energia orgone: energia cósmica primordial; presente universalmente e passível de demonstração visual, térmica, eletroscópica e através de contadores Geiger-Müller. No organismo vivo: energia biológica. Descoberta por Reich entre 1936 e 1940”. Não desconsiderando toda a problemática ontológica, epistemológica e teórica que essa noção abre ao debate e à pesquisa, como, por exemplo, as disputas entre a perspectiva das explicações físico-químicas e do vitalismo ou neovitalismo para a compreensão da origem da vida, Rego (1992) aponta para os desafios que precisam ser assumidos se quisermos utilizá-la como instrumento conceitual que possibilite elucidar dimensões desconhecidas da complexidade humana. Na perspectiva que defendemos nesta tese, a do pensamento complexo, Morin (1997) propõe que se saia da alternativa fragmentadora de ter que escolher entre o reducionismo físico-químico e o vitalismo, o que pode ser feito a partir do mergulho radial que este autor faz na *physis* (mundo físico), propondo considerá-la como o lugar da criação e da organização, como foi apresentado no desenvolvimento da noção *corporeidade/subjetividade*.

<sup>71</sup> Esse princípio pulsátil será denominado por Reich (1995) de pulsação orgástica, já que está diretamente relacionado à potência orgástica, ao reflexo do orgasmo e à fórmula do orgasmo.

contração do organismo, dos vasos sanguíneos, produzindo a palidez, a sensação de angústia, de desprazer e de dor, quando ativado, excessivamente, o segundo opera na direção da expansão do organismo, ocasionando dilatação dos vasos sanguíneos na periferia, tornando a pele corada, produzindo uma tensão prazerosa<sup>72</sup>.

Desta forma, o funcionalismo orgonômico de Reich estabelece essa relação funcional entre a pulsação expansão-contração do unicelular e a do sistema nervoso autônomo no ser humano para compreender a função da emoção na linguagem expressiva da vida. A partir desse princípio funcional, é afirmado que as disfunções psíquicas estão enraizadas no corpo e em relação direta com a couraça muscular. Essas evidências eram confirmadas na observação e experiência clínica, segundo as interpretações de Reich (1984, 1995). Por meio das tensões ou flacidez da musculatura se estabelecia um mecanismo que bloqueava o prazer, a raiva e a dor, enrijecendo a pulsação vital do organismo. Com as intervenções na musculatura encouraçada, pela respiração e pela massagem, produziam-se fenômenos somáticos nos pacientes, denominados por Reich (1984, 1995) de correntes vegetativas, que se caracterizavam por diversas sensações corporais peculiares: tremor involuntário e contrações dos músculos, sensações de frio e calor, coceira, impressão de alfinetadas e agulhadas, sensações de espinhos, excitação nervosa, percepções somáticas de angústia, raiva, medo e prazer.

Estabelecida a identidade funcional entre couraça do caráter e couraça muscular, conforme propõe a sua teoria do recalque, o que significava que as atitudes musculares e as atitudes de caráter têm a mesma função no mecanismo psíquico, podendo substituírem-se e influenciarem-se mutuamente, Reich (1995) afirma que a couraça muscular tem uma disposição segmentar no organismo<sup>73</sup>. Na compreensão deste autor, esta disposição é uma herança filogenética de uma forma muito mais primitiva de funcionamento dos seres vivos, como aquelas encontradas nos sistemas biológicos dos anelídeos e outros seres vivos correspondentes. As evidências dessa herança podem ser encontradas na estrutura segmentar

---

<sup>72</sup> Xavier (2004) elucida que, apesar dessa metáfora reichiana entre os dois ramos do SNA e os estados emocionais ser intuitivamente válida, “a tese autonômica que a sustenta revela-se frágil, pois o concurso de várias funções orgânicas (como o próprio ato sexual, p. ex.) requer a participação de ambos os ramos do SNA” (p. 232-233), o que Reich (1984) reconhecia em sua época. No entanto, ou ele não conhecia especificamente ou interpretava incorretamente a atuação dos dois ramos do SNA como no caso dos órgãos sexuais femininos e masculinos, pois reduzia a causa dos problemas sexuais à ação crônica do sistema simpático. Como adverte Xavier (2004), a teoria autonômica de Reich tende para um reducionismo e um maniqueísmo, já que os dois ramos do SNA atuam, sinergicamente, na autorregulação do organismo, variando a atuação de um e de outro mediante o contexto ambiental e as necessidades adaptativas de cada situação.

<sup>73</sup> Sobre a concepção de Reich (1995) acerca da couraça muscular é necessário um exame crítico para identificar suas limitações e equívocos do ponto de vista anatômico, fisiológico e embriológico, de acordo com as considerações apresentadas no artigo de Rego (1993) intitulado “Anatomia e couraça muscular do caráter”.

da espinha dorsal, nas terminações nervosas correspondentes aos segmentos da medula espinhal e no arranjo segmentar dos gânglios nos sistemas nervosos autônomos, presentes nos vertebrados superiores, o que inclui os seres humanos. No entanto, esta disposição segmentar da couraça muscular não segue as disposições anatômicas de músculos e nervos, sendo, funcionalmente, independente deles.

A disposição segmentar indica, conforme entende Reich (1995, p. 341), que a couraça “funciona de maneira circular, na frente, nos dois lados, e atrás, isto é, como um anel. (...)”, e que “um segmento de couraça compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional”. A diferenciação entre os segmentos é estabelecida pela delimitação funcional que indica a não afetação das ações emocionais de um segmento sobre o outro. Ainda com relação à sua disposição, cada segmento da couraça tem sempre uma estrutura horizontal, formando ângulos retos com a espinha dorsal. Os braços e as pernas, apesar de guardarem uma disposição vertical, devem ser considerados como extensões dos segmentos torácico e pélvico, respectivamente.

Estabelecidos esses aspectos constituidores dos segmentos ou anéis de tensão da couraça muscular, Reich (1995) indica sete zonas das couraças musculares e que estabelecem bloqueios do funcionamento emocional expressivo: (1) ocular, incluindo os olhos e a parte superior da cabeça; (2) oral, envolvendo a boca, a faringe e o queixo; (3) cervical, abrangendo o pescoço e a garganta; (4) torácico, incluindo o peito e os braços; (5) diafragmático; (6) abdominal; e (7) pélvico, envolvendo a base da espinha e as pernas. Podemos observar que a organização segmentar identificada por Reich guarda uma disposição corpórea horizontal. Essa característica da couraça muscular se justifica pela sua funcionalidade inibidora da expressão emocional que, quando não inibida, segue a direção das correntes vegetativas ou orgonóticas, como Reich (1995) passou a denominá-las após postular a ciência da orgonomia.

As correntes orgonóticas seguem o sentido longitudinal que é o sentido dos tubos embriológicos, conforme podemos afirmar com Boadella (1992, 1997b). Os segmentos da couraça têm, então, uma disposição que é aquela que pode impedir os movimentos longitudinais naturais que a formação embriológica evidencia e à qual a linguagem expressiva da vida corresponde. Ou seja, “a inibição da linguagem emocional da expressão opera perpendicularmente à direção da corrente orgonótica” porque “as couraças estão dispostas em segmentos transversais ao fluxo das correntes” (REICH, 1995, p. 343), têm uma disposição contrária ao movimento embriológico (longitudinal) da vida no organismo humano. Desta forma, Reich (1995) chegou à compreensão de que o processo de encouraçamento do

organismo se estabelece na interseção entre o eixo longitudinal dos tubos das camadas embriológicas e os eixos horizontais da organização segmentar.

#### **9.4 Em busca de uma linguagem embriológica funcional: a morfologia dinâmica proposta por David Boadella**

Além dessa interseção entre a organização embriológica (longitudinal) e a organização segmentar da corporeidade estabelecida pelo processo de encouraçamento muscular, Boadella (1992, 1997b) encontrou na obra “*Dynamische Morphologie*”, de Otto Hatmann, os primeiros indícios de relação entre esses dois modos de organização da corporeidade, no que concerne à funcionalidade e às configurações morfológicas. Partindo das ideias de Hatmann (*apud* Boadella, 1997b), o corpo se organiza a partir da expressão de duas polaridades básicas que estão relacionadas aos grandes segmentos dele mesmo, a saber: a cabeça e o tronco, este último subdividido em tórax e abdômen. Tal concepção do corpo mantém correspondência equivalente à lógica segmentar da couraça muscular proposta por Reich (1995), ainda que não haja uma correspondência ponto a ponto. A primeira polarização é “entre a cabeça e os órgãos ocos do tronco; a segunda, entre o sistema sensorial [neurológico], localizado no cérebro, [ou seja, também relacionado à região da cabeça], e o sistema locomotor expresso através da musculatura dos membros” (BOADELLA, 1997b, p. 117). Na perspectiva embriológica podemos traduzir essa proposta de organização morfológica como sendo, respectivamente, polarizações entre ectoderma e endoderma, e ectoderma e mesoderma. A polarização endoderma e mesoderma não fica caracterizada.

Seguindo ainda a proposta de Hatmann, Boadella (1997b) explora essa relação funcional entre ectoderma e endoderma levando em consideração que o corpo possui três compartimentos básicos: o crânio, o tórax e o abdômen. Esses compartimentos, enquanto sistemas funcionais, quando consideramos a relação entre o crânio e o abdômen, possuem uma configuração e uma funcionalidade antitética; já o tórax, compartimento intermediário, tem qualidades associadas aos dois outros compartimentos.

Comparando o crânio e o tórax, é possível observar uma configuração semelhante. Assim como o crânio é um compartimento fechado, encapsulando e protegendo o cérebro, o tórax também possui uma gaiola de costelas e o osso externo que envolvem e protegem os órgãos do peito. Ao mesmo tempo, ao comparar o abdômen e o tórax, assim como o primeiro é um compartimento sem proteção óssea, sendo, por isso, o mais aberto para o mundo, o que permite seu movimento para fora (expansão) e para dentro (contração), o segundo tem, na sua

parte inferior, uma abertura em suas costelas flutuantes, que encontra o próprio abdômen (BOADELLA, 1997b).

Com relação ao funcionamento do crânio e do abdômen, a característica paradoxal e antitética está na inversão entre as funções dos órgãos que cada compartimento contém e a sua configuração anatômica. No crânio, como colocado acima, temos os órgãos do sentido, cujas funções são trazer para dentro do organismo informações sobre o mundo a partir de receptores sensoriais. Enquanto sua função receptora pode ser como um movimento centrífugo, aberto para o mundo buscando informação, a anatomia desse compartimento indica um movimento para dentro, centrípeto, no qual está, encapsulado e interiorizado, o cérebro. O abdômen, por outro lado, que possui uma estrutura anatômica mais aberta e exposta ao ambiente, e, por isso, podemos considerá-la centrífuga, contém os principais órgãos responsáveis pelo metabolismo energético geral do corpo que tem na assimilação e no armazenamento características de movimentos centrípetos (BOADELLA, 1997b).

Já o tórax, o qual possui uma anatomia intermediária ao compará-lo com os dois outros compartimentos, tem dupla função por meio da respiração pulmonar. Uma relacionada ao metabolismo energético e a outra aos estados de consciência. “A inspiração e a expiração estão conectadas aos ritmos do despertar e do sono, e estes refletem por sua vez a polaridade básica entre prontidão necessária às funções sensoriais da consciência e os processos metabólicos inconscientes que continuam mesmo durante o sono” (BOADELLA, 1997b, p. 117-118). Há ainda outra característica intermediária do tórax em relação ao crânio e ao abdômen. Os dois sistemas circulatórios – sanguíneo e pulmonar – que encontram seus órgãos centrais (coração e pulmão) no tórax, estão ligados, respectivamente, ao sistema metabólico geral por meio do fígado, no abdômen, e ao sistema nervoso central por meio da função de oxigenação dos pulmões que influenciam os estados de consciência.

No que diz respeito à polarização funcional entre o ectoderma e o mesoderma, ainda considerando as ideias de Hatmann (*apud* Boadella, 1997b), é possível considerar que nas atividades predominantemente mentais, de pensamento, o corpo tende a flexionar-se, membros inferiores e superiores e tronco (costas), sugerindo uma forma fechada e centrípeta como a do crânio (cabeça), no qual está inserido o cérebro. Neste sentido, pode-se identificar uma relação entre as funções de concentração e focalização das atividades mentais e a forma de cápsula do crânio. Já nas atividades motoras, os membros inferiores e superiores (braços e pernas), enquanto elementos do sistema esquelético-motor, desempenhando funções extensoras, expressam os movimentos de fluidez para fora, permitindo tocar e manipular os objetos no mundo. Sugerindo, assim, uma forma centrífuga, justamente a que corresponde às

formas retilíneas e radiantes dos ossos dos membros (braços, antebraços, mãos, pés e os dedos). Sendo assim, pensar e agir, na perspectiva de uma morfologia dinâmica relacionada à embriologia funcional, isto é, entendidos a partir deste modo específico de conceber a forma da corporeidade humana, podem ser como as cadências de interiorização e exteriorização de um ritmo de duas batidas.

Enquanto uma construção teórica metafórica, podemos identificar nessa proposta de uma morfologia dinâmica, que dá destaque às funcionalidades e às configurações entre crânio, tórax e abdômen, como sendo os três compartimentos básicos do corpo, contribuições fundamentais para compreensão da relação entre os sistemas (planos organizacionais) ectodérmico e endodérmico, e ainda do crânio com os membros, relacionando os sistemas ectodérmico com o mesodérmico. No desenvolvimento dessas ideias, Boadella (1997b) buscou elaborar suas reflexões no sentido de encontrar um modo de conceber a morfologia dinâmica no qual ela correspondesse às três camadas embriológicas e permitisse estabelecer sua articulação com a teoria do caráter, tanto no nível psíquico quanto somático, iniciada por Reich e tendo sido continuada por seus seguidores.

Neste sentido, as ideias de Lowen e Boyesen permitiram a Boadella aprofundar a compreensão da função do cérebro e do abdômen, este último enquanto fazendo parte do que Lowen (*apud* Boadella, 1997b) denominou de “a grande pelves: a barriga na frente, as nádegas e os órgãos de descarga”, entendidos como reservatórios de energia psíquica. A funcionalidade desses reservatórios é a de carga, descarga e relaxamento, seguindo a fórmula do orgasmo de Reich. Lowen, em suas reflexões acerca da função do cérebro, enquanto reservatório energético e sua relação com nervos motores e a descarga muscular, contribui para que Boadella identificasse no sistema muscular-esquelético-motor um terceiro reservatório de energia. Este *insight* encontrava respaldo nas ideias iniciais de Reich acerca da couraça muscular, já que essa noção se referia, principalmente, à musculatura estriada-esquelética, a qual constitui a parte principal do referido sistema muscular.

Com essa configuração de três tipos de reservatórios (abdominal-pélvico, muscular e crânio-cerebral), Boadella (1997b) relaciona-os a três tipos de couraças somáticas: visceral, muscular e cerebral, sendo a primeira uma definição fundamentada, principalmente, nas ideias de Gerda Boyesen, mas também de Lowen, a segunda do próprio Reich e também de Lowen e a terceira uma construção do próprio Boadella, a partir de Reich e Lowen. Com essa tríade morfológica, o autor começa a desenhar uma perspectiva teórica que se articula com a embriologia funcional. E para fundamentar a noção de couraça cerebral, o autor irá também

explorar as reflexões de Elsworth Baker, um importante reichiano que postulou a existência de uma quarta zona erógena: a zonal ocular.

Antes de explicitar a importância desta proposta de Baker (*apud* Boadella, 1997b) para a Biossíntese, é necessário esclarecer que Reich (1995) elaborou as noções de algumas estruturas típicas de caráter (passivo-feminino, histérico, masoquista, compulsivo, fálico-narcisista, genital), que fazem parte de um espectro que tem, nas polaridades extremas, o caráter neurótico e o caráter genital<sup>74</sup>. A lógica que fundamenta a sua elaboração dos tipos de caráter é a relação entre as diferentes fases do movimento libidinal (oral, anal, fálica e genital) e as categorias de psiconeuroses freudianas (obsessão, histeria, fobia, psicose). As fases do movimento libidinal, que correspondem às zonas erógenas indicadas por Freud (1996g), estão também relacionadas aos segmentos da couraça muscular (REICH, 1995), não tendo, porém, uma correspondência ponto a ponto e ainda guardando uma constituição com características específicas, apresentadas anteriormente.

No entanto, a partir dos desenvolvimentos da vegetoterapia com os seus diferentes continuadores, e aqui destacamos Baker (1980), que se deu com as experiências clínicas e suas reflexões teóricas, abriu-se espaço para novas compreensões acerca dos processos libidinais e sua relação com a constituição das psiconeuroses e, conseqüentemente, com a formação dos caracteres. É nesse contexto que o referido autor propõe a zona ocular como mais uma zona erógena. Fundamentando-se nessa proposta, advinda da tradição reichiana e em articulação com as duas outras tradições (Otto Ranke: psicanálise pré-natal; e Melaine Klein: relações de objeto), Boadella (1974, 1997b) elabora reflexões acerca dos impactos da vida intrauterina na formação do caráter. Levando em consideração a alta sensibilidade do sistema neurossensorial, as experiências sensoriais do feto a partir da pele (maior órgão do

---

<sup>74</sup> Podemos definir a noção geral de caráter de Reich (1995) da seguinte forma: uma estrutura narcísica (egóica), constituída somática e psiquicamente, e resultante das configurações defensivas que lidam com as exigências pulsionais e bioenergéticas do id/isso e as exigências superegóicas (supereu) advindas da internalização dos valores morais, tentando evitar todas as situações ambientais que lhe imponham frustrações e desequilíbrios energéticos. Os conceitos de caráter neurótico e caráter genital são dois parâmetros propostos por Reich (1995) para estabelecer “dois polos caracteriais extremos; tipos ideais que em cada homem concreto se encontram combinados em proporções variáveis” (DADOUN, 1991, p.99). A ideia de caráter neurótico está relacionada a uma estrutura somática-psíquica do eu encoraçada (fluxo bioenergético bloqueado) em sua mobilidade individual e sem plasticidade para encontrar alternativas adaptativas, criativas e prazerosas frente aos desafios da vida, apesar de ter como objetivo proteger o indivíduo do sofrimento (desprazer). No polo oposto temos o caráter genital que se caracteriza, economicamente, pela alternância bem regulada entre tensão e satisfação da libido (bioenergia), que se expressa em sua potência orgástica satisfatória. Sua estrutura é flexível, é acessível ao prazer e sabe lidar com o desprazer, isto é, pulsa entre o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a coragem e o medo, os ganhos e as perdas (luto). Este equilíbrio dinâmico é possibilitado por um organismo autorregulado que sustenta somática e psiquicamente a intensidade dessas experiências cotidianas da vida, vivendo-as plenamente. Tem a capacidade de encontrar respostas adequadas para buscar e manter a sua qualidade de vida no e a partir do trabalho, do conhecimento e do amor. É o funcionamento saudável do organismo para o qual a vida impele o ser humano.

corpo), olhos e ouvidos, na relação com a mãe, podem ter impactos que contribuam para a formação de mecanismos de defesas corporais, ou seja, encouraçamentos.

Compreendendo a zona ocular como representativa desse conjunto de órgãos e como mais uma fase libidinal, o que indicava uma fase pré-natal para o desenvolvimento libidinal, e ainda considerando as fases pré-genital e genital, já estabelecidas na tradição freudiana, Boadella (1997b) começa a encontrar uma relação entre as três camadas germinativas primárias do embrião e as bases libidinais dos caracteres. Tal relação indicava uma congruência com os três tipos de couraça somática (visceral, muscular e cerebral), que ele mesmo reuniu a partir das contribuições dos autores indicados acima. Neste sentido, o autor concluiu que: “parece haver uma conexão em algum lugar entre os três tipos de couraça: muscular, tipificando os padrões de caráter genital<sup>75</sup>; visceral, tipificando os padrões de caráter [pré-genital] intestinal (oral e anal); e de algum modo a couraça cerebral poderia ser relacionada aos padrões de caráter uterino [pré-natal]” (1997b, p.123).

Dessa primeira formulação de uma morfologia dinâmica calcada, principalmente, nas ideias de Hatmann, Boadella (1992) irá chegar numa segunda formulação que tem na embriologia funcional sua fundamentação, permitindo-lhe relacionar os processos formativos com as estruturas/organizações. Ainda inspirado em Hatmann, mas propondo uma alteração na estrutura adotada como parâmetro para definir as três principais regiões do corpo, com a intenção de assumir a perspectiva embriológica, Boadella elege a cabeça, a espinha e o abdômen, estando a diferença na substituição do tórax pela espinha. A relação entre estas três

---

<sup>75</sup> A noção de caráter genital utilizada por Boadella (1997b) está fundamentada na ideia de fase genital de Lowen (1977). Para este autor, a fase genital do desenvolvimento psicosexual se estabelece por volta dos 3 anos de vida, quando as crianças passam a se conscientizar dos seus genitais e exibem um interesse pela atividade genital. Seu estabelecimento se dá mesmo quando a função não esteja amadurecida. “A partir deste momento, a primazia dos genitais se fortalece na medida em que o organismo adquire força, controle e coordenação de seus movimentos” (p. 141). Esta fase está relacionada ao início de uma maior independência da criança em relação a mãe e cuidadores, em contraposição à fase oral, relacionada a uma total dependência. Além da coordenação locomotora, o autor destaca o controle dos músculos esfinterianos e a maior compreensão da palavra falada. Com a fase genital, do ponto de vista bioenergético, inicia-se a pulsação longitudinal, que vai do centro às extremidades, e indica o começo da instauração do princípio de realidade. A partir deste momento, o balanço energético longitudinal está ancorado na cabeça, em cima, e no genital, embaixo. Apesar de considerarmos válida esta proposta de compreensão dos processos de desenvolvimento bioenergético, que encontra sua fundamentação na teoria da sexualidade infantil de Freud, não se deve deixar de considerar o que essa mesma teoria propôs acerca do desenvolvimento libidinal. A teoria freudiana, apresenta a fase fálica como aquela que fecha esse processo no final da primeira infância e sendo uma fase da organização pré-genital. A organização genital só se institui, propriamente, na puberdade. No entanto, no desenvolvimento de suas ideias, Freud (1996c; 1996d) passará a considerar a fase fálica como fazendo parte da organização genital. Considerando esses diferentes pontos de vista acerca da fase genital, optamos por assumir a ideia de que ao se tratar de encouraçamento somático-psíquico, deve-se entender que estamos lidando com a organização pré-genital, a qual é marcada por qualidades neuróticas-infantis impedidoras da expressão sexual genital mais plena, que só pode ser alcançada na organização genital pós-pubertária.



regiões e as três camadas embrionárias são ectoderma e cabeça, mesoderma e espinha e endoderma e abdômen. Conforme explica o autor:

Os principais órgãos ectodérmicos, com exceção da pele, estão concentrados na cabeça: os olhos, os ouvidos, o nariz, a língua, o cérebro. O centro organizacional dos principais músculos e da estrutura óssea do esqueleto é a espinha, com suas extensões nos braços, pernas e cabeça [esta última como um pseudomembro] (...). A espinha e estes membros são os principais órgãos executivos do mesoderma. Os órgãos internos do tronco, os pulmões e os órgãos abdominais podem ser considerados o principal reservatório de energia do endoderma. (BOADELLA, 1992, p. 63)

Assumida essa proposta de uma morfologia dinâmica embriológica funcional para uma concepção da relação corpo-psiquismo, o autor apresenta uma análise da interligação das três regiões a partir das três principais junções. A base do pescoço é a ponte entre cabeça e espinha. A tensão da musculatura na região do pescoço incide na conexão entre o ectoderma e o mesoderma, isto é, entre pensar e agir, podendo haver uma tendência mais para o pensar ou mais para o agir.

A garganta é a região que estabelece a junção entre a região ectodérmica da cabeça e a região endodérmica do abdômen. E é na função expressiva da voz, localizada na garganta, que se dá a integração entre pensamento e emoção/sentimento, podendo haver uma tendência para pensar sem estar conectado aos sentimentos, ou o inverso, se emocionar sem ter um pensamento relacionado a essa emoção/sentimento. A garganta também participa do processo de contenção e bloqueio das emoções/sentimentos ou também da expressão exagerada e intensa (BOADELLA, 1992).

Outra estrutura que participa desse processo de bloqueio ou expressão das emoções é o diafragma, que é, justamente, a ponte entre a terceira junção primária do corpo, entre a espinha e o abdômen, o mesoderma e o endoderma. O diafragma é a principal bomba respiratória do corpo, sendo o regulador da respiração, e realiza uma constante estimulação dos órgãos abdominais. Tendo sua inserção na espinha através das vértebras lombares, a sua tensão age sobre a espinha. Estando cronicamente tenso, pode limitar os movimentos da espinha e da respiração, dificultando a integração entre movimento e respiração. Além disso, podem-se estabelecer dois padrões de ruptura. Um com movimentos mecânicos sem emoção e sem conexão com a pulsação da respiração. E outro no qual a respiração pode estar intensificada, como em alguns quadros de ansiedade, mas não há uma canalização dessa energia mobilizada pela respiração em movimentos. Por fim, é importante considerar que o diafragma mantém uma conexão direta com o pescoço, pois é nele que está a sua origem embriológica. Outro aspecto, anatômico e fisiológico, é que o principal nervo frênico se

origina na coluna cervical, ou seja, no pescoço, e se insere no diafragma, mantendo funções em comum. Não é por acaso que o padrão de tensão da musculatura e a mobilização dos tecidos do pescoço estimulam o diafragma (BOADELLA, 1992).

Como considera o autor, a morfologia dinâmica proposta pela Biossíntese abre uma nova perspectiva à psicoterapia. Com ela, estabelece-se que a psicoterapia é um processo de unificação e integração das três camadas embrionárias, às quais correspondem as três regiões do corpo (cabeça, espinha e abdômen) e aos três aspectos psicológicos/comportamentais (sentir, pensar e agir). Os desdobramentos metodológicos e técnicos dessa proposta serão expostos mais à frente.

### **9.5 Formação do caráter e morfologia dinâmica embriológica: funcionalidades neurofisiológicas, psicológicas e comportamentais**

Retomando as questões caracterológicas e seguindo na direção de formular uma síntese acerca da formação do caráter a partir da embriologia funcional, Boadella (1992, 1997b) irá estabelecer, respectivamente, a seguinte relação entre as três camadas germinativas embrionárias, as zonas erógenas correspondentes e os três tipos de couraça: (1) endoderma, fixação libidinal pré-genital (zona oral e anal) e couraça visceral; (2) mesoderma, fixação libidinal pré-genital (zona fálica) e couraça muscular; e (3) ectoderma, fixação libidinal pré-natal (zona ocular) e couraça cerebral. Como foi apresentado no início desse tópico, as três camadas embriológicas (endoderma, mesoderma e ectoderma), em sua funcionalidade psicológica e comportamental, estão associadas, respectivamente, às emoções/sentimentos, à ação e aos pensamentos. Para expor a perspectiva da Biossíntese, para a formação do caráter, é necessário evidenciar os aspectos que caracterizam a funcionalidade neurofisiológica, psicológica e comportamental das camadas.

Conforme propõe Boadella (1992), considerando que o endoderma é o folheto germinativo gerador dos tecidos metabolizadores da energia (órgãos digestivos e os tecidos dos pulmões) localizados na camada mais interna do corpo, e os quais estão sob a influência do SNA<sup>76</sup>, pode-se relacionar o aspecto orgânico energético do metabolismo com a

---

<sup>76</sup> Neste momento das suas elaborações teóricas, Boadella (1992) se mantém na perspectiva reichiana de conferir ao SNA o fator neurológico desencadeador das emoções e assumir uma concepção autonômica reducionista e dualista. No entanto, como assinalamos em nota de rodapé anterior, é necessário considerar o caráter agenciador do sistema nervoso central (SNC) em relação ao SNA e a característica sinérgica dos sistemas simpático e parassimpático, conforme explica Xavier (2004). Em momento posterior, Boadella (2004, 2005) passa a considerar esta relação agenciadora entre os dois sistemas como as bases neurofisiológicas das emoções, bem como a relação sinérgica entre os dois ramos do SNA.

experiência emocional. Essa relação está fundamentada no fato de que os dois ramos do SNA, simpático e parassimpático, possuem ramificações em todos os órgãos internos do corpo que metabolizam a energia, de tal forma que as sensações desta região (abdômen e tórax), a qual envolve esse conjunto de órgãos, são o pano de fundo para a percepção das experiências emocionais. Entre as polaridades do SNA, o sistema simpático atua, preponderantemente, frente a situações de emergência de luta, fuga e congelamento, produzindo tensão, e o parassimpático em situações nas quais não há ameaças, provocando relaxamento. Seguindo as contribuições de Reich (1995), já expostas acima, Boadella explicita que a contração, relacionada ao simpático, e a expansão, relacionada ao parassimpático, dos pulmões durante a respiração e dos movimentos peristálticos do intestino, durante a digestão, são respostas aos sinais enviados pelos nervos vegetativos e estão relacionadas às sensações que caracterizam as experiências emocionais básicas, respectivamente, à raiva e ao medo, e ao prazer e à tristeza.

O mesoderma, camada celular central do feto, dá origem ao sistema muscular, ao sistema esquelético, aos vasos sanguíneos e ao coração. Por essa razão, está relacionado ao movimento e à ação, e também à postura. Na sua relação com o sistema nervoso, também possui articulação com o SNA, que regula o coração e as camadas musculares lisas, e ainda com outras três instâncias do sistema nervoso (cortical, subcortical e espinhal) que atuam no controle motor, por meio do sistema muscular esquelético. O controle cortical é feito por meio das principais vias nervosas voluntárias (o sistema piramidal). O controle subcortical é feito por um sistema nervoso especial ligado aos gânglios da base, ao mesencéfalo e ao cerebelo (sistema extrapiramidal), sendo que sua função regula o equilíbrio, o tônus muscular e a postura. E o controle espinhal atua no nível dos reflexos (BOADELLA, 1992).

O ectoderma, camada celular mais externa do feto, forma os tecidos nervosos do corpo e os órgãos dos sentidos, guardando a função da percepção e a coordenação de toda a informação, como já colocado acima. Mais especificamente, sua funcionalidade está relacionada com dois tipos de percepção: a propriocepção ou cinestesia, obtida a partir das sensações relativas aos movimentos corporais, global ou segmentar, mais especificamente as sensações relacionadas às articulações, músculos, tendões e outros tecidos, contribuindo para o controle postural, estabilidade articular e diversas sensações corporais conscientes; e a percepção obtida a partir dos cinco órgãos dos sentidos. Como demonstra a neurofisiologia, as informações que recebemos do ambiente são canalizadas respeitando a seguinte prioridade sensorial: primeiro, os estímulos visuais, auditivos e táteis, secundariamente, os estímulos

olfativos e gustativos. Por esta razão, os pensamentos são configurados, principalmente, pelos padrões visuais, acústicos e táteis (BOADELLA, 1992).

Com o que foi exposto acerca das camadas embrionárias e seus aspectos neurofisiológicos, psicológicos e comportamentais, em relação ao primeiro aspecto, pudemos identificar que o endoderma tem uma importante vinculação com o SNA, o mesoderma com os sistemas cortical, subcortical e espinhal e o ectoderma sendo, embriologicamente, o lugar de origem de todo o sistema nervoso. Se buscarmos especificar as formas de articulações entre o sistema nervoso, compreendido nas suas três instâncias principais (cortical, subcortical e SNA) responsáveis por *inputs* sensoriais específicos, e as camadas embriológicas, no sentido de auxiliar na compreensão da diferenciação das dinâmicas do caráter, podemos também especificar ainda mais a relação com os aspectos psicológicos e comportamentais em suas polarizações e intensidades (BOADELLA, 1992).

Como vimos, na morfologia dinâmica, proposta pela Biossíntese, o endoderma está relacionado ao SNA, o qual participa da regulação do fluxo emocional, sob o controle do SNC. Considerando a especificidade de cada um dos seus dois grandes ramos, simpático e parassimpático, e suas atuações sempre sinérgicas, podemos considerar, metaforicamente, que uma pessoa que tem uma dominância da atuação simpática - como resultado da inter-relação entre seus processos neurológicos superiores e a sua forma de se relacionar com o ambiente - poderá apresentar uma tendência psicológica/comportamental de estados emocionais mais intensos, necessitando descarregar suas emoções constantemente, caracterizando-se como uma pessoa intensamente emotiva/expressiva. Por outro lado, se temos uma pessoa que tem a dominância parassimpática, talvez ela apresente uma tendência a estados emocionais suaves e moderados, podendo assumir uma posição moderadora e até retirada nos momentos de conflitos e crises nas relações. A tendência ao extremo da passividade emocional ou da ausência de descarga emocional pode configurar uma forma de depressão, por exemplo (BOADELLA, 1992).

Essas duas polaridades relacionadas ao estado emocional de uma pessoa, também podem ser associadas à quantidade e qualidade da carga energética vinculada ao seu padrão respiratório, tendendo mais à inspiração ou à expiração. As pessoas que apresentam uma tendência a estados emocionais intensos são pessoas que possuem uma sobrecarga energética, contêm ou descarregam, explosivamente, suas emoções, tendo mais facilidade em inspirar do que expirar. As pessoas que estão mais frequentemente sob estados emocionais moderados são pessoas subcarregadas energeticamente, possuem, principalmente, dificuldade de conter as emoções intensas, sendo mais fácil expirar do que inspirar (BOADELLA, 1986).

Se considerarmos a associação do mesoderma com o sistema subcortical (extrapiramidal), temos, na regulação do tônus muscular e da postura, dois importantes aspectos da formação e diferenciação do caráter. O tônus muscular pode variar em padrões de hipertonia e de hipotonia, considerando um espectro de diferentes variações do tônus entre um extremo e outro nas diferentes regiões do corpo, variando de uma região para a outra. Quando o tônus muscular está hipertônico, o corpo está num estado propício à ação e a se defender, rigidamente, contra um estímulo aversivo. Boadella (1992) denomina este tipo de atitude como “muito firme”, ocasionando um gasto energético elevado para manter a postura. Para o autor, pessoas fazedoras, muito identificadas com o agir, normalmente apresentam este padrão de tônus muscular. Pessoas que apresentam padrão de hipotonia muscular, demonstrando tendência a não terem disposição para a ação, muitas vezes mostram-se enfraquecidas e colapsadas e atitude de “pouca firmeza”. Nesta perspectiva, aqui delineada, o grau de firmeza mesodérmica, associado ao nível de enraizamento em sua própria corporeidade (repertório psicomotor e consciência corporal), pode ser um indicador do quanto uma pessoa é capaz de lidar com a realidade externa.

Conforme coloca Boadella, no que diz respeito a atividade perceptiva e cognitiva, o ectoderma está relacionado ao sistema sensorial cortical, que “funciona segundo os princípios correlatos da ‘facilitação’ e ‘inibição’” (1992, p. 68). A partir destes princípios, são diferenciadas as pessoas que são “pouco concentradas” e as que são “muito concentradas”. As primeiras se caracterizam por pouco inibir os estímulos com os quais interagem, sendo então inundadas com informações de muitos tipos de estímulos, respondendo muito pouco a eles. O segundo tipo de pessoa apresenta uma tendência a inibir, excessivamente, tais estímulos, de maneira que qualquer estímulo marcado com algum aspecto aversivo é desprezado, caracterizando, desse modo, um excesso de concentração. Essas duas polarizações do funcionamento sensorial estão relacionadas a dois modos de processamento perceptivo e cognitivo. As pessoas “muito concentradas” tendem ao pensamento lógico e linear, o que permite aumentar o foco mental, concentrando-se num problema, ou num aspecto de um problema, e excluindo os demais. As pessoas “pouco concentradas” podem apresentar tendência ao pensamento mais simbólico, que enfatiza a metáfora, a associação livre e as imagens (BOADELLA, 1986). As atividades perceptivas e cognitivas que se dão a partir destas duas formas de pensamento participam da construção da base conceitual ou do sistema de crenças ou ainda das imagens que compõem os processos mentais (BOADELLA, 2006c; BOADELLA; BOADELLA, 2006a).

Apresentados os aspectos que caracterizam a funcionalidade psíquica/comportamental das camadas embriológicas, devemos lembrar que para a Biossíntese os padrões de defesa do caráter são maneiras, principalmente, aprendidas, mas também, hereditárias, de enfrentar os estresses presentes desde a vida intrauterina até a vida adulta. É a partir do estresse excessivo que se rompe a integração e a cooperação existente entre as camadas, no sentido de estabelecer disfuncionalidades psicológicas e comportamentais.

Dentre os vários tipos de caráter que foram delineados por Reich (1995) e, posteriormente, por alguns dos seus seguidores (BAKER, 1980; LOWEN, 1977, 1982), Boadella e Smith (1986) elaboraram a proposta de entender as diferentes tipologias ou classificações a partir da analogia com a ideia de mapas do caráter. Esta concepção para o estudo de como os caracteres estão configurados, psicossomaticamente, além de corresponder ao que Reich (1995) já indicava como sendo uma perspectiva dinâmica (articulação de diferentes modos de organização caracterial), contribui para um entendimento mais complexo da formação do caráter.

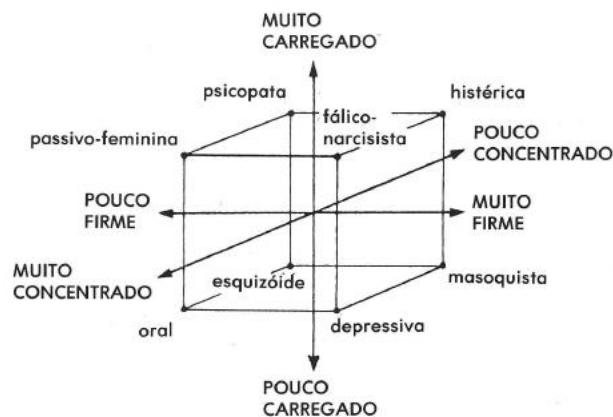
Como elucida Boadella e Smith (1986), a ideia geográfica de mapa alerta para o fato de que nenhum mapa apresenta uma verdadeira representação do território, não correspondendo ponto a ponto, mas apenas apresenta projeções que são marcadas, indubitavelmente, por distorções. Do mesmo modo, no que concerne às configurações caracterológicas (noção a ser definida no próximo capítulo), ao assumir a perspectiva de mapas do caráter, considera-se que não é possível buscar analisar a constituição desse complexo tecido biopsíquico e, também, na concepção sociocultural que buscaremos assumir, sem causar qualquer distorção. Os estereótipos de padrões de personalidades são projeções dos mapas de caráter. O território real, a pessoa (o indivíduo-sujeito humano), é constituído por um processo auto-eco-organizador (sistêmico) que articula um número significativo de elementos, formando uma unidade complexa organizada que é irreduzível a um único tipo de estrutura de caráter ou personalidade, como assim evidenciamos com a elaboração do conceito de corporeidade/subjetividade do indivíduo e que explicitaremos sua relação com essa proposta da Biossíntese no próximo capítulo.

No entanto, o valor dessa concepção de mapas de caráter está na possibilidade de se compreender a malha de como as atitudes de caráter estão relacionadas entre si. Para tanto, ao buscar as raízes psicológicas do caráter que se expressa no corpo, constituindo os diferentes traços de caráter, ou como sendo as diferentes cores do sofrimento humano, podemos construir diferentes mapas do caráter. Esse modo de conceber o caráter, proposto por Boadella e Smith (1986), está fundamentado no próprio pensamento funcional reichiano, mais

especificamente no *princípio unidade e antítese funcional*. Com ele, pôde-se indicar, inicialmente, que para cada tipo de traço de caráter há uma polaridade oposta e para cada tipo de caráter há uma antítese funcional, constituindo, assim, uma unidade com uma funcionalidade bipolar de caráter. Mas com o desenvolvimento dessa análise, cruzando as primeiras propostas independentes de ambos os autores, eles chegaram à conclusão e ao mais importante princípio: de que as estruturas de caráter têm mais de uma antítese funcional, de que se pode observar um fluxo de conexões, os caminhos entre elas e a rede de possibilidades que se abrem e se constroem a partir delas.

A partir desses princípios relativos à concepção de mapas do caráter e combinando as funções estabelecidas a partir das camadas embriológicas (concentração/foco mental, firmeza/tônus muscular e carga/descarga energética/emocional), cada qual com dois estados extremos possíveis, Boadella propõe que consideremos o caráter como uma tendência bipolar entre três polaridades:

Temos um esquema 2x2x2 que nos permite analisar a dinâmica do caráter em termos operacionais, de forma que a terapia pode ser vista como uma maneira de ajudar uma pessoa a obter um maior equilíbrio, que poderá ser conseguido com o desenvolvimento das funções polares excluídas. A partir disso, podemos expressar as oito tendências do caráter de forma diagramada [figura abaixo]. Os seis lados do cubo representam os seis estados polares: pouco concentrado, pouco firme e pouco carregado; e muito concentrado, muito firme e muito carregado. Os oito vértices representam as oito tendências de caráter: fálico-narcisista, passivo-feminina, psicopata, histérica, depressiva, masoquista, esquizoide e oral. (1992, p. 69)



**Figura 22** - Diagrama dos seis estados polares de caráter representados pelas seis faces de um cubo (BOADELLA, 1992, P. 70).

As oito tendências do caráter destacadas na citação acima e no diagrama apresentado, inspiradas, principalmente, pelas classificações de Lowen e Frank Lake (BOADELLA, 1974, 1986), são pensadas a partir das bipolarizações relacionadas às tendências de pouco a muito carregado (energicamente/emocionalmente), pouco a muito firme (tônus

muscular/movimento/ação) e de pouco a muito concentrado (processos cognitivos/perceptivos lógicos e simbólicos). Podemos compreender que esse modelo de mapa do caráter, que se baseia no princípio da polarização do caráter, possibilita um modelo operacional de caráter multidimensional que considera as diferentes possibilidades de relações entre as três bipolarizações, e, ainda, o espectro de variações de intensidade entre um extremo ao outro de cada bipolarização. Assim, ao considerarmos as muitas e diferentes combinações dos traços de cada tipo de caráter e entre as unidades de caráter a partir de uma perspectiva organizacional/sistêmica complexa, podemos caminhar ainda mais para a possibilidade de assumir a proposta da Biossíntese a partir do diálogo com a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana.

Nesse mesmo sentido, para além de uma proposta de classificação dos padrões de defesas, sem, no entanto, deixar de explorá-la como um sistema de referências para a compreensão dos aspectos que caracterizam o sofrimento humano, a Biossíntese (BOADELLA, 1986) busca compreender a formação do caráter a partir da concepção de sistemas de defesas com os quais se criam formas de estratégias de sobrevivência. Os sistemas de defesas são, então, concebidos, principalmente, não pelos tipos de caráter, mas, como já indicado acima, pelas relações entre as três bipolarizações, e ainda o espectro de variações de intensidade entre um extremo ao outro de cada bipolarização, associadas às três camadas embrionárias.

A complexidade de combinações possíveis desses sistemas de defesas associados à morfologia dinâmica embriológica funcional devem também ser vistos como tendências de estilos de vida ou estilos de existência que, também, se combinam e que indicam os recursos disponíveis para uma pessoa lidar com os desafios existenciais. Considerando as camadas germinativas como referências metafóricas, pessoas que possuem recursos ectodérmicos são aquelas que se sentem mais confortáveis com a experiência de pensar e com atividades mentais-cognitivas, seja de caráter lógico e/ou simbólico. Pessoas que apresentam mais disponibilidade para lidar com as emoções podem ser relacionadas àquelas que detêm recursos endodérmicos. E aquelas que desenvolveram recursos mesodérmicos são pessoas mais voltadas à atividade motora global ou segmentar, seja envolvendo toda a corporeidade a partir de movimentos amplos e/ou movimentos relacionados a seguimentos corporais e a atividades manuais (BOADELLA, 1992).

É interessante destacar, novamente, que essas três formas de ser pessoa, que só existem numa combinação singular e ao mesmo tempo diversa para cada indivíduo-sujeito, são, ao mesmo tempo, suas formas de defesa e seus recursos para lidar com a vida, seja na dor



ou no prazer. Por esta razão, as resistências que se manifestam no processo psicoterápico, em decorrência das defesas, devem ser entendidas na sua função de proteger e preservar a vida.

Além disso, é muito importante considerar que os tipos de caráter destacados por Boadella (1974) são as distorções de qualidades e capacidades humanas. Esta compreensão está fundamentada na articulação de ideias de Winnicott, John Bowlby e Lowen, que permitem relacionar as quatro etapas de amadurecimento do ser humano (vinculação, suporte, exploração e comunicação) e os cinco direitos básicos e existenciais (existir, estar seguro, ser livre, ser independente e desejar).

Se, por um lado, é possível relacionar padrões de bloqueios psicossomáticos nas polarizações entre as formas de caráter, de modo a associar ruptura e fragmentação ao par esquizoide/paranoide e histeria, esgotamento e exaustão ao par oralidade e depressão, opressão e deformação ao par psicopatia e masoquismo e o isolamento e rigidez ao fálico/narcisista e passivo/feminino. Por outro, é necessário reconhecer que tais bloqueios são distorções das seguintes qualidades e capacidades humanas, também, presentes nos tipos de caráter: criatividade (imaginação e fantasia) no esquizoide/paranoide; abertura e sensibilidade emocional do oral-depressivo nas inter-relações pessoais; capacidade de realização e determinação do psicopata para enfrentar desafios; capacidade de lidar, absorver e eliminar os problemas da vida por meio da persistência na elaboração das soluções do masoquista; a amorosidade terna do passivo-feminino nas relações interpessoais; e a disponibilidade para a intimidade e trocas nas relações interpessoais gerais e de compartilhar o amor-sexual nas relações de casais do fálico-narcisista e da histérica (BOADELLA, 1974, 1986).

## **9.6 A proposta da Biossíntese para uma concepção de corpo-psiquismo: suas bases conceituais e seus desafios teóricos**

O modo de compreender a experiência humana assumida pela Biossíntese tem, primeiramente, a marca da concepção reichiana articulada a sua proposta de uma morfologia dinâmica embriológica funcional, como já exposto anteriormente. No entanto, ao mesmo tempo em que Boadella (1986, 1992, 1997b) sempre parte dessa perspectiva para desenvolver sua concepção da relação corpo-psiquismo, o que inclui também as contribuições dos seguidores de Reich e ainda outros psicanalistas citados anteriormente, ele caminha além das fronteiras materialistas que caracterizam o chão e o horizonte dos seus principais inspiradores. O que é interessante nesse caminho é a integração que ele busca evidenciar entre corpo e espírito, passando pelas noções de alma e de mente para, então, explicitar sua visão de mundo

espiritualista. É a partir dos processos formativos e organizadores de corporificação que o autor parte para tentar evidenciar a existência de uma essência, de uma dimensão espiritual, que ele denomina de bioespiritual porque é corporificada.

Antes de continuarmos a explicitar a concepção da relação corpo-psiquismo proposta pela Biossíntese, é necessário lembrar, conforme explicitado na introdução deste capítulo, que a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana apresentada neste trabalho não está relacionada às discussões ontológicas acerca da existência de uma dimensão espiritual. O propósito do desenvolvimento desse conceito está na tentativa de evidenciar a indissociabilidade das múltiplas dimensões que compõem a experiência humana, considerando a sua condição *corpórea/subjetiva*.

Retomando a discussão da concepção da relação corpo-psiquismo, conforme podemos identificar em suas reflexões acerca desta questão, Boadella (1997d, p.113) assume uma perspectiva não reducionista: “se a mente não pode ser reduzida ao cérebro, como argumentaram neurofisiologistas proeminentes como Sir John Eccles, então vivemos num universo unidual. O cérebro e a mente podem ser acoplados (unidade e “identidade”), mas também podem ser discriminados (dualidade e antítese)”. A utilização do termo mente é aqui indiscriminada, fazendo menção a uma dimensão para a qual o termo psiquismo também é utilizado: estados interiores e sutis da experiência humana. Apesar de citar as ideias de Eccles, Boadella não estabelece e nem desenvolve uma discussão com as ideias deste autor em parceria com Popper (1991).

Ao buscar fazer uma referência mais específica ao termo mente, no que diz respeito aos processos psicológicos, Boadella (1986; 1992; 1997b) o relaciona às atividades mentais de pensamento e de percepção de natureza lógico-rationais. Mas é, principalmente, com a apropriação das ideias energeticistas reichianas (não espiritualista) e com diferentes autores, de diferentes campos do conhecimento, que buscam ultrapassar os limites das perspectivas materialistas, tais como: Nick Herbert, David Bohm, Roger Penrose, Rupert Sheldrake, Hernane G. Andrade e Carl Gustav Jung, que Boadella (1997d) tenta fundamentar uma concepção espiritualista para a dimensão psíquica/mental.

Nos diálogos com Reich (1978, 1995), no que concerne à relação com o *bios* e atendo-se à problemática mais ampla da concepção de ser humano, Boadella (1986, 1992, 1997a) defende que há três níveis ou camadas diferentes da estrutura biopsíquica, ou três níveis de profundidade existencial. A camada mais profunda é a que corresponde ao cerne biológico dotado de pulsão de vida, que em condições sociais favoráveis impulsiona o ser humano a ser cooperativo, trabalhar com satisfação, ser racional, amar e, se tiver motivos para se preservar,

também sentir raiva. Em virtude das experiências traumáticas, principalmente, na infância, mas também ao longo da vida, forma-se uma segunda camada que é constituída por impulsos destrutivos. E como meio de contenção desta camada secundária, para manter sua imagem adequada aos preceitos da boa sociabilidade, formam-se as estruturas de caráter que impedem o ser humano de viver em contato com a camada mais profunda que é o seu cerne biológico, uma corporeidade profunda “esquecida”.

Para fundamentar sua concepção do espírito, enquanto a dimensão mais profunda da experiência humana, Boadella (1992, 1997d) parte da distinção de duas esferas de experiência que podem ser identificadas pelas ideias reichianas: a de um *soma* sadio e a de um *soma* encouraçado. Enquanto o *soma* encouraçado está relacionado às camadas secundária e terciária citadas acima, o *soma* sadio está relacionado à camada primária, que guarda as raízes profundas do processo de corporificação que a embriologia descreve. E com a qual é relacionada a visão reichiana de que os processos biopsíquicos de corporificação têm seu funcionamento nas ondas e ritmos pulsáteis (expansão e contração) dos tecidos corporais, mais, especificamente, do protoplasma celular e intercelular, por onde se movem, de maneira fluida, os fluidos internos, e que caracterizam a pulsação da vida. E ainda, relacionado a este nível celular e intercelular estão também os fluxos vegetativos profundos, associados às funções do SNA.

É a partir dessa camada primária e mais profunda que o autor vai tentando relacionar os processos energéticos descritos por Reich, que se mantém numa ontologia materialista-energética, com a sua noção de espírito, o qual se faz necessário adotar uma visão que transcende a fisiologia tradicional. Considerando a ideia de uma energia vital, a energia orgone, proposta por Reich, Boadella (1992) a relaciona, inicialmente, à noção de alma (em inglês *soul*, uma tradução inglesa para a palavra grega *psyché* e para palavra latina *anima*). Alma corporificada, que corresponde à energia vital que dá vida ao corpo. Neste ponto de sua elaboração, a tentativa é alcançar uma evidência empírica para a existência de uma dimensão da corporeidade humana que corresponda àquilo que guarda o princípio vital.

Em outro momento (BOADELLA, 1997d, p. 118), o autor relaciona a noção de alma com a “formação de um centro pessoal profundamente significativo ao longo da nossa vida” não separado da realidade somática durante o processo de corporificação, o que aponta para uma perspectiva que indica a alma enquanto subjetividade, se destacarmos a expressão “centro pessoal”. Isto é, uma dimensão acessível unicamente pela própria pessoa e que é aquilo que permanece como a referência de identidade, em torno da qual giram os registros

das experiências de toda uma vida, experiências de natureza psicossomática constituidoras do processo de corporificação.

Ao reunir as duas perspectivas trabalhadas pelo autor para alcançar uma noção de alma, observamos que sua elaboração tenta abarcar tanto uma visão analítica, que busca nos processos biológicos a substância que constitui a alma, quanto uma visão sintética, que a define na perspectiva da pessoa como um todo. Tanto em uma quanto na outra, mantém-se a ideia de que a alma corresponde a uma dimensão mais profunda da experiência humana.

Esse aspecto energético da alma, diretamente e profundamente indissociável do corpo biológico, no entanto, se desdobra numa outra dimensão “transcorporal”, de um corpo energético sutil que se expande além do corpo biológico, circundando-o. Aqui Boadella (1986) está se referindo a um campo de energia que é mencionado por antigas tradições de conhecimento como o Yoga, a Medicina Ayurvédica e a Medicina Chinesa, e que tem diferentes denominações. O autor também cita os estudos de um dos seguidores de Reich, John Pierrakos, que trabalhou com Lowen nos desenvolvimentos iniciais da Análise Bioenergética e depois fundou sua própria escola, a Core Energetics. Nestes estudos (PIERRAKOS, 1996) são descritas as características desse campo de energia sutil que constitui diferentes corpos energéticos mais sutis do que a bioenergia do organismo.

Para além da alma e seu campo energético mais sutil, dimensão que tem na energia vital seu substrato, Boadella (1992, 1997d) irá considerar a existência de um nível ainda mais profundo que representa a fonte primordial de toda a realidade: o espírito. Para o autor, o espírito é uma terceira dimensão da realidade e da qual se originam as duas outras, matéria e energia. Na experiência humana, pode ser entendido a partir da noção de *Self*, com S maiúsculo, termo que faz referência à essência fundamental do ser humano, a qual transcende tanto o nascimento quanto a morte. Com isso, o autor reconhece e assume uma dimensão transpessoal do indivíduo humano, compreendido, essencialmente, como Ser espiritual, e a reencarnação como experiência necessária à evolução do espírito.

Uma essência corporificada, compreendida numa relação indissociável com o *soma* e seus processos formativos, a partir dos quais emergem e expressam-se as qualidades do espírito humano, dentre elas: o amor e a sabedoria. É nesse sentido que Boadella (1992) elabora a noção de *inner ground* (firmeza interior), apontando para a necessidade de se desenvolver uma abordagem psicoterápica que explore ao mesmo tempo os domínios do psicossomático, intervindo no corpo biológico e criando condições para um *ground* exterior (firmeza corporal), e também contribua, principalmente, para que a pessoa encontre um enraizamento interior, isto é, sua essência. Nessa perspectiva, essência e existência são duas

qualidades da experiência humana que devem ser integradas na vida de uma pessoa para que ela possa viver a sua bioespiritualidade.

Inspirado nas reflexões de Lowen (1983) acerca das questões entre corpo e espiritualidade, que, por sua vez, se inspirou no princípio de unidade e antítese funcional de Reich, Boadella (1992) afirma que a bioespiritualidade é uma experiência que integra espiritualidade e essência com sexualidade e corpo, ou seja, qualidades que estão relacionadas à unidade energética que é originária do humano e, ao mesmo tempo, seus dois fluxos energéticos, descendente (corpo, inconsciente e sexualidade) e ascendente (espírito, consciente, espiritualidade), que possibilitam experiências, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares.

Nesse caminho de elaboração das suas ideias acerca da relação entre corpo, alma (psiquismo), mente e espírito, no qual vai desenhando sua concepção da relação corpo-psiquismo, Boadella está tentando estabelecer uma síntese a partir da articulação de diferentes bases teóricas. Conforme o que foi exposto até este ponto, as bases teóricas estão nas três vertentes da psicanálise (Reich, Otto Rank e Melanie Klein), sobretudo na proposta de uma abordagem caracterológica de base reichiana fundamentada na concepção funcional de uma morfologia dinâmica embriológica, e ainda na contribuição de outras perspectivas teóricas que defendem uma dimensão espiritual, alargando as noções de psiquismo e mente, e atribuindo a elas uma natureza essencialmente espiritual.

### **9.6.1 Considerações acerca dos desafios e limites teórico-conceituais para a articulação das vertentes psicanalíticas na concepção de corpo-psiquismo da Biossíntese**

Entre os desafios teóricos que trazem, subjacentemente, desafios ontológicos e epistemológicos, aos quais se lança Boadella para defender sua concepção de corpo-psiquismo, consideramos que só a proposta de estabelecer uma síntese a partir da articulação das três vertentes psicanalíticas, sem cair num ecletismo ingênuo, seria um empreendimento bastante complexo. E, ainda, buscar uma articulação com uma perspectiva ontológica espiritualista seria, provavelmente, inviável, considerando os limites do conhecimento científico na atualidade, de maneira que não assumiremos essa hipótese para uma análise dos seus desafios e limites.

Para considerar a possibilidade do primeiro empreendimento, precisamos destacar os desafios e limites teórico-conceituais que precisariam ser enfrentados para, rigorosamente, estabelecer a articulação das vertentes psicanalíticas numa concepção de corpo-psiquismo,

tendo como paradigma o campo psicanalítico. Mas, antes disso, é necessário esclarecer que, para além dessa problemática teórico-conceitual e seus desdobramentos na prática clínica psicanalítica, a articulação dessas vertentes, no fazer prático da Biossíntese, é a característica e a intenção principal dessa abordagem psicoterápica.

Com relação aos desafios e limites teórico-conceituais mencionados, a questão principal são as diferenças, oposições e os impasses entre as divergências fundamentais no interior do movimento psicanalítico (CELES, 2012). Ao analisar as linhas do desenvolvimento psicanalítico contemporâneo, Celes o faz a partir de dois fundamentos ou dois eixos que determinaram as divergências: “atenção ao intrapsíquico ou atenção ao intersíquico (ou intersubjetivo), implicando entre as escolas que seguiram este ou aquele aspecto” (p. 205). Dentro de cada um desses dois eixos, podemos ainda destacar, como aponta o mesmo autor em outro artigo (CELES, 2006), as oposições entre teoria da libido e teoria das relações de objetos.

No que concerne à análise mais ampla das linhas de desenvolvimento e tomando-a como base para apontar os desafios e limites teórico-conceituais para se alcançar a integração almejada pela Biossíntese de duas das três vertentes, quando consideramos a teoria da economia-sexual de Reich e a perspectiva das relações de objetos de Frank Lake, temos a primeira vertente fundamentada no intrapsíquico e a segunda no intersíquico (ou intersubjetivo). A teoria da economia-sexual de Reich, como já apresentada anteriormente em linhas gerais, é a busca pelo desenvolvimento de uma teoria da libido enfatizando o seu aspecto energético-econômico. Na caracterização esquemática da posição intrapsíquica apresentada por Celes (2012), fundamentalmente freudiana, encontramos dois conceitos principais: pulsão e inconsciente. Tomando esses dois conceitos, podemos incluir a economia-sexual reichiana como uma das teorias intrapsíquicas, levando em conta o que podemos considerar como sendo uma continuidade e mantendo compatibilidades com a psicanálise freudiana, sem deixar de reconhecer as rupturas e incompatibilidades quando aquela foi ampliada para a orgonomia (WAGNER, 1996; REGO, 2002).

Ao examinar a perspectiva das relações de objetos presente nas ideias de Frank Lake e assimilada por Boadella (1974, 1986), a partir da análise realizada por Celes (2012), devemos relacioná-la às escolas psicanalíticas que assumiram a posição intersíquica. Como elucidada o autor, em divergência com a psicanálise clássica, essas perspectivas buscaram complementar, ampliar e até mesmo suplantá-la, estabelecendo fundamentos distintos que podem ser destacados a partir de duas noções: relações de objeto e inconsciente compartilhado.

Considerando a divergência fundamental entre essas duas linhas de desenvolvimento do pensamento psicanalítico, de acordo com Celes (2012), podemos assinalar o desafio de articular e propor uma síntese entre essas duas vertentes. Apesar da possibilidade de articulação entre essas vertentes, conforme indica o mesmo autor, não encontramos na literatura da Biossíntese, acessível ao público em geral, a realização ou mesmo a tentativa da articulação teórica entre a economia-sexual de Reich (intrapsíquica) e as reflexões a partir das relações de objetos de Frank Lake (interpsíquica), no que concerne aos interesses específicos de Boadella.

No que diz respeito à discussão empreendida por Celes (2006) acerca da oposição entre teoria da libido e teoria das relações de objeto, também se mantém a oposição entre a economia-sexual de Reich e a ideias de Frank Lake. As ideias de Lake estavam fundamentadas na proposta de Ronald Fairbairn, psicanalista que estabeleceu a expressão “relações de objeto” como identidade teórico-clínica. Com relação a esta outra questão teórica, é necessário distinguir a teoria da libido freudiana, desenvolvida no sentido de apresentar explicações acerca dos processos psíquicos relacionados às transformações da pulsão sexual, da teoria da libido reichiana, a qual buscou encontrar no corpo-biológico a origem e natureza da energia psíquica. O interessante aqui é considerar que aquilo que diferencia a teoria da libido da teoria das relações de objeto permite elucidar dois aspectos que possibilitam juntar as perspectivas freudiana e reichiana e evidenciar nuances dos desafios para articular e alcançar uma síntese entre as ideias de Reich e Lake.

Conforme argumento, insistentemente, utilizado por Fairbairn (*apud* CELES, 2006), a diferença em questão está no modelo científico de concepção helmholtziana, utilizado nas construções freudianas, e o modelo científico advindo da física atômica no qual se baseou o próprio Fairbairn. Para ele, o modelo da psicanálise freudiana “estaria ultrapassado, pois concebe o divórcio entre energia e estrutura” (p. 9), enquanto que o seu modelo seria “mais moderno e condizente com a ideia da física atômica[, pois] propõe uma composição psíquica onde energia e estrutura não se diferenciam, mas onde, ela mesma, a estrutura, se a concebe dinâmica” (p. 9). Destacada esta diferença epistemológica de base, podemos considerar a proximidade das teorias da libido de Freud e Reich, já que ambas mantêm a distinção entre energia e estrutura, e também estimar a complexidade do desafio de articular e estabelecer uma síntese teórica entre a economia-sexual de Reich e a perspectiva das relações de objeto de Lake. Para tal empreendimento exige-se a articulação de dois modelos epistemológicos bastante distintos, o que talvez poderá ser realizado mediante a elaboração de um terceiro modelo epistemológico.

Com o que foi exposto, ficam delineados em linhas gerais os desafios e limites teórico-conceituais que precisariam ser enfrentados para, rigorosamente, estabelecer a articulação das vertentes psicanalíticas no próprio campo da psicanálise e, ainda, traduzi-la numa concepção de corpo-psiquismo própria da Biossíntese. As discussões que a Biossíntese propõe com a indicação de articulações, como essas que acabamos de contextualizar no campo psicanalítico, precisam ainda ser elaboradas e fundamentadas. Como a finalidade assumida para esta pesquisa não é se lançar a esse complexo e importante desafio - ainda que vislumbramos a hipótese de que o diálogo entre a proposta da morfologia dinâmica embriológica e a concepção de *corporeidade/subjetividade* possa indicar um possível caminho -, não estaremos enfrentando-o.

O desafio estabelecido para esta pesquisa, conforme anunciado desde a introdução, é estabelecer um diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese, a qual está delineada na ideia de uma morfologia dinâmica embriológica funcional. O objetivo norteador deste diálogo será evidenciar as contribuições da epistemologia complexa e da teoria da organização de Edgar Morin para a fundamentação dos enfoques sistêmico e organizacional da Biossíntese. Neste sentido, a discussão buscará desenvolver uma análise para elucidar se é possível relacionar a noção proposta por esta tese e a proposta da Biossíntese, e como podem ser relacionadas as três dimensões da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano (orgânico-sensório-motora, psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual) e a noção de subjetividade social com as três dimensões da morfologia dinâmica embriológica (mesoderma, endoderma e ectoderma) proposta por Boadella.

Na intenção de estabelecer uma primeira ponte entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e a psicologia clínica, buscaremos demonstrar como esta concepção pode, do ponto de vista teórico-conceitual, orientar a aplicação do método clínico da Biossíntese e organizar os níveis de intervenção clínica de acordo com as especificidades de cada uma das dimensões assumidas pela prática clínica da Biossíntese. Ao mesmo tempo, este primeiro exercício de aplicação do conceito em questão permitirá explorar a noção de configuração somática/subjetiva e configuração caracterológica como instrumentos de análise e reflexão da prática clínica.

Concluimos, aqui, a primeira parte da apresentação da proposta da Biossíntese. Nela, retratamos, brevemente, aspectos históricos da sua criação enquanto uma escola de psicoterapia corporal, apresentamos sua orientação epistemológica, não elaborada, e sua tentativa de construção teórica na proposta de uma morfologia dinâmica embriológica



funcional, que inclui uma relevante contribuição para discussão acerca da análise do caráter e fundamenta uma concepção da relação corpo-psiquismo. Passaremos agora a expor os princípios metodológicos que orientam a prática clínica dessa abordagem de psicoterapia corporal. Entendemos que seja essa a sua contribuição mais relevante para o campo das psicoterapias corporais e também para o conjunto das psicoterapias psicodinâmicas, em virtude de assumir e trabalhar com a multidimensionalidade da condição humana.

### **9.7 A prática clínica da Biossíntese: um caminho para o desenvolvimento da multidimensionalidade e das potencialidades humanas**

Para Boadella (1997e), a psicoterapia é um saber fazer acerca do cuidado com a alma. E “longe de ser um invento do século XX, possui uma história transcultural milenar (p. 138)”, na qual suas raízes podem ser ligadas a médicos e terapeutas do antigo Oriente e Oriente Médio, da tradição Egípcia e Grega, assim como da tradição cristã secreta, e ainda à modernidade, a partir de diferentes nomes, dentre os quais Anton Mesmer. A importância de Mesmer está em ter influenciado, por meio dos primeiros hipnólogos, a construção dos alicerces da psicoterapia psicodinâmica por Breuer e Freud. E é partindo dessa ampla visão das origens da psicoterapia que o autor faz uma crítica ao “encarceramento da psicoterapia na rigidez do cientificismo reducionista” (p. 139) e materialista que, ao invadir as áreas de conhecimento relacionadas ao corpo e a psique, guardada por tradições milenares, impôs um autoritarismo metodológico que estabeleceu, por sua vez, uma visão autoritária da alma (psique). Exposto, sucintamente, o cenário amplo no qual o autor situa a Biossíntese, podemos, então, apresentar sua proposta enquanto uma prática psicoterápica com suas raízes mais recentes pertencendo ao amplo campo das psicoterapias inauguradas no século XX (RIBEIRO, 2017).

Considerando o que se entende como os aspectos essenciais da existência humana, o somático, o psicológico e o espiritual, a Biossíntese busca forjar o elo entre esses três aspectos (BOADELLA; BOADELLA, 2006a). Neste sentido, o objetivo dessa terapia é “reintegrar a pessoa a um estado de pulsação saudável, em que as atividades vitais básicas sejam rítmicas, prazerosas e orientadas para um contato mais profundo consigo mesma e com os outros” (BOADELLA, 1986, p. 5). As atividades vitais básicas são aquelas relacionadas aos sistemas orgânicos que derivam das camadas celulares primárias na organização embriológica do feto (endoderma, mesoderma e ectoderma), no que concerne à sua funcionalidade psíquica-comportamental no sentir, pensar e agir.

Não desconsiderando a direção para a qual o objetivo terapêutico aponta, mas enfatizando aquilo que é mais significativo para o desenvolvimento humano, a Biossíntese é, primeiramente, “um caminho de desenvolvimento *orientado para o processo*, que reconhece o indivíduo como único e multidimensional, e reconhece que o indivíduo possui um amplo espectro de potencial de desenvolvimento” (BOADELLA; BOADELLA, 2006a, p. 28). Este princípio indica que o processo de crescimento terapêutico é mais importante que o produto final, isto é, o objetivo a ser alcançado não pode se sobrepor ao caminho de desenvolvimento da pessoa, mas sim ser estabelecido à medida que o processo se dá e a partir da relação entre a pessoa e o psicoterapeuta. Pois é justamente nessa relação que o psicoterapeuta pode perceber “um emergente, um tema, um potencial, uma direção interna” que indica o caminho a seguir da própria pessoa (BOADELLA, 1986, p. 5).

Há para o autor um impulso direcional ou uma intencionalidade da pessoa que se revela a partir de uma linguagem própria e a qual deve ser captada, sensivelmente, pelo psicoterapeuta. Trata-se, como buscam fundamentar Corrêa e Frankel (2006), de uma “*embodied intentionality*”, que pode ser traduzida para a expressão *intencionalidade corpórea*. Tal intencionalidade se expressa por meio dos micros e pequenos gestos e movimentos, assim como aqueles mais amplos da corporeidade, que devem, então, ser explorados e intensificados pelo psicoterapeuta (FREITAS, 2002). Cria-se, desta forma, estratégias de intervenção *psicorporais* a partir de um diálogo estabelecido no campo psíquico-sensório-motor-afetivo (ou simplesmente psicomotor) da relação terapêutica. Essas estratégias partem de três métodos terapêuticos primários: *centring*, *grounding* e *facing*, três modos de explorar o processo terapêutico, caracterizando uma estrutura/organização particular de experiência que faça sentido à dinâmica singular de uma pessoa, a cada momento e a cada contexto do processo terapêutico. Aliados a esses métodos terapêuticos, a Biossíntese propõe modos de intervenção a partir da noção de campos motores, de diferentes tipos de toques e da ressonância.

Outro princípio geral, que orienta o trabalho com os três métodos terapêuticos, é o da *polarização dos princípios relacionados a cada um dos métodos*, que está fundamentado na unidade e antítese funcional reichiana. Como será exposto a seguir, cada método explora possibilidades de experiência e expressão que podem ser trabalhadas a partir de pares antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares (deitado-em pé; soltando-contendo sentimentos; expirando-inspirando; abrindo-fechando os olhos, falando-silenciando a voz etc.). Conforme elucidada Boadella:

A arte da terapia, sob meu ponto de vista, consiste em manter os dois princípios opostos em mente, compreendendo a metodologia que está por trás de ambos, prestando muita atenção à experiência atual da pessoa que está à sua frente, de modo que a singularidade de uma história de vida pessoal e a expressão da vida possam ajudar a encontrar o lado certo da dialética da resposta. (1997a, p. 16)

### 9.7.1 Caminhos terapêuticos: *centring*, *grounding* e *facing*

Iniciando a apresentação dos métodos terapêuticos, o *centring* (centrar), enquanto trabalho terapêutico direcionado à intervenção na funcionalidade do endoderma, é um processo que busca auxiliar “a pessoa a entrar em contato com o ritmo de sua respiração e a dinâmica emocional a ela associada” (BOADELLA, 1986, p. 7). Com isso, buscamos reestabelecer o ritmo do fluxo de energia metabólica e o equilíbrio da ativação das duas vias do SNA, localizadas no SNC, o que contribui para alcançar um equilíbrio emocional e uma respiração adequada para cada situação e contexto de vida (BOADELLA, 1992).

As intervenções são dirigidas para a identificação dos padrões específicos de respiração de cada pessoa. Esses padrões respiratórios estão associados a estados emocionais. No geral, podemos identificar quatro polaridades de padrões respiratórios: respiração mais peitoral ou mais abdominal e respiração com mais ênfase dada à inspiração, ou dada à expiração. Seguindo a polaridade oposta do padrão identificado, o psicoterapeuta deve explorar a respiração e as sensações que indicam o estado emocional que se destaca. Por exemplo, o psicoterapeuta pode ajudar as pessoas que se mostram excessivamente controladas e tensas (hipertonia muscular), em suas emoções, a expirar mais intensamente, encorajando também um fluxo livre de movimentos. Para pessoas excessivamente emocionais expressivas e/ou com tendência a hipotonia muscular, o trabalho é estimular a inspiração e sua contenção. Lembrando que essas referências são meramente indicativas de polaridades, pois nas situações clínicas não encontramos pessoas com essas características unilaterais, mas sim combinações múltiplas e diversas de estados emocionais, fluxos respiratórios e configurações de tônus muscular.

A relação dos padrões respiratórios com os estados emocionais e o tônus muscular aponta para a indissociabilidade do trabalho entre os métodos terapêuticos. Neste sentido, ao explorar o tônus muscular e os movimentos, estamos trabalhando com o *grounding* (firmar), no sentido de intervir na camada embriológica mediana, o mesoderma, procurando alcançar “uma boa relação entre os movimentos voluntários, semivoluntários e involuntários, e na criação de um tônus muscular apropriado” às situações que se apresentam no dia a dia (BOADELLA, 1992, p. 24). Como já mencionamos anteriormente, o tônus muscular pode variar em duas polaridades que refletem desequilíbrios. Quando há excesso de tensão do

músculo, tensão desnecessária para a realização de um movimento, gesto ou postura, causando rigidez e nódulos na musculatura, temos uma hipertonía. A outra polaridade é a da hipotonia, deficiência no tônus caracterizada por uma baixa tensão da musculatura, que é inadequada para executar determinada ação, deixando os músculos frouxos, apáticos e inertes.

O tônus muscular está diretamente entrelaçado aos ritmos dos movimentos de uma pessoa, não apenas no sentido da velocidade, mas também e, principalmente, do encadeamento dos movimentos segmentares e global. E ainda há uma relação direta entre o tônus e a postura, de tal forma que os desequilíbrios do tônus estão relacionados aos padrões posturais, que são expressões somáticas das estruturas de caráter. Na intervenção clínica, ao explorarmos mudanças posturais, que alteram o tônus muscular e, conseqüentemente, os padrões respiratórios, podemos observar reações emocionais e com elas a descoberta de configurações somáticas/subjetivas subjacentes às configurações caracterológicas ou, simplesmente, às atitudes mais arraigadas do próprio caráter. Ao mobilizar a musculatura tensa, buscamos estimular o surgimento de movimentos expressivos que podem auxiliar no aumento do tônus nas musculaturas frouxas, já que há, no conjunto muscular total do organismo, uma variação do tônus muscular. Essa mobilização pode ser realizada pelo toque direto em segmentos e grupos musculares ou explorando a resistência dinâmica ao solo e ao corpo do terapeuta. A direção do trabalho com o *grounding* está na vitalização do fluxo de movimentos a partir da coluna, estendendo-se pelos membros e a cabeça, explorando movimentos expressivos e posturas corporais que se assemelham às posturas do Ioga, os *asanas*, e também às posições de estresse, propostas por Lowen na Bioenergética. O trabalho com a postura visa potencializar a capacidade de contato da pessoa consigo mesma e com o outro (BOADELLA, 1986, 1992).

Inspirado no trabalho de Stanley Keleman, que apresenta uma compressão do *soma* a partir dos princípios formativos e de organização morfológica, e na contribuição de outros autores, Boadella (1986, 1992) aponta para a ideia de que existe uma linguagem do fluxo da forma diretamente relacionada à linguagem do movimento que é o estado limítrofe da intencionalidade. Nessa linguagem, o fluxo do movimento deve ser observado em três aspectos qualitativos principais. Um fluxo vitalizante que estimula a motilidade, a mobilidade e a motricidade de áreas do corpo amortecidas. Um fluxo emocional que expressa estados afetivos e sentidos relacionados às ações. E um fluxo de sentimento espiritual no qual o movimento e o gesto tem uma qualidade essencial, no sentido de expressar aquilo que caracteriza a singularidade de cada pessoa, a partir da Natureza que a constitui, e por meio da qual pode perceber que está conectada com a Natureza em seu todo.

O terceiro método terapêutico é o *facing* (encarar) que se estabelece por meio do contato visual e vocal, e a partir do qual busca-se a integração entre percepção, sentimento e linguagem, tendo como correspondente embriológico funcional o ectoderma. O trabalho com esse método se dá a partir da identificação das qualidades da expressão visual e vocal (linguagem verbal e sonorização) na relação terapêutica. Seu fundamento está na abordagem terapêutica desenvolvida por Reich que estabelecia uma relação face a face, ou seja, na qual o contato visual era um instrumento de análise da expressão corporal e do vínculo com o outro. Com esse trabalho, Reich (*apud* BOADELLA, 1986, 1992) destacava as defesas de caráter pela imitação das expressões somáticas e das características da voz. Ao “encarar” o paciente, ao estabelecer um contato de olhar vivaz e direto e, ao mesmo tempo, explorando, pelo espelhamento, os traços de caráter de seus pacientes, Reich conseguia fazer com que eles se vissem, se sentissem em suas defesas caracterológicas, podendo, assim, emergir o conteúdo emocional subjacente. No sentido mais geral e profundo, *facing* (encarar) está relacionado com o reconhecimento do outro no contato e no vínculo estabelecido, reconhecimento que passa pela identificação dos mecanismos de defesas e, principalmente, do cerne biológico ou da essência, a partir da qual podem emergir as pulsões de vida e, com elas, o desejo de viver e de estar aberto para a vida.

Conforme exposto anteriormente, com relação à percepção visual, em articulação com a auditiva, temos as duas tendências relativas à funcionalidade ectodérmica na formação do caráter. A “pouco concentrada”, que assimila os estímulos sem muitas restrições (inibições), fazendo com que haja uma tendência à inundação de informações e pouca resposta aos estímulos. E a “muito concentrada”, que inibe, excessivamente, qualquer estímulo indesejável, restringindo muito seu campo visual e auditivo.

Em relação ao contato visual, podemos associar as duas polaridades do sistema sensorial com o que Boadella (1986, 1992) identifica sendo dois tipos de olhar, o defensivo e o de contato, tanto com os olhos abertos quanto com os olhos fechados. Com os olhos abertos, o olhar defensivo é aquele que encara, ou que se mostra muito cuidadoso, ou ainda o que olha longe atravessando o terapeuta. Nos dois primeiros, temos uma tendência ao “muito concentrado” e no terceiro a “pouco concentrado”. O olhar que faz contato é aquele que encontra o olhar do terapeuta e expressa o estado emocional mais profundo.

Com os olhos fechados, o olhar defensivo está no retraimento diante do contato que leva, literalmente, a fechar os olhos, na intenção de se esquivar do contato, caracterizando a condição de “pouco concentrado”, e ao bloquear a expressão de qualquer emoção e sentimento, a qual evidencia a tendência a “muito concentrado”. Já o olhar de contato com os

olhos fechados está associado ao prestar mais atenção às sensações cinestésicas (senso-percepção dos movimentos), aos ritmos respiratórios, ao estado emocional e mental, este último relacionado às emergências de fantasias e aos processos imaginários, enfim, à capacidade de auto-observação da pessoa.

Passando ao trabalho com a expressão da voz, devemos considerá-la enquanto elemento expressivo e comunicador da linguagem verbal. Como sabemos, a capacidade de falar do ser humano é uma das suas qualidades-chaves e também genuína. Todo o processo de formação e constituição da fala, o que envolve aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, é de extrema complexidade. Com relação a esse processo, Boadella (1986, 1992) dá destaque a três aspectos relacionados às funções de contato e aos bloqueios de contato na linguagem, que são eles: o aprendizado da fala e os bloqueios ao desenvolvimento da linguagem; produção da voz e as tensões que marcam qualidades específicas da voz; e os estilos de linguagem.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, o autor faz menção a diferentes casos de bloqueios no desenvolvimento da linguagem, como no autismo, na esquizofrenia, em problemas neuromotores da fala. Com esses exemplos, é apontada a importância da qualidade do contato e do vínculo como fator que influencia tanto no desenvolvimento das patologias (bloqueios), quanto no desenvolvimento mais integral da linguagem.

A produção da voz está diretamente relacionada ao tônus muscular do corpo como um todo e, especificamente, com a musculatura que constitui o aparelho fonador. Assim sendo, há uma relação profunda entre o tom da voz, os padrões de tônus, os ritmos respiratórios e o estado emocional, já que tônus e respiração se influenciam mutuamente, como já assinalamos, participando do estado emocional. Por esta razão, a sonorização (*sounding*), enquanto desenvolvimento da ressonância da voz, pode se tornar um instrumento de expressão a ser explorado no trabalho terapêutico, com o intento de mobilizar o tônus muscular e a respiração, para desfazer as couraças musculares, permitindo, então, o contato mais profundo da pessoa consigo mesma e com o outro. Por outro lado, ao relacionar a produção da voz às estruturas de caráter, com cada qual tendo seus padrões de encorajamento muscular, podemos identificar os seus registros na qualidade da voz.

E no que concerne aos estilos de linguagem, Boadella (1992) discute acerca de duas principais formas que a comunicação verbal pode adquirir. Fundamentando-se nas ideias de Ronald David Laing, o autor considera que há um estilo no qual a linguagem ganha uma função bloqueadora do contato entre duas pessoas, no caso aqui, entre terapeuta e a pessoa em terapia. Nele, a linguagem verbal é utilizada para não se encarar a verdade, para subjugar o

outro e para estabelecer uma disjunção. Boadella relaciona a este tipo de fluxo das palavras o fluxo corporal bloqueado pelo encorajamento muscular, que impede uma conexão entre a experiência emocional e a expressão verbal. Por outro lado, há uma função criativa da linguagem, no sentido de criar caminhos para uma expressão autêntica da pessoa, na qual a linguagem pode trazer os sentimentos à tona e, pela conjugação de fragmentos de sentidos, pode criar um fluxo unívoco pelo qual a pessoa estabelece contato e vínculo no diálogo com o outro.

### **9.7.2 Ressonância e campos motores: bússolas na relação terapêutica**

O trabalho com os métodos terapêuticos até aqui apresentados é realizado, no que concerne ao processo da relação terapêutica, mediante o princípio da ressonância (somática), em parte inspirado nas ideias de Reich e Keleman, mas, principalmente, elaborado pelo próprio Boadella (1983). O autor define ressonância como um padrão de vínculo e resposta saudáveis e adequadas do terapeuta à necessidade emocional de uma pessoa, que se diferencia da contratransferência e da transferência no sentido psicanalítico e enquanto padrões de interferência que distorce o vínculo de maneira a impedir a intervenção terapêutica adequada à necessidade emocional. Além da necessidade de manejar os conteúdos psíquicos advindos da transferência e da contratransferência, a ideia de ressonância, no seu aspecto somático, indica a necessidade do terapeuta desenvolver uma sensibilidade proprioceptiva do seu tônus muscular e ritmo respiratório, bem como uma sensibilidade perceptiva desses mesmos aspectos relacionados à pessoa que está tentando ajudar, para poder estabelecer um diálogo tônico. A percepção do tônus muscular e da respiração permite ao terapeuta perceber seu próprio estado emocional tanto quanto o da pessoa que está atendendo. Em suma, a ressonância (somática) indica a necessidade de o terapeuta estar em contato com seu corpo e suas emoções, bem como com o corpo e as emoções daquele que está tentando ajudar, de maneira a poder estabelecer um vínculo que atenda, adequadamente, às suas necessidades emocionais.

Outro elemento fundamental que deve ser articulado ao trabalho com os métodos terapêuticos e explorado na relação terapêutica são os campos motores. Conforme esclarece Freitas (2002), esta noção e princípio para intervenção clínica é uma proposta que, seguindo a perspectiva de exploração de exercícios corporais guiados pelo princípio de descarga emocional das psicoterapias reichianas, também assume o princípio da percepção sutil da necessidade interna da pessoa em terapia, de forma a captar a sua intencionalidade corpórea que acompanha a expressão verbal de seus conflitos. O trabalho com os campos motores

consiste em identificar o movimento autônomo da pessoa em terapia a partir da sua intencionalidade corpórea, apoiando e enfatizando a ação que emerge em sua corporeidade/subjetividade e buscando a compreensão emocional da postura intencional bloqueada.

Boadella (1993, 2006a) desenvolve esta noção a partir, inicialmente e mais diretamente, dos conceitos de campos de tónus e campos de ação relacionados às pesquisas sobre esquema corporal e da ideia de Piaget acerca dos esquemas sensório-motores, em articulação com a definição de campos embrio-dinâmicos de Eric Bleschsmidt. O trabalho de George Downing em pesquisas com bebês e crianças, no Hospital Salpêtrière em Paris, a partir das quais se formulou o conceito de esquemas afetivo-motores, também trouxe contribuições a essa noção. Além desses aportes, o autor aponta em seu artigo “The historical development of the concept of motoric” (2006b) o campo de conhecimento que abarca diferentes noções relacionadas com a sua concepção de campos motores, e dentro dele os vários outros autores que a influenciaram. O trabalho prático com os campos motores recebeu influência dos ensinamentos de Stanley Keleman acerca da sutileza de ler e interpretar os leves gestos e impulsos do sistema de prontidão no músculo, que, por sua vez, recebeu influência do método de “integração funcional” de Moshe Feldenkrais, aluno de Mathias Alexander.

A definição de campos motores parte da tentativa de formular os padrões de fluxo de forma experimentados no trabalho de postura somática da Biossíntese. Por exemplo, quando uma pessoa em terapia está expressando, verbalmente, um conflito que tem com outra pessoa e, nas suas gesticulações espontâneas, o terapeuta identifica uma intencionalidade corpórea de empurrar, temos aqui um padrão de fluxo de forma que é explorado como uma postura somática. Esta postura somática faz parte de uma das polaridades de um campo motor proposto por Boadella (1993, 2006a).

Entretanto, antes de apresentar os tipos de campos motores, devemos compreender que esse fluxo da forma presente no movimento de empurrar tem correspondência, segundo Boadella (2006a), ao que o embriologista alemão Erich Blechsmidt denominou de campos de forças que atuam na morfogênese humana. “Blechsmidt descreveu oito desses campos de força, que ele ilustra usando a metáfora pictórica de pequenos homens de alfinete, empurrando, puxando e torcendo os tecidos em formação” (p. 55). A correspondência identificada por Boadella está no campo de força gerado na interação corporal entre terapeuta e a pessoa em terapia, na qual as principais sequências de movimentos a serem exploradas nessa relação estão relacionadas aos movimentos característicos presentes no



desenvolvimento humano desde a vida intrauterina: “desde a flutuação livre no útero, passando pelo nascimento e amamentação, até as habilidades de engatinhar, ficar em pé, agarrar e todas as habilidades posteriores” (p. 55).

Ao especificar os padrões de fluxos de movimentos que caracterizam os campos motores ao longo do desenvolvimento humano, Boadella (1993, 2006a) estabeleceu uma relação entre pares complementares, antagônicos e concorrentes, definindo oito pares em quatro grupos de dois: flexão/extensão; tração/oposição; rotação/canalização; ativação/absorção, e mais o campo de pulsação que estabelece a relação com todos os outros campos, por meio da pulsação da respiração. A natureza complexa da relação entre os campos nos pares, e entre pares, dá-se pela recursividade entre os campos, no sentido de uma geração mútua de ações. A exploração desses campos na terapia permite exercitar as possibilidades diversas de movimentos que podem auxiliar a pessoa em terapia a encontrar caminhos somáticos/subjetivos para lidar com seus conflitos e alcançar flexibilidade na vida. Como bem elucidada Freitas (2002, p. 57), “são processos motores que correspondem aos processos subjetivos de estabelecer contato, expressar seus sentimentos e ideias, sentir vitalidade e ter tônus para construir o que se precisa na vida”.

Assim, aproveitando o exemplo do momento clínico hipotético descrito acima, ao aproveitar o gesto manifestado pela pessoa em terapia, o terapeuta pode estabelecer uma interação na qual ele incentiva a repetição desse gesto. Nesse momento, ele está explorando o campo motor de extensão, uma postura somática, objetivando o trabalho com o tônus muscular e ritmos respiratórios de maneira a criar condições para que emergja o conteúdo emocional e os sentidos que possam auxiliar na compreensão do conflito e estabeleça-se um diálogo somático com o terapeuta, que possa oferecer a oportunidade de gerar algum grau de integração entre as camadas embriológicas, em seus aspectos psíquicos/comportamentais (sentir, pensar e agir) e uma atitude melhor adaptada à situação do conflito.

### **9.7.3 A “mandala” da Biossíntese: os campos da vida e a integração dos métodos terapêuticos**

Para concluirmos a exposição da abordagem psicoterápica, proposta pela Biossíntese, devemos apresentar o diagrama que Boadella e Boadella (2006a) elaborou para evidenciar a integração dos três métodos terapêuticos: *centring*, *grounding*, e *facing*, e abarcar a multidimensionalidade que constitui o ser humano. No diagrama estão os campos de experiência e expressão da vida. “Esses campos da vida se manifestam em duas formas

diferentes, como um sistema fechado e como um sistema aberto” (p. 30), ambos constituindo a multidimensionalidade de uma pessoa. Quando há uma dinâmica somática/subjetiva que bloqueia o fluxo de expressão das qualidades de cada campo da vida numa pessoa, temos o sistema fechado de tal forma que podem se manifestar doenças no corpo, os traços de caráter e a perda de contato com a própria essência. Por outro lado, quando o fluxo de qualidades dos campos da vida está se expressando, temos o sistema aberto. Os campos da vida mostrados no diagrama a seguir nos levam a sete áreas básicas de trabalho terapêutico e a um amplo espectro de métodos de trabalho:



**Figura 23** - Os sete campos da vida que são considerados como sete áreas básicas de trabalho terapêutico (BOADELLA; BOADELLA, 2006a).

Podemos identificar no diagrama que os seis segmentos destacados e numerados representam e descrevem um campo da vida. O sistema fechado está representado no círculo mais externo e, por sua vez, o sistema aberto está no círculo do meio que mantém conexão direta com o círculo central, mais interno, a sétima área do diagrama, que representa a essência do ser humano. O trabalho terapêutico ou, como o próprio Boadella e Boadella (2006a) coloca, a arte da terapia em Biossíntese é encontrar, a cada sessão, dentre os seis campos da vida, o caminho mais facilmente acessível, aquele que se apresenta mais aberto, e que, por isso, pode se tornar a via de acesso aos recursos da própria pessoa em terapia. A abertura de um dos campos possibilita desencadear a abertura dos demais, já que estão mais fortemente interligados no sistema aberto. O processo de abertura leva a pessoa a entrar em contato com sua essência, que se manifesta nas próprias qualidades dos seis campos da vida e que podem, então, ser utilizadas como recursos para assumir, lidar e tentar ultrapassar o seu conflito. Do ponto de vista dos processos psicossomáticos autoformativos e auto-eco-

organizativos, a expressão das qualidades se dá pela capacidade de autorregulação e de autocura do ser humano.

De acordo com Boadella e Boadella, o trabalho com os sete campos da vida possibilita sete formas de intervenção psicoterápica:

1. Trabalho motor-afetivo com o tônus muscular e o movimento;
2. Trabalho energético com os ritmos respiratórios da inspiração e da expiração;
3. Trabalho sistêmico sobre comportamento nos relacionamentos;
4. O trabalho psicoenergético que varia num espectro desde segurar totalmente a soltar totalmente as emoções;
5. Trabalho psicodinâmico com a fala para lidar com os conflitos no nível da linguagem e produzir sentidos esclarecedores;
6. Trabalho transformativo com as ideias e imagens restritivas que limitam nossas visões da vida;
7. Desenvolvimento transpessoal usando meditação somática para se ligar à própria essência. (2006a, p. 30-31)

O autor destaca que há três zonas de conexão entre as áreas ou campos da vida, diferenciadas pelas características existenciais de conexão somática, de contato intrasubjetivo e intersubjetivo e de contexto das experiências consigo mesmo e com o outro.

- Uma zona mais baixa de conexão (conexões somático-energéticas: 1+2);
- Uma zona central de contato (canais de relacionamento e expressão emocional: 3+4);
- Uma zona superior de contexto (formas verbais e visuais de experiência: 5+6). (2006a, p. 31)

Como foi destacada ao longo da apresentação da proposta da Biossíntese, a polaridade é conceito principal que permite compreender que o trabalho terapêutico é um processo dinâmico e singular, a cada momento, de cada pessoa em terapia. No que concerne ao trabalho com as principais polaridades, destacam-se cinco formas de abordagem psicoterápica:

1. Trabalho interno versus trabalho externo (experiência ou expressão);
2. Exploração crescente ou decrescente da carga emocional-energética através do tônus-respiração e da concentração mental (por exemplo, em pé ou deitado, leveza ou gravidade, foco aberto ou foco fechado);
3. Intervenção ativa versus receptiva;
4. Orientação regressiva ou progressiva (imersão ou emersão em relação aos eventos passados);
5. Interação entre comunicação verbal e não verbal. (Boadella e Boadella 2006a, p. 31-32)

Com o exposto neste último tópico, acreditamos ter alcançado o propósito de fazer uma primeira apresentação da Biossíntese como uma abordagem de psicoterapia somática, psicodinâmica e bioespírita. Dando continuidade à elaboração desta pesquisa, passaremos a desenvolver o diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese.

## CAPÍTULO 10 - DIÁLOGOS ENTRE A CONCEPÇÃO DE CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE HUMANA E A BIOCÍNTESE

Tudo aquilo que é um processo vivo passa pelo *computo*, inclusive a ontogênese dum indivíduo policelular, onde a informação genética se operacionaliza como estratégia/programa, nas e pelas intercomputações entre células que se multiplicam, se diferenciam, se especializam, se organizam mutuamente.  
Edgar Morin (O método, v. II, p. 255)

O processo formativo na natureza. A emergência de altos níveis de organização a partir de níveis mais baixos é uma lei natural básica num sistema aberto. O princípio de autocura, a alma da terapia, é uma expressão desta lei.  
David Boadella (Correntes da Vida, p. 10)

O campo organizacional. O processo formativo deve ser potencializado por condições apropriadas. Sem isso, a auto-organização não acontece. Para ter um desenvolvimento saudável, a criança precisa da presença de pais com os quais mantenha um contato constante, capaz de gerar o “organizador biológico” (Mahler) necessário a um crescimento normal.  
David Boadella (Correntes da Vida, p. 11)

Com a apresentação da abordagem teórica-clínica da Biossíntese, podemos passar ao propósito de estabelecer um diálogo entre esta proposta e a concepção da *corporeidade/subjetividade* humana. Este diálogo terá como eixo norteador as contribuições da epistemologia complexa e da teoria da organização de Edgar Morin para a fundamentação dos enfoques sistêmico e organizacional da Biossíntese, os quais estão delineados na ideia de uma morfologia dinâmica embriológica funcional.

Mais especificamente, a discussão buscará desenvolver uma análise para elucidar se é possível articular a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana com a proposta da Biossíntese, destacando suas contribuições para um embasamento teórico-conceitual da Biossíntese. Para isso, será evidenciado como as três dimensões/sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano (orgânico-sensório-motora, psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual) e a noção de subjetividade social podem colaborar com a fundamentação teórica da morfologia dinâmica embriológica (mesoderma, endoderma e ectoderma), proposta por Boadella.

### **10.1 A teoria da organização como eixo para a articulação entre a concepção de corporeidade/subjetividade e a proposta da Biossíntese**

A concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, que apresentamos na primeira parte desta tese, foi elaborada a partir da epistemologia complexa e da teoria da organização proposta por Edgar Morin. Esta teoria representa sua contribuição ao desenvolvimento do pensamento sistêmico, em articulação com as teorias da cibernética, da informação, da auto-

organização e as questões chaves da termodinâmica no século XX. Além disso, esta teoria é o resultado do esforço intelectual de Edgar Morin (1997) para evidenciar a possibilidade de uma epistemologia complexa que, enfrentando o problema enciclopédico de integração das grandes esferas do conhecimento (física, biologia e antropossociologia), o problema lógico que a relação entre essas esferas estabelece e o próprio problema epistemológico, de construção “de um novo paradigma capaz de ligar o que está desunido e de integrar o que está reduzido” (FORTIN, 2005), possa nos auxiliar na produção de saberes que enfrentam as questões urgentes das sociedades contemporâneas.

Compreendendo que a teoria da organização é a tentativa de apresentar uma teoria geral do sistema, assumindo o desafio de sistematizar e aprofundar a ideia de sistema, que, segundo Morin (1997), não foi enfrentado por Bertalanfy, em sua Teoria Geral dos Sistemas, encontramos nesta teoria, que aqui nos debruçamos, uma proposta que propõe o desenvolvimento do pensamento sistêmico no sentido de reconhecer a complexidade como sua característica fundamental. Para isso, como já foi explicitado no capítulo 1, Morin (1997) estabelece a noção de sistema enquanto unidade complexa organizada apontando para a necessidade de se considerar um macroconceito trinitário indissociável: sistema/organização/inter-relação. Neste macroconceito, a ideia de organização é a principal contribuição do autor para o desenvolvimento do pensamento sistêmico, no sentido de superar reduções sistêmicas e assumir a ideia de complexidade, conforme a própria noção de sistema pode comportar.

Como vimos, numa unidade complexa, enquanto o sistema é o rosto exteriorizado da organização, isto é, a forma, a globalidade e a emergência, a organização é rosto interiorizado do sistema, isto é, as inter-relações, as articulações entre componentes, indivíduos ou acontecimentos. Estando ligados de modo relacional pela organização, estabelecem uma disposição específica que produz uma unidade complexa, ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível destes mesmos componentes, indivíduos ou acontecimentos. É a organização que garante solidariedade e solidez relativa a estas ligações, possibilitando ao sistema uma certa duração apesar das perturbações aleatórias, evidenciando a aptidão do sistema para a transformação, a produção, a ligação, e a manutenção das inter-relações dos seus componentes, indivíduos ou acontecimentos.

Com a intenção de uma primeira aproximação da teoria da organização da psicologia clínica - um campo de conhecimento repleto de teorias psicológicas, cada qual com sua proposta de um objeto de estudo acerca do psicológico, estabelecendo assim diferentes propostas epistemológicas - elaboramos a concepção de *corporeidade/subjetividade* para

dialogar com a proposta da Biossíntese, que tenta esboçar uma teoria da relação corpopsiquismo numa perspectiva sistêmica e organizacional e propõe alguns métodos para a prática clínica, como apresentamos no capítulo anterior. Para iniciar este diálogo, precisamos relembrar como o macroconceito trinitário, que fundamenta a teoria da organização, foi utilizado para elaborar a concepção de *corporeidade/subjetividade*.

Corporeidade e subjetividade constituem uma “*unitas multiplex*” (unidade múltipla), isto é, um sistema constituído de dimensões que são as diferentes partes ligadas pela organização compondo o todo do sistema, numa inter-relação que não pode ser reduzida nem a parte e nem ao todo, devendo ser considerado como uma unidade complexa organizada. Como foi proposto, no indivíduo-sujeito humano a subjetividade emerge em três níveis de organização inter-relacionados, mantendo, ao mesmo tempo, uma dependência e uma relativa autonomia entre si, o que estabelece uma relação de não linearidade e de um funcionamento próprio com certa independência. É precisamente a ideia de emergência, apresentada na primeira parte desta pesquisa, que permite conceber níveis diferentes e distintos de organização dentro de um mesmo sistema, os quais vão constituir as partes, enquanto microemergências, que compõem o todo do sistema, enquanto uma emergência global.

Na proposta que aqui lançamos, os três níveis de emergência e de organização da subjetividade apontam para três dimensões da corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano e também para uma subjetividade social. Assumindo esta concepção, cada uma das dimensões, que devem ser identificadas como (sub)sistemas por possuírem uma relativa autonomia, são as partes que compõem o todo do sistema corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano. E que, por sua vez, ao estabelecer interações com outros indivíduos-sujeitos, produz um novo sistema, a sociedade, ou seja, um todo organizado/organizador não redutível aos indivíduos, dotada de qualidades emergentes, dentre elas a cultura, a partir da qual é gerada a subjetividade social, que retroage sobre os membros desta sociedade.

Atendo-se, neste primeiro momento, à corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito, conforme foi proposto, a dimensão orgânica-sensório-motora guarda o primeiro nível de emergência da subjetividade e é determinado pelos segundo e terceiro níveis. O primeiro estando em cada ser celular e nas inter-relações celulares que constituem o organismo, constituindo uma subjetividade orgânica e um corpopsiquismo celular e intercelular. O segundo e terceiro, relacionados à atividade cérebro-mente-cultura, da qual se constitui um psiquismo neurocerebral-cultural inconsciente-consciente, agem recursivamente nesta dimensão.

A dimensão psíquica-afetiva-relacional traz, em seu bojo, o segundo nível de emergência da subjetividade, com as qualidades mais subjetivas do psiquismo que emerge da atividade cérebro-mente-cultura, quais sejam, os processos afetivos, fantasmáticos, imaginários e oníricos relacionados ao pensamento e à linguagem simbólico/mítica, constituindo um primeiro nível de elaboração psíquica e participando da produção das configurações subjetivas. A dimensão mental/espiritual, também sendo detentora do segundo nível de emergência da subjetividade, se constitui como um segundo nível de elaboração psíquica que se dá mediante as atividades cognitivas que envolvem o pensamento e a linguagem racionais, a inteligência e a consciência, esta última sendo, justamente, o nível radicalmente novo de emergência da subjetividade, participando também da produção das configurações subjetivas.

A necessidade de estabelecer esta relação entre os três níveis de emergência da subjetividade, ou do sujeito proposto por Morin (1999), e as três dimensões da corporeidade/subjetividade no indivíduo e a subjetividade social, proposta por esta tese, está na distinção e na especificidade que o próprio Morin (1996a, 1999, 2003) destaca para os processos psíquicos e para os processos mentais/espirituais, e que buscamos evidenciar na fundamentação das dimensões da corporeidade/subjetividade relacionadas a estes processos subjetivos. Ao mesmo tempo em que estes dois modos de subjetivação estão relacionados ao segundo nível de emergência, no que concerne à emergência da subjetividade em seu terceiro nível, são os aspectos específicos dos processos mentais/espirituais que possibilitam a reflexibilidade da mente, ou seja, a consciência.

## **10.2 Da dimensão biológica da morfologia dinâmica embriológica funcional à dimensão orgânica-sensório-motora da corporeidade/subjetividade**

Reapresentada a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana para lembrar como a teoria da organização permitiu a sua elaboração, podemos, então, considerar como esta concepção pode contribuir para a fundamentação da Biossíntese. Antes de iniciar esta discussão, é necessário destacar que a sua primeira contribuição, à luz do pensamento complexo, é oferecer à Biossíntese uma fundamentação organizacionista/sistêmica mais rigorosa. É neste sentido que as ideias capitais de processos formativos e planos organizacionais propostos pela Biossíntese podem ganhar uma base não só epistemológico e teórica, mas, principalmente, paradigmática com a noção de auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (computacional/informacional/comunicacional).

Como foi exposto no capítulo anterior, sua proposta está delineada na ideia que estamos denominando de morfologia dinâmica embriológica funcional, que fundamenta sua concepção de corpo-psiquismo. Considerando a Biossíntese como um sistema aberto que reúne diferentes conceitos e práticas em desenvolvimento e integrados num nível superior de organização em relação aos conceitos e práticas apreciados isoladamente, Boadella (1992, 1997b) elege a embriologia como a base conceitual e prática e indica a possibilidade de concebê-la a partir da ideia de auto-organização.

Neste sentido, o autor concebe as camadas germinativas endoderma, mesoderma e ectoderma como planos organizacionais que constituem, ontogeneticamente, o corpo humano. Não devemos esquecer que a perspectiva organizacional foi concebida em articulação com a perspectiva bioenergética de Reich. Contudo, desde já, devemos esclarecer que estaremos estabelecendo um diálogo com ênfase nos processos auto-organizativos que, apesar de não excluir os processos energéticos, como pudemos evidenciar com a noção de *animus*, se diferenciam da noção de energia de Reich (1995, 2003), assumida pela Biossíntese, o que exigiria toda uma discussão específica, que não elegemos como objeto de estudo para esta pesquisa.

Embora Boadella (1992) tenha indicado a relação da Biossíntese com a visão organizacionista, ao considerar as camadas germinativas como planos organizacionais, não encontramos, em sua produção teórica, o desenvolvimento desta perspectiva a partir de uma base epistemológica e teórica que partisse de uma noção de organização ou das teorias que possibilitaram tal visão. Na construção teórica que pôde desenvolver, não foi evidenciado e especificado como se relacionam os processos biológicos, psicológicos e comportamentais, enquanto planos organizacionais, e considerando-os nestes diferentes níveis, que para a concepção de *corporeidade/subjetividade* representam níveis distintos de organização<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Na concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, apresentada nesta tese, não foi fundamentado o nível organizacional do comportamento. No entanto, quando nos referimos ao *fenon*, o nível fenomênico, relacionado ao plano existencial individual da organização, da ação e do comportamento no seio de um ambiente, estávamos apontando para o nível comportamental desta noção. Neste nível, devemos identificar o indivíduo-sujeito em sua totalidade fenomênica, na qual se integram, de modo inter-relacional, os três sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo e as influências ambientais. No nível do indivíduo, o comportamento integra ação, afeto e cognição. Considerando a complexidade constitucional do ambiente ou da dimensão *eco*, devemos destacar as determinações retroativas da subjetividade social sob os comportamentos dos indivíduos, lembrando que ela própria é a emergência das interações dos indivíduos dotados de uma dimensão comportamental, o que nos permite conceber uma dimensão comportamental da subjetividade social. Além disso, devemos destacar também as determinações do ambiente, enquanto ecossistema vivo, para além da esfera antropossocial. Essas duas dimensões do ambiente devem ser pensadas a partir do que denominamos de dimensão eco-subjetiva do indivíduo humano. Pretendemos abordar em outros trabalhos o problema da dimensão comportamental da corporeidade/subjetividade humana.



É necessário compreender que ao eleger a embriologia como sua fundamentação teórica para propor uma morfologia dinâmica funcional, Boadella parte de uma perspectiva biológica. Não obstante, é necessário lembrar que sua base conceitual também está referenciada em diferentes perspectivas teóricas advindas da psicanálise, as quais apontam caminhos para investigar o psiquismo humano em suas características próprias e específicas, que não se restringem ao campo de conhecimento da biologia. Porém, ao assumir a embriologia e relacioná-la aos aspectos psicológicos, faz-se necessário elucidar como se dão as relações entre estes diferentes níveis para não se restringir somente a uma perspectiva clássica (positivista; reducionista) da biologia - no sentido de explicar os processos psicológicos e comportamentais a partir de uma perspectiva única e exclusivamente biológica. Para isso, a Biossíntese precisa encontrar uma base epistemológica e teórica que lhe ofereça as condições conceituais para fundamentar a sua morfologia dinâmica embriológica funcional, a partir da distinção entre os níveis de organização, que envolvem e estabelecem as características específicas do que é propriamente biológico e psicológico. A possibilidade desta fundamentação está, conforme propõe a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, na noção de emergência que compõem a teoria da organização proposta por Morin.

Neste sentido, uma perspectiva embriológica, conforme assumida por Boadella (1992, 1997b), deve ser situada, num primeiro momento, no nível de organização do corpo biológico, do ser celular e das suas inter-relações constituidoras do organismo. Ou seja, as três camadas germinativas embriológicas devem ser entendidas enquanto planos organizacionais biológicos, que estabelecem as bases ontogenéticas, e a partir dos quais, em suas inter-relações, se forma o organismo humano, em sua totalidade biológica. Considerada neste nível de organização, a morfologia dinâmica embriológica proposta pela Biossíntese está relacionada à dimensão orgânica-sensório-motora da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano. Conforme foi colocado na fundamentação desta dimensão, devemos reconhecer, nos processos biológicos, um dinamismo organizador e animador de todos os processos de corporificação, o *animus*. Sendo o produto/produtor do *computo* celular e organísmico, o *animus* é a noção que permite indicar o dinamismo do processo auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizador que está presente, justamente, nos processos embriológicos morfogenéticos das camadas germinativas que são constituidoras de toda a organização viva (biológica) do corpo humano. Como propõe Morin (1999, p. 255), o *computo* abarca a totalidade do processo vivo “inclusive a ontogênese dum indivíduo policelular, onde a informação genética se operacionaliza como estratégia/programa, nas e pelas intercomputações entre células que se multiplicam, se diferenciam, se especializam, se organizam mutuamente. (...)”.

Deste modo, podemos propor que os planos organizacionais indicados por Boadella (1992), relacionados ao endoderma, mesoderma e ectoderma, são três dimensões embriológicas dos processos auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organizadores que caracterizam o dinamismo organizador geral do corpo humano em sua ontogênese e morfogênese. Conforme evidenciamos ao longo da elaboração e fundamentação do conceito de corporeidade/subjetividade, tais processos auto-organizadores são os desdobramentos emergenciais dos processos organizadores ativos (seres-máquinas) presentes na *physis*. A partir da qual, Morin (1997) parte para propor uma noção de organização de natureza física e que permite o reconhecimento de uma dimensão física radical, tanto na organização viva quanto na organização antropossocial, sendo estas os desenvolvimentos transformadores da organização física e sem que sejam entendidas a partir de um reducionismo a esta última. Da mesma maneira que as formas de organização da esfera antropossocial, como o psiquismo e a mente, no nível individual, e a subjetividade social, no nível coletivo, não podem ser reduzidas à organização biológica.

Juntamente com esta característica processual auto-organizativa, devemos também destacar a sua natureza computacional de modo a reconhecer, a partir do *computo* celular e intercelular, o primeiro nível de emergência da subjetividade presente nas camadas embrionárias. O ponto de vista ontogenético, desde o desenvolvimento embrionário, evidencia a autonomia (relativa) do *animus*, enquanto protopsiquismo, em relação ao psiquismo que emerge com o desenvolvimento do aparelho neurocerebral. Isto porque o desenvolvimento das camadas embrionárias se dá de maneira simultânea, de tal forma que a constituição das primeiras estruturas neurológicas a partir do ectoderma acontece ao mesmo tempo em que se dá a formação das estruturas de outros sistemas derivados do endoderma e do mesoderma. Neste sentido, podemos considerar a seguinte hipótese: as dimensões sensível, cognitiva, reflexiva e decisional, que a noção de computação abarca e a noção de *animus* permite unificar, direcionam os processos embriológicos da organogênese. Neles, as três camadas germinativas se diferenciam e dão origem aos órgãos internos e aos diferentes sistemas do organismo a partir de uma relação, ao mesmo tempo, autônoma e dependente, interconectadas e interinfluentes.

O mais importante a ser destacado é a indissociabilidade das três camadas embriológicas na constituição do organismo e a já presente subjetividade em seu primeiro nível de emergência, conforme a noção de *computo* (egocêntrico e autorreferente) permite fundamentar. Sem perder de vista, é claro, a característica dinâmica que a computação celular e intercelular ganha com a noção de *animus*. É o *animus*, enquanto aspecto unificador do

*autos*, como foi explicitado no capítulo 5, que pode evidenciar essa indissociabilidade embriológica constituidora do organismo em sua totalidade e apontar a passagem e a articulação entre o primeiro e o segundo níveis de emergência da subjetividade, assim como entre a dimensão orgânica-sensório-motora e as dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual.

A passagem entre os dois primeiros níveis de emergência da subjetividade corresponde a passagem entre o protopsiquismo celular e intercelular e o psiquismo que emerge da inter-relação entre o corpo-organismo dotado de um aparelho neurocerebral e a cultura. Psiquismo que, como buscamos evidenciar na fundamentação do conceito de corporeidade/subjetividade, enquanto aparelho psíquico, é o substrato organizacional das dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual. Em outras palavras, o *animus* evidencia a indissociabilidade entre o protopsiquismo de uma subjetividade orgânica e o psiquismo de uma subjetividade neurocerebral-cultural. E do ponto de vista embriológico, o *animus* também evidencia a indissociabilidade entre o protopsiquismo, presente nas três camadas germinativas, e o psiquismo que emerge em função de propriedades específicas do ectoderma, folheto germinativo a partir do qual se constitui o sistema nervoso.

Aqui é necessário destacar o que mencionamos acima com relação à importância da noção de emergência, proposta pela teoria da organização de Edgar Morin. Enquanto a Biossíntese não formula, não especifica e não distingue, conceitualmente, os diferentes níveis de organização relacionados aos aspectos orgânicos (o que inclui o neurocerebral) e psicológicos, a concepção de *corporeidade/subjetividade* indica a necessidade de se reconhecer os três níveis de emergência da subjetividade humana, os quais ensejam a diferenciação. Nesta perspectiva, ao mesmo tempo em que o *animus* permite reconhecer a unidade das três camadas embrionárias num protopsiquismo, também permite relacioná-lo a um psiquismo neurocerebral-cultural. Este, por sua vez, ainda que mantenha sua dependência com o organismo - tanto no que concerne à unidade das três camadas germinativas quanto no que concerne às propriedades específicas do ectoderma -, deve ser compreendido como uma emergência.

Enquanto emergência, devemos compreender o psiquismo como um produto global das atividades resultantes da relação entre o organismo e a cultura e que criam novas propriedades e qualidades irreduzíveis às suas partes isoladas, sejam elas os diferentes sistemas orgânicos (e suas camadas embrionárias) ou os diferentes elementos socioculturais. Como produto global, o psiquismo corresponde ao segundo nível de emergência da

subjetividade, constituindo uma nova dimensão dotada de uma relativa autonomia em relação ao organismo e à cultura.

Sendo assim, a proposta da Biossíntese de uma morfologia dinâmica embriológica funcional deve estabelecer a diferenciação e a distinção entre os planos organizacionais embriológicos (endoderma, mesoderma e ectoderma), que formam os diferentes sistemas orgânicos e os sistemas subjetivos de natureza psíquica. Neste sentido, a concepção de *corporeidade/subjetividade* permite estabelecer e evidenciar esta diferenciação e distinção, respeitando os níveis de organização dos aspectos orgânicos e psicológicos. Dialogando com esta proposta, podemos compreender que, além de relacionar as três camadas embrionárias com a dimensão orgânica-sensório-motora, conforme apontamos acima, é necessário reconhecer que os aspectos propriamente psicológicos que a Biossíntese assume em sua proposta devem ser considerados como propriedades e qualidades das dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual.

No entanto, esta diferenciação e distinção entre o que é do nível organizacional orgânico e o que é do nível organizacional psíquico não deve desconsiderar o caráter recursivo deste segundo em relação ao primeiro, isto é, as dimensões psíquica e mental atuam recursivamente sobre a dimensão orgânica constituindo uma unidade complexa organizada, um único sistema, o qual retroage, enquanto todo, sobre cada uma das suas dimensões (partes). O que permite compreender a estratégia teórica elaborada por Boadella (1992, 1997b) para articular as camadas embrionárias que são de um nível orgânico com os atributos psicológicos que são de um nível psíquico, haja vista que o autor adotou a perspectiva sistêmica para fundamentar sua proposta.

Ao tratarmos dos princípios recursivo e retroativo, que elucidam a relação entre esses diferentes níveis organizacionais, podemos lembrar que as suas determinações na inter-relação entre as dimensões da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano - sem esquecer ainda da subjetividade social - exigiu que fosse proposto a ideia de configuração somática/subjetiva, enquanto uma noção que evidenciasse, justamente, a unidade dessa inter-relação. Entretanto, ainda que seja fundamental e primordial mantermos a ideia de unidade e de todo, também não podemos perder de vista a ideia de diversidade e de parte, para pensarmos de modo complexo. Por esta razão, consideramos necessário repensar a proposta da Biossíntese a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* de maneira a poder contribuir para uma construção teórica mais rigorosa e precisa, no que diz respeito à diferenciação e distinção dos planos organizacionais, conforme os níveis de emergência da subjetividade humana. Isso permitirá, conseqüentemente, estabelecer, de forma mais precisa,

os diferentes diálogos que ela se propõe realizar com diferentes áreas do conhecimento como, por exemplo, as neurociências, a psicanálise e as ciências cognitivas.

Seguindo nesta direção, devemos ainda destacar outros aspectos que a dimensão orgânica-sensório-motora pode contribuir com a fundamentação da morfologia dinâmica embriológica funcional, antes de continuar o diálogo a partir das duas outras dimensões da corporeidade/subjetividade humana. Além de considerar as camadas germinativas embrionárias como parte da dimensão orgânica, e sendo unificada pelo dinamismo auto-organizador do *animus*, faz-se necessário também levar em consideração as propriedades específicas de cada camada e a complexa inter-relação entre elas na constituição do organismo como um todo.

Como a proposta de elaboração e fundamentação da concepção de *corporeidade/subjetividade* não assumiu para esta pesquisa a discussão sobre embriologia, não temos a intenção de entrar nesta área do conhecimento biológico. Todavia, para indicar um pouco mais as características específicas da dimensão orgânica, de maneira a pontuar as propriedades e funcionalidades principais das camadas embrionárias, e suas inter-relações, assim como fazer uma reflexão acerca da forma metafórica (analgica e compreensiva) de lidar com essas noções pela Biossíntese, apresentaremos resumidamente suas características gerais.

### **10.2.1 A complexa inter-relação entre as camadas embrionárias e seu uso metafórico pela Biossíntese**

Ao analisarmos a dimensão orgânica da corporeidade/subjetividade à luz da embriologia e, especificamente, da organogênese (MONTANARI, 2013; SADLER, 2016), compreendemos que todo o organismo com seus diferentes sistemas orgânicos são constituídos a partir da inter-relação dos três folhetos germinativos celulares, que na sequência do mais interno para o mais externo encontramos: o endoderma, o mesoderma e o ectoderma, como vimos na apresentação da proposta da Biossíntese. Considerando mais especificamente os conhecimentos da embriologia (MONTANARI, 2013; SADLER 2016), o ectoderma dá origem ao sistema nervoso central, sistema nervoso periférico, epitélio sensorial do ouvido, nariz e olhos, epiderme (incluindo cabelo e unhas), glândulas subcutâneas, mamas e hipófisárias, além do esmalte dos dentes. Do mesoderma originam-se os músculos lisos e esqueléticos, o sistema circulatório (coração, vasos sanguíneos, tecido linfático, tecido conjuntivo), o sistema esquelético (ossos e cartilagem) e o sistema excretor e reprodutor

(órgãos genitais, rins, uretra, bexiga e gônadas). E do endoderma origina-se o revestimento epitelial do tubo digestivo que envolve todo o trato gastrointestinal (de onde também vão se formar o fígado, pâncreas e bexiga) e o tubo que compõe o sistema respiratório incluindo a traqueia, os pulmões e brônquios, e, ainda, todos os componentes epiteliais da faringe, cavidade dos tímpanos, estroma reticular das tonsilas, timo, glândulas tireoides e paratireoides e, também, o revestimento epitelial da uretra.

As diferentes configurações que os três folhetos germinativos geram com seus componentes para formar os órgãos e sistemas orgânicos apontam para a complexidade das suas inter-relações no sentido das interconexões e interinfluências, o que impossibilita atribuir diretamente funcionalidades, como se fosse uma correspondência ponto a ponto, entre estruturas embrionárias e aspectos psicológicos/comportamentais. Neste sentido, a estratégia teórica que Boadella (1986, 1992, 1997b) utiliza para associar, respectivamente, as três camadas embrionárias endoderma, mesoderma, e ectoderma com os aspectos psicológicos/comportamentais sentir, agir e pensar não está fundamentada na complexa inter-relação que essas mesmas camadas estabelecem para formar o organismo e ainda as influências específicas dos diferentes sistemas orgânicos nos processos psicológicos/comportamentais.

A título de exemplo, podemos considerar, resumidamente, a relação entre os folhetos embrionários, os sistemas orgânicos e a experiência emocional/afetiva, enquanto aspecto psicológico/comportamental. Como Boadella (1986, 1992, 1997b) propõe e podemos apresentar no capítulo anterior, o endoderma, enquanto o folheto germinativo celular que constitui os tecidos e órgãos dos sistemas digestivo e respiratório, responsáveis pelo metabolismo energético do corpo, está relacionado ao sentir ou às experiências emocionais. No entanto, o endoderma, por si só, não constitui a totalidade do sistema digestivo e respiratório, pois parte dos tecidos que formam os órgãos destes sistemas também é constituído por tecido conjuntivo e musculatura lisa que derivam do mesoderma. Além disso, como o próprio Boadella (1992, 1997b) explicita, o sistema muscular-esquelético, preponderantemente, derivado do mesoderma, também participa dos processos emocionais/afetivos, o que justifica ser o tônus muscular um dos aspectos constituidores destes processos.

Por sua vez, o ectoderma tem participação direta na constituição anatômica e fisiológica destes sistemas que participam dos mesmos processos emocionais/afetivos. Isso evidencia sua associação direta com o sistema nervoso, que tem uma função centralizadora no tratamento da informação, que participa da regulação destes sistemas e dos próprios processos

emocionais/afetivos. E no que concerne a neurobiologia das emoções, como já mencionado no capítulo anterior, sabe-se que a participação do sistema nervoso autônomo (SNA), nos diferentes estados emocionais (raiva, medo, dor, prazer, alegria, tristeza etc.), está condicionada ao comando do hipotálamo que, por sua vez, compõe o sistema límbico, uma estrutura ou subsistema do sistema nervoso central (MACHADO, 2000).

Ao levar em consideração apenas esses elementos biológicos que compõem a relação entre os folhetos embrionários e os sistemas orgânicos, é possível compreender que o endoderma, por si só, não pode ser considerado como o substrato embrionário do sentir ou das experiências emocionais. E se ainda considerarmos que essas experiências não podem ser reduzidas à dimensão orgânica da corporeidade/subjectividade, pois elas também estão relacionadas às duas outras dimensões, a psíquica-afetiva-relacional e a mental/espiritual, como buscamos defender neste trabalho, a sua natureza ganha mais outros elementos que devem compor a sua complexidade fenomênica.

Sem desconsiderar toda essa complexidade das experiências emocionais/afetivas humanas, a importância e a contribuição da morfologia dinâmica embriológica da Biossíntese está em apontar um caminho prático para uma proposta de intervenção na psicologia clínica que busque, de maneira sintética, lidar com essa complexidade da condição humana. Neste sentido, a associação do endoderma com o sentir ou as experiências emocionais/afetivas parte do fato de que os processos neurofisiológicos que se dão nos sistemas digestivo e respiratório são uma das referências que funcionam como uma espécie de pano de fundo perceptivo das sensações corporais das regiões abdominal e torácica (na linguagem do senso comum, por exemplo, frio na barriga, queimação, estômago embrulhado, enjoo, falta de ar, enfezado etc.) que acompanham os diferentes estados emocionais/afetivos nas experiências ordinárias mais mobilizadoras. E, sobretudo, é por meio da experiência respiratória, do controle voluntário da inspiração e da expiração, que se pode tentar intervir, voluntariamente, nas sensações que acompanham as experiências emocionais/afetivos e também na regulação dos processos neurofisiológicos e nos estados subjetivos/psicológicos que participam dessas mesmas experiências. Por esta razão, consideramos pertinente a interpretação metafórica (analógica e compreensiva) que a Biossíntese propõe na morfologia dinâmica embriológica funcional, o que deve ser estendido também para a relação entre mesoderma e agir, bem como entre ectoderma e pensar.

### 10.3 A concepção de corporeidade/subjetividade humana e a concepção da formação do caráter na Biossíntese

Outra questão relevante para o diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, desde sua dimensão orgânica-sensório-motora e a morfologia dinâmica embriológica funcional, é a temática inaugurada por Reich (1995) acerca da inter-relação entre o sistema de defesa somático e o sistema de defesa psíquico, a qual o levou a cunhar a noção de unidade funcional soma-psique, para compreender a formação do caráter. Conforme foi apresentado no capítulo anterior, a Biossíntese tenta elaborar uma síntese sobre a formação do caráter, articulando as ideias de Reich, Lowen, Boyesen, Baker e Lake, a partir da embriologia funcional, propondo a necessidade de se reconhecer três modos de encorajamento (visceral, muscular e cerebral), que se dão enquanto unidade funcional de estados somáticos e estados psíquicos.

Para este tema capital do diálogo proposto, devemos considerar novamente que, para a perspectiva teórica que sustenta a concepção de *corporeidade/subjetividade*, as dimensões orgânica/somática e subjetiva/psíquica correspondem a níveis distintos de organização, justificados pela ideia de emergência. Juntamente com esta ideia, devemos também considerar as noções de *computo*, *animus* e de níveis de emergência da subjetividade para poder analisar como a concepção, que aqui estamos defendendo, pode contribuir com a discussão acerca da formação do caráter a partir da Biossíntese.

Como foi apontado acima, o organismo humano é uma unidade composta pelas inter-relações entre as três camadas de células embrionárias, as quais podem ser conceituadas como planos organizacionais a partir da teoria da organização que fundamenta a concepção de *corporeidade/subjetividade*. A inter-relação entre endoderma, mesoderma e ectoderma, enquanto planos organizacionais pertencentes ao nível de organização biológica da corporeidade, constituem configurações somáticas organizacionais dotadas de uma subjetividade organísmica ou somática, conforme a noção de *animus* permite justificar a existência de um protopsiquismo celular e intercelular, primeiro nível de emergência da subjetividade humana.

Aqui, faz-se necessário lembrar que a noção de configuração organizacional, elaborada por Morin (1997), está relacionada à ideia de organização negentrópica, fundamentada na noção de anel retroativo-recursivo-pentalógico, a partir da qual elucida-se o processo de reorganização permanente do organismo humano. Partindo da ideia de que a forma de um ser vivo humano pode ser considerada como a de um multiprocesso retroativo,



anelando-se a si mesmo a partir de múltiplos e diversos anéis do organismo (MORIN, 1997), conforme representa a figura 11, podemos conceber a ideia de que essa multiplicidade e diversidade de anéis derivam de três anéis primários: o endoderma, o mesoderma e o ectoderma. Enquanto três anéis recursivos, que compõem a organização neguentrópica genofenômica, são essas três camadas embrionárias que constituem o organismo humano em sua totalidade. As diferentes formas de inter-relação entre elas constituem o que denominamos de configurações somáticas. Essas, por sua vez, guardam a característica essencial desses processos organizacionais do *bios*: o dinamismo auto-organizador global.

Desta forma, as configurações somáticas/embrionárias são sempre a inter-relação entre endoderma, mesoderma e ectoderma. Considerando esta complexa característica constituidora do organismo humano e atendo-se à distinção que a noção de emergência estabelece entre os níveis de organização somática e psíquica, podemos correlacionar as configurações somáticas/embrionárias com os processos psicológicos entendidos, também, como configurações de natureza subjetiva/psíquica. É importante elucidar que tanto as configurações somáticas/embrionárias quanto as configurações subjetivas/psíquicas são da ordem do *fenon*, considerando a ideia de auto-organização genofenômica (MORIN, 1999).

O *fenon*, dotado de autonomia em relação ao *genos* e ao *oikos*, conforme explica Morin (1999), corresponde às esferas da individualidade e da subjetividade. Enquanto uma dimensão do indivíduo-sujeito humano, o *fenon* é o próprio soma ou o que denominamos de dimensão orgânica-sensório-motora, já dotada de individualidade e de subjetividade. Uma subjetividade que deve ser entendida nos seus três níveis de emergência: no próprio organismo, nos processos psíquicos-afetivos-relacionais e mentais/espirituais e como consciência, mantendo relações recursivas entre esses três níveis. Por esta razão, podemos e devemos correlacionar as configurações somáticas/embrionárias com as configurações subjetivas (psíquicas-mentais), formando uma unidade complexa corpórea/subjetiva.

E o mais importante, para este ponto da discussão, é estabelecer uma articulação entre esta concepção e a noção de unidade funcional psicossomática de Reich, a qual também aponta para a complexa relação entre o somático e o psíquico (MALUF JUNIOR, 1998, [200-]). Acreditamos que a concepção de *corporeidade/subjetividade* pode contribuir com o desenvolvimento da ideia de caráter de Reich, a partir da base epistemológica, teórica e metodológica que o pensamento complexo oferece.

Conforme propõe a morfologia dinâmica embrionária funcional, as formas de encouraçamentos (visceral, muscular e cerebral) estão relacionadas à prevalência de uma das camadas embrionárias (endoderma, mesoderma e ectoderma) na constituição dos tecidos,

órgãos e sistemas (sistema digestivo e respiratório; sistema muscular-esquelético; sistema nervoso) e suas relações com os aspectos psicológicos libidinais (visual, oral, anal e fálico). No entanto, se partirmos desta perspectiva que assume a complexa inter-relação constituidora das camadas embrionárias, no que concerne às configurações somáticas, podemos compreender que os três tipos de couraças, propostas por Boadella (1986, 1997b), resultam das interconexões e interinfluências das camadas embrionárias e, conseqüentemente, das interconexões e interinfluências dos sistemas orgânicos que derivam delas, lembrando que são detentores do protopsiquismo.

No que diz respeito às configurações subjetivas (psíquica-mental), é necessário considerá-las a partir de um outro nível de organização que corresponde ao segundo nível de emergência da subjetividade. No caso de tomar como referência a teoria psicanalítica freudiana e seus desdobramentos em Reich (1995), Lowen (1977) e Baker (1980), além da influência da psicanálise de Rank e Klein, por intermédio de Francis Motte e Frank Lake, como faz Boadella para pensar a formação do caráter, os aspectos psicológicos devem ser compreendidos a partir da correlação entre os processos inconscientes vinculados às regiões somáticas, denominadas de zonas erógenas, mas enquanto emergências que constituem as configurações subjetivas (psíquica-mental). E, da mesma forma que as configurações somáticas devem ser pensadas a partir da complexa inter-relação entre as camadas embrionárias no processo de encouraçamento, as configurações subjetivas devem ser consideradas a partir da complexa inter-relação entre os diferentes aspectos psicológicos que emergem dos processos inconscientes, vinculados às zonas erógenas, e que vão participar dos mecanismos psíquicos do encouraçamento. Sendo necessário lembrar que os dois níveis de configurações estão articulados nas inter-relações entre o protopsiquismo organísmico e o psiquismo neurocerebral-cultural, sem ainda desconsiderar a participação da subjetividade social na generatividade configuracional da corporeidade/subjetividade do indivíduo.

O mais importante, neste primeiro momento de diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e a temática da formação do caráter a partir da Biossíntese, é indicar os aspectos genésico e generativo que caracterizam a complexidade dos processos morfogenéticos, tanto para a dimensão orgânica quanto para as dimensões psíquica e mental, segundo permite elucidar a teoria da organização de Edgar Morin. Neste sentido, é necessário destacar que as configurações somáticas/embrionárias e as configurações subjetivas/psíquicas, que se formam ao longo do desenvolvimento ontogenético do indivíduo humano (concepção, desenvolvimento intrauterino, nascimento, desenvolvendo ao longo da vida e morte), são geradas a partir da reorganização permanente e desorganização permanente do organismo

biofísico. Nesta dinâmica, característica do anel pentalógico, retroativo e recursivo, como vimos anteriormente, estabelecem-se as formas e estados estacionários (estável, regulado, homeostático) e mantém-se o fluxo constante de transformações auto-organizadoras, autorreprodutora e autorreorganizadoras deste mesmo organismo. Em outras palavras, os estados estacionários são dinamismos estacionários que evidenciam o caráter complexo da relação entre o estabelecimento de padrões (*patterns*) e os processos de transformações das configurações somáticas/embrionárias no organismo ao longo da vida do indivíduo-sujeito humano.

Nos incomensuráveis giros do anel ao longo do desenvolvimento humano, as configurações somáticas/subjetivas vão se complexificando a partir do primeiro nível de emergência da subjetividade (organísmica-protopsíquica). Na inter-relação com a cultura, via as relações interpessoais, as configurações subjetivas vão ganhando as qualidades psíquicas e mentais do segundo e terceiro níveis de emergência da subjetividade. E mesmo essas configurações subjetivas, dotadas de uma certa autonomia em relação às configurações somáticas/subjetivas do primeiro nível de emergência, são constituídas pelos mesmos processos morfogenéticos, de tal forma que os estados subjetivos devam ser entendidos como dinamismos estacionários, isto é, formando regularidades (*patterns*) e estando em constante transformação.

Reconhecendo este aspecto originário da morfogênese, podemos compreender que tanto no nível orgânico quanto no nível psíquico há um dinamismo de produção e transformação, isto é, a corporeidade/subjetividade em suas configurações somáticas/subjetivas está reorganizando-se e desorganizando-se, formando padrões e criando possibilidades de mudanças ao ser transformada pelo constante fluxo do anel. Sendo assim, devemos partir desta perspectiva para considerar que este dinamismo morfogenético está também presente na formação do caráter. Ao mesmo tempo em que a noção de caráter considera as regularidades psíquicas, estabelecendo padrões a partir da fixação da libido e a formação dos traços de caráter, também deve considerar o fluxo ininterrupto que atravessa os estados estacionários, pois nele se dão as constantes reorganizações dos processos subjetivos/psíquicos, a partir das quais se estabelecem as mudanças nas dinâmicas subjetivas do indivíduo-sujeito.

No que diz respeito à perspectiva da Biossíntese para formação do caráter, como apresentamos no capítulo anterior, os traços de diferentes formas de caráter (fálico-narcisista, passivo-feminina, psicopata, histérica, depressiva, masoquista, esquizoide e oral) são considerados a partir da ideia de mapas do caráter e enquanto características relacionadas às

três camadas embrionárias. Conforme já tinha sido indicado, esta concepção de mapas do caráter pode ser pensada como configurações caracterológicas, isto é, inter-relações entre configurações somáticas e configurações subjetivas/psíquicas. Direcionando esta noção para pensar os mecanismos de defesas, sem esquecer que o conjunto destes formam a polaridade do caráter neurótico, com a qual devemos contrabalancear a polaridade do caráter genital, tais configurações caracterológicas devem ser compreendidas como a inter-relação dos traços/atitudes dos diferentes tipos de caráter e a partir do princípio reichiano da unidade e antítese funcional. Este princípio aponta para a existência das polaridades opostas de cada traço/atitude de caráter e permite entender que cada mapa do caráter é uma malha ou teia de polaridades de traços/atitudes de caráter. Uma teia, criativamente e singularmente, tecida por cada indivíduo-sujeito, como seu sistema de defesa, e o qual reúne um conjunto de estratégias de sobrevivências frente às situações ameaçadoras da vida. Desta forma, as configurações caracterológicas são unidades complexas organizadas irredutíveis a um único tipo de estrutura de caráter ou personalidade.

Antes de continuar o diálogo com a perspectiva da Biossíntese para a formação do caráter, é necessário, desde já, explicitar que, anterior ou aquém da formação de configurações caracterológicas, devemos reconhecer o indivíduo-sujeito singular, original, diferente e dotado de autonomia. Este não pode ser alcançado apenas pelas regularidades (*patterns*) do seu sistema de defesa. O indivíduo-sujeito humano é irredutível às suas configurações caracterológicas. O seu ser, o seu *si mesmo*, é configurado desde o nível genético (*genos*) em recursão com o nível fenotípico e fenomênico (*fenon*). Nesta relação recursiva, manifesta-se a originalidade e a singularidade do dinamismo do *autos* de cada indivíduo-sujeito, gerando, incessantemente, emergências de emergências e constituindo suas configurações somáticas/subjetivas num processo de individuação. Além disso, sua qualidade de indivíduo repousa também na sua autonomia de ser e existência, um ser (máquina) que se produz e vive sua existência como um centro de sensibilidade, sensações, emoções/sentimentos e pensamentos nas trocas com os outros indivíduos-sujeitos.

Nestes processos de emergências, configura-se seu sistema de defesa como mecanismo para lidar com o complexo vínculo entre a abertura e o fecho do ser, dois aspectos relacionados à noção de abertura organizacional, ontológica e existencial, elaborada a partir da ideia de organização ativa (MORIN, 1997). A complexidade deste vínculo está na relação indissociável entre autonomia e dependência no desenvolvimento ontogenético humano, como explicitamos no capítulo 3. Sem querermos, agora, elaborar toda uma discussão que essa ideia inicial aponta, mas que consideramos fundamental para a contribuição dos

processos presentes na constituição dos mecanismos somáticos/subjetivos de defesas no ser humano, indicamos aqui apenas a questão central.

O indivíduo-sujeito humano, como qualquer outro ser vivo, precisa da abertura ecológica (organizacional/sistêmica, ontológica e existencial) para produzir seu ser, pois depende do fluxo material/energético que encontra no meio ambiente. No caso humano, a total dependência do outro na infância coloca as relações interindividuais como uma condição absolutamente necessária e profundamente marcante. É no seio destas relações interindividuais, presentes no seio de uma sociedade e de uma cultura, que as experiências de dependência e autonomia vão se dando e constituindo o fecho corpóreo/subjetivo do ser humano, que precisa manter, necessariamente, sua abertura para essas interações, pois estas fazem parte do fluxo material/energético/biológico/psíquico/social/cultural do ambiente.

Considerado todos estes aspectos, pode-se vislumbrar a complexidade que caracteriza as inter-relações destes fatores que participam da gênese e da generatividade de um ser humano. E neste processo genésico e generativo, frente às situações de estresse que ameaçam a constituição do seu ser corpóreo/subjetivo, o indivíduo-sujeito cria seu sistema de defesa somático/psíquico para impedir que o fluxo, no que é traumatizante, não o aniquile. Sendo assim, seu sistema de defesa, enquanto um modo de configuração que se dá no complexo vínculo entre abertura e fecho, auxilia-o a lidar com a sua condição de dependência em relação ao ambiente (eco-organizador) e, ao mesmo tempo, com a sua busca por conquistar autonomia sistêmica/organizacional, ontológica e existencial.

Retomando o diálogo com a proposta da Biossíntese para a formação do caráter, devemos, então, relacionar as configurações caracterológicas, enquanto unidades complexas organizadas irreduzíveis a um único tipo de estrutura de caráter, com as tendências bipolares entre as três polaridades que as camadas embrionárias permitem apontar com seus modos de encorajamentos (visceral, muscular e cerebral) (BOADELLA, 1992, 1997b). Entretanto, as camadas embrionárias devem ser consideradas a partir da inter-relação que estabelecem entre si para formar os órgãos e sistemas orgânicos, assim como para participar da gênese e da generatividade dos processos subjetivos/psíquicos. Considerada essa condição, devemos partir do princípio que fundamenta a ideia de mapas do caráter - as estruturas de caráter têm mais de uma antítese funcional, isto é, pode-se observar um fluxo de conexões de diferentes traços/atitudes de caráter, os caminhos entre elas e a rede de possibilidades que se abrem e se constroem a partir delas. Articulada a essa ideia estão as funções estabelecidas a partir das inter-relações das camadas embriológicas (concentração/foco mental, firmeza/tônus muscular e carga/descarga energética/emocional), cada qual com dois estados extremos possíveis, o que

permite considerar as tendências bipolares entre as três polaridades como configurações caracterológicas.

Neste sentido, como anunciamos no capítulo anterior, devemos considerar a multidimensionalidade da organização caracterológica de uma pessoa, partindo das bipolarizações relacionadas às tendências de pouco a muito carregado (energeticamente/emocionalmente), pouco a muito firme (tônus muscular/movimento/ação) e de pouco a muito concentrado (processos cognitivos/perceptivos lógicos e simbólicos). As incomensuráveis possibilidades de relações entre as três bipolarizações, e, ainda, o espectro de variações de intensidade entre um extremo ao outro de cada bipolarização, permite reconhecer a singularidade do sistema de defesas de cada indivíduo-sujeito, a partir da complexa relação (complementar e antagônica) entre sistema-estrutura-organização e acontecimento, isto é, entre, respectivamente, regularidades (*patterns*) e processos de transformação que podem gerar acontecimento e mudança (o novo). Desta forma, a noção de configuração caracterológica, reunindo os aspectos específicos e, ao mesmo tempo, correlacionados entre as configurações orgânicas/somáticas e as configurações subjetivas (psíquica-mental), permite a investigação clínica de como as dimensões ou sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo, conjuntamente com a subjetividade social, estão gerando as configurações somáticas/subjetivas defensivas nas experiências de vida ameaçadoras de um indivíduo-sujeito, nos diferentes cenários sociais em que vive.

Neste ponto da discussão, suscitada pela temática da formação do caráter, anuncia-se a necessidade de dar continuidade ao diálogo entre a morfologia dinâmica embriológica funcional da Biossíntese com a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, a partir das duas outras dimensões ou sistemas não explorados até aqui: o psíquico-afetivo-relacional e o mental/espiritual, em inter-relação com a subjetividade social. Para esta outra temática do diálogo, consideramos como possível duas hipóteses para as contribuições que a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana pode oferecer à proposta da Biossíntese, com estas outras dimensões que constituem a subjetividade humana.

A primeira é colaborar com uma fundamentação teórica para os processos emocionais e para os processos cognitivos/mentais, que a Biossíntese associa com as camadas embrionárias do endoderma, do mesoderma e do ectoderma, reconhecendo a diferença entre os dois níveis de organização (orgânica/somática e subjetiva/psíquica) e de emergência da subjetividade, como vem sendo indicado ao longo deste capítulo. Tal fundamentação deve estar embasada na noção de configuração somática/subjetiva que formulamos na primeira parte deste trabalho. Considerando ainda que os processos relacionados à dimensão da

ação/comportamento, associada ao mesoderma pela Biossíntese, aponta para a unidade complexa organizada da corporeidade/subjetividade do indivíduo humano na indissociabilidade dos seus processos motores, afetivos e cognitivos.

A segunda, também desenhada ao longo deste capítulo, é possibilitar estabelecer as distinções e as especificidades dos processos psicológicos (psíquicos e mentais) a partir da diferenciação dos níveis de organização e de emergência da subjetividade, reconhecendo a complexidade que caracteriza as inter-relações entre estes níveis, o que, talvez, também permitirá vislumbrar os caminhos de discussão e construção teórica com áreas do conhecimento como o pensamento sistêmico, a psicanálise, as neurociências e as ciências cognitivas, com as quais a Biossíntese tem buscado dialogar.

#### **10.4 Contribuições das dimensões psíquica e mental e da noção de configuração subjetiva/somática para a proposta da Biossíntese**

Até este ponto do diálogo, tentamos evidenciar que a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana possibilita, primeiramente, situar a proposta da Biossíntese em sua dimensão orgânica-sensório-motora, considerando que ela parte de um conhecimento biológico, representado pela embriologia. No entanto, como a proposta é, justamente, de uma embriologia funcional, isto é, de uma perspectiva que parte da biologia, mas que tem como finalidade tratar os processos psicológicos/comportamentais humanos, a Biossíntese não restringe a sua visão a uma perspectiva biológica reducionista. Pelo contrário, sinalizando uma visão sistêmica e organizacional, reconhece as especificidades dos referidos processos e propõe uma prática clínica que trabalhe com eles.

Conforme viemos tentando elucidar, no entanto, faz-se necessário realizar uma construção teórica-conceitual mais rigorosa que possa destacar as especificidades dos processos biológicos, psicológicos e comportamentais e, também, como estes se inter-relacionam enquanto planos organizacionais diferentes e níveis distintos de emergência da subjetividade. Destacamos, resumidamente, que os planos organizacionais devem ser considerados em dois níveis: o orgânico/somático e o subjetivo/psíquico, sendo que, no primeiro, encontra-se o primeiro nível de emergência da subjetividade e, no segundo, o segundo e terceiro níveis de emergência da subjetividade, que retroagem sobre o primeiro plano organizacional. Partindo desta perspectiva geral que a concepção de *corporeidade/subjetividade* propõe, o endoderma, o mesoderma e o ectoderma devem ser considerados como dimensões do plano organizacional orgânico/somático e os processos

psicológicos emocionais e cognitivos como dimensões do plano organizacional psíquico. E os processos comportamentais só podem ser considerados enquanto sendo aqueles que unificam os aspectos motores, emocionais e cognitivos, e que a corporeidade/subjetividade do indivíduo-sujeito humano evidencia em sua globalidade fenomênica.

Ao buscar estabelecer o diálogo da concepção de *corporeidade/subjetividade* com a proposta da Biossíntese, no que diz respeito a distinguir e especificar o que é da ordem do subjetivo/psíquico, devemos circunscrever como esta última concebe os processos emocionais e mentais/cognitivos. Com isso, poderemos, em seguida, tentar construir a ponte entre a perspectiva da Biossíntese para esses processos e a ideia de configuração somática/subjetiva, que é gerada nas inter-relações dos três sistemas que constituem a corporeidade/subjetividade do indivíduo, e ainda pelas retroações da subjetividade social.

De acordo com o que já foi exposto no capítulo anterior, e no tópico acima, acerca da perspectiva da Biossíntese para a formação do caráter, devemos considerar que os processos emocionais são compreendidos à luz do campo de conhecimento da psicanálise, envolvendo três diferentes tradições (Reich, Otto Rank e Melanie Klein). Mesmo tendo como principal influência a tradição inaugurada por Wilhelm Reich, esta, como as duas outras, se desenvolveu, inicialmente, estando fundamentada no arcabouço teórico freudiano, de tal forma que este mesmo arcabouço se encontra nas bases teóricas que buscam compreender os processos emocionais na Biossíntese. Por esta razão, não devemos perder de vista que a ideia de mapas do caráter, delineada por Boadella e Smith (1986), está alicerçada em conceitos-chaves advindos de Reich e, anteriormente, de Freud, conforme ficou evidenciado ao mencionarmos noções relacionadas à teoria da libido e da teoria do recalque de ambos autores, desde o capítulo anterior.

Mais especificamente, devemos compreender que as ideias de Boadella (1992) acerca da formação do caráter, a partir da noção de mapas do caráter, que se fundamenta na sua proposta de uma morfologia dinâmica embriológica funcional, é a busca de elucidar os processos emocionais. Nesta perspectiva, desde já, podemos explicitar que os processos mentais/cognitivos, bem como os processos relacionados à ação/movimento, são explicados a partir de um fundamento e de uma perspectiva emocional, ou seja, os processos emocionais são o substrato daqueles relacionados à ação e à cognição. Por esta razão, a perspectiva do encorajamento psicossomático, de formação das couraças, que têm três formas e desdobra-se em três dimensões (visceral, muscular, cerebral), relacionadas às camadas embrionárias (endoderma, mesoderma, ectoderma), devem ser compreendidas como os diferentes aspectos que fazem parte de processos, fundamentalmente, emocionais. Desta forma, as funções



atreladas ao mesoderma e ao ectoderma, que representam as dimensões da ação/movimento e da cognição/pensamento, estão, essencialmente, relacionadas aos processos emocionais que estão representados, mais especificamente, pelas funções do endoderma.

Como também já foi explicitado, cada uma das camadas embrionárias não pode ser considerada como sendo exclusivamente detentora das estruturas biológicas específicas que dão origem aos processos psicológicos/comportamentais, naquela correspondência, ponto a ponto, entre endoderma-sentir, mesoderma-agir e ectoderma-pensar. É a inter-relação destas camadas embrionárias, constituidoras dos sistemas orgânicos, que participa da emergência dos processos psicológicos, tanto os emocionais quanto os cognitivos, e também da dimensão comportamental que unifica esses dois com os processos motores de ação/movimento. No entanto, devemos elucidar as razões que levaram Boadella (1992) a relacionar, mais diretamente, o endoderma aos processos emocionais.

Como foi apresentado no capítulo anterior, para a Biossíntese (BOADELLA, 1992, 1997b) os processos emocionais são pensados a partir da ideia reichiana de bioenergia. Inicialmente, relacionada à noção psicanalítica de libido, os processos bioenergéticos, ainda que passem a ser compreendidos para além do arcabouço teórico da psicanálise freudiana, constituindo o campo de conhecimento da orgonomia inaugurado por Reich, mantêm-se vinculados às teorias freudianas da sexualidade. Se, por um lado, estas teorias procuram elucidar os processos psicoafetivos inconscientes constituidores do aparelho psíquico em seus aspectos topológico, dinâmico e econômico, dando mais ênfase aos dois primeiros, por outro lado, as ideias de Reich (1978, 1995) voltam-se, principalmente, para o aspecto econômico, tentando elucidá-los, enquanto processos bioenergéticos do organismo humano. Por esta razão, Boadella (1992, 1997b) relaciona a vida emocional aos processos energéticos do organismo humano, que estão relacionados, preponderantemente, ao endoderma, já que é desta camada de células embrionárias que se constituem, principalmente, os sistemas digestivo e respiratório, os quais são responsáveis pelo metabolismo energético do corpo.

Entretanto, como já tinha sido assinalado, anteriormente, em relação à ideia de mapas do caráter, os processos emocionais de encorajamento também estão relacionados ao mesoderma e ao ectoderma, respectivamente, à ação/movimento, enquanto qualidade do tônus muscular, e à cognição/pensamento, enquanto funcionamento perceptivo, variando de pouca a muita inibição de estímulos sensoriais e seus desdobramentos nas formas de pensamento simbólico e lógico-racional. Isto é, não é apenas com relação ao endoderma e ao metabolismo energético que os processos emocionais estão ligados, até porque o metabolismo energético é resultado da complexa inter-relação das camadas embrionárias. É justamente a combinação

das funções estabelecidas a partir das camadas embriológicas (concentração/foco mental, firmeza/tônus muscular e carga/descarga energética/emocional), cada qual com dois estados extremos possíveis, que permite Boadella (1992) propor a formação do caráter como uma tendência bipolar entre três polaridades que reúnem os diferentes traços/atitudes dos tipos de caráter.

E o mais importante para a compreensão dos processos emocionais, a partir do plano organizacional subjetivo/psíquico, o que buscamos elucidar neste tópico a partir das dimensões que emergem do aparelho psíquico da corporeidade/subjetividade, é que esses três aspectos que constituem as configurações caracterológicas devem ser considerados em sua qualidade, especificamente, subjetiva/psíquica. Melhor dizendo, devem ser entendidas enquanto dimensão subjetiva que emerge da relação entre aparelho neurocerebral e cultural, segundo nível de emergência da subjetividade humana, detentora de uma relativa autonomia em relação ao primeiro nível presente no organismo biológico ou no *soma*.

A condição de ser detentora de uma autonomia, mesmo que relativa, é uma qualidade que evidencia, justamente, a importância fundamental da perspectiva organizacional/sistêmica na qual estamos tentando fundamentar a proposta da Biossíntese. Essa qualidade ou característica emergentista da subjetividade aponta para a necessidade de distinguir e especificar a natureza dos processos subjetivos neste outro nível de organização que se diferencia do nível de organização do soma, que também já é dotado de subjetividade, mas em seu primeiro nível de emergência. Neste sentido, as configurações subjetivas, que compõem as configurações caracterológicas, conjuntamente com as configurações somáticas, estão relacionadas às singulares combinações dos traços psíquicos dos caracteres que estão relacionados ao que é, especificamente, da ordem psíquica/subjetiva da corporeidade/subjetividade, e que o primado do psiquismo freudiano<sup>78</sup> anunciou e buscou elucidar com as teorias freudianas e as demais que se desenvolveram nos diferentes ramos deste tronco comum (MEZAN, 2019b).

Não sendo nem com a questão do primado do psiquismo, estabelecido por Freud (RODRIGUES, 2008), e nem com essa complexa questão da relação entre o tronco comum e seus diferentes ramos presentes no campo psicanalítico (MEZAN, 2019b) que buscamos dialogar com a Biossíntese, mas sim com a concepção de *corporeidade/subjetividade*

---

<sup>78</sup> A ideia de um primado do psiquismo em Freud (RODRIGUES, 2008) está relacionada ao entendimento de que o pensamento freudiano estabeleceu, na psicanálise, o papel determinístico do psiquismo inconsciente para todas as coisas humanas, o que inclui o corpo como fruto das representações do inconsciente. Com essa perspectiva, Freud estabelece uma tendência que atribui uma maior relevância ao psiquismo, deixando de considerar o corpo/organismo bioenergético em sua especificidade para a compreensão da unidade psicossomática.

proposta nesta tese, passamos, a partir deste ponto, a evidenciar as contribuições das noções de sistema/dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual, em inter-relação com a subjetividade social, para a Biossíntese. Contribuições no sentido de fundamentar a natureza organizacional/sistêmica dos processos psicológicos emocionais e cognitivos em suas especificidades, interinfluências e interconexões, a partir da noção de configuração subjetiva/somática. Indicando, ainda, a dimensão comportamental que unifica esses processos psicológicos com os processos motores da ação/movimento, o que evidencia a relação indissociável das configurações subjetivas com as configurações somáticas.

Com a intenção de explicitar as contribuições da noção de configuração subjetiva/somática para a Biossíntese, devemos considerar suas características ontológicas que, análogas ao ser-máquina orgânico da corporeidade/subjetividade, são fundantes do ser-máquina subjetivo do qual emergem, originariamente, os processos psicológicos fundamentais e complexos. Nesta perspectiva, poderemos situar as configurações caracterológicas num segundo momento generativo das produções subjetivas, quando estas estão a serviço da formação de mecanismos de defesas psicossomáticos.

Para evidenciar as contribuições da noção de configuração subjetiva/somática para a proposta da Biossíntese, devemos destacar os aspectos emocionais e cognitivos relacionados à funcionalidade das camadas endoderma e ectoderma, sem perder de vista o aspecto motor/ação que está relacionado, mais especificamente, ao mesoderma. Conforme foi apresentado no capítulo anterior, o endoderma representa o primeiro plano organizacional diretamente relacionado às experiências emocionais, no sentido de funcionar como um pano de fundo corporal para a percepção destas experiências e indicar tendências psicológicas/comportamentais relacionadas a estados emocionais como: raiva, medo, tristeza, alegria, prazer e dor/sofrimento, com suas qualidades energéticas características. Também devemos identificar no mesoderma, nas diferentes variações do tônus (hipertonia e hipotonia) da postura, do gesto, da expressão e do movimento, uma relação com essas tendências psicológicas/comportamentais relacionadas aos estados emocionais. O ectoderma é a camada embrionária relacionada aos processos cognitivos de pensamento e linguagem, nos quais se produzem sentidos mais simbólicos/míticos ou mais lógicos-rationais, configurados pelo complexo jogo (complementariedades, concorrências e antagonismos) das emoções ou afetos, os quais são revelados pela voz e sons em seus diferentes estados de vibração acústica. Esta mesma camada também está relacionada à expressividade do olhar, aspecto principal da visão como meio de expressão dos estados emocionais de uma pessoa (BOADELLA, 1986, 1992, 1997b).

Destas características emocionais e cognitivas gerais ligadas às camadas embrionárias, podemos, desde já, indicar suas relações com os processos afetivos e de produção de sentido, conforme o conceito de configuração subjetiva reúne. O importante para o diálogo que aqui buscamos estabelecer é especificar a natureza subjetiva/psíquica destes aspectos ou o plano organizacional subjetivo/psíquico, seguindo a proposta conceitual dos sistemas ou dimensões psíquica-afetiva-relacional e mental/espiritual da *subjetividade/corporeidade* humana. Neste sentido, enquanto qualidades do segundo e terceiro níveis de emergência da subjetividade do indivíduo-sujeito humano, os processos emocionais/afetivos e cognitivos podem ser compreendidos a partir da proposta conceitual que estamos apresentando neste trabalho. E também como buscaremos evidenciar, devemos identificar a recursividade destes processos emocionais/afetivos e cognitivos sobre o primeiro nível da subjetividade (organísmico); de tal forma que fique estabelecido o *continuum* entre corporeidade e subjetividade, conforme também propõe a Biossíntese, mas distinguindo e diferenciando os níveis de emergência da subjetividade humana.

Como já indicamos acima, assim como o plano organizacional orgânico deve ser pensado a partir da noção configuracional de organização neguentrópica genofenômica (tendo no anel pentalógico-retroativo-recursivo sua infraestrutura organizacional), de tal forma que as camadas embrionárias constituem configurações somáticas, os aspectos emocionais e cognitivos também devem estar embasados nesta mesma noção configuracional, mas no plano organizacional subjetivo/psíquico, constituindo as configurações subjetivas. Produzidas pelo ser-máquina subjetivo que tem como substrato a organização neguentrópica genofenômica do aparelho psíquico e, conseqüentemente, dos sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, no que concerne ao primeiro sistema, podemos relacionar os aspectos emocionais e o pensamento simbólico (aspecto cognitivo), propostos pela Biossíntese, à noção de configuração subjetiva/somática.

O aparelho psíquico, enquanto modo processual ou de funcionamento dos sistemas psíquico e mental, é uma emergência da inter-relação entre aparelho neurocerebral e cultura. Por sua vez, o aparelho neurocerebral é filogeneticamente uma emergência da complexificação das interpolocomputações dos aparelhos celulares e a partir das quais foi gerado o anel sensorium/cerebrum/motorium (figura 9), mantendo ainda uma inter-relação com o aparelho reprodutor sexual. É o aparelho psíquico que possibilita a emergência do eu, mediante o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da consciência, bem como de suas configurações subjetivas. Em relação ao sistema psíquico-afetivo-relacional, as configurações subjetivas são formadas pelas intensidades e qualidades afetivas/emocionais e

por sentidos de natureza cogitante simbólico/mítico, característicos dos processos fantasmáticos e imaginários inconscientes. Os sentidos de natureza simbólico/mítico podem ser relacionados com a noção de pensamento simbólico, considerada pela Biossíntese como um dos aspectos dos processos cognitivos humanos. Com essas noções do sistema psíquico da subjetividade/corporeidade do indivíduo, podemos indicar uma perspectiva que evidencie a qualidade, especificamente, subjetiva dos aspectos emocionais e cognitivo da morfologia dinâmica embriológica funcional proposta pela Biossíntese.

Nesta perspectiva, já apresentada no capítulo 6 e 7, os aspectos emocionais e cognitivos das configurações subjetivas devem ser compreendidos a partir da ideia de anel genésico e generativo em espiral e nas suas qualidades pentalógica, retroativa e recursiva indissociáveis. Com relação aos processos das experiências emocionais, ao considerar as suas intensidades e qualidades afetivas, a partir da inteligibilidade da noção de anel genésico e generativo, podemos compreender que, analogamente aos processos das configurações biofísicas-somáticas, elas se dão nas interações complexas (complementar, concorrente a antagônica) entre desordem-ordem e organização-desorganização, enquanto qualidades dos múltiplos e diversos estados possíveis entre os gradientes de prazer-dor e amor-ódio. Estados denominados de correntes de afetos, em virtude do dinamismo do anel genésico e generativo, modo fundamental de funcionamento do aparelho psíquico.

A condição análoga entre configurações subjetivas e configurações somáticas está sustentada pela indissociabilidade dos sistemas orgânico-sensorio-motor e psíquico-afetivo-relacional, a qual se justifica pela relação contínua e inseparável entre protopsiquismo e psiquismo neurocerebral-cultural. Neste sentido, adotando esta concepção da relação dos processos somáticos com os processos psíquicos, podemos justificar uma proposta para a Biossíntese, relacionando os processos emocionais às camadas embrionárias. No entanto, sem atribuir uma correspondência apenas com a camada endoderma, ainda que ela tenha uma função específica e importante de pano de fundo na autopercepção dos estados emocionais. É o conjunto das camadas embrionárias que compõe as configurações somáticas e é a partir delas que se tem a base neurofisiológica das emoções e o pano de fundo para a autopercepção dos estados emocionais. Desta base somática emergem as configurações subjetivas na indissociabilidade dos sistemas orgânico e psíquico, com a mesma infraestrutura organizacional do anel genésico e generativo. Contudo, é necessário distinguir e diferenciar, mais especificamente, os planos organizacionais somático e subjetivo/psíquico dos processos emocionais/afetivos.

Quando destacamos o aspecto qualitativo das correntes de afetos, estamos buscando conceber as características dos processos subjetivos, das experiências afetivas/emocionais, no sistema psíquico, isto é, a subjetividade no seu segundo nível de emergência. Contudo, além do aspecto qualitativo há também as intensidades como outro atributo das correntes de afetos que também participam dos processos subjetivos destas mesmas experiências afetivas/emocionais, correspondendo à dimensão econômica do aparelho psíquico. Neste sentido, as intensidades são percepções subjetivas da circulação e repartição das correntes de afetos, as quais podem aumentar, diminuir e equivalerem-se no aparelho psíquico.

Estas percepções, ao mesmo tempo que são subjetivas, tem na dimensão orgânica-sensório-motora seu substrato sensorial. E, aqui, encontramos novamente a inter-relação entre os sistemas orgânico e psíquico e a indissociabilidade entre protopsiquismo e psiquismo, a partir desta inter-relação é possível justificar a outra faceta da indissociabilidade e do caráter análogo entre configurações somáticas e configurações subjetivas. Estamos nos referindo à relação entre a dimensão econômica dos processos energéticos do aparelho psíquico e a dimensão econômica dos processos energéticos do aparelho neurocerebral, integrado no organismo como um todo, as quais consideramos como sendo análogas, conforme indicamos no capítulo 6, contudo, não tendo sido ainda elucidada a passagem de um nível ao outro. Nesta proposta apresentada, abre-se a possibilidade de buscar caminhos que, talvez, possam enfrentar os desafios teóricos e delinear estratégias empíricas acerca dos processos energéticos das experiências emocionais. A busca pela compreensão da ligação entre estes dois níveis dos processos energéticos é muito importante para a Biossíntese, pois enquanto herdeira da ideia-chave de bioenergia, formulada por Wilhelm Reich, a dimensão emocional/afetiva é a detentora da relação funcional entre soma e psique.

Passemos agora a relacionar os aspectos cognitivos considerados pela Biossíntese (BOADELLA, 1986, 1992, 1997d) com a noção de configuração subjetiva/somática. Para isso, devemos explicitar como as formas de pensamento racional, associadas à tendência muito concentrada dos processos cognitivos (inibição excessiva dos estímulos ambientais pelo sistema sensorial), e pensamento simbólico, associado à tendência pouco concentrada dos processos cognitivos (pouca inibição dos estímulos ambientais pelo sistema sensorial), fazem parte da geração dos sentidos que formam as configurações subjetivas. E para relacionar estes dois modos de processamento cognitivo com a noção de configuração subjetiva precisamos partir da ideia, já mencionada acima, de que estas são geradas na inter-relação entre os sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual. Justamente porque cada um destes

sistemas é portador de uma destas duas formas de processamento cognitivo ou, como preferimos colocar, como duas correntes de pensamento e linguagem geradoras de sentidos.

Desta forma, como explicamos na sua fundamentação teórica, o sistema psíquico-afetivo-relacional, a partir do aparelho psíquico, gera e é constituído pelo pensamento simbólico/mítico/mágico, que podemos relacionar, diretamente, com o pensamento simbólico, considerado pela Biossíntese como um dos aspectos cognitivos. No entanto, diferentemente desta proposta, na perspectiva que aqui estávamos propondo, a partir do conceito de corporeidade/subjetividade, o pensamento simbólico deve ser relacionado à dimensão mais subjetiva da atividade mental entendida no sentido geral da concepção moriniana da relação mente/espírito-cérebro. Isto é, deve ser relacionado ao sistema psíquico que inscreve, na produção das configurações subjetivas, os sentidos gerados pelas correntes de pensamento simbólico/mítico/mágico, com seus atributos fantasmáticos e imaginários, bem como os processos afetivos, uma outra dimensão deste mesmo sistema e indissociável destas correntes de pensamentos.

Por sua vez, para a proposta deste trabalho, o pensamento racional, que também participa da generatividade das configurações subjetivas formando sentidos de natureza racional, deve ser relacionado ao sistema mental/espiritual, sendo, então, considerado como um aspecto mais propriamente cognitivo. É esta forma de pensamento-linguagem que possibilita a organização de um conhecimento objetivo e reflexivo em relação ao ambiente e em relação a si mesmo, no que concerne, para este último, à consciência de si e ao autoconhecimento humano, conforme elucidamos na fundamentação teórica deste sistema. Aqui, devemos lembrar e destacar que para a concepção de corpo-psiquismo, proposta por Boadella (1992, 1997d), as atividades mentais de pensamento e de percepção de natureza lógico-rationais também são relacionadas à mente, que se diferencia da psique (alma) para a qual é atribuído um significado diferente do que estamos considerando para o sistema psíquico.

Vejamos, então, que o pensamento simbólico/mítico está relacionado mais ao inconsciente, característica originária do aparelho psíquico e do sistema psíquico, ao mesmo tempo em que pode emergir à consciência, como elucidamos na primeira parte deste trabalho. Já o pensamento racional é o elemento fundamental dos processos cognitivos que possibilitam a emergência da consciência, mesmo que a maior parte desses processos sejam inconscientes. Como vimos, emergindo de processos inconscientes da computação celular e orgânica, o sistema mental/espiritual gera os fenômenos virtuais de consciência pela reflexividade e

objetividade, possibilitadas pelas características específicas do pensamento e da linguagem racionais.

Todavia, antes de apontarmos essas e outras contribuições específicas do sistema mental para a proposta da Biossíntese, devemos indicar a natureza relacional das configurações subjetivas a partir da combinação e articulação dos atributos dos dois sistemas, de maneira a evidenciar a contribuição desta noção para a Biossíntese. Para este plano organizacional subjetivo/psíquico do conceito de corporeidade/subjetividade do indivíduo, os pensamentos simbólico e racional, que a Biossíntese associa ao ectoderma, devem ser inscritos cada um, respectivamente, nos sistemas psíquico e mental, participando da generatividade das configurações subjetivas. Em síntese, enquanto duas correntes/formas de pensamentos (simbólico/mítico e racional/empírico) geradoras de sentidos e correlacionadas às correntes de afetos, numa dialógica turbilhonar em yin-yang, as configurações subjetivas emergem a cada giro espiralado do anel pentalógico-retroativo-recursivo.

É importante lembrar que todo esse processo que se dá no plano da subjetividade/psiquismo retorna recursivamente sobre o plano somático, do qual emerge na inter-relação com a cultura. Disso também é importante destacar que sendo uma emergência do plano somático, que tem no ectoderma a principal camada embrionária constituidora do aparelho neurocerebral, faz todo sentido relacionar as duas formas de pensamento a este folheto germinativo embrionário, como propõe a Biossíntese.

No entanto, como já elucidamos, é necessário considerar o aparelho neurocerebral a partir da noção de configuração somática/embrionária que evidencia a interconexão e a interinfluência das camadas celulares germinativas e que permite situá-lo, especificamente, no seu nível organizacional/sistêmico. Com esta distinção e diferenciação dos planos organizacionais/sistêmicos e considerando a inter-relação entre os três sistemas e mais a subjetividade social que retroage sobre eles, podemos enfrentar com mais rigorosidade conceitual a complexa relação entre corporeidade e subjetividade. E, então, buscar formular hipóteses filogenéticas e ontogenéticas para se conceber como as retroações e recursividades entre os dois planos, formando anel/circuito, constituem as configurações somáticas/subjetivas da corporeidade/subjetividade do indivíduo, bem como as suas configurações caracterológicas.



### **10.5 A identidade humana polimorfa e a formação do caráter: algumas reflexões a partir das noções de configuração somática/subjetiva e configuração caracterológica**

Ao retornarmos a questão da formação do caráter à luz da concepção que aqui estamos apresentando, devemos reabrir esta temática a partir de uma discussão com o tema e a questão da identidade humana polimorfa, elaborada na primeira parte deste trabalho. Como foi evidenciado ao longo da fundamentação da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, a identidade polimorfa é o resultado da inter-relação dos sistemas orgânico, psíquico, mental e da subjetividade social. Nesta inter-relação são geradas as configurações somáticas/subjetivas que constituem o Eu e os egos, os quais vão compor as múltiplas personalidades. É exatamente esta noção de múltiplas personalidades, proposta por Morin (2003), e assumida aqui neste trabalho a partir da noção de configuração somática/subjetiva, que buscaremos aproximar da noção de configurações caracterológicas apresentadas acima.

Conforme foi exposto, seguindo a concepção de mapas do caráter de Boadella e Smith (1986), as configurações caracterológicas foram aqui definidas como unidades complexas organizadas irredutíveis a um único tipo de estrutura de caráter. Sua formação se dá a partir da combinação dos processos de encouraçamento (visceral, muscular e cerebral) relacionados às três camadas embrionárias (endoderma, mesoderma e ectoderma) e às suas três funções (concentração/foco mental, firmeza/tônus muscular e carga/descarga energética/emocional), cada qual com dois estados extremos possíveis (pouco e muito), constituindo tendências bipolares entre três polaridades. Sendo necessário considerar que as configurações somáticas e as configurações subjetivas, ao mesmo tempo em que são indissociáveis na constituição das configurações caracterológicas, são também de planos organizacionais/sistêmicos distintos. E também o entendimento de que os processos de encouraçamentos no plano somático se dão nas inter-relações das camadas embrionárias e dos sistemas orgânicos. E da mesma forma, é a complexa inter-relação entre os diferentes aspectos psicológicos inconscientes, emergindo das zonas erógenas associadas às configurações somáticas, que irá participar dos mecanismos psíquicos do encouraçamento no plano subjetivo.

Sendo assim, a concepção de configurações caracterológicas está sendo proposta a partir da mesma noção de configuração somática/subjetiva. Enquanto conceito-chave na fundamentação da ideia de corporeidade/subjetividade do indivíduo, esta noção também permite evidenciar a complexidade da identidade polimorfa nas múltiplas personalidades constituidoras do ser humano. Desta forma, podemos compreender, primeiramente, que a infraestrutura organizacional da *corporeidade/subjetividade* humana, em sua *unitas multiplex*

(característica sistêmica originária), gera necessariamente duplicidades, desdobramentos, pluralidades, polimorfias, sem deixar de ser uma unidade. Ao mesmo tempo, essa mesma infraestrutura organizacional irá gerar configurações caracterológicas enquanto sistemas de defesas também formados a partir das configurações somáticas/subjetivas, que estão a serviço de proteger o indivíduo-sujeito humano frente às situações de estresse e ameaçadoras à constituição de seu ser corpóreo/subjetivo, como colocamos anteriormente.

É a infraestrutura organizacional da corporeidade/subjetividade que permite concebermos a dinâmica geradora de configurações somáticas/subjetivas, a partir da inter-relação dos três sistemas e a subjetividade social, tanto para as múltiplas personalidades quanto para os tipos diferentes de estruturas de caráter ou configurações caracterológicas. Isto porque é na ideia de anel pentalógico-retroativo-recursivo, fundamento ontológico do *autos* em seu dinamismo organizador geral do *animus* protopsíquico e do psiquismo, que se fundamenta esta infraestrutura e na qual revela-se a natureza dinâmica e plástica das configurações somáticas/subjetivas.

Esta correlação que a noção de configuração somática/subjetiva estabelece entre as múltiplas personalidades e as configurações caracterológicas está baseada na ideia fundamental de *autos*, que evidencia a complexa relação entre o *genos*, o *fenon* e o *oikos* na constituição da identidade polimorfa do ser humano, e na influência capital da psicanálise no pensamento de Morin (2014). Como explicitamos na primeira parte deste trabalho, as múltiplas personalidades emergem das duplicidades e multiplicidades interiores, concebidas por Morin (2003, 2014), principalmente, a partir de três referências: sua ideia do princípio “Eu sou ego”, a trindade psíquica freudiana (isso, eu e supereu) e as propostas de outros psicanalistas (Otto Rank e Jung). E é justamente esta influência da ideia de aparelho psíquico de Freud, nas ideias de Morin (2003, 2014) acerca das múltiplas personalidades, que justifica a elaboração da noção de configuração caracterológica proposta aqui.

Conforme explicitamos, a proposta da Biossíntese para formação do caráter está fundamentada na concepção de caráter de Wilhelm Reich que, por sua vez, parte da psicanálise freudiana. Desta forma, a concepção de mapas do caráter da Biossíntese traz essa base teórica psicanalítica, presente em Reich, e em seus seguidores (Lowen, Boysen, Baker), também influenciadores desta proposta, e ainda em Frank Lake. Neste sentido, as configurações caracterológicas, enquanto inter-relação entre configurações somáticas e configurações subjetivas, estão relacionadas às funcionalidades das camadas embrionárias, em suas tendências psicológicas/comportamentais, associadas aos diferentes traços e atitudes dos tipos de caráter fundamentados no arcabouço teórico psicanalítico e reichiano. Por sua vez, as

múltiplas personalidades estão relacionadas às multiplicidades interiores, compreendidas enquanto configurações subjetivas, indissociáveis aos seus correlatos corpóreos, tais como: a postura, o gesto, a expressão e o movimento, que caracterizam as configurações somáticas, mas que, de fato, em sua indissociabilidade, são as diferentes configurações somáticas/subjetivas constituidoras dos diferentes egos que compõem o Eu sistêmico/organizacional.

O que consideramos como o mais importante neste diálogo entre as noções de múltiplas personalidades e de configurações caracterológicas é buscar compreender os processos genésicos e generativos do *autos* em seus impulsos e finalidades de vida e de morte. De acordo com o que apresentamos na primeira parte deste trabalho, os estados dinâmicos estacionários que caracterizam o *autos*, em sua organização neguentrópica, permitem conceber a relação complexa (complementar, concorrente e antagônica) entre reorganização e desorganização permanentes na auto-eco-organização genofenômica, que são, respectivamente, a origem do viver e a origem do morrer. Como também expomos, é a noção de abertura ecológica/existencial, contida no prefixo *eco*, que permite evidenciar que a desorganização é o complemento antagônico da reorganização. É a partir destas ideias que Morin (1997) resgata o pensamento de Heráclito: “viver de morte e morrer de vida”.

Entre reorganização e desorganização, entre viver e morrer, a vida emerge como anel/circularidade recursiva espiralada abrindo novos ciclos a cada retorno à sua fonte, na repetição dos seus processos, na renovação dos seus componentes, na regeneração permanente, no restabelecimento do estado estacionário. O prefixo RE, que se destaca nestes diferentes termos que compõem a definição da vida, é elevado ao nível conceptual por Morin (1999), bem como compreendido como a raiz do *autos* e do *oikos*. Neste sentido, destaca-se o RE vivo, que conduz a vida a viver e tirar da morte, das desordens e desorganizações, os impulsos renovadores para o novo (as novas organizações) e para a evolução. É o *computo*, enquanto *animus* em seu dinamismo organizador geral, que mantém o ser-máquina vivo vivendo, criando estratégias emancipatórias, as quais permitem produzir renovação e acolher o novo. A natureza mais profunda do *computo* é o RE vivo.

Como hipótese, que aqui apenas apresentamos, em virtude dos limites estabelecidos para esta pesquisa, podemos pensar que as configurações somáticas/subjetivas que geram as múltiplas personalidades podem ser originadas de um *computo* marcado por duas qualidades distintas. Um *computo* que segue a sua natureza mais profunda, o RE vivo. E um *computo* bloqueado, não podendo elaborar estratégias emancipatórias, mantendo-se numa repetição impedidora da produção e da *autopoiesis* do ser-máquina somático/subjetivo humano,

impossibilitando a renovação e o novo. E sendo a repetição um fracasso da decisão ou, como coloca Morin (1999), um efeito de um bloqueio computacional, como um disco arranhado, entrava o desenvolvimento espiral do anel genésico e generativo constituidor do ser do indivíduo-sujeito humano. Assim, as múltiplas personalidades que emergem no indivíduo-sujeito humano podem ser guiadas por finalidades oriundas do RE vivo ou de um bloqueio computacional ou também *compulsional*, como coloca o autor para fazer alusão às discussões psicanalíticas acerca da pulsão de morte e pulsão de vida.

Quando se trata de um bloqueio do *computo*, as múltiplas personalidades são análogas às configurações caracterológicas dotadas de mecanismos de defesas atravancados numa repetição gaga, numa repetição a contratempo do que seria o fluxo configuracional capaz de encontrar formas adaptativas que seguem as tendências complexificadoras do *bios*. Seguindo esta tendência, as múltiplas personalidades se apresentam também como mecanismos de defesas, assumindo, então, uma perspectiva patológica quando criam e colocam a pessoa presa numa condição de sofrimento.

No entanto, devemos lembrar a perspectiva proposta por Morin (2003) para as múltiplas personalidades, quando afirma tratar-se mais de um fenômeno normal do que os excessos e intensidades de um fenômeno propriamente patológico. Ao considerar como fenômeno normal ou comum, estamos defendendo que as descontinuidades, duplicidades, multiplicidades somáticas/subjetivas correspondem à infraestrutura organizacional/sistêmica do ser humano e não são, necessariamente, a condição para o sofrimento psíquico. E, ainda, com relação a esta questão, entendemos que este mesmo fenômeno pode se dar conjuntamente com a expressão das qualidades do caráter genital, concebido por Reich (1995), qualidades humanas fundamentais para a saúde integral do ser humano e para o bem-estar social, as quais se opõem às qualidades defensivas-adoecidas do caráter neurótico.

Conforme mencionamos em outros pontos deste trabalho, esta discussão, além de precisar ser desenvolvida dentro da própria epistemologia complexa e em diálogo com o pensamento reichiano, também suscita uma importante discussão com as ideias freudianas de pulsão de vida e pulsão de morte. Uma discussão levantada, introdutoriamente, pelo próprio Morin (1997, 1999) no que concerne às formulações freudianas, mas não desenvolvida em diálogo com Reich.

Explicitamos, aqui, as reflexões iniciais acerca de um primeiro diálogo entre a identidade poliforma humana e as configurações caracterológicas, a partir da noção de configurações somáticas/subjetivas. Devemos agora retomar a discussão acerca das

contribuições do sistema mental/espiritual à morfologia dinâmica embrionária funcional concebida por Boadella (1986, 1992, 1997b).

### **10.6 Contribuições específicas do sistema mental/espiritual da subjetividade/corporeidade humana para a proposta da Biossíntese**

No primeiro momento, tratamos das contribuições do sistema mental para a fundamentação dos processos cognitivos considerados pela Biossíntese, e no que diz respeito a sua indissociabilidade com o sistema psíquico na geração das configurações subjetivas. Neste tópico, buscaremos estabelecer este diálogo a partir dos aspectos que são especificamente atribuídos ao sistema mental/espiritual pela noção de subjetividade/corporeidade humana. Assim, serão abordados os aspectos conceptuais do Eu e do egos, a perspectiva assumida para o fenômeno da consciência e a noção de inteligência humana.

De acordo com a proposta que foi delineada na fundamentação do sistema mental/espiritual, o aspecto conceptual do Eu e dos egos faz referência à natureza propriamente mental/espiritual do Eu, enquanto qualidade subjetiva do sujeito humano que se expressa no seu ser, na sua organização, na sua computação, no seu comportamento, no seu pensamento, na sua linguagem e na sua consciência. Na perspectiva da Biossíntese, encontramos, relacionado ao plano organizacional ectodérmico, a ideia de uma base conceitual do sistema de linguagem ou uma estrutura ou sistema de crenças, que faz parte dos processos mentais/cognitivos (BOADELLA, 2006c). Outro termo, explorado por Boadella e Boadella (2006a), para tratar destes aspectos mentais é imagens, definidas como restritivas ou criativas.

Na pesquisa bibliográfica realizada para verificar os desenvolvimentos teóricos destes aspectos mentais, abordados pela Biossíntese, encontramos o artigo “Da ciência da informação à psicoterapia corporal: uma contribuição da inteligência artificial”, elaborado por Esther Frankel e Milton Corrêa (1997). Neste artigo, é proposta uma articulação entre os conceitos de estados mentais e inteligência da Ciência da Informática, utilizados na Inteligência Artificial, e o conceito de estrutura de caráter das psicoterapias corporais. Na proposta de uma noção de estado mental, baseado no modelo informático, são articulados os conceitos de intenção, crenças, desejo e expectativas, entre outros, a partir de teorias que buscam explicar as interações de agentes inteligentes, neste caso, o ser humano.

Nesta perspectiva, a crença, enquanto elemento que compõe, conjuntamente, com o desejo, as intenções, “é o modo como podemos colocar o mundo dentro de nós, e como é possível transformá-lo simbolicamente pelo raciocínio, revisões das crenças, construção de estratégias para alcançar o objetivo da intenção. A realidade é codificada e assumida para ser transformada, de acordo com o sistema de crenças particulares de cada pessoa” (CORRÊA; FRANKEL, 1997, p. 152). A partir de um conjunto de conceitos, que abarca esta noção de crença, e mais os outros conceitos que compõem o modelo informático de estado mental, é apresentada uma concepção de caráter. Nesta perspectiva, também é destacada a diferença entre intenção essencial, que entre outros aspectos é relacionada à tendência à auto-organização e à autorregulação dos processos formativos, segundo a Biossíntese, e intenção caracterológica, enquanto atributo do sistema psicossomático de defesas de uma pessoa. Os sistemas de crenças estão ligados às intenções caracterológicas.

Ao estabelecer uma análise comparativa entre a noção de crença proposta para a Biossíntese, a partir desta perspectiva, e o aspecto conceptual e conceitual do Eu e dos egos, enquanto atributo do sistema mental da subjetividade/corporeidade, identificamos que esta última pode contribuir com a primeira ao evidenciar esta dialógica entre o individual e o social, ou entre indivíduo e o mundo, conforme foi explicitado na primeira parte deste trabalho. Como é possível identificar no conceito de crença citado acima, há uma relação complexa entre indivíduo e mundo na construção das crenças que a noção de indivíduo-sujeito humano, proposta por Morin (1999), e assumida neste trabalho, permite evidenciar. A sua condição, ao mesmo tempo, ego-autocêntrico e sócio-autocêntrica, constituindo um auto-(sócio-ego)-centrismo, e, a um só tempo, autorreferente e exo-referente, constituindo a auto-exo-referência, permite fundamentar, na perspectiva do *autos*, essa concepção de crenças, destacando devidamente a complexidade das duas instâncias indissociáveis que se inscrevem nela.

Concepção que devemos relacionar as configurações somáticas/subjetivas geradoras de configurações caracterológicas e de múltiplas personalidades, para as quais propomos os atributos conceptuais e conceituais do Eu e dos egos. Neste sentido, as configurações somáticas/subjetivas, que geram atributos conceptuais e conceituais abertos e criativos do Eu e dos egos em suas múltiplas personalidades, e as qualidades cognitivas-rationais de ponderação e bom-senso do caráter genital de Reich, se dão mediante os processos computantes que seguem a finalidade do RE vivo. Quando esses mesmos processos estão bloqueados para a criação de estratégias emancipatórias, as configurações somáticas/subjetivas geram sistemas de crenças fechados e defensivos, enquanto aspecto

mental/cognitivo, compondo tanto as configurações caracterológicas quanto as múltiplas personalidades. Um sistema de crenças, qualitativamente, restritivas para a relação da pessoa consigo mesma e o mundo, impedindo uma compreensão mais complexa dela mesma, dos outros, da sociedade e do mundo.

Para a Biossíntese (BOADELLA, 1986, 1992), enquanto a noção de sistemas de crenças ou de imagens restritivas estão relacionadas aos aspectos cognitivos defensivos do caráter, as imagens criativas estão relacionadas à tendência saudável dos processos cognitivos e estes à auto-organização e autorregulação dos processos formativos. No sentido que estamos indicando para as contribuições do sistema mental/espiritual em relação à Biossíntese, podemos considerar que a noção de imagens criativas corresponda à expressão dos processos computacionais impulsionados pelo RE vivo. E que tem, justamente, como tendência a perpetuação dos processos de auto-eco-organização do indivíduo-sujeito humano, como também assume a Biossíntese.

Por fim, um ponto fundamental a ser considerado neste diálogo é que com a ideia de sistema mental/espiritual podemos situar, devidamente, a noção de base conceitual do sistema de linguagem ou sistema de crenças ou ainda de imagens da Biossíntese no plano organizacional subjetivo/psíquico. Com isso, é possível reconhecer a distinção, a diferença e as especificidades entre este plano e o plano organizacional somático, com o qual corresponde, biologicamente, a camada embrionária do ectoderma.

Na sequência desta primeira questão relacionada às características específicas do sistema mental, passamos, agora, à questão do fenômeno da consciência para continuarmos o diálogo com a Biossíntese. Ao investigar o tema da consciência, a partir das reflexões e ideias formuladas por Boadella (1992, 1997A, 1997e), identificamos uma abordagem eclética que busca relacionar diferentes áreas do conhecimento científico e filosófico e de conhecimentos de outras tradições de saberes. Todavia, do ponto de vista epistemológico e teórico-conceitual, não encontramos nos trabalhos deste autor uma definição sistemática de consciência.

Este termo e esta ideia são relacionados desde a experiência humana intrauterina, quando o autor faz menção a uma consciência do feto, que está relacionada a um sistema primitivo de memória presente nas células do organismo, sem estar restrita ao sistema nervoso. A consciência fetal é como a consciência do sonho (BOADELLA, 1992). Ao mesmo tempo, uma base fundamental das ideias deste autor está na psicanálise, em três das suas vertentes, como já foi exposto, de maneira que o inconsciente é também o atributo originário do psiquismo (BOADELLA, 1986, 1997a, 1997b, 2006b). Vejamos, então, que a proposta da Biossíntese se desenha a partir da inter-relação entre inconsciente e consciente. Em suas

reflexões acerca desta inter-relação, e baseadas nas ideias de Alexander Lowen, Boadella (1992) afirma que há dois fluxos energéticos presentes na experiência existencial do ser humano, um ascendente em direção ao céu, relacionado ao consciente, e um descendente em direção à terra, relacionado ao inconsciente, ambos correspondendo ao princípio reichiano da unidade antítese funcional. Em seu livro “The charge of consciousness”, o autor também faz uma discussão da dinâmica emocional, das reações bioquímicas e do metabolismo do campo energético nos estados esquizofrênicos, considerando a relação entre inconsciente e consciente (1979 *apud* BOADELLA, 1992). No entanto, esta inter-relação entre inconsciente e consciente não é nem definida e nem fundamentada, sistematicamente, seja do ponto de vista filogenético ou ontogenético.

As reflexões acerca da consciência também são abordadas a partir de ideias das neurociências que evidenciam a participação do corpo e das emoções na constituição do *self* ou da consciência de si (BOADELLA, 2004, 2005). E partindo de discussões desta área do conhecimento científico e da filosofia da mente, como as ideias de Sir John Eccles, conforme mencionamos no capítulo anterior, o autor tenta relacionar a consciência a uma dimensão mais sutil da experiência humana, explorando as ideias de diferentes autores (Nick Herbert, David Bohm, Roger Penrose, Rupert Sheldrake, Hernani Andrade, Carl Gustav Jung etc.), os quais se situam para além do debate acadêmico (científico e filosófico) contemporâneos. Nesta perspectiva, o autor afirma que a consciência corresponde a uma essência humana fundamental, o *Self* ou o Ser Transcendental, sendo sinônima do termo espírito e guardando o sentido de ser uma dimensão ou um aspecto indestrutível, de uma realidade imaterial, compondo com a realidade material a totalidade (BOADELLA, 1992, 1997d).

Considerando estas reflexões e ideias da Biossíntese, podemos iniciar o diálogo com a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana indicando que, conforme já proposto neste mesmo capítulo, a noção de subjetividade organísmica, fundamentada nos conceitos de *computo* e autocomputação, pode contribuir com a formulação da noção de consciência do feto, mencionada por Boadella (1992). Para tanto, é necessário partir da compreensão de que a subjetividade organísmica, presente na constituição embriológica do feto, é portadora de uma autorreflexão arcaica, conforme o circuito reflexivo da autocomputação permite elucidar, sem ser dotada de representação mental e de uma dimensão simbólica, as quais possibilitam a emergência, propriamente, da consciência humana. Esta reflexividade arcaica, presente na autocomputação, é inconsciente, sendo um princípio e fundamento bio-lógico, proposto pelo pensamento complexo, e com o qual podemos identificar as raízes mais profundas do fenômeno da consciência. Desta forma, não poderíamos falar de uma consciência do feto no



sentido que atribuímos à consciência, enquanto emergência do sistema mental, mas sim de uma protoconsciência arcaica, sem reflexividade representacional e simbólica, por isso, inconsciente.

Esta problemática das raízes bio-lógicas da consciência humana traz, inevitavelmente, a questão da dialógica consciente  $\rightarrow$  inconsciente. Assim como a Biossíntese parte desta inter-relação entre inconsciente e consciente, a concepção de *corporeidade/subjetividade* também. Conforme foi explicitado na fundamentação dos sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, a estrutura e os processos organizacionais se dão no nível inconsciente do ser-máquina profundo, produtor/produto de um protopsiquismo (celular e intercelular) e de um psiquismo (cerebral). É deste fundo inconsciente, e segundo processos inconscientes da atividade cérebro-mente imerso numa cultura geradora de pensamento, linguagem e inteligência, que emerge a consciência humana.

Compreendemos que estas ideias formuladas pelo pensamento complexo e anunciadas pela noção de *corporeidade/subjetividade*, mais do que oferecer uma base para fundamentar a inter-relação entre inconsciente e consciente, assumida pela Biossíntese, aponta um caminho filogenético e ontogenético para a fundamentação sistemática de uma concepção de consciência. Esta base epistemológica e teórica pode contribuir para que a Biossíntese assumira uma concepção de consciência a partir da noção de emergência, de tal forma que lhe permita trilhar um caminho de sistematização das suas ideias acerca dos processos embrionários característicos da vida intrauterina, do nascimento, do crescimento, do desenvolvimento e do adoecimento psíquico do ser humano, enquanto processos de auto-eco-organização e dos quais emerge a consciência.

Com relação às ideias da Biossíntese sobre a consciência, baseadas nas neurociências, se partimos, justamente, de uma perspectiva emergentista, podemos considerar as inter-relações recursivas entre o sistema orgânico-sensório-motor (no qual se situam as teses destas ciências), e os sistemas psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual, sob a retroação da subjetividade social, para reconhecer as contribuições específicas das neurociências para a explicação do fenômeno da consciência. Neste sentido, a concepção de *corporeidade/subjetividade* possibilita a Biossíntese estabelecer um intercâmbio com as neurociências, mas partindo desta perspectiva que defende a complexa inter-relação entre a “ordem” do soma e a “ordem” da subjetividade.

No que concerne à concepção de um Self ou Ser transcendental, admitida pela Biossíntese, a perspectiva da *corporeidade/subjetividade* humana não oferece fundamentos ontológicos para a elaboração de uma concepção de consciência que esteja associada a uma

dimensão sutil ou a ideia de espírito, enquanto essência humana, pertencente a uma realidade imaterial ou espiritual. É interessante, contudo, estabelecer o diálogo entre a visão e a proposta de trabalho psicoterápico alinhado a práticas de meditação, como recurso terapêutico, conforme propõe Boadella (1992, 1997c, 1997d, 1997e), e a ideia de experiência meditativa, proposta a partir do sistema mental/espiritual.

Para Boadella (1992, 1997d), a meditação é o caminho que a pessoa trilha e vivencia para acessar a fonte essencial do seu *Self*, da qual emergem os recursos para lidar com os diferentes bloqueios psicossomáticos nos campos da vida, de acordo com o que foi apresentado no capítulo anterior. Nesta proposta, a meditação é a experiência de uma pessoa com sua dimensão sutil e espiritual da qual emergem os recursos necessários para lidar com seus conflitos existenciais. O autor também relaciona a experiência meditativa a estados de consciência, nos quais a pessoa pode se observar em suas emoções, pensamentos e ações/comportamentos, bem como estar presente, isto é, manter sua atenção em seus atos corporais e psíquicos.

Diferentemente desta perspectiva que relaciona a meditação com a experiência espiritual de uma pessoa, no sentido de ser o contato com uma dimensão sutil e transcendental, e sem entrar nas discussões ontológicas que esta questão exigiria, a ideia de sistema mental permite considerar a possibilidade da experiência meditativa a partir da concepção de consciência, delineada por Morin (1996a). Como vimos, enquanto um dos ramos da consciência, a consciência de si é possibilitada pelo caráter desdobrado da consciência e permite, em relação a si mesma, estabelecer, em segundo grau, uma consciência da consciência ou um metaponto de vista. A partir deste metaponto de vista, pela reflexividade da consciência, o indivíduo-sujeito observa a si mesmo em seus pensamentos, emoções e comportamentos. Entretanto, esta consciência de si não pode abarcar toda a experiência do indivíduo-sujeito humano, pois enquanto epifenômeno, conforme elucida a concepção fenomenal-epifenomenal da consciência, proposta por Morin (1996a, 2003), é muitas vezes incapaz de modificar o comportamento humano.

Outra contribuição importante para a Biossíntese, no que concerne à concepção da consciência de si, adotada neste trabalho, é a possibilidade da sua participação nos movimentos genésicos e generativos do anel/circuito pentalógico-retroativo-recursivo que caracterizam o fluxo das configurações somáticas/subjetivas. Nas experiências de consciência de si, nos lampejos de consciência, o indivíduo-sujeito pode observar o fluxo de correntes de afetos-pensamentos produtores de sentidos, possibilitando a emergência de *insights* esclarecedores dos seus conflitos psicológicos e existenciais. Levando em consideração que

esses fluxos podem estar caracterizando as dinâmicas do Eu e dos egos, nas múltiplas personalidades do indivíduo-sujeito, ou as dinâmicas das configurações caracterológicas, de tal forma que a consciência de si traga uma margem de escolha na tomada de decisões e ações em sua vida.

Juntamente com a consciência de si, a inteligência, enquanto arte estratégica e último aspecto a ser considerado para apontar as contribuições do sistema mental/espiritual para a Biossíntese, participa nas elaborações de estratégias de observação de si. Por meio destas, o sujeito pode buscar identificar a atuação dos egos ou das múltiplas personalidades e das configurações caracterológicas nas situações sociais conflituosas pelas quais possa estar enfrentando, de maneira a conscientizar-se dos papéis que estes egos ou que as configurações caracterológicas estão desempenhando. É associada ao pensamento, enquanto arte dialógica em suas duas formas/correntes de pensamento (racional/empírico e simbólico/mítico), a inteligência permite ao sujeito criar estratégias cognitivas que podem contribuir para a compreensão dos seus processos e produções subjetivas nos diferentes contextos sociais em que está inserido.

Estas ideias acerca da inteligência, com base na concepção moriniana, e o próprio tema ou categoria inteligência, para além desse referencial, possibilitam estimular uma discussão com a Biossíntese que não encontramos, significativamente, desenvolvida na sua produção teórica. O único artigo encontrado é o de Frankel e Corrêa (1997), já citado acima. Neste artigo, a noção de estratégia compõe aquele conjunto de conceitos advindos da ciência da informática e da inteligência artificial para fundamentar o modelo informático de estado mental, utilizados pelos referidos autores para pensar a formação das estruturas de caráter. A definição de estratégia apresentada guarda similaridades e convergências com a concepção proposta por Morin (1996a, 1999). Para ambas é a relação conhecimento-ação que caracteriza a estratégia. Por esta razão, podemos considerar as reflexões destes autores, e os referenciais adotados por eles, como uma importante contribuição para os desenvolvimentos das ideias acerca dos processos do sistema mental/espiritual na produção das configurações somáticas/subjetivas.

A importância do tema ou da categoria inteligência, tanto para a epistemologia complexa quanto para a Biossíntese, está no necessário diálogo com as ciências da cognição. Diálogo fundamental que influenciou Morin (1996a, 1999, 2000) na elaboração da noção de computação celular e *computo* e seus desdobramentos nos processos mentais de pensamento, linguagem e consciência, a partir da teoria da informação e as ideias da cibernética. Desta forma, se as ideias introdutórias de Correa e Frankel (1997) podem contribuir com a

concepção de sistema mental/espiritual, esta concepção com as referidas noções do pensamento complexo pode, por sua vez, contribuir com as reflexões destes autores para a proposta da Biossíntese. Além disso, também pode estabelecer, ou pelo menos indicar, caminhos teóricos entre a Biossíntese e as ciências da cognição, de tal forma que estas sejam uma fonte capital para o desenvolvimento da sua concepção dos processos mentais-cognitivos.

Até aqui, alcançamos esse conjunto de reflexões inspiradas pelo diálogo proposto entre os três sistemas ou subsistemas que compõem a corporeidade/subjetividade em sua individualidade e a proposta da Biossíntese. Dando prosseguimento a esse diálogo, passaremos às reflexões sobre as contribuições do conceito de subjetividade social para a Biossíntese, conforme foi sendo anunciado ao longo deste capítulo.

### **10.7 Diálogos entre a noção de subjetividade social e a proposta da Biossíntese: resgatando as raízes sociais e culturais do pensamento reichiano**

Conforme pode ser verificado no capítulo anterior, não há, nas ideias principais desenvolvidas por David Boadella para fundamentar a Biossíntese, a proposta de uma noção de subjetividade social ou algum outro conceito com o qual pudéssemos estabelecer uma relação direta com esta dimensão dos processos subjetivos humanos. No entanto, é possível encontrar, em suas reflexões, o reconhecimento da influência desta dimensão sociocultural nos processos psicossomáticos, o que se deve a sua vinculação às raízes sociais e culturais do pensamento reichiano. Desta forma, considerando esta influência, devemos estabelecer o diálogo entre a noção de subjetividade social, apresentada nesta tese, e a proposta da Biossíntese, intermediado pelo que Reich (1978, 1982, 1988) aponta como as determinações sociais e culturais no psiquismo humano.

Para iniciar este novo tema no diálogo delineador do presente capítulo, devemos lembrar e partir da premissa principal desta tese. Os processos subjetivos humanos, seguindo a inteligibilidade configuracional fundamentada na infraestrutura organizacional do anel pentalógico-retroativo-recursivo genésico e generativo, emergem da inter-relação entre a corporeidade/subjetividade individual e a subjetividade social, produzindo configurações subjetivas. Nestes processos, a subjetividade social, enquanto uma emergência do sistema cultural, é determinante na constituição dos sistemas psíquico e mental da subjetividade/corporeidade individual. E devemos ainda lembrar que sua participação e influência retroativa alcança também o sistema orgânico pela recursividade dos sistemas

psíquico e mental e por sua determinação na passagem do proto-psiquismo (organísmico) ao psiquismo (neurocerebral-cultural).

Como foi exposto na fundamentação da noção de subjetividade social, a cultura, enquanto patrimônio genérico próprio da sociedade, é um *genos* social inscrito nas mentes-cérebros individuais. O papel determinante deste *genos* no processo de hominização e em sua complexa interação com o *genos* biológico, resultando em transformações que culminaram, justamente, na cultura do *Homo sapiens*, evidencia seu *status* e sua força causal. E mais do que isso, é o que permite considerarmos, conforme elucidada Morin (1999, 2003), uma sociedade como um ser de terceiro tipo dotado de individualidade e subjetividade, sendo, então, a sua subjetividade social um princípio de identidade inscrito nos indivíduos e em suas interações, participando da constituição e organização da sociedade. Enquanto aspecto subjetivo deste sistema generativo (a cultura), assegura a autoprodução e a autorreorganização permanente da complexidade social, determinando a reprodução, mais ou menos parcial, deste mesmo sistema cultural em cada indivíduo.

Relembrado estes aspectos definidores da noção de subjetividade social, podemos, então, considerar a relação entre a generatividade cultural e a constituição dos dois planos organizacionais, o orgânico/somático e o subjetivo/psíquico, propostos à Biossíntese para uma construção teórico-conceitual mais precisa e rigorosa. A emergência do plano organizacional subjetivo/psíquico se dá a partir das determinações do sistema cultural, por meio da subjetividade social, estabelecendo, assim, a diferenciação e distinção do plano orgânico/somático. Esta diferenciação organizacional/sistêmica permite a distinção entre os processos biológicos das três camadas embriológicas e os processos psicológicos. E com ela, torna-se necessário construir as pontes teórico-conceituais de articulação entre esses processos e planos, justamente o que estamos propondo neste trabalho.

Passando a questão principal, devemos levar em consideração a relação entre a generatividade cultural e a formação das configurações somáticas/subjetivas, tanto no que diz respeito à formação das configurações caracterológicas quanto a formação das múltiplas personalidades, conforme indicamos anteriormente. Neste sentido, a indissociabilidade da inter-relação entre corporeidade/subjetividade individual e a subjetividade social é evidenciada pela ideia de *imprinting* cultural, apresentada no capítulo 9. Esta ideia permite compreendermos que desde a infância - e até desde a vida intrauterina, intermediado pela relação mãe-bebê, de acordo com a própria Biossíntese e outros estudos que investigam os processos psicológicos pré e peri-natais (AZEVEDO; MOREIRA, 2012; COGOLLOR; GONZÁLEZ DE RIVERA, 1983; GASTAUD, 2008; WILHELM, 2003, 2013) -, as

instituições e grupos sociais marcam e influenciam a formação das configurações somáticas-neurocerebrais e as configurações subjetivas/psíquicas do indivíduo. Mais ainda, é a generatividade cultural na forma de um *imprinting* que possibilita a emergência dos sistemas psíquico e mental e o próprio desenvolvimento do sistema cerebral.

Sendo assim, podemos considerar o processo pelo qual a subjetividade social participa da constituição das configurações somáticas/subjetivas, incidindo na formação das múltiplas personalidades e das configurações caracterológicas. Devemos ainda lembrar que a subjetividade social representa o conjunto de configurações subjetivas sociais de uma dada sociedade, as quais são constituídas a partir das interações entre as configurações somáticas/subjetivas dos indivíduos (unidade dos processos afetivos e de produção de sentido) que compõem os múltiplos e diferentes espaços sociais desta sociedade. Desta forma, as configurações subjetivas sociais, com suas características culturais específicas a cada espaço social, vão participar, retroativamente, da formação das configurações somáticas/subjetivas. Esta produção circular e mútua entre os dois níveis de configurações pode ser movida por processos computacionais qualitativamente diferentes, como explicitamos anteriormente. Por um lado, as configurações caracterológicas, bem como as múltiplas personalidades, podem ser reflexos de um *computo* incapaz de fazer emergir o novo, seguindo o propósito repetitivo das defesas psíquicas neuróticas. Por outro lado, ao serem movidas pela natureza mais profunda do *computo*, o RE vivo, em seu dinamismo organizador emancipatório, vão gerar as múltiplas personalidades comuns e as configurações caracterológicas genitais.

Esta concepção aponta, então, para a necessidade de se considerar a influência de configurações subjetivas sociais, por exemplo, de uma dada família, no engendramento das configurações caracterológicas e das múltiplas personalidades, e, ao mesmo tempo, a influência das características gerais constituidoras da subjetividade social que abarcar um conjunto maior de configurações subjetivas sociais. Não obstante, também indica os aspectos gerais que estiveram caracterizando o desenvolvimento da organização social desde as sociedades arcaicas até as sociedades históricas contemporâneas. Na concepção de subjetividade social, proposta neste trabalho, leva-se em consideração tanto as singularidades quanto os aspectos gerais das configurações subjetividades sociais na formação das múltiplas personalidades e das configurações caracterológicas dos indivíduos-sujeitos.

Conforme apresentado no capítulo 9, um aspecto geral e determinante, relacionado à interação do *genos* social com o *genos* biológico, é a complexa e circular relação entre a organização sexual da sociedade e a organização social da sexualidade. Processo ocorrido ao

longo da hominização, possibilitando a passagem da Natureza à cultura, culminou na constituição do núcleo familiar das sociedades arcaicas.

Para expor um quadro geral que descreve de modo sintético, mas bastante abrangente, os elementos gerais em jogo nestes processos e as suas consequências para o engendramento da subjetividade social das sociedades arcaicas, ainda presente no núcleo arcaico das sociedades históricas contemporâneas, transcrevemos um parágrafo de Morin, estética e epistemologicamente muito rico, no sentido de expor a complexidade e a dramaticidade dos processos de nucleação da família e de organização social da nossa espécie.

A institucionalização da família e a regulamentação da sexualidade vão suscitar em cada indivíduo, criança ou adulto, feminino ou masculino, um formigueiro de problemas subjacentes (demasiado esquecido pela antropologia, mas bem revelados pela psicanálise), que vão, de modo oculto, complexificar de modo extraordinário a vida afetiva e as relações humanas. A regulamentação da sexualidade vai favorecer o trabalho subterrâneo de um *eros* já sem fronteiras nem freios biológicos, instituir uma incerteza turva entre sentimentos familiares e sentimentos libidinosos, estabelecer uma dualidade entre casamento e desejo, suscitar novas e múltiplas contradições que, por sua vez, criando retículos clandestinos de amores proibidos e labirintos secretos de desejos ilícitos, vão aumentar a complexidade social e repercutir sobre a hipercomplexidade cerebral. Vidas vão ser fulminadas, martirizadas, transfiguradas por desejos insensatos, amores dementes, encontros furtivos, e, a partir de então, cada vida será dupla, com sua parte emersa e sua parte imersa, cada sociedade viverá sua vida dupla, sua vida oficial e sua vida ctônica [subterrânea ou telúrica]. (1979, p. 163)

Devemos considerar a institucionalização da família e a regulamentação da sexualidade como elementos gerais dos processos de configuração da subjetividade social, somados, ainda, a outros elementos presentes desde as sociedades arcaicas, tais como os jogos de poder entre as bioclasses (diferença biológica de sexo: masculina e feminina), as biocastas (diferença biológica de idade: crianças, jovens, adultos e velhos), e, depois, nas sociedades históricas: especialização do trabalho, classes sociais e econômicas, questões étnicas, raciais, de gênero etc. (MORIN, 1979, 2003). Neste sentido, a descrição deste quadro, aponta para os desdobramentos da influência da subjetividade social na formação das configurações somáticas/subjetivas, sejam na constituição das múltiplas personalidades ou das configurações caracterológicas. Antes de destacar outros aspectos gerais, cabe, aqui, indicar a relação direta destes dois, já mencionados, com as ideias de Wilhelm Reich acerca das determinações dos fatores sociais e culturais nos processos psicológicos humanos.

Desde o início das suas pesquisas, Reich (1978) parte da primeira posição de Freud (1996e) quanto à causa da neurose ser o resultado do papel repressor da sociedade e da civilização sobre a vida sexual do ser humano. Enquanto Freud (1996b, 1996f) acaba abandonando esta hipótese como a principal razão para a origem da angústia humana e do mal

estar social, Reich (1984, 1995) se mantém e aponta para a necessária investigação entre psicanálise, antropologia e sociologia (1982, 1988, 1983) e a promoção de movimentos de higienização mental e de políticas sexuais para a sociedade. Seu foco volta-se para três problemas: prevenção da neurose, as atitudes sexuais negativas e a repressão autoritária na sociedade (BOADELLA, 1985).

Não por acaso, e convergindo com as hipóteses antropológicas e sociológicas de autores como Engels e Malinowski e com as da atualidade, como vimos com Morin (1979), Reich (1982, 1983) reconhece o caráter fundamental da função social e cultural da família. Partindo da sua própria investigação psicanalítica e relacionando-a às ideias de sociólogos, principalmente marxistas, como Engels, o autor destaca o caráter repressivo dos laços econômicos do casamento, a partir do qual se alicerça a família patriarcal autoritária e repressora. Ao desenvolver uma discussão articuladora entre materialismo dialético e psicanálise, Reich (1983) destaca a base social materialista da constituição do aparelho psíquico e, o mais importante para o diálogo entre subjetividade social e a proposta da Biossíntese, defende que o “próprio ‘complexo de Édipo’ poderia ser demonstrado variar de acordo com uma dada estrutura de família em uma forma particular de sociedade” (BOADELLA, 1985, p. 69).

Destaca-se, de toda essa discussão, a questão da formação do caráter, pois esta se dá entre o destino pulsional e as determinações (exigências maiores, menores ou equânimes) sociais. No complexo jogo da organização social, bem ilustrado na citação direta acima do texto de Morin, as configurações da subjetividade social vão incidindo, retroativamente, no engendramento das configurações caracterológicas dos indivíduos e as interações destas na emergência daquelas. Neste sentido, as investigações de Reich (1988) acerca da psicologia de massa do fascismo trazem contribuições capitais para a compreensão dos processos subjetivos a partir das interconexões e interinfluências entre os níveis individual e social. Não só para o momento histórico do fascismo alemão, mas também para os momentos atuais, nos quais ainda espreitam os fascismos contemporâneos que não se restringem a uma ou outra ideologia política.

O mais importante aqui é identificarmos em Reich, e em sua influência na Biossíntese, os contornos de uma reflexão que anuncia, indiretamente, uma noção de processos psíquicos sociais ou de subjetividade social. Como resultado destas influências nas reflexões de Boadella acerca de um esboço e de um contorno de ideias que podem ser relacionadas ao conceito de subjetividade social, proposto neste trabalho, há um profundo e belo texto escrito a partir da metáfora da árvore, um antigo símbolo presente desde as primeiras mitologias



humanas, no qual Boadella (2006c) propõe as dimensões fundamentais da Biossíntese, tomando o ser humano como uma árvore. Neste texto, o autor coloca a família e a comunidade como uma das bases vitais a partir da qual o ser humano está enraizado e absorvendo nutrientes (nutritivos e tóxicos) constituidores da sua organização psicossomática.

Nesta mesma direção, e explicitando de modo mais direto o que podemos denominar de uma subjetividade social, na sua expressão adoecida, Boadella (1986) afirma que a neurose é perpetuada por forças da sociedade que inscreve seus diferentes padrões culturais, fazendo com que se perca o contato com as funções saudáveis da vida. Como exemplo, o autor cita algumas experiências terapêuticas em países com culturas muito distintas, em alguns aspectos, como no Japão, onde há um tabu com relação ao contato visual e a pressão mais intensa para que o indivíduo siga as normas do grupo. E em países da América Latina que viveram ditaduras políticas e deixaram marcas culturais de medo nas histórias de vidas de muitas pessoas.

Em outro artigo intitulado “Qualidade de Vida: a matriz da transformação e as fronteiras da psicoterapia”, Boadella (1997e) destaca três níveis de organização dos processos psíquicos e da prática terapêutica: intrapessoal, interpessoal e extrapessoal. Destes, encontra-se no terceiro o reconhecimento das raízes sociais e culturais do sofrimento humano, apontando a necessidade de buscar as causas e transformar as formas sociais que criam a neurose e de criar políticas públicas para ajudar a diminuir esse sofrimento. E em suas elaborações teóricas acerca dos impactos do nascimento e do parto na formação do caráter, Boadella (1992) chama a atenção para a experiência de um bebê recém-nascido que ao ser segurado pelos seus pais está também sendo envolvido pelas complexas relações sociais de seu mundo particular, a partir das quais a cultura, relacionada aos processos de condicionamento, influenciará a formação do caráter.

Outra significativa reflexão deste autor para aproximá-lo de uma noção de subjetividade social é sobre a sociologia da transferência. Ampliando o fenômeno da transferência para uma sociologia dos relacionamentos a partir das ideias de Bakker e Bakker (1973 *apud* BOADELLA, [199-]), considera-se este aspecto das relações terapêuticas como projeções de massas e encenados contra grupos inteiros de pessoas nas formas de racismo, sexismo, fundamentalismo, limpezas étnicas etc. A esta questão, Boadella (1985, [199-]) relaciona também outra ideia reichiana fundamental para uma noção de subjetividade social: a praga ou peste emocional. Como uma atuação da neurose de massa e uma epidemia emocional, a ideia de peste emocional descreve a presença da irracionalidade e da destrutividade em grupo como decorrente de impulsos patológicos oriundos de repressões

inconscientes, ocasionadas por exigências sociais severas e abusivas. Esses impulsos patológicos poderiam se tornar socialmente “infecciosos” e altamente racionalizados.

Como exemplo de processos sociais desta natureza, Reich citava as organizações sociais baseadas num misticismo institucional, em códigos morais repressivos, no espalhar de boatos, destruições de reputações, propaganda de guerra, métodos punitivos na criação de filhos, autoritarismo burocrático, racismo, pornografia etc. (REICH, 1995). E como “antídoto” para essas misérias dos processos sociais e culturais, Boadella (1985, [199-]) propõe, a partir da sua ideia de bioespiritualidade, a realização de um trabalho político que se ocupe com a solução de conflitos sociais, a comunhão entre as raças e as nações, respeitando a particularidade de cada cultura. Não poderíamos deixar de destacar que na atualidade, em virtude da relação entre a crise sócio-política-econômica-ética na qual nos encontramos, e a multiplicação e expansão dos meios de comunicação (redes sociais etc.), a noção de peste emocional é muito pertinente e esclarecedora para a análise e discussão das manifestações de massas.

Retomando os aspectos gerais constituidores das subjetividades sociais nas sociedades históricas, faz-se necessário destacar a relação entre suas duas grandes dimensões. Por um lado, a sócio-eco-organização, emergindo das interações espontâneas e de caráter acêntrica/policêntrica entre indivíduos e grupos, vinda de baixo, e por outro, a sócio-organização estabelecida pelo Estado com ações centralizadas, ordenadas e programadas, vindas de cima. Conforme foi exposto no capítulo 8, para cada uma delas, há um conjunto de elementos a serem considerados para esboçar o complexo quadro no qual podem ser considerados, em certa medida, os múltiplos e diversos contornos das configurações subjetivas sociais, sem esquecer dos desenvolvimentos ocorridos na família, uma unidade de base na organização social desde as sociedades arcaicas. Estas duas grandes dimensões incidem na formação das configurações somáticas/subjetivas, tanto das múltiplas personalidades quanto das configurações caracterológicas por meio das configurações da subjetividade social.

Temos ainda dois outros pontos do diálogo para analisar entre a subjetividade social e a proposta da Biossíntese. Os dois dizem respeito às contribuições específicas do sistema mental/espiritual proposto para o conceito de corporeidade/subjetividade individual e sua inter-relação com a subjetividade social. O primeiro ponto está relacionado à contribuição da noção de subjetividade social para conceber a ideia de sistema de crenças ou imagens em Biossíntese (CORRÊA; FRANKEL, 1997). Enquanto expressão do sociocentrismo e das referências organizadoras do ambiente social (exo-referência), a participação da subjetividade

social na formação do sistema de crenças se dá tanto para as imagens restritivas quanto para as imagens criativas no ego-autocentrismo e na autorreferência do indivíduo-sujeito.

Dependendo do que está em jogo nas complexas relações entre os elementos gerais e particulares que constituem as configurações subjetivas de um dado espaço social, pode-se buscar identificar aquelas que influenciam a formação de imagens restritivas ou criativas. De acordo com o proposto para a diferenciação das configurações caracterológicas e as múltiplas personalidades, no que concerne aos aspectos conceptuais do Eu e dos egos no sistema mental, quando as configurações subjetivas sociais são favorecedoras de imagens criativas, seguindo os processos computacionais do RE vivo, devemos relacioná-las à expressão de uma visão de mundo mais aberta, ponderada, com mais bom senso, complexidade e amorosidade. De outra forma, quando o *computo* se encontra atravancado, em repetição estéril, formam-se tanto egos e até um Eu fechados (emocionalmente hostis) em suas concepções e conceitos acerca de si mesmo e do mundo, quanto às crenças neuróticas nas configurações caracterológicas.

O segundo ponto está relacionado à discussão de uma concepção de consciência na Biossíntese. Conforme propomos anteriormente, neste mesmo capítulo, a noção de emergência é fundamental para a Biossíntese poder elaborar um conceito de consciência que lhe permita dialogar com as neurociências, as ciências cognitivas e a psicanálise. Assumindo esta noção a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, faz-se necessário também reconhecer a participação da subjetividade social no fenômeno da consciência humana. Emergindo a partir da inter-relação entre os três sistemas da corporeidade/subjetividade individual e a subjetividade social, a consciência humana é o resultado da interseção entre processos neurobiológicos, processos subjetivos (psíquicos-mentais) e processos culturais (códigos linguísticos e simbólicos). Desta forma, para a consciência humana florescer nos processos somáticos/subjetivos é necessária a participação da subjetividade social que irá inscrever tanto suas características gerais originadas dos desenvolvimentos da organização social, ao longo da evolução da espécie, quanto as qualidades singulares dos diversos e múltiplos cenários sociais, nos quais crescem e se desenvolvem os indivíduos-sujeitos.

Com o conjunto destas reflexões apresentadas nesta última subseção, consideramos ter desenvolvido um diálogo entre a noção de subjetividade social, apresentada nesta tese, e a proposta de uma abordagem de psicoterapia em Biossíntese, de maneira a contribuir com o reconhecimento desta dimensão nos processos subjetivos humanos. Com isso, acreditamos ser

possível elaborarmos estratégias interventivas que assumam as determinações da subjetividade social no campo das psicoterapias.

E, por fim, ainda que de forma inconclusa, pois os desdobramentos deste diálogo proposto como norteador do presente capítulo são inúmeros, acreditamos ter alcançado, a contento, o objetivo proposto.

**TERCEIRA PARTE****DIÁLOGOS COM O EMPÍRICO**

## CAPÍTULO 11 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS - A PESQUISA EMPÍRICA

Método, Método, que queres de mim? Bem sabes que comi do fruto do inconsciente.  
Jules Laforgue (1860-1887)

Uma *scienza nuova*, que já não está ligada a um *ethos* de manipulação e de persuasão, implica outro método: de pilotagem, de articulação.  
Edgar Morin (Ciência com consciência, p. 339)

Na introdução deste trabalho foram apresentados os princípios epistemológicos que orientaram a elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Conforme explicado nessa primeira seção, a elucidação daqueles princípios permitiu evidenciar “O método”, proposto por Edgar Morin, no sentido epistemológico do termo, ou seja, aquilo que pode guiar a razão na produção de um conhecimento (científico) balizado pelos fenômenos empíricos. Nesse caso, a palavra “método” se refere aos fundamentos epistemológicos do conhecimento científico.

No presente capítulo, trataremos de um outro nível da produção do conhecimento necessário à aplicação dos conceitos de *corporeidade/subjetividade* do indivíduo e de *subjetividade social*, cerne desta pesquisa. Se temos um método já estabelecido para tentar elaborar o conceito em questão e estabelecer sua articulação com a Biossíntese, não temos uma metodologia de pesquisa já estabelecida, pelo menos até onde estamos cientes, que abarque a multidimensionalidade desse mesmo conceito.

Metodologia, no sentido de procedimentos e técnicas, que indiquem os passos para investigar, empiricamente, a pertinência e a coerência da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, proposta por esta tese para o contexto da psicologia clínica. Consideramos que uma metodologia de pesquisa empírica, que pudesse abarcar a multidimensionalidade do conceito proposto, precisaria se lançar a uma discussão epistemológica e teórica para a qual o pensamento complexo aponta: assumir o desafio de articular perspectivas empírico-quantitativa-comportamentais, no sentido de envolver o tratamento estatístico de dados de natureza observável e que indiquem regularidades, com perspectivas empírico-qualitativa-subjetivas, que abarcam, radicalmente, o que é singular na produção e construção subjetiva de cada indivíduo-sujeito humano. Uma proposta de discussão como essa buscaria afirmar um *continuum* entre o qualitativo e o quantitativo no fenômeno psicológico humano.

A perspectiva de articulação metodológica, que vemos como necessária, justifica-se mediante a adoção dos princípios epistemológicos e da teoria da organização/sistema, desenvolvida por Morin, na qual buscamos fundamentar, ontologicamente, a concepção de

*corporeidade/subjetividade* humana. A radicalidade dessa discussão está no seu caráter paradigmático, mais especificamente na concepção do paradigma da auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (computacional-informacional-comunicacional). Isto é, ao mesmo tempo em que indica a multidimensionalidade que a teoria busca abarcar, deve ser considerado como um paradigma porque “*toda* a vida, o *todo* da vida, desde a reprodução até a existência dos indivíduos-sujeitos, *toda* a vida, desde a dimensão celular até a dimensão antropossocial, depende” (1999, p. 327) dessa complexidade organizacional.

Além da sua natureza complexa, a teoria da organização é também aberta, como já indicamos no capítulo 1. A sua abertura está fundamentada nas noções de sistema, de ser e existência, proposta por Morin (1997), conforme foi exposto ao longo do desenvolvimento e da fundamentação do conceito em questão. Para destacar apenas o que é necessário para justificar o aporte metodológico que utilizamos nos diálogos com a dimensão empírica da clínica, devemos explicitar que o conceito de sistema formulado pela teoria da organização é uma proposta epistemológica, para além da dicotomia realismo e formalismo (MORIN, 1997).

Não obstante essa necessária perspectiva metodológica para abordar a complexidade do fenômeno da subjetividade humana em seu *continuum* entre o qualitativo e o quantitativo, esta pesquisa estabeleceu como objeto da pesquisa empírica a dimensão qualitativa. Esta escolha se justifica pela delimitação do objeto de estudo desta tese que é, principalmente, elaborar as noções de aparelho psíquico, sistema psíquico-afetivo-relacional, sistema mental e de subjetividade social enquanto aspectos qualitativos da subjetividade humana. Além desta questão, e para além do objetivo aqui proposto, sabemos que para alcançar a referida perspectiva metodológica seria necessário abordar quantitativamente os aspectos qualitativos e ainda desenvolver toda uma discussão acerca das inter-relações entre aquelas dimensões e a dimensão orgânica-sensório-motoro, mais especificamente, com a dimensão neurobiológica, que também precisaria receber um tratamento quantitativo, de modo a articular os aspectos somáticos e subjetivos.

### **11.1 Aporte metodológico para o delineamento empírico da pesquisa: tecendo fios epistemológicos e teóricos**

Mantendo a problemática do método no horizonte investigativo e partindo da posição epistemológica assumida pelo pensamento complexo, juntamente com sua teoria da organização/sistema a qual fundamenta a concepção de *corporeidade/subjetividade*, buscamos

desenvolver um aporte metodológico complexo para abordar o contexto clínico em sua complexidade. A epistemologia complexa, como inteligibilidade orientadora do percurso metodológico trilhado para a pesquisa empírica, possibilitou explorar a articulação de perspectivas metodológicas diferentes, além de permitir o exercício de construir estratégias próprias que correspondessem aos fundamentos e categorias teóricas que se almejava explorar. Guardando as devidas diferenças, exercícios semelhantes ao realizado nesta pesquisa podem ser encontrados nas pesquisas de Neubern (2003, 2004, 2009) e Mallmann (2018) que relacionam subjetividade, hipnose e pensamento complexo.

A atitude científica assumida na condução desta pesquisa esteve condizente com a complexidade do objeto estabelecido para esta investigação, uma concepção de *corporeidade/subjetividade* humana que aponta para a multidimensionalidade constituidora do ser humano e, também, a tentativa de assumi-la na prática clínica. Tal multidimensionalidade foi pensada a partir de diferentes conceitos e categorias, e com os quais buscamos pensar a clínica em articulações com os aspectos teórico-conceituais e o método clínico da Biossíntese. Considerando que a articulação desses dois referenciais foi fundamentada na epistemologia complexa, a proposta metodológica delineada para a pesquisa empírica adotou o conjunto desses conceitos e categorias numa perspectiva organizacional/sistêmica, de modo a considerá-los como elementos de inteligibilidade para acessar o mundo do indivíduo-sujeito: a participante da pesquisa. Neste viés, os conceitos não podem ser elementos restritivos que encerrem a realidade do indivíduo-sujeito em categorias fechadas.

Essa primeira característica da abordagem metodológica delineada aponta para uma relação indissociável entre o teórico e o metodológico, dando um importante destaque ao primeiro. A relevância da construção teórica está na elaboração de categorias que possam permitir o acesso ao indivíduo-sujeito em sua *corporeidade/subjetividade*, tanto no nível individual quanto no nível social, e em seus diferentes aspectos (corpo/psiquismo, inconsciente/consciente, interno/externo, histórico/atual, afeto/cognição). E com elas, estabelecer um posicionamento teórico-metodológico aberto que contribua para a leitura dos processos estudados, na direção de lidar com a complexa relação entre os aspectos que estabelecem regularidades e o que é, essencialmente, singular no indivíduo-sujeito humano.

Os diálogos desenvolvidos com a dimensão empírica da clínica tiveram, inicialmente, como mediador o referencial teórico-conceitual construído a partir da articulação entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a concepção de corpo/psiquismo da Biossíntese (morfologia dinâmica embriológica funcional), estritamente relacionado com seus



princípios metodológicos clínicos. Do primeiro referencial teórico, estabeleceram-se os conceitos de sistema orgânico-sensório-motor, sistema psíquico-afetivo-relacional e sistema mental/espiritual da corporeidade/subjetividade do indivíduo e o conceito de subjetividade social. Todos esses conceitos estão articulados nas categorias complexas de configuração somática/subjetiva e configuração subjetiva social. A partir do diálogo entre este primeiro referencial e a proposta da Biossíntese, propomos a categoria complexa de configuração caracterológica. Neste diálogo e com esta categoria complexa, pudemos evidenciar a articulação entre os dois referenciais teóricos ou as duas concepções referidas.

Com essas categorias complexas, buscamos um diálogo com a complexidade da dimensão empírica da clínica, na qual revelam-se muitas facetas e nuances da condição humana. Guardando a sua característica aberta, os conceitos e as categorias, enquanto elementos teóricos em inter-relação com a realidade investigada, estiveram suscetíveis ao reconhecimento e possibilidade de elaboração de aspectos teóricos relacionados à concepção de corpo/psiquismo e ao método clínico da Biossíntese e à própria concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Mais especificamente, buscamos evidenciar como esta concepção permite, do ponto de vista teórico-conceitual, sistematizar os níveis de intervenção dos métodos clínicos, de modo a reconhecer as especificidades de cada uma das dimensões assumidas pela prática clínica da Biossíntese.

A relação entre a construção teórica e a experiência empírica na clínica deve ser explorada, recursivamente, de maneira que haja uma mútua interação a partir da qual se elabore compreensões mais profundas e uma inteligibilidade complexa acerca da condição humana, no contexto da psicologia clínica. Por esta razão, propomos categorias complexas que pudessem tentar lidar com a complexidade da dimensão empírica da clínica, assumindo as diferentes dimensões constituidoras do indivíduo-sujeito humano, mas especificamente, da participante da pesquisa.

Na perspectiva da epistemologia complexa, um caminho metodológico que intencione contemplar a complexidade da condição humana no contexto clínico não pode se restringir a uma visão meramente técnica e instrumental que faz da prática investigativa uma ação reducionista e fragmentadora. Para não se restringir à tal visão, a construção do conhecimento na epistemologia complexa deve tentar relacionar critérios que indiquem as regularidades e reconheça as singularidades, elabore elementos teóricos universais, quando assim se evidenciarem, sem, no entanto, excluir o singular (MORIN, 1997, 2000). Nesta outra perspectiva, a construção do conhecimento busca reunir o que foi simplificado e reduzido para, então, não cair numa posição que dê destaque a uma das dimensões constituidoras da

condição humana e apenas um dos seus aspectos ou nuances em detrimento das outras dimensões, e do conjunto de aspectos ou nuances que as constituem.

Diferentemente de um conhecimento científico que se pauta pela busca de uma objetividade e neutralidade respaldadas pela epistemologia positivista, na qual se assume como objetivo metodológico a apropriação de dados de uma realidade totalmente independente do pesquisador/observador, e a produção teórica como simples abstração desses dados, a posição epistemológico-metodológica que aqui assumimos é de natureza construtivista (MORIN, 1984, 1992, 1996a, 1997, 1999), ou como Morin (1996c) particularmente coloca, co-construtivista, e também interpretativa (FIGUEIREDO, 1996; GONZÁLEZ REY, 1997, 2002, 2005b; GONZÁLEZ REY; MITJÁNZ MARTÍNEZ, 2016; RICOUER, 1977). Para além da tendência metodológica instrumentalista, a perspectiva epistemológico-metodológica, aqui adotada, considera o conhecimento como uma produção humana, o que inclui, necessariamente, o indivíduo-sujeito nessa produção. Sujeito/sistema e objeto/sistema são dimensões indissociáveis de uma realidade relacional da qual qualquer conhecimento é o resultado da inter-relação dessas duas dimensões, e não apenas de uma delas, como advogam, por um lado, o realismo e, por outro, o formalismo e o idealismo. Se for possível considerar essa complexa questão para os objetos/sistemas do mundo físico (*physis*) (VAN FRASSEN, 2007) e do mundo da vida (ATLAN, 1992; MORIN, 1979, 1997, 1999; SOULIÉ, 1991), para os objetos/sistemas do mundo antropológico, que são eles mesmos sujeitos/sistemas, a sua complexidade se destaca mais enfaticamente (MORIN, 1992, 1996a, 1997, 1999, 2003).

Na intenção de buscar uma articulação com autores da psicologia que estão delineando propostas que se coadunam com a epistemologia complexa, estabelecemos um diálogo promissor com duas perspectivas distintas, para delinear o aporte metodológico da pesquisa empírica. De um lado, com as ideias de psicanalistas que desenvolvem reflexões acerca da investigação em psicanálise e, de outro, com a proposta da epistemologia qualitativa de Gonzáles Rey (1997, 2002, 2005a, 2005b) e González Rey e Mitjanz Martínez (2016). Primeiramente, gostaríamos de iniciar essa discussão com a proposta da epistemologia qualitativa que defende a necessidade de se reconhecer a especificidade do qualitativo para a psicologia, para, posteriormente, apresentar as contribuições das ideias psicanalíticas.

Seguindo uma perspectiva que se coaduna com a concepção da relação entre sujeito e objeto, para a epistemologia complexa, Gonzáles Rey (1997) afirma que na produção do conhecimento sujeito e o objeto estabelecem uma relação dialógica (no sentido da comunicação), na qual ambos possuem papel ativo e não se esgotam entre si. Não sendo

passivos às construções teóricas do sujeito, os objetos empíricos, também sujeitos participantes de uma pesquisa, suscitam frequentemente problemas que exigem constantes reformulações nas construções teóricas do sujeito pesquisador. Nessa relação dialógica, o sujeito é impelido a participar ativamente do processo de pesquisa em seus diversos momentos de construção teórica, enfrentando as contradições que se evidenciam no empírico, a partir das reformulações de seu pensamento que podem desenvolver seu potencial explicativo. Não no sentido de ter um acesso direto à realidade empírica, mas abordá-la de maneira a articular os diferentes momentos de reflexões e representações teóricas parciais que podem identificar novas zonas de sentido, isto é, espaços de inteligibilidade que abrem a possibilidade de novas construções teóricas, que aprofundem o conhecimento e novas zonas de ações sobre a realidade.

Ao apontar, inicialmente, a possibilidade de estabelecer articulações entre a epistemologia complexa e a epistemologia qualitativa, faz-se necessário destacar as diferenças entre essas perspectivas, para em seguida continuar delineando o aporte metodológico que utilizaremos na pesquisa empírica.

## **11.2 Divergências e convergências entre epistemologia qualitativa e epistemologia complexa: pela distinção das concepções de subjetividade e das noções de qualitativo**

Vemos na proposta da epistemologia qualitativa importantes contribuições para estabelecermos o diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese, com a dimensão empírica da clínica em psicologia. No entanto, a articulação estabelecida com essa proposta deve ser compreendida sem que seja desconsiderada suas limitações ontológicas e epistemológicas, quando comparada com a proposta da epistemologia e ontologia complexa de Edgar Morin.

Diferentemente da posição assumida pelo pensamento complexo, aqui já indicado, a epistemologia qualitativa estabelece uma definição de subjetividade humana assentada numa ontologia própria ao humano e que não mantém relação de continuidade com a natureza, o biológico. A ruptura aqui indicada está explicitada por González Rey (2003, 2005a) e González Rey e Mitjanz Martínez (2017b), quando indicam as influências de Vygotsky e Rubinstein para a superação do conceito de indivíduo como inerente à espécie, para poder reconhecer a singularidade do sujeito, e da emergência da subjetividade a partir da separação das condições iniciais relacionadas à maturação biológica e aos desenvolvimentos psíquicos, entendidos como distintos dos desenvolvimentos da subjetividade.

Tal ruptura está ainda alinhada com a concepção de uma gênese cultural-histórica da subjetividade pensada, unilateralmente, a partir do social, ainda que considere o nível individual. Como explicita o próprio autor, a subjetividade é “um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social (...)” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 202). Em outra passagem das suas reflexões, encontramos a seguinte afirmação “A pesar de los fenómenos diversos que participan en su génesis, sociales, biológicos, históricos, etc., la subjetividad no es la expresión inmediata de ninguno de ellos, sino una producción a partir de formas y procesos simbólicos de naturaleza cultural que son inseparables de las emociones” (GONZÁLEZ REY, 2009, p. 217). Isto significa dizer que, em termos de origem, a subjetividade deve ser pensada a partir do social, isto é, de como as dimensões histórica e cultural influenciam o seu desenvolvimento e sua configuração. Entretanto, é necessário reconhecer que, para este autor, há uma relação de recursividade entre a subjetividade social e a subjetividade individual, ainda que o substrato para a gênese de ambas seja o histórico-social.

Para a epistemologia qualitativa, como indicamos acima, a produção do conhecimento é, reconhecidamente, uma construção-interpretação que se dá na relação entre sujeito e objeto (GONZÁLEZ REY, 1997, 2002, 2005a, 2005b; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2016, 2017b). Nessa relação, a ênfase recai na construção teórica, reconhecendo a especificidade dos processos de subjetivação, os quais, para essa proposta teórica, lembremos, é de uma ontologia própria sem manter uma relação de continuidade ou mesmo algum tipo de relação com o biológico e mesmo com o psíquico. Ao assumir tal posição, a epistemologia qualitativa rompe com as perspectivas naturalista e realista presentes em diferentes psicologias que elegem o empírico como fundamento para o critério de validação, como o behaviorismo e o cognitivismo, entre outras.

No entanto, a escolha por este rompimento deve ser justificada dentro do debate epistemológico acerca de posições fundadas no realismo ou no antirrealismo ontológico (OKASHA, 2002; CASTAÑO, 2004), e não encontramos, ao longo da obra de Gonzáles Rey, a discussão acerca deste debate epistemológico e a posição assumida pela sua teoria da subjetividade. Se considerarmos as proposições citadas anteriormente, podemos afirmar que seu construtivismo é antirrealista no sentido de atribuir, unicamente, à interação social a gênese da subjetividade e do conhecimento, desconsiderando a existência de uma realidade objetiva e independente (CASTAÑO, 2004), e não reconhecendo a participação da dimensão biológica nesta gênese. Todavia, como essa discussão não foi assumida, entendemos que esta

situação coloca essa proposta teórica numa espécie de limbo epistemológico e ontológico. Isto porque não explicita se há uma realidade objetiva e independente, ou relativamente independente, ao sujeito do conhecimento, e qual é a relação entre o que se entende como subjetividade e a dimensão biológica? E ainda, que realidade é essa denominada de subjetividade?

Ao buscarmos estas referências na epistemologia complexa, encontramos a proposta de uma relação complementar, antagônica e concorrente entre realismo ontológico e formalismo (MORIN, 1997), defendendo um co-construtivismo (MORIN, 1996). Entendendo que a posição formalista assumida é aquela que se refere aos debates específicos da lógica matemática e que, diante dos seus paradoxos, chega-se à conclusão de que, conforme afirma Ladrière, “nenhuma linguagem [mesmo a matemática] pode se justificar por intermédio de seus próprios recursos, mas apenas pela incorporação de uma linguagem de outro nível ou de outro tipo” (*apud* MORIN, 2014). E para além de uma perspectiva dicotômica entre realismo e formalismo, conforme coloca Morin,

o leitor encontra aqui um problema de fundo, que se formula para todos os fenômenos e objetos físicos, percebidos e concebidos pelo espírito humano. Num sentido, toda a descrição acerca da qual concordam diversos observadores remete para uma «realidade» objetiva exterior. Mas, em sentido inverso, a mesma descrição remete para as categorias mentais e lógicas, para as estruturas perceptivas sem as quais não haveria descrição. Este problema, que é o do conhecimento do conhecimento, será tratado frontalmente quando chegar a sua altura (t. III)<sup>79</sup>. Todavia podemos já inscrever a noção de sistema não na alternativa realismo/formalismo, mas numa perspectiva onde estes dois termos se apresentam de modo simultaneamente complementar, concorrente e antagônico”. (1997, p. 132)

Essas diferenças entre as duas perspectivas, que aqui buscamos aproximar, estão relacionadas às ontologias que se inscrevem em níveis distintos da condição humana. Para o pensamento complexo, a concepção de ser e existência, que fundamenta a noção de subjetividade humana, está, ao mesmo tempo, alicerçada na *physis* organizadora (universo físico), complexificada no biológico, onde se constitui a primeira forma de subjetividade, e guardando características propriamente antropossociológicas, que são irreduzíveis aos níveis

---

<sup>79</sup> Resumidamente, com relação ao desenvolvimento desta problemática no tomo III da sua obra “O método”, que se apoia na noção bio-lógica de sujeito apresentada no tomo II, e no que concerne à relação cérebro e espírito (mente), Morin (1996a) coloca que devemos considerar ao mesmo tempo “o órgão-cérebro, o aparelho neurocerebral, o espírito e o psiquismo como outras tantas instâncias e momentos da mesma realidade organizadora recorrente complexa, que não concretiza as suas instâncias se não na sua atividade” (p.81), num ser-sujeito. Ou seja, o espírito/cérebro é reintegrado em todo o ser do sujeito que, por sua vez, deve ser reintegrado na sociedade e na cultura que possibilitam que a computação cerebral “se desenvolva em cogitação através da linguagem e dos saberes nela armazenados” (p. 82). E, ao examinar os fenômenos da representação e da percepção, Morin defende uma visão na qual deve-se ligar as ideias de que a representação é, ao mesmo tempo, uma construção/transformação/tradução que se diferencia do objeto original e “um *analogon* que implica a presença do mundo externo” (p. 105).

anteriores, mas mantendo uma relação recursiva. Diferentemente, para a epistemologia qualitativa, a subjetividade é única e exclusivamente humana. A explicitação dessa distinção se faz necessária em virtude de compreendermos o que as liga e as diferencia, ao mesmo tempo: o reconhecimento do qualitativo.

Para a proposta de González Rey (1997, 2002, 2003, 2005a, 2005b, 2009, 2011, 2017) e González Rey e Mitjans Martínez (2017b), o qualitativo está presente naquilo que é a característica essencial do subjetivo no humano, a emergência do sentido e da configuração subjetiva, na relação entre o individual e o social. Para Morin (1992, 1996a, 1997, 1999, 2003), se o qualitativo também é concebido a partir do que são qualidades emergentes presentes no humano, a sua diferenciação está em reconhecer que os processos emergenciais se dão na natureza desde o nível físico-químico (atômico-molecular), possibilitando a origem da vida (unicelulares e pluricelulares) e toda sua complexificação alcançada na espécie humana (*Homo sapiens*). Melhor dizendo, não se restringindo ao que é específico à produção de sentido no nível simbólico-emocional de um sujeito singular. Para o pensamento complexo, o qualitativo já está presente na constituição *corpórea/subjetiva* de um sujeito singular que é, ao mesmo tempo, um indivíduo constituído, também, por regularidades comuns à espécie. Sendo assim, nesta concepção, a subjetividade humana não se define apenas pelo qualitativo, mas também pela sua ordem (regularidade) organizacional<sup>80</sup>, o que nos possibilita considerar o corporal como já dotado de qualidades inerentes a cada sujeito e, ao mesmo tempo, regularidades comuns à espécie.

Pontuadas essas diferenças entre a epistemologia qualitativa e a epistemologia complexa e mantendo as necessárias discussões metodológicas que podem vir a se desdobrarem para a pesquisa que pretendemos desenvolver na clínica, devemos destacar as coerências entre alguns dos pressupostos básicos de ambas as propostas. Conforme elucidam Matjans Martínez (2005) e Hernández (2008), a noção de subjetividade de González Rey pode ser considerada como uma expressão do paradigma epistemológico da complexidade.

---

<sup>80</sup> A diferença assinalada entre as noções de qualidade para González Rey e Morin traz importantes desdobramentos. Enquanto que para González Rey (1997, 2003, 2005b, 2009) a qualidade é a característica principal da subjetividade, expressando-se pelo singular, para Morin (1997), as qualidades também são características principais, mas estando ao lado das regularidades (ordem), ambas constituindo todas as formas de organização, desde o átomo à subjetividade humana. Em sua concepção complexa de sistema, a noção de qualidade, enquanto uma emergência da organização e da unidade global dos elementos de um sistema, que não é encontrada nas relações de suas partes, isoladamente, está relacionada à diversidade e ao uno, à singularidade e à regularidade (ao que se repete). Ao relacionar a sua concepção de sistema com o tempo, buscando abstrair um princípio de seleção física que indique a evolução desde os sistemas físicos, Morin (1997) aponta para a necessidade de conceber um universo organizacional que se mantém por ordem e necessidade e também por qualidades. Desta forma, devemos encontrar tanto qualidades quanto regularidades, estabilidade estrutural, permanência e constância fenomênica na subjetividade humana, enquanto um sistema/organização complexa.

Esta aproximação das duas perspectivas tem correspondências tanto em alguns dos pressupostos epistemológicos quanto de aspectos teórico-conceituais.

Com relação aos primeiros, assim como o pensamento de Vygotsky, do qual parte González Rey, tem seu fundamento nas ideias de Hegel e Marx, o pensamento complexo também recebeu influência desses dois importantes pensadores, sobretudo na dialética hegeliana. Todavia, cabe frisar que a ideia de dialética é ressignificada por Morin (1996a, 1997, 2003), como bem elucida Sánchez (1999), na noção de dialógica, citada acima, para assim legitimar a contradição e o antagonismo, enquanto complementaridade dos opostos, como elementos essenciais do pensamento complexo. Outro ponto de correspondência epistemológica é a ideia de recursividade na relação entre causa e efeito nos fenômenos em geral, para Morin, e nos fenômenos psicológicos, para Vygotsky, no qual se fundamenta González Rey.

No que concerne aos aspectos teórico-conceituais, tanto a concepção de subjetividade, proposta por González Rey, quanto a noção de subjetividade, em Morin, estão fundamentadas nas noções de sistema e organização. Entretanto, enquanto o primeiro traz essas noções de Vygotsky e Rubinstein, o segundo propõe uma definição própria fundamentada na articulação entre a Cibernética, a teoria dos sistemas, a teoria dos autômatos e o desenvolvimento da Termodinâmica no século XX, que lhe permite colocá-la no centro de toda a sua construção teórica para propor uma forma de conceber as relações entre os mundos físico, biológico e antropossocial (MORIN, 1997).

Além dessa correspondência teórico-conceitual entre essas duas perspectivas que tratam da subjetividade humana, também podemos encontrar essa mesma correspondência com a orientação sistêmica e organizacional da Biossíntese, como já indicado na segunda parte desta tese. Essa convergência teórico-conceitual das três perspectivas indica a possibilidade de continuarmos a delinear o aporte metodológico pela articulação das contribuições da epistemologia complexa e da epistemologia qualitativa e seus desdobramentos metodológicos. Sobretudo, se considerarmos que a finalidade da pesquisa empírica, que aqui buscamos delinear, é justamente estabelecer uma relação entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e a proposta da Biossíntese, enquanto uma prática complexa da psicologia clínica. No entanto, sem se restringir aos princípios daquela metodologia de pesquisa, também indicaremos a necessidade de assumir princípios metodológicos da pesquisa em psicanálise, já que essa abordagem clínica constitui a matriz da qual parte a Biossíntese, para delinear sua própria abordagem, e, principalmente, apresenta

um método para lidar com o inconsciente e que reconhece a singularidade nos processos de subjetivação.

### **11.2.1 Contribuições metodológicas da epistemologia qualitativa**

A proposta de uma epistemologia qualitativa defendida por González Rey (1997, 2002, 2005a, 2005b) e González Rey e Mitjanz Martínez (2016, 2017c), justifica-se, conforme entende o autor, pela necessidade de reconhecer a especificidade ontológica da subjetividade humana, que tem na singularidade sua característica essencial. Tal epistemologia, então, mantém estreita e recursiva relação com o nível teórico e metodológico, buscando abarcar os diferentes níveis do conhecimento para estabelecer a subjetividade como um objeto de estudo que permita assumir sua complexidade na psicologia. Em linhas gerais, são três os princípios que fundamentam a produção do conhecimento na epistemologia qualitativa e que têm importantes consequências metodológicas: o caráter construtivo-interpretativo; a legitimidade e a especificidade do singular, como instância de produção do conhecimento científico; e a investigação como processo de comunicação, isto é, como processo dialógico.

No que diz respeito ao caráter construtivo-interpretativo, além do que já foi exposto, devemos considerar, como elucidam Pereira, Conceição e Martinez (2016), a produção do conhecimento para a epistemologia qualitativa como processo de interpretação e construção de hipóteses, articulado com a produção do modelo teórico que está sendo estudado. Conhecimento enquanto forma de inteligibilidade - e não como correspondência com a realidade externa - a partir da qual as informações geradas com a pesquisa vão sendo organizadas e permitindo a construção teórica. Simultaneamente a esse processo, as interpretações produzem um novo significado sobre as informações e eventos, dão sentido a diferentes manifestações do estudado e as convertem em momentos particulares do processo geral, alimentando novas construções teóricas. As interpretações devem estar alinhadas à unicidade e complexidade do sujeito estudado. (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005b).

As informações são provenientes da relação indireta entre o conhecimento construído e o mundo empírico, do qual não são transportadas, linearmente, para as construções da pesquisa, mas sim qualificadas no seu desenvolvimento. Neste sentido, a informação não possui valor em si, é no processo construtivo-interpretativo que ela vai ganhando sentido, conforme aponta na direção de novas explicações e caminhos investigativos, que podem encontrar novas zonas de sentido. É neste processo de construção da informação que surge o



importante conceito de indicador, o qual evidencia que a informação só ganha relevância ao longo das construções interpretativas do pesquisador e que mantém uma relação indireta e implícita com o empírico. Os indicadores são os significados gerados pelo pesquisador que não estão explícitos no material empírico. A articulação de diferentes indicadores, apontando na mesma direção, permitem configurar hipóteses que, ao longo da investigação, possibilitam a construção do modelo teórico (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005b).

O valor atribuído à produção teórica na pesquisa está diretamente relacionado à legitimação do singular como fonte de conhecimento, entendendo também o teórico como construção permanente de modelos de inteligibilidade relacionados a um campo do conhecimento. Nessa visão, o teórico não se reduz a fontes de conhecimento preestabelecidas ao processo de investigação, mas sim como construção intelectual que acompanha o respectivo processo. Por esta razão, as informações que são obtidas nos casos singulares e nas singularidades do sujeito de uma pesquisa têm sua legitimidade, justamente, no que oportunizam para as novas construções do modelo teórico em estudo. Isto é, o que fundamenta a legitimação do singular é a pertinência e o aporte da informação única ao sistema teórico que está sendo produzido na pesquisa. A significação epistemológica da singularidade está diretamente relacionada à noção de subjetividade proposta por Gonzáles Rey (1997; 2003; 2005b; 2009;) e González Rey e Mitjanz Martínez (2016, 2017), que, como mencionado acima, tem na singularidade das produções de sentido subjetivo e na configuração subjetiva - duas categorias chaves da sua concepção de subjetividade - sua característica essencial.

A importância da comunicação, enquanto processo característico e princípio da pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005b), está em identificá-la como aspecto fundamental e privilegiado do caminho para a produção de informação significativa acerca do objeto de estudo. Produção relacionada aos processos de subjetivação dos sujeitos participantes da pesquisa em interação com o pesquisador. Enquanto espaço privilegiado de interação, a comunicação pode inspirar o sujeito em suas diferentes formas de expressão simbólica, por meio das quais podemos estudar sua subjetividade e o universo das suas condições sociais objetivas que aparece constituído nela. Conforme esclarece Pereira, Conceição e Martinez (2016), a implicação dos sujeitos na pesquisa está diretamente relacionada com o processo de comunicação que se desenvolve com o pesquisador, e a expressão da sua subjetividade poderá se dar mediante o surgimento de uma necessidade pessoal que a interação comunicativa no espaço da pesquisa pode fazer suscitar. Nesse processo comunicativo, o pesquisador

encontrará as referências para a definição dos instrumentos de pesquisa (abertos ou semiabertos) que podem, então, ser relevantes para o objeto de estudo.

Com as contribuições desses três princípios, podemos somar recursos para delinear um caminho metodológico que permita investigar, na clínica, a multidimensionalidade da *corporeidade/subjetividade* humana, por meio da proposta da Biossíntese. Passaremos agora à apresentação das contribuições dos princípios metodológicos que a pesquisa em psicanálise pode oferecer a este projeto de pesquisa, haja vista a vinculação da Biossíntese a esse campo do conhecimento fundado a partir daquilo que inaugurou: a clínica da psique.

### **11.3 Contribuições do método psicanalítico**

Não sem razão e fazendo justiça à importância fundadora da psicanálise enquanto método de investigação e de psicoterapia, a partir dos quais se estabeleceu o espaço e a prática social denominada de psicologia clínica, González Rey (2002, 2003) destaca a importância de Freud na inauguração de novas representações e novas zonas de significação para a concepção do ser humano, indicando aspectos ignorados pela ciência e deixando um legado ao pensamento psicológico, de forma geral. Não bastasse esse reconhecimento, o mesmo autor também afirma que a psicanálise apresenta uma interessante epistemologia implícita de caráter construtivo-interpretativo para a construção do conhecimento, a qual pode ser deduzida a partir da sua metodologia clínica de caráter interpretativo. Destaca ainda que Freud “teve sempre uma especial sensibilidade para o novo, expressa no constante desenvolvimento de sua produção teórica. (...) e constante compromisso com o pensamento.” (2002, p. 13).

Seu compromisso com o pensamento se evidencia, conforme coloca González (2002), nas construções complexas de caráter especulativo, elaboradas a partir das exigências do seu pensamento guiado pela intenção de construir o objeto, sem se limitar a uma demarcação dominada pela validade empírica. Essa sua posição epistemológica, não assumida explícita e conscientemente, indica o reconhecimento também implícito do lugar da subjetividade na produção do conhecimento, separando a construção teórica do seu vínculo isomorfo e linear com o empírico, já que seu compromisso é com a evolução das suas próprias ideias. A produção científica fica aqui caracterizada como um processo em permanente transformação e “produção qualitativa do conhecimento, em que se destaca o seu caráter interpretativo, singular e em permanente desenvolvimento, assim como o papel do sujeito como produtor do conhecimento” (p. 15)

Não obstante o seu reconhecimento da contribuição freudiana para uma perspectiva epistemológica e metodológica qualitativa, González Rey (2002, 2003) apresenta críticas quanto à concepção naturalista da psicanálise ao definir o psíquico a partir de uma ontologia biologicista, atrelada aos seus anseios de fundar uma psicologia científica no sentido do espírito positivista, que influenciava a produção do conhecimento em sua época. Além disso, também acusa a tendência universalizante das construções teóricas, que acaba reprimindo o potencial gerador do pensamento psicanalítico e limitando a produção do conhecimento, em decorrência das invariantes estruturas das teorias. E considera que esses dois aspectos das suas construções teóricas impediram a compreensão do caráter subjetivo do psíquico no ser humano, no sentido de considerá-lo como realidade ontológica, diferente da realidade objetiva dos fatores causais biológicos, e da singularidade, enquanto característica essencial da subjetividade.

Mesmo reconhecendo essas tendências ontológica e teórico-epistemológica no pensamento freudiano, em momentos específicos de sua elaboração, é necessário destacar que a busca pela superação das imposições dos pressupostos do paradigma vigente em sua época, não completamente consciente para o próprio pensador, como elucida Plastino (2001a), é o aspecto essencial que conduz à produção teórica freudiana. E como também elucida Figueiredo (2003), a psicanálise deve ser compreendida como um enclave da Modernidade e como um saber *sui generes* que se situa entre as ciências naturais e as ciências humanas e sociais e que, por isso, tem, como assim entendemos, uma função paradigmática na transição entre o modo de pensar, estabelecido na modernidade, e um novo modo de compreensão do mundo (PLASTINO, 2001a), em elaboração no espírito do tempo.

Mais especificamente, ainda com relação às críticas de González Rey (2002, 2003, 2009, 2017) à psicanálise, é necessário voltar à questão da compreensão do qualitativo, no que diz respeito às diferenças entre aquele autor e Edgar Morin, já indicadas acima. A questão principal das diferenças entre os dois autores, e também relacionada à crítica do primeiro à psicanálise, é que para Morin, como também reconhecemos nos esforços de Freud para superar os pressupostos do paradigma moderno, a relação entre o físico, o biológico e o antropossocial é concebida a partir de uma epistemologia e uma ontologia complexa que aponta para a relação complexa ente o biológico e o subjetivo e entre o universal e o singular.

Essa convergência entre o pensamento complexo e o pensamento psicanalítico, que pode servir como uma primeira resposta às referidas críticas, é também defendida por André Green (2008). O autor faz uma análise geral da relação entre a psicanálise (contemporânea) e o método da complexidade, delineado por Edgar Morin, destacando o seguinte: “Freud foi,

sem o saber, um precursor das teorias da complexidade”, e indicando que o futuro da psicanálise “dependerá do modo pelo qual os psicanalistas irão ao encontro desse pensamento da complexidade” (p. 346). Essa afirmação está em seu livro “Orientações para uma psicanálise contemporânea”, e é apresentada a partir do esforço de situar a psicanálise na aurora do terceiro milênio e após ter desenvolvido um conjunto de reflexões de caráter filosófico e científico, numa incursão ao pensamento biológico (modelos neurobiológicos) e aos modelos da antropologia.

Temos, então, mais uma importante referência psicanalítica apontando para sua necessária filiação ao pensamento complexo e para a possibilidade do pensamento psicanalítico não estar limitado à simplificação biologicista e à generalização dos universais, o impedindo de reconhecer os processos singulares inerentes à subjetividade humana. No entanto, devemos esclarecer que não só pela mencionada filiação, mas, principalmente, pela posição epistemológica caracterizadora da produção freudiana, como destacada acima, o método psicanalítico de investigação trouxe importantes contribuições para o delineamento de uma metodologia qualitativa de pesquisa.

O método psicanalítico, a um só tempo psicoterapêutico e de pesquisa, parte de uma concepção epistemológica na qual sujeito e objeto criam-se mutuamente, pois o seu foco está, sobretudo, no aparelho psíquico, seu objeto de conhecimento e aquilo que constitui o próprio sujeito do conhecimento (SILVA, 1993). Aparelhos psíquicos de sujeitos do inconsciente, seja o investigador/terapeuta ou seja o sujeito participante da pesquisa. Inconsciente, a partir do qual se organiza o aparelho psíquico e que é propriamente o objeto de estudo da psicanálise. Um objeto assumido enquanto um “suposto”, como assim concebeu Freud (1996g), ou como bem elucida Celes (2004), uma construção, uma “entidade” do conhecimento, enfim, uma construção teórica, e não um dado ou um fato a ser explicado.

É justamente pela descoberta do inconsciente em suas singulares formas de expressão que um novo método de tratamento e, conseqüentemente, de investigação passou a ser necessário. Num primeiro momento, explorou-se um método pré-analítico centrado na catarse dos afetos, na sugestão e concentração mental do paciente, numa representação (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998). Esta primeira tentativa foi acompanhada de uma visão acerca do psiquismo que levou Freud a tentar circunscrevê-lo numa epistemologia positivista, quando esboçou o “Projeto para uma psicologia científica” (1895). Com a compreensão do caráter eminentemente qualitativo (fantasioso/imaginário e simbólico) do inconsciente, realiza-se a mudança para o método propriamente psicanalítico que estabelece a associação livre como regra fundamental (FREUD, 1996h), além da orientação ao terapeuta para uma

atitude sem crítica e intenção pré-determinada na atenção flutuante. Um método aberto, de construção e participação, no qual terapeuta-investigador e sujeito em terapia, e participante da pesquisa, constroem juntos os sentidos latentes dos conflitos trazidos para o trabalho terapêutico (SILVA, 1993).

Ao lado da associação livre está a interpretação como técnica fundamental para a investigação do inconsciente, a partir da qual se busca o sentido latente das palavras e dos comportamentos de um sujeito. O importante do método interpretativo psicanalítico é o destaque à singularidade na produção simbólica (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998). A primeira condição para oportunizar a manifestação dessa singularidade é que o terapeuta se coloque numa posição de receptiva curiosidade e deixe suspensos os conhecimentos prévios, as teorias já construídas. Essa condição possibilita que não se obstrua e se determine o fluxo de representações, pois deixadas livres podem se organizar “gestalticamente”, permitindo que do desconhecido possa surgir algo novo na produção de sentido do sujeito em terapia (SILVA, 1993).

Ainda com relação à singularidade que a interpretação deve buscar revelar, Celes (2005) lembra uma das proposições de Freud em “A interpretação dos sonhos” na qual propõe que a interpretação deve trazer à tona o sentido do próprio paciente e não lhe emprestar ou introduzir um sentido externo. Se o sentido do sonho é sempre a figuração de um desejo, este é o de um sujeito singular e, logo, de um desejo particular, realizado em cada sonho. O autor destaca a afirmação de Freud de que os conteúdos oníricos são a expressão de uma neurose, a qual, por sua vez, está circunscrita na história de vida do paciente.

Ampliando o destaque à interpretação, antes de tratá-la em sua especificidade psicanalítica, devemos apenas lembrar que a sua problemática se situa no quadro geral do desenvolvimento das ciências humanas e sociais, assumida pela tradição hermenêutica no ocidente, a partir, sobretudo, das elaborações epistemológicas e ontológicas do filósofo Wilhelm Dilthey (FIGUEIREDO, 1991). O desenvolvimento dessa tradição se deu a partir de diferentes perspectivas que podem ser identificadas na clínica (GRANDESSO, 2011). Dentre as discussões mais contemporâneas acerca da tradição hermenêutica, cabe destacar o trabalho de Paul Ricoeur (1977), o qual realiza uma profunda análise da obra freudiana, defendendo esta como uma hermenêutica da cultura.

Voltando ao método psicanalítico para a investigação, a interpretação é o instrumento por meio do qual se dá a participação do terapeuta na construção de um novo sentido, que pode contribuir para as reconfigurações simbólicas do sujeito. Por isso, como colocam Birman e Nicéas (1982), a interpretação é uma produção gerada em termos intersubjetivos no

espaço de uma relação. E a sua diferenciação da explicação da teoria psicanalítica acerca do funcionamento psíquico se dá por ser produzida no e pelo campo transferencial-contratransferencial (MEYER, 1993), o aspecto central entre as diferentes dimensões da relação terapêutica e para o qual deve voltar-se a interpretação. Sendo na e pela relação terapêutica que se dá o método psicanalítico, a interpretação compõe o processo por meio do qual se cria as condições para o “surgimento de significações novas *apreensíveis como experiências* e que funcionam como aberturas [grifos do autor]” (p. 33).

Próximo ao trabalho de interpretação está o trabalho de “Construções em análise” (1937), nome de um dos últimos escritos de Freud. Como explica Celes (2005), enquanto a interpretação é feita a partir de um aspecto específico da fala do paciente, que se destaca na escuta do analista/terapeuta, a construção reúne e relaciona a este aspecto elementos da história infantil esquecida do sujeito. Guardando a mesma natureza qualitativa e em continuidade com a interpretação, a construção é uma interpretação “ampliada”, com relação a não se restringir somente a um elemento particular da fala e também pela devolução de um fragmento composto da história infantil do sujeito. Essa característica das construções leva Freud a considerá-la como a designação da técnica psicanalítica, em seu sentido mais apropriado, envolvendo por proximidade a interpretação (CELES, 2005).

As construções não são totalidades que apresentam um sentido acabado da própria história esquecida, mas fragmentos, os quais nos movimentos desse trabalho psicanalítico buscam produzir certo efeito sobre o sujeito em terapia para, em seguida, possibilitar a construção de outro fragmento e, assim, sucessivamente. São “múltiplas construções, das quais surge a multiplicidade de sentidos que caracterizam a história sobredeterminada do analisando” (CELES, 2005, p. 42). Podemos identificar nas construções em análise sua característica sintética, no sentido de indicar os determinismos dos destinos subjetivos, no entanto, são sínteses parciais que devem possibilitar o desenrolar da análise, a produção subjetiva. E é, justamente, no continuar da análise/terapia, permitindo um fluir da produção subjetiva do sujeito e a elaboração de outras construções pelo analista/terapeuta, que podemos ter a confirmação da sua pertinência.

Por último, Celes (2005) destaca o “delírio” como a natureza das construções em análises. Esta afirmação feita pelo autor é a partir das reflexões de Figueiredo (1996) acerca do texto freudiano: “a construção seria como um sonho que o analista sonha no lugar do analisando. É um trabalho de coligar os fragmentos do que se ouviu no modo da atenção livremente flutuante. É essa atenção livremente flutuante que colige, e não o raciocínio ou a reflexão deliberada do analista” (CELES, 2005, p. 43). Como ainda esclarece o autor, tal

trabalho de construção deve estar acompanhado, fundamentalmente, pela abstinência, regra do método psicanalítico, de modo a permitir que o “sonho” do terapeuta/analista seja devolvido como sonho do sujeito em terapia, ainda que não seja suficiente, já que o que foi ouvido são “os efeitos do ‘sonho’ proposto na retomada da associação livre, isto é, da fala” (p. 43).

Mediante os princípios metodológicos psicanalíticos aqui destacados, sobretudo, a interpretação e a construção, vemos que o pesquisador/analista/terapeuta tem participação ativa na emergência do material clínico. Como sujeito da investigação, sua participação se dá nas construções sobre a prática clínica, as quais se apresentam como intervenções clínicas e, a partir delas, como hipóteses teóricas acerca dos processos subjetivos. Não é pela mera observação dos fatos, como bem elucida Garcia-Roza (2002), que se elabora uma teoria. O investigador está implicado, subjetivamente, desde o seu lugar de observador, ocupando uma posição teórica que lhe permitirá, por sua vez, produzir construções teóricas criadas com a finalidade de uma nova inteligibilidade.

Alinhada com essa perspectiva epistemológica, identificada na concepção freudiana de construções em análise, está a concepção da construção dos fatos clínicos. Conforme explicam Silvia e Macedo (2016), apostando no valor da associação entre pesquisa, psicanálise e criatividade, a construção de fatos clínicos é uma modalidade de pesquisa com o método psicanalítico a partir da qual o pesquisador produz um rico material clínico. Na especificidade do campo psicanalítico, o fato clínico, diferentemente do que se entende no campo médico, são os fenômenos enquadrados no contexto da relação transferencial e contratransferencial. A sua definição pode assim ser considerada:

Por fato clínico psicanalítico, entende-se uma construção realizada por analista e analisando no âmbito do campo psicanalítico, partindo da relação decorrente da comunicação dos fatos ocorridos dentro e fora da sessão, dos sonhos, dos estados afetivos e do agir do analisando. Também fazem parte dessa construção a experiência do analista, bem como a teoria e a técnica utilizada e que lhe permitem atribuir novos significados aos fatos relatados. (SILVIA; MACEDO, 2016, p. 524)

Nesta construção são considerados tanto o sentido manifesto quanto o sentido latente da comunicação do paciente, guardando maior importância ao segundo, de caráter inconsciente, o qual subjaz ao primeiro. Ao mesmo tempo, são apreendidos os sentidos manifestos observáveis de maneira a atribuir um lugar a eles e torná-los objetivos e passíveis de serem comunicados. Outro aspecto importante é que os fatos clínicos predispõem a uma percepção fragmentada do caso clínico em si, isto porque parte-se da implicação subjetiva e inferencial do analista/terapeuta na seleção de fatos retirados dos relatos clínicos, já que estes embasarão as ideias que pretende apresentar e defender. Os fatos clínicos devem ser

entendidos como uma produção textual do analista/investigador *a posteriori*, decorrente da sua escuta do vivenciado na sessão, que formaliza a investigação como sua construção. É dos seus escritos e anotações registrados após o que foi produzido na sessão, mediante interpretações e construções em análise, e de uma reflexão documental pós-fato, que se elaborarão as construções teóricas. Os dados reunidos não podem ser considerados evidências empíricas para comprovação teórica. Eles são o resultado de um processo e de uma produção transferencial-contratransferência, surgido com a linguagem, e que a construção teórica busca dar conta (SILVIA; MACEDO, 2016).

Expostas as contribuições do método psicanalítico, passaremos a apresentar os princípios metodológicos concernentes à Biossíntese para o delineamento metodológico sistematizado, visando à realização do objetivo da investigação empírica desta pesquisa.

Se num primeiro momento apresentamos a proposta da Biossíntese, enquanto um método psicoterápico, neste momento, proporemos assumi-la como um método de investigação da *corporeidade/subjetividade* humana no contexto da clínica psicológica. Em outras palavras, ao lado das contribuições das duas outras propostas metodológicas de pesquisa já apresentadas, exploraremos os aspectos metodológicos da Biossíntese como caminho para acessar a *corporeidade/subjetividade* humana em sua multidimensionalidade.

#### **11.4 Contribuições dos métodos terapêuticos da Biossíntese para o delineamento metodológico da pesquisa**

Para dialogar com o empírico, visando o estudo dos processos somáticos/subjetivos, no contexto clínico, fez-se necessário assumir os três métodos psicoterapêuticos propostos pela Biossíntese (BOADELLA, 1992, 1997b) como princípios metodológicos de pesquisa. Com eles, obtivemos mais um aporte metodológico, em articulação com os subsídios encontrados na epistemologia qualitativa e no método psicanalítico de pesquisa, para a investigação da produção somática/subjetiva do sujeito em terapia.

Como bem esclarece Claudio Wagner (2003), encontramos pouquíssimas sistematizações teórico-clínicas a partir de estudos clínicos nos contextos das psicoterapias corporais, se considerarmos as publicações científicas, dissertações, teses e artigos em periódicos indexados. Mesmo na extensa obra de Wilhelm Reich, pouco são os estudos acerca da clínica psicorporal. O autor explica que “a transmissão de conhecimento em psicoterapias corporais foi feita até os dias de hoje quase exclusivamente por vias oral e experiencial” (p. 157). Tal situação justifica a falta de propostas de aportes metodológicos de pesquisa para a



investigação clínica no campo das psicoterapias corporais. Por esta razão, ao buscar realizar uma investigação acerca da transferência na vegetoterapia carátero-analítica de Reich, Wagner apresentou esse método clínico desenvolvido por Reich como também um método de investigação. Inspirado neste trabalho, lançamo-nos ao desafio semelhante de explorar os métodos clínicos da Biossíntese como princípios metodológicos de pesquisa.

No início deste capítulo, destacamos a categoria complexa construída a partir do diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* e de corpo/psiquismo da Biossíntese para abordarmos a dimensão empírica da clínica. Para poder obter as informações relacionada à categoria complexa, no processo da pesquisa clínica, fez-se necessário adotar os três métodos clínicos propostos pela Biossíntese como princípios metodológicos. Com eles, foi possível desenvolver um processo reflexivo acerca da legitimidade da própria categoria complexa assumida para as construções teóricas. Legitimidade que deve estar assentada em critérios, tais como a continuidade (capacidade da teoria de integrar novas zonas de sentido) e congruência (capacidade da teoria de enfrentar rupturas e manter sua integridade), propostos por González Rey (2002), os quais permitem analisar e avaliar a qualidade da construção teórica no sentido da sua coerência e pertinência com seus pressupostos.

Conforme exposto no capítulo 9, fundamentados nos três planos organizacionais da morfologia dinâmica embriológica funcional (endoderma, mesoderma e ectoderma), os métodos terapêuticos da Biossíntese exploram três processos como procedimentos terapêuticos: o *centring*, o *grounding* e o *facing*. Estes devem ser assumidos a partir dos quatro princípios gerais que orientam a sua utilização e que destacamos novamente aqui: o objetivo geral que orienta a condução do processo terapêutico; considerar o desenvolvimento da pessoa em terapia estando orientada pelo processo, de tal modo que este é mais importante do que alcançar o objetivo idealmente proposto, ainda que ele continue como um norte a ser seguido; explorar a intencionalidade corpórea que emerge a cada momento desse processo; e o das polarizações dos princípios relacionados a cada um dos métodos terapêuticos.

Desta forma, assim como do ponto de vista psicoterapêutico, também do ponto de vista metodológico, os métodos foram explorados na investigação seguindo esses princípios gerais e a partir da relação dialógica (comunicativa) entre terapeuta e paciente. Como propõe a Biossíntese, é nesta relação que o terapeuta deve estar sensivelmente perceptivo à direção (o emergente, um tema, um potencial) que a pessoa deseja seguir, tendo como referência a sua *corporeidade/subjetividade* nas suas várias dimensões.

Neste sentido, exploramos o *centring* como instrumento metodológico para acessarmos os processos somáticos/subjetivos relacionados ao contato com o ritmo da

respiração e a dinâmica emocional a ela associada. As informações desse instrumento são obtidas por duas vias. Uma pelo relato da pessoa em terapia e mediante a condução psicopedagógica do terapeuta intencionando o desenvolvimento da consciência corporal (propriocepção) do sujeito para perceber seus ritmos respiratórios e a qualidade do seu tônus muscular, dois aspectos fundamentais a partir dos quais ela pôde identificar seu estado emocional, bem como para sua autorregulação. A outra pela observação direta do terapeuta dos ritmos respiratórios e da qualidade do tônus muscular, configuração caracterológica que podemos identificar na sua tendência de bipolarização nas três polaridades propostas por Boadella (1986, 1992). Acompanhada da observação, também está a intervenção pelo toque, buscando influenciar os ritmos respiratórios, e o tônus muscular, possibilitando desta forma o levantamento de informações a partir das respostas somáticas/subjetivas do sujeito.

Como explicamos na apresentação da proposta da Biossíntese, os métodos terapêuticos são explorados na sua indissociabilidade. Deste modo, para o trabalho de pesquisa, ao investigar a qualidade do tônus para obter informações acerca dos processos emocionais, está-se explorando o *grounding*, como instrumento de observação. Além dessa sua contribuição, e mais especificamente, esse segundo instrumento permite ao paciente, pelo desenvolvimento da sua consciência corporal, perceber as qualidades/características da sua postura e dos seus movimentos que se apresentaram e se expressaram durante as sessões, a partir do tônus muscular, considerado de forma dinâmica (mudanças de estados) e enquanto uma dimensão somática/subjetiva. Do ponto de vista do terapeuta, por meio da observação e da intervenção pelo toque e interação a partir do seu próprio corpo, explorando mudanças posturais e interações com movimentos voluntários, semivoluntários ou involuntários, podemos obter informações acerca da qualidade do tônus muscular que fazem parte dos estados somáticos/subjetivos do sujeito, associados aos estados emocionais. As informações alcançadas mediante esse instrumento de pesquisa também estão correlacionadas à sua configuração caracterológica.

O terceiro instrumento de investigação é o *facing*, a partir do qual podem ser obtidas informações acerca das qualidades da expressão visual-facial e vocal (linguagem verbal e sonorização) do paciente na relação terapêutica, em suas diversas variações associadas aos mecanismos de defesa, já mencionadas anteriormente, e em sua singularidade própria. No sentido mais profundo, buscamos informações acerca de qualidades essenciais do outro a partir do contato e do vínculo terapêutico e existencial estabelecidos. Além de obtermos informações para a pesquisa, quando nos referimos às qualidades essenciais da pessoa em terapia, estamos buscando identificar os recursos que essa pessoa traz consigo e com os quais

pode contar para criar caminhos que a leve a ultrapassar os seus próprios mecanismos de defesa e produzir mudanças qualitativas associadas ao reposicionamento frente às suas dificuldades existenciais.

Dentre os três aportes metodológicos explorados na pesquisa empírica, as contribuições da Biossíntese foram indispensáveis. Os instrumentos derivados dos seus métodos terapêuticos permitiram integrar o corpóreo em si como objeto de investigação, não apenas pelos sentidos expressos verbalmente pelo sujeito em terapia, mas também pela própria expressão corpórea não-verbal. Desta forma, os princípios metodológicos assumidos a partir da Biossíntese, enquanto desencadeadores e dinamizadores do trabalho *psicorporal*, favoreceram a vivência, e não apenas o relato, da experiência, que tem no sentir-sentido seu aspecto essencial.

### **11.5 O desenvolvimento da pesquisa empírica: exemplo clínico, local, participantes, instrumentos e cuidados éticos**

Orientados pelos referidos delineamentos metodológicos, desenvolvemos a pesquisa empírica a partir de uma investigação qualitativa de um único estudo de caso clínico. A escolha por este procedimento metodológico se justifica por duas razões. Primeira, do ponto de vista epistemológico, conforme evidenciado tanto pela proposta da epistemologia qualitativa quanto da pesquisa com o método psicanalítico, a produção teórica está relacionada à legitimação do singular como fonte de conhecimento que não se restringe a um vínculo isomorfo e linear com o empírico. Nesta perspectiva, as informações obtidas nos casos singulares e nas singularidades do sujeito de uma pesquisa tem sua legitimidade, justamente, porque oportunizam novas construções do modelo teórico em estudo.

Seguindo esta compreensão da relevância do estudo de casos singulares, a segunda razão está relacionada à possibilidade oferecida pela investigação qualitativa de se propor uma pesquisa com apenas um único caso clínico, caracterizando o que se denomina de estudo de caso (CHIZZOTTI, 2008). Para esse tipo de procedimento técnico utilizado, é necessário esclarecer a função apenas ilustrativa que o exemplo clínico assumiu para uma primeira discussão das formulações teóricas, a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* no contexto da clínica em psicologia, mediante a proposta da Biossíntese. Por esta razão, a sua função não foi a de confirmar ou refutar hipóteses. O intuito foi fazer uma primeira aproximação a esse espaço empírico de investigação indispensável à psicologia clínica, pois foi nele que se deu sua origem, enquanto prática social inaugurada pela psicanálise.

Para a realização da pesquisa empírica foi submetido, avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEP/ICHS – UnB) o projeto de pesquisa “Corporeidade/subjetividade e psicoterapia corporal em Biossíntese: tecendo articulações entre o pensamento complexo e a psicologia clínica”, conforme consta no parecer consubstanciado (CAAE 17310619.4.0000.5540), apresentado neste trabalho (Anexo A). O projeto foi elaborado entre os meses de maio e julho de 2019, intencionando adequar o problema de pesquisa, os objetivos, a fundamentação teórica e a metodologia à abordagem de psicoterapia corporal em Biossíntese, por meio da qual buscamos aproximar a proposta teórica da pesquisa à prática da psicologia clínica.

### **11.5.1 O Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (CAEP/IP – UnB). O CAEP dispõe de uma organização institucional de clínica escola, com uma estrutura física e pessoal que inclui consultórios para atendimento individual, grupo e psicodiagnóstico e atividades de atendimentos, estudos e investigações na área da psicologia. As sessões de psicoterapia corporal foram realizadas na sala preparada para atendimentos em psicanálise (sala do divã), pois havia uma espécie de sofá-cama com almofadas grandes que possibilitava utilizar o colchão e as almofadas para atividades *psicorporais* próprias à abordagem da Biossíntese.

A vinculação desse projeto ao CAEP se deu por meio do seu serviço de atendimento psicológico à comunidade sob livre demanda. Este serviço ofereceu a oportunidade de encontrarmos pessoas voluntárias e interessadas em participar da pesquisa, estando cientes que estava sendo oferecida uma modalidade específica de psicoterapia de abordagem *psicorporal*.

A divulgação da pesquisa com o convite para participação voluntária se deu por meio das redes de comunicação do CAEP, especificando a natureza da abordagem de psicoterapia oferecida. Da mesma forma, também foi divulgada pelo próprio pesquisador responsável pela pesquisa nas redes sociais nas quais estava integrado.

Dentre os cuidados institucionais do CAEP assumidos neste estudo, todos os pacientes que se inscreveram para o atendimento psicológico vinculados a esta pesquisa, foram esclarecidos sobre a participação na pesquisa. As inscrições ocorreram por meio do telefone e do e-mail do CAEP.

### 11.5.2 Participantes da pesquisa

Os participantes se integraram à pesquisa a partir do interesse pessoal de obter o serviço, oferecido no CAEP, de atendimento psicológico à comunidade e também de participar da pesquisa, pois todos tomaram conhecimento desse serviço pela divulgação da pesquisa e não pelo serviço geral do CAEP. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram os seguintes: jovem-adulto ou adulta entre 18 e 60 anos; do sexo masculino ou feminino; qualquer tipo de cor/raça, orientação sexual e identidade de gênero; das diferentes classes socioeconômicas e grupos sociais; disponibilizar-se a intervenções psicoterápicas que envolvem o corpo, mediante, única e exclusivamente, a sua permissão, nos diferentes momentos de uma sessão; fale a língua portuguesa.

Ao todo, inscreveram-se 32 pessoas interessadas, no entanto, só havia duas vagas para a participação na pesquisa. Esse número de vagas foi estabelecido em virtude das limitações de tempo do pesquisador para a realização do atendimento psicológico, registro, análise e discussão das informações levantadas, dentro do prazo de conclusão da pesquisa.

O primeiro contato dos participantes deu-se mediante triagem realizada pelo pesquisador responsável, respeitando a ordem de inscrição. Foram entrevistados os 8 primeiros inscritos, para acolhimento, análise da demanda, verificação da disponibilidade para psicoterapia corporal e para os dias e horários de atendimento.

Na entrevista com cada participante, foram explicitados os propósitos do estudo, a especificidade de uma abordagem *psicorporal*, no que concerne à possibilidade do envolvimento do corpo nas intervenções psicoterápicas, mediante, única e exclusivamente, a permissão do paciente, e ainda a organização do processo terapêutico como modo de investigação e produção de conhecimento. Além disso, foram esclarecidos acerca dos cuidados éticos, de sigilo, riscos, benefícios, a garantia de cuidados, em caso de riscos ao paciente, e a livre iniciativa do paciente em aderir ou deixar a pesquisa a qualquer momento, conforme estabelecido pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE; ver Apêndice A).

Após a conclusão das entrevistas, foram selecionadas duas participantes, respeitando a posição pela ordem de inscrição, as características das demandas apresentadas, a disponibilidade para intervenções corporais e a disponibilidade de agenda compatível com a do pesquisador. Os demais inscritos, não selecionados, foram encaminhados para o atendimento psicológico oferecido pelos outros projetos do CAEP e também para outras instituições que oferecem esse mesmo serviço à comunidade.

Para a exposição e discussão neste trabalho, foi estabelecido um único estudo de caso, em virtude de servir apenas ao propósito ilustrativo e inicial de articulação entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, a proposta da Biossíntese e a prática clínica em psicologia, e pelas limitações de tempos para a conclusão da tese. A sua escolha atendeu a critérios de relevância para o estudo, principalmente, aquele relacionado à realização de intervenções *psicorporais* ocorridas nas sessões de psicoterapia. Não foram levados em consideração aspectos de gênero, idade, classe social, patologia como critério de inclusão ou exclusão para a escolha do caso clínico.

### **11.5.3 Levantamento dos dados/informações**

Os instrumentos utilizados para o levantamento dos dados/informações e registros das sessões foram os relatórios de atendimento clínico, registros pessoais e as gravações em áudio/vídeo, seguindo as disposições do CEP/ICHS e as diretrizes do CAEP, de acordo com a autorização das participantes. O conjunto de informações levantadas ficou sob a responsabilidade do pesquisador e arquivado em computador. Os relatórios de atendimento clínico foram impressos e anexados aos prontuários das pacientes em arquivos numerados e com proteção de acesso gerenciado pelo CAEP.

O período de levantamento de informações, em sessões presenciais, seguiu o cronograma de elaboração desta tese. No entanto, com a suspensão das atividades presenciais no CAEP e do semestre letivo na universidade, em virtude das medidas estabelecidas para enfrentamento de emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do COVID-19, a pesquisa presencial foi interrompida no dia 16 de março deste ano. Após essa data, os atendimentos de uma das pacientes passaram a ocorrer no modo não presencial (online) e os da outra paciente não tiveram continuidade, em razão da sua indisponibilidade para este modo de atendimento. Para a paciente que deu continuidade, a psicoterapia prossegue além do período do curso de doutorado do pesquisador, cumprindo as exigências éticas previstas no TCLE e respeitando o processo clínico da paciente e garantindo o cuidado às suas necessidades psicológicas. Com isso, continuarão sendo realizados os relatórios de atendimento psicoterápico, de acordo com o código de ética profissional e arquivados no CAEP, sob a sua guarda.

Cabe esclarecer que o estudo de caso realizado para esta pesquisa foi a partir do processo terapêutico da paciente que não deu continuidade após a interrupção das sessões presenciais. A escolha pelo processo terapêutico dessa paciente se justifica pelo caráter

emblemático das sessões realizadas, principalmente, no que concerne à realização de intervenções *psicorporais*, ocorridas nas sessões, e o envolvimento das diferentes dimensões da corporeidade/subjetividade da paciente.

As sessões presenciais e não presenciais ocorreram com periodicidade semanal e com duração de aproximadamente sessenta minutos. A flexibilidade que estabelecemos para a periodicidade e tempo das sessões deveu-se à necessidade de criar condições favoráveis ao atendimento das diferentes demandas dos participantes, aliado à realização dos objetivos terapêuticos.

As sessões foram gravadas com autorização das participantes e seguindo as diretrizes estabelecidas pelo CEP/ICHS, conforme explicitado pelo TCLE (Apêndice A). Foram utilizados um gravador digital e uma câmera digital de vídeo para o registro das sessões. Nos arquivos desses registros estão os diálogos ocorridos entre pesquisador e participante, do início ao final de cada sessão. As anotações do pesquisador, nos registros pessoais e nos relatórios de atendimento, foram realizadas com o objetivo de registrar as impressões imediatas, após cada sessão, e compor as informações da investigação. Os registros em áudio de todas as sessões do caso clínico, a serem apresentados no próximo capítulo, foram transcritos e utilizados para a sua análise, construção e discussão. Com a mesma finalidade, foram utilizados os registros em vídeo, além de possibilitar a análise e discussão da comunicação não-verbal (corporal) ocorrida na relação terapêutica e das intervenções *psicorporais* realizadas.

Esse amplo e detalhado conjunto de informações levantadas permitiram a construção do caso clínico, a partir da identificação de episódios clínicos significativos para uma leitura clínica da história e das demandas da paciente. Permitiram, também, a utilização da categoria complexa elaborada a partir do diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a proposta da Biossíntese, destacando a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese. A articulação entre a leitura clínica da história e das demandas da paciente e o referencial teórico-conceitual construído foi realizada a partir do levantamento dos indicadores de produção de afetos-sentidos e das configurações somáticas/subjetivas da paciente, identificadas nesse conjunto de informações.

É necessário ainda esclarecer que o estudo de caso clínico foi construído e apresentado a partir de vinhetas clínicas dos momentos importantes da terapia e aqueles considerados mais significativos para evidenciar a pertinência da noção de configuração caracterológica, os modos de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese e a especificidade de cada um deles, bem como os processos de mudança. Por essa razão, não será traçada uma linha

cronológica precisa do processo terapêutico ao longo das sessões. Além disso, foi destacada a questão ou tema principal levantado no processo terapêutico, contextualizando, principalmente, a história de vida mais recente da paciente. E ainda, as características mais marcantes do processo relacional entre pesquisador/terapeuta e a paciente que influenciaram os processos de mudança e do desfecho da terapia.

#### **11.5.4 Cuidados éticos**

Seguindo rigorosamente as determinações do CEP/ICHS, do Código de Ética Profissional do Psicólogo e as regras do CAEP esta pesquisa empírica manteve o sigilo total de identidade da participante e de qualquer informação que poderia identificá-la. Por esta razão, o nome da participante foi modificado, bem como omitida qualquer outra informação relacionada às regiões da sua residência e de seu trânsito na cidade, sejam elas relacionadas às atividades profissionais ou às atividades de lazer etc. Da mesma forma, foram descaracterizadas as informações relacionadas às pessoas com as quais convive, de maneira a não serem identificadas.

É necessário frisar que na apresentação do TCLE (Apêndice A), na entrevista de triagem, foram passadas todas as informações acerca da pesquisa, do processo psicoterapêutico, no seu aspecto geral e específico, no que diz respeito a uma abordagem *psicorporal*, bem como os possíveis riscos e benefícios. Destacou-se que toda intervenção corporal só seria realizada mediante a autorização da paciente. Foi enfatizado o caráter voluntário da participação na pesquisa e a liberdade das participantes interromperem o processo terapêutico a qualquer momento que desejassem, podendo, então, serem encaminhadas para um(a) outro(a) terapeuta do CAEP, se assim quisessem.

Para mais, também foi esclarecido às participantes a possibilidade de acesso às informações levantadas, por meio de entrevistas devolutivas, e da participação no processo de construção das informações para a elaboração do caso clínico. Ao ser informada sobre a escolha do seu processo terapêutico, como objeto de estudo do caso clínico a ser apresentado na tese, a paciente não se mostrou interessada em participar diretamente desse processo e disse que continuava concordando com a publicação das informações, conforme havia assinado no TCLE, e também agradeceu pelas mudanças ocorridas em sua vida.



## CAPÍTULO 12 - ESTUDO DE CASO - LUIZA E O SEU LUGAR NO MUNDO

O meu lugar no mundo? É-me indiferente,  
 Se quero tanto o que mais ser não posso  
 Sinto apertado um nó no meu pescoço,  
 Às vezes, se me empurra um mar de gente.  
 António Só

A terapia é uma jornada em direção à união daquilo que foi separado, à conjugação de imagens partidas, à fusão entre o fluxo corporal e o fluxo de palavras.  
 David Boadella (Correntes da Vida, p. 113)

A transformação é um trabalho no qual o corpo pode abrir a mente e o bom trabalho com o caráter pode abrir o corpo. (...) É um trabalho no qual os problemas individuais são vistos num contexto social, e as pressões culturais e políticas são reconhecidas como processo reais, e não fantasias inconscientes.  
 David Boadella (Energia e Caráter 2, p. 144)

O presente capítulo tem como propósito apresentar um estudo de caso clínico com a intenção de poder realizar um primeiro diálogo com a dimensão empírica da psicologia clínica, a partir da construção teórico-conceitual empreendida nesta pesquisa. Para tanto, organizamos a análise e discussão dos resultados da pesquisa clínica em quatro momentos.

Inicialmente, faremos uma apresentação geral do caso clínico, expondo os elementos gerais e a questão ou tema principal destacado do conteúdo clínico levantado no processo psicoterapêutico. Em seguida, conforme explicitado no capítulo anterior, a categoria complexa configuração caracterológica será a mediadora de uma construção-intepretação do caso clínico Luiza.

No terceiro momento, serão expostas as contribuições da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana para a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese, de modo a apontar para uma abordagem clínica multidimensional, isto é, uma forma complexa de realizar a prática clínica. Nessa mesma seção, serão destacados os processos de mudanças ocorridos na terapia. E como quarto e último momento, será abordado o processo relacional entre o pesquisador/terapeuta e a participante da pesquisa.

### 12.1 Luiza: a procura de um lugar no mundo

Luiza, jovem de 30 anos, sensível, bela, buscadora espiritual, fisioterapeuta, profissional autônoma e massoterapeuta. Procurou terapia para poder compreender melhor o que aconteceu consigo desde quando teve uma perda gestacional, há pouco mais de um ano. Desde então, tem se sentido deprimida e sem conseguir manter seu trabalho como massoterapeuta. Apesar de possuir, no geral, uma corporeidade/subjetividade, muscularmente,

bem-dotada, isto é, uma configuração somática/subjetiva com características mesodérmicas consistentes (musculatura esquelética desenvolvida e com um volume muscular significativo), que apontam para uma boa condição para agir no mundo, o desânimo vinha tirando-lhe as forças físicas e emocionais, mais do que isso, vinha usurpando-lhe a alma, a coragem e o desejo. Por esta razão, não conseguia ter ânimo para levantar, batalhar por mais clientes, pegar o carro e ir ao encontro dos clientes para fazer as massagens.

Tal desânimo, tal falta de alma, de desejo e coragem, também se apresentaram no processo terapêutico. Como foi possível identificar nas cinco faltas às sessões, dentre as quais, algumas justificadas por uma indisposição física e outras por problemas de saúde, como no caso da suspeita de dengue. A relevância dessas faltas para circunscrever o desânimo de Luiza está relacionada ao curto período de terapia realizada, seis meses. Fato também indicador da sua falta de ânimo para dar continuidade à terapia, pois a interrupção do processo terapêutico se deu pela sua indisponibilidade de prosseguir com a terapia por meio de sessões *on-line*<sup>81</sup>. Mesmo tendo vivido vários momentos muito significativos no processo terapêutico, reconhecidos, explicitamente, por ela, sobretudo, nas duas últimas sessões, conforme será demonstrado neste estudo de caso.

Em sua própria corporeidade/subjetividade estava corporificado e configurado o desânimo. Numa leitura da forma ou das configurações do seu sistema orgânico-sensório-motor, era possível observar que, compondo com as características mesodérmicas consistentes, seu tórax e membros superiores, peito, ombros, braços e mãos, chamavam atenção por uma certa finura e pequenez, se comparado com o resto do corpo. Os membros inferiores pareceriam estar pendurados no tronco. Configurações somáticas/subjetivas das suas carências da infância, a falta de um lugar nas famílias em que viveu, a sensação de não poder existir para as famílias e a dificuldade de lidar com as perdas (os lutos). Traços esquizoide, oral e depressivo de uma configuração caracteriológica que indica afetos-sentidos conflituosos e relacionados aos encouraçamentos ectodérmicos e endodérmicos, conforme propõe a morfologia dinâmica embriológica funcional, proposta por Boadella (1992, 1997b).

Com o acontecimento do aborto espontâneo, Luiza ficou alguns meses sem trabalhar, sendo, por isso, ajudada, financeiramente, pelo seu namorado e voltando a morar com ele na chácara da família dele. Esse retorno, motivado pelo aborto, foi a segunda vez em que foi morar na casa do namorado ou do companheiro, como eles assim passaram a se considerar.

---

<sup>81</sup> Com a suspensão das atividades presenciais estabelecida pela Resolução do Conselho, Ensino, Pesquisa e Extensão nº 0015/2020 da Universidade de Brasília, como uma das medidas estabelecidas para enfrentamento de emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do COVID-19, o CAEP teve que suspender os atendimentos psicológicos presenciais e oferecê-los no modo *on-line*.

Logo no início do relacionamento, após dois meses de namoro, passou a morar nessa chácara. No entanto, essa situação gerou uma briga com a família do namorado, principalmente, com a mãe dele, que não queria que eles morassem juntos na chácara, pois eram apenas namorados. Briga sempre intermediada pelo namorado, já que ela nunca chegou a ter uma discussão direta com a mãe dele. Até que a mãe foi conversar com ela, situação na qual se colocou passiva e calada, apenas ouvindo-a. Após esse acontecimento, resolveu voltar para casa do seu pai, onde vivia desde os seus 16 anos e possui um quarto compartilhado com sua irmã mais velha, e de onde ainda, de fato, não saiu “oficialmente”.

Ao longo da sua vida, desde bebê, quando seus pais viviam juntos, e ela tinha essa irmã, onze anos mais velha (do primeiro casamento do seu pai), passando pelos vários casamentos de sua mãe, em um dos quais ganhou mais duas irmãs, e até a sua adolescência, quando foi morar com o pai, Luiza não encontrou um lugar nessas diferentes famílias. Como ela mesma expressou, após revisitar sua história com essas famílias e alcançar uma primeira compreensão (*insight*) fundamental para o seu processo de mudança: “Na verdade, eu acho que eu nunca me senti em casa, eu já falei isso, nem na casa da minha mãe, nem na casa do meu pai” (degravação, 10ª sessão). A emergência desse afeto-sentido, no processo terapêutico, revelou-se como um indicador da configuração subjetiva/somática fundamental e dominante do seu conflito.

Após alguns meses, quando estava de volta na casa do pai, ficou grávida do namorado. Pediu a ele que não contasse para ninguém porque estava apenas no início da gestação e porque sentia que poderia perder o bebê, percepção que guardou consigo. Entretanto, o namorado contou para alguns amigos e para a sua família, e a reação da sua irmã e da sua mãe foram de uma forte reprovação. Com isso, ele ficou, emocionalmente, muito mal, o que também deixou Luiza muito mal, e uma semana depois desta “confusão” (degravação, 1ª sessão) com a família do namorado, para usar a expressão da própria Luiza, aconteceu a perda... gestacional, o(a) “bebê” (o embrião) de seis semanas morreu. Luto.

É essa perda que reabre as portas da casa do namorado para Luiza. Aparece uma possibilidade de encontrar o seu lugar no mundo. Sensibilizadas com o sofrimento de Luiza, a irmã de seu namorado, que também foi sua amiga na infância - já que as famílias de Luiza e de seu namorado se conhecem desde quando eram crianças, pela amizade de seus pais -, e a mãe dele passam a acolhê-la na chácara, de maneira que surge a chance dela encontrar um lugar nessa casa e nessa família.

No entanto, mesmo após quase um ano e meio tendo se passado, desde a perda do bebê, quando, então, inicia seu processo terapêutico, Luiza continua atravessando o deserto do

luto. A cada dia e a cada semana, lida com a falta de ânimo, com a secura da disposição, com a rápida evaporação das foças físicas e, principalmente, emocionais para poder trabalhar como massoterapeuta, ganhar seu dinheiro, organizar sua vida financeira e ocupar seu lugar no mundo. Na chácara da família do companheiro, continua sua busca por encontrar e sentir que possuía o seu próprio lugar.

## 12.2 Configurações caracterológicas: entre regularidades e singularidades

Já na entrevista para seleção dos participantes da pesquisa, Luiza falou que vinha se dando conta do “quanto peguei [pegava] para mim [si], coisas da sua mãe” (registros do pesquisador/terapeuta), um importante afeto-sentido indicador da configuração subjetiva/somática de seu profundo conflito com a mãe. Tendo sido a primeira filha, ganhou o “lugar” de filha predileta, depois que suas duas irmãs nasceram no segundo casamento da mãe. Mas quando nasceu, seu pai já tinha uma filha, que morava com eles e que estava para entrar na adolescência. A relação dos seus pais era muito conflituosa. Luiza presenciou muitas brigas entre eles, envolvendo violência física. Quando estava com três anos de idade, seu pais se separaram, pois o pai havia se envolvido com outra mulher, com quem veio a se casar.

No meio dessa grande “confusão” familiar, conforme alguns indicadores permitiram identificar já nas primeiras sessões, Luiza se manteve em uma relação simbiótica (inconsciente) com sua mãe, guardando em suas configurações subjetivas/somáticas traços e reminiscências dessa relação. Contando sobre a experiência de ter cortado o próprio dedo, três meses depois de ter tido a perda gestacional e começado a se sentir deprimida, Luiza compreende que essa experiência tinha o significado de ser um “corte de contratos” com sua mãe. Num trecho de sua fala fica explicitado este modo de relacionamento simbiótico:

eu andava sentindo muitas coisas que eu acho que vinham muito da minha mãe (...). Do meu lado feminino ferido, e aí com o aborto eu senti isso: nossa, não pude nem ser mãe. (...) E eu começando a entender que tinham coisas que não eram minhas, que era da minha mãe, de dores dos outros. E aí quando teve realmente esse acidente, eu meio que senti que foi um aviso, que algo estava sendo quebrado ali mesmo. (degravação, 1ª sessão)

A explicitação, em seu discurso, de aspectos subjetivos indiferenciados na relação com sua mãe evidencia o desenvolvimento de capacidades autorreflexiva de uma pessoa que busca seu autoconhecimento, e que já alcançou algum distanciamento mental/subjetivo desta questão psíquica/subjetiva, permitido pela auto-observação. No que diz respeito às configurações caracterológicas, podemos destacar como um dos aspectos relevantes, a relação

entre o retraimento simbiótico e os traços orais (JOHNSON, 1994) e depressivos (BOADELLA, 1974) nas configurações subjetivas/somáticas caracterizadoras do modo de ser de Luiza, tanto na história com as suas diferentes famílias (com a mãe e o pai, a mãe e os padrastos e com o pai e as madrastas), quanto na relação atual com o namorado e a família dele e seu conflito com a profissão.

Os afetos-sentidos das configurações subjetivas/somáticas dos traços orais e depressivos de Luiza, tais como, o sentimento de dependência emocional acentuada e atrelada à sensação de privação e vazio foram sendo constituídos ao longo da sua vida. Considerando alguns aspectos das configurações subjetivas sociais, da sua primeira família, podemos destacar as brigas violentas entre seus pais e todo o conflito que envolvia uma segunda mulher, fazendo com que não reconhecessem o seu lugar de criança naquela casa e deixassem de atender suas necessidades emocionais de ser protegida dos seus conflitos, tanto quanto precisava, ao longo dos três primeiros anos de vida. Tal ambiente foi determinante para que a pequena Luiza ficasse com as marcas da sensação de privação, de falta de sustentação emocional (afetos-sentidos), e a percepção de que não seria capaz de dar conta da própria vida (concepção do ego), dificultando seu processo de separação-indivuação com a mãe.

Alguns indicadores identificados nos diálogos terapêuticos revelam essas características das suas configurações subjetivas/somáticas e das condições do ambiente familiar. Dentre as muitas e diferentes colocações, destacamos duas: “sempre fui muito grudada com ela” (degravação, 1ª sessão); “[quando] meus pais se separaram eu tinha entre dois e três anos de idade, então, desde o começo da minha infância eu sempre presenciei brigas, assim, desde que eu me entendo por gente é os meus pais brigando e discutindo” (degravação, 1ª sessão); “o meu pai, ele é uma pessoa que quando ele casa ele faz tudo pela mulher, é Deus no céu e a mulher na terra. E ele passa por cima dos filhos e tudo por conta da mulher” (degravação, 4ª sessão); “Eu acho que é o que eu nunca tive: uma família estruturada” (degravação, 6ª sessão).

Na sua adolescência, quando começaram os relacionamentos afetivos-sexuais, sua forma de vinculação com os namorados também revelavam essas marcas subjetivas (afetos-sentidos) orais e depressivas e a relação delas com o seu drama de não encontrar um lugar de sustentação emocional nas famílias, tanto com sua mãe quanto com o seu pai. Com os principais namorados, trocava a casa da mãe e depois a do pai pela casa deles. E na atualidade, desde que teve a perda gestacional, passou a morar na chácara da família do namorado, tornando-se companheira dele, mesmo sendo acordado entre eles que não são casados, mas apenas companheiros.

Além de terem sido identificados outros trechos do discurso de Luiza que apontam para indicadores relacionados a essas características subjetivas das suas configurações caracterológicas, estiveram presentes, indissociavelmente, a expressão somática desses conflitos com sua mãe e os desdobramentos com seu pai, os namorados de sua vida, o companheiro atual e a família dele, conforme apontaram diferentes indicadores. Dentre os vários momentos em que observei a emergência mais expressiva de configurações somáticas em inter-relação com os aspectos subjetivos, destaco aqui um momento da sexta sessão. Nele, Luiza estava se dando conta de um dos sentidos ocultos que representava o aborto, isto é, de que a gravidez com seu namorado e a possibilidade de construir uma família estavam relacionados, entre outros sentidos, com a busca de uma família ideal na qual poderia encontrar seu lugar e a lembrança dos ciúmes que sentia de sua mãe em relação aos namorados que ela teve depois de seu pai. É importante destacar que nessas lembranças, Luiza estava brigando com um desses namorados, agarrando e puxando seus cabelos. Nesse momento, observei que seus braços estavam “moles” e “caídos”, características somáticas dos traços orais e depressivos (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977), relacionados ao encouraçamento visceral-endodérmico (pouca carga emocional e pouco tônus muscular) (BOADELLA, 1992, 1997b). Então, perguntei se poderia segurar suas mãos, de modo a dar sustentação para seus braços. Ela disse que sim. Estando sentados, um de frente para o outro, coloquei minhas mãos, com as palmas viradas para cima, por baixo de suas mãos, dando sustentação. Essa forma de interação permitiu-me sentir a hipotonia dos seus braços e a temperatura fria das suas mãos, essa última, no que diz respeito aos processos somáticos, sinal de uma possível vasoconstrição que diminui o fluxo sanguíneo nas extremidades.

É importante recordar e ressaltar que o caráter dinâmico e rotativo das configurações somáticas/subjetivas, no sentido de, num dado momento do processo terapêutico, emergirem e destacarem-se mais aspectos subjetivos e, num outro, os aspectos somáticos, deve-se à relativa autonomia entre os três sistemas ou dimensões (orgânico-sensório-motor, psíquico-afetivo-relacional e mental/espiritual) da corporeidade/subjetividade do indivíduo. O caráter relativo dessa autonomia está relacionado à indissociabilidade desses mesmos sistemas, a partir da qual se estabelecem interconexões e interinfluências entre eles, caracterizando uma relação complexa (complementar, concorrente e antagonica). O mais importante é lembrar que as configurações somáticas/subjetivas são sempre constituídas por uma constelação de afetos-sentidos que emergem e se manifestam nas nuances da expressividade corporal e verbal do sujeito.

Para uma compreensão mais profunda das configurações subjetivas/somáticas relacionadas aos traços orais e depressivos, faz-se necessário associar a elas os traços esquizoides, presentes em Luiza. O ambiente familiar muito hostil no passado, com as brigas violentas entre seus pais, juntamente com as predisposições (hereditárias) da sua corporeidade/subjetividade, criaram as condições para que a formação do vínculo com seus provedores ficasse ameaçada, de tal maneira que o seu direito de existir e a sua identidade (BOADELLA, 1974), relacionados a poder ocupar um lugar no mundo e desempenhar uma profissão com mais segurança na vida atual, ficaram fragilizados. Testemunhar expressões de ódio na forma de brigas corporais entre os pais cria um ambiente propício para a vivência do terror emocional pelos filhos, sendo, possivelmente, mais intenso quanto mais nova é a criança ou o bebê.

No caso de Luiza, conforme a citação acima de uma das suas falas, desde muito cedo, na sua infância, presenciou esse tipo de situação traumática (alto nível de estresse) em sua casa. Os impactos de situações repetidas como essas, associadas com as experiências de hostilidade e raiva dos pais com a própria Luiza, trouxeram o medo congelante, o retraimento e o isolamento do afeto, como estratégias de defesa, que dificultam a formação do vínculo nas suas relações interpessoais (BOADELLA, 1974, JOHNSON, 1994, LOWEN, 1977) e que participam na produção de afetos-sentidos nas relações atuais. Podemos identificar na sua tendência de “correr” para a casa dos namorados e lá estabelecer-se, precocemente, como se fosse sua casa e permitindo-lhe fugir da casa da sua mãe ou de seu pai, um aspecto contrafóbico acionado pelos afetos-sentidos de sua infância de não poder ou não conseguir vir a construir o vínculo na experiência amorosa com cada um deles. Tendência, essa, presente nos principais relacionamentos amorosos-sexuais desde a adolescência, e também na atual relação com seu companheiro.

No que diz respeito às expressões somáticas relacionadas aos traços esquizoides, podemos identificar uma delas na mesma situação descrita acima de um momento de intervenção terapêutica na sexta sessão, na qual observei seu braços “mais como um apêndice do que como extremidades extensivas do corpo” (LOWEN, 1985). Essa característica somática esquizoide, de braços pendurados no tronco que não podem se vincular (pouca carga emocional e pouca firmeza do tônus muscular), é estratégia de defesa relacionada ao encouraçamento cerebral-ectodérmico, conforme compreende Boadella (1992, 1997b), mistura-se com as orais e as depressivas, de braços moles e caídos, que não podem pegar, apegar-se. São afetos-sentidos articulados num tecido somático/subjetivo, compostos como camadas sobrepostas, interconectadas e interinfluentes.

Voltando a considerar as configurações caracterológicas presentes no modo de ser de Luiza, além da expressão marcante e preponderante dos traços orais e depressivos, e a associação aos traços esquizoides, nesse período em que se deu o seu processo terapêutico, manifestaram-se, ainda, outros traços no fluxo dinâmico das suas configurações somáticas/subjetivas. Ao levarmos em conta todo o drama vivido por Luiza ao longo da sua infância, adolescência e na atual fase, de tornar-se adulta, destaca-se, como apresentado na seção anterior, a dificuldade de encontrar um lugar no mundo. Por não se sentir ocupando um lugar nas diferentes famílias que teve, devemos considerar que a luta por território (BOADELLA, 1974), na relação com seus pais, foi uma experiência difícil para Luiza. O que está em questão é o que podemos compreender acerca das experiências da pequena e da adolescente Luiza, com relação a poder exercer seu poder pessoal para realizar seus projetos de vida, a realização profissional e financeira. Estamos buscando circunscrever suas configurações caracterológicas no que concerne aos traços masoquistas.

Como viemos mencionando até aqui, na apresentação da história de vida de Luiza, desde o seu nascimento, ela teve várias famílias. A primeira com a união entre seu pai e sua mãe, tendo do seu pai uma irmã mais velha. Com a separação, morava com sua mãe que teve um segundo casamento, no qual gerou duas outras filhas. Mesmo morando com a mãe, sempre manteve a convivência com seu pai, passando os finais de semana com ele, e também alguns dias durante a semana. Sempre convivendo com a nova mulher do seu pai e o filho dela, relacionamento, este, que o motivou a terminar a relação com sua mãe. Sua mãe veio a separar-se do segundo marido e, em seguida, juntar-se com um namorado e depois casar-se com um quarto marido. Seu pai também se separou da segunda mulher, teve uma terceira relação duradoura e, em seguida, acabou tendo um quarto casamento.

Nestas diferentes configurações subjetivas sociais, Luiza teve uma infinidade de experiências sofridas e felizes. Não obstante, ao lidar com suas demandas emocionais no processo terapêutico, foi identificada a sua dificuldade de conseguir encontrar um lugar no qual pudesse lutar por seu espaço nas disputas de poder com seus pais e cuidadores e sentir-se pertencendo, de modo mais significativo, a diferentes famílias nas quais cresceu. Deve-se destacar que nesse contexto não pôde vivenciar uma configuração e um ambiente familiar com mais continuidade e menos fragmentação, de maneira a se sentir ocupando um lugar. Como um dos resultados negativos, ficou sua dificuldade de realizar a autodeterminação para alcançar sua independência, bem como ter mais liberdade para sua autoexpressão, características marcantes de configurações subjetivas/somáticas masoquistas (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977, 1985). Poderia destacar as configurações subjetivas



sociais da sua família com a mãe e o pai casados e a segunda família do seu pai, na qual teve uma relação emocionalmente abusiva com a madrasta, como as principais para contribuir para a constituição dos traços masoquistas.

Nos seus três primeiros anos de vida, Luiza presenciou muitas brigas dos seus pais, muitas delas com violência física, como já tinha sido mencionado. Segundo o relato da própria Luiza, mantém-se vivas, em sua memória, as lembranças de muitas dessas brigas. Duas delas contadas em sessões diferentes foram a briga na cozinha, em que eles se batiam com vassouras e rodos, e em outra na qual seu pai mordeu sua mãe, “arrancando um pedaço”, e deixando uma cicatriz em sua mão. Acontecimentos reiterados como esses estabeleceram um ambiente no qual o terror de presenciar tal violência, articulado aos processos de identificação com a mãe, que acabou saindo da relação como a rejeitada e derrotada, contribuíram, diretamente, para a constituição de afetos-sentidos caracterizados, justamente, pela sensação de derrota da pequena Luiza. Derrota relacionada à experiência de ser impedida, pelas condições ambientais, de poder buscar e disputar seu espaço, seu lugar. Interessante considerar, no que diz respeito às identificações com sua mãe, o fato de Luiza contar, de modo exclamativo, que possui uma cicatriz no mesmo lugar do corpo em que sua mãe também tem a cicatriz da mordida do seu pai.

Na relação com a primeira madrasta, com quem seu pai ficou casado onze anos, Luiza se sentia humilhada ao se ver muitas vezes comparada com o filho dela, adotado por seu pai como um filho. A madrasta a desqualificava por não receber e ter as mesmas coisas que o filho dela recebia do seu pai e não ser magrinha como o filho dela, sendo acusada de ser parecida com sua mãe, que era gordinha e pobre. Em outras situações, Luiza se sentia muito manipulada para que atendesse aos desejos da madrasta. Encontramos nessas experiências, indicadores da produção de afetos-sentidos que participam das suas configurações subjetivas/somáticas na atualidade.

Essas experiências na infância contribuíram para a produção de afetos-sentidos que dificultaram os desenvolvimentos da sua autodeterminação para ser independente e poder se expressar com mais liberdade. Tais afetos-sentidos caracterizados pelos sentimentos de derrota e humilhação, frente à luta pela ocupação do seu território na relação com seus pais e cuidadores, colocaram-na presa na condição de submissão ao outro. A inter-relação entre esses traços masoquistas, assim como os traços orais e depressivos (afetos-sentidos de privação e falta de sustentação emocional) constituem configurações subjetivas/somáticas que criam impedimentos à Luiza, no sentido de poder superar suas dificuldades com a profissão e seus problemas financeiros na vida atual. Além disso, a coloca numa relação de dependência e

submissão, com o atual companheiro, análoga ao que viveu na relação com os seus cuidadores da infância.

Voltando-se para a análise das suas configurações somáticas relacionadas aos traços masoquistas, pode-se destacar, em sua corporeidade/subjetividade, uma musculatura cheia (tônus sobrecarregado) e um pouco atarracada no tronco e, principalmente, nos quadris (nádegas) e pernas, características do encouraçamento visceral-endodérmico relacionado a uma fixação anal (BOADELLA, 1992, 1997b). Sua garganta se mostrou contraída em diferentes momentos em que exploramos os movimentos corporais, os campos motores (BOADELLA, 1993, 2006a) e os exercícios bioenergéticos (LOWEN; LOWEN, 1985) envolvendo a respiração e a voz. Nas posturas e exercícios de *grounding* vertical e invertido<sup>82</sup> (LOWEN; LOWEN, 1985), Luiza se sentia pesada, “carregando o mundo nas costas”. No trabalho com os campos motores, sua corporeidade/subjetividade não tinha impulso para fazer uma oposição ao movimento do terapeuta de empurrá-la, estando um de costas para o outro, como aconteceu na sétima sessão. Nesse momento, apresentou-se o bloqueio para expressar sua raiva diante daquela família “louca e desestruturada”, ou seja, afetos-sentidos relacionados ao medo, à paralisia e ao sentimento de ser atropelada pelos seus pais com as suas brigas violentas, diante dos olhares da pequena Luiza.

Outro aspecto que se apresentou nas configurações caracterológicas de Luiza foram os traços histéricos relacionados aos sofrimentos vividos nas experiências de expressar seu amor e sua sexualidade na relação triangular (edípica) com seus pais na infância (BOADELLA, 1974 JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977; 1985). Na sua busca por um contato íntimo amoroso com seu companheiro, Luiza encontrava, como assim entendia e colocava para mim, dificuldade de ter que lidar com o desejo dele de sempre ter amigos e amigas em sua casa (chácara). A constante presença dessas pessoas se dava pelo fato da chácara ser um local de produção agroflorestal que abastece uma feira, semanal ou quinzenal, organizada pelos dois e mais outros amigos. E também pelas constantes fogueiras que ele gostava de fazer para curtir a noite com os amigos e as amigas. Em algumas situações de proximidade entre seu companheiro e outras mulheres e também homens, em ocasiões como essas, Luiza sentia

---

<sup>82</sup> O exercício básico de *grounding* vertical é realizado da seguinte forma: em pé, pés paralelos, na largura dos ombros, joelhos semi-flexionados e quadril encaixado, permitindo que todo o peso do corpo esteja sobre as pernas e aumento o volume respiratório, realizando ciclos respiratórios inspirando pelas narinas e pela boca e expirando pela boca, enquanto flexiona e estende os joelhos em movimentos curtos, com a cabeça erguida e o olhar observando o ambiente externo. O *grounding* invertido é realizado da seguinte forma: em pé, pés paralelos, na largura dos ombros, o tronco flexionado à frente, os joelhos semi-flexionados, os dedos das mãos tocando levemente o chão e a respiração pela boca (LOWEN; LOWEN, 1985).

ciúmes e como “não priorizada” (degravação, 2ª sessão) na relação com ele, e dizia também que “não havia um tempo só para eles”.

Ao considerar essas situações relatadas por Luiza, identifiquei um importante indicador de mais uma hipótese para a configuração subjetiva/somática do seu conflito com o companheiro. Partindo desses afetos-sentidos presentes no seu discurso, levantei a seguinte hipótese: a figura do companheiro se tornava o objeto exclusivo para sua satisfação e segurança emocional, como assim se caracteriza a dinâmica histórica ou histriônica (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977, 1985). Essa forma submissa de se vincular ao homem está relacionada à sensação de ter sentido-se abandonada ou rejeitada pela mãe ao longo da infância e adolescência. Na história de Luiza é interessante considerar que depois da separação dos seus pais, ela foi morar com sua mãe com quem ficou até os dezesseis anos de idade. Além das suas crises de ciúmes com os namorados da mãe na infância, é justamente no momento de sua adolescência que Luiza tem uma briga feia com ela, motivada por seu desejo de poder sair e ficar na rua até mais tarde, já que estava começando a namorar e viver sua adolescência. No calor explosivo dos afetos, a mãe de Luiza manda ela sair de casa, o que ela faz prontamente, pois, como colocou, era uma moça “orgulhosa” (degravações, 2ª e 12ª sessões). Então, vai morar, num primeiro momento, na casa do namorado, o que dura alguns poucos dias, pois, ao ficar sabendo, seu pai vai buscá-la para viver com ele. A partir desse momento começa uma nova história com seu pai, na qual tem a oportunidade de construir um vínculo que não existia até então, como ela mesma relatou.

Com isso, seu pai se tornou sua sustentação no mundo, criando com ele uma relação de muita dependência afetiva-financeira, mantendo-se assim até os dias atuais. Analogamente recria, em algum grau, essa forma de relação com o atual companheiro, colocando-se numa condição de submissão diante desses dois homens. Uma submissão, aparentemente, não passiva, pois com o companheiro brigava (sobrecarga emocional) e chamava-o para conversar sobre seu incômodo de vê-lo “abrir suas penas de pavão para outras mulheres” (degravação, 2ª sessão). Contudo, para além desse movimento ativo para lidar com seu incômodo, na verdade, mantinha-se numa posição de não poder ocupar, com segurança, seu lugar na relação, pois se mantinha em uma dependência emocional, associada à dependência material-financeira de morar na casa dele. Uma situação como essa criava dificuldades para que Luiza mobilizasse seus próprios recursos emocionais no sentido de produzir novos afetos-sentidos que lhe tirassem desse lugar de submissão.

Relacionados aos traços históricos, expressaram-se, em alguns momentos do processo terapêutico, configurações somáticas de rigidez nas costas e no pescoço (LOWEN, 1977,

1985), o que correspondem ao encouraçamento muscular-mesodérmico (firmeza muscular em demasia: hipertonia), para Boadella (1992, 1997b). Na décima sessão, quando estávamos trabalhando com a sua dificuldade de ocupar um lugar na casa do seu companheiro, propus-lhe experimentar realizar e criar, intuitivamente, alguns movimentos com seu corpo no sentido de poder ocupá-lo como a sua “primeira casa”. De imediato Luiza se queixou dizendo sentir muita rigidez em seu corpo, indicando a região superior das costas, pescoço e no peito. Nesse momento, observei seu constrangimento de ser convidada a se expressar, corporalmente, diante do seu terapeuta, de poder ocupar e tomar posse do seu próprio corpo. Esse seu comportamento foi interpretado, sem ter sido verbalizado a ela, como sendo uma forma de submissão frente a um homem, na relação transferencial. Em outros momentos do processo terapêutico, seu olhar se expressava com um brilho sedutor, acompanhado de um sorriso conquistador, de quem busca um reconhecimento diante de um homem, no caso, seu terapeuta, para os seus esforços de retomar sua vida profissional e melhorar sua vida financeira.

Tomando essas características que mais se destacaram nas configurações caracterológicas de Luiza, é possível verificar a natureza dinâmica e plástica das configurações somáticas/subjetivas da sua corporeidade/subjetividade, em inter-relação às configurações subjetivas sociais das suas famílias. No caso de Luiza, os diferentes traços de caráter se manifestaram como uma maneira de lidar com os seus sofrimentos em diferentes situações, principalmente, no que diz respeito à sua dificuldade de ocupar um lugar no mundo. Cada um deles se manifestou conforme a especificidade de cada uma das situações enfrentadas, caracterizando o fluxo constante de afetos-sentidos entrelaçados e relacionados tanto ao seu passado quanto à sua vida atual. Deste modo, a configuração caracterológica de Luiza, enquanto uma unidade complexa organizada, é irreduzível a um único tipo de estrutura de caráter.

E conforme proposto na fundamentação teórica, devemos relacionar as configurações caracterológicas de Luiza à concepção de que uma identidade poliforma, ou seja, seus diferentes traços de caráter são indicadores de que a unidade do Eu é heterogênea, comportando alteridade, cisão, negatividade, diversidade e antagonismos, numa constelação de egos descontínuos. Estamos nos referindo às múltiplas personalidades de Luiza. Cada traço de caráter é um indicador das suas diferentes personalidades. As diferentes formas de se comportar, nas diversas situações descritas acima, permitem identificarmos modos de ser bem distintos de Luiza.

Além do caráter dinâmico e plástico das configurações somáticas/subjetivas, devemos reconhecer a singularidade do sistema de defesas de cada ser humano. A possibilidade de assumir essa visão está na compreensão exposta acerca da proposta de mapas do caráter de Boadella e Smith (1986) e Boadella (1992), a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. A singularidade da sua configuração caracterológica se apresentou na ordem sequencial dos traços de caráter apresentados aqui. Tal ordem sequencial evidencia a preponderância da manifestação de cada um deles em decorrência da correlação entre as experiências mais marcantes nesse momento de sua vida, as do passado e também as particularidades da relação terapêutica estabelecida com o terapeuta. Sobre esse segundo aspecto influenciador da singularidade das configurações caracterológicas, cabe destacar que a forma de sentir e perceber o outro na relação entre paciente e terapeuta, enquanto duas pessoas que se encontram na vida, participa tanto do modo em que o paciente expõe sua vida e seus conflitos, quanto do modo do terapeuta escutar, ver, enfim, sentir o paciente.

Além disso, e preponderantemente, a relação entre as regularidades identificadas na configuração caracterológica de Luiza e a sua singularidade deve ser entendida mais profundamente. As regularidades dos diferentes traços de caráter relacionados a estruturas-organizações (*patterns*) presentes numa população (um universo estatístico) e identificados em Luiza só podem ser compreendidos a partir da sua história de vida marcada por acontecimentos singulares à sua condição egocêntrica e autorreferente, que exclui pela ego-auto-transcendência qualquer outro da ocupação do seu sítio único e privilegiado para si mesma. Desta forma, os afetos-sentidos das suas configurações somáticas/subjetivas, ainda que apontem para traços de caráter, tem na singularidade sua característica essencial, pois revelam a história de vida, particular e única, de um indivíduo-sujeito, neste caso, a história de Luiza.

E aquém e além da singularidade da forma de Luiza buscar se defender das ameaças encontradas nos ambientes em que viveu, seja no seu passado ou na sua vida atual, não podemos perder de vista a singularidade do seu si mesmo. Isto é, a originalidade e a singularidade da sua corporeidade/subjetividade, do dinamismo do seu *autos*, manifestação fenomênica de uma individualidade única. Os traços de caráter identificados como uma regularidade presente na corporeidade/subjetividade de Luiza - mesmo podendo ser identificados em uma população representativa da espécie -, ganham naturalmente e necessariamente, a partir da complexa relação entre natureza e cultura, a originalidade e a singularidade do seu *autos*, que é, justamente, o mesmo (*idem*) e o si mesmo (*ipse*), o idêntico e a identidade, a autorreprodução e auto-organização, a espécie e o indivíduo.

### 12.3 Uma leitura da psicoterapia em Biossíntese a partir da concepção de corporeidade/subjetividade humana

Após apresentar as configurações caracterológicas que assinalaram aspectos do modo de ser de Luiza no período em que esteve em terapia, buscaremos dialogar com a prática clínica da Biossíntese, no que concerne à sua perspectiva multidimensional. O propósito desta subseção é evidenciar como a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana pode contribuir para a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos e de acordo com as especificidades de cada uma das dimensões assumidas pela abordagem psicoterápica da Biossíntese. Além disso, também serão expostos os processos de mudanças vividos pela paciente. O diálogo a ser estabelecido será a partir de algumas intervenções realizadas no processo terapêutico de Luiza.

Após a realização da quarta sessão, foi feita a seguinte anotação nos registros do terapeuta:

A questão principal trabalhada na sessão foi sobre a dificuldade que a paciente tem tido de conseguir manter seu trabalho como massoterapeuta autônoma, de tal forma que tenha uma renda mensal que lhe permita pagar suas contas e não depender, financeiramente, de seu pai ou de seu namorado/companheiro. As dificuldades que tem lhe impedido de trabalhar estão relacionadas a pequenos acidentes e problemas de saúde como febre, dores no corpo, indisposição e mal-estar. Esta questão atual foi relacionada com a sua história de vida com seu pai, na qual sempre esteve, principalmente desde a adolescência, dependendo financeiramente dele, trazendo consigo a crença de que: “sempre que a situação financeira complicar, meu pai vai me salvar”.

Nesse registro está apresentado um breve resumo da questão principal da sessão. Até que emergisse o significado dessa forma de dependência-simbiótica com seu pai, as intervenções foram realizadas, predominantemente, a partir do quinto campo da vida, proposto por Boadella e Boadella (2006a). Explorando esse campo da vida, foi sendo conduzido o “trabalho psicodinâmico com a fala para lidar com os conflitos no nível da linguagem e produzir [afetos-]sentidos esclarecedores” (p. 30-31). Tal trabalho psicodinâmico faz parte de uma das formas de atuar com o *facing* (BOADELLA, 1986, 1992), um dos métodos clínicos da Biossíntese, possibilitando a construção do contexto de vida – a partir das zonas das formas verbais e visuais de experiência no diagrama da Biossíntese (figura 23) -, relacionado ao conflito apresentado por Luiza.

Com o trabalho psicodinâmico emergiram diferentes afetos-sentidos no seu discurso que indicaram e revelaram esse padrão de relacionamento com diferentes homens em sua vida (pai, um dos padrastos e o companheiro atual), sobretudo, com o seu pai. Destacamos aqui duas falas de Luiza:

E aí foi quando eu sentei com ela [a irmã mais velha], e conversando, eu falei: “Olha, mana, eu cheguei à conclusão de que a nossa carência pior assim, a mais limitante da nossa vida é a gente achar que a gente tem o nosso pai. Se acontecer qualquer coisa eu tenho o meu pai para me ajudar”.

É. Mas, na verdade, não, porque se a casa cair mesmo eu vou para a casa do meu pai. (degravação, 4ª sessão)

Podemos afirmar que as intervenções realizadas até este momento da sessão estavam, principalmente, no nível do sistema psíquico-afetivo-relacional, e também no nível do sistema mental/espiritual da corporeidade/subjetividade de Luiza. As interpretações, pontuações, colocações feitas até esse momento da sessão estavam, por meio da linguagem verbal, incidindo no fluxo dos afetos-sentidos das configurações subjetivas/somáticas de Luiza. Sem, é claro, desconsiderar toda a comunicação não-verbal (gestual e expressiva da corporeidade/subjetividade) que acompanhou a relação terapêutica, aspecto que se manteve, constantemente, no foco da observação do terapeuta.

No momento em que foi exposta a interpretação pelo terapeuta de que “tem uma Luiza, uma menina, dependente, profundamente dependente do pai, uma dependência emocional que se misturou com a dependência do dinheiro”, e de que “a dependência não é do dinheiro em si, é do afeto em forma de dinheiro” (degravação, 4ª sessão), Luiza começou a se emocionar, a chorar. A partir dessa sua expressão, foi iniciada uma intervenção no primeiro e segundo campos da vida (figura 23), atuando com o *grounding* e o *centring*, os dois outros métodos clínicos da Biossíntese (BOADELLA, 1986, 1992). A partir do trabalho motor-afetivo com o tônus muscular e o movimento, foram explorados os exercícios de *grounding* invertido<sup>83</sup>, *grounding* horizontal e o campo motor de absorção. Com essa intervenção *psicorporal*, buscamos criar as condições para que Luiza entrasse, mais profundamente, em contato com a falta de nutrição afetiva do seu pai, características dos traços orais e depressivos das suas configurações caracterológicas: um trabalho com o quarto campo da vida (figura 23). Ao mesmo tempo em que iniciamos, com o mesmo propósito, o trabalho com os ritmos respiratórios da inspiração e da expiração, enfatizando a ampliação da inspiração, o soltar na expiração e a respiração pela boca. Com isso, criou-se uma conexão (trabalho com as zonas um e dois do diagrama da Biossíntese, figura 23) mais profunda de Luiza com seus

---

<sup>83</sup> Dentre as variações do *grounding* horizontal (BOADELLA, 1992; FIMURA; LEPRE; PELLIZZONI, 1997), foi utilizada aquela em que a pessoa fica em decúbito dorsal (deitado de costas) com as pernas estendidas, acrescido, num segundo momento, da flexão dos joelhos na horizontal e junção das plantas dos pés, formando uma “borboleta” com as pernas, para o movimento de fechamento e abertura das pernas nessa posição. O campo motor de absorção (BOADELLA, 1993, 2006a) foi explorado para a paciente maximizar sua percepção interna, das sensações, emoções, pensamentos e imagens que emergiam durante esse momento da sessão.

afetos-sentidos inconscientes atrelados à sua história de vida com seu pai. Seu choro se aprofundou, e uma tristeza profunda aflorou.

Enquanto eram vivenciados esses exercícios bioenergéticos e o campo motor, continuamos as intervenções psicodinâmicas, a partir da linguagem verbal, apresentando interpretações que contribuíssem para o emergir de afetos-sentidos latentes que faziam parte das configurações subjetivas/somáticas do conflito com seu pai. Ao longo dessas intervenções e do diálogo que construímos, trabalhando com o quarto e quinto campos da vida, Luiza foi tomando consciência do quanto se manteve dependente financeiramente do pai para poder receber o amor que não recebia de maneiras mais diretas. Enquanto vivenciava tremores involuntários em suas pernas e quadril (resultado do estresse da musculatura esquelética causado pelos exercícios), foi estimulada a expressar o que sentia em relação ao seu pai quando, em sua infância, tinha que dividi-lo com sua irmã mais velha (considerada como “problemática”, por ser dependente de drogas e ter constantes fracassos na vida escolar), a madrastra e o filho dela. Segue a transcrição de trechos da sua fala na quarta sessão: “Pai, precisava de você”. “Gostaria de ter tido mais momentos só nossos, só nós dois”. “Gostaria de ter... de ter alguém para dizer eu te amo”. “Gostaria de ter sentido o apoio não só financeiro, mas o apoio emocional”. “Gostaria de ter sentido mais o seu colo”.

Ao relacionarmos esses diferentes modos de intervenção à concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, devemos, primeiramente, destacar a distinção entre as intervenções nos dois níveis (ou planos) organizacionais: organismo e psiquismo. Conforme as ideias apresentadas no capítulo 10 para a proposta da Biossíntese, o nível do organismo deve ser pensado a partir da indissociabilidade entre as três camadas embrionárias (endoderma, mesoderma e ectoderma), como constituidoras dos sistemas orgânicos, e fundamentado na noção de dimensão/sistema orgânico-sensório-motor. Nessa dimensão, temos o primeiro nível de emergência da subjetividade. Os exercícios bioenergéticos aplicados e o campo motor de absorção explorado são intervenções que incidem no nível organizacional do organismo, estimulando processos neurobiológicos que participam dos processos psicológicos.

É no plano organizacional psíquico, constituído a partir do segundo e do terceiro níveis de emergência da subjetividade, que se dão os processos psicológicos, de tal forma que estamos lidando com uma outra dimensão que não pode ser reduzida aos processos biológicos e deve ser reconhecida em sua natureza específica. Além disso, nesse plano organizacional, devemos diferenciar dois sistemas: o psíquico-afetivo-relacional e o mental/espiritual. O primeiro relacionado aos processos afetivos e de pensamento-linguagem



simbólico/mítico/mágico e o segundo aos processos de pensamento-linguagem racional/empírico/técnico. Por esta razão, faz-se necessário um modo de intervenção de natureza distinta das intervenções no nível do sistema orgânico-sensório-motor, caracterizada pela interpretação e pontuação psicodinâmica e pelo manejo da relação terapêutica, com elementos transferenciais, contratransferenciais e dialógico-comunicativo.

Ao mesmo tempo, não se pode perder de vista a complexa relação entre esses dois planos organizacionais e entre os três sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo em inter-relação com a subjetividade social. Uma relação retroativa, pois o todo do indivíduo retroage em cada um dos planos organizacionais e em cada um dos sistemas, assim como as configurações subjetivas sociais do sistema social, e nas quais está inserido o indivíduo, retroage sobre ele e seus pares. E recursiva, na qual os processos dos sistemas psíquico e mental, enquanto produtos e efeitos dos processos do sistema orgânico-sensório-motor em inter-relação com os processos sociais-culturais, tornam-se necessários à produção e à causação destes.

Nesse sentido, a abordagem multidimensional, proposta pela prática clínica da Biossíntese, converge com a possibilidade de lidar com a complexidade da *corporeidade/subjetividade* humana. Para tanto, faz-se necessário reconhecer a especificidade de cada plano organizacional e dos sistemas que constituem a subjetividade individual e social, e não estabelecer uma relação direta entre as camadas embrionárias e os processos psicológicos/comportamentais: endoderma-sentir, mesoderma-agir e ectoderma-pensar.

Nas intervenções descritas, as interpretações e pontuações realizadas e o manejo da relação terapêutica buscaram influenciar as produções subjetivas de Luiza, no que diz respeito ao funcionamento do sistema psíquico, no sentido de criar novos desdobramentos de afetos-sentidos fantasmáticos e imaginários. Para Luiza, esses novos desdobramentos de afetos-sentidos podem abrir novas formas de lidar com a dependência emocional do seu pai, do seu companheiro e com os conflitos existentes na sua vida profissional e financeira. Como podemos identificar em seu discurso, no momento em que a expressão emocional se amenizava e o terapeuta perguntou-lhe como estava se sentindo, Luiza colocou que estava percebendo o quanto se sentia rejeitada pelo pai, em virtude de ter recebido seu afeto mais pelo apoio financeiro, do que por formas mais diretas, tais como um colo e palavras de amor.

Paralelo às intervenções psicodinâmicas, e como uma técnica do *facing*, também foi sendo estabelecido um diálogo com Luiza de maneira a convocar os processos cognitivos do sistema mental da paciente para participar dos novos desdobramentos de afetos-sentidos. A possibilidade de tomar consciência dos processos subjetivos inconscientes e observar a

existência de facetas (egos) da sua personalidade, que estão fixadas em afetos-sentidos da sua infância e adolescência, está relacionada à participação do sistema mental nas configurações subjetivas/somáticas de Luiza. Para atuar nessa dimensão, o terapeuta realizou intervenções dialógicas, tais como: “tem uma Luiza que é uma menina que precisava muito do pai e que está aqui com você, precisando da sua atenção e do seu colo, Luiza”, “deixa a sua consciência acompanhar o que tá acontecendo com as suas sensações, suas emoções e com os seus pensamentos” (degravações, 4ª sessão).

Esse tipo de intervenção contribui para que a pessoa em terapia, aqui no caso, Luiza, estabeleça consigo mesma um diálogo no qual pode reconhecer a existência de uma parte infantil da sua personalidade. O engendramento desse modo de produção subjetiva permite desenvolver a capacidade do indivíduo-sujeito observar (auto-observação) seus afetos-sentidos da infância, participando das configurações subjetivas/somáticas dos conflitos intrasubjetivos e intersubjetivos do momento atual de sua vida. Um indicador desse tipo de mudança na subjetivação de Luiza pode ser identificado em seu discurso na sessão seguinte a essa intervenção. Nessa outra sessão, ao falar da dificuldade de conquistar uma independência financeira, em relação ao pai e ao companheiro, Luiza faz a seguinte colocação: “E aí eu vi, porque é o único meio que eu tenho mesmo, a minha fonte principal de renda [atuação como massoterapeuta], mas que anda tendo muitos entraves. E aí claro, agora eu consigo entender mais que tem muito a ver com a minha criança ferida” (degravação, 5º sessão).

Com essas diferentes intervenções realizadas nas múltiplas dimensões constituidoras das configurações somáticas/subjetivas de Luiza, deu-se início a um significativo processo de mudança em sua vida. A partir dessa sessão, pudemos observar que ocorreu uma primeira ressignificação da sua relação de dependência emocional-financeira com seu pai, conforme pode ser identificado em vários momentos do seu discurso nas sessões subsequentes. Vejamos uma dessas falas:

(...) E aí até na última sessão foi bem forte (...). Fiquei pensando nessas questões assim em relação ao meu pai. Disso, de certa forma eu chamar a atenção dele por essa parte financeira (...). É, na verdade, o que eu me dei conta era a minha carência em relação ao meu pai. De na infância eu não ter tido aquela presença mesmo do meu pai. (degravação, 5ª sessão)

Após a quarta sessão e com o início desse processo de mudança, o trabalho terapêutico se desenvolve tendo como pano de fundo os conflitos de Luiza com os “homens da sua vida”, mais especificamente, e principalmente, com seu pai e o seu atual companheiro. Essa questão vai emergindo, ao longo das sessões, e com ela a questão principal de todo o processo

terapêutico realizado: a (im)possibilidade de Luiza ocupar o seu lugar no mundo, a começar pelo seu próprio corpo e pela experiência de estar morando na casa do seu companheiro.

Na sétima sessão, foi trabalhada a insegurança de Luiza de dar conta da sua própria vida. Nesse trabalho, partimos das dificuldades financeiras atuais, relacionadas às dificuldades com o trabalho, para chegar na compreensão de que em sua infância faltou-lhe uma “família mais estruturada e segura” (degravação, 7ª sessão) para o seu amadurecimento emocional, resultado das intervenções psicodinâmicas (quinto campo da vida) no sistema psíquico-afetivo-relacional. As intervenções *psicorporais* a partir do *grounding* (vertical e invertido) e do *centring* (exercícios respiratórios, ora com ênfase na expiração, ora na inspiração) e, principalmente, da exploração do campo motor de oposição, conforme explicado anteriormente, atuaram no primeiro, segundo e quarto campos da vida (figura 23) e a partir da dimensão/sistema orgânico-sensório-motor. Essas intervenções permitiram que emergissem afetos-sentidos inconscientes reveladores de experiências emocionais aterrorizantes da pequena Luiza diante das violentas brigas dos seus pais, característica marcante da configuração de sua primeira família. Experiências, essas, impactantes, no sentido de engendrar afetos-sentidos em uma configuração somática/ subjetiva marcada pela percepção infantil de não ter o direito de existir no seio da relação entre seus pais, ou seja, no seio daquela família.

Essa sessão permitiu que na sessão seguinte (oitava) aparecessem os primeiros indícios de afetos-sentidos relacionados à falta que Luiza sentia de ter um lugar em sua família, para poder assumir o seu direito de existir e ocupar o seu lugar no mundo. A partir do trabalho psicodinâmico (*facing*), atuando no quinto campo da vida (figura 23) e no sistema psíquico, Luiza falou da dificuldade de estabelecer amizades e da dependência do seu companheiro para estar em um grupo de amigos e encontrar um lugar, associando isso à falta de ter tido uma família mais estruturada. E também da desconfiança de sua irmã mais velha, que, recentemente, tinha tentado pegar dinheiro em sua carteira, fato esse relacionado à sua dependência de drogas como crack. O relato dessa situação mais recente, levou-a a contar sobre a sua difícil história de conviver com os problemas da irmã no núcleo familiar, ao longo da sua infância, e da responsabilidade que assumiu de ajudar e cuidar dela na adolescência.

Na décima sessão, após ter voltado a lidar com a sua dependência emocional-infantil em relação ao seu pai na sessão anterior (nona), realizamos um trabalho *psicorporal* de enfrentamento entre Luiza e a sua dificuldade de ocupar um lugar na casa do seu companheiro. Com o trabalho psicodinâmico (*facing*), no quinto campo da vida, partimos da queixa de que seu companheiro está sempre trazendo amigos para dentro de casa, o que lhe

exigia mais trabalho com relação aos cuidados da casa, a necessidade de ter que oferecer mais atenção às pessoas e não poder estar apenas com ele e até mesmo sozinha. Com isso, foi proposto à Luiza um diálogo imaginário com seu companheiro a partir do *grounding* vertical (sem muito estresse da musculatura das pernas) e de exercícios respiratórios com ênfase na inspiração e contenção (*centring*) para criar carga emocional, no sentido dela poder ocupar o seu lugar diante dele. Trabalhando a partir do primeiro, segundo e quarto campos da vida (figura 23), correspondentes mais diretamente ao sistema orgânico-sensório-motor, buscamos alcançar o terceiro campo, justamente, aquele que representa os padrões de relacionamento.

Durante o diálogo imaginário, emergiu um choro desorganizador que lhe impediu de manter o diálogo com o seu companheiro de tal forma que pudesse expressar as suas necessidades, sustentando, emocionalmente, o seu lugar em si mesma, em sua corporeidade, e nessa relação. O padrão de estabelecer relacionamentos nos quais sente-se privada da nutrição afetiva (traços orais) e da possibilidade de ser e existir diante do outro (traços esquizoides) - isto é, afetos-sentidos das suas configurações subjetivas/somáticas no conflito com o companheiros -, emergiram na dinâmica proposta.

Com isso, passamos ao trabalho dialógico-comunicativo a partir da dimensão mental/espiritual para compreender como se dá a relação entre os dois, no sentido de elucidar o “contrato relacional”. Pudemos, então, entender que para o seu companheiro, eles não são casados, apesar de morarem juntos, e que são apenas companheiros, condição esta aceita por Luiza de maneira passiva. Contextualizado seu “contrato relacional”, exploramos com Luiza a possibilidade dela construir e estabelecer os limites possíveis e necessários para lidar com essas situações na relação com seu companheiro.

O caminho percorrido ao longo dessas sessões culminou num momento muito significativo para os processos de mudanças de Luiza. Na décima primeira sessão, lidando com as suas dificuldades financeiras e o desânimo com a sua vida profissional de massoterapeuta, chegamos em um ponto fundamental da suas configurações subjetivas/somáticas no conflito relacional com os homens: poder se expressar a partir de uma força emocional autêntica e legítima e, com isso, começar a sentir a possibilidade de ocupar um lugar no mundo. O trabalho *psicorporal* foi explorado a partir da sua experiência de lidar com o seu primeiro cliente como massoterapeuta autônoma. Com ele, assim como com outros clientes homens, Luiza teve que lidar com as “outras intenções” deles, com um “algo a mais” além de apenas receber seu tratamento como massoterapeuta, e com a sua percepção de que eles não pagariam o preço da sessão se fosse só pela massagem.

Diante desta questão, foi proposto uma intervenção *psicorporal*, inicialmente, a partir de uma interação corporal entre paciente e terapeuta, atuando nos primeiros cinco campos da vida (figura 23). Nessa interação, o terapeuta propôs que se colocassem um de frente para o outro, com os braços estendidos à frente e tocando as palmas das mãos e em *grounding* vertical suave (sem a intenção de estressar a musculatura das pernas), com o intuito de trabalhar os limites na relação com os homens. Com esse contato, e com as vibrações involuntárias que começaram muito rapidamente a ocorrer em suas pernas, Luiza foi “caindo” nas sensações somáticas/emocionais de peso nos braços e ombros, como se estivesse fazendo muita força, e de uma dor na musculatura dos quadríceps (membros inferiores e regiões das coxas), os quais a dificultou sustentar seu lugar, sua posição e presença diante de um homem, no caso seu terapeuta. Trabalhando psicodinamicamente (*facing*), no quinto campo da vida, exploramos os afetos-sentidos inconscientes que emergiam na interação, de maneira que Luiza pudesse tomar consciência de que a sua experiência, naquele instante, estava relacionada à sua dificuldade de colocar limites nas relações com os homens.

Durante a interação e as intervenções a partir do *grounding* e do *centring*, e ao perceber que a vivência estava sendo, emocionalmente, muito intensa para ela, o terapeuta sugeriu que buscasse fazer algum movimento com seu corpo de maneira a lhe ajudar a sair daquela configuração somática/subjetiva. Luiza, então, primeiramente, mobilizou suas pernas, flexionando-as e estendendo-as, ampliando sua respiração, o que a deixou um pouco ofegante, e seu olhar se mostrava um pouco assustado. Em seguida, seu olhar ficou levemente triste, e com um novo estímulo do terapeuta para que buscasse se mover, Luiza abaixou os braços, respirou mais profundamente e mobilizou os braços, ombros e o peito. Enquanto a observava, o terapeuta sentiu que a movimentação das pernas com mais vigor poderia ajudá-la, por esta razão, propôs à Luiza que experimentasse chutar para trás – um dos exercícios de bioenergética (LOWEN, LOWEN, 1985) e que podemos relacionar ao campo motor de extensão -, como se fosse um “coice” (movimento de defesa próprio dos animais quadrúpedes) e deixasse que a respiração se tornasse mais vigorosa na expiração e vocalizasse as sensações desse movimento. A paciente, então, experimentou esses movimentos, mas não expressou algum ganho de força emocional, ou seja, não houve o desencadeamento de afetos-sentidos que pudessem ajudá-la a lidar com a situação, não havendo mudança significativa das suas configurações somáticas/subjetivas.

Esponaneamente, surgiu um movimento de extensão dos braços para frente, análogo ao movimento feito com as pernas e parecido com um soco, o que indicava uma intencionalidade corpórea e a possibilidade de novas configurações somáticas/subjetivas. O

terapeuta, então, mimetizou o seu movimento e estimulou que repetisse. Com isso, a paciente disse: “Isso foi bom” (degravação, 11ª sessão), enquanto uma expressão de prazer e satisfação emergia em seu rosto, o que indicava o desencadeamento de novos afetos-sentidos. Em seguida, o terapeuta colocou o colchão do “divã” em pé, diante de Luiza, e sugeriu que ela continuasse expressando aqueles movimentos de “soco”, batendo no colchão, enquanto ele segurava-o. Ela continuou e expressou mais uma vez a sua satisfação com aqueles movimentos. Nesse momento, estávamos aqui explorando os campos motores de oposição e extensão (BOADELLA, 1993, 2006a) na relação com o terapeuta, mediado por um colchão. A intenção era auxiliar Luiza a entrar em contato com sua agressividade, a partir de condições ambientais favoráveis à expressão de emoções que pudessem movê-la para frente (LOWEN, 1977), de forma a lidar com situações em que precisasse colocar limites na relação com os homens.

O interessante é que ao responder como estava se sentindo, Luiza disse que estava batendo em sua fraqueza e que tinha se sentido forte, ou seja, afetos-sentidos que indicavam uma raiva da sua condição emocional e um resgate da sua força emocional. No trabalho psicodinâmico (quinto campo da vida) que acompanhava essas intervenções *psicorporais*, ao ouvir a interpretação do terapeuta de que sua raiva estava relacionada à situação vivida com o seu cliente homem, Luiza confirmou que sim e permitiu-se expressá-la dando alguns socos no colchão, no primeiro momento, mas depois se conteve dizendo que não poderia bater nele que era seu cliente. Logo em seguida, surgiu um movimento (intencionalidade corpórea) a partir dos seus quadris e braços, o qual acompanhava a sua fala de que precisava encontrar um outro modo de lidar com a situação. O terapeuta mimetizou o movimento e estimulou que ela repetisse. Repetiu algumas vezes, mas depois parou e disse: “Eu não consigo ver [encontrar outra maneira] de forma corporal” (degravação, 11ª sessão).

O Terapeuta, então, segurou sua mão, fez um movimento de puxá-la e perguntou: “vai deixar?”. Luiza começou a rir e disse, com uma voz mais infantilizada e em um tom de brincadeira, que dependia, e então perguntou: “é para deixar?”. Enquanto mantinha uma intenção na postura, nos gestos e na voz de quem estava levando a sério, o terapeuta parou de puxá-la, manteve-se segurando sua mão e sugeriu que ela respirasse mais profundamente e observasse o que estava acontecendo. Luiza, fechou os olhos, respirou fundo e depois de alguns segundos disse, num tom de voz mais grave e sério: “Eu acho que, talvez, eu tenha que mudar a minha postura, ser menos simpática e delicada e ser mais firme [com o cliente homem]”.

Essa fala no discurso de Luiza aponta para o desencadeamento de afetos-sentidos que podem levá-la a novas configurações somáticas/subjetivas no seu conflito com seu companheiro. Por essa razão, devemos considerar esse momento como o mais significativo dessa sessão, e talvez do processo terapêutico como um todo, se levarmos em consideração o seu processo de mudança para poder começar a sentir-se no direito de ocupar o seu próprio corpo, um lugar na relação e na casa do seu companheiro, e seu lugar no mundo, enquanto uma profissional, podendo assim vir a conquistar sua autonomia financeira. A relevância dessa sessão como um todo, e desse momento em particular, é confirmada pelo depoimento de Luiza na sessão seguinte.

Nessa outra sessão (a décima segunda), Luiza apresenta um discurso que aponta para a tomada de consciência da sua história com a sua família nuclear (mãe, pai e irmã mais velha) e um reposicionamento também mais consciente. Ela disse que nos últimos meses, com tudo que tem vivido na terapia, pôde se acertar melhor com seu namorado no que diz respeito à convivência dos dois na casa dele, de tal forma que está se sentindo melhor na relação e na casa. Com isso, está podendo assumir a necessidade de se manter mais afastada da sua família, tanto dos contatos presenciais com sua mãe quanto da casa do seu pai, onde tem seu quarto compartilhado com sua irmã, para poder continuar trabalhando o seu autoconhecimento e ter condições de lidar melhor com eles.

Ao falar sobre sua necessidade de um afastamento da família para conquistar mais força emocional e o seu lugar, Luiza lembrou que tem estado mais atenta às tensões em seu corpo e podendo trabalhar com elas, buscando respirar, soltar e sentir-se mais em seu corpo, ocupando seu lugar no próprio corpo, e lidando melhor com as situações do dia a dia. Em suas próprias palavras: “Então, assim tá fluindo bem melhor, bem melhor mesmo. E eu nunca pensei que esse simples fato de eu me sentir dentro do meu corpo ia me ajudar a ter uma reação melhor diante do externo, uma coisa impressionante, e tá me fazendo muito bem” (degravação, 12ª sessão). E sobre a sua compreensão acerca da questão principal trabalhada ao longo dessas dozes sessões, Luiza faz a seguinte colocação: “É porque eu não tinha consciência, na verdade, que eu nunca tinha me sentido em casa, que eu tinha esses conflitos; eu queria pegar o meu mochilão e ia embora; mas eu não tinha ainda percebido que, na verdade, isso era a falta de base mesmo. De ter um lugar no mundo” (degravação, 12ª sessão).

As duas falas revelam o início do seu processo de mudança relacionado a poder caminhar para ocupar seu lugar no mundo a partir das questões trabalhadas na sua relação com os “homens da sua vida”, principalmente seu pai e seu companheiro. Não por acaso, o aspecto principal trabalhado na sessão anterior, justamente relacionado à necessidade de

construir e estabelecer os limites na relação com os homens, desencadeou o início dos processos de mudanças de Luiza. Em seu processo terapêutico, devemos compreender o conflito inconsciente presente nessas duas questões. A possibilidade de ocupar seu lugar na relação com seu companheiro está atrelada à dissolução de uma relação de dependência emocional-simbiótica (traços orais e depressivos) com ele mesmo, mas que é uma repetição da forma originária da relação com sua mãe. A medida que superar essa forma de dependência-simbiótica, com a conquista da sua autonomia emocional, muito relacionada ao seu crescimento profissional e financeiro no mundo (sociedade), Luiza poderá cada vez mais sentir que tem o direito de existir na relação e na casa do seu companheiro.

A análise das intervenções realizadas a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana nesta seção, permite evidenciar a especificidade teórico-conceitual das diferentes dimensões constituidoras do indivíduo-sujeito (orgânica-sensório-motora, psíquica e mental) e o modo específico de abordá-las no processo terapêutico, considerando a complexa relação entre elas. E conforme foi demonstrado ao longo dessa seção, explorando os métodos clínicos (*grounding*, *centring* e *facing*) a partir das três zonas de conexão (conexão, contato e contexto) dos campos da vida, propostos pela Biossíntese (figura 23), torna-se possível a realização de uma abordagem psicoterápica multidimensional. Com isso, podemos caminhar em direção à fundamentação de uma visão e de uma prática complexa da psicoterapia corporal ou mesmo da psicoterapia no seu sentido geral.

#### **12.4 O processo relacional entre o pesquisador/terapeuta e a participante da pesquisa**

Uma reflexão acerca do processo relacional entre o pesquisador/terapeuta e a participante da pesquisa traz, necessariamente, toda a complexidade das articulações-chaves objeto/sujeito, natureza/cultura e *physis/sociedade* (MORIN, 1997). Dentre essas articulações-chaves, apenas a problemática da relação objeto/sujeito não esteve em discussão na presente pesquisa, as duas outras foram abordadas para a elaboração da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Mesmo sem adentrar à complexidade da referida problemática<sup>84</sup>, podemos afirmar que o processo relacional se deu, ao mesmo tempo, entre dois sujeitos/sistemas e dois objetos/sistemas.

Por um lado, o pesquisador/terapeuta foi o sujeitoceptor/organizador das ideias propostas na tese e observador do processo terapêutico e objeto das suas auto-observações,

---

<sup>84</sup> Na epistemologia complexa, sujeito e objeto são concebidos numa visão sistêmica de tal maneira que é necessário considerar a transação sujeito/objeto e as condições de sistema observante e o sistema observado. A fundamentação desta perspectiva pode ser encontrada em Morin (1997, p. 132-138).



tanto na elaboração das ideias quanto na relação terapêutica. Por outro lado, a participante da pesquisa foi o sujeito que se integrou à pesquisa e o sujeito dos seus processos de mudanças, e foi também objeto das suas auto-observações e objeto da pesquisa empírica. No entrecruzamento desses diferentes e múltiplos lugares na relação terapêutica, foi produzido pelo pesquisador/terapeuta um conhecimento resultante do encontro de duas *corporeidades/subjetividades* humanas, com tudo (todo-partes) aquilo que cada uma delas é constituída. Partindo dessa visão epistemológica que compreende o conhecimento acerca do humano como um processo construtivo-interpretativo entre dois sujeitos/objetos sistêmicos, passaremos a explicitar a compreensão do pesquisador/terapeuta de como se deu a relação terapêutica entre ele, Renato, e a participante da pesquisa, Luiza.

A característica mais marcante e mais significativa dessa relação foi a singularidade do encontro de duas pessoas no momento atual de suas vidas e no aqui e agora de cada sessão vivida e realizada (PONCIANO, 2019). Por um lado, eu, Renato, como pesquisador/terapeuta estava podendo encontrar nessa relação com Luiza, a partir da sua confiança em compartilhar sua vida, a oportunidade de sentir e pensar acerca de algumas das suas questões existenciais, conflitos, sofrimentos e também alegrias vividas na sua vida e com as melhoras alcançadas na terapia. Por outro lado, Luiza estava podendo receber uma escuta, um olhar, um contato e uma presença atenciosa e cuidadosa para falar do seu sofrimento e das questões que estava passando em sua vida.

Nesses encontros, compartilhávamos, direta e indiretamente, um tanto das nossas vidas. Luiza, como paciente, com toda sua história de vida, buscando o autoconhecimento para as transformações desejadas. E eu, como pesquisador/terapeuta, também com toda minha história de vida, buscando compreender a *corporeidade/subjetividade* humana, desenvolver a prática psicoterápica e também o meu autoconhecimento. Nessas trocas, não só Luiza compartilhava sua história, mas eu também partilhei algumas passagens da minha vida, quando ela me perguntava e se mostrava procurando referências para construir sua própria vida, como foi o caso em relação aos desafios profissionais e financeiros que estava enfrentando.

A singularidade da relação terapêutica era também marcada pelas características da corporeidade/subjetividade de cada um e a forma com a qual cada um se colocava na relação terapêutica, como mencionamos anteriormente. No que concerne às configurações caracterológicas (somáticas/subjetivas) de Luiza, elas também participaram da nossa relação terapêutica. Nessa dimensão do processo psicoterápico, os diferentes traços de caráter se apresentaram como elementos transferenciais.

Com relação aos traços orais e depressivos (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977,1985), em vários e diferentes momentos da relação terapêutica, Luiza demandou o meu “colo materno”, pedindo o apoio emocional para lidar com o sentimento de tristeza e a sensação de vazio advindos da perda gestacional. E acompanhando estes sentimentos, os pensamentos verbalizados de que não conseguiria voltar a trabalhar e conquistar seu dinheiro para pagar as contas mensais. Essa forma de se relacionar comigo se apresentou de modo muito explícito quando estávamos concluindo a quinta sessão e depois de ter dado mais um passo para compreender os afetos-sentidos ocultos da dependência financeira do pai: “Eu acho que você é a única pessoa que não me acha uma dramática, chorona” (degravação, 5ª sessão).

Em outros momentos, ela buscava minha presença paterna ao falar das suas inseguranças com a vida financeira e os conflitos com a sua profissão. Procurava um apoio para lidar com as marcas da relação simbiótica com sua mãe na infância em suas configurações subjetivas/somáticas, que lhe colocava numa condição de dependência emocional infantil, projetada na relação atual com o pai e com o companheiro, por meio da dependência financeira. Tal aspecto transferencial apareceu em uma das suas repetidas falas sobre a experiência de ter que lidar com o cancelamento de algumas sessões de massoterapia: “eu estou ainda com uma certa ansiedade, preocupação de se eu realmente vou dar conta disso [da organização da vida financeira]” (degravação, 7ª sessão).

A presença dos traços masoquistas de Luiza, em nossa relação terapêutica, se dava muito pelas queixas constantes das dificuldades de manter sua “cartela de clientes” e de conseguir o dinheiro necessário para pagar suas dívidas e acertar suas contas mensais. Esse queixume estava relacionado à manipulação inconsciente, por meio da projeção da sua culpa no outro (terapeuta), no sentido de fazê-lo se sentir incapaz de ajudá-la, puxando-o para o mesmo lamaçal em que se encontrava, quando se sentia presa em seus afetos-sentidos masoquistas (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977, 1985).

A respeito dos seus traços histéricos (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977, 1985), conforme mencionamos anteriormente, a posição de submissão diante de um homem compareceu, transferencialmente, em nossa relação terapêutica. E esse elemento deve ser levado em conta para formularmos as hipóteses que possam lançar luzes acerca da escolha de Luiza por não continuar a terapia.

Antes de apresentarmos alguma hipótese, faz-se necessário expor algumas características da corporeidade/subjetividade e da experiência vivida pelo pesquisador/terapeuta na relação terapêutica. Tomando como base os meus processos de

autoconhecimento, a partir de terapia individual e de grupo, no contexto das abordagens de psicoterapia corporal nos últimos vinte anos, posso destacar, pontualmente, as características das minhas configurações caracterológicas na atualidade. Os traços que mais se destacam em um primeiro plano, ou em termos de prevalecer em diferentes contextos ambientais, são aqueles relacionados às estruturas/organizações rígidas, uma combinação de componentes fálico-narcisista e passivo-feminino ou o que pode ser denominado de mesclado. Passando para um segundo plano, destacam-se traços orais e depressivos. No terceiro plano, as dinâmicas psicopática e masoquista. E no plano mais subjacente, traços esquizoides (BOADELLA, 1974; LOWEN, 1977, 1985; JOHNSON, 1994).

Ao fazer uma análise e reflexão acerca da minha forma de se relacionar (contratransferencialmente) com Luiza, no que diz respeito às minhas configurações caracterológicas, identifiquei a atuação da rigidez (BOADELLA, 1974; JOHNSON, 1994; LOWEN, 1977, 1985), no sentido das dificuldades de estabelecer uma maior intimidade na relação terapêutica, em função da dinâmica fálico-narcisista de frente e a dinâmica passivo-feminina de fundo. Conjuntamente a esses traços, é necessário levar em consideração também a influência dos meus traços orais em nossa relação e no processo terapêutico, de tal forma que, em alguns momentos, sentia-me inseguro no papel de terapeuta. A última sessão realizada (a décima terceira) traz aspectos que apontam para essa questão.

Nessa sessão, estava lidando com a minha percepção da resistência e da dificuldade de Luiza estar mais envolvida e interessada na terapia, pois apesar das boas sessões realizadas, no sentido de ter contribuído para os processos de mudança, ela continuava se ausentando de algumas sessões. E do meu lado, estava buscando lidar com os meus traços orais que mobilizavam o meu receio de Luiza não querer continuar a terapia e ter esse processo terapêutico interrompido, o que poderia ser prejudicial para a pesquisa. Além disso, também estava lidando com os meus traços rígidos, os quais dificultavam a minha própria disponibilidade para essa maior intimidade e o reconhecimento do seu lugar na nossa relação, bem como com os traços rígidos (histéricos) da própria Luiza, que criavam resistências para o seu envolvimento. Observando esses aspectos da relação terapêutica, busquei trabalhar, nessa sessão, a possibilidade de criarmos mais intimidade para que Luiza pudesse se abrir mais e confiasse mais, podendo, então, sentir que havia um lugar para ela na relação, já que esta era a principal questão de todo o processo vivido até aquele momento.

Nessa sessão, estávamos trabalhando com a sua sensibilidade emocional, o “estar a flor da pele”, por causa da tensão pré-menstrual que estava vivendo aqueles dias, juntamente com a sua “baixa energética”, que lhe impedia de trabalhar e dar conta da sua vida

profissional e financeira. Com as intervenções realizadas, Luiza entrou em contato com emoções profundas relacionadas ao seu sofrimento de se achar fraca e não dar conta da sua vida. No final desse processo emocional mais intenso, após algumas intervenções terem lhe auxiliado a ser mais acolhedora consigo mesma em relação às suas fraquezas, perguntei-lhe se achava que a terapia poderia continuar ajudando-lhe a compreender melhor essa parte de sua personalidade que sente-se fraca. Ela, então, disse que sim e que já estava ajudando-lhe bastante. E com o desenvolvimento dessas intervenções e desse diálogo, também falou da sua dificuldade de se abrir e se colocar na terapia.

Uma das suas últimas falas, quando estávamos fechando a sessão, foi a seguinte: “Hoje foi bom, hein?” (degravação, 13ª sessão). Após esse dia, não nos encontramos mais, presencialmente. Na semana seguinte, Luiza não foi à sessão porque estava se sentindo com uma virose (febre, tosse, dor no corpo) e com a necessidade de ficar em casa, em virtude do período menstrual. Na semana subsequente, a universidade suspendeu as atividades presenciais do CAEP em decorrência da pandemia do covid-19, de maneira que não pudemos marcar a sessão. E quando disponibilizei à Luiza a continuação por sessões *on-line*, ela disse que não se sentia muito à vontade de lidar com ela mesma por meio do vídeo e, depois das dificuldades para marcarmos uma primeira sessão, ela pediu uma pausa para a terapia. Passando-se quatro meses, voltei a fazer contato com ela para saber se gostaria de retomar a terapia, ela, então, preferiu não continuar.

Olhando para todo o processo terapêutico de Luiza e para a questão principal de não se sentir tendo e podendo ocupar um lugar em suas famílias de origem, bem como na família e na casa do seu atual companheiro, podemos lançar a hipótese de que também não foi possível para ela ocupar um lugar na terapia e na nossa relação. Dentre os fatores transferenciais e contratransferenciais que incidiram para essa impossibilidade, estava a dificuldade de sair do lugar de submissão, um aspecto relacionado aos seus traços histéricos, correlacionados com os meus traços compulsivos, que me levaram a solicitar de Luiza, em duas ocasiões, alguma contribuição financeira para o CAEP, já que desde o início ela colocou que não estava podendo dar nenhuma contribuição. Solicitação que era feita como uma estratégia terapêutica para estimular o seu desenvolvimento profissional e financeiro e poder, então, sair da sua dependência financeira-emocional (traços orais) com o seu companheiro e o seu pai. No entanto, essas solicitações, talvez precoces, foram insensíveis à necessidade de Luiza se sentir mais acolhida na sua necessidade de dependência emocional e submissão amorosa comigo, para, então, encontrar mais sustentação afetiva e intimidade amorosa e poder construir sua autonomia com o seu crescimento profissional e financeiro.

Para além desses impedimentos transferenciais-contratransferenciais, podemos também considerar que Luiza não deu continuidade porque não estava sentido mais a necessidade de continuar a terapia nesse momento da sua vida. Conforme depoimento marcante na décima segunda sessão, citado anteriormente, Luiza estava se sentindo bem melhor com as conquistas alcançadas a partir do seu processo terapêutico. E nos últimos contatos, por meio de *whatsapp*, ela afirmou que “foi muito bom fazer a terapia”, além de dizer que continuava fazendo “vários exercícios [corporais] importantes” que aprendeu na terapia. Com isso, podemos compreender que Luiza alcançou algumas das mudanças que tinha vindo buscar na terapia nesse momento de sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Por um manifesto à corporeidade/subjetividade humana

O corpo é um epítome do mundo. Ele encobre e contém dentro de sua estrutura o mundo inteiro, particularmente a Terra (sendo a Terra, ela mesma, um epítome do mundo), em uma escala de miniatura: o *mikros* reproduzindo todas as feições e caracteres do *makros*.  
Nolini Kanta Gupta (1889-1983)

O corpo Não é Body-expiratório da Alma.  
Bené Fonteles

Conforme abordamos no primeiro capítulo desta tese, a instituição da psicologia como ciência moderna foi marcada pelo grande paradigma do Ocidente e seus desdobramentos a partir do paradigma da ciência clássica (FUKS, 1995; GONZÁLEZ REY, 2003; MORIN, 1992; NEUBERN, 2004). A característica fundamental do saber moderno é a construção do conhecimento a partir de uma lógica da disjunção, a começar pela separação entre sujeito e objeto, a partir da qual se estabeleceram as demais, dentre elas, cabe-nos destacar, a cisão entre corpo e alma. Tal dicotomia esteve presente no advento da psicologia, como um saber moderno, e tem seus reflexos até nos dias atuais, quando adentramos a segunda década do século XXI.

Pesquisas de revisão sistematizada em base de dados relacionados ao campo de conhecimento da psicologia (FREITAS et. al., 2015; SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2008) tem apontado para essa perspectiva dicotômica entre corpo e mente, desencadeada pelo dualismo cartesiano, um dos pressupostos do saber moderno, tanto na filosofia quanto na ciência. Nesta última, a tendência predominante que atravessou o século XX e chega com força nas primeiras décadas deste século é de um reducionismo biológico, buscando explicar a mente, exclusivamente, a partir de processos biológicos, como propõem as neurociências (BRZOZOWSKI; CAPONI, 2012; MORIN, 1996a; STEVEN ROSE, 1997, 2006).

É interessante e relevante apontar para a multiplicidade de abordagens acerca da problemática corpo-mente evidenciadas pelos referidos estudos (FREITAS et. al., 2015; SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2008), dentre as quais se destacam as perspectivas psicanalíticas e as filosóficas fundamentadas, sobretudo, na fenomenologia existencial de Merleau-Ponty. O termo e a noção de corporeidade aparecem nesses estudos vinculados, principalmente, a essa abordagem filosófica. E no que concerne aos enfoques psicanalíticos, encontramos apenas uma breve menção às ideias de Wilhelm Reich. O mais importante com relação a essas investigações é o fato de que tem havido um crescimento do número de

pesquisas relacionadas a essa temática na psicologia brasileira, nas últimas décadas, apesar da fragilidade da fundamentação teórico-epistemológica apresentada nos artigos publicados.

Não obstante esse aspecto positivo, como assim entendemos, uma investigação recente (FREITAS; ARENHART; ABUHAMAD, 2018) com psicólogos brasileiros, relativa à questão do corpo e da corporeidade na prática profissional indica que o corpo é compreendido, predominantemente, de forma dicotômica em relação à mente, como mera expressão do psiquismo e sem historicidade. Conforme sugere o título desta pesquisa, o corpo é deixado em casa quando o psicólogo sai para exercer o seu ofício na clínica e também em outros contextos de trabalho. A importância dessa pesquisa está na sua representatividade para o que compreendemos ser uma situação geral da prática psicológica na clínica, como também em outras áreas de atuação do psicólogo.

A exclusão do corpo ou da corporeidade do indivíduo-sujeito humano na prática psicológica se deu já na origem da psicologia clínica, com a criação da psicanálise por Sigmund Freud. Defrontando-se com a histeria, enquanto fenômeno patológico tão comum na Europa na segunda metade do século XIX e que se manifestava, fortemente e justamente, na corporeidade dos indivíduos-sujeitos, Freud (1996i, 1996j) reconhece o corpo como aspecto capital para a compreensão de tal fenômeno em sua indissociabilidade com o psiquismo, colocando a sexualidade como o fundamento angular dessa relação.

Ao longo da sua construção teórica, Freud parte de uma concepção que reconhece a relevância do corpo orgânico em sua complexa articulação com o psíquico, para em seguida alcançar uma perspectiva para além do biológico (FREUD, 1996a, 1996c, 1996f, 1996i, 1996l, 1996m). Nela, a determinação do psiquismo inconsciente ganha maior relevância, balizando a elaboração de uma noção de corpo representado, sexual/erógeno e, finalmente, pulsional (BIRMAN, 1991, 1998; CUKIERT, 2000), estabelecendo, assim, o primado do psiquismo (RODRIGUES, 2008).

Essa concepção teórica, construída por Freud e os pós-freudianos, não permite alcançar uma perspectiva teórica que reconheça a complexidade organizacional/sistêmica do *continuum* entre o biológico e o psíquico, ainda que se mantenha como pressuposto paradigmático a relação indissociável entre a natureza e o humano. Conseqüentemente, a psicanálise freudiana, e a maior parte dos seus desdobramentos realizados por diferentes seguidores de Freud, tende a uma visão reducionista que elege o psiquismo inconsciente, de ordem imaginária-simbólica, como causa primária e exclusiva dos fenômenos psicológicos.

A supremacia do psiquismo na psicanálise leva ao esquecimento do corpo-organismo na experiência do sujeito e também nas construções teóricas empreendidas ao longo da sua

história. Tal esquecimento está relacionado à escolha de Freud de não assumir o desafio investigativo de buscar compreender as bases biológicas da libido e pelo fato do movimento psicanalítico desconsiderar, nos anos de 1930, as ideias de psicanalistas que defendiam uma visão mais corporal para a psicanálise, dentre eles Wilhelm Reich (RODRIGUES, 2008). Como mencionamos no capítulo 9, é a partir de suas ideias que irá se desenvolver toda a tradição das psicoterapias corporais e de abordagens terapêuticas psicorporais que assumem a corporeidade como tema teórico, prático e ético. No entanto, a sua inserção no contexto da psicologia clínica no Brasil foi, e ainda é, muito discreta, apesar de uma produção acadêmica já existente (ALBERTINI, 2011; MATTHIESEN, 2012).

Se Freud tende a uma supremacia do psiquismo, Reich (1995, 2003) tende, na fase final do seu trabalho investigativo, para uma predominância do biológico. Em sua trajetória, Reich parte dos pressupostos teóricos da psicanálise freudiana para chegar a uma compreensão energética-biológica do psiquismo, estabelecendo no primeiro o *status* causal. A radicalidade de sua concepção o leva a afirmar que o domínio do funcionamento biológico é preponderante e determinante sobre o psíquico, adotando uma visão reducionista numa perspectiva biológico/energética.

Malgrado essa tendência a uma visão simplificadora presente no pensamento reichiano, suas ideias foram, e ainda são, fundamentais no sentido de contribuir para uma visão complexa acerca da corporeidade e da subjetividade humana. A noção de uma unidade antítese funcional soma-psique em Reich (1984), guarda o princípio dialético que contribuiu para a noção de dialógico no pensamento complexo. Por esta razão, pudemos relacionar, no capítulo 10, essa noção de Reich à ideia de unidade complexa organizada de Morin (1997). Além disso, é necessário reconhecer a radicalidade da sua proposta prática ao assumir a intervenção corporal como método e técnica psicoterápica, pois nem a psicanálise, nem as psicologias humanistas, fenomenológicas, cognitivo-comportamental assim o fizeram. Excetuando-se a gestalt-terapia de Frederick Perls (ALVIM, 2011; HELOU, 2003; KEPNER, 2000; RIBEIRO, 2012) e o psicodrama de Jacob Moreno (GIRO et. al., 2015), que reconhecem, em alguma medida, o lugar da corporeidade na intervenção clínica.

Para uma compreensão mais profunda sobre as limitações do pensamento de Freud, faz-se necessário considerar a hipótese de Plastino (2001a), a qual estendemos também para as limitações das ideias de Reich (1995, 2003). De acordo com este autor, enfrentando os pressupostos do paradigma moderno, Freud elaborou o conceito de pulsão para tentar superar os modelos pautados na disjunção ou na redução, isto é, que separam o corpo do psiquismo ou reduzem o psiquismo ao corpo (biológico), vigentes em sua época. No entanto, não havia um



outro paradigma que lhe permitisse enfrentar essa problemática a partir de uma visão mais complexa. Por esta razão, o autor afirma que sua proposta deve ser compreendida a partir do paradigma da complexidade, no qual o psiquismo não pode ser pensado subtraindo dele o corpo (biológico), nem o integrando completamente nele. No caso de Reich, a falta de uma visão complexa acerca do *bios*, impede-lhe de compreender as qualidades dos processos energéticos, enquanto níveis sistêmicos que emergem do organismo biológico, e o leva a uma perspectiva reducionista, ainda que devemos diferenciá-la do reducionismo biológico positivista.

Compartilhando dessa mesma compreensão, e no intuito de encontrarmos um caminho teórico-conceitual respaldado por uma base epistemológica e ontológica que reconhecesse a complexidade como uma característica da tessitura do real, isto é, que estivesse alicerçado no paradigma da complexidade, elaboramos a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana. Uma concepção que vem ao encontro das reflexões de Plastino (2001a), possibilitando caminhar na direção de ultrapassar as limitações das perspectivas freudianas e reichianas e, principalmente, abrir um caminho de integração de outras perspectivas acerca da subjetividade, superando não só a dicotomia corpo-alma, como também afeto-cognição, inconsciente-consciente, indivíduo-sociedade, histórico-atual e universal-singular.

Como destacamos na introdução desta tese e com a discussão empreendida na segunda parte, apesar das fragilidades epistemológicas e teóricas da Biossíntese, o que animou David Boadella a criar essa abordagem de psicoterapia foi, e ainda é, o espírito da complexidade. Ao longo de todo o seu trabalho de sistematização das ideias para fundamentar a Biossíntese, pode ser observado o esforço de articular diferentes perspectivas teórico-clínicas. Por esta razão, a Biossíntese foi a ponte para aproximarmos a concepção elaborada nesta tese da psicologia clínica e poder fazer desta pesquisa uma espécie de manifesto à *corporeidade/subjetividade* humana, para esse campo do conhecimento humano.

Para explicitar ainda mais a relevância e a legitimidade dessa concepção - a partir dos seus dois conceitos: corporeidade/subjetividade do indivíduo e subjetividade social - para a Biossíntese e para a psicologia clínica, devemos novamente buscar inspiração no pensamento complexo. Assim como Morin (2002) entende ter elaborado, em sua obra "O método", operadores cognitivos para abordar a complexidade da realidade fenomênica, também consideramos esses dois conceitos como operadores cognitivos para abordar a complexidade da subjetividade humana. É necessário esclarecer que esses dois instrumentos de conhecimento não foram propriamente criados nesta tese, mas elaborados e desenvolvidos a

partir do reagrupamento das ideias-chaves elaboradas por Morin em sua teoria da organização e da utilização dos princípios epistemológicos, apresentados na obra “O método”.

Com esses operadores cognitivos, buscamos evidenciar o *continuum* da subjetividade humana, desde a sua configuração celular e orgânica até a emergência da consciência no indivíduo-sujeito humano, a qual só pode ocorrer mediante a retroação de uma subjetividade social engendrada pela cultura. Buscando compreender e acompanhar o *continuum* ontogenético, como uma (re)produção (produzir de novo e o novo) da filogênese, destacamos a inter-relação entre os sistemas orgânico, psíquico e mental da corporeidade/subjetividade do indivíduo e, a partir das interações destes, em um outro nível de emergência, o sistema da subjetividade social. Cabe lembrar que esse *continuum* não é um movimento linear, mas, sim, um movimento circular em espiral, de tal forma que a cada fecho do círculo (anel) recomeça-se uma nova constituição ou uma reconstituição dos elementos num novo nível de emergência.

O esforço empreendido para forjar essas ferramentas cognitivas foi guiado pelo objetivo principal de propor uma fundamentação teórico-conceitual para proposta teórico-clínica da Biossíntese, no sentido de sistematizar uma prática clínica que abarcasse as diferentes dimensões do humano. Nesse sentido, acreditamos que a categoria configuração caracterológica, desenvolvida a partir do diálogo entre a concepção de *corporeidade/subjetividade* humana e a ideia de mapas do caráter de Boadella e Smith (1986), foi mais um operador cognitivo elaborado nesta tese para cumprir com o referido objetivo.

Os resultados obtidos com o estudo do caso clínico, apresentado na terceira parte deste trabalho, apontam para as contribuições dessa categoria (ferramenta intelectual) visando a sistematização teórico-conceitual dos níveis de intervenção dos métodos clínicos da Biossíntese, assumindo, assim, uma abordagem clínica multidimensional ou uma complexa forma de realizar a prática clínica. Não podemos deixar de reconhecer que poderiam ter sido mais explorados os desdobramentos teórico-conceituais das ideias de sistema mental, identidade humana poliforma e subjetividade social. No que concerne a esta última ideia, precisaríamos ter tido a chance de conhecer mais as configurações subjetivas sociais da família de Luiza, o que foi impedido pela interrupção da pesquisa.

Não obstante a necessidade de explorar ainda mais os desdobramentos teórico-conceituais das ideias propostas neste trabalho em um diálogo com a Biossíntese, podemos destacar a relevância e a legitimidade da concepção em questão. Conforme o diálogo desenvolvido no capítulo 10, os conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo e de subjetividade social, bem como a categoria configuração caracterológica permitem

sistematizar a morfologia dinâmica embriológica funcional em dois planos organizacionais distintos e, ao mesmo tempo, inter-relacionados: do organismo/*soma* e do subjetivo/psíquico. Tal sistematização teórico-conceitual é uma contribuição fundamental para a Biossíntese.

E no que diz respeito à legitimidade desses conceitos, eles também permitem sistematizar os diálogos da Biossíntese com áreas do conhecimento como as neurociências, as ciências cognitivas, a psicanálise e as ciências antropossociais. Reconhecendo a especificidade dos objetos de estudos de cada uma delas, pode-se dialogar com tais conceitos a partir dos três sistemas da corporeidade/subjetividade do indivíduo e do conceito de subjetividade social, definindo mais rigorosamente as três dimensões (ação, afetos/sentimentos e cognição) assumidas pela Biossíntese e articulando algumas de suas ideias de cunho sociocultural com as ciências antropossociais.

Passando às reflexões acerca da relevância e legitimidade da concepção aqui proposta para a psicologia clínica e até para a psicologia geral, precisamos nos ater às questões epistemológicas e à prática clínica em seus métodos e técnicas de intervenção. Considerando a hipótese apresentada no capítulo 1, a de que o grande paradigma do Ocidente determinou a dispersão do campo de conhecimento da psicologia, talvez possamos sonhar com um projeto de pesquisa no qual os operadores cognitivos, aqui desenvolvidos, possam ser utilizados para pensar um caminho de integração desse campo de conhecimento, buscando articular a sua diversidade teórico-epistemológica e técnica numa unidade epistemológica. O primeiro pequeno passo dado nessa direção foi realizado no artigo intitulado “Corporeidade/subjetividade humana e psicologia clínica: tecendo fios teórico-epistemológicos para bordar um complexo objeto de estudo” (JOÃO; RIBEIRO, 2019b).

Sabemos, em linhas gerais, do tamanho e da complexidade do desafio aqui anunciado, como bem elucida Figueiredo (1991) em sua análise dos projetos de unificação da psicologia. No entanto, tal tarefa não é para um pesquisador e nem para uma geração de pesquisadores, mas sim para grupos de pesquisadores ao longo de gerações. Além das tentativas mencionadas por Figueiredo (1991) e citadas no primeiro capítulo desta tese, encontramos importantes reflexões de outros autores que apontam para articulações de perspectivas teórico-epistemológicas diferentes (NORCROSS; GOLDFRIED, 2019; PAGÈS, 1993; SUNDFELD, 2000; VIEIRA; VANDENBERGHE, 2011, 2017) e para um caminho de unificação da psicologia (SILVA, 2016).

Com relação à questão da relevância e legitimidade da concepção de *corporeidade/subjetividade* para pensar a prática clínica, devemos focar não só na dicotomia corpo-alma, mas também nas demais que resultaram as disjunções estabelecidas na

construção do campo de conhecimento da psicologia moderna. Conforme buscamos evidenciar teoricamente, não é possível pensar a complexidade da subjetividade humana sem considerar a relação indissociável, genésica e generativa entre o individual e o social. É na inter-relação entre esses dois níveis que emergem as qualidades subjetivas propriamente humanas: a alma (no sentido que atribuímos neste trabalho), o pensamento, a linguagem e a consciência.

E do ponto de vista da prática clínica, o reconhecimento e as formas de lidar com a singularidade do indivíduo-sujeito, em sua corporeidade/subjetividade, só podem acontecer mediante a compreensão das características marcantes da subjetividade social na qual esteve imerso ao longo da sua história de vida. O que também permite considerar a complexa relação entre as regularidades (*patterns* – universais) e as singularidades, tanto na hereditariedade biológica (*genos*), na individualidade fenomênica (*fenon*), quanto nos processos socioculturais, entre o núcleo arcaico e a generatividade criativa produtora de diversidade cultural. A análise das configurações caracterológicas de Luiza, no caso clínico apresentado, expõe essa complexa relação.

Outra dicotomia que a prática clínica deve procurar superar é aquela relativa aos processos afetivos e os processos cognitivos. De acordo com o que foi proposto a partir da concepção de *corporeidade/subjetividade* humana, no nível teórico, e no diálogo com a Biossíntese, no nível prático, as intervenções terapêuticas envolvendo a inter-relação entre o sistema mental e o sistema psíquico, no qual situamos os processos afetivos, é fundamental para os processos de mudança do sujeito. Sem perder de vista a possibilidade de assumir e lidar, em algum nível, com a dialógica consciente-inconsciente que acompanham os processos afetivos e cognitivos. O estudo do processo terapêutico de Luiza, no capítulo 12, apresentou algumas evidências relacionadas a esta questão.

Retomando o problema corpo-alma ou corpo-mente, a questão originária de todo o caminho trilhado ao longo deste trabalho, podemos afirmar que assumir a corporeidade do sujeito humano, na prática clínica, exige o esforço de uma reflexão acerca da ética. Sem adentrar a complexa discussão acerca desta área temática da filosofia, queremos apenas fazer uma reflexão a partir da *corporeidade/subjetividade* humana como *ethos*, como o habitar o mundo. No plano etimológico, a palavra ética deriva do grego *ethos*. Como esclarece Figueiredo (2013), “*ethos* – o objeto da ética tomada como reflexão ou ‘teoria’ – se refere tanto aos costumes e hábitos como à morada”, o que, então, permite relacionar a ética com o habitar o mundo. A chegada de um ser humano no mundo, desde sua concepção embriológica, seu crescimento e desenvolvimento uterino e seu nascimento, o parto, é na condição de uma

corporeidade/subjetividade. Nesse sentido, a corporeidade/subjetividade de um indivíduo-sujeito humano é a sua forma originária de habitar o mundo.

Aproveitando um pouco mais as reflexões de Figueiredo (2013) acerca da ética, o habitar o mundo nos remete à ideia da necessidade de uma casa para o habitar sereno e confiado, casa no sentido não utensiliar, mas como uma parte do mundo, aquela “em que podemos nos sentir relativamente abrigados (...)” (p. 69). O autor ainda explicita que “o *ethos* como casa, instalação, é ver nele - nos valores, nas posturas, nos costumes e hábitos - algo equivalente à moradia de onde podemos contemplar a uma certa distância as coisas lá fora (...)” (p.70). Pois bem, se partirmos da ideia de que a nossa primeira casa é a corporeidade/subjetividade de cada um, podemos compreender que todas as questões éticas que perpassam a prática clínica devem partir, necessariamente, dessa condição originária de habitar o mundo.

Nesse sentido, não se pode deixar de fora da clínica o corpo, a corporeidade/subjetividade do indivíduo, isto é, não se pode prescindir de intervenções que assumam o *ethos*, a casa, o habitar, do próprio terapeuta e da pessoa em terapia. Precisamos trabalhar com o movimento, os gestos, as expressões corpóreas, as respirações, o tocar, na simultaneidade das palavras, dos sentidos, do discurso, dos verbos que se fazem carne. Para, assim, poder, de fato, habitar a si mesmo, auxiliar o outro a também habitar a si mesmo e, desta forma, estabelecer uma relação terapêutica que reconhece o *ethos*.

A saúde de um ser humano está vinculada ao habitar sereno e confiado proporcionado pela casa, segundo elucida Figueiredo (2013). E se é necessária esta condição exterior para o “uso fruto do corpo (e da mente) (...) [e de toda] sua capacidade de fruir, trabalhar e pensar” (p. 70), podemos considerar que, antes mesmo de encontrar essa casa, a própria corporeidade/subjetividade deve ser vivida como um habitar sereno e confiado em si mesmo. Só, então, pode-se despertar as capacidades do corpo-mente e experimentá-lo como fonte de prazer, satisfação, alegrias, amor, bem-estar e paz consigo mesmo.

No entanto, seria um contrassenso para as nossas próprias reflexões destacar apenas a condição individual da corporeidade/subjetividade como *ethos*. Considerando a elaboração desta concepção acerca do humano, ao longo da primeira parte desta tese, a alteridade é condição genésica e generativa da corporeidade/subjetividade do indivíduo. Em outras palavras, a possibilidade do habitar sereno e confiado só pode se constituir e ser construída na relação com o outro e numa coletividade. Esta condição revela, desta forma, níveis diferentes do *ethos*: eu, eu-outro e eu-nós. Para apenas indicar uma direção de reflexões acerca da ética, na prática clínica, nessa perspectiva anunciada, podemos encontrar nas ideias de autoética,

socioética e antropológica de Morin (2005) contribuições valorosas, o que pretendemos elaborar em trabalhos ulteriores.

Não poderíamos finalizar essas reflexões iniciais acerca da ética sem abordar a questão da patologização dos processos subjetivos. A noção de configurações caracterológicas proposta neste trabalho situa-se na tradição psicopatológica psicanalítica construída a partir de uma compreensão médica e pré-psicanalítica que estabelecia a distinção entre o normal e o patológico, de modo dicotômico, como se houvesse uma fronteira bem definida entre estes dois estados ou duas condições da experiência humana.

No percurso de construção do campo de conhecimento da psicanálise, compreendeu-se que não existe essa dicotomia e essa delimitação tão clara entre um e outro. A neurose, inicialmente compreendida como estado patológico dos mentalmente adoecidos, passou à condição generalizada que envolve a todos, sendo uma questão de singularidades e intensidades, o que a diferencia de um(a) para outro(a), pelo menos para aqueles que fazem parte desse mundo moderno e globalizado, assolado por problemas e crises de toda ordem (moral, étnica, racial, gênero, social, política, econômica). Por esta razão, entendemos que a utilização de categorias psicopatológicas, que destacam o adoecimento psíquico, pode cumprir com a função de nos lembrar da condição da nossa saúde mental e nos alertar para a necessidade de buscar os processos de mudanças necessários a cada um de nós e em nossas relações com os outros. Nesta perspectiva, tais categorias podem ser assumidas com um propósito ético.

Ao mesmo tempo, não devemos ignorar as limitações e até as distorções que a patologização pode determinar a uma compreensão mais profunda acerca da subjetividade humana. Na concepção defendida nesta tese, o adoecimento psíquico é o resultado de um entrave do fluxo turbilhão das configurações somática/subjetiva, as quais constituem as múltiplas personalidades, que, para além de uma categoria psicopatológica, pode ser compreendida como um fenômeno comum (normal) relativo às inúmeras discontinuidades psicológicas e afetivas. Tal entrave está relacionado aos processos de auto-eco-organização do *autos*, mais especificamente, ao bloqueio do *computo* no sentido de não poder seguir sua natureza mais profunda de produzir o novo: o RE vivo. Em outras palavras, o bloqueio das capacidades de elaborar estratégias emancipatórias e renovadoras para enfrentar os desafios existenciais. No entanto, quando o *computo* segue o RE vivo, que produz o novo, gera o impulso de vida criador de estratégias transformadoras das configurações somáticas/subjetivas para a superação dos conflitos psíquicos.

Em suma, no complexo dinamismo do anel pentalógico-retroativo-recursivo que rege os processos configuracionais organizacionais da corporeidade/subjetividade, entre interações desorganizadoras e (re)organizadoras, há um impulso em direção à morte, ao patológico, e um impulso em direção à perpetuação da vida, às aptidões, potencialidades e capacidades organizadoras da vida, as quais podemos relacionar à ideia de saúde. Considerando a complexa relação entre esses impulsos (complementares, concorrentes e antagônicos), morremos de vida e vivemos de morte: as patologias não levam à saúde, ao desenvolvimento e fortalecimento da corporeidade/subjetividade, e a saúde leva ao consumo inevitável das fontes orgânicas/psíquicas, que resulta, necessariamente, na morte. E no ciclo ininterrupto de nascimentos e mortes de indivíduos na espécie, a vida e a saúde tem prevalecido. Nesse sentido, é relevante pensar na despatologização do conhecimento psicológico como destacam alguns autores (GONZALEZ REY, 2011; NEUBERN, 2004), de modo a alimentar uma ética das potencialidades de vida e de saúde.

Para finalizar as breves reflexões acerca da ética, cabe levantar uma última questão relacionada aos possíveis impactos dos conceitos de corporeidade/subjetividade do indivíduo e de subjetividade social em diferentes cenários sociais. Se a construção desses conceitos teve como intenção teórica aproximar-se da complexidade da subjetividade humana, é fundamental levar em consideração que os conceitos não são ingênuos, como bem coloca Almeida (2019). Se no ato da sua construção os conceitos são da ordem da abstração e do abstrato, no momento seguinte se tornam e “funcionam como alavancas reais e como justificativas de VERDADE embutidas ou explícitas nas ações na gestão política da sociedade, nas organizações sociais, na economia, na cultura, nos ideários e projetos educacionais” (p.42).

Nesse sentido, devemos estar atentos aos possíveis desdobramentos desses conceitos nos cenários sociais em que a prática profissional do psicólogo exerce influência na vida dos indivíduos-sujeitos e na cultura. A intenção teórica de investigar a complexidade da subjetividade humana está sustentada pela intenção prática e existencial de encontrar caminhos para lidar, amenizar e, quando possível, ultrapassar o sofrimento humano. Sabendo que nenhum conceito pode abarcar a realidade fenomênica, o que inclui o sofrimento e os desafios inerentes à condição humana, devemos ter em vista que eles precisam sempre ser reconstruídos para o objetivo de compreender e atuar sobre o fenômeno eleito como objeto de estudo (ALMEIDA, 2019).

Conforme tivemos o cuidado de explicitar desde o primeiro capítulo desta tese, a escolha pelo pensamento complexo para pensar uma concepção de *subjetividade/corporeidade* humana teve como crivo a busca por uma epistemologia e uma

ontologia abertas. Só uma visão de mundo aberta pode permitir uma aproximação paulatina da complexidade do mundo, da condição humana e, mais especificamente, da subjetividade humana, por meio de operadores do pensamento também abertos ao fenômeno.

Na busca por essa aproximação da subjetividade humana, chegamos na noção de configurações somáticas/subjetivas que emergem das inter-relações entre os sistemas orgânico, psíquico e mental do indivíduo e o sistema da subjetividade social no qual está inserido. Estes diferentes sistemas foram definidos para tentar destacar as dimensões que se formam no fluxo turbilhonar e ininterrupto do *autos*. Suas definições estiveram balizadas e limitadas pelos princípios epistemológicos e pelo conjunto de conhecimentos reunidos pelo pensamento complexo. A compreensão acerca do organismo biológico, dos processos psíquicos e mentais, assim como do social e da cultura, esteve baseada na perspectiva do pensamento complexo que abarca a articulação das três esferas do conhecimento científico (física, biologia e antropossociologia) entre si e com as questões filosóficas chaves.

Por um lado, tivemos todo esse arcabouço reunido para chegar a uma concepção da *subjetividade/corporeidade* humana que levasse em consideração os aspectos principais de cada uma dessas esferas do conhecimento humano. Por outro lado, ficamos condicionados às limitações e possíveis erros de concepção presentes no pensamento complexo. Contudo, tivemos em mãos o que consideramos como o mais relevante para realizar e dar continuidade à investigação da complexidade da subjetividade humana: uma racionalidade aberta (MORIN, 2000) e os fundamentos ontológicos e epistemológicos do método complexo (MORIN, 1992, 1996a, 1997, 1999, 2003, 2005). Para utilizar a bela metáfora de Almeida (2019), com esses fundamentos, construímos conceitos que funcionam como remos, e, com eles, buscamos navegar nos mares do conhecimento e no oceano fenomênico cartografados por Morin para poder nos aproximar da psicologia clínica.

O mais importante é a abertura perante o mistério, justamente aquilo que nos oferece o pensamento complexo. Com ele, poderemos sempre lapidar, adequar e reconstruir os conceitos propostos e a concepção aqui apresentada, de modo a acompanhar os desenvolvimentos do pensamento científico e filosófico que, segundo Morin (2003), ainda estão na pré-história do conhecimento. A título de perspectivas futuras, com o avanço desses conhecimentos, acreditamos que poderemos situar as ideias aqui propostas na visão que o pensador italiano Pietro Ubaldi anunciou, nos anos de 1930, com a sua obra “A Grande Síntese”, a qual consideramos ser a aurora do conhecimento humano para os próximos séculos.



## REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Paulo. **Reich: histórias das ideias e formulações para a educação**. São Paulo: Ágora, 1994.

\_\_\_\_\_. Wilhelm reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. **Boletim de psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 159-176, jul., 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 19 Set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Na psicanálise de Wilhelm Reich**. Tese Livre-Docência, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015.

ALMEIDA, M. da C. de. Contra a inocência do conceito. In OLIVEIRA, J. S. de; DANTAS, E. M.; FRANÇA, F. T. de. **Fronteiras borradas: em torno das ciências da vida**. Natal: 8 Editora, 2019.

ALVIM, M. B. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **IGT na Rede**, v. 8, p. 228-238, 2011.

ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H. O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In MCNAMEE, S.; GERGEN, K. J. **A terapia como construção social**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

ARAUJO, S. de F. O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais. **Revista psiquiatria clínica**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 114-119, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000300007>. Acesso em: 19 Set. 2020.

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre organização do ser vivo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

AZEVEDO, E. C.; MOREIRA, M. C. Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico. **Diaphora**, | Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 1, n.2, | Ago/Dez, p. 64-69, 2012.

BAKER, E. F. **O labirinto humano**: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BASTOS, R. L. Psicanálise e o pensamento científico: entre fisicalismo e/ou a contraciência em diferentes modos de subjetividade. **Psicologia USP**, v. 12, n. 1, p. 89-119, 2001.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos sistemas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BIRMAN, Joel. A Constituição da Psicanálise: Freud e a interpretação Psicanalítica. Rios de Janeir: Relume-Dumará, 1991.

\_\_\_\_\_. A Epopéia do Corpo (apresentação). In MELO BASTOS, Liana Albernaz de. **Eu-corporando: O ego e o corpo em Freud**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 9-25.

\_\_\_\_\_. Os paradigmas em psicanálise são comparáveis? Sobre o mal-estar, a biopolítica e os jogos de verdade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 45.1, p. 147-178, 2013.

BIRMAN, J.; NICÉAS, C. A. Constituição do campo transferencial e o lugar da interpretação psicanalítica – Um estudo sobre o pensamento de Freud. In: BIRMAN, J.; NICÉAS, C. A (Coord.). **Transferência e Interpretação**. Rio de Janeiro: Campos, 1982.

BOADELLA, David. **Energy and Character, The Journal of Bioenergetic Research**, Londres, vol. 1, n. 1, january, 1970.

\_\_\_\_\_. **Tensão e Estrutura do caráter**: uma síntese de conceitos. Londres: [s.n.], 1974.

\_\_\_\_\_. Transferência, ressonância e interferência. In: **Cadernos de Psicologia Biodinâmica**. São Paulo: Summus, 1983.

\_\_\_\_\_. *What is Biosynthesis*. **Energy and Character, Internacional Journal of Biosynthesis**, Londres, vol. 17. 2, 1986. (O que é Biossíntese; Tradução de Ana Luiza Mentz)

\_\_\_\_\_. **Nos caminhos de Reich**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Transferência, política e narcisismo**. Manuscrito para treinamento em Biossíntese, [199-].

\_\_\_\_\_. **Correntes da vida: uma introdução à Biossíntese**. São Paulo: Summus, 1992.

\_\_\_\_\_. *Shape postures and postures of the soul* In: Congresso Mundial de Medicina Psicossomática Universidade de Basileia, 12., 1993, Basileia. **Anais...** Traduzido por Karin Sachs e Rubens Kignel como Fluxo da forma e posturas da alma. In: Congresso Comemorativo de Wilhelm Reich, 1997, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia somática: suas raízes e tradições. In BOADELLA, David (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997a. (Coleção Energia e Caráter 1).

\_\_\_\_\_. Morfologia Dinâmica. In KIGNEL, R. (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997b. (Coleção Energia e Caráter 2).

\_\_\_\_\_. Inspiração e corporificação. In KIGNEL, R. (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997c. (Coleção Energia e Caráter 2).

\_\_\_\_\_. Soma, self e fonte. In KIGNEL, R. (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997d. (Coleção Energia e Caráter 1).

\_\_\_\_\_. Qualidade de vida: a matriz da transformação e as fronteiras da psicoterapia. In KIGNEL, R. (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997e. (Coleção Energia e Caráter 2)

\_\_\_\_\_. *From passions of the body to actions of the soul: neuroscience, Spinoza e the self.* **Energy & Character, International Journal of Biosynthesis**, Rio de Janeiro, v. 33, may, 2004.

\_\_\_\_\_. *Affect, attachment and attunement.* **Energy & Character, International Journal of Biosynthesis**, Rio de Janeiro, v. 34, may, 2005.

\_\_\_\_\_. *Shape postures and postures of the soul. The Biosynthesis concept of motoric fields.* **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy**, USA, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006a.

\_\_\_\_\_. *The historical development of the concept of motoric fields. The Biosynthesis concept of motoric fields.* **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy**, USA, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006b.

\_\_\_\_\_. *The tree of man: fundamental dimensions of Biosynthesis.* **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy**, USA, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006c.

BOADELLA, David; BOADELLA, Silvia Specht. *Basic Concepts in Biosynthesis.* **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy**, USA, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Depth-psychological roots of Biosynthesis.* **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy**, USA, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006b.

BOADELLA, D.; SMITH, D. **Maps of character.** Londres: *Abbotsbury*, 1986.

BOYESEN, G. **Entre psiquê e soma: introdução à psicologia Biodinâmica.** São Paulo; Summus, 1986.

BRZOZOWSKI, F. S.; CAPONI, S. Determinismo biológico e as neurociências no caso do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 941-961, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300006> . Acesso em: 21 Sept. 2020.

CARLETON, J. A. *Reich was right: self-regulation from Wilhelm Reich to contemporary applied neuroscience.* **Energy & Character, International Journal of Biosynthesis**, Rio de Janeiro, v. 32, may, 2009.

CARVALHO, M. A. B. **Ecopsicologia e Sustentabilidade: de frente para o espelho.** Tese de doutorado, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2013.

CASTANON, G. A. Construcionismo social: uma crítica epistemológica. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 67-81, jun., 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2004000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 24 jun. 2019.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CELES, L. A. M. Nascimento psíquico. In: ARAGÃO, R. O. (Org.). **O bebê, o corpo e a linguagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

\_\_\_\_\_. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. **Psychê**, São Paulo, ano IX, n. 16, p. 25-48, jul-dez, 2005.

\_\_\_\_\_. Teoria da libido e teoria das relações de objeto: confronto e aproximações? **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XIX, n. 188, p. 5-13, dez, 2006.

\_\_\_\_\_. Clínica Psicanalítica: Aproximações Histórico-Conceituais e Contemporâneas e Perspectivas Futuras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26 n. especial, pp. 65-80, 2010.

\_\_\_\_\_. Linhas do desenvolvimento da psicanálise contemporânea. In: VIANA, T. de C. et. All. (Orgs.). **Psicologia clínica e cultura contemporânea**. Brasília: Liber Livros, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COBRA, G. de O. **Corpo, identidade e adolescência: uma análise reichiana**. São Paulo: Annablume, 2007.

COGOLLOR, M.; GONZÁLEZ DE RIVERA, J. L. El psiquismo fetal. **Actas luso-espanolas de Neurologia, Psiquiatria y ciências afines**, v. 11, n. 3, p. 205-212, 1983.

CORRÊA, M; FRANKEL, E. Da ciência da informação à psicoterapia corporal: uma contribuição da inteligência artificial. In KIGNEL, R. (Org.). **Energia e Caráter**. São Paulo: Summus, 1997. (Coleção Energia e Caráter 1)

\_\_\_\_\_. *Embodied Intentionality*. **The USA Body Psychotherapy Journal, The Official Publication of the United Association for Body Psychotherapy, USA**, v. 5, n. 1, p. 28-33, 2006.

CUKIERT, M. **Uma contribuição à questão do corpo em psicanálise: Freud, Reich e Lacan**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DADOUN, R. **Cem flores para Wilhelm Reich**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia? 9ª ed**. São Paulo: Centauro, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

FAIBAIRN, W. R. D. **Estudos psicanalíticos da personalidade**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

FERREIRA, A. A. L. A diferença que nos une: o múltiplo surgimento da psicologia. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. Niterói, v. 19, n. 2, p. 477-500, Jul./Dez., 2007

FERREIRA, A. A. L. O múltiplo surgimento da Psicologia. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia: rumos e percursos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis; Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica: uma releitura de "Construções em análise". **Percursos**, São Paulo, n. 16, 1/1996. Disponível em: [http://revistapercursos.uol.com.br/pdfs/p16\\_texto09.pdf](http://revistapercursos.uol.com.br/pdfs/p16_texto09.pdf). Acesso em: fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Para além das matrizes: a psicanálise como enclave da modernidade. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 21 n. 1/2, p.103-110, jan./dez., 2003.

\_\_\_\_\_. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-1900**. São Paulo: Escuta, 2007.

\_\_\_\_\_. A. Psicanálise e a clínica contemporânea. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.07, jan-mar., 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo202.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. de. **Psicologia, uma nova introdução; uma visão histórica da psicologia como ciência**. São Paulo: EDUC, 2006.

FIUMARA, R.; LEPRE, S.; PELLIZZONI, M. Do sofrimento à emoção. In LISS, J.; STUPIGGIA, M. **A terapia Biossistêmica: uma abordagem original da terapia psicocorporal**. São Paulo: Summus, 1997.

FREITAS, L. E. B. de. **Biossíntese e complexidade**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

FREITAS, J. de L. et al. Corpo e psicologia: uma revisão da produção científica brasileira na primeira década dos anos 2000. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 66-86, jan. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000100006&lng=pt&nrm=iso)>. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P66>. Acesso em 21 set. 2020.

FREITAS, J. de L.; ARENHART, P.; ABUHAMAD, M. Deixou o corpo em casa, foi para terapia: o corpo segundo psicólogos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 24, n. 2,

p. 157-166, ago. 2018. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200004&lng=pt&nrm=iso). <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.4>.  
Acesso em: 21 set. 2020.

FREUD, S. O Ego e o ID. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

\_\_\_\_\_. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

\_\_\_\_\_. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. II, Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

\_\_\_\_\_. O inconsciente. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos I. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. II, Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

\_\_\_\_\_. As neuropsicoses de defesa. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

\_\_\_\_\_. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996l.

\_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996m.

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996n.

FORTIN, R. **Compreender a complexidade**: introdução a O Método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

FOUCAUT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis; Vozes, 1972.

FUKS, S. I. *Complejidades de las psicoterapias. “Pensée et Complexité” Le Courier de l’Unesco*, 1995.

GARCIA-ROZA, L. A. Psicologia: um espaço de dispersão do saber. **Rádice: Revista de Psicologia**, 1(4), 20-25. 1977.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, v.1, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GASTAUD, M. B. Psiquismo Fetal - A Teoria de Arnaldo Rascovsky sobre os Núcleos Arcaicos do Ego. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.05, Jan/Fev/Mar, 2008. Disponível em: [www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php) Acesso em: 19 set. 2020.

GERGEN, K. J. **Realidades y relaciones**. Barcelona: Paidós, 1996.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. Florianópolis, **Revista Intertheses**, v.6, n.1, p.299-325, jan/jul, 2009.

GERGEN, K. J.; KAYE, J. Além da narrativa na negociação do sentido terapêutico. IN MCNAMEE, S.; GERGEN, K. J. **A terapia como construção social**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

GIBIER, L. Epistemologia e o campo das psicoterapias corporais. In MALUF JR, N. (Org.). **Reich: o corpo e a clínica**. São Paulo: Summus, 2000.

GIRO, N. R. et al. Ressonância corporal: uma proposta de intervenção psicodramática. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 51-59, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932015000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932015000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2020.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. O valor heurístico da subjetividade na investigação pedagógica. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia, Subjetividade e Pós-modernidade**. São Paulo; Pioneira Thomson Learning, 2007.

\_\_\_\_\_. *Epistemología y Ontología: un debate necesario para la Psicología hoy*. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, Bogotá, v. 5, n. 2, junio-diciembre, pp. 205-224, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67916260002>. Acesso em: mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ-REY, F.; MITJÁN MARTÍNEZ, A. *Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas*. **Psicoperspectivas**, v. 15, n. 1, p. 5-16, 2016. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/667/451>. Acesso em: fev. 2019.

\_\_\_\_\_. *The topic of subjectivity in psychology: contradictions, paths and new alternatives*. **Journal for Theory Social Behaviour**, v. 47, issue 4, p. 1–20, december, 2017a. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jtsb.12144>. Acesso em: mar 2019.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, M. *El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico*. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017b. Disponível: [http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu\\_articulos.asp](http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp). Acesso em: fev. 2019.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade teoria, epistemologia e método*. Campinas: Editora Alínea, 2017c.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GREEN, A. **La causalité psychique: entre nature et culture**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1995.

GREEN. A. **Orientações para uma Psicanálise Contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

\_\_\_\_\_. **Du signe au discours: Psychanalyse et théories du langage**. Paris: Éditions D'Ithaque, 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HELOU, F. Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia. Dissertação de mestrado, Brasília, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2013.

HERNÁNDEZ, O. G. *La subjetividad desde la perspectiva histórico-cultural: un tránsito desde el pensamiento dialéctico al pensamiento complejo*. **Revista Colombiana de Psicología**, n. 17, p. 147-160, 2008. Disponível em:



<https://revistas.unal.edu.co/index.php/psicologia/article/view/1163/10028>. Acesso em: fev. 2016.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HORNSTEIN, L. Determinismo, temporalidade e devir. In SLAVUTZKY, A; BRITO, C. L. S.; SOUSA, E. L. A de. **História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

JAPIASSU, H. **Psicanálise: Ciência ou contraciência?** Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. **Introdução à epistemologia da psicologia**, 5. ed., São Paulo: Letras & Letras, 1995.

JOÃO, R. B. **Corporeidade e Aprendizagem Vivencial: uma perspectiva da complexidade humana para a educação**. Dissertação de Mestrado, Brasília, Universidade de Brasília, 2003.

JOÃO, R. B.; BRITO, M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.18, p. 213-301, 2004.

JOÃO, R. B. Contribuições à ciência da motricidade humana: por uma concepção de corporeidade à luz do pensamento complexo. In: FERES NETO, Alfredo (Org.) **Motricidade humana: novos olhares e outras práticas: à luz da transdisciplinaridade e das ciências emergentes**. Curitiba: Appris, 2018.

JOÃO, R. B. Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial. **Educação e Pesquisa**, 45, 1-17, 2019a. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945193169>. Acesso em: mar. 2019

JOAO, R. B.; RIBEIRO, J. P. Corporeidade/subjetividade na psicologia clínica: tecendo fios teórico-epistemológicos para bordar um complexo objeto de estudo. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, e190103, 2019b. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190103>. Acesso em: 19 Set. 2020.

JOHNSON, S. M. **Character styles**. New York: W. W. Norton & Company, 1994.

JUNG, C. G. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional: a estrutura da experiência**. São Paulo: Summus, 1992.

KEPNER, J. I. **Proceso corporal: un enfoque Gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia**. México: Editorial El Manual Moderno, 2000.

KLOPSTECH, A. Análise Bioenergética e a psicoterapia contemporânea: considerações adicionais dialogando com outras modalidades e com a neurociência. **Revista Clínica do Instituto Internacional de Análise Bioenergética**, Recife, v. 18, 2008.

KOFMAN, M. **Edgar Morin: do big brother à Fraternidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

KUHN, T. S. **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAX, W. D. O pensamento pós-moderno na prática clínica. In: MCNAMEE, S.; GERGEN, K. J. **A terapia como construção social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LISS, J. The neurophysiology of the emotions and of consciousness: recent research. **Energy & Character, International Journal of Biosynthesis**, Rio de Janeiro, v. 34, september, 2005.

LOWEN, A. **O corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. São Paulo: Summus, 1977.

\_\_\_\_\_. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

\_\_\_\_\_. **O corpo em depressão: as bases biológica da fé e da realidade**. São Paulo; Summus, 1983.

LOWEN, A.; LOWEN, L. **Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante**. São Paulo: Summus, 1985.

MACHADO, A. B. M. **Neuroanatomia funcional**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.

MALLMANN, J. A. de A. **Hipnose, complexidade e dores crônicas: um percurso teórico**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2018.

MALUF JUNIOR, N. Psicanálise somática de base orgonômica. In GIBIER, L; MALUF JR., N.; COTTA, J. A (Org.). **Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Dialética, Complexidade e Funcionalismo Orgonômico**. [Rio de Janeiro]:[s.n.], [200-].

MATJÁNS MARTÍNEZ, A. A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MATTHIESEN, S. Q. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

\_\_\_\_\_. Wilhelm Reich e a produção acadêmica brasileira entre 1979 e 2008. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 52-65, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000100005>. Acesso em 19 Set. 2020.

\_\_\_\_\_. Sobre a produção acadêmica reichiana relacionada à área educacional. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 697-710, set., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002782016>. Acesso em: 19 set. 2020.

MEYER, L. O método psicanalítico. In: SILVA, M. E. L. (Coord.) **Investigação e psicanálise**. Campinas: papiros, 1993.

MEZAN, R. Paradigmas e modelos na psicanálise atual. In Pellanda, N.M.C. e Pellanda, L.E.C. (Org.). **Psicanálise hoje: uma revolução do olhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 347-355.

\_\_\_\_\_. **Freud, pensador de cultura**. 8ª ed. São Paulo: Bluche, 2019a.

\_\_\_\_\_. **O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise**. 2ª ed. São Paulo: Bluche, 2019b.

MONTANARI, T. **Embriologia: textos, atlas e roteiro de aulas práticas**. Porto Alegre: Ed. do autor, 2013.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia: rumos e percursos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

MORIN, E. **O enigma do homem**. Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. (original publicado 1973).

\_\_\_\_\_. **O problema epistemológico da complexidade**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1984.

\_\_\_\_\_. **O homem e a morte**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988. (original publicado em 1970).

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Método IV**. As Ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Método III – O conhecimento do conhecimento**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996a. (original publicado em 1986).

\_\_\_\_\_. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

\_\_\_\_\_. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D. F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996c.

\_\_\_\_\_. **O Método I** – A natureza da natureza. 3ª ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997. (original publicado em 1977).

\_\_\_\_\_. **O Método II** – A vida da vida. Mem Martins. 3ª ed. Publicações Europa-América, 1999. (original publicado em 1980).

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (original publicado em 1990).

\_\_\_\_\_. Complexidade e ética da solidariedade. In CASTRO, G. de; CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. da. C. de (Org.). **Ensaio de complexidade**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Método V**. A humanidade da humanidade – a identidade humana. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Método VI**. A humanidade da humanidade – a identidade humana. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.

\_\_\_\_\_. **Meus Filósofos**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MUNHOZ, C. **A relação entre o psicanalista e suas teorias**. Dissertação de Mestre, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

NEUBERN, M. da S. Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, p. 241-252, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100020>. Acesso em: 19 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Milton H. Erickson e o cavalo de Tróia: a terapia não convencional no cenário da crise dos paradigmas em psicologia clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, 363-372, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000200013>. Acesso em: 19 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Passos para uma epistemologia complexa da psicologia clínica**. Universidade de Brasília, Tese de Doutorado, 2003.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e psicologia clínica**. Brasília: Editora Plano, 2004.

\_\_\_\_\_. A dimensão regulatória da Psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 1, 73-81, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100009>. Acesso em: 19 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 312-314, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200019>. Acesso em 21 Set. 2020.

\_\_\_\_\_. Hipnose e dor: proposta de metodologia clínica e qualitativa de estudo. **Psico-USF** (Impr.), Itatiba, v. 14, n. 2, p. 201-209, Aug. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712009000200009> Acesso em 21 Set. 2020.

NORCROSS, J. C.; GOLDFRIED, M. R. **Handbook of psychotherapy integration**. 3. Ed. New York: Oxford University Press, 2019.

OKASHA, S. **Philosophy of science: a very short introduction**. Oxford: *University Press*, 2002.

PAGÈS, M. **Trace ou sens**. Paris: *Hommes et Groupes Editeurs*, 1986.

\_\_\_\_\_. **Psychothérapie et complexité**. Paris: *Hommes et Perspectives*, 1993.

PEREIRA, A. B. M.; GANDOLFO CONCEIÇÃO, M. I.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *Epistemología cualitativa de González Rey: una forma diferente de análisis de "datos"*. **Revista Tecnia**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: [www.revistas.ifg.edu.br/tecnica/article/view/3/6](http://www.revistas.ifg.edu.br/tecnica/article/view/3/6). Acesso em: mar 2019.

PERLS, F; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt- Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F. S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

PIERRAKOS, J. **Energética da essência (core energetics)**. Desenvolvendo a capacidade de amar e curar. São Paulo: Pensamento, 1996.

PLASTINO, C. A. **O primado da afetividade**: a crítica freudiana ao paradigma moderno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.

\_\_\_\_\_. Sentido e complexidade. In: BEZERRA JR., B.; PLASTINO, C. A. **Corpo, afeto, linguagem**: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001b.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, 19 (3), p. 14-19, 2007.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. **A nova aliança**. Metamorfose da ciência. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

REICH, Wilhelm. **Psicopatologia e sociologia da vida sexual**. São Paulo: Global, 1978. (Originalmente publicado em 1927)

\_\_\_\_\_. **A Revolução sexual**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. (originalmente publica em inglês em 1945)

\_\_\_\_\_. **Psicanálise e Materialismo Dialético**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Ciências Humanas Ed., 1983.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de massas do fascismo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1988. (originalmente publica em 1933)

\_\_\_\_\_. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (original publicado em 1942)

\_\_\_\_\_. **Análise do caráter**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (original publicado em 1933)

\_\_\_\_\_. *El funcionalismo orgonómico. Sobre el desarrollo histórico del funcionalismo orgonómico*. **Orgone Energy Bulletin**. Vol. 2, Nº 3. Traducción del microfilm de los originales históricos sitos en St. Genovieve de París. Propiedad de la biblioteca de la Es.Te.R. 1996.

\_\_\_\_\_. **O Éter, Deus e o Diabo; A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (original publicado em 1949)

REGO, R. A. Conceitos de bioenergia. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v. 57, p. 3-19, 1992.

\_\_\_\_\_. Anatomia e couraça muscular do caráter. **Revista Reichiana**, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, v. 2, p. 32-54, 1993.

\_\_\_\_\_. Reich e Freud: compatibilidades e incompatibilidades. **Revista da Sociedade Wilhelm Reich**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, 2002.

\_\_\_\_\_. A clínica pulsional de Wilhelm Reich: uma tentativa de atualização. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-59, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000200005>. Acesso 19 Set. 2020.

\_\_\_\_\_. **A vida é dura para quem e mole: considerações sobre aspectos psicológicos da hipotonia muscular**. Monografia, Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Tocar o corpo para ouvir a alma. In REGO, R. A. *et. al.* (Org). **O toque na psicoterapia: massagem Biodinâmica**. Petrópolis: KBR, 2016.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 8ª ed. São Paulo: Summus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2017.

\_\_\_\_\_. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2019.

RICOUER, P. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RODRIGUES, H. J. F. **A relação entre o corpo e a mente nos escritos de Freud, Lacan e Reich: do fenômeno psicossomático à unidade funcional soma-psyché**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SÁ, R. N. de. As influências da fenomenologia e do existencialismo na Psicologia. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia: rumos e percursos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

SADLER, T. W. **Langman, embriologia médica**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SÁNCHEZ, A. A noção da dialógica e meus encontros com E. Morin. In: PENA-VEJA, A.; ALMEIDA, E. P. (Org.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da Modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SIGELMANN, E. A psicossomática: Reich ignorado. In MALUF JR, N. (Org.). **Reich: o corpo e a clínica**. São Paulo: Summus, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; AMORIM, Katia de Souza. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, jun. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682008000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2020.

SILVA, M. E. L. Pensar em psicanálise. In: SILVA, M. E. L. (Coord.) **Investigação e psicanálise**. Campinas: papiros, 1993.

SILVA, C. M.; MACEDO, M. M. K. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 520-533, jul-set, 2016. Disponível em: doi:10.1590/1982-3703001012014. Acesso em: mar. 2019.

SILVA, L. C. L. **O problema da unidade da psicologia: uma análise crítica da produção nacional**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Dissertação de Mestrado, 2016.

SIMANKE, R. T. Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana. **Natureza Humana**, v. 11(2), p. 97-152, jul-dez, 2009.

SOULIÉ, F. F. **Les théories de la complexité. Autour de l'oeuvre d'Henri Atlan**. Paris: Seuil, 1991.

STEVEN, R. A perturbadora ascensão do determinismo neurogenético. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 126, p. 18-27, jan./fev. 1997.

\_\_\_\_\_. **O cérebro do século XXI: como entender, manipular e desenvolver a mente**. São Paulo: Globo, 2006.

SUNDFELD, A. C. Abordagem integrativa: reterritorialização do saber clínico? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 251-257, set-dez., 2000.

VAN FRASSEN, B. **A imagem científica**. São Paulo: Editora UNESP: Discurso Editorial, 2007.

VIEIRA, É. D.; VANDENBERGHE, L. Reflexões sobre Gestalt-Terapia e Psicodrama a partir do Movimento de Integração em Psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 75-84, jan-jun, 2011.

VIEIRA, É. D.; VANDENBERGHE, L. Articulação entre o psicodrama e a gestalt-terapia como uma possibilidade de intercâmbios a partir do olhar de psicoterapeutas. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 172-184, dez. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822017000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000200004&lng=pt&nrm=iso)>. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2017.102.03>. Acesso em: 21 set. 2020.

WAGNER, C. M. **Freud-Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A transferência na clínica reichianas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

WILHELM, J. **A caminho do nascimento: uma ponte entre o biológico e o psiquismo**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O que é psicologia pré-natal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

UBALDI, P. **A grande síntese: síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito**. Campos dos Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis, 1999. (Original publicado em 1933).

XAVIER, J. I T. Contribuições das neurociências à teoria da psicoterapia corporal pós-reichiana. In GIBIER, L; MALUF JR., N.; COTTA, J. A (Org.). **Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Atenção a Si e Psicoterapia Corporal: Efeitos da auto-estimulação somatossensorial sobre a atenção e suas implicações para o corpo, as emoções e a cognição**. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e corporeidade: uma perspectiva neurodinamica (pós-reichiana). **Boletim Interfaces da Psicologia da UFRRJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan- jun, 2010.



## APÊNDICE A

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Corporeidade/subjetividade e psicoterapia corporal em Biossíntese: tecendo articulações entre o pensamento complexo e a psicologia clínica”, de responsabilidade de Renato Bastos João, psicólogo clínico (CRP/0115971) e aluno de doutorado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é Investigar a aplicação da noção de corporeidade/subjetividade humana, fundamentada na obra de Edgar Morin, na clínica da psicologia mediante a proposta da psicoterapia corporal em Biossíntese. Esta noção ou conceito defende que corpo e mente devem ser compreendidos como uma unidade e que um tratamento psicológico deve envolver o corpo e a mente para que o conflito psicológico possa ser amenizado ou mesmo resolvido. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, arquivos de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Para aplicar na prática da terapia o conceito de corporeidade/subjetividade, que foi formulado na teoria, será utilizado o método clínico da Biossíntese, uma abordagem de psicoterapia somática e psicodinâmica criada por David Boadella. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Esse método utiliza técnicas que promovem grande auxílio no alcance dos objetivos terapêuticos, oportunizando o desenvolvimento dos recursos corporais e mentais da própria pessoa para lidar com as dificuldades e problemas que deseja superar. Nas sessões será trabalhado tanto o que será colocado a partir da sua fala (comunicação verbal), isto é, o problema que você está precisando cuidar em sua vida, como também as suas expressões corporais que acompanham sua fala. A finalidade das técnicas desta terapia é integrar o que você está falando, seus pensamentos, as suas ações/movimentos voluntários ou involuntários e as emoções e sentimentos para lhe ajudar a compreender melhor o problema que está vivendo e encontra uma solução para ele. Desta forma, as intervenções serão a partir do diálogo que estabeleceremos por meio da fala e também do corpo. Com este último, serão propostas e exploradas posturas, gestos e ações motoras relacionadas as expressões corporais naturais que acompanham a sua fala, bem como poderá ser proposto o toque em regiões do corpo que estão se expressando também junto com a sua fala.

Ressalto que essa técnica se disponibiliza a lidar com as demandas dos pacientes de acordo com o perfil e a personalidade de cada um e, por isso, não há imposição de situações que a pessoa não deseja. Além disso, qualquer intervenção corporal só será realizada mediante, única e exclusivamente, a permissão da pessoa nos diferentes momentos de cada sessão.

Sua participação na pesquisa não implica nenhum risco, pois todo o processo é feito de forma protegida pelo contexto da psicoterapia e as técnicas utilizadas pelo pesquisador. Contudo, entendemos que pode haver mobilizações emocionais que são comuns em qualquer psicoterapia. Para isso, você está sendo acompanhada por um psicólogo profissional que está sob supervisão de um professor doutor em psicologia com larga experiência clínica.

Você poderá manifestar em qualquer momento sua intenção em interromper o processo da psicoterapia e da pesquisa caso se sinta desconfortável ou tenha vontade. Caso isso ocorra, você poderá ser orientada em suas demandas e, querendo continuar a psicoterapia com outro profissional, você será devidamente encaminhada. Isso não prejudicará sua inscrição, atendimento ou permanência nas atividades do CAEP.

Espera-se com esta pesquisa fornecer a psicoterapia com a finalidade de auxiliá-lo(a) no tratamento das suas dificuldades e problemas psicológicos. A psicoterapia corporal tem se mostrado uma excelente ferramenta para desenvolver os recursos psicológicos que cada pessoa possui para enfrentar suas dificuldades e problemas presentes em sua vida. Dessa forma, nosso objetivo é que você possa passar pela psicoterapia e alcançar alguma mudança no sentido de encontrar soluções para essas dificuldades e problemas que deseja cuidar nesse tratamento psicológico.

Sua participação é voluntária, gratuita e livre de qualquer remuneração ou benefício pecuniário. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa ou necessite de outros tipos de esclarecimentos, você pode me contatar a qualquer momento, pessoalmente ou pelo do telefone (61) 99903-8444 ou pelo e-mail [renatobastosj@yahoo.com.br](mailto:renatobastosj@yahoo.com.br). Estou à sua disposição para te auxiliar em qualquer questionamento.

O coordenador da pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de entrevistas devolutivas ou de feedback, além de poderem ser discutidos com você, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica sob o devido sigilo e rigor ético. A ideia é que você possa juntamente com o coordenador da pesquisa conversar em sessões agendadas sobre os resultados e o andamento da pesquisa. Será apresentado a você os dados da pesquisa e a forma como está sendo desenvolvida pelo coordenador. Além disso, você poderá solicitar as informações que deseja para compreender o processo de pesquisa e do seu caso da forma como será tratado clinicamente.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Ciências Humanas CEP/IH e pelo Centro de Atendimento e estudos psicológicos-CAEP. Tel.:(61)3107-6863. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a). Foi produzido em acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas CEP/IH, web site: <http://www.cepih.org.br>.

---

Assinatura do(a) participante

---

Assinatura do pesquisador

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## ANEXO A

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Corporeidade/subjetividade e psicoterapia corporal em Biossíntese: tecendo articulações entre o pensamento complexo e a psicologia clínica

**Pesquisador:** RENATO BASTOS JOAO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 17310619.4.0000.5540

**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DE BRASILIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.574.511

**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa consistirá em intervenções a serem realizadas no âmbito de tratamentos psicoterápicos. A pesquisa a ser realizada seguirá uma metodologia qualitativa com a intenção de desenvolver um estudo exploratório acerca da aplicabilidade da noção de corporeidade/subjetividade humana através da psicoterapia somática e psicodinâmica denominada de Biossíntese no contexto da psicologia clínica. Os procedimentos técnicos de coleta de dados serão a pesquisa bibliográfica, para a elaboração da referida noção a partir da obra "O Método de Edgar Morin" e para a apresentação da proposta da Biossíntese, e a pesquisa clínica para aplicação do método clínico da Biossíntese a partir da noção de corporeidade/subjetividade humana. Para a pesquisa clínica os instrumentos para o levantamento dos dados/informações serão o diário de campo, relatórios do atendimento clínico e as gravações em áudio/vídeo, conforme as disposições do Comitê de Ética e das diretrizes do CAEP/IP/ UnB e a autorização dos participantes, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este projeto de tese tem como objetivo principal elaborar uma noção de corporeidade/subjetividade humana a partir da noção de sujeito/subjetividade cunhada por Edgar Morin, em sua obra "O Método", e aplicá-la na clínica da psicologia mediante a proposta da psicoterapia corporal em Biossíntese. Esta abordagem de psicoterapia somática e psicodinâmica está fundamentada nas ideais de Wilhelm Reich que, por sua vez, tiveram origem na psicanálise

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 3.574.511

inaugurada por Freud. Para o pensamento complexo o tema da subjetividade inclui necessariamente o tema da corporeidade. Do ponto de vista ontológico e epistemológico, corporeidade e subjetividade humana devem ser consideradas de modo relacional e num continuum emergencial, formando uma unidade complexa organizada. Considerada no nível do indivíduo-sujeito humano, a corporeidade/subjetividade é dotada de três dimensões, quais sejam: orgânica-sensório-motora, psicoafetiva-relacional e a mental/espiritual. Além disso, buscar-se-á indicar três outros níveis da subjetividade humana, que são eles: sócio-histórico-cultural, da espécie e a eco-subjetividade. A escolha da Biossíntese se deve, no que concerne as questões epistemológicas, a sua relação de filiação com a psicanálise que é a precursora do campo de conhecimento da psicologia clínica e elegeu a subjetividade humana como o objeto de estudo da psicologia. No que diz respeito a sua bases epistemológico-teóricas e do método clínico, a Biossíntese se fundamenta em referenciais convergentes à epistemologia complexa. Na intenção de estabelecer um diálogo direto com a prática clínica, a pesquisa buscará evidenciar a articulação da noção de corporeidade/subjetividade com a proposta da Biossíntese através da investigação qualitativa de um caso clínico, utilizando-se do diário de campo, dos relatórios de atendimento clínico e da gravação de áudio-vídeo como instrumentos de pesquisa. Como resultados espera-se que a noção a ser elaborada indique direções para uma discussão que contribua para a fundamentação epistemológica e teórica da Biossíntese e permita que se reconheça o método clínico da Biossíntese como uma tentativa de se realizar uma prática complexa na psicologia clínica.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Elaborar uma noção de corporeidade/subjetividade humana fundamentada na obra "O Método" de Edgar Morin e aplicá-la na clínica da psicologia mediante a proposta da psicoterapia corporal em Biossíntese. Objetivo Secundário: a)Elaborar a noção de corporeidade/subjetividade humana evidenciando as suas múltiplas dimensões; b)Evidenciar a articulação entre a noção de corporeidade/subjetividade e a proposta de psicoterapia somática e psicodinâmica da Biossíntese a partir do estudo de dois casos clínicos.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Considerando que todo trabalho psicoterápico desencadeia mobilizações emocionais, o autor reconhece este tipo de risco envolvendo a pesquisa. O grau de mobilização emocional está

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASILIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: oep\_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.574.511

condicionado, parcialmente, ao domínio do pesquisador/terapeuta dos procedimentos de intervenção técnica relativos a abordagem psicoterápica utilizada, o que lhe permite avaliar suas ações e seus efeitos na mobilização emocional e ajustá-los ao limites psíquicos do participante. Além disso, o participante será acompanhado em processo psicoterapêutico com um profissional de psicologia devidamente inscrito no Conselho Regional de Psicologia, habilitado em curso de formação em psicoterapia somática e psicodinâmica em Biossíntese e experiência clínica de quinze anos de atendimentos psicoterápicos nessa abordagem. Também haverá supervisão de todo o processo por parte do orientador da pesquisa (Dr. Jorge Ponciano Ribeiro), professor pesquisador da Universidade de Brasília, psicólogo, devidamente inscrito no Conselho Regional de Psicologia e com larga experiência clínica e em pesquisas.

**Benefícios:** Os possíveis benefícios são o recebimento de tratamento psicoterápico que poderá auxiliar na solução dos conflitos psicológicos que caracterizam as demandas apresentadas pelos participantes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e Complementares. Pela descrição da pesquisa, o projeto não envolverá a participação de pessoas em estado de vulnerabilidade, mas apenas adultos, de ambos os sexos. O autor manterá a confidencialidade dos dados obtidos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O pesquisador anexou todos os termos de apresentação obrigatória.

**Recomendações:**

Sugere-se a atualização do nome do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) em todos os documentos. A página na internet deste comitê é a seguinte: <http://www.cepchs.unb.br>.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências foram sanadas pelo pesquisador. O projeto foi aprovado pelo CEP/CHS/UnB.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	23/08/2019		Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br)

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.574.511

Básicas do Projeto	ETO_1364487.pdf	09:57:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_2v.pdf	23/08/2019 09:55:18	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Outros	Carta_Justificativa_Nao_Aplicacao_Questionario.pdf	28/06/2019 16:39:15	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	28/06/2019 16:36:12	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	28/06/2019 15:40:59	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_Pesquisa_dia_mes_anho.pdf	28/06/2019 15:35:00	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Outros	Carta_de_Revisao_Etica.pdf	27/06/2019 16:16:29	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_Pesquisa.pdf	27/06/2019 16:12:30	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Orçamento	Orcamento_da_Pesquisa.pdf	07/06/2019 19:16:10	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Outros	cep_CHS_modelo_termo_de_autorizacao_para_utilizacao_de_imagem_e_som_de_voz.pdf	07/06/2019 19:12:57	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_de_Encaminhamento.pdf	07/06/2019 18:34:00	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_Institucional.pdf	07/06/2019 18:31:13	RENATO BASTOS JOAO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	07/06/2019 18:30:46	RENATO BASTOS JOAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 13 de Setembro de 2019

Assinado por:  
Érica Quinaglia Silva  
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASILIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep\_chs@unb.br